





APOSTOLADO POZITIVISTA DO BRAZIL

O Amor por principio, e a Ordem por baze;

O Progresso por fim.

Viver para outrem.

Viver às claras.

R. TEIXEIRA MENDES

UMA VIZITA

AOS

LUGARES SANTOS DO POZITIVISMO

CIRCULAR DIRIGIDA AOS MEUS CONFRADES E ESPECIALMENTE AOS QUE
CONTRIBUIRÃO PARA A VIAGEM QUE EMPREHENDI COM O FIM
DE COLHER INFORMAÇÕES SOBRE A VIDA DOS NOSSOS PAIS ESPIRITUAIS

... la religion dont la Postérité t'attribuera
(Clotilde) la fondation autant qu'à moi. (VOLUME
ME SACRÉ, dernière Ste. Clotilde, p. 239.)

« Du moins, c'est, en attendant, une douce
consolation que la conviction de s'être conduit
*le plus moralement possible dans un siècle profondé-
ment immoral*, et c'est là, avec la gloire, ma
principale recompense. » (Paroles d'Auguste
Comte en mai 1825.)

Exerceatur *filius tuus* in *vita tua* quia ibi
est *salus mea* et *sanctitas vera*. Quicquid
eam lego, vel audio, non me recreat, nec delectat
plene. (Thomas a Kempis, Liber III, Cap. L)

Pour faire triompher la Religion de l'Humani-
té, il ne nous faut que de l'Amour, encore
de l'Amour, toujours de l'Amour.

RIO DE JANEIRO

NA SÉDE CENTRAL DA IGREJA

Templo da

30, Rua Beneditina

SETEMBRO

ANO XXI DA REVOLUÇÃO





Advertencia

Esta circular foi redigida a princípio como um diário da minha viagem, e assim ficou concluída a 22 de Homero do ano passado (19 de Fevereiro de 1898). Mas a demora na sua publicação proporcionou-me o ensejo de pensar que era mais conveniente alterar esse plano, preferindo a forma com que ela sai. A mesma demora fez-me também, no decurso da impressão, dar-lhe uma extensão maior do que imaginára no começo. Tal é a explicação do volume que tomou este relatório, e que, a seu turno, contribuiu para aumentar o atraso com que aparece. Começado a imprimir em 8 de Shakespeare de 110 (17 de Setembro de 1898), ele só será distribuído mais de um ano depois dessa data.

Devo confessar, porém, que, das duas circunstâncias (aumento de volume e demora de publicação), só a segunda pareceu-me lamentável. Porque, desde que cheguei, estou ansioso por testemunhar, pelos meios ao meu alcance, a minha eterna gratidão às pessoas sem cujo desinteressado e benevolente concurso nada teria eu conseguido. E isto só agora posso fazer.

Quanto á extensão deste escrito, creio que concorre para o objetivo que me cumpria ter em vista ao redigi-lo. Com efeito, era preciso, para que se pudesse julgar dos resultados obtidos e das razões determinantes da minha viagem, que o leitor ficasse, tanto quanto



possível, habilitado a ver a vida dos Fundadores do Positivismo sob o mesmo aspecto pelo qual ela se me apresenta. E penso que isto não podia ser conseguido sem os desenvolvimentos que aqui se encontram.

Por outro lado, as pessoas a cujo bondoso acolhimento tudo devo podem assim apreciar bem o valor que attribuo á cooperação que me derão e quanto é profundo o reconhecimento que eternamente lhes votarei.

A minha narrativa mencionando individualmente o concurso qui tive a felicidade de receber em cada cazo, abstenho-me de repetir aqui os nomes das pessoas que se tornarão credoras da minha gratidão.

Devo, porem, tornar explcito que esta peregrinação veio fazer-me sentir, com muito maior energia e muito maior nitidez, o eterno reconhecimento devido á sublime Patria dos nossos Pais espirituais, e sobretudo á incomparavel Metropole que em si resume os destinos humanos. Seja qual fôr a convicção a tal respeito, é só lá que se pôde bem comprehender o alcance da sentença do nosso Mestre: — *Paris não é uma cidade; Paris é a França; Paris é o Ocidente; Paris é a Europa; Paris é a Terra.* E unieamente recordando essa comovente glorificação, posso exprimir os sentimentos que em mim desperta, cada vez mais, a imagem da santissima Capital onde Clotilde nasceu e onde, sob a sua inspiração, Augusto Comte construiu a Religião da Humanidade.

Rio, 13 de Gutenberg de 111
25 de Agosto de 1899

R. TEIXEIRA MENDES.

P. S.—Quando o nosso dedicado confrade, o segundo-tenente machinista da armada federal, Osear Ferreira, partiu recentemente para a Europa, em comissão do



Governo, pedi-lhe que procurasse obter em Montpellier alguns documentos que a rapidez da minha estada nessa cidade não me permitira alcançar. Nesse intuito, apresentei-o, a M. Henri Couve, *Chef de bureau de l'état civil et des pompes funèbres* da Mairie de Montpellier. O nosso confrade acaba de remeter-me tais documentos, e por isso achei do meu dever transcrevê-los nos *anexos*. Por eles se verá que nenhuma esperança ha atualmente de poder determinar-se o lugar preeizo da sepultura da santa Mãe do nosso Mestre. Ficamos sabendo tambem assim que Augusto Comte teve uma irman alem de M^{lle} Alix. O conjunto das certidões de nascimento que ora publicamos revela o eulto que Rozalia Boyer tributava a *Maria*, pois que a Virgem dos Cruzados é padroeira do nosso Mestre, bem como de todos os seus irmãos.

Rio, 26 de Gutenberg de 111.



ERRATA E ADENDA

- Pag. 29, linha 27—*Wistanley*, leia-se—*Winstanley*
- » 36 » 13—acrecente-se: Um mapa de Paris de 1846, e que possuo, menciona ainda a rua *du Cadran*.
- » 60 » 18—acrecente-se: Estas prendas constituem, no fundo, uma cultura das artes plasticas.
- » 66 » 23—completo de *Vaux*, leia-se—completo de *de Vaux*.
- » 107 » 28—dans *notre vie*, leia-se—dans *votre vie*.
- » 126 » 31—acrecente-se: *Dunoyer*, que Ele conhecia desde 1820; e *Captier*, *mandataire des fabricants des draps de Lodève*.
- » 127 » 4—Abril de 1834, leia-se—Abril de 1835.
- » » » 22—desde 1829, leia-se—desde 1828.
- » » » 25—acrecente-se: animado por Armand Marrast.
- » 174 » 23—*foi* despertar-lhe, leia-se—*forão* despertar-lhe.
- » 186 » 17—continuar a obra acabada de Augusto Comte e Clotilde de Vaux, leia-se—continuar *socialmente* a obra *moralmente e mentalmente* acabada de Augusto Comte e Clotilde de Vaux.
- » 203 » 36—que o *sedux*, leia-se—que o *enleva*.
- » 204 » 42—*faxia* vacilar, leia-se—*faxião* vacilar.
- » 246 » 7—colocar esta nota: O *casamento casto* foi instituido em meados de Setembro de 1851. Vide VOLUME SA-GRADO, pag. 186, linha 31.
- » 276 » 33—ne *mentirais*, leia-se—ne *mentirai*.
- » » » 36—vous *annoncer*, leia-se—vous *l'annoncer*. — Je *désirais*, leia-se—Je *desirerais*.
- » 308 » 6—15 filles de fosse, leia-se—15 filles, la fosse.



Uma Vizita aos Lugares Santos do Pozitivismo

- Circular dirigida aos meus confrades e especialmente aos que contribuirão para a viagem que empreendi com o fim de colher informações sobre a vida dos nossos Pais espirituais

Meu caro confrade,

Venho dar-vos conta dos rezultados que obtive na viagem para que tão generosamente concorrestes. Devo, porem, antes de tudo, explicar-vos os motivos que demorirão até hoje similhante relatorio. Tinha tenção de fazê-lo logo que chegasse ao Rio. Mas, ao encetá-lo, pensei que era melhor escrever immediatamente um *Ensaio sobre a construção da nossa Religião*, e no qual aproveitaria os numerosos documentos já publicados e os poucos que acabava de obter.

Desde Shakespeare de 106 (Outubro de 1894) que similhante esboço me preocupa, com o fim de evidenciar especialmente a *grandeza moral* do nosso Mestre e da sua immaculada Inspiradora. Pretendia refutar, de uma vez por todas, os ataques de que a reputação de ambos tem sido alvo, expondo cronologicamente, com minuciosidade e comentando, tudo quanto sabemos da sua glorioza existencia, sem nada omitir, mediante a transcrição dos proprios documentos. E, como o meu fito era particularmente dirigir-me aos corações femininos, achei mesmo, logo que comecei o trabalho, que conviria dar-lhe uma feição antes estetica do que filozofica. Tomado esse partido, entreguei-me á execução do meu projeto, sustentado quasi exclusivamente pela convicção da sua necessidade indeclinavel, para fazer penetrar o Pozitivismo no meio que lhe é mais favoravel.

Nesse intuito, concebi a vida do nosso Mestre como composta de tres fazes que respetivamente glorificação, de um modo especial: a primeira, a sua santa Mãi, Rozalia Boyer, (19 de Janeiro de 1798 a Outubro de 1844); a



segunda a sua imaculada Inspiradora, Clotilde de Vaux, (Outubro de 1844 a 5 de Abril de 1847); e a terceira, a sua piedosa Filha adotiva, Sofia Bliaux, (5 de Abril de 1847 a 5 de Setembro de 1857.) Mas, o preambulo da segunda faze sendo constituído pelos dois anos que seguirão-se á sahida final de Mme. Comte, julguei que devia terminar a primeira nessa data (5 de Agosto de 1842). De sorte que o periodo médio ficou sendo de 5 de Agosto de 1842 a 5 de Abril de 1847; e, como ele constitúi o termo decizivo dessa incomparavel progressão, comecei por ahí o meu ensaio, que já tinha chegado ao fim de Novembro de 1844 quando foi decidida a minha viagem. Este trabalho foi mesmo o que fez-me sentir a urgencia da minha ida a Europa, pela necessidade de conhecer detalhes que não podia obter de outra fórma. Enquanto se está no ponto de vista dogmatico ou pratico, não se percebe a importancia de minuciozidades que se tornão indispensaveis sob o aspecto cultural ou mesmo estetico.

Para acabar de caraterizar esse primeiro estado da tentativa a que me refiro, devo mencionar as duas epigraphes que fui levado a adotar sucessivamente. A primeira foi este trecho de uma carta do nosso Mestre a Valat: « Du moins, c'est, en attendant, une douce consolation que la conviction de s'être conduit *le plus moralement possible dans un siècle profondément immoral*, et c'est là, avec la *gloire*, ma principale récompense ». (LETTRES A VALAT, lettre du 30 mai 1825, p. 166). Ela sintetiza o pensamento que originou o ensaio de que se trata.

A segunda epigrafe, a que prevaleceu, foi tirada do poema de Tomaz de Kempis e mostra o ponto de vista em que afinal me colloquei. Ei-la: *Exerceatur FILIUS tuus in vita tua, quia ibi est salus mea et sanetitas vera. Quicquid extra eam lego, vel audio non me recreat nec delectat plene.* (IMITATIO, Liber III, cap. LVI.) *

* Fait que ton PAUVRE FILS s'exerce à t'imiter :
Fait qu'à suivre ta vie à toute heure il s'essaye;
En elle est mon salut et la sainteté vraie,
C'est par là seulement qu'on te peut mériter:
Quoi que je lise ailleurs, quoi que je puisse entendre,
Je n'en puis être satisfait,
Et je ne trouve rien de ce plaisir parfait
Que d'elle seule on doit attendre.

(Tradução embelezada de Cornille.)

Os resultados da minha viagem determinarão-me a alterar o plano que ia seguindo, e a conceber mesmo com maior nitidez o quadro que pretendia esboçar. De- zisti da instituição poetica cuja realização exigiria um tempo ainda longo e que a minha insuficiencia estetica expunha a um malogro iminente, conforme me ponde- rou o nosso Diretor e amigo, o Sr. Miguel Lemos, desde que lhe comuniquiei semelhante intento. E, por outro lado, rezolvi começar o meu estudo religioso pela pri- meira fazenda da vida do nosso Mestre, conforme o seguinte programa:

O POZITIVISMO

ESBOÇO DE UM QUADRO DA CONSTRUÇÃO
da

RELIGIÃO DA HUMANIDADE

Primeira parte: A SOLEDADE

ROZALIA BOYER

Advento e emancipação filozofica de Augusto Comte
(19 de Janeiro de 1798 a 5 de Agosto de 1842)

Segunda parte: A UNIÃO

CLOTILDE DE VAUX

Regeneração moral de Augusto Comte
(5 de Agosto de 1842 a 5 de Abril de 1847)

Terceira parte: A UNIDADE

SOFIA BLIAUX

Aecção religiosa e glorificação de Augusto Comte
(5 de Abril de 1847 a 5 de Setembro de 1857)

Quanto ao tema que pretendi desenvolver, acha-se suficientemente precizado na seguinte

ADVERTENCIA

A mesure que s'installe la religion dont la Postérité t'attri- buera la fondation autant qu'à moi, je sens combien tu se- rais maintenant précieuse au positivisme, où le besoin d'une digne plume féminine devient aujourd'hui prépondérant.

VOLUME SAGRADO. *Ultima confissão*, p. 239.

O Positivismo foi o termo da longa evolução da Hu- manidade esforçando-se por fazer convergir, cada vez mais, para o aperfeiçoamento, isto é, para a felicidade dos



seus filhos, todos os aspetos da nossa natureza, individual e coletiva, e todos os elementos do Mundo ao seu alcance. É essa suprema coordenação que caracteriza o problema da unidade humana, da qual as diferentes religiões constituem soluções provisórias, adaptadas às exigências de cada lugar e de cada época. O malogro sucessivo dessas tentativas empiricas, nas quais a nossa Especie jamais cessou de proseguir o seu alvo real, sob ilumnuras mais ou menos chimericas, acabou por permitir a instituição da solução definitiva. Esta exigiu o concurso de duas influencias originaes, uma mental e outra afetiva, em virtude da condensação respectiva dos progressos intellectuais e morais nas naturezas de Augusto Comte e Clotilde de Vaux. Depois de um surto independente, que a revolução moderna no seu apogeu tornou cheio de perigos e dores, a Fatalidade aproximou felizmente essas almas incomparaveis e assegurou, por uma união sem exemplo, o preenchimento da santa missão que o conjunto dos destinos humanos lhes assignara. O desenvolvimento sistematico de Augusto Comte pode então tomar o seu verdadeiro caracter, extendendo e regenerando a synthese scientifica, mediante a assimilação das inspirações morais de Clotilde e a meditação das perfeições da alma dela. E Clotilde, pelo seu lado, conseguiu assim o cumprimento dos seus votos mais ternos e mais nobres, em virtude da sistematização positiva dos sublimes vãos do seu coração immaculado.

Ensaiar um esboço desse quadro para sempre unico, tentando-reconstruir as situações sociais e morais em que se acháram os santos Fundadores da Religião da Humanidade, eis o sonho que nos seduziu. Esquecemos assim as dificuldades do assunto pelo pensamento que o inexaurível eneanito de contemplar a grandeza humana no seu supremo desabrochamento poderia levar as almas amorozas a comprehenderem melhor a vida dos nossos Pais espirituais e a votarem os seus esforços á regeneração social. »

Parte do mez de Dezembro proximo passado foi empregado em coordenar os documentos e organizar o programma da primeira fase da vida do nosso Mestre segundo o plano supra; e a outra parte foi consumida pela redacção da mesma fase até os fins de 1822. Cheguei incluzive



a esboçar a apreciação do *Opusculo fundamental*. O tempo assim absorvido convenceu-me que o ensaio projetado iria demorar mais do que o presumira. Entretanto era urgente dar publicidade ás felizes relações pessoais que conseguira estabelecer com a Família Marie. Decidi-me, pois, a interromper o trabalho em que me achava empenhado o escrever uma *nota* especial a este respeito,* para completar e corrigir a apreciação que vem no opusculo o *Pozitivismo e a pedantocracia algebrica*. Mas reconheci também, conforme uma amigável ponderação, que convinha não adiar por mais tempo a comunicação dos resultados da minha viagem aos que para ela haviam contribuído. A vista desta consideração, tive ainda de suspender o estudo que projetei sobre a grandeza moral Fundadores da nossa Religião, para redigir a presente circular. Os trabalhos da nossa pequena tipografia adiando finalmente a sua impressão até agora, resolvi-me dar uma forma mais conveniente á minha primeira exposição.

Vou, pois, indicar-vos os esclarecimentos novos que obtive sobre as incomparáveis existências que resumem os nossos melhores afetos. Por eles julgareis si a sua importancia compensa o vosso sacrificio. Só me resta renovar a segurança do meu eterno reconhecimento pelo apoio cavalheiresco que destes ao meu projeto, lamentando que os tristes sucessos da nossa Patria me hajão impedido de realizá-lo completamente.

Quando intentei a minha viagem, o meu alvo era obter esclarecimentos os mais completos possíveis sobre os Anjos tutelares do nosso Mestre, a respeito de cujas vidas são tão omissas as biografias existentes. Sem duvida o que está publicado é mais que suficiente para justificar o culto, privado e publico, que os positivistas brasileiros lhes rendemos. Mas esse culto mesmo é que nos torna mais sensíveis á falta de dados sobre os detalhes das suas vidas. Assim, o meu ideal era poder reconstruir a existencia objetiva de Rozalia, de Clotilde, e

* Esta nota está publicada: *Les relations de la Famille Marie avec Auguste Comte*, Août 1898.



de Sofia, de modo a permitir-nos uma convivência o mais íntima possível com elas. Só assim conseguiremos identificar-nos assás com a adoração que o nosso Mestre lhes votava e compreender portanto toda a grandeza moral dos Fundadores da nossa Religião.

Mas não são essas as únicas existências ligadas ao desenvolvimento moral do nosso Mestre e a respeito das quais deplorava a ausência de informações. O conjunto da vida dele nos mostra, creio eu, o alcance afetivo das suas relações com Charles Bonnín e a sua desventurada filha Vitoria, por um lado, e Sarah Austin, por outro lado. Quanto aos primeiros, basta recordar-vos as seguintes referências do nosso Mestre, além da menção que de ambos faz na sua principal oração e nas suas *confissões*:

«...Après avoir publié le premier volume de mon ouvrage fondamental, ¹ je confiais à mes amis, il y a vingt ans, que tous mes vœux se bornaient à obtenir un jour cinquante adhésions profondes dans le monde entier et alors je n'en avais pas une seule. Toutefois, *pendant la majeure partie de mon isolement*, ma constance fut ensuite soutenue par l'*admirable conversion d'un énergique révolutionnaire*, digne ami du grand Carnot. Charles Bonnín, qui aurait pu être mon père, s'honora, pendant sa noble vieillesse, de devenir *mon premier disciple*, en dédaignant trop ses propres écrits. (POL. Pos. I, *Préface*, 21-22).

«...La malheureuse fille du vieil ami rappelé ci-dessus me témoignait naïvement, quelques jours avant d'expirer, combien elle sentait ce prix, par ce touchant oracle, qui l'associe à mon éternelle patronne, alors morte depuis trois ans: *Elle est bien heureuse, la voilà certaine de l'immortalité!* (POL. Pos. IV, 50-51.)

Quanto à Sarah Austin, a carta que lhe dirigiu Augusto Comte em 4 de Abril de 1844 e que foi publicada pelo nosso confrade irlandez o Sr. Hutton, ² assim como as referências constantes da POLITICA e das cartas do nosso Mestre a Stuart Mill, bem revelão quanto preciosa deve ser a correspondência que com ela teve o Fundador do Positivismo. Esses documentos, segundo prezumimos, devem projetar uma luz viva sobre a situação afetiva do

¹ SISTEMA DE FILOSOFIA POSITIVA, 1.º vol. 1830.— R. T. M.

² CARTAS A HENRI DIX HUTTON, *Appendice B*.

nosso Mestre nos anos que se seguirão á sahida de Carolina Massin e antes do primeiro encontro de Augusto Comte com a sua egregia Inspiradora (5 de Agosto de 1842 a Outubro de 1844).

Devo desde já anunciar-vos que nada consegui a tal respeito, alem do que já se aeha publicado, e conhecia antes de partir.

Finalmente, em relação á propria vida do nosso Mestre, havia uma serie de detalhes que me preocupavão. Assim, dezejava obter os documentos relativos ao processo de interdição intentado por sua Familia, por occazião da sua crize cerebral de 1826, e do qual fala Littré; o conjunto de informações precisas e de documentos relativos á sua estada no Liceu de Montpellier e na Escola Politecnica; precizar a data das relações com Saint Simon; informações sobre a desventurada Luiza, a filha que nosso Mestre perdeu ainda menina e que tantas esperanças lhe inspirava; esclarecimentos mais circunstanciados sobre as relações entre o nosso Mestre e a *indigna espoza*; informações acerca das suas relações com a Familia Marie; detalhes sobre a sua ultima molestia, a sua morte, e o seu enterro; dados sobre varias pessoas ligadas a sua vida, especialmente Lenoir e Tales Bernard; expliações das varias aluzões biograficas contidas nas suas obras e na biografia escrita pelo Dr. Robinet; etc.

Tal era a missão que ouzei tomar sobre mim. Infelizmente o poueo tempo de que dispuz apenas permitiu-me conseguir o essencial sobre o nosso Mestre, Clotilde, e Sofia. Sobre a sua veneranda Mãe, Rozalia Boyer, obtive bem poueas informações, sem duvida preciosas, porem defeientissimas. Quanto á Charles Bonnin, a sua filha, e á Sarah Austin, nada consegui, como já vos disse. O que tenho a comunicar-vos dispõe-se, pois, naturalmente em torno do nosso Mestre e os seus tres Anjos. Seguirei nesta exposição a ordem cronologica segundo a qual forão alcançados os documentos e informações.



Informações e documentos sobre Sofia

Estas informações parecião-me as mais faceis de adquirir porque contava, para isso, com o acolhimento favoravel do nosso confrade o Sr. Paulo Thomas, o filho que sobrevive da incomparavel Proletaria.

E de fato, as minhas esperanças encontráão a mais tocante realização. Na tarde do dia seguinte á minha chegada a Paris, fui procurar o Sr. Paulo Thomas. Levava-lhe as vistas do nosso pequeno Templo e a medallha de bronze comemorativa da sua inauguração. Quanto ao retrato da sua piedosa Mãi, pintado pelo nosso correligionario Decio Vilares, esperava entregar-lhe depois de convenientemente emoldurado.

Acompanhãão-me nesta vizita o nosso correligionario Dr. Cree, um jovem engenheiro chileno relacionado com os nossos confrades Lagarrigue, o Sr. Luiz Arrau, cada vez mais inclinadô á nossa doutrina, e o nosso compatriota o 1º Tenente Sr. San-Juan, cujas simpatias pelo Positivismo são também crecentes.

O Sr. Paulo Thomas ficou como vidissimo com as lembranças que eu lhe trouxera e deu-nos um acolhimento verdadeiramente fraternal. A nossa entrevista foi toda cheia com as recordações do nosso Mestre, de Sofia, e de Martin Thomas. Os apontamentos, tomados na ocasião pelo Dr. Cree e redigidos depois por ele, forão retificados e completados em vizitas posteriores. Reunidos aos documentos que obtive nos archivos e às informações colhidas do nosso respeitavel confrade o Dr. Robinet, eles nos dão o seguinte quadro da vida de Sofia.

Sofia nasceu em Oissy, perto de Molliens-Vidame, departamento do Soma, a 18 de Setembro de 1804. Eis aqui a sua certidão de idade:



Département de la Somme, Arrondissement d'Amiens

EXTRAIT du double registre aux actes de Naissances de la commune d'Oissy pour l'an 1804 déposé au Greffe du Tribunal de première instance de l'arrondissement d'Amiens.

Du premier jour complémentaire de l'an douze (dix-huit septembre mil huit cent quatre). Acte de naissance de SOPHY (*sic*) BLIAUX né ce jourd'hui 1^{er} jour complémentaire an douze, fille de Norbert Bliaux manouvrier à Oissy, Et de Marie Françoise Masson sa femme en légitime mariage. Le sexe de l'enfant a été reconnu être féminin, le premier témoin Louis Morvillez cultivateur à Oissy âgé de quarante six ans, et Arnoult Cressent aussi cultivateur à Oissy âgé de trente ans. Sur la déclaration de Norbert Bliaux père de l'enfant. Et ont signé. Signé: Morvillez, Cressent.

Constaté suivant la loi par moy Maurice Dacheux maire de la commune d'Oissy faisant les fonctions d'officier public de l'état civil.

Signé: Dacheux.

Délivré conforme audit registre, par le Greffier du Tribunal de première instance de l'arrondissement d'Amiens, le douze novembre mil huit cent quatre-vingt-dix sept.

Signature. Devissc.

Vu par nous Roux juge au Tribunal de première instance d'Amiens, agissant pour le Président empêché, pour legalisation de la signature de M. Devisse Greffier du même Tribunal, lesdits jour et an.

Signature illisible.

Talvez ainda hoje exista a caza dos pais de Sofia em Oissy. Tencionava verificá-lo, e, si assim fosse, mandar tirar uma fotografia; mas o tempo de que dispuz não o permitiu. A familia Bliaux era muito aparentada no lugar; hoje porem não tem parentes nessa comuna. Os pais de Sofia falecerão ahi; a sua Mãe a 2 de Agosto de 1828, e o seu Pai a 7 de Fevereiro de 1837. Sofia tinha varios irmãos; o Sr. Paulo Thomas lembra-se de um irmão e tres irmans. Foi depois da morte do seu Pai que Ela veio para Paris, onde já tinha uma das suas irmans,

Mme. Florine Laveyssière, e outros parentes. Empregou-se então como cozinheira em casa de M. Payen, livreiro que morava no 2º andar da casa n. 18 da rua Frances-Bourgeois-Saint-Michel. Esta casa não existe mais hoje; pelo lugar que ela ocupava passa o Boulevard Saint-Michel. Quanto à rua Frances-Bourgeois-Saint-Michel, era então o prolongamento da rua Monsieur le Prince desde a rua Vaugirard até a antiga praça Saint-Michel. ¹ O n. 18 correspondia à última casa do lado direito e já dava para a praça. Depois da transformação pela qual passou esta zona do bairro latino, durante o segundo império, estendeu-se a denominação de rua Monsieur le Prince à parte da rua Frances-Bourgeois-Saint-Michel que ficou conservada. De sorte que aquella prolonga-se hoje até o Boulevard.

Ahi vem dar actualmente a rua de Medecis quasi formando canto com a rua Monsieur le Prince. Entre as duas, na esquina do Boulevard com a primeira, existe a farmacia Durozier. Fundada em 1706, esta farmacia tem passado de pais a filhos, conforme me informou o actual proprietario que é o quarto do nome depois do fundador. Na casa por ela occupada foi posta uma pedra onde lê-se a seguinte inscrição: *Place du marché de la porte Saint-Michel*. Quando Sofia veio para Paris, a farmacia Durozier occupava as lojas da casa n. 18 da rua Frances-Bourgeois-Saint-Michel, e ahi estava empregado, como *homme de peine*, ² Martin Thômas. Era ele natural de Ville-Martin, aldeia de um cantão da Saboia que tem por cabeça Bozel. Viera moço para Paris, onde tinha parentes, entre outros um irmão que era limpador de ehaminés (funiste) do ministerio da Guerra. Tinha de idade apenas algumas semanas menos que Sofia. Logo que chegou collocou-se na farmacia Durozier, donde só sahio quando entrou para o serviço de Augusto Comte.

Tais forão as circunstaneias que levirão Sofia e Martin Thomas a se conhecerem, vindo a casar-se civilmente a dez de Setembro de 1840, e recebendo a benção nupcial, dois dias depois, na Igreja S. Sulpice. Eis aqui as certidões desses dois atos:

¹ A actual praça Saint-Michel fica na margem esquerda do Sena e bastante distante da antiga. Trouxe reproduções fotograficas de varias regiões de Paris que interessão à vida do nosso Mestre, segundo erão no seu tempo.

² Carregador ou servente.



PREFECTURE DU DÉPARTEMENT DE LA SEINE

EXTRAIT des minutes des Actes de Mariage

RECONSTITUÉS EN VERTU DE LA LOI DU 12 FÉVRIER 1872

11^e Arrondissement de Paris. Année 1840

L'an mil huit cent quarante, le dixième jour du mois de Septembre, heure du midi. Par devant nous, Joseph Dénonts, chevalier de la légion d'honneur, Maire du onzième arrondissement de Paris, remplissant les fonctions d'officier de l'état civil, sont comparus en l'hôtel de la mairie: M. MARTIN THOMAS, homme de peine, demeurant à Paris, rue des Francs-Bourgeois-Saint-Michel, n. 18, onzième arrondissement, né à Bozel en Savoie, le douze Octobre mil huitcent quatre, fils majeur de Jean-Thomas et de Jeanne Marie Odry, son épouse, tous deux décédés à Bozel, le père, le sept mai mil huit cent vingt deux, la mère le cinq septembre mil huitcent trente sept, Et Delle Sophie BLIAUX, cuisinière chez M. Payen, demeurant à Paris, susdite rue des Francs-Bourgeois Saint-Michel, n. 18, née à Oissy, département de la Somme le premier complémentaire au douze, (dix huit septembre mil huit cent quatre) fille majeure de Norbert Bliaux et de Marie Françoise Masson, son épouse, tous deux décédés à Oissy, la mère le deux août mil huit cent vingt huit, le père le sept février mil huit cent trente sept. Lesquels nous ont requis de procéder à la célébration du mariage projeté entre eux dont les publications ont été faites devant la principale porte de notre mairie, les dimanches vingt trois et trente août dernier, à l'heure du midi. — Aucune opposition audit mariage ne nous ayant été signifié faisant droit à leur réquisition. Après avoir donné lecture des actes de naissance des futurs époux, des actes de décès et de publications produits et annexés, ainsi que du chapitre six du titre du code civil, intitulé du mariage, et après avoir reçu aux termes de l'avis du Conseil d'Etat du quatre thermidor au treize des futurs époux, et des quatre témoins soussignés la déclaration affirmative sous serment que les autres ascendants des dits futurs époux



sont bien décédés, mais qu'ils ne peuvent produire les actes de décès faute de connaître le lieu de leurs décès et celui de leurs derniers domiciles, avons demandé au futur époux et à la future épouse, s'ils veulent se prendre pour mari et pour femme, chacun d'eux ayant répondu séparément et affirmativement, déclarons au nom de la loi que M. Martin Thomas et Delle Sophie Bliaux sont unis par le mariage. De tout ce nous avons dressé acte en présence de M.M. François Philippe Aragon, boulanger, âgé de quarante quatre ans, demeurant rue des Francs-Bourgeois-Saint-Michel, n. 9, Florimond Leblond, fondeur en caractères, âgé de quarante trois ans, demeurant rue Serpente n. 14, tous deux amis de l'époux, Aimé François Antoine Payen, libraire, chevalier de la légion d'honneur, âgé de quarante neuf ans, demeurant rue des Francs-Bourgeois, Saint-Michel n. 18, ami de l'épouse, et Constant Parfait Bliaux, fondeur en caractères, âgé de quarante deux ans, demeurant rue Poupée, n. 7, cousin de l'épouse, lesquels après qu'il leur en a été aussi donné lecture, l'ont signé avec nous et l'époux, l'épouse a déclaré ne le savoir, signé au registre: Thomas, Aragon, Le Blond, A. Payen, Bliaux et Demonts. — Pour extrait conforme au registre délivré par nous Maire du onzième arrondissement de Paris le vingt neuf Mars mil huit cent quarante trois. Le Maire du XI arrondissement, Signé: Desgranges. Admis par la Commission (Loi du 12 Février 1872). Le Membre de la Commission. Signé: Barroux. Pour expédition conforme: Paris le dix-neuf Octobre mil huit cent quatre vingt dix sept.

Le Secrétaire Général de la Préfecture
Pour le Secrétaire Général
Le conseiller de Préfecture délégué.

Signature illisible.

Vu par nous M. Duvernoy juge pour la légalisation de la signature de M. Pelisse.

Pour empêchement de M. le Président du tribunal de première Instance de la Seine.

Paris le 19 octobre 1897

Signature illisible.



DIOCÈSE DE PARIS.

PAROISSE SAINT SULPICE

EXTRAIT du Régistre des Actes de Mariage de l'Eglise Paroissiale Saint-Sulpice.

L'an mil huit cent quarante le douze Septembre après la publication d'un ban faite en cette Eglise Vu la dispense de deux bans Vu le certificat de l'officier de l'état civil du XI Arr. en date du dix du courant. Je soussigné Prêtre vicaire de Saint-Sulpice ai reçu en cette Eglise le mutuel consentement que se sont donné pour le Mariage Martin Thomas, homme de peline agé de trente cinq ans fils majeur du défunt Jean Thomas et de Marie Udry son épouse d'une part; Et Sophie Bliaux, agée de trente cinq ans fille majeure de défunt Norbert Bliaux, et de Marie Françoise Masson son épouse. Tout deux de cette Paroisse y demeurant, rue des Francs-Bourgeois n. 18, d'autre part; Et leur ai donné la Bénédiction nuptiale en présence des témoins: Bernard Glise rue de la Tixanderie n. 37. Florimond le Blond rue Serpente n. 14. Louis Masson rue du Ponceau (?) n. 35. Emmanuel Machet rue Saint-Jacques n. 25.

En foi de quoi j'ai signé le présent acte, avec les susdits Epoux et témoins.

Certifié conforme à la minute, et délivré par moi soussigné, vicaire de ladite Eglise Saint-Sulpice, Paris le 14 octobre 1897.

Signé: Ch. Malinjaud.

Depois do casamento, Sofia e Martin Thomas ficaram morando na mesma casa da rua Francs-Bourgeois, cada um conservando os seus empregos respectivos. Sofia continuou ao serviço de M. Payen até a morte deste. Foi depois que este faleceu, que ela entrou para a casa do nosso Mestre, como cozinheira, sendo para isso contratada por M^{me} Comte que tinha relações com a família Payen. Não pude fixar a data em que passou a servir o nosso Mestre. Procurei saber a época precisa da morte de M. Payen, mas não o consegui, tendo sido baldados



os passos que dei para obter a sua certidão de obito. Em todo caso, devia ser depois de julho de 1841, pois que tal fato se deu quando o nosso Mestre já morava na rua Monsieur le Prince 10.

Sofia era de estatura regular, mais alta do que o nosso Mestre, cheia de corpo. Tinha os cabelos negros; e os conservou assim até a morte. Os olhos eram pretos também. Possuía a tez clara e rozada. Trajava em geral de preto. Usava brincos de ouro. Além da arte culinária em que era perfeita, só conhecia os serviços domésticos, cozer, e fazer tricot. Não sabia ler nem escrever. Gostava de cantar e tinha muito bom humor.

Sofia achava-se havia cerca de um ano em casa de Augusto Comte, quando M^{me} Comte abandonou o teto conjugal pela ultima vez. Durante este intervalo, a nobre e piedosa proletaria teve ensejo de testemunhar os escandalos da indigna esposa e as torturas de toda sorte que a sua ingratição e a sua falta de delicadeza infligia ao Filozofio. ¹ Depois da segunda sahida formal de M^{me} Comte, em 1833, e que durou quatro ou cinco mezes, tinha cessado a plena intimidade conjugal entre o nosso Mestre e ela. ² Quando o Filozofio veio morar na rua Monsieur le Prince, M^{me} Comte tomou para si as melhores peças do apartamento, ficando com a entrada da direita. O nosso Mestre teve os outros comodios, servindo-se da entrada da esquerda e que comunica com o quarto contiguo áquele em faleceu. ³ M^{me} Comte chegava mesmo, para irritar o Filozofio, a recorrer a mesquinhas perversidades que tendião a indispor-o com a bondadoza criada. ⁴ Apesar da profunda simpatia que o nosso Mestre sempre votou ao proletariado, não era essa a situação favoravel para que Ele apreciase os egrégios dotes morais de Sofia. O insufficiente surto das suas afeições não lhe permitia aliás aquilatar bem o valor da alma feminina. Foi só depois da sua regeneração moral, graças ao influxo de Clotilde, que

¹ Informação do Dr. Robinet.

² Este particular resulta de uma passagem da *Correspondência sagrada*, (pag. 433) na qual o nosso Mestre diz que a plena intimidade conjugal tinha cessado entre ele e a sua indigna esposa um ano antes do casamento de Clotilde. Este efetuou-se a 28 de Setembro de 1835.

³ Vide no *Epitome da Vida e dos escritos de Augusto Comte*, por Joseph Lonchampt, tradução de Miguel Lemos, a planta da casa em que o nosso Mestre faleceu.

⁴ Informações do Dr. Robinet.



Ele pôde instituir a teoria real da natureza humana, elevando-se á concepção positiva do sexo amante, mediante uma completa emancipação de todos os preconceitos, — teologicos, metafizicos, e mesmo sientificos.

Em todo o cazo, depois que M^{me} Comte sahio definitivamente, o uosso Mestre começou a perceber, através da modestia de Sofia, a nobreza da sua grande alma. Porque era devido ao seu respeitozo devotamento que as condições materiais da sua existencia domestica deixavão de preocupá-lo. A grave perturbação que a sua saude sofreu em Setembro de 1844, * e á qual me refirirei mais detalhadamente adiante, proporcionou-lhe uma ocazião deciziva de pôr á prova as qualidades da egregia Proletaria. Em principios de 1845, o conceito em que o nosso Mestre já tinha os meritos de Sofia é bem caracterizado pela seguinte apreciação, feita na sua carta de 24 de Maio, a Clotilde:

« Si cette maladie se compliquait, sachez que j'ai le double avantage de posséder un excellent médecin, depuis longtemps investi de ma confiance, et aussi, ce qui n'est certes *ni moins rare ni moins précieux, une parfaite domestique*, dont l'actif dévouement m'est prouvé. »

A partir dessa epoca, a admiração e o reconhecimento do nosso Mestre para com Sofia forão sempre crescendo até a sua morte. No seu Testamento Ele a proclamava, com Clotilde, os *seus dois principais anjos* (VOL. SAG. Testamento, p.29); os *dois unicos entes que o tinham realmente apreciado*. (*Ibidem*) E, a medida que os seus sentimentos se engrandecêrão, o nosso Mestre foi tambem tornando mais normal a situação de Sofia. Foi assim que Ele acabou por chamar Martin Thomas para sua caza, e a adotar por filha a devotada criada de quem recebia, havia sete anos, a solicitude devida a um pai extremecido.

Recordei-vos esses pontos para que possais melhor apreciar as informações que me resta comunicar-vos sobre Sofia.

Em carta de 4 de agosto de 1895 o nosso confrade Montenegro escrevia-me:

« Mme. Congreve e sua irman Mme. Geddes, que conhecêrão Sofia, por ocazião da vizita que fizerão a

* Vide CARTAS A STUART MILL, Carta de 21 de Outubro de 1844, pag. 268.



Paris, algumas semanas depois da morte de Augusto Comte, são acordes em manifestar quanto era agradável o seu trato, e quanto era intenso o sentimento que se traduzia em todas as suas palavras pela memória do Mestre. Mme. Geddes me disse que ela contava-lhe com satisfação que Augusto Comte costumava caracterizá-la com estas palavras: *pauvreté, propriété, soumission*. Mme. Congreve diz que Sofia era uma dessas pessoas dotadas de um carater feliz que encarão todos os incidentes da vida pelo seu aspeto mais alegre e simpático.»

Apezar da crescente familiaridade que se foi estabelecendo entre Sofia e o nosso Mestre, nunca Ela sentou-se á meza com Augusto Comte. O alimento era feito em comum; mas a família Martin Thomas tomava as refeições na cozinha. Este viera afinal dormir na rua Monsieur le Prince; só mais tarde, porém, entrou para o serviço de Augusto Comte, em cuja caza fazia os trabalhos mais grosseiros. Neste emprego perzistiu até a sua morte, depois do falecimento do nosso Mestre.

Sofia esperava sempre por Augusto Comte para abrir-lhe a porta, fosse a que hora fosse que Ele chegasse á noite. Ocupava-se com a cozinha e o arranjo da caza, e tratava da roupa do nosso Mestre. Mas esta era lavada fóra.

A *copioza* sopa de leite de que Augusto Comte fala, era uma simples chicara grande de leite com assucar e pão; o epiteto que nosso Mestre lhe dá ainda mais realça a austeridade do seu regimen.

A tarde, depois do jantar, Augusto Comte costumava conversar com Sofia. Esta se tornara afinal positivista. Mas, quando catolica, era como de ordinario se é hoje, sem nenhum fervor especial. Quando ela veio para caza do nosso Mestre já tinha um filho, Henrique, que foi depois artifice de instrumentos de precisão, empregado na celebre caza Breguet. Mais tarde ele abandonou o officio e entrou no serviço aduaneiro (*octroi*) de Paris. Foi nesse emprego que falecen em 1885.

Em caza do nosso Mestre nasceu, a 13 de julho de 1848, o segundo filho de Sofia, que se chamou Augusto Paulo. Nessa epoca ainda a família de Martin Thomas seguia o culto catolico, porque Paulo foi batizado, como consta do seguinte documento:



DIOCÈSE DE PARIS.

PAROISSE SAINT SULPICE.

EXTRAIT du Registre des Actes de Baptême.

L'an mil huit cent quarante huit, le seize juillet a été baptisé Auguste Paul né la veille. Fils de Martin Thomas, homme de confiance, et de Sophie Bliaux son épouse demeurant 10 rue Monsieur le Prince.

Le parrain a été Maurice Thomas, oncle paternel de l'enfant, rue Saint Dominique 82.

La marraine a été Florine Bliaux, femme Laveyssière tante maternelle de l'enfant, rue des Amandiers, laquelle a déclaré ne pas savoir écrire.

Lesquels ont signé avec nous. Le père présent. Thomas. Parrain Thomas.

Certifié conforme à la minute, et délivré par moi soussigné, Prêtre vicair de la dite Église Saint Sulpice, Paris le 21 octobre 1897.

Signé: Ch. Malinjaud.

A correspondencia sagrada, as *confissões* do nosso Mestre, a sua POLITICA, e as biografias deste consignão os epizodios mais tocantes da vida de Sofia. Entre esses epizodios ha, porem, dois sobre os quais pretendia obter informações detalhadas. Refiro-me ás mortes de Clotilde e de Augusto Comte. Quanto á primeira, nenhum eselarecimento pude alcançar. O nosso confrade Paulo Thomas satisfizes-me inteiramente quanto á segunda, completando a narrativa do Dr. Robinet. Eis como ele contou-me os ulimos momentos do nosso Mestre. Forão calmos e sem sofrimento. Paulo Thomas tinha nove anos nessa epoca. Estava em ferias; e costumava brincar por toda a casa até o gabinete de trabalho de Augusto Comte exultivo. Mas depois da molestia do nosso Mestre, havia algum tempo que Sofia lhe recomendava que ficasse quieto, porque *M. Comte était malade*. Sofia chamava o nosso Mestre sempre *M. Comte*; este a tratava *ma fille* e aos dois, Sofia e Martin Thomas, *mes enfants*. Augusto Comte não brineava propriamente com Paulo; era sempre grave, mas muito terno. Muitas vezes o chamava



para junto de si, o tomava pela cintura, e conversava com ele. Depois que estava aprendendo, Sofia o fazia decorar certas fabulas de La Fontaine (indicadas por nosso Mestre, segundo pensa o nosso confrade Paulo Thomas) para recitar a Augusto Comte no dia de Ano-Bom. Entre essas fabulas, ele mencionou-me: *la Mort et le Bucheron*, *L'octogénaire et les trois jeunes gens*, *Les deux pigeons*. Em 1855, por ocasião do aniversario de Paulo, o nosso Mestre o mimozecu com um exemplar das Fabulas de La-Fontaine, ornadas com uma dedicatória sua. O nosso Mestre já tinha oferecido a Sofia um exemplar do CATECISMO e outro da POLITICA POZITIVA.

Na vespera da morte do nosso Mestre, Sofia tinha prohibido que Paulo brincasse, e ele lembra-se que olhava da cozinha para o quarto de Augusto Comte, anciozo por que este ficasse bom.

No começo da molestia, Augusto Comte repouzava na sala sobre o canapé. Foi dahi que, depois do vomito de sangue, Sofia e o marido o transportarão para o quarto de dormir, na manha de 5 de Setembro. Nesse dia, ás 4 1/2 da tarde mais ou menos, Sofia veio buscar Paulo para junto do leito de Augusto Comte. Sofia estava de pé á cabeceira, quando o nosso Mestre expirou. Martin Thomas estava aos pés e tinha ao seu lado Paulo. M. Lonchampt sentara-se em uma cadeira ao lado de Sofia para descansar e esperar que Augusto Comte *acordasse*. Todos agifardavão que o nosso Mestre despertasse, quando entrou o Dr. Robinet auscultou-o, e disse que ele havia falecido!... Martin Thomas e Paulo sahirão então do quarto. O nosso Mestre estava com o seu robe-de-chambre de uma fazenda de quadrinhos verdese e pretos de um centimetro de lado mais ou menos.

Na noite de 6 para 7 MM. Martin Thomas, Robinet, Lonchampt, Bazalgette, e Magnin vierão vestir o nosso Mestre. Trajarão-no com a sua melhor roupa e o corpo não foi envolvido em mortalha. O Dr. Robinet informou-me que os dois cenotafios relativos a Rosalia e a Clotilde erão pequenas caixas de jacarandá (*palissandre*), que não forão feitas de propozito, e os disticos forão manuscritos. Cada uma foi posta entre o tronco e o braço do respectivo lado.

Soube no escritorio das Pompas Funcbres que o enterro foi de 6ª Classe e custou trezentos e sessenta



francos por eauza do caixão de chumbo em que foi colocado nosso Mestre. Este caixão acha-se revestido de outro de carvalho. O caixão não é *conjugal*: só eabe nele uma pessoa. Foi transportado para a sala, onde repouzou sobre duas cadeiras e coberto com um pano preto. Também foi extendido um pano preto na porta da entrada da caza; mas o corpo não ficou exposto no eorredor como é de estilo.

No prestito só avia um earro de luto no qual ião: ao fundo, Sofia, ao lado da sua irmã mais velha Mme-Laveyssière, e defronte, Mme Robinet e Mme Brazileira. Paulo e Henrique ião imediatamente atraz do coche fúnebre. Eis o trajeto do prestito: Rua Monsieur le Prince, rua Dupuytren, rua da Escola de Medicina, rua La Harpe até a ponte St. Michel, eais para tomar le Petit-Pont, rua do Parvis de Notre Dame, Parvis de Notre Dame, rua do Cloître, ponte que conduz á ilha St. Luiz, rua de Bel-lay, ponte Luiz Filipe, rua Luiz Filipe, rua François Miron, rua St. Antoine, praça da Bastilha, e rua de La Roquette que vai desembocar em frente á entrada principal do Père Lachaise.

Vos darei, a este propozito, algumas informações sobre a incomparavel necropole. Cheguei a Paris no domingo, 3 de Descartes de 109 (10 de Outubro de 1898), ás 11 1/2 da manhã. Não careço dizer-vos as emoções com que revia a Cidade Santa, vinte anos depois que lá entrara pela primeira vez, atormentado pelo revolucionarismo e ainda não inteiramente emancipado do academicismo.

Satisfeitos os preparatívos indispensaveis a quem chega de tão longa viagem, encâminhei-me a pé para o Cemiterio Père Lachaise. Por ser tarde, não vizitei antes, como tinha sido intenção minha, a eaza santificada pela regeneração do nosso Mestre. Passei todavia por ela, e detive-me alguns minutos na sua contemplação exterior. Tem hoje uma placae comemorativa mandada colocar pela municipalidade de Paris.

Ao entrar na ponte St. Michel, comprei dois ramalhetes de violetas para depozitar nas sepulturas do nosso santo Mestre e da sua imaeulada Inspiradora. Segui depois pela rua Rivoli até a rua Pavée onde dobrei para ver a caza n. 24. Foi ahí que o nosso Mestre encontrou-se pela primeira vez com Clotilde, em Outubro de 1844, em uma das suas visitas á familia Marie. Havia justa-



mente então 53 anos! Esperava deparar com uma caza de modesta apparencia, quando fui sorprendido pela entrada nobre de um antigo palacio, sobre cuja porta lê-se a seguinte inscriçao:

G^{me} DE LAMOIGNON
1^{er} PRÉSIDENT
DU PARLEMENT
DE PARIS
1658

Acha-se actualmente transformado em vivenda commun. Eu, que ignorava semelhante circumstancia, cheguei a desconfiar que o n.º 24 pertencesse, em 1844, a outro predio. Verifiquei depois, por um mapa dos *Archives de la Seine*, graças á benevolencia de M. Lazard, que essa era realmente a caza que procurava. O portão dá para um grande pateo; e soube mais tarde por M^{me} Ve Maximilien Marie que a sua familia occupava o primeiro andar acima do *entre-sol*, no canto do fundo, á direita de quem entra. Mandeí fazer duas fotografias dessa caza imortal, onde, como sabeis, surgiu o Positivismo religioso no Venerdia 16 de Maio de 1845; * uma das fotografias é a vista tomada da rua, a outra é a vista tirada do pateo.

Seguí dahi para a rua Payenne que fica na continuacão da rua Pavée, afim de contemplar a gloriosa séde consagrada pela *Paixão* da angelica Inspiradora da nossa religião. Tambem mandei fazer dela uma fotografia. É uma caza de humilissima apparencia, com duas janelas de frente. Mas fôra ali que morrera Clotilde? Em que andar? em que apozento?... Todos estes pontos estavam por precizar, e só forão fixados pelas pesquisas que fiz e pelas informações de M^{me} Ve Maximilien Marie.

Depois de uma contemplação melancolica de alguns instantes, voltei pelo mesmo caminho e retomei a rua Rivoli, entrando em seguida na rua Saint-Antoine. Estava no bairro eternizado pelas grandes senas da Revolução! Todas as nobres emoções sociais confundião-se ali, dentro de mim, com as mais comoventes recordações morais. Em breve via erguer-se, á minha direita, a Igreja de S. Paulo, onde o nosso Mestre e Clotilde forão padrinho e madrinha do filho primogenito de M. Maxi-

* VOLUME SAGRADO. *Confissões*. p. 146.

millien Marie. Ahi costumava Ele ir orar, aos sabados, desde os fins de Novembro de 1854, uma meia hora * na capela contigua ao batisterio. Forão essas santas praticas que lhe inspirarão o projeto da *liga religiosa*. Ahi estacionara o cortejo funebre do nosso Mestre, segundo o tocante voto do seu testamento. Todas essas sagradas recordações detiverão-me ante o venerando monumento que assim congraça no seu seio as imagens do Fundador do Catholicismo e dos Fundadores do Positivismo.

Após esta curta estação, seguí para a praça da Basílica. Mais de um seculo já passou sobre as heroicas lutas que ahi se derão; e o proletariado pariziense aguarda ainda a realização das incomparaveis esperanças que animarão os seus antepassados de 1789!... Uma burguezia exaltada por grandiozos ideais conduzia então o povo pela senda da regeneração humana! E hoje? Os decendentes dos libertadores de 93 continuão a orgia militar de Bonaparte, levando nas dobras do pavilhão redentor a destruição e a morte, em nome da *liberdade* e da *fraternidade*! Que dolorosa irrizão! Entretanto ha mais de meio seculo que o Herdeiro das tradições de Diderot, Condorcet, e Danton desvendou á prodigioza Capital os seus sublimes destinos. Ha meio seculo que os ecos das predicas do *Palais Cardinal* se confundem com as imortais aclamações de 89! E essa multidão que me acotovelava, cujo aspeto me denunciava tanta angustia, a opressão, a miséria, nada vê, nada escuta... agita-se num turbilhão sem treguas como os condenados de Dante!...

E o meu pensamento voltava-se invariavelmente para os scientistas, os letrados, os politicos, os demagogos, e, sobretudo, os dicipulos do nosso Mestre, para todos nós, que podemos conhecer a sua obra, como os principais responsaveis no delirio atual dos povos e dos governos...

Entregue a essas pungentes reflexões e ás emoções que as havião despertado e que elas mais encandencião, procurei a rua de La Roquette: uma mulher do povo indicou-me o caminho. Segui-o como se acompanhasse o cortejo funebre do nosso Mestre, conforme a disposição que me dominava desde que entrei na rua Saint-

* VOLUME SAGRADO. *Testamento*, p. 10.



Antoine. Ignorava qual tinha sido o trajeto até ali, apezar das interrogações que dirigira, do Brazil, ao Dr. Robinet, por intermedio do nosso confrade Dr. Cree. Pouco tempo depois, achava-me diante da modesta entrada da incomparavel necropole.

Existem nas proximidades, muitas cazas consagradas ao commercio dos objetos destinados ao culto funebre, incluzivê flores naturais e artificiais. Comprei, na da esquina, á direita, um terceiro ramallete de violetas que, por ser maior do que aquelles que já trazia, reservei para a angelica Inspiradora da nossa Religião, a *melhor personificação da Humanidade* (VOL. SAG. 151, 197, 209); o *juiz supremo do nosso Mestre* (*Ibidem* 169). Guardei então um dos primeiros para a dedicada Filha adoptiva do nosso Mestre, a egregia proletaria que viu sobre a sua melindroza existencia durante dezeseis annos, e recbeu no piedoso coração o seu derradeiro alento.

Conforme o nosso costume, descobri-me, ao entrar no Cemiterio, embora visse que todos conservavão os chapéos na cabeça. Comecei então a procurar os santos sepulcros. Foi-me facil achar o de Clotilde, seguindo as indicações de um pequeno plano mandado fazer pelos nossos confrades inglezes e que se acha annexado á traducção que o nosso Director fez da biografia do nosso Mestre por Lonchamp. Basta seguir a avenida principal e tomar, á esquerda, um dos intervalos que separão o monumento da familia Baurens dos que lhe ficão contiguos. Dá-se logo com o modesto tumulo da Familia Marie de Ficquelmont, fielmente reproduzido na gravura do nosso devotado confrade Thomas Sulman, da Igreja de Londres.

Quando cheguei, o tumulo estava exigindo uma restauração; porque a arvore que foi plantada junto ao angulo superior esquerdo do carneiro,¹ do lado de fóra da grade, abraçara-se a esta, e acabara por determinar o seu despedaçamento, desviando, ao mesmo tempo, um pouco a pedra vertical da sua posição primitiva. Nesse carneiro jazem actualmente quatro pessoas, na seguinte ordem: no fundo repouza o caixão de Clotilde;² acima

1 Refiro as posições á imagem de Clotilde ali sepultada.

2 O sagrado corpo foi depositado primeiro em um carneiro (*caveau*) provisorio, e dahi trasladado, a 8 de Maio do mesmo anno (1846), para o carneiro (*caveau*) mandado construir pela Familia Marie.



dele fica o de Mme Marie, a veneravel Mãe de Clotilde, sepultada a 10 de Fevereiro de 1848; depois o de um filho de M. Maximilien Marle, morto com dois anos e sepultado a 1 de Junho de 1849; e finalmente o do capitão Marie, o nobre Pai da angelica Inspiradora da nossa Religião, sepultado a 23 de Fevereiro de 1855. Já sabia desses pormenores por uma informação que, a meu pedido, o nosso confrade Montenegro Cordeiro tomara, em 1895, nos archivos do Père Lachaise.

Neste ponto do cemiterio, os túmulos achão-se extremamente juntos uns dos outros; e, do meio de um grupo assim compacto, lastrado de folhas secas, descobri o da nossa Mãe Espiritual. A pedra horizontal é quasi ao rez do chão; e a vertical é encaimada por uma urna fúnebre. Estava ornado com algumas coroas pozitivistas. As plantas que se achão nos dois vasos forão ahí plantadas por Mme Robinet conforme me informou depois o nosso respeitavel confrade, seu espozó. O túmulo parecia antes o monumento de um culto que se extingue do que o santuario de uma religião que surge. Confesso-vos que não poderia desmerever a dôr que esse espectáculo produziu em mim. Felizmente a Família Marie acaba de mandar fazer a indispensavel restauração; e tenho fé que outros não passarão mais pelas amargas emoções que me acabrunhãõ.

Ajoelhei-me aos pés do jazigo onde o nosso Mestre viera colher, durante onze anos, as graças com que o seu oração e o seu genio opulentãrão a imensidão do Porvir. E, nesse *primeiro altar* da sua imaculada Inspiradora, redivia pelo seu culto, perante a imagem dele que se me afigurava prostrado ahí em sublime adoração, depuz os votos da infinda gratidão da nossa Igreja. Fôra a solene incumbência daquelle que teve a incomparavel gloria de nos abrir a todos a senda da regeneração e que até hoje nos tem guiado inabalavelmente por ela. Jurei, pois, conforme a inolvidavel despedida de 19 de Setembro, que a Igreja pozitivistá do Brazil consagrava aos Fundadores da nossa Religião a sua vida e por Eles acceitaria com prazer a propria morte. Depois procurei, na meditação dos seus santos exemplos, inspiração para a minha conduta no dezerpenho da sagrada missão que ouzara tomar sobre mim, e cuja difficuldade aquele túmulo me testemunhava com incedivel e bem pungente energia.



Renovei enfim o osculo filial sobre a incomparavel lounza, e dispuz-me a procurar a sepultura do nosso estremoizo Pai Espiritual.

O cemiterio é colocado sobre uma montanha; já na rua de La Roquette começa o declive a ser sensivel. Subi pela avenida principal. Os meus pontos de referencia erão o monumento de Cazimiro Perier e o tumulo de Eliza Mercœur. Mas não os pude achar sem recorrer aos guardas do Cemiterio. Dois ou tres vizitantes a quem interroguei não souberão informar-me, nem sobre o monumento de Cazimiro Perier, nem sobre os tumulos de Eliza Mercœur e do nosso Mestre. O pequenô plano a que acima alludi pareceu-me pouco claro. Eis o trajeto mais conveniente para chegar ao tumulo do nosso Mestre: avenida principal até a avenida Cazimiro Perier, que é a primeira que se encontra a direita. Chega-se assim até o monumento deste, que se deve contornar, deixando-o a esquerda, até o *caminho* de Labedoyère. É na face correspondente a esse lado que lê-se, no alto da columna de Cazimiro Perier a inscrição *mort en 1832*, como está indicado no pequeno plano a que me tenho referido. Logo depois de entrar no *caminho* Labedoyère, encontra-se, a esquerda, o tumulo de Eliza Mercœur que parece abandonado. O terreno faz desse lado uma baixada, onde se acha um poço e, perto deste, descobrem-se os tumulos do nosso Mestre e da sua piedosa Filha adoptiva. Ha no Cemiterio postes de ferro com placas indicando os nomes dos caminhos.

A gravura do nosso confrade Tomas Sulman reproduz com fidelidade esses incomparaveis sacrarios; mas tem-se uma tendencia natural a julgá-los menos modestos do que realmente são. Os tumulos primão, com effeito, por uma magestoza pobreza. Só o completo abandono, ou a miseria, permitiria um contraste maior entre a grandeza sem par daquellas reliquias e a simplicidade inecedivel dos santos sepulcros. A pedra horizontal se eleva apenas do chão; e a lapide vertical do tumulo do nosso Mestre tem pouca altura. A sepultura da piedosa Sofia não tem pedra vertical; nela se achão hoje as seguintes pessoas: no fundo, o caixão de Sofia; acima, o do seu digno marido, Martin Thomas; depois, o da sua nora, espoza de Henrique; e finalmente, o deste.



A emoção que tive ao contemplar os tumulos do nosso idolatrado Mestre e da sua incomparavel Filha foi menos dolorosa do que a que me cauzara o aspeto do da nossa Mãe Espiritual. Ambos revelão um culto bem pouco ou quazi nada fervoroso; mas achão-se em bom estado de conservação. Aos pés deles renovei os votos que fizera junto ao tumulo de Clotilde. Toda a prodigiosa existencia a quem a Posteridade deverá a sua salvação desenrolou-se diante de mim, como um relampago, iluminando as profundezas do abismo sob cuja borda se convuleciona a sociedade moderna. Que maior padrão da dezladora situação actual do Positivismo do que aquele, ao mesmo tempo, mesquinho e sublime recanto de Paris!... O cemiterio estava cheio de vizitantes; e entretanto toda aquela multidão que sofria as consequências da revolução, passava indifferente ante o Redentor dos males que a cruciavão. Descuidozos dos perigos que salteião a sociedade moderna, ou invocando de entes chimericos alentos para as suas angustias, os tranzeuntes nem sequer parecião suspellar que ali jazia o almejado Reformador! O seu tumulo apaga-se entre os mais anónimos; porque a gratidão dos vivos não o destaca e assinala aos que o não conhecem, e a sublime grandeza de quem ele encerra não consentiu que as seducções esteticas arrancassem atenções que o coração não inspira. No cerebro da prodigiza Capital eijos destinos imortais. Ele decifra, apenas um estrangeiro, vindo de bem longe, lhe tributava, ao cahir daquela tarde sombria, pobres homenagens... Mas a aurora do Porvir, onde Ele resplandeceirá como eterno Sol, já começa a surgir!

.....
Chegado ao Cemiterio, o caixão de Augusto Comte foi depositado em um carneiro (*caveau*) provizorio enquanto se preparava aquele em que Ele jaz, e que é uma verdadeira caixa de alvenaria, com seis pés de profundidade. Paulo assistiu a ambos os enterros. O caixão repouza no fundo do sepulcro; por cima correm lages re-juntadas com cimento; não ha terra sobre o caixão, nem sobre as lages; entre estas e a lapide sepulcral, que está a flôr do chão, fica um vão atualmente vazio, onde cabem ainda cerca de cinco pessoas.

No dia seguinte ao enterro, os Srs. Robinet, Lonchampt, Magnin, Bazalgette, e Hadery voltárão á caza



de Augusto Comte. M^{me} Comte só appareceu alguns dias depois do enterro, a 12 de Setembro.

O Sr. Paulo Thomas contou-nos que serão duas horas da tarde quando ella apresentou-se. Toceou a campainha, e Sofia veio abrir a porta; e ella foi entrando como si estivesse em casa sua. Pareceu-lhe uma mulher *grande et forte*. M. Littré a acompanhava. Tendo penetrado no salão onde o nosso Mestre passara o maior tempo da sua moléstia, sentou-se sobre o canapé e dirigiu a palavra a Sofia que a seguira até ali. Sofia, acabrunhada pelas vigílias e, ainda mais, pela dor, ao responder-lhe, foi se sentando naturalmente em uma cadeira. O Sr. Paulo Thomas lembra-se então de ter ouvido M^{me} Comte dizer á sua Mãe: *Qui est-ce qui vous a permis de vous asseoir ??* Ao que Sofia ergueu-se e respondeu-lhe de pé. Depois de algumas palavras, M^{me} Comte levantou-se dizendo á Filha adoptiva do nosso Mestre: *Vous veillerez à ceci; que personne ne touche à rien, car tout m'appartient ici.*

O Dr. Robinet deixou-me copiar, a este respeito, a seguinte nota:

« Madame Comte en apprennant par MM. Joseph Lonchampt et Bazalgette ¹ la mort de son mari ne put s'empêcher tout d'abord de laisser paraître la satisfaction qu'elle en ressentait.

« Après, en discutant sur les obligations comme héritière, elle laissa échapper cette parole: « *La fosse commune c'est tout ce que je dois à mon mari* ».

« Dans la visite du 12 Septembre 1857, elle s'assit dans le salon (oratoire positiviste), avec M. Littré, sur le canapé où Auguste Comte venait de passer le temps de sa maladie, et où M. Littré l'avait vu quelques jours avant sa mort; et c'est là qu'elle abreuva Madame Sophie Thomas d'outrages et le portrait de Madame de Vaux d'injures. Elle voulait forcer M^{me} Thomas à tourner le grand tableau contre le mur, afin qu'elle ne vit plus la *face indécente* de M^{me} Clotilde de Vaux. ²

« Non seulement Madame Comte se fit un plaisir de

¹ Na manhã de 6 de Setembro: Augusto Comte falecera na véspera, sábado, ás 6 1/2 horas da tarde.— R. T. M.

² M^{me} Comte repetiu esta sena diante do Dr. Robinet. Vide as peças justificativas da *Notice sur l'œuvre et la vie d'Auguste Comte*, 3^a edição, pag. 408.— R. T. M.

la souffrance morale de la fille adoptive de son mari, mais M. Littré lui-même ne rougit pas de lui adresser de paroles de mepris. Voici une interpellation caractéristique:

« Il me semble, dit-il à Mme Sophie Thomas, qu'il y avait plus de chaises ici, quand je venais à la Société positiviste. »

« Où sont les couverts d'argent qui se trouvaient chez votre maître du temps que j'y venais dîner? »

« Où est le portrait qui était à cette muraille, la dernière fois que j'y suis venu? » (portrait de Mme de Vaux).

« Ces details ont été scrupuleusement recueillis, par moi, de la bouche de M. et de Mme Thomas après la mort d'Auguste Comte. »

A segunda visita de Mme Comte vem narrada na obra do Dr. Robinet sobre a vida de nosso Mestre. Depois desta segunda visita, Sofia e todos os seus serão obrigados a abandonar a casa de Augusto Comte. Instalarão-se então provisoriamente no hotel da mesma rua n. 13, que ainda existe, e ali ficarão até que levantarão-se os selos da rua Monsieur le Prince 10, no mez de Dezembro.

Depois da morte do nosso Mestre, a Família Martin Thomas continuou a ocupar os mesmos comodos no sagrado apozento. Sofia ia, todas as semanas (mas nunca aos domingos), ao cemiterio, levar flores ás sepulturas de Augusto Comte e Clotilde; ia só. Em vida do nosso Mestre, ia, de vez em quando, vizitar a sepultura de Clotilde. Martin Thomas fazia a sua peregrinação com Paulo aos domingos, em geral.

Nos mercuridias, o nosso Mestre sahia de casa ás 2 horas mais ou menos, para a sua visita ao túmulo de Clotilde, e voltava ás 5 horas. O jantar era ás 6 horas.

Depois da morte de Augusto Comte, Sofia não readquiriu a sua alegria habitual; vivia triste. Também pôde-se dizer que, si nosso Mestre só se considerou realmente apreciado por Clotilde e Sofia, o inestimavel valor da egregia Proletaria só foi plenamente comprehendido pelas grandes almas que a erigirão em *Irmã* e em *Filha adotiva*. Sabiamos até, de fonte certa, mesmo antes da minha viagem, que o indigno sofista que, desde a morte do nosso Mestre, usurpa o lugar do



seu sucessor não a tratava com a fraternal deferencia que lhe era devida, e que essa frieza não passava despercebida á modesta Senhora. Era fatal que Ela sentisse o imenso vazio que se formara em torno de si. Vindo de uma condição humilima; tendo experimentado os mais crueis azares a que estão expostas as filhas do povo; Ela tivera a ventura de tornar-se um dos Anjos tutelares das duas almas mais egregias què a Humanidade tem produzido. O Dr. Robinet disse-me que Sofia lhe contara que Clotilde estabelecera com Ela a mais completa fraternidade, esquecendo inteiramente todas as diferenças sociais que as separavão: a origem, a educação, a instrução, e a posição. Nessa intimidade, Ela pôde apreciar a verdadeira grandeza humana. Por outro lado, o trato que lhe dava Augusto Comte não fez sinão desenvolver nela, cada vez mais, o sentimento da felicidade que resultá da convivencia com as naturezas realmente nobres. Quem pôde, quem poderá, na verdade, ter dias mais venturosos? Quem jamais contemplanou tão de perto corações equiparaveis aos de Clotilde e Augusto Comte?

Refleta-se em todas essas circunstancias, e não se hezitará em comprehender a imensa dôr què devia ter acabrunhado a modesta Senhora depois que viu expirar o Fundador da Religião da Humanidade. Desde então não pôde cauzar surpresa que a sua morte seguisse tão de perto á do nosso Mestre, a quem Ela só sobreviveu pouco mais de quatro anos. De fato, a 5 de Dezembro de 1861, Sofia deixava a existencia objetiva e ia repouzar, no terreno que Ela mesma comprara, aos pés do seu Pai adotivo.

Eis como o Sr. Paulo Thomas narrou-nos a sua ultima molestia. Ele recebia então as lições de Lonchampt, que morava na rua Croix-des-Petits-Champs, do outro lado de Paris. Sabia com o seu Pai ás 6 horas da manhã, e voltavão ambos ás 11 horas. Tinhão deixado Sofia boa; e, quando entráráo, já acharão-na deitada, sem dar acôrdo de si. Não reconheceu a mais ninguem até a sua morte, seis dias depois. Foi tratada pelo Dr. Robinet.

O seu enterro fez-se como o do nosso Mestre, menos o caixão de chumbo. Foi sepultada com o seu vestido preto.

Completarei estas informações com outras que nos deu o Sr. Paulo Thomas. Quanto aos legados que lhe forão



feitos pelo nosso Mestre, (TESTAMENTO pag. 19) só recebeu o relógio de ouro; a calxinha de ouro com os cabelos de Clotilde não lhe foi entregue, e nem jamais a viu. O Dr. Robinet também não sabe que destino teve.

Martin Thomas era alto e de tez morena; tinha os cabelos pretos, mas ficariam grizalhos cedo. Pouco sabia ler. O Sr. Paulo Thomas nunca ouviu os seus pais falarem sobre M^{me} Comte. Martin Thomas faleceu a 26 de Março de 1867, vítima de uma hipertrofia cardíaca que manifestou-se depois da morte de Sofia. Sofreu muito nos últimos tempos. A morte sobreveio na ausência do seu filho Paulo, que saíra; só se achava com ele, nessa ocasião, a sua nora, mulher de Henrique. Foi sepultado no mesmo sepulcro que a sua egregia Esposa, como já dissemos.

Devo finalmente acrescentar que o nosso confrade o Sr. Paulo Thomas, acedendo ao meu piedoso pedido, ofereceu á nossa Igreja, como lembrança da sua gloriosa Mãe, um pequeno cofre contendo cabelos de Sofia e de Martin Thomas, acompanhando essa inestimável reliquia das seguintes palavras:

« Cheveux de ma mère, Madame Sophie Thomas, et de mon père, Monsieur Martin Thomas, offerts à l'Eglise Positiviste du Brésil.

Paris, le 9 Frédéric 109, 13 Novembre 1897.

PAUL THOMAS.

Este cofrezinho fôra um presente do nosso desventurado confrade Wistanley que o dá, cheio de agulhas, a Sofia. Algumas dessas agulhas foram nele deixadas pelo nosso confrade o Sr. Paulo Thomas, também a meu pedido.

O Sr. Paulo Thomas proporcionou-me igualmente a reprodução do retrato do seu digno Pai, o que foi realizado pelos cuidados do nosso confrade Montenegro Cordeiro.



Informações e documentos sobre Clotilde de Vaux

Para bem ajuizardes dos meus votos a tal respeito, convem lembrar que só sabíamos da vida da nossa soberana Mãe Espiritual o que consta do VOLUME SAGRADO, da POLITICA POZITIVA, e da CORRESPONDENCIA GERAL do nosso Mestre. Sem duvida ahi está o que ha de mais essencial. Parece-me, porem, que, no ponto de vista religioso, sobretudo eultual, e, portanto, estetico, ha uma serie de detalhes de inestimavel interesse e sobre os quais nada sabíamos ou apenas tínhamos conjecturas. Assim, quanto aos antecedentes relativos aos pais de Clotilde poucas informações possuíamos. Sabia que Ela decendia, por sua Mãe, dos condes de Fiequelmont; e conhecia os artigos do *Dicionario Larousse*, quer sobre M. Maximilien Marie, quer sobre o Conde Fiequelmont (Carlos-Luiz), bem como a obra deste, adiante mencionada. Devia a indicação de tais dados ao nosso Director, o Sr. Miguel Lemcs. Tambem já tiuha conseguido, por intermedio do nosso confrade Montenegro Cordeiro, a fé de officio do capitão Marie. Mas quais as circunstancias que ocasionarão o enlace de uma senhora da alta nobreza de França com um plebeu? Que posição tinham os pais de Clotilde durante a infancia desta? Qual fôra a sua educação? Como passara os seus primeiros anos? Sabíamos apenas que fôra educada em uma casa da Legião de Honra. A este respeito mesmo, possuíamos uma noção errônea, pois acreditavamos que tal casa era um convento.

Sobre o casamento de Clotilde, só sabíamos que fôra feito por condescendencia com os seus pais. Mas com quem casara? Quanto tempo levava casada? Como passara esse tempo? Qual fôra exatamente o crime do seu marido; o que se dera depois? Qual a vida de Clotilde



até conhecer o nosso Mestre, de modo a precisar as aluções da correspondência sagrada; qual a origem das relações do nosso Mestre com a família Marie e quando começarão? Como se passarão os ultimos dias de Clotilde? Quais os detalhes sobre a sua fisionomia e o seu porte? Como foi o seu enterro? Sobre o ultimo ponto era mesmo preciso fixar a casa, o apartamento, e o quarto onde passara Clotilde a sua derradeira molestia e onde faleceu.

Preocupei-me, desde o dia em que cheguei a Paris, com resolver o que pudesse acerca dessas diversas questões, recorrendo a origens estranhas á familia Marie; e, ao mesmo tempo, dei os passos no sentido de ser favoravelmente acolhido por Mme V^e Maximilien Marie. Foi graças ao concurso dessas fontes diversas de informações que consegui precisar suficientemente a vida da nossa angelica Mãe Espiritual.

Vou pois expôr-vos sumariamente a vida de Clotilde de Vaux conforme rezulta atualmente do conjunto de dados que possuímos, quer já conhecidos, quer obtidos por mim.

É da mulher que provem fundamentalmente o homem ¹ — tal é o rezumo da teoria positiva da hereditariedade. Por isso também, na apreciação do advento das almas egregias, são os antecedentes maternos que devem sobretudo fixar a nossa atenção. Fica assim determinada a jerarchia que nos cumpre adotar na indicação das origens da immaculada Inspiradora da nossa Religião.

Clotilde decendia, por sua Mãe, dos Condes de Ficquelmont, cujas propriedades erão na Lorena. ² O seu avô, o Conde Christiano-Maximiliano, cazara-se com uma condessa da Marcha. Desse casamento rezultarão dois filhos e diversas filhas. O mais velho, Carlos-Luiz; depois conde de Ficquelmont, nasceu em Dieuze, a 23 de Março

1 VOLUME SAGRADO — *Confissões*, p. 206.

2 Vide a obra: *Pensées et réflexions morales et politiques du Comte de Ficquelmont*, Ministre d'Etat en Autriche, précédées d'une notice sur sa vie par M. le Baron de Barante. Paris, Didier et Cie, 1859, 1 vol. in-8.



de 1777. A Mãe de Clotilde, Henriqueta-Jozefina, era das mais jovens e tinha predileção pelo seu irmão mais moço, Józé.

Eis como M. Maximilien Marie narra as vicissitudes que experimentarão os seus antepassados maternos, por ocasião da Revolução:

«O padre de Ficquelmont tendo se feito apedrejar em Metz, em 1791, por uma manifestação anti-revolucionária fora de propozito, o conde de Ficquelmont foi detido algum tempo depois no seu castelo de Paroy e conduzido às prisões de Nancy. Ele escapou dali com o auxílio de Regnier¹ e, conseguiu passar a fronteira. Os seus dois filhos se lhe juntarão.² As suas filhas foram recolhidas por sua avó materna, a Condessa da Marcha. A minha mãe era das mais jovens. O conde de Ficquelmont voltou a França desde que pôde.³ O mais moço dos seus filhos tinha sido morto na batalha de Ulm.⁴ O primogénito ficou ao serviço d'Austria e só voltou à França uma vez, em 1820. A minha mãe lembrava-se apenas de o ter visto, mas esses dois espíritos superiores se haviam apegado um ao outro. O irmão e a irmã, apesar da distância é apesar da diferença das situações, não cessarão jamais de corresponder-se.»⁵

Por Mme Ve Maximilien Marie soube que estas relações não continuarão com os descendentes da sua illustre sogra, depois da morte desta.

A Mãe de Clotilde nasceu no Castelo de Paroy em

1 Da notícia biográfica do *Dictionnaire Larousse* extrahimos os seguintes dados: Régner (Claude-Ambroise), duque de Massa, sob o Imperio, nasceu a 5 de Abril de 1736 em Blamont (Lorena), e morreu em Paris a 24 de Junho de 1814. Era advogado em Nancy quando foi eleito deputado aos Estados Gerais em 1789.

2 Segundo a notícia biográfica feita pelo Barão de Barante, o Conde de Ficquelmont (Carlos-Luiz) tinha 15 anos quando o seu pai emigrou: este facto deve pois ter se dado em 1792.—R. T. M.

3 Segundo a notícia biográfica que o *Dictionnaire Larousse* dá do Conde de Ficquelmont, o Conde Cristiano-Luiz Maximiliano foi morto no combate de Magnano (5 de Abril de 1799), onde os francezes commandados por Scherer foram batidos. Magnano é uma aldeia da Italia, na margem direita do Adige, ao S. de Verona.—R. T. M.

4 A capitulação de Ulm deu-se a 19 de Outubro 1805, na campanha que teve por desenlace a batalha de Austerlitz.—R. T. M.

5 *Théorie des fonctions de variables imaginaires* par M. Maximilien Marie. Tome III, p. 24.—R. T. M.

1782;¹ era portanto 5 anos mais moça do que o conde Luiz de Ficquelmont. Na biografia de M. Maximilien Marie que vem no dicionário Larousse, encontramos as seguintes informações a seu respeito:

« A sua mãe (Henriqueta-Jozefina² de Ficquelmont) tinha experimentado todas as vicissitudes da época perturbada em que se passou a sua mocidade. Mandada para a Lorena, aos onze anos,³ de um convento de Paris que se acabava de fechar, ela tinha achado o castelo do seu pai incendiado e arrazado, o seu pai e os seus dois irmãos emigrados, as suas irmãs refugiadas em casa da sua avó. O seu irmão, o conde de Ficquelmont, que representou mais tarde um papel considerável na Áustria, tinha, havia muito, renunciado a qualquer idéia de voltar a França. As suas irmãs tinham ardentemente espozado, com os seus maridos, os interesses do antigo regimen. Nada pôde impedi-la de permianecer franceza de coração e liberal de espirito. Ela deixou varios opusculos de economia social, escritos em estilo en-

¹ Esta data é indicada no seguinte documento que obtive em Beauvais, nos Archivos departementais do Oise:

*Extrait de l'Etat nominatif de la population de la Commune de Méru
au premier Avril 1831*

Noms	Prénoms	Année de la naissance	Professions, qualifications ou fonctions
MARIE	Joseph Simon.	1776	Receveur des Contributions.
DE FICQUELMONT	Henriette Joséphine	1782	
	Charlotte Clotilde Joséphine	1816	
	Charles Maximilien	1819	
	François (<i>sic</i>)	1820	
	François Eléonor . .		

Archives de l'Oise.—Série M.—Population.

Mas a certidão de obito de Mme. Marie (née de Ficquelmont) a dá como falecida com 67 anos, a 8 do Fevereiro de 1848, o que faria attribuir o nascimento a 1781. Vide esta certidão entre os anexos.

² O *Dicionário Larousse* dá o prenome *Philippine* em lugar de *Joséphine*; mas os documentos todos que obtive dão *Joséphine*.—R. T. M.

³ Em 1793 ou em 1792 — R. T. M.



cantador e impregnados do mais puro amor da humanidade.» ¹

Em 1813 achava-se ela na Bohemia e contava 31 anos de idade, quando a sexta coligação européia contra a França para ahi conduziu um corpo do exercito francez, do qual fazia parte o Capitão José-Simão Marie.

Era este um official de 38 anos de idade ² que assentara praça, a 9 de Agosto de 1792, com 17 anos, como voluntario no batalhão do Loiret. Fizera todas as campanhas da Republica e do Imperio, fora ferido na perna esquerda no bloqueio de Genova, em 1800, chegara ao posto de capitão a 28 de Fevereiro de 1812, e á dignidade de Membro da Legião de Honra a 19 de Novembro de 1813.

Tal era a sua situação quando os azares da guerra leváráo-no a conhecer Henriqueta-Jozefina de Ficquelmont, com quem se cazou apesar da rezistencia da familia desta, que cortou por isso as relações com ela. ³ Esse casamento foi depois revalidado em França, ⁴ onde encontramos o capitão Marie tomando parte na campanha de 1814. ⁵

O desfecho da campanha foi a queda de Bonaparte e a elevação de Luiz XVIII, que fez a sua entrada solene em Paris, a 3 de Maio de 1814. Efetuou-se assim a *primeira Restauração*. Relegado na ilha d'Elbe, Bonaparte não cessava de voltar as suas vistas para a França; e a maneira pela qual se estabelecera o novo governo, mais do que a politica deste, criava, ao nefasto ditador, elementos para a sua ultima aventura. No exercito sobretudo

1 Conheço as seguintes indicações bibliograficas: *Proposition d'une association religieuse et perpetuelle de femmes, pour travailler au soulagement des pauvres et à l'extirpation de la mendicité*. Paris Mme. Pichot 1836. — *Le sculpteur en bois, récit entièrement vrai*. Paris. Dupont. 1844.

Não pude obter nenhum dos dois. É verdade que não falei a este respeito a Mme. Ve. Maximilien Marie.

2 Naceu em Orleans a 30 de Julho de 1775, conforme consta da fé de officio. Vide este documento nos *anexos*.

3 Não pude saber precisamente a data do casamento do capitão Marie; de sorte que ignoro si ele já era condecorado nesse epoca.

4 Todas as informações sobre a Familia de Clotilde e que não constão dos documentos transcritos neste relatorio são devidas á benevolencia de Mme. Ve. Maximilien Marie.

5 Vide a fé de officio do capitão Marie, nos *anexos*.



lavrava um imenso desgosto e inflamavão-se as mais audaciozas esperanças. Esta situação social nos permite imaginar as disposições morais em que se derão a concepção e a gestação da futura Inspiradora da Religião da Humanidade.

Clotilde nasceu em Paris, ás 11 horas da noite de 2 Abril de 1815. Eis a sua certidão de idade:

PRÉFECTURE DU DÉPARTEMENT DE LA SEINE

EXTRAIT des minutes des Actes de Naissance

Reconstitués em vertu delaloi du 12 Février 1872

3.^e Arrondissement de Paris. Année 1815

L'an mil huit cent quinze, le quatre Avril à une heure de relevée, par devant nous, Maire du troisième arrondissement de Paris, soussigné, faisant fonctions d'officier de l'état civil, Est comparu le sieur Joseph MARIE, Capitaine, Membre de la légion d'honneur, âgé de trente neuf ans, demeurant à Paris, rue du Cadran, n. 30, quartier Montmartre, lequel nous a présenté un enfant du sexe féminin né d'avant-hier, à onze heures du soir, de lui déclarant et de Henriette Joséphine FICQUELMONT, (*sic*) son épouse, auquel enfant il a donné les prénoms Charlotte-Clotilde-Joséphine. Les dites présentation et déclaration faites en présence des sieurs Jean-François Tête, marchand épicier, âgé de quarante deux ans, et Claude Joseph Bauce, taillandier, âgé de quarante deux ans, tous deux demeurans à Paris, rue du Cadran, n. 30, amis, et ont les déclarants (*sic*) et les témoins signé avec nous le présent acte de naissance après lecture faite. Ainsi signé au registre: Marie, Tête, Bauce et Cretté, adjoint au maire. — Le présent délivré par nous, Maire du troisième arrondissement de Paris, le douze Avril mil huit cent quinze. Signé: Rousseau. — Admis par la Commission (Loi du 12 Février 1872) — Le Membre de la Commission. — Signé: Dalligny. — Pour expédition



conforme. Paris, le treize octobre mil huit cent quatre vingt dix sept.

Le Secrétaire Général de la Préfecture.

Pour le Secrétaire Général.

Le Conseiller de Préfecture délégué.

Signature illisible.

Vu par nous M. Kartler juge pour la légalisation de la signature de M. Laty. Pour empêchement de M. le Président du Tribunal de 1^{ère} Instance de la Seine. Paris le 14 Octobre 1897.

Signature illisible.

Procurei determinar a eaza em que Clotilde naceu. Não existe mais em Paris rua com o nome du Cadran. De um livro sobre as ruas de Paris, que mostrou-me M. Coyecque, extrahi a seguinte nota:

CADRAN (rue du) Actuellement partie de la rue Saint Sauveur entre les rues Montorgueil et Montmartre; en 1489 *ruelle des Aigoux*.

À la fin du XVII^e siècle une enseigne lui fit donner le nom du *Bout du Monde*, en 1807 rue du Cadran.

O Atlas geral de Paris, de 1836, que me foi mostrado por M. Lazard, dá ainda a rua com esse nome. O n. 30 fica a 120 metros da esquina da rua Montorgueil, e a eaza tem 6 metros de fachada. A vista destas indicações creio, que a eaza de que se trata é actualmente o n. 66 da rua Saint-Sauveur, que é um prédio de construção antiga. ¹ Mandei fazer uma fotografia desta parte do mapa e da eaza a que me refiro, mostrando as que estão nas suas imediações. Este edifício tem 5 andares com duas janelas cada um; não pude determinar o andar em que morarão os pais de Clotilde, porque, nas repartições onde tais indicações podião se achar, me informáram que os documentos capazes de conduzir a tal havião sido queimados durante a Comuna.

¹ Fiz esta determinação auxiliado pelos Srs. Luiz Arrau e Americo Quadros. Os cento e vinte metros são contados desde a esquina da rua Montorgueil até o limite que a eaza tem mais afastado dessa esquina.



A certidão de idade de Clotilde parece indicar, que, na época que consideramos, ainda persistião rotas as relações entre a Mãe de Clotilde e a sua família.

Nesse mesmo dia, 4 de Abril, da apresentação civil de Clotilde, o seu Pai foi feito ajudante de ordens do general Piat.² Bonaparte tinha conseguido pouco antes entrar em França e tentava recrutar o Imperio. Porém, a 18 de Junho, era definitivamente esmagado em Waterloo. O capitão Marie fez a campanha de 1815 e foi posto em disponibilidade por licenciamento em 1º de Setembro de 1815. Enfim, a 23 de Março do anno seguinte (1816), conseguiu a sua reforma.

Nenhuma informação mais temos sobre a família Marie até fins de 1822. Sabemos apenas que em 1819 nacia em Paris o seu filho, Charles-François-Maximilien. Quanto a François Eléonor³ nasceu em 1820, mas não sabemos onde. Os documentos que encontrei nos Archives do Departamento do Oise, em Beauvais, e cuja comunicação devo á benevolencia de M. Russell e de M. Langlois, nos mostram, porém, que, desde 1821, dava passos para obter uma *Percepção* (coletoria de rendas).

Essa pretensão só foi atendida em 15 Janeiro de 1823. Transcreverei adiante os documentos a que me refiro. Eles nos indicão, não só as difíceis condições em se achavão os pais de Clotilde, mas também o meio domestico e social em que Ela creceu e se educou. Ninguém pôde desconhecer as reações que devião ocasionar, na sua egreja natureza, o concurso das influencias aristocraticas, provenientes dos seus antecedentes maternos, com os impulsos plebeus, emanados do meio peculiar ao seu Pai. Mas, para que se possa apreciar convenientemente os primeiros fatores, julgamos necessario mencionar um documento que, caracterizando a elevação moral do conde de Ficquelmont, fornece-nos também indicações gerais de que, na sua familia, se conservavão as cavalheirescas tradições da verdadeira no

2 O general Piat é a pessoa a quem o segundo Bonaparte dirigiu a carta na qual vem a frase: *on ne détruit que ce qu'on remplace*. Vide CATHECISMO POSITIVISTA, edição apostolica, notas do Sr. Miguel Lemos, p. 314 da 1ª edição brasileira.

3 Creio que é o mesmo a quem Clotilde chamava Léon; escreveu Eléonor, segundo a lista de familia acima transcrita.



breza. É a carta que ele escreveu á sua filha no dia da chrisma desta :

A MINHA FILHA

No dia da sua Confirmação

Tu vais, minha cara filha, apresentar-te amanhã á Confirmação, isto é, tu vais tomar, tendo chegado á idade da razão, o mesmo compromisso que tomou-se por ti, no momento do teu Batismo, o compromisso de viver segundo os preceitos da lei cristã. A tua instrução religiosa está acabada; aprendeste a conhecer os teus deveres; sabes a maneira pela qual os deves preencher. Derão-te luzes ao teu espirito, para que possas ver o bom caminho, e socorro á tua fraqueza, para que saibas andar por ele com passo firme e seguro.

Esse sentimento natural, que reside na consciencia do homem, para adverti-lo do que é mal, poderia enganá-lo algumas vezes, si ele não tivesse um guia mais seguro do que a propria consciencia. — E esse guia, é a Igreja, que nos diz o preceito que é preciso seguir, e que nos dá ao mesmo tempo a instrução, que no-lo faz comprehender. Recebeste essa instrução, minha amiga, melhor do que te poderia eu dá-la. Não terei pois nada a dizer-te, a este respeito, que já não saibas. Mas posso ajuntar-lhe conselhos, porque tenho a experiencia da vida.

Escuta-me pois:

Por ocasião do dia da tua primeira Comunhão, disse-te que a vida moral é um combate perpetuo entre o principio do mal e o do bem; — que a educação que te davamos não tinha outro fim sinão fornecer-te armas para sustentar esse combate com vantagem; — que o desenvolvimento da tua intelligencia e tudo quanto aprendias não tinha outro objeto. Dizia-te tambem que o ato da tua primeira Comunhão, abrindo-te todos os thezouros da Igreja, ia dar-te a arma mais poderosa para sustentar essa luta da vida. Tu não podias ainda apreciar bem o que eu então te dizia. Não estavas então assaz desenvolvida para o comprehender, e, emquanto mais adiantada hoje em razão e em intelligencia, não o comprehenderias, ainda, si eu não viesse no teu auxilio.

Vais entrar na vida de uma maneira ativa. Tornas



-te responsável pelas tuas ações, pela tua consciencia, como pela tua felicidade. Olhando em torno de ti, o teu primeiro sentimento deve ser sempre o do *reconhecimento*, minha amiga, porque tu verás que o numero de homens colocados em uma condição de miseria, ou pelo menos de trabalho penoso, é muito maior do que o dos homens dos quais poderias ter inveja. Pensa, que eu poderia ter sido um desses homens, que teria então achado a tua mãe em uma dessas classes para as quais a vida é sempre um trabalho difficil. Goza pois da posição que te foi dada como de um beneficio, e não esqueças nunca que *todos os homens são iguais perante Deus*. Essa lei de igualdade, sempre presente ao teu espirito deve te preservar do orgulho, e impôr-te o dever de nunca servir-te da superioridade da tua posição, de modo a ofender aos que te são inferiores. Foi o Cristo, minha amiga, que manifestou aos homens essa lei do céu; foi ele que fundou a libertação moral do homem; foi ele que disse *que se deve amar ao proximo como a si mesmo*. Seria agir como fazião os pagãos, não tratar o homem conforme o espirito da nova lei, que é um espirito de caridade. Mas a caridade, não é a esmola que o rico dá com mão leviana, porque a tonia do seu superfluo. A caridade é uma lei moral, que ensina a compadecer-se das necessidades da alma e da intelligencia, que, longe de exigir de entes menos elevados em posição do que nós, mais virtudes do que nós mesmos temos, vem, pelo contrario, em socorro da fraqueza e procura tornar-lhes mais facil o cumprimento de deveres, que lhes são sempre penosos, pois que esses deveres os collocão em uma condição de servidão.

Tu sabes já, minha amiga, quanto a condição da mulher é diferente da do homem. O movimento do mundo chama o homem para fóra da casa, ao passo que pelo contrario a vida da mulher a encerra no lar. É ahí que está o seu *imperio e a sua existencia*; é nessa casa, que estão collocados todos os seus deveres de filha, de espoza, e de mãe; não é pois sinão ahí que ela pôde achar *felicidade*. Entrando no mundo, como vais fazer, não te deixes levar pela idéia que poderás nele achar a felicidade que não te daria a tua casa, a dos teus pais enquanto nela estiveres, ou a do homem que te tiver escolhido para companheira e que tiveres aceitado. O



destino de uma mulher encerra-se todo inteiro nessas duas ultimas linhas. Estuda-as bem, minha amiga; elas te dirão que tu deves conservar o teu coração livre, afim de conservar ao teu espirito a faculdade de julgar, si o homem que quizer te escolher para companhia seria digno da tua afeição, e si te tornaria faceis os deveres que terias de preencher para com ele. Não te permitas pois nunea ocupar os teus pensamentos com um futuro que não depende de ti fixar. Deves entrar na vida, forte de principios, e te *manter livre de coração e de espirito*, até o momento em que fizeres o sacrificio dessa dupla independencia, em troca da de que um homem fizer-tê homenagem. É nessa posição moral que estão colocados ao mesmo tempo a *felicidade e a dignidade de uma mulher.*

A Igreja deve nos dar luzes e socorros para todas as situações da vida. Assim, quando ela impõe á mocidade, ainda *livre*, a repressão de afeições demasiado vivas, é para conservar o coração digno de sentir e de inspirar uma afeição mais profunda, tal qual é preciso que seja para conservar, ao ato solene que deve encaixear o destino da mulher, esse carater de *sincera e religiosa pureza*, que é só o que pôde fundar a felicidade.

Pensa em nós, que te damos estas linhas, nos momentos dificeis que a vida puder te apresentar; e reeebe os nossos conselhos com essa confiança, que tens no coração e que a nossa ternura merece.¹

Eis agora os documentos ineditos que obtive em Beauvais, acerca da situação da familia Marie:

Carta transmilindo ao Prefeito do Oise uma petição de Mme Marie em favor do seu marido.

Monsieur le Baron,

J'ai l'honneur de vous transmettre la demande de Madame Marie, née de Fiequelmont, à l'effet d'obtenir pour son mari la place vacante de percepteur à Méru.

¹ Vide a obra já citada: *Pensões et Reflexões morales et politiques du Comte de Fiequelmont*. p. 24-28. Os grifos são do autor.



La manière avantageuse dont sont connus M. et M^{me} Marie me fait espérer que vous daignerez accueillir leur sollicitation.

Je suis avec les sentiments les plus distingués, Monsieur le Baron, votre très humble et très obéissant serviteur.

(Signé) Le Vaillant.

Beauvais 28 Déc. 1822.

—
Annoncer à M^{me} Marie que j'avais déjà arrêté la liste des candidats lorsque sa demande m'est parvenue et que je regrette de ne pouvoir pas seconder ses vœux.

—
Archives de l' Oise — Série P. — Finances.

—
Carta a que se refere o documento supra

Monsieur le Préfet,

Permettez que je vienne solliciter pour mon mari des bontés auxquelles il a droit de prétendre comme habitant de notre département, comme père de famille dans l'infortune, comme appartenant à une famille des plus recommandables dont le chef Monsieur le Comte de Ficquelmont, mon frère, remplit aujourd'hui le poste important d'ambassadeur d'Autriche près la Cour de Naples; ces différents motifs nous ont obtenu à la sollicitation de M^{rs} les Comtes d'Escard, de Kergorlay, de Beanfort et de Scufft, la bienveillance de son Excellence Monsieur le Ministre des finances, qui, ayant appris par ces Messieurs les malheurs dont ma famille a été acablée par suite de l'émigration de mon père, a bien voulu promettre de nommer mon mari à une perception, sitôt qu'il serait porté sur une liste de candidats. L'occasion la plus favorable se présente aujourd'hui Monsieur le Préfet; le percepteur de Méru, commune que nous habitons, vient de mourir et Son Excellence verrait sans doute avec plaisir que vos bontés pour nous le missent à même de remplir ses engagements; j'ose espérer cette faveur de votre part, Monsieur le Préfet, votre désir de faire le bien vient à l'appui de ma demande; mon mari, père de trois enfants, Capitaine en retraite ne possédant qu'une pension de 1200 francs, se



trouverait bien heureux de vous devoir le mieux être de sa famille.

J'ose donc vous supplier avec les sentiments d'une mère dans l'infortune, de vouloir bien porter comme candidat pour la perception de Méru Joseph Simon MARIE, Capitaine en retraite, chevalier de la Légion d'honneur. Sa solvabilité est assurée sur une propriété en bois dans le département de la Meurthe, seul débris qui me soit resté de la fortune de mon père.

J'ai l'honneur d'être, Monsieur le Préfet, avec les sentiments de la plus haute considération, votre très humble et très obéissante servante.

(Signé) Marie, née de Ficquelmont.

Carta do Ministro de Villèle recomendando ao Prefeito a candidatura do Capitão Marie

Paris, le 28 Décembre 1822

Cabinet du Ministre des finances

M. le Préfet est prié de vouloir bien porter M. Marie sur la Liste des candidats pour la perception de Méru.

Il paraîtrait, Monsieur le Préfet, que la vacance de la perception de Méru, arrondissement de Beauvais, vient d'avoir lieu par le décès du titulaire, le S. Adeville.

J'attache un intérêt particulier au succès de la demande qui m'a été faite de cet emploi, en faveur de M. Marie, beau-frère de M. le Comte de Ficquelmont, Ambassadeur d'Autriche à Naples. Je vous serai donc très obligé, Monsieur le Préfet, de vouloir bien comprendre M. Marie sur la Liste des candidats que vous aurez à me présenter pour la perception de Méru, dans le cas où elle serait effectivement vacante.

J'ai l'honneur, Monsieur le Préfet, de vous saluer avec un bien sincère attachement.

Le Ministre Secrétaire d'Etat des finances

(Signé) De Villèle.

A Monsieur le Préfet du Département de l'Oise.

Je prie M. Grave de faire connaître à M. le Receveur Gal le contenu de cette lettre et de lui demander s'il

consent à ce que ce nouveau candidat soit compris sur une liste supplémentaire.

Voir la minute de la lettre écrite au Ministre le 29 Décembre qui est ci-jointe.

30 Janvier.

Resposta à carta supra

Gabinets de S. E.
Réponse à la lettre
du 28 Décembre.

Beauvais le 29 Décembre 1822
A S. E. le Ministre des finances.

Monseigneur,

J'avais déjà adressé à V. E. les propositions auxquelles donnait lieu de ma part le décès du percepteur de Méru lorsque j'ai reçu la lettre qu'elle m'a fait l'honneur de m'écrire le 28 de ce mois en faveur de M. Marie, Beau-frère de M. le Comte de Ficquelmont, Ambassadeur d'Autriche à Naples. Pour me conformer aux intentions bienveillantes de V. E. à son égard, je vais réclamer le consentement de M. le R^r Gal pour que ce candidat puisse être porté sur une liste supplémentaire, que je m'empresse de vous adresser.

En proposant à V. E. d'accorder cette perception au S.^r Comte percepteur de St^e Geneviève, j'avais été mu par le double désir de procurer un avancement à un des meilleurs comptables du département et de vous mettre à portée de réduire les remises de deux perceptions au lieu d'une à 3 centimes 1/2: la nomination de M. Marie privera les contribuables de plusieurs communes du département d'un centime 1/2 que j'avais voulu leur procurer. V. E. aura à examiner si cette considération doit l'emporter sur le désir qu'elle éprouve de donner à M. Marie un témoignage de sa bienveillance. J'aurai l'honneur de lui faire observer en outre que le S.^r Descampeaux porté en tête de la liste des candidats jointe à ma lettre du 28 Décembre, n'a dû la préférence que je lui avais accordée dans mon travail qu'à l'intérêt de S. E. M. le M^{rs} de Clermont Tonnerre vis-à-vis duquel j'avais pris antérieurement l'engagement de le comprendre dans la première liste de candidats que je serais dans le cas de présenter à Votre Excellence.



*Carta do conde de Kergorlay recomendando
a candidatura do Capitão Marie*

Rép. le 31
à classer.

Paris, rue Saint-Dominique n. 102, ce 30
Décembre 1822.

Monsieur le Préfet,

J'ai l'honneur de vous recommander avec un intérêt très particulier le S.^r Joseph Simon Marie, officier en retraite résident à Méru, qui désire obtenir la perception de Méru qui vient de devenir vacante par la mort du titulaire. Je l'avais déjà recommandé l'an passé¹ à votre prédécesseur pour la perception d'Amblainville et il m'avait donné l'espérance de l'y porter sur la liste des candidats dans le cas de sa vacance qui semblait alors prochaine, mais qui ne peut plus avoir lieu maintenant vu la réunion de cette perception à celle de Fosseuse et Bornel. M. Marie désire aujourd'hui obtenir de vous la même grâce d'être porté sur la liste des candidats pour la perception de Méru. Il a d'assez puissants appuis pour espérer sa nomination du Ministre des finances, s'il se trouve sur cette liste. Les relations que j'ai eues avec la famille de son épouse, fille du Comte de Ficquelmont Emigré, qui a perdu tous ses biens à la révolution, me feraient désirer vivement de pouvoir concourir à procurer à M^{me} Marie en la personne de son époux quelque adoucissement aux pertes qu'elle a faites, et je vous aurai l'obligation de m'en avoir fourni les moyens si vous consentez à porter M. Marie sur la liste des candidats pour la perception de Méru.

Agréé, Monsieur le Préfet, les assurances de la considération très distinguée, avec laquelle j'ai l'honneur d'être.

Votre très humble et très obéissant serviteur.

(Signé) Le C^{te} F. de Kergorlay, Député de l'Oise.

(Au dos est écrit) À Monsieur

Monsieur le Baron de Balzac,

Préfet du Département de l'Oise

à Beauvais (Oise).

1 Portanto, como disse acima, desde 1821 que o Capitão Marie dava passos para obter uma percepção. — R. T. M.



Carta do Prefeito ao Recebedor geral

31 Décembre 1822.

A Monsieur le Receveur général des finances.

Monsieur le R.^r Général.

S. E. le Ministre des finances m'écrit, sous la date du 28 décembre qu'il prend un intérêt particulier à ce que la perception de Méru soit donnée, s'il est possible, à M. Marie, beau-frère de M. le Comte de Ficquelmont Ambassadeur d'Autriche à Naples. Je vous prie de me faire connaître en conséquence, M. le Receveur Général, si vous consentez à ce que le S.^r Marie soit présenté comme candidat sur une liste qui servirait de supplément à celle que vous m'avez déjà adressée le 27 Décembre courant.

Oficio propondo o Capitão Marie

Beauvais, le 11 Janvier 1823

A S. E. le Ministre des Finances,

Ainsi que je l'ai annoncé à V. E. par ma lettre du 29 Décembre, j'ai l'honneur de lui adresser une liste supplémentaire de candidats pour la perception de Méru sur laquelle est porté le sieur Marie. Le consentement donné à cette nouvelle proposition par M. le Receveur général est consigné dans la lettre d'hier ci-jointe.

Cette dépêche est également accompagnée d'une demande qui vous est adressée par M. le Porquier Devaux (*sic*), Secrétaire général de la Préfecture de l'Oise et qui a pour objet de faire détacher la commune de Lormaison de la perception de Méru pour la réunir à celle de Ressons dont son gendre le sieur Demay est titulaire. Cette proposition tendant à changer le travail qui a déterminé la nouvelle circonscription des perceptions et à affaiblir les remises de celle que V. E. destine au Sieur Marie, je n'ai pas cru devoir me la rendre propre; je me bornerai donc à exprimer que M. Devaux (*sic*) mérite sous tous les rapports la bienveillance de V. E. et qu'il m'eût été très agréable que son zèle pour le service du Roi eut pu motiver en faveur de son gendre le démembrement de la perception de Méru.

Archives de l'Oise — Série P. — Finances.



Proposta do Capitão Marie para o cargo de perceptor de Méru, a que se refere o officio supra

Département de L'Oise. État de proposition pour les perceptions vacantes.

Arrondissement	Désignation des Communes	Noms et prénom des percepteurs, décédés, démissionnaires ou révoqués	Noms et prénoms des sujets proposés par le Préfet	Date du consentement par écrit du receveur général	Indications et valeur des immeubles possédés par les sujets proposés	Observations
BEAUVAIS	MÉRU	ADEVILLE	MARIE	- 10	Indépendamment d'une pension de retraite de 1.200 francs, le Sr. Marie possède des propriétés dans le département de la Meurthe dont on ne connaît pas la valeur.	Ses opinions politiques ont pour garant l'intérêt que M. le Comte de Kergorlay, député de l'Oise, accorde à ce candidat.
	Andeville	décédé	(Joseph Simon)	Janvier		
	Lardières		Capitaine	1923		
	Lormaison		retraité Chevalier de la Légion d'honneur			

Arrêté par le Préfet de l'Oise. — Beauvais ce 11 Janvier 1823.

Nomeação do Capitão Marie para perceptor de Ste-Geneviève

Ministère des Finances.

Paris le 22 Janvier 1823.

Nomination de Percepteurs.

J'ai l'honneur, Monsieur le Préfet, de vous adresser deux ampliations de l'arrêté que j'ai pris le 15 janvier courant qui nomme les sieurs Leconte et Marie percepteurs, le premier de Méru et le second de Ste-Geneviève.

La première de ces ampliations doit vous rester. Je vous prie de transmettre l'autre au receveur général de

votre département afin qu'il suive en ce qui le concerne l'exécution de l'arrêté dont il s'agit.

Je joins également à la présente lettre des extraits de cet arrêté pour les percepteurs nommés; vous aurez soin de ne les leur remettre, et de ne les faire installer dans leurs fonctions qu'après qu'ils auront justifié du versement de leur cautionnement.

Vous voudrez bien leur recommander de se conformer aux dispositions de l'arrêté de leur nomination, et notamment à l'obligation qui leur est imposée d'aller résider dans l'une des communes de leur perception, et de préférence dans celle chef-lieu, ou dans la commune la plus centrale.

Vous les préviendrez que le défaut de résidence entraînerait immédiatement leur remplacement.

Je vous serai obligé de m'informer du moment où cet objet sera définitivement mis en règle.

J'ai l'honneur, Monsieur le Préfet, de vous saluer avec un bien sincère attachement.

Le ministre secrétaire d'état des finances.

(Signé) De Villèle.

Monsieur le Préfet du département de l'Oise.

Ata da posse do Capitão Marie

Porté au
Répertoire
n. 5327.

L'an mil huit cent vingt trois, le huit
Février, deux heures de relevée.

S'est présenté devant nous Préfet du Département de l'Oise, le Sieur Marie (Joseph Simon) nommé par arrêté de S. Ex. le ministre des finances, en date du quinze Janvier dernier, percepteur des communes de Ste-Geneviève, (chef-lieu) Corbeil-Cerf, Laboissière, La Chapelle, St -Pierre et Mortefontaine, en remplacement du sieur Leeonte qui passe à la perception de Méru.

Lequel a prêté en nos mains, le serment d'être fidèle au Roi, d'obéir aux lois du Royaume, et de se conformer aux réglemens qui régissent la perception notamment à ceux qui prescrivent aux percepteurs:

1^{er} d'exercer par eux-mêmes leur emploi;

2^e de tenir leur comptabilité suivant le mode indiqué par les instructions;



3^e de ne point cumuler de fonctions incompatibles avec celles de percepteur.

Fait à Beauvais, hôtel de la préfecture les jour, mois et an susdits.

Le Préfet de l'Oise

(Signé) Baron de Balsac.

(Signé) Marie.

Enregistré à Beauvais le huit Février 1823. f.^o 144 V^o

Em Fevereiro de 1823 a familia Marie foi pois rezidir em Santa Genoveva, pequeno povoado do departamento do Oise. Clotilde estava então em vespéras de completar oito anos. As irmãs de M^{me} Marie tinham entrado em França e haviam restabelecido as relações com ela. M^{me} V^e Maximilien Marie nada pôde informar-me sobre a infancia de Clotilde: só se lembrava de ouvir dizer que era um *peu taquine* com os seus irmãos, — disse-me ela, sorrindo com bonhomia.

Clotilde passou o resto da sua infancia em Santa Genoveva até fins de 1824. Então a familia Marie deu passos para que Ela fosse admitida como *aluna gratuita* em uma das *Cazas da Legião de Honra*, alegando a pobreza dos pais. É a essa Caza que Clotilde e o nosso Mestre chamavam o convento da rua Barbette.

Procurei obter as informações que constassem dos archivos da Legião de Honra acerca da estada de Clotilde em tal estabelecimento. Nesse intuito dirigi, por intermedio do nosso Ministro, o Sr. Gabriel de Piza, uma carta ao Grão Chanceler da Legião de Honra, o general Davout. Poucos dias depois, recebi uma carta de M. Ed. Poinot, chefe da 2^a secção (*bureau*) da Chancelaria da Ordem, prevenindo-me que o Secretario Geral desejava ouvir-me acerca das informações que eu pedira. O Sr. Ed. Poinot acolheu-me, de fato, com benevolencia e communicou-me as peças que possuia. A este propozito, disse-me que aqueles papeis se tinham salvo casualmente do incendio da Comuna. Tercis notado que não era esta a primeira vez que sentia as consequências de tal calamidade; e semelhante circumstancia dispertou-me reflexões que devo consignar aqui.

Quando intentei a minha viagem, não percebi a sua



urgencia para obter os documentos constantes dos archivos publicos: esses se acharião em qualquer tempo, pensava comigo. Preocupava-me então excludivamente em falar com as pessoas que tinham conhecido Clotilde e Augusto Comte, e os seus contemporaneos, e que já estão em idade avançada. Mas a experiencia patenteou-me quanto é impreterivel salvar das eventualidades revolucionarias os documentos quaisquer da historia do Positivismo, mediante a sua publicação. Conviria mesmo que esta fosse feita com o auxilio de reproduções fotograficas, que trazem em si mesmas o cunho da autenticidade.

Nos archivos da Legião de Honra encontrei dados preciosissimos. Foi assim que obtive a certidão de batismo de Clotilde, pela primeira vez. Logo que alcancei o extrato do registro civil do nascimento acima transcrito, procurei descobrir similhante documento. Mas forão baldados todos os passos que dei, para isso, percorrendo varias igrejas de Paris, no que fui auxiliado pelo Sr. San Juan, Americo Quadros, e Luiz Arrau. A explicação do insucesso de tais esforços está na circumstancia de Clotilde só ter sido batizada a 7 de Outubro de 1824, em Sta Genoveva, e quando contava, portanto, nove anos e meio. O Sr. Ed. Poinsoy ponderou-me que isto mostrava que Ella tinha sido batizada para poder ser admitida na caza da rua Barbette. Com effeito, naquela epoca, exigia-se este requizito, o que hoje é dispensado.

Este fato serve para patentear o grau de emancipação mental e moral dos pais de Clotilde, apesar da transformação pela qual passara a França. Aliás o casamento de M^{me} Marie e os antecedentes do Capitão Marie, bem como a epoca em que passarão a sua mocidade, já indicavão similhante situação das suas almas.

Como disse, o batismo efetuou-se a 7 de Outubro de 1824. Copiei a certidão constante dos archivos da Legião de Honra; mas procurei depois obter uma copia official do archivo da Parochia de Sta Genoveva. Para isso dirigi-me com o Sr. San Juan ao pequeno povoado, onde Clotilde se achava quando foi batizada. Apesar, porem, da boa vontade do vigario, não foi possivel achar o caderno



dos assentamentos correspondente a esse ano. Só pude obter no bispado do Oise, em Beauvais, um extrato desse documento, e que não coincide, em certos detalhes de redação, com a certidão existente nos Archivos da Legião de Honra. Eis aqui a integra de ambas essas certidões.

*Copie de l'acte de Baptême de Clotilde, prise aux
Archives de la Légion d'Honneur.*

Du Registre des Baptêmes, Mariages, et Sépultures de la paroisse de St^e Geneviève a été extrait ce que suit. année 1824.

Ce jourd'hui 7 octobre 1824 a été Baptisée par moi curé soussigné Charlotte-Joséphine-Clotilde (*sic*), née le 3 Avril 1815, fille de Joseph Simon Marie, Capitaine, aide de camp Retraité, chevalier de la Légion d'Honneur, Et de Henriette Joséphine de Fiequelmont son épouse; le parrain Mr Gabriel Pernot de Fontenoy, la marraine, Marie Jeanne Clotilde, Dame de la Lance, née de Fiequelmont, tante de l'enfant, représentés par le père et la mère. Lesquels n'ont point signé.

Collactionné conforme à l'original et délivré par moi soussigné: à St^e Geneviève le 18 octobre 1824.

V. Merlier
Curé de St^e Geneviève.

EVÊCHÉ
DE BEAUVAIS

Extrait des actes religieux de la paroisse
de St^e Geneviève déposés aux archives
de l'Evêché.

Aujourd'hui 7 octobre 1824, a été baptisée par moi curé soussigné Charlotte, Joséphine Clotilde, (*sic*) née le 3 Avril 1815, fille de Joseph Simon Marie, capitaine, aide de camp retraité, chevalier de la Legion d'honneur, et d'Henriette Joséphine de Fiequelmont, ses père et mère demeurant depuis quelque temps dans cette paroisse.



Le parrain M^r Gabriel (*sic*) de Fontenoy et la marraine Maria Jeanne Clotilde, dame de la Lance, née de Ficquelmont, tante de l'enfant représentés par les père et mère.

Signé: Merlier.

Par copie conforme

D. Pistorius
Secrétaire de l'Evêché.

Entre os documentos existentes nos Archivos da Legião de Honra se encontra a fê de officio do Capitão Marie, que já me era conhecida, mas da qual tirei copia. Tem pequenas variantes em relação á que já possuía. *

Por esses documentos vê-se também que Clotilde foi recomendada pelo Bispo de Beauvais em 1º de Agosto de 1824.

Foi nomeada aluna gratuita pelo Decreto de 19 de Agosto de 1824.

Existe um documento atestando a pobreza dos pais.

Cerca de mez e meio depois do Decreto de nomeação de aluna gratuita foi que teve, pois, lugar o batismo de Clotilde; e a 15 de Outubro o seu Pai requereu a admissão dela na casa da rua Barbette. A entrada, porém, só efetou-se a 18 de Maio do ano seguinte (1825). Os pais das alunas devem indicar uma pessoa domiciliada em Paris que se obrigue a receber as meninas em qualquer eventualidade. Entre os documentos existentes nos Archivos da Legião de Honra, acha-se a carta do Capitão Marie, escrita de Ereuís, (arrondissement de Senlis, cantão do Neuilly-en-Thelle, Departamento do Oise), em data de 21 de Maio de 1825, pedindo que a Condessa de Bonchamp, residente na rua du Parc-Royal n. 8, fosse autorizada a ver a sua filha. Segundo informou-me M. Ed. Poinso, essa carta tinha por fim satisfazer a exigencia de que se trata.

Procurei determinar a casa da rua Barbette onde foi educada Clotilde. Pelas informações dadas por M.

* Vide esse documento nos *ANEXOS*.



Lazard, nos Archivos do Sena, verificara que ~~essa~~ ^{essa} ~~caza~~ ^{caza} era então o n. 2 e vinha até a esquina da rua des Trois Pavillons, hoje rua Elzevir. Existe ali atualmente um grande predio; e contemplando-o, eu hezitava que ele fosse a caza que eu procurava, porque não ha nada de especial no seu aspeto. No canto abavão-se dois homens conversando; parecêrão-me operarios, e olhávão para mim como si estivessem extranhando a minha attitude observadora. Dirigi-me a um deles, e expuz-lhe a minha duvida acerca da caza da Legião de Honra. Fui feliz: o homem era um antigo habitante do bairro, muito amavel, que indicou-me logo a caza que eu buscava e contou-me a historia das transformações pelas quais passara aquella porção da rua. A caza da Legião de Honra é hoje o n. 8. Era ladeada por um jardim que vinha até a esquina da rua des Trois Pavillons e por um outro menor no flanco oposto.

Depois o meu informante mostrou-se curiozo de saber quem eu era; si era membro de alguma *sociedade de geografia*, foi a sua primeira idéia. Para satisfazê-lo, foi preciso falar-lhe sobre o Pozitivismo, apresentando a nossa religião como a solução científica do problema social. Viemos assim a tratar da politica e das escolas socialistas. O meu interlocutor conservava os principios fundamentais sobre a familia, a propriedade, e o governo. Estava, porem, num estado septico quanto aos politicos: acreditava que a mola deste mundo era o dinheiro. Falava, porem, com bonhomia, e a conversa foi longa. Foi-me facil mostrar-lhe que o dinheiro não tinha o poder que ele imaginava: entre outras couzas, citei-lhe o proprio exemplo da nossa conversa. Ali estavamos, havia mais de 1/2 hora, conversando dois homens que nunca se tinham visto, sem que dessa conversa nos proviesse nenhum lucro material. Por outro lado, eu tambem me estava entregando a pesquisas que igualmente nenhum interesse pecuniario oferecia.

O meu interlocutor pareceu-me cahir em si do seu monetarismo e ouvir com simpatia as soluções pozitivistas. Apenas parecia-lhe difficil a realização de tais idéias. Nisto ouvimos como gritos que partião de uma caza proxima; o meu interlocutor pede-me licença o corre para lá, dizendo-me que parecia ser na sua habitação. Acompanhei-o naturalmente até a porta. Ele



entrou; mas voltou logo depois com ar prazenteiro. Não era nada; e como já era noite, convidou-me para entrar e continuarmos a conversa. Agradei-lhe e despedi-me.

Por toda parte onde tive ensejo de apresentar o Positivismo encontrei sempre a mesma impressão: as pessoas ficavam seduzidas pela nossa doutrina e apenas objetavam quanto á dificuldade de fazê-la vencer. Era essa a segunda vez que tal se dava. Fui, pois, sem o procurar, encontrando a confirmação da feliz disposição de Paris em relação á Religião da Humanidade. Tudo reduz-se á organizar ali uma conveniente propaganda que faça penetrar realmente a obra do nosso incomparavel Mestre no meio que lhe é proprio, tirando-a do ambiente pedantocratico e politista que a sofisma e deturpa.

Trouxe uma copia fotografica da planta de Paris correspondente a esta zona: nela se vem igualmente as ruas Payée, Payenne, e a parte da rua S^{te} Antoine nas imediações da igreja S. Paulo.

A 27 de Dezembro de anno 1824, o Capitão Marie fôra transferido para a perecepção de Neuilly-en-Thelle, e, a vista da carta acima citada, parece que fixou a residência em Ereuis. Presumo, pois, que foi d'ahi que Clotilde veio para a rua Barbette, onde a sua permanencia foi interrompida pelo estado melindroso da sua saude. Com effeito, em começo de Agosto de 1827, obteve, á vista da sua debilidade, uma licença de tres mezes, que foi primeiro prorogada, por 6 mezes, em Novembro do mesmo anno, e, depois, por mais cinco mezes, em Maio de 1828. De sorte que ficou fôra da rua Barbette até Outubro de 1828; isto é, — desde cerca de 12 anos e quatro mezes até cerca de 13 anos e meio, — esteve ausente por motivo de molestia. Um certificado medico, de 21 de Setembro de 1828, constata que Ella achava-se em tratamento em casa do Barão de Manonville, seu tio, em Manonville, departamento do Meurthe.

A 25 de Abril de 1828, o seu Pai fôra transferido para a perecepção de Méru.

Em 14 de Abril de 1829, Clotilde teve novamente de

deixar a rua Barbette por motivo de molestia. * Um atestado de medico, datado de Junho, a declara em estado de poder entrar de novo; mas Ela deve ter de fato voltado em meados de Maio do mesmo ano. Com effeito, entre as inestimaveis reliquias que M^{me} Ve Maximillen Marie confiou á nossa piedade filial, existe a carta que Clotilde escreveu aos seus pais por occasião da sua primeira communhão. Essa carta não tem data; mas os carimbos do correio são de 31 de Maio e 3 de Junho de 1829. Eis aqui o teor deste documento, que ressuma, na sua tocante ingenuidade, o espirito humanamente humilde e terno do Catholicismo, atravez das reacções cultuais do seu dogma divino. Clotilde tinha então 14 anos feitos.

Mes chers Parens

Nous sommes au moment d'entrer en retraite Je viens vous demander pardon de tous les sujets de mécontentement que j'ai pu vous donner du peu d'efforts que j'ai fait pour me corriger. Je vous demande aussi votre Bénédiction bénissez votre enfant je suis bien résolue de mériter par mon entière docilité ce bonheur d'être toujours bénie de Dieu et de mes parens. J'embrasse mes frères de tout mon cœur et je me recommande à leurs prières Mon Oncle et ma tante vous font bien des amitiés et Mr le Curé bien des complimens. Recevez moi à vos Pieds mes chers Parens et agreez mon repentir et mes résolutions. Adieu mes chers parens permettez-moi de vous embrasser de tout mon Cœur Je suis avec respect votre fille

Clotilde Marie.

Comme nous allons entrer en retraite je vous écris d'avance parce que je ne pourrai le faire pendant ce tems la. on compte toujours faire la première communion le

* O requerimento para esta licença é feito por M. Chauvin, chefe de batalhão reformado, amigo e procurador do Capitão Marie, que veremos ser uma das testemunhas do casamento de Clotilde. É a esse estado melindroso da sua saúde que Clotilde allude na carta de 23 de Fevereiro de 1845: « Deus me livre, diz Ela, para aliviar os meus bronchios, de perder o meu estomago, e tornar a por os meus intestinos no estado em que os tive durante a minha infancia. » (VOLUME SAGRADO, p. 521).



Jour de la pentecôte Priez bien pour moi mes bons parens ne m'oubliez pas auprès du Bon Dieu

Je joins à ma lettre une de ma tante l'abesse que Ma tante a reçu ce matin *

No sobrescrito tem :

Monsieur Marie
Capitaine en retraite chevalier
de la Légion d'honneur receveur
municipal à Méru
Méru (Dpt de l'oise)

Esta carta sugere reflexões sobre as quais devo chamar a vossa atenção. Ali está, em síntese, toda essa luta íntima entre as afeições divinas e os mais puros afetos humanos, que constituiu sempre o maior tormento das melhores almas sinceramente católicas, e manifesta de modo irrecusável o caráter transitório da religião medieval. Porque a ruptura dos laços humanos, para mais aproximar-se de Deus, só pôde ser aceita emquanto o conjunto da situação social não permite conceber que o amor desinteressado se torne o movel habitual da conduta popular. Então, de fato, as almas mais iminentes mesmo sentem-se incapazes de imaginar que se consiga, entre os homens, a repressão do egoísmo, a não ser invocando o próprio egoísmo. Aos gozos e aos padecimentos pessoais da Terra oppõe-se as delícias e as torturas também pessoais de além tumulo, e assim obtém-se que a caridade impere. São pois as necessidades políticas e morais que não permitem que a inteligência se emancipe das crenças teológicas, na fase preparatória da evolução da Humanidade.

Desde, porém, que a cultura afetiva das massas ocidentais, organizada pelo Catolicismo, fez por toda parte prevalecerem os costumes e as aspirações de uma plena fraternização entre os homens, a inteligência foi solicitada a descobrir, fóra das preocupações sobrenaturais, os meios de sistematizar os hábitos pacíficos. Assim estimulados diretamente pelo altruismo liber-

* Reproduzimos a carta textualmente, com a ortografia e a pontuação que nela se encontram.—R. T. M.



tado dos maiores entraves egoistas, os espiritos de elite procurarão nas *sciencias positivas* as luzes de que a *industria* carecia. E esta pesquisa conduziu os genios em condições propicias a reconhecerem gradualmente a inanidade, mesmo mental, dos dogmas teologicos que; para eles, já constituíam uma superfetação afetiva. Similhante emancipação tendeu a propagar-se fatal e prematuramente pela massa geral, antes que a sciencia houvesse extendido o seu dominio aos phenomenos politicos e morais. Dahi resultou um estado de septicismo, mais ou menos profundo, durante o qual os individuos e os povos occidentais tornáram-se victimas das perturbações que o egoismo traz ao acedente do altruismo, quando a intelligencia não oferece as luzes indispensaveis.

Por mais prolongada, porem, que tenha sido e possa ainda ser tão angustiozissima situação, nenhuma duvida é hoje admissivel sobre o seu termo, mediante a vitoria da Religião da Humanidade. Com effeito, a terminação da anarchia moderna exige apenas que a elite das massas populares e especialmente do sexo feminino possa instituir o confronto entre as satisfações que o Positivismo e o Catolicismo dão respectivamente ás mais nobres exigencias do coração. Sob qualquer aspeito, esse confronto patenteará que só a Religião da Humanidade pôde corresponder aos sublimes anhelos que a evolução medieva veio determinar nos miores santos occidentais. Assim, voltando ao tocante documento que ocazionou estas reflexões, que contraste entre o culto catolico e o culto positivista! No intuito de melhor aproximar uma menina de Deus, o Catolicismo a priva de corresponder-se com a sua propria mãe. O Positivismo, pelo contrario, erige cada mãe na melhor personificação habitual da Humanidade para cada crente; torna o culto mais intimo apenas uma fervente idealização da convivencia com os entes humanos que mais amamos, sob a suave prezidencia do tipo materno, como a sintheze familiar dos devotamentos de que somos incessantemente alvos; transforma enfim as mais grandiozas solenidades da adoração publica em supremo deza-brochamento de todas as efuzões domesticas e civicas. Ora, ninguem pôde desconhecer, a vista de tal contraste, para onde se voltarão as massas populares e especialmente as naturezas femininas, quando ele lhes



fôr convenientemente revelado. Isto vos mostra qual deve ser o fito dos nossos esforços atuais.

Enfim, a 1^o de Março de 1833, o Capitão Marie era avizado de que se aproximava o termo da estada da sua filha na rua Barbette. Esse documento tambem nos foi graciosamente dado por M^{me} V^e Maximilien Marie. É do teor seguinte:

Grande Chancellerie
de l'Ordre royal
de la Légion d'Honneur.

Paris, le 1^{er} Mars 1833.

2^{me}. Division

2^{me}. Bureau.

Les réponses doivent être adressées à M. le Grand Chancelier de l'Ordre royal de la Légion d'Honneur.

On doit avoir soin de rappeler la Division d'où sont parties les lettres auxquelles on répond.

J'ai l'honneur de vous prévenir Monsieur, que M^{lle} votre fille Charlotte, Clotilde, Joséphine, élève de la 1^{ère} Succursale, anra ses 18 ans accomplis le 1^{er} Avril prochain, et qu'aux termes du réglement M^{lle} Marie devra être retirée définitivement à cette époque.

Je vous invite à prendre les dispositions convenables à cet égard.

J'ai l'honneur de vous saluer.

Le Grand Chancelier

Signature illisible: Duc de Treviso.

M. Marie, Chever de la Légion d'honneur.

Mas o capitão Marie pediu e obteve autorização para retirar Clotilde a 10 de Abril do mesmo ano.

O meio social em que Clotilde passou a sua infancia e a sua adolescencia era bem apropriado para fazer-lhe sentir profundamente os antecedentes catolico-feudais. Essa fase da sua vida corresponde, de fato, á Restauração. «Durante sete anos (de 1821 a 1828) prevaleceu, o mais honesto, o mais nobre, e o mais liberal de todos os regimens sob os quais viveu o nosso Mestre», dizia este, em Agosto de 1855, no seu APELO AOS CONSERVADORES (*Prefacio* p. VIII) O malogro da revolução franceza determinara, sob o impulso de De Maistre, o advento da escola retrograda, representada então por De Bonald e Chateaubriand, com a eloquente assistencia de La Mennais. (*Ibidem* p. VII) O septicismo das massas adultas tornava-



nelas fictícia a rejuvenescência que o Catolicismo apresentava. Mas, a mocidade, sobre tudo feminina, cujo surto se operava sob esse influxo, encontrava nele um insubstituível alimento para os mais nobres atributos da nossa alma. Sinceramente compenetrada da veracidade das crenças que lhe eram inculcadas, ela saboreava todo o encanto das imponentes cerimônias do culto católico, a cuja poesia Châtaubriand tentava dar maior realce.

A situação domestica de Clotilde devia contribuir poderosamente para que Ela haurisse as inestimáveis vantagens desse meio social. Por um lado, as tradições da sua Mãe e dos seus parentes maternos retracavam-lhe a eminente ação civilizadora dos seus cavalherescos antepassados. Entre os cavaleiros da Lorena figurava Godofredo de Bulhão, o preclaro chefe da primeira cruzada. A delicadeza dos sentimentos, a elevação das aspirações, a nobreza dos atos, traduzidas habitualmente na distinção das maneiras, não podião deixar de impressioná-la profundamente. Por outro lado, a sorte da sua Mãe, o contraste entre a sua posição social e a dos outros membros da família Ficquelmont, a proveniência do seu Pai, eram de natureza a fazê-la identificar-se com o verdadeiro espirito, moral e político, da civilização medievá. Os seus progenitores constituíam de fato, para Ela, um exemplo espontaneo da nobre aliança entre a grandeza e a humildade, de que o Catolicismo mostrava o supremo modelo na Virgem-Mãe do Redentor.

Convém finalmente notar a aptidão do monoteismo ocidental para desenvolver, nas almas de elite, a disposição para os sacrificios extremos, que nada mais é do que a suprema expansão do altruismo. O habito da submissão voluntaria em uma natureza já de si inclinada a tudo subordinar á felicidade alheia; o continuo exame dos moveis da nossa conduta quotidiana, de modo a patentear as ciladas do egoismo em meio dos melhores rasgos altruistas; conduzem a uma delicadeza afetiva incomparavel. As pessoas acostumão-se assim a desconfiar das suas decizões por pouco que elas pareçam favorecer o egoismo; a tomar sempre o partido da abnegação, do contentamento alheio, da satisfação dos entes que lhes são mais caros, desde que o conflito se estabelece entre os anhelos proprios e os desejos dos que as amão.

Tais são, nos corações felizmente organizados, os fru-

tos beneficos da educação que se inspira nas tradições medievais; e não essa banal devoção que habitua as naturezas vulgares a conciliarem os mais futeis gozos imundanos com a perspectiva da celeste bem-aventurança. O futuro demonstrou que esse tinha sido o resultado da cultura catolica na alma egregia de Clotilde, patenteando ao mesmo tempo, por similhante successo, a incedivel grandeza do seu perigrino coração.

Foi pois a 10 de Abril de 1833 que Clotilde retirou-se da caza da Legião de Honra, tendo completado 18 anos. A sua instrução parece ter sido muito modesta. Teoricamente, Ela mesma caraterizou os limites dos seus conhecimentos, nesta profundissima e gracioza apreciação, não só do seculo XIX, como do papel politico e moral da sciencia e das condições indispensaveis a tal destino:

«J'espère ne parler jamais que de ce que je saurai ou sentirai bien; et, quand je vous ai dit que je ferais une philosophie de ma Will., ce n'est pas une philosophie systématique que j'ai entendu, c'est une philosophie de cœur tout bonnement, une femme qui aime l'humanité pour elle-même, et sans terreurs de la marmitte bouillante d'en bas, tout comme sans espérance de posséder un lit de roses dans l'éther. Voilà ce que je comprends le mieux du XIX^e siècle, c'est la tendance universelle des êtres vers la raison toute simple. En voyant comme les plus modestes intelligences participent naturellement et sans effort à toutes les clartés obtenues, je me pénétre chaque jour davantage de l'idée que la science n'a besoin que de résider au sommet des sociétés pour les enrichir tout entières: et, ma foi, je me console de ne pas avoir été initiée aux merveilles du carré de l'hypoténuse.» (VOLUME SAGRADO p. 378-379).

Esteticamente, a sua cultura se limitara á passiva apreciação da arte fundamental, a poezia, como inherente ao estudo da lingua, mesmo quando este reduz-se á simples aprendizagem da leitura. Segundo as informações de M^{me} V^e Maximilien Marie, Ela não conhecia siquer muzica, nem vocal, nem instrumental. Não se deve, por-rem, exagerar a importancia de similhante lacuna, porque Clotilde possuía um *profundo sentimento muzical*



(VOLUME SAGRADO p. 425), e cantava, graças á sua espontanea aptidão (*ibidem* p. 477). Ora, segundo o juizo do nosso Mestre:

«... a muzica constitúi certamente a primeira das artes especiais, e o segundo termo da nossa serie estetica. Conquanto uma pedantaria interessada exagere muito, em relação a ella, as necessidades technicas, ella exige menos do que as outras tres (pintura, escultura, e architectura) uma aprendizagem particular, quer para apreciar, *quer mesmo para produzir*. Por isso tambem é ella, a todos os respeitoos, mais popular e mais social.» (POLITICA POSITIVA, I, p. 294).

O ramalhete de flores artificiaes com que Clotilde mimozou ao nosso Mestre indica, porem, que Ella havia adquirido, com perfeição, as mimozas prendas que denunciam a origem feminina e domestica da industria, atravez do seu prodigioso surto devido á actividade politica do sexo maseulino.

Quanto á sua indole, as aluzões da correspondencia sagrada indicão que era alegre: encontra-se mesmo ali uma referencia ao seu *gosto especulativo* pela dança. (VOLUME SAGRADO, p. 497).

Devo finalmente lembrar-vos que, mais tarde, Clotilde aludia aos inconvenientes da educação claustral: « Vous qui connaissez à merveille les niaiseries et les vices de l'éducation religieuse, vous pourriez peut-être me fournir de bonnes armes. Je ferai mon premier article de souvenir sur les abus des maisons d'éducation ». Dizia Ella em uma das suas cartas ao nosso Mestre. (VOLUME SAGRADO p. 279).

Durante os ultimos anos da estada de Clotilde na rua Barbette, a França tinha passado pela revolução de Julho de 1830, que entregou a direção da nação central a Luiz Filipe. « Então surgiu, em França, uma faze vergonhoza e funesta, caracterizada pelo desenvolvimento conexo do jornalismo e do regimen parlamentar. » (APELO AOS CONSERVADORES, *Prefacio*, p. XII) Tal era o meio social que Clotilde ia encontrar e cuja continua degradação devia cruelmente desfazer as doces iluzões da sua adoleescencia.

Havia no departamento do Oise uma familia muito considerada e de origem nobre. O seu chefe, João Baptista Laurent le Porquier de Vaux, era Secretario Geral da Prefeitura, na epoca em que o Capitão Marie entrara para a percepção de Sta Genoveva.* Em Julho de 1834, pouco mais de um ano depois da sahida de Clotilde da rua Barbette, o Capitão Marie, alegando motivos de saude, pediu autorização para estabelecer, sob a sua responsabilidade, como o seu proeurador, no seu eurgo, um filho desse antigo funcionario. Chamava-se ele Amadeu João Batista le Porquier de Vaux e tinha então 30 anos. Eis aqui o teor do officio em que o Recebedor geral communica esta pretensão ao Prefeito.

Officio do Recebedor geral communicando ao Prefeito a petição em que o Capitão Marie propunha Amadeu de Vaux para o seu procurador.

Beauvais le 31 Juillet 1834.

Le Reeveur général des Finances.

A M. le Conseiller d'Etat Préfet du Département de l'Oise.

Monsieur,

M. Marie percepteur de la Réunion de Méru, ancien officier, m'a demandé, conformément à l'art. 975 de l'Instruction générale du 16 Décembre 1826, mon agrément à ce qu'à raison des soins qu'exige sa santé principalement sur le rapport de la vue, il puisse sous sa responsabilité entière avoir pour fondé de Pouvoirs M. Amédée J. B. le Porquier Devaux, (*sic*) jusqu'à ce qu'il lui soit possible de reprendre lui-même son service qui sans cela pourrait souffrir sous presque tous les rapports. Ayant la certitude que son exposé est exact et n'ayant jamais eu qu'à me féliciter de sa gestion pendant tout le temps qu'il a été percepteur de St^e Geneviève arrondissement de Beauvais, percepteur de Neuilly-en-Thelle, arrondissement de Senlis et depuis qu'il est chargé de la Perception de Méru, ayant d'autre part les renseignements les plus favorables sur la capacité et la

* Vide atraz p. 45.



moralité du fondé de pouvoirs qu'il propose, j'ai l'honneur de vous prier d'approuver l'agrément que je lui accorde et de l'accréditer près de MM. les Maires de la Perception de M. Marie.

Je suis avec respect, etc.

Resposta do Prefeito

Beauvais le 2 Août 1834.

A M. le Receveur général du Département

M. le Receveur général.

J'approuve les dispositions que vous m'annoncez avoir prises le 31 juillet dernier, pour autoriser le Capitaine Marie, percepteur de la Réunion de Méru, à charger le sieur Leporquier Devaux (*sic*) (Amédée J. B.) de la direction de sa perception jusqu'à l'époque à laquelle sa santé lui permettra de reprendre son service.

Je viens d'informer M M. les Maires de la Réunion de Méru de la mesure que vous avez prise relativement à ce comptable.

Le Préfet, etc.

Circular a que alude o oficio supra

2 Août 1834

A MM. les maires du Méru, Andeville, etc.

M. le Maire.

J'ai l'honneur de vous informer que le 31 juillet dernier, M. le Receveur général des finances de l'Oise a autorisé M. Marie percepteur de votre commune à nommer pour son fondé de pouvoirs M. Amédée J. B. le Porquier Devaux, (*sic*) afin qu'il exerce sa fonction jusqu'à ce que sa santé lui permette de reprendre son service.

Je vous prie de vouloir bien en informer vos administrés.

Le Préfet, etc.



Ofício do Capitão Marie ao Prefeito, sobre este assunto.

Méru le 18 Août 1834.

Monsieur le Préfet,

J'ai l'honneur de vous informer que la Procuration donnée, avec l'agrément de l'autorité supérieure, à Monsieur Le Porquier Devaux (*sic*) (Amédée J. B.) à l'effet de gérer ma Perception, a été passée à Méru, en l'Étude de M. Dubois notaire le 17 Juillet dernier, et que M. Le Porquier de Vaux entrera en fonction à compter du 21 du courant.

J'ai l'honneur etc.

Le percepteur de la réunion de Méru,

Marie.

Note à la marge :

Signature de Le Porquier de Vaux (Amédée Jean Baptiste) géant autorisé

a Le Porquier.

Preocupados com o futuro de Clotilde, os seus pais projetarão dar-lhe Amadeu por espozo. Mas, em França, nas classes aristocraticas e burguezas, não se cazão as moças sem dote. E os pais de Clotilde sendo pobres, combinou-se pôr em jogo as relações da familia para obter que Amadeu fosse nomeado para o lugar de perceptor de Méru, do qual o Capitão Marie pediria demissão. O lugar seria o dote da filha idolatrada. Clotilde tinha pouco menos de vinte anos e meio quando o seu casamento foi decidido. E conquanto o noivo que lhe havião escolhido não lhe inspirasse amor, aceitou-o por virtuosa obdiencia filial. (VOLUME SAGRADO p.104)

O casamento realizou-se em Méru, a 28 de Setembro de 1835, primeiro na Mairie e depois na Igrejainha do lugar, a qual dá fundos para aquella. Eis as certidões desses dois atos :

DU RÉGISTRE DES ACTES de l'État civil
de la commune de Méru pour l'année mil
huit cent trente cinq a été extrait ce qui
suit.

L'an mil huit cent trente cinq le vingt huit Septem-
bre, dix heures du matin en la maison commune Par-



devant nous Michel Benjamin Groux maire de la ville de Méru, remplissant les fonctions de l'Etat civil de la dite ville sont comparus :

Le sieur Amédée Jean Baptiste LEPORQUIER DEVAUX (*sic*) propriétaire demeurant à Méru, fils majeur de feu Jean Baptiste Laurent Leporquier Devaux (*sic*) ancien secrétaire Général de la préfecture de l'Oise et chevalier de l'ordre royal de la Légion d'honneur et de dame Marie Françoise Céleste Ratel de Longueil propriétaire domiciliée à Chaumont (Oise) ses père et mère et du consentement de cette dernière ici présente d'une part.

Et Denoiselle Charlotte Clotilde Joséphine MARIE sans profession demeurant à Méru, fille mineure du sieur Joseph Simon Marie, capitaine aide-de-camp retraité officier de l'ordre royal de la Légion d'honneur et percepteur à vie des contributions directes et de dame Henriette Joséphine de Fiequelmont domiciliée audit Méru ses père et mère et du consentement de ces derniers ici présents d'autre part :

Lesquels en présence des sieurs Eugène Louis Leporquier Devaux (*sic*) âgé de trente trois ans propriétaire domicilié à Chaumont et Monsieur Charles Louis Demay âgé de cinquante trois ans propriétaire demeurant au Déluge, le premier frère et le second beau-frère du futur et Monsieur Edme Chauvin chef de bataillon retraité chevalier de la Légion d'honneur, âgé de soixante six ans demeurant à Paris rue Française n. 9

2^o Et M^r Meusnier Célestin âgé de trente six ans et demi juge de paix du canton de Méru, demeurant audit Méru tous deux amis de la future.

Nous ont requis de procéder à la célébration de leur mariage dont les publications ont été faites dans cette Ville les dimanches treize et vingt de ce mois, faisant droit à leur réquisition après avoir donné lecture

1^o des actes de naissance des futurs époux qui constatent que le dit sieur Leporquier Devaux (*sic*) est née à Chaumont le onze Mai mil huit cent quatre vingt un floreal an douze, et la Demoiselle Marie à Paris le deux avril mil huit cent quinze.

2^o De l'acte de décès de Monsieur Leporquier Devaux (*sic*) père du futur constatant qu'il est mort à Chaumont le trente un août mil huit cent vingt-huit.

3^o Des actes de publications faites dans cet endroit



les jours sus-indiqués sur lesquelles il n'est survenu aucune opposition.

4^e Et du Chapitre VI titre V du livre premier du code civil concernant les droits et devoirs des époux.

Nous avons demandé au futur époux et à la future Epouse en présence des père et Mères des dits futurs et des témoins, s'ils veulent se prendre pour mari et pour femme chacun d'eux ayant répondu séparément et affirmativement nous avons prononcé au nom de la Loi que le dit Sr Amédée Jean Baptiste Leporquier Devaux (*sic*) et la demoiselle Charlotte Clotilde Joséphine Marie étaient unis par le mariage.

De ce que dessus nous avons dressé acte et signé avec toutes les parties contractantes les témoins et amis le tout après lecture faite.

Signé: A Le Porquier, Eug. Le Porquier, C. Marie, Demay, Ratel de Longueil, Chauvin, Meusnier, Marie, de Fiequelmont, J. Le Porquier, L. Le Porquier, Le Porquier, Groux et une signature illisible (*sic*).

Délivré conforme au Registre par le Greffier du Tribunal de première instance de Beauvais au Greffe séant au palais de justice.

A Beauvais le six Novembre mil huit cent quatre vingt dix-sept.

A. Bacquet

Vu par vous Fabignon Juge St.

Au tribunal civil de Beauvais

Agissant pour le Président empêché
pour légalisation de la signature
de M. Bacquet Greffier.

Beauvais le 6 Novembre 1897.

Fabignon.

Muito custou-me obter esse documento, e eis porque. Pensava que o nome de familia do marido de Clotilde era simplesmente *de Vaux*. Nessa suposição fui a Méru, logo que M^{me} V^e Maximilien Marie informou-me que fora nessa cidade que se efetuara o casamento de Clotilde. Mas nada achei. Comuniquei esse insucesso a M^{me} V^e Maximilien Marie; mas ela não soube dar-me maiores esclarecimentos. Foi nessas condições que as informações de M. Lazard e de M. Coyecque determinarão-me a ir a



Beauvais com a resolução de percorrer os *indices decenais do estado civil*. M. Lazard teve a gentileza de dar-me um cartão, apresentando-me a M. Roussel, director do Archivo departamental do Oise.

O Sr. San Juan, achando-se livre, acompanhou-me nessa excursão, e foi ele quem deu com a indicação do documento que buscavamos, procurando o nome *Marie* em um caderno onde eu nada encontrara sob os nomes *de Vaux e Devaux*.

Tivemos assim a explicação do malogro dos passos antes dados em Méru; o nome de familia do marido de Clotilde era *Le Porquier de Vaux* e não simplesmente *de Vaux*, e o assento do casamento, em nome do marido, estava sob a indicação *Le Porquier Devaux*.

Devo porem observar que as pesquisas que estavamos fazendo em Beauvais, nessa ocasião, acerca do Capitão Marie e de de Vaux nos conduzirião fatalmente a encontrar a certidão de casamento de Clotilde. Já tínhamos, de fato, verificado ahí que o Capitão Marie havia sido perceptor em Méru, que tivera por sucessor de Vaux, e estavamos procurando os documentos relativos a um e a outro. Ora esta indagação nos daria afinal o nome completo de Vaux. Teríamos todavia, até lá, perdido um tempo precioso.

Eis agora a certidão do casamento religioso de Clotilde:

EVÊCHÉ
DE BEAUVAIS

Extrait des actes religieux de la paroisse
de Méru déposés aux Archives de
l'Evêché.

L'an mil hui-cent trente cinq, le lundi vingt huit Septembre, après une seule publication des bans du futur mariage entre M. Amédée Jean Baptiste Le Porquier de Vaux, (*sic*) propriétaire, domicilié dans cette paroisse, fils majeur de feu Jean Baptiste Laurent Le porquier de Vaux, (*sic*) ancien secrétaire général de la préfecture de l'Oise, et chevalier de l'ordre royal de la Légion d'honneur et de Dame Marie Françoise Céleste Ratel de Longueil, sa veuve, domiciliée à Chaumont, chef-lieu du canton d'une part;



et Delle Charlotte Clotilde Joséphine Marie, fille mineure de M. Joseph Simon Marie capitaine aide-de-camp, retraité, officier de l'ordre royal de la Légion d'honneur et de D^{me} Henriette Joséphine de Fiequemont, ses père et mère, domiciliés dans cette paroisse d'autre part,

laquelle publication a été faite au prône de la messe paroissiale le Dimanche, treize Septembre, présent mois, sans qu'il se soit trouvé aucun empêchement civil ni opposition canonique au dit mariage, si ce n'est la publication des deux derniers bans dont les parties ont obtenu dispense de Monseigneur l'Evêque de Beauvais, je soussigné, Curé-Doyen de Méru, ai reçu ce jourd'hui leur mutuel consentement de mariage et leur ai donné la bénédiction nuptiale avec les cérémonies prescrites par la Ste Eglise Romaine en présence des parents et amis qui ont signé. Servatis aliunde servandis.

Suivent les signatures

a. Le Porquier

Guiblin.
curé-doyen

C. Marie

Alf. Le Porquier

De May (*sic*)

Eug. Leporquier.

Signature illisible.

Pour copie conforme
Le secrétaire de l'Evêché
D Pistorius

Desse enlace rezultou, segundo me informou M^{me} V^e Maximilien Marie, um filho que morreu ao nascer, tendo Clotilde muito padecido nessa ocasião. Não pude encontrar a certidão correspondente ao nascimento e obito dessa criança; de sorte que não consegui precisar a época de tal fato. Presumo, porém, que teve lugar em Julho ou Agosto de 1836, porque, nos Archivos departamentais de Beauvais, consta uma licença de vinte dias concedida a Amadeu, por causa da saúde da sua esposa, a partir de 11 de Julho desse ano.

Foi também nesse ano 1836, (a 16 de Setembro) que Amadeu obteve ser nomeado em substituição do Capitão Marie, o qual pediu a sua demissão. Eis aqui a cópia de um



documento que consigna esta sucessão e que tem, ao mesmo tempo, o valor de fixar o verdadeiro nome de família de Amadeu.

Le 5 Octobre 1836

A M. le Ministre des finances

M. le Ministre,

J'ai l'honneur de vous informer que le *Seur* de Vaux (*sic*) (Amédée) nommé par votre arrêté du 16 Septembre dernier percepteur et receveur municipal des contributions directes de la réunion de Méru, arrondissement de Beauvais, a justifié le 3 octobre courant du versement de son cautionnement et a prêté le serment prescrit par la loi du 31 Août 1830.

Je viens de le faire reconnaître en cette qualité par les maires des communes composant son arrondissement de perception.

Je vous ferai remarquer que, les véritables noms de ce nouveau comptable sont Le Porquier de Vaux (Amédée J. B.) au lieu de Devaux (Amédée).

Le préfet.

Informou-me M^{me} V^e Maximilien Marie que, a principio, Clotilde mostrou-se satisfeita com o casamento. Isto se depreheende de cartas que Ela escreveu a então a sua Mãe, disse-me M^{me} V^e Maximilien Marie. Mas é fato que já em 1837 profundissimos desgostos lhe dilaceravam o delicado coração, como o denúncia estas melancolicas palavras, escritas no seu exemplar da *JOURNÉE DU CHRÉTIEN*: «*Souvenir précieux de ma jeunesse, compagnon et guide des heures saintes qui ont sonné pour moi, rappelle toujours à mon cœur les cérémonies grandes et suaves de la chapelle du Couvent!...*» (VOLUME SAGRADO, p. 93).

Tais dados são suficientes para permitir-nos imaginar quanto deve ter sido aflietiva a vida conjugal de Clotilde: os seus padecimentos foram tanto mais cruciantes, quanto mais egregio era o seu coração. E, as fatalidades humanas lhe reservavam ainda dores mais intimas e mais acerbos, em troca da mais sublime das



missões ! Até então o seu martírio se concentrara no seu lar; aproximava-se, porém, o momento em que a sua desgraça ia expô-la, bem como os entes que lhe eram mais caros, aos azares de uma cruel publicidade !... « Era preciso que Ela experimentasse todos os sentimentos, mesmo no que eles têm de doloroso : é essa uma irresistível condição preliminar, naturalmente prescrita a todas os regeneradores da Humanidade », como lhe escrevia o nosso Mestre, referindo-se a si mesmo. (VOLUME SAGRADO p. 295).

De fato, a 15 de Junho de 1839, tres anos e nove mezes depois do seu casamento, Amadeu dezaparecia. Clotilde achava-se então em St Crépin, perto de Méru, em casa de um dos irmãos de Amadeu; de nada suspeitava. Só derão pela auzencia do perceptor tres dias depois. Clotilde foi surprehendida pelos agentes da policia que lhe vinhão pedir as chaves da sua casa, as quais estavam com o seu marido. Um irmão deste aeompanhou a autoridade. Arrombãrão-se as portas. Verificou-se então que o funcionario tinha queimado os documentos relativos aos anos da sua gestão.

Não me foi consentido ler o documento relativo a esta deligencia, por opôr-se a isto o regulamento do archivo. Apenas pude ser informado do que precede. Mas achei as publicações a que o fato deu lugar no *Journal de L'Oise*. Ei-las :

Noticia do dezaparecimento de Amadeu

JOURNAL DE L'OISE, Samedi. 22 Juin 1839.

MÉRU — M. L. D., perceptor, vient de disparaître, laissant un déficit dont on ne peut apprécier l'importance, parce qu'il a brûlé avant de partir tous ses papiers. Il se livrait, dit-on, à des opérations de banque, et plusieurs personnes perdent avec lui des sommes importantes; on dit qu'il y a jusqu'à des créances de 20.000 francs. Il était agent de la caisse d'épargne pour la succursale de Méru et avait heureusement fait peu de temps auparavant le dépôt des fonds versés entre ses mains. De nouveau rôles sont dressés en toute hâte pour remplacer ceux qu'il a arrachés. On peut juger de l'inquiétude que jette cet événement parmi les con-



tribuables qui n'ont pas soigneusement conservé leurs quittances, et qui peuvent être recherchés pour les trois années dont il a détruit tous les papiers.

Un mandat d'amener a été immédiatement lancé par le juge d'instruction de l'arrondissement contre le coupable dont le *...été envoyé à tous les parquets. On croit qu'il s'est dirigé sur un port de mer pour tâcher de passer aux îles Bourbon ou Maurice où il avait été déjà voyagé avant d'obtenir l'emploi dont il a fait un si mauvais usage. M. L. D. appartient à une famille des plus considérées du département. Son père a laissé de ces souvenirs qu'on invoque pendant plusieurs générations. Il appartient par alliance à une famille non moins honorable. Quelques jours avant la disparition il avait envoyé sa femme chez un de ses beau-frères pour opérer sans témoins l'œuvre de destruction. C'est seulement après sa fuite que la malheureuse femme a eu connaissance de l'état de ses affaires.

Nous ne pouvons nous dispenser de faire remarquer, à propos de la disparition du percepteur de Méru, tout ce qu'a de déplorable un mal que nous avons déjà signalé à bien de reprises et toujours inutilement. Le percepteur de Méru était un protégé de M. le Marquis de Mornay. Les dissidences politiques, on voudra bien le croire, ne nous aveuglent pas au point que nous admettions qu'il rejaillisse sur le puissant protecteur la moindre parcelle des torts du protégé, mais les résultats matériels n'en sont pas moins déplorables. Il n'y en a pas moins perturbation dans le service à la suite d'une interversion de pouvoirs. Lorsque M. L. D. a été nommé, ni le préfet ni le receveur général, du moins tout le monde ici le dit hautement, n'ont été informés de la substitution qui se préparait. Le fonctionnaire qui était alors dépositaire des deniers publics et qui avait eu le malheur d'attacher M. L. D. à sa famille, malheur sans égal pour un homme d'honneur comme lui, désirait lui transmettre son titre. Comme il est de coutume dans ce département, ce n'est pas à ses supérieurs naturels, aux dépositaires officiels du pouvoir qu'il a demandé cette

* Mot manquant dans la copie que nous possédons.— R. T. M.

faveur. Il savait qu'il n'obtiendrait rien : il s'est adressé au député. Le préfet et le receveur général n'ont été informés de tout ceci que par l'arrêté ministériel qui nommait un successeur au percepteur démissionnaire. Ils l'ont su juste à temps pour installer le protégé de M. de Mornay. M. de Mornay, nous en convenons, avait pour garantie dans cet acte de patronage le vœu de deux familles honorables. Mais lorsqu'il imposait à des fonctionnaires responsables un subordonné que ceux-ci ne pouvaient repousser, auquel ils n'avaient plus la moindre observation à adresser, M. de Mornay pouvait-il prendre en leur lieu et place, toutes les précautions que l'intérêt personnel, la responsabilité engagée leur auraient sans doute suggérées. M. de Mornay est-il un homme de finance, et pouvait-il apprécier la capacité financière du solliciteur qu'il préposait au maniement des deniers publics? Pouvait-il, lui, intermédiaire officieux, stipuler des garanties particulières au profit des chefs officiels du service? Peut-on soutenir aujourd'hui que ce malheur a éclaté, qu'avec la même estime pour les deux familles les autorités compétentes et responsables n'auraient pas montré plus de sévérité contre l'individu? Qui peut dire qu'elles ne se seraient pas prémunis d'une façon quelconque contre le malheur que les atteint, elles d'abord et ensuite tout le pays? N'eût-ce pas été là précisément leur premier devoir? Oui, si la filière des pouvoirs avait été suivie, il n'y aurait que justice dans la responsabilité matérielle et morale qui aurait pesé sur l'autorité. L'état, en reprenant ses deniers dans la caisse du receveur général, lui dirait avec raison : Rendez-moi compte de la gestion du dépositaire infidèle, c'est vous qui me l'avez présenté. La population inquiète, le contribuable auquel on va demander compte des 3 dernières années, celui qui la perte d'une quittance expose à payer deux fois la dette déjà soldée, pourraient élever une juste plainte contre l'incurie de l'administration, et lui dire : Celui qui nous dépouille était l'homme de votre choix. Aujourd'hui rien de cela n'est vrai, et tout se passera comme si c'était l'exacte vérité. La responsabilité matérielle existe et elle devient inique. La responsabilité morale tombera sur l'autorité, car le contribuable inquiet ne se rendra pas compte de l'impuissance où les chefs de service se sont trouvés contre le patronage



d'un député ; il sentira l'exigence du fisc, et rien de plus, et néanmoins s'il s'en prend à quelqu'un, dans son mécontentement trop bien fondé, ce sera au pouvoir qui n'en peut mais ; dont les agens publiquement accrédités sont obligés toujours de se croiser les bras et quelques fois de remercier.

Voilà donc à quoi aboutit ce déplacement anarchique de l'autorité. Or, toute garantie cesse pour le pays du moment où la hiérarchie des pouvoirs et la responsabilité des chefs de service deviennent un mensonge. A coup sûr il est piquant pour les contribuables du canton de Méru, eux qui sont si fiers du patronage hautement exercé par le noble marquis, que de graves inquiétudes leur viennent aujourd'hui, précisément à la suite d'un acte de son omnipotence. Et pourtant en cela M. le Marquis de Mornay n'a fait ni plus ni moins que ce qu'on doit raisonnablement attendre et de lui et de ses collègues, dès qu'ils se mêlent de la distribution des places et des faveurs. La mission des députés est de contrôler l'administration. Quand ils font acte d'administration, ils se trouvent insuffisants par la force des choses, et manquent à leur mission. Que devient en effet le contrôle à eux confié ? Il cesse, il disparaît au moment même où il serait le plus nécessaire. Le scrutin ne donne pas toute science, celle des hommes et des choses. Si parfois l'administration locale est trompée à travers toutes les difficultés dont elle se hérisse et malgré son expérience de tous les jours, à plus forte raison un député qui ne manie point les affaires, qui ne connaît guère des hommes de son département que la liste et l'opinion présumée des électeurs. Si l'administration se trompe, alors même qu'elle engage sa responsabilité, à plus forte raison le député qui n'engage rien, qui n'apporte dans l'exercice d'une autorité anormale qu'une seule idée, celle de sa réélection. Ses besoins électoraux peuvent répondre quelques fois aux besoins du service, c'est un hasard heureux, mais c'est toujours un hasard. Plus de spécialité dans le choix du personnel, plus de discipline parmi les fonctionnaires, plus de garantie pour le public, ni contre le mal courant ni pour la réparation du mal consommé, plus de contrôle de la part des députés qui veulent avant tout le respect de leur œuvre, et, dans le désordre du pays, voient d'abord leur candidature for-



tement organisée; voilà où nous en sommes; voilà ce que nous...* tout le patronage des députés; voilà ce qui a fait la molle complaisance des ministères précédents, et, nous le craignons bien, ce que ne changera pas plus que les autres le ministère du 12 Mai.

Transcrevemos esse artigo para que se tenha o quadro completo dos sofrimentos da Família Marie, e especialmente de Clotilde, por ocasião da catástrofe para que esta em nada concorreu. Por uma virtuosa obediência, aceitara Clotilde, ao sahir apenas da adolescência, o espozó que os seus pais lhe escolherão. Na sua dedicação pela filha, estes entregarão ao genro o emprego publico que constituia uma das bases da sua difficil existência material, e que a tanto custo obtivera o Capitão Marie. E o casamento realizado com tais sacrificios encheu de amarguras a existência de Clotilde, e acabava por uma infelicidade que era explorada contra os protectores dos seus. De sorte que tudo se juntava naquella desgraça; o dezamparo material e as mais pungentes aflições morais.

O Capitão Marie apressou-se em protestar contra as inexatidões desse artigo, no que concerne á nomeação abuziva de Amadeu. E Mr Meusnier, que fôra uma das testemunhas de Clotilde no seu casamento, juntou-se a este protesto, dando completas informações a tal respeito. Eis o texto desses documentos, bem como os comentários que sobre eles entendeu dever fazer o jornalista anonimo.

Reclamações do Capitão Marie e de M. Meusnier contra as inexatidões do artigo supra; replica do jornalista.

JOURNAL DE L'OISE. 29 Juin 1839. Samedi n. 53.

Notre article du 22, sur la fuite du perecepteur de Méru, a été le texte d'une double réclamation que nous allons reproduire.

* Mot manquant dans la copie, que nous possédons.— R. T. M.



A M. le Rédacteur du Journal de l'Oise.

Monsieur,

Je déclare que l'article de votre journal du 22 juin courant, concernant la nomination de M. L. D. à la perception de Méru, est inexact. Moi, malheureux père de la pauvre victime, j'ai demandé cette nomination à tous ceux qui pouvaient y concourir: ils ont consenti à m'aider; et si M. de Mornay l'a obtenue, c'est que le meilleur des hommes est toujours le plus puissant protecteur.

Je vous prie, Monsieur le Rédacteur, de vouloir bien insérer dans votre plus prochain numéro cette déclaration.

M***

Beauvais, le 28 Juin 1839.

Il y a dans le sentiment qui a dicté cette lettre un côté respectable, et la position de M. M*** mérite trop d'intérêt, pour que nous ne nous empressions pas de la publier, en nous interdisant toute réflexion.

A M. le Rédacteur du Journal de l'Oise.

Monsieur,

La disparition du percepteur de Méru vous a fourni l'occasion de diriger de nouvelles attaques contre M. le Marquis de Mornay. Depuis les élections je croyais cette guerre terminée, aussi ai-je été péniblement affecté à la lecture du numéro du Journal de l'Oise du 22 de ce mois. Si votre article n'eût présenté qu'une discussion de principes sur la hiérarchie des pouvoirs, sans acception de personnes, je me serais bien gardé de combattre une opinion ainsi formulée; mais il énonçait des faits erronés, et je sens le besoin de les relever dans l'intérêt de la vérité. Vous reconnaîtrez, j'espère, que vous avez été mal renseigné, et vous regretterez votre argumentation, quand vous verrez qu'elle péchait par la base.

Vous dites 1° que sans l'influence de M. de Mornay, jamais le percepteur de Méru n'aurait été nommé; 2° que L. D. savait qu'en s'adressant à M. le receveur général, *il n'obtiendrait rien*; 3° et que c'est à l'omnipotence du député que le canton de Méru est redevable des graves inquiétudes qui torment aujourd'hui les



esprits; et vous ajoutez: le trait est piquant. Je vois bien Monsieur, dans la fuite du comptable un grand malheur public; mais j'ai beau chercher, je ne puis rien trouver de piquant dans un pareil désastre.

L. D. gerait la perception de Méru depuis 15 à 18 mois, ¹ lorsqu'il en fut nommé titulaire. ² Cette gérance avait été consentie par M. le receveur général, ³ auquel on avait communiqué d'avance les conventions intervenues à ce sujet entre L. D. et M. Marie, alors percepteur. Un double de ces conventions a été déposé dans les bureaux de la recette générale.

L. D. occupait donc une position dans l'administration, lorsque M. de Mornay consentit à lui prêter son appui. Ce n'était pas un homme nouveau qu'il présentait au ministre, mais bien un employé déjà en exercice et en possession de la confiance de M. le receveur général, et s'il était vrai, comme on vient de me l'affirmer, que des notes déposées au ministère des finances et émanées de la recette générale de Beauvais, présentaient L. D. comme un homme capable et digne de la bienveillance ministérielle, on ne concevrait pas le besoin qu'on pourrait éprouver de faire peser sur M. de Mornay *seul* la responsabilité morale de la nomination; il semble que cette responsabilité devait être au moins partagée. Sans doute, il y a eu des difficultés lors de cette nomination, mais en voici la seule cause: Le ministre consentait à accorder une perception à L. D.; il lui reconnaissait des droits à cette faveur; mais il voulait l'envoyer dans une autre commune de l'arrondissement, pour ne pas consacrer le principe des successions dans les emplois de finances. Toute l'influence de M. de Mornay, s'est donc bornée à lever cet obstacle et à obtenir que L. D. remplaçât à Méru M. M***, son beau-père. J'attends de votre loyauté, Monsieur, l'insertion de cette lettre dans le prochain numéro de votre journal.

J'ai l'honneur d'être etc.

Meusnier, juge de paix.

Méru le 25 Juin 1839.

1 Ele a geria desde 21 de Agosto de 1834. Vide supra p. 63.

2 Foi nomeado a 16 de Setembro de 1836. Vide supra p. 68.

3 Vide supra p. 61-62.— R. T. M.

Nous n'avons jamais reculé devant les explications de fait nécessaires à la manifestation de la vérité. Il n'entre donc pas dans nos vues de faire subir non plus le moindre retard à cette seconde lettre. Mais nous n'avons pas les mêmes motifs pour nous interdire la réplique.

Et d'abord M. Meusnier s'étonne de ce que la crise électorale passée, nous insistons sur les inconvéniens du patronage que M. le Marquis de Mornay exerce dans son arrondissement; ce serait pour nous un plus juste sujet d'étonnement si M. Meusnier n'admettait pas comme nécessaire et conforme aux devoirs de la presse un contrôle incessant sur des actes de la vie publique pareils à ceux que nous signalons.

Nous n'avons d'ailleurs que peu de mots à répondre à la lettre même de M. Meusnier. Il a vu dans notre article précédent ce que nous avons évité d'y mettre. Nous avons parlé de sévérité contre l'individu, de garanties particulières qu'on eut pu stipuler vis-à-vis de lui. M. Meusnier nous fait dire que sans M. de Mornay il n'aurait jamais été nommé. C'est là nous le répétons ce que nous n'avons pas dit. * Ainsi les explications de M. Meusnier portent sur une interprétation de notre pensée, consciencieuse nous le pensons, mais erronée et fautive. Ce n'est pas à nous qu'il répond, c'est à lui-même. Ce que nous avons dit et ce qui est confirmé par la lettre de M. Meusnier, c'est que les autorités compétentes ne songaient pas à placer M. L. D. à Méru; ce que nous avons dit et ce que nous répétons, c'est que la responsabilité des chefs officiels de l'administration, responsabilité si nécessaire au pays qu'on devrait religieusement se garder d'un souffle qui pût l'effleurer, devient un mensonge et une injustice du moment où les chefs officiels ne sont pas libres dans leur action. Et certes il n'y a pas eu respect suffisant des devoirs et des droits de l'administration, lorsqu'en dépit d'obstacles fondés en raison, la protection d'un député a emporté pour un agent secondaire une double faveur; une place très productive, dès le début dans la carrière, et une infraction à la règle salubre qui interdit la succession dans les emplois de finances. Or,

* O jornalista nega o que disse. Vide acima p. 70-71. — R. T. M.



n'est-ce pas là l'œuvre de M. de Mornay ? nous nous en rapportons à la lettre de M. Meusnier.

Maintenant que nous veuillons faire peser la responsabilité morale de cette nomination sur M. de Mornay seul, non certes, ce n'est pas encore là notre intention ; et cette fois s'il faut compléter notre pensée, nous profiterons de l'occasion que nous en donne M. Meusnier.

Quand M. de Mornay donne une place, dispense une faveur, il joue son jeu ; la faute la plus grave est aux ministres, eux les soutiens naturels du pouvoir, qui l'avilissent par faiblesse, où le ruinent dans leur intérêt particulier. De bonne foi, est-ce le bien du pays, est-ce même une pensée d'équité naïve envers toutes les opinions, qui depuis sept ou huit ans inspirent à tous les ministères ces molles condescendances, pour tout député soigneux de montrer la boule noire, qu'il jette à propos dans l'urne ? Le bien du pays ! mais les ministres le cherchent-ils ailleurs que dans le triomphe de leur pensée politique ? Leur système est-il affaire de conscience ? Dès lors pourquoi fortifier les principes et les partis contraires ?

M. Passy vient d'accorder quatre nominations à M. de Mornay. Il croit donc utile d'augmenter dans le département l'influence de ce député ? Singulière contradiction pour un homme d'état. Il y a deux mois, si nous avons bonne mémoire, M. de Mornay se faisait le second de M. Barrot dans tous les pourparlers ministériels, et M. Passy rompait avec ses propres amis précisément au sujet de M. Barrot. C'est à raison de cette candidature au fauteuil de la présidence qu'il est sorti avec un petit groupe des rangs de l'opposition. Grâce à ce revirement inattendu nous avons vu la gauche qui se croyait maîtresse du pouvoir, à l'instant même où elle levait la main pour le saisir, glisser rapidement du haut du mât savonné où elle s'était hissée avec tant de peine. Et bien ! ce parti, cette opinion que M. le Ministre des finances a contribué plus que tout autre à refouler dans son ancienne impuissance, faut-il lui abandonner en détail et d'une manière occulte le pouvoir qu'on lui a arraché au moment décisif ? Est-ce là ce qu'on appelle la morale parlementaire ! Nous n'hésitons pas à le dire : livrer aux députés de l'opposition la distribution exclusive des emplois, c'est faire quelque chose



de pis que de leur abandonner officiellement le pouvoir; car on apporte à leurs théories l'appui des séductions ministérielles et on leur laisse toute leur popularité.

Depuis sept ou huit ans les majorités sont tellement faibles, tellement friables, qu'à tout moient les ministres craignent de les voir disparaître par la mauvaise humeur de quelques députés remuans. Tous voient dans un prochain avenir la dissolution du gabinet où ils ont eu tant de peine à se faire une petite position. Cette position il faut la sauver. Il faut se faire des amis particuliers qui plus tard facilitent des nouvelles combinaisons. Quand d'autres gouvernent on appelle cela de la corruption; quand on est au pouvoir, on en hérit sur ces traditions. Et puis un jour vient où ces manœuvres ont porté fruit, où les ministres sont devenus si forts, chacun à part soi, que le ministère tombe en charpie. Leurs amis particuliers, si chèrement achetés estiment qu'ils ont duré assez longtemps, que leur semestre est fini. La crise se déclare. On se rejette alors tout éperdu sur les opinions qu'on a desservies tout en les professant. On écrit en toute hâte aux préfets: «Combattez cette candidature» On se replie vers les députés qu'on a délaissés, froissés, annihilés; on fera tout pour eux. On tend la main vers le petit nombre de citoyens que n'ont pas découragés l'activité toujours récompensée de leurs adversaires, les négligences, les lâchetés ou les trahisons du pouvoir. On échoue, les majorités se dissolvent, Dieu sait alors où va le pays.

Percorremos muitos numeros do mesmo jornal consecutivos a esse, e nada mais encontramos a respeito de tão dolorozo acontecimento. Como, porem, só passei algumas horas em Beauvais, não posso considerar semelhante pesquisa como esgotada.

Segundo as informações que obtive de Mme Ve Maximilien Marie, o processo de Amadeu não foi avante. A autoridade limitou-se a tirar tudo quanto Clotilde possuía, reduzindo-a á mais extrema penuria. Os parentes do sen marido, que erão ricos, deixarão a desventurada



vitima ao dezamparo. Ela apresentou-se em caza dos seus pais com os estritos trajes que a decencia occidental impõe ao sexo feminino: sem um chapéu, uma eapa... *avec une jupon*, disse-me M^{me} Marie, acrecentando que eram expressões de Clotilde.

Nenhuma informação pude obter sobre o *triste paquet* a que alude a correspondencia sagrada. Apenas soube que Amadeu escrevera a Mãe de Clotilde, dizendo que nunca mais o verião; e que M^{me} Marie queimara essa carta, em virtude da qual supunha-se que ele se tinha suicidado. Entretanto a correspondencia sagrada faz supôr a existencia de varias cartas de Amadeu, escritas depois do crime, e então em poder de Clotilde.

Recordar-vos-ei essas passagens caraterísticas, porque elas nos dão os juizos do nosso Mestrê e da sua immaculada Inspiradora sobre Amadeu. Na sua carta da manhã de 19 de Outubro de 1845, o nosso Mestre escrevia a Clotilde:

« Mon absenec des Italiens m'a permis hier de consacrer ma soirée à lire avec soin votre triste paquet, que vous reprendrez Mercredi, si, comme je l'espère, rien n'empêche votre chère visite hebdomadaire. Quoique la nature de cet être n'ait jamais pu mériter la noble union qu'il avait obtenue, il me semble, au fond, encore plus malheureux que coupable. Autant que je puis ainsi pénétrer un caractère qui vise toujours à l'effet théâtral, je ne le juge radicalement avili que vers la fin, quand il s'est assez familiarisé avec sa fatalité. Il affecte trop le penchant au suicide pour y avoir succombé. Cependant, tout porte à croire que, d'une autre manière quelconque, il a terminé, depuis deux au trois ans au moins, sa déplorable existence. Une phrase de *l'avant dernière lettre* pourrait faire conjecturer qu'il a fini comme soldat, probablement prussien ou hollandais, si l'ensemble de son histoire ne paraissait contraire à une telle supposition. Peut-être doit-on surtout attendre des fils Bourbon et Maurice la preuve du dénouement, s'il est allé y ranimer d'anciennes relations, ou même y tenter les ressources spéciales d'une première inclination. En cas qu'on n'ait encore fait aucune recherche de ce côté, permettez-moi d'essayer cette voie. Au reste, quelque pénible que me soit cette lecture, je dois avoir le courage de la recommencer, afin de vous mieux servir.



« Elle a naturellement ravivé la profonde impression que me produisit votre touchante *Lucie*, et avec l'irrésistible surcroît d'énergie qui distingue toujours la réalité de la plus puissante fiction...

Na sua resposta, Clotilde dizia, em um *post-scriptum*:

« Vous me paraissent très bien avoir jugé l'*homme fatal*. C'était un pastiche en noir de Gil Blas. »

Clotilde tinha pouco mais de vinte e quatro anos quando ocorreu a sua catástrofe conjugal. Si a sua infeliz situação domestica e os cortatos sociais não lhe tivessem ainda patenteado a profunda decomposição, política e moral, em que se achava o Ocidente, a sua desgraça era de natureza a não deixar-lhe iluzões a tal respeito. Não sabemos si já então as suas crenças religiosas se haviam desmoronado de todo, ou si forão as novas provações que se seguirão a esse infortunio que a conduzirão ao septicismo voltairiano. Mas os antecedentes da sua família materna, e o espetáculo do seu meio, dolorosamente refletido na literatura contemporânea, tornavam bem difficil que uma alma superior não sentisse o esgotamento radical das crenças catolicas. Seja como fôr, si as decepções, ainda mais erueis, que depois encontrou na vida e o pleno surto da sua emancipação mental jamais a fizeram desconhecer o que havia de grande nas tradições medievais, é claro que outras não podião ser as suas disposições no inicio do seu dezamparo. A teoria da natureza humana que lhe fornecera o Catholicismo, bem como a sua própria experiência, a devião conduzir, desde essa epoca, a encarar a sua situação conforme a apreciação que Ela attribui a *Lucia*:

« C'était heureusement une de ces nobles femmes qui acceptent le malheur plus facilement qu'une transaction honteuse. Son intelligence élevée lui montra sans voiles sa situation: elle comprit qu'elle ne devrait l'intérêt des hommes qu'à sa beauté; elle pressentit les périls que courent de douces sympathies, et voulut tirer d'elle seule tout adoucissement à son sort. Cette courageuse résolution étant prise, la jeune femme ne pensa plus qu'à l'exécuter. »

Podemos igualmente attribuir a essa epoca o seguinte juizo emitido na sua carta de 25 de Outubro de 1845:



« Non, le gros des hommes n'est ni bon ni généreux. Il faut à notre espèce plus qu'aux autres des devoirs pour faire des sentiments. Combien il y a d'égoïstes au delà du cercle de la famille ! »

Quanto ao grau do seu septieismo religioso, pareceu assás caracterizado por este trecho da Lucia:

« Un sentiment indestructible, une douce et sainte amitié d'enfance sauva d'abord à ce noble cœur les amères douleurs de l'isolement. La philosophie, si mesquine et si aride dans les âmes égoïstes, développa ses magnifiques proportions dans celle de la jeune femme. Pauvre, elle trouvait le moyen de faire le bien: elle allait rarement dans les églises, où la frivolité a établi ses comptoirs; mais on la rencontrait souvent dans les mansardes, où le malheur est fréquemment réduit à se cacher comme la honte. » (POLITICA POSITIVA, I, *Complemento da Dedicatória*, p. XXIII-XXIV).

Depois do desaparecimento de Amadeu, a família Marie não intentou nenhum processo para obter o desquite: todo o seu esforço resumiu-se em procurar lançar no olvido o que se tinha passado. M^{me} Marie disse-me que, segundo as informações que ouvira, foi o jogo a causa da perdição de Amadeu. Que ele era de bom natural e meigo com as crianças.

Na correspondência sagrada encontra-se a seguinte indicação biográfica que deve ser recordada aqui. Na sua carta de 2 de Março de 1846, Clotilde diz:

« J'ai reçu ce matin une lettre de ma cousine aux poires de qualillard. Je m'en veux de la définition, mais c'est que je erois qu'elle seule peut vous rappeler la personne. *C'est la femme avec laquelle j'ai été si liée pendant les deux années qui ont suivi mes malheurs.* Elle peut bien me servir de point de comparaison pour la différence dont je vous parle en commençant ma lettre. (...je sais très bien la différence qui caractérise les amitiés de mêmes sexes et de sexes différents). La pauvre femme m'apprend que sa fille de quatorze ans est très malade d'une *bronchite aiguë* à la suite d'une rougeole. Ils ont appelé les fameux en consultations, mais elle à l'air inquiet: et certes son égoïsme se concentre bien sur sa euvée; aussi je la plains du fond du cœur. »



Em fins de 1841, M. Maximilien Marie veio estabelecer-se em Paris. Não sei si até então os seus pais permanecerão em Méru, e si Clotilde ahi ficou depois do seu infortunio conjugal, durante este intervalo, que constituiu pouco mais dos *dois anos que se seguirão á sua desgraça*. Não pude esclarecer directamente esse periodo da vida da immaculada Inspiradora da nossa Religião.

Disse-me, porem, M^{me} Ve Maximilien Marie que, cerca de dois anos antes do casamento de M. Maximilien Marie, o qual efetuou-se em Janeiro de 1844, Clotilde passára a morar com este em Paris. Donde se conclui que Clotilde achava-se na santa Metropoli desde fins de 1841 ou principios de 1842. Rezidião ambos sós na rua Luiz Felipe. Os seus pais moravão então na rua Miromesnil. Não consegui saber as causas. O conjunto destas indicações autoriza-nos a pensar que se applica a tal periodo este trecho da *Lucia*:

«Deux années s'écoulèrent sans qu'aucun événement vint changer cette situation étrange et malheureuse. Le temps, qui ne fait qu'accroître les grandes douleurs, avait ruiné peu à peu l'organisation brillante de l'orpheline. À son courage héroïque, à ses efforts persévérants pour rester dans le rude chemin qui lui était tracé, commençait à succéder un abattement profond.» (POLITICA POSITIVA, I, *Complemento da Dedicatória*, p. XXIV).

Clotilde não havia experimentado até então as mais fortes emoções do amor. Cazada por virtuosa obediência aos desejos dos seus pais, o marido não lhe offereceu dotes capazes de inspirar-lhe posteriormente paixão. Com a resignação e o devotamento que constituem o sublime apanagio do sexo feminino, Ela se conformara com o seu destino, esperando encontrar, nos encontros da maternidade, compensação para os seus infortunios conjugais. Mas a conduta do espozou veio tornar-lhe para sempre impossivel esse incomparavel lenitivo á sua sorte, a menos que Ela não se resolvesse a calear aos pés as leis do seu paiz e os santos preconceitos morais partilhados pela sua familia.

Não podia ser mais melindrosa a situação de uma mulher, bela, moça, enlevada, pelos mais puros ideais medievos, e sentindo o coração transbordar de afetos



sem destinação precisa. As suas crenças religiozas achavão-se mais ou menos aniquilladas, e com elastinhão dezaparecido as bases sistematicas dos grandes principios morais que a educação lhe inculcava. Em torno de si agitavão-se os mais subversivos principios acerca da ordem domestica. Os que menos a atacavão, pregavão o divorcio como a solução das desgraças provenientes da dezharmonia conjugal; tal era a opinião comum entre os espiritos liberais. Metade do Ocidente, — as nações que parecião mais adiantadas, — justificavão, desde o XVI seculo, similhantes doutrinas, sancionadas pela revolução franceza. Os codigos impedindo tal sahida, os homens mais audazes e os menos escrupulosos preconizavão as uniões ilegítimas como a reparação do que parecia uma iniquidade legal. Uma mulher eloquente tornara-se o órgão de tais aberrações. E os argumentos metafizicos em que se baseava esse ataque contra a indissolubilidade do casamento, a mais precioza das conquistas humanas, parecião irrefutaveis sem recorrer ás crenças teologicas totalmente desprestigiadas.

Tal era o meio moral e intellectual em que se achava Clotilde no momento em que a sua situação pessoal e o estado da sua alma a predispunhão á revolta contra a ordem social. Tudo indica que, depois da sua catastrophe, Ela formara o proposito de abafar no seu coração ás afeições que não podião ter surto, sem pôr a sua felicidade em antagonismo com a sociedade e as opiniões morais dos seus pais. Mas, ninguém é livre de amar ou não, quando encontra objetos dignos de amor, como não é livre de repugnar ou não, quando depara com entes repulsivos. Um coração só não ama enquanto não descobre um ente capaz de corresponder aos seus votos mais nobres. Até então, o vazio em que a alma se sente traz-nos em uma inquietude indefinivel, que nos torna desgraçados em meio de todos os outros elementos de felicidade. Portanto nenhuma alma normalmente organizada pôde formar o projeto de jamais amar.

O amor, como todos os nossos pendores afetivos, só pôde inspirar-nos desejos, sem descobrir os meios de satisfazê-los. Ao espirito compete investigar em torno de nós qual o objeto que corresponde ás vagas emoções que tumultuão em nosso cerebro. Ele offerece então ao coração todas as imagens que recebe do exterior ou



póde elaborar; e é o sentimento quem aprecia, mediante a experiencia, si essas imagens ou os seres respectivos correspondem ou não aos seus anhelos. Similhante experiencia consiste em determinar-nos espontaneamente a rezumir a nossa vida em torno do ideal assim construido ou revelado, quer pela intelligencia própria, quer pela fé. Si essa coordenação é possível, o nosso cerebro torna-se o teatro de uma incomparavel harmonia da qual rezulta o bem estar supremo constitutivo da felicidade. No cazo contrario, surgem as *decepções* e as *deziluzões*, e o coração, de novo vazio, instiga o espirito á pesquisa do seu ignoto ideal.

Mas, para bem julgar desse sublime phenomeno, é necessario, por um lado, tomar em conta a multiplicidade da nossa constituição afetiva; e, por outro lado, reconhecer que o problema da felicidade não comporta sinão uma solução altruista. Sob o primeiro aspeito, existindo diversos instintos egoistas e varios pendores altruistas, o homem vê-se a todo instante solicitado em direções encontradas, por desejos mais ou menos energicos. A felicidade torna-se, pois, impossivel sem que todos esses desejos se coordeneem, subordinando-se a um preponderante. Mas qual deve ser ele? Suficientemente satisfeitos os desejos correspondentes a certos instintos, os movéis superiores a eles, quer egoistas, quer altruistas, tendem a prevalecer a seu turno. Unicamente atendendo á solicitação do momento, o homem sente-se disposto a considerar a sua felicidade como consistindo na expansão do pendor que prevalece na ocazião. A felicidade parece pois dever rezidir na faculdade de entregar-se a todos os caprichos; a *inconstancia* se afigura então uma fatalidade inherente a nossa constituição moral. A sistematização de tal estado póde oferecer-se, ás naturezas mal organizadas, como um ideal, conforme o propoz a *mais imoral das seitas provenientes da anarchia moderna*. Mas, a vida social seria então impossivel, porque o mesmo desejo póde simultaneamente surgir em muitos individuos, em relação ao mesmo objeto. E a posse deste acarretaria, como no inicio da civilização, a luta entre os pretendentes, comprometendo a felicidade de todos, sem permitir a felicidade de ninguém.

É pois indispensavel, para a felicidade, que um dos



pendores morais se torne preponderante e subordine a si todos os outros. Ora, a experiência individual é insuficiente, mesmo com a mais longa vida, para permitir a decisão de qual dos instintos deve prevalecer. A natureza humana é constituída sob o mesmo tipo em todos os membros da nossa espécie. As diferenças individuais só resultão de diversidade nas intensidades de atributos comuns. Assim as condições fundamentais da felicidade para um indivíduo são as de todos os outros. Porém, a vida individual é demasiadamente curta para patentear tais condições, porque estas dependem, não só da nossa natureza, mas também da nossa situação. E, sem conhecer uma e outra suficientemente, não é possível determinar qual o desejo que deve prevalecer, nem os meios de conseguir a sua supremacia. Acrece, além disso, que a energia dos moveis egoistas dificulta em extremo o estudo de nós-mesmos; de sorte que é na observação dos outros que devemos adquirir luzes sobre o nosso próprio eu.

Cumpre também observar que todas as descobertas capitais só podem ser efetuadas pelas naturezas de elite que resumem a cada momento a evolução da nossa espécie. Seria tão absurdo admitir que as condições definitivas da felicidade pudessem ser desvendadas pelas almas vulgares, como supôr que a geometria geral puderia ter sido instituída pelo comum dos matematicos. Só o que é acessível á massa popular é a verificação da exatidão das descobertas dos santos, dos cientistas, e dos filozofos, mediante uma experiência sincera e criteriosa. Mas essa contraprova universal é o supremo criterio da realidade e da utilidade das conquistas humanas de qualquer natureza, quer morais, quer teoricas, quer technicas.

O problema da felicidade não era pois succetivel de ser rezolvido na faze preparatoria da Humanidade. Era indispensavel que se tivesse acabado o pleno desenvolvimento de todos os nossos atributos, de modo a patentear o verdadeiro carater deles, para que tal solução fosse possivel. Até lá as *decepções* e as *deziluzões* erão fatais. Mas o reconhecimento mesmo de tal verdade, como todos os principios fundamentais, só podia ter lugar após uma experiência secular. Até então, as melhores naturezas se entregarião a essa pesquisa como a



que mais nos interessa; e foi ela que conduziu aos diversos sistemas religiosos.

Assim a energia dos instintos egoistas começou por fazer crer que a felicidade dependia da satisfação de todos os nossos instintos perpetuamente, conforme o atestão os tipos divinos construídos na faze politeísta. E, como essa satisfação era evidentemente impossível na Terra, as teologias a transportarão para uma existência sobrenatural. A medida que o desenvolvimento social foi determinando a purificação do egoísmo e a exaltação do altruísmo, também o ideal da existência sobrenatural foi se enobrecendo. A Humanidade foi concebendo a vida futura como de mais em mais desprendida das necessidades mais grosseiras, isto é, foi modificando a sua apreciação das condições da felicidade eterna. Essa extrema simplificação encontra-se no tipo da bem-aventurança católica. Então a felicidade é considerada como não sendo suscetível de alcançar-se na Terra; mas o seu ideal continua a ser egoísta, devendo mesmo esse desejo egoísta da salvação individual ser o móvel da resignação com que o homem sofresse as amarguras deste vale de lágrimas. Tal é o terrível programa que se resume nestes versos de Corneille, parafraseando a *Imitação*:

Apprends de cet exemple à desserrer les nœuds
Par qui l'affection, par qui le sang te lie,
Ces puissants et doux nœuds qui font aimer la vie,
Et sans qui l'homme a peine à s'estimer heureux.
Quitte un ami sans trouble, alors que Dieu l'ordonne;
Vois sans trouble un ami te quitter à son tour;
Comme un bien passager regarde son amour;
Sois égal quand il t'aime et quand il t'abandonne.
Ne faut-il pas enfin chacun s'entre-quitter?
Où tous les hommes vont, aucuns ne vont ensemble;
Et devant ce grand juge où le plus hardi tremble,
Le roi le mieux suivi se va seul présenter.

(*Imitação*, livro II, cap. IX.)

Depois que as crenças católicas se aniquilaram, o problema da felicidade poz-se de novo. O vulgo dos filósofos continuou, porém, a procurar-lhe uma solução egoísta. Foi d'aí que resultou a moral metafísica do *interesse bem entendido*, desconhecendo toda a espontaneidade altruísta na constituição da nossa alma, conforme o ponto de vista católico. A escola enciclo-



pedica de Hume a Diderot não partilhou de tal aberração, quanto á inateidade das nossas propensões benevolas. Mas julgou tambem a felicidade como impossivel sem a satisfação dos instintos egoistas em um grau muito alem daquelle que o Catholicismo proclamara como requerido pela virtude. As concessões a tal respeito concernirão sobretudo ao instinto sexual, cuja satisfação era mesmo reputada indispensavel, não só á saude individual, mas á plenitude da mais intima sympathia entre os dois sexos. Dahi rezultava considerar-se a castidade, não só uma virtude difficil, mas mesmo como uma pratica inexequivel ou nociva á vida. A desmoralização crescente do clero, a teoria catolica da nossa natureza, bem como a apreciação geral do sexo feminino, justificavão aliás essa fatal iluzão. Tal é, ainda hoje, não só o ponto de vista medico habitual, como a opinião dos livres pensadores que não são positivistas.

O resumo de tudo que procede é que o problema da *felicidade* estava sem solução sistemática para as almas emancipadas, quando Clotilde o viu erguer-se diante de si, circundado das mais cruciantes sugestões da desgraça e da anarchia. Mas, para sentir toda a dificuldade da questão, cumpre notar que em virtude das imperfeições da nossa natureza e da nossa situação, o surto decisivo dos instintos altruistas acha-se ligado, *no desenvolvimento espontaneo*, ás exigencias do instinto sexual. No homem, similhante dependencia resulta não só da fraca atividade dos pendores simpaticos, como por ser o instinto que espontaneamente coloca o adulto em condições de sofrer a influencia moralizadora do sexo feminino. Quanto á mulher, cuja superioridade nativa a izenta diretamente das fortes sugestões desse pendor, a sua influencia perturbadora faz-se sentir pela conexão que ele tem com as satisfações da maternidade. Mas, alem disso, ele constitúi, com o instinto nutritivo, na faze preparatoria da evolução da Humanidade, a base da ação moralizadora da mulher sobre o homem. O predomínio de similhante instinto pareceu, até Augusto Comte, tão indomavel, que o amavel S. Paulo não encontrou outro fundamento para legitimar o casamento, sinão a necessidade de regular essa propensão, como se vê no capitulo VII da primeira Epistola aos Corintios.



Sem entrar em grandes desenvolvimentos a tal respeito, devemos assinalar os motivos dessa fatal subordinação. A cultura afetiva começa, na criança, pela *veneração*, despertada pelas reações do instinto nutritivo. O desenvolvimento do *apego* e da *bondade* realiza-se assim, na infância e início da adolescência, sob o acendente materno. Porém, esse predomínio mesmo da *veneração*, a diferença das idades, e o conjunto das circunstâncias em que os pais se achão em relação aos filhos não permitem entre estes e os seus progenitores uma inteira identificação afetiva. Chegados a certa idade, o homem e a mulher experimentão a necessidade de afetos mais íntimos, mais exclusivos, de uma mútua harmonia mais intensa. É isto consequência, abstrahindo das relações egoístas, das exigências mesmo dos instintos altruístas, e especialmente o *apego*. Ora, esse pendor, que é a fonte da *amizade*, ou união entre os *iguais*, não comporta plena satisfação entre mais de dois indivíduos; e, em segundo lugar, entre dois indivíduos de sexos diferentes.

De fato, a inteira amizade supõe a máxima homogeneidade entre as almas, de modo a permitir a sua identificação. Ora, como a igualdade não existe entre dois indivíduos, a completa harmonia afetiva deles requer que as suas naturezas sejam *complementares*, de modo a evitar de antemão o máximo de atritos possíveis. Entre indivíduos do mesmo sexo, esta condição não pôde se dar: os seus instintos egoístas, abstrahindo de qualquer grosseria, e os seus pendores altruístas não encontram então objeto capaz de absorvê-los mutuamente. Pelo contrário, a sua natureza e a sua situação os expõe a frequentes motivos de choque. De sorte que o tipo de uma profunda amizade, extreme de rivalidades, mesmo conjecturais, só se pôde encontrar na união de um homem e uma mulher eminentes, abstrahindo, repetimos, de qualquer sensualidade.

A vista disto, percebe-se quanto são caapeiozos os sofismas inspirados pelo instinto sexual. Pois que a condição indispensável ao pleno surto da mais pura simpatia — isto é, a união entre um homem e uma mulher, — coincide espontaneamente com a que torna possível a inteira satisfação de tal instinto. É isto que explica a ilusão secular, que não foi dissipada senão por nosso



Mestre, e só depois que a sua regeneração moral produziu todos os frutos que lhe são inherentes.

Tal é o ponto capital na apreciação da vida dos nossos Pais espirituais. Sem ter refletido no papel que coube, durante a fase preliminar e portanto espontânea da evolução da Humanidade, aos dois pendores egoístas inferiores, — o instinto nutritivo e o instinto sexual, — é impossível ajuizar da incomparável grandeza moral dos Fundadores da Religião definitiva. Eis porque devemos, embora sumariamente, assinalar as condições em que se operou o surto afetivo da nossa espécie, até que o nosso Mestre sofresse a influencia regeneradora de Clotilde.

O exame aprofundado da historia patenteia que o principal fator da elevação gradual da nossa especie tem consistido invariavelmente na influencia feminina. Similhante verdade é hoje incontestavel, não só quanto á evolução afetiva, fonte de todos os progressos quaisquer, mas tambem quanto ao primitivo surto das nossas faculdades esteticas e teoricas, como das nossas aptidões technicas. Tornada, pela sua natureza e pela sua situação, o mais dependente e o mais devotado dos entes conhecidos, a mulher não poderia subsistir sem uma ação moral sistematica sobre o homem. Era indispensavel que ela conquistasse a benevolencia do seu companheiro, que ela lhe prescrutasse os refulhos do coração, para ver os meios de superar a sua inconstancia, transformando em perene dedicação os raros lampejos do seu altruismo. Cumpria-lhe precaver-se contra a versatilidade dos desejos masculinos, multiplicando os recursos que o homem lhe fornecia, nos seus rasgos de generosidade. Foi sob a pressão dessa situação, que o altruismo da mulher, continuamente superecitado, conduziu a sua intelligencia a apanhar empiricamente, não só as principais leis morais, mas tambem as primeiras leis intellectuais e fizicas. Ela esboçou assim a moral, a poesia, a sciencia, e a industria, enquanto o homem, subjugado pelo instinto nutritivo, pelo instinto destruidor e pelo orgulho, tentava dominar, pela força material, o Planeta e as especies rivais.

Graças a esse influxo suave da mulher e a essa rude ação do homem, a natureza masculina e a situação planetaria melhorarão sufficientemente para permitir a



conservação dos velhos. Desde então, ao lado da influência moral do sexo feminino, não tardou a surgir o prestígio intelectual dos anciãos, que veio permitir o *surto publico* das conquistas civilizadoras realizadas pela mulher com um tito *domestico*. Semilhante expansão exigiu que o acendente dos velhos prevalecesse no conjunto do organismo social, mediante a formação do *sacerdocio*. O orgulho masculino tendia aliás a determinar a aspiração a esse acendente. E, não podendo concorrer com a mulher na influencia direta sobre o coração, os velhos procuráram suprir a sua deficiência afetiva pela preeminencia intelectual, de que as funções maternas, conjugais, e filiais afastavam a mulher, não menos do que a sua espontanea supremacia sentimental. Por outrolado, o conjunto da natureza feminina fez com que o sexo amante aceitasse o predomínio sacerdotal e se tornasse o seu principal apoio, em vez de ceder ás inspições de qualquer rivalidade. Comprohende-se assim como foi facil ao orgulho masculino outorgar ao espirito a primazia no conjunto dos atributos humanos.

Mas, para atuar sobre o homem, a primeira condição era evidentemente que a mulher pudesse contribuir de modo capital e exeluzivo para satisfação de qualquer dos pendores que constituem a nossa natureza moral. Já mostramos que, considerando as exigencias dos nossos atributos mais nobres, é só na união entre o homem e a mulher que se pôde encontrar a felicidade. Porem, na situação inicial, em que o egoismo é energico e o altruismo estremamente debil, em que a séde planetaria ainda mais superecita a nossa personalidade, o homem não podia apanhar semelhante verdade. A mulher era para o homem, como tudo mais, e mais do que tudo até, um objeto de dominação, antes do que de afeição. Para conceber quanto era precaria então a sorte da Humanidade, basta reparar que, entre os instintos egoistas, aquele que, no estado adulto, *espontaneamente* comporta as maiores reacções altruistas entre os dois sexos, achava-se habitualmente entorpecido, como acontece no conjunto das especies que o possuem. De sorte que os momentos em que o homem adulto podia sofrer a influencia da mulher constituíam raros epizodios. Entretanto, *dada a situação primitiva*, esse instinto era o *unico* que punha a influencia feminina fóra de qualquer concorrência,



como não encontrando satisfação normal sinão na reprodução da espécie. Apesar disso, é sabido a que degradações a inteligência masculina expoz a espécie humana, depois que as fatalidades sociais determinarão o despertar de tal pendor.

Nestas tristes condições, a mulher primitiva viu-se na necessidade de bazear a sua influencia sobre o homem adulto, na lizonja dos instintos egoistas dele, coordenados em torno do mais perturbador dentre estes. De fato, a experiencia patenteava em breve á mulher que as nossas satisfações egoistas comportão reações *altruistas*. E então, levada pelo empirismo, apesar de perceber os perigos da ecitação dos pendores pessoais, que a tornavam frequentemente vítima da grosseria masculina, ela esforçou-se por desenvolver a ternura do homem pelos unicos meios que lhe parecião ao seu alcance. Foi só assim que a influencia feminina, a principio quasi exclusivamente materna, e abrangendo portanto um periodo extremamente limitado, foi tendendo a tornar-se conjugal e filial; e a abraçar a totalidade da vida humana. São esses antecedentes do primitivo surto da influencia feminina que explicão a humilhante lenda pela qual a teocracia pretendeu sistematizar a subordinação da mulher ao homem, e que o Catolicismo aceitou até hoje como base da jerarchia entre os sexos.

Para perceber toda a efficacia dessa sabedoria intuitiva da mulher, convem notar que ela fornece o tipo inicial de que a moral catolica representa o pleno e o mais admiravel dezabrochamento. Com effeito, quando S. Paulo fez repouzar a pratica das mais sublimes virtudes no dezejo de conquistar o Céu e no medo das penas eternas, elle não fez sinão seguir o mesmo metodo moral que a mulher instituiu no mais remoto fetichismo. Em um caso como no outro, se apoia sobre o egoismo para conseguir a expansão do altruismo. Apenas o incomparavel Apostolo encontrou a Humanidade, graças ao acendente continuo da mulher, especialmente na civilização romana, em um grau de delicadeza moral, mental e pratica que permitiu tornar a perspectiva dos gozos e terrores ficticios assás energica, para contrabalançar as satisfações egoistas reais. Ao passo que a mulher primitiva teve de recorrer a solicitações egoistas grosseiras, para despertar e vigorar o tenuissimo altruismo do homem. E si consi-



derar-se que, até Augusto Comte, foi impossível planejar o surto do altruismo sem esses recursos ao egoísmo, se avaliará quanto era inevitável semelhante evolução. Mas, por outro lado, sente-se também quanto é sublime a natureza feminina que só tornou possível a surpreendente regeneração do maior dos homens.

De fato, si antes da influencia dela, já os principais sofismas inspirados pelo instinto nutritivo estavam dissipados na elite das naturezas emancipadas, o mesmo não acontecia com o instinto sexual. Assim o nosso Mestre, não só já havia suprimido então os principais ecitantes, como já havia reconhecido mesmo a efficacia moral e mental do *jejum*. Mas as iluzões morais e teoricas do pendor sexual erão ainda universais, tanto mais quanto ele fôra até então considerado pelo Catolicismo como o mais difficil de superar, para conseguir a diciplina dos nossos instintos egoistas. E essas iluzões só forão dissipadas por nosso Mestre depois de sofrer a influeneia regeneradora de Clotilde.

Resta-nos finalmente assinalar uma ultima difficuldade que a resolução do problema de *felicidade* oferecia, e que consiste na necessidade de conciliá-la com o *dever* ou a *virtude*. Examinando o que em todos os tempos e lugares se entendeu por esses vocabulos, percebe-se que eles designão o concurso que cada individuo tem de prestar para a existencia social. A noção dessa existencia tem variado no decurso da evolução humana; e são essas variações que determinão as diversidades na apreciação do *dever* e da *virtude*. Atravez, porem, dessas variações se reconhece que o *dever* ou a *virtude* consistem em subordinar voluntariamente as nossas sugestões egoistas ás nossas inspirações altruistas. Tal subordinação requer em geral esforços pouco consideraveis; mas, em muitos casos, custa os mais heroicos sacrificios das nossas propensões pessoais. E como se tem da felicidade a noção orgulhosa e absoluta que faz supôr que ser feliz é nada sofrer, é-se vulgarmente levado a pensar que ha conflito entre o *dever* e a *felicidade*. Porque a felicidade se afigura depender da satisfação da nossa inclinação pessoal do momento, e o dever exigir a repressão de semelhante pendor, para adotar o partido da dedicação a outrem. Só o Positivismo, introduzindo a ponderação nas nossas aspirações morais como nas nossas pretensões



intelectuais, patentearia que, ambicionar a felicidade sem amarguras, é tão chimerico, como projetar a sciencia sem ignorancia.

O que precede não basta ainda para dar um esboço completo do problema moral na epocha em que Clotilde veio para Paris. Com effeito, não só se acreditava no conflito, mesmo permanente, entre o *dever* e a *felicidade*, mas tambem se julgava que o sentimento e a noção do dever dependião sobretudo do desenvolvimento intelectual. Era isto que se exprimia dando a supremacia da dignidade ao espirito sobre o coração, na jerarchia dos attributos humanos. Como só a intelligencia é que pôde offerecer ao sentimento os objetos capazes de corresponder aos seus anhelos, acreditava-se que a maior parte da *noção*, da *consiencia*, e do *prazer* do dever cabia ao espirito. Isto era assim, para aqueles que reconhecião a inãteidade das propensões benevolas. Porque os partidarios da teoria do *egoismo bem entendido*, esses concedião á *razão* todo o merito no conhecimento, na pratica e no gozo da virtude. De sorte que confundia-se a aptidão de procurar e offerecer que toca ao espirito, com a de anhelar e *escolher*, que é a deciziva e que pertence ao coração. Esquecia-se que o espirito só procura e só offerece objetos para satisfazer os desejos do coração; de sorte que toda iniciativa e toda resolução pertencem ao sentimento. Tal era a ilusão que ainda hoje se condensa na formula vulgar: *subordinar o sentimento á razão*, a qual, na realidade, para as almas de elite, quer dizer: *subordinar o egoismo ao altruismo*.

Essas reflexões sumarissimas proporcionão, segundo creio, uma idéia sufficiente da situação do problema moral que se offerecia á Clotilde, desde que Ela perdera as suas crenças religiosas. Depois da sua catastrophe conjugal, o Conde de Ficquelmont convidou-a para a sua companhia; mas Ela agradeceu o nobre offerecimento, porque a accitação crearia obstaculos aos seus projetos. * Vi-

* Talvez se refira a este fato a seguinte allusão da correspondencia sagrada:

«Quoique je vous aie, sans doute, beaucoup plus devinée jusqu'ici qu'observée, les renseignements spéciaux ne m'ont pas plus manqué pour vous juger que les principes généraux. Il me suffit aujourd'hui de vous

tima inocente das imperfeições da ordem social e da anarquia do seu século, Ela planejara contribuir, na medida das suas forças, para a regeneração da sociedade. Nesse intuito resolvera consagrar o resto da sua vida á atividade literaria, assinalando ás almas generosas ós males que tão amargamente pezávão sobre o seu destino, e apontando os remedios que elles lhe parecião compor-tar. Na sua propria Mãe encontrava Ela um exemplo desse nobre emprego eccepcional da atividade feminina. Similhante genero de vida, pensava Ela, lhe proporeio-naria tambem a unica felicidade ao seu alcance e os modestos recursos materiais indispensaveis á sua parca subzistencia. Ora, a sua inteira independencia pessoal era a baze iniludivel para a realização de tão santa missão.

Balda, porem, de notavel instrução especial, os seus projêtos não inspiravão confiança aos seus. Era natural que elles se sentissem assaltados pela perspectiva dos perigos que corria a Filha idolatrada em uma carreira tão cheia de abismos. A independencia podia ser uma chimera; e a prosecução da sedutora miragem bem podia só acarretar-lhe sucessivas e cada vez mais amargas decepções. Em uma palavra, a familia de Clotilde não descobriu a superioridade da incomparavel creatura que dezabrochava no seu seio. Como era de esperar, simi-lhante engano tornou-se a origem de novas torturas para a desventurada Senhora e para os pais e irmãos que a estremecião. Triste fatalidade que seja tão fre-quente, na angustioza evolução da Humanidade, os conflitos dessa natureza!..

Foi ao iniciar os seus vinte e cinco anos, como vimos, que Clotilde sentiu cahir sobre si o infortunio, sem o qual talvez não tivesse procurado, na existencia literaria, a digna, porem imperfeitissima, compensação

rappeler un seul trait décisif, cette admirable résistance, si conforme à mon propre caractère, par laquelle vous avez repoussé une douce aisance dignement acquise, quand il fallait l'acheter au prix d'une dépendance personnelle qui, chez les âmes de notre trempe, ne saurait, en effet, jamais être pleinement honorable, de quelque vaine décoration qu'on l'entoure. Pensez-vous, ma noble Dame, qu'un vrai connaisseur ait besoin de beaucoup de documents semblables pour démêler une éminente organisation morale? Ah! qui donc a pu posséder un tel trésor, et ne savoir pas l'apprécier?» (VOLUME SAGRADO. Carta de 28 de Maio de 1815, p. 259).



dos seus desgostos privados. Nessa idade, uma cruel experiencia a havia já instruido no profundo conhecimento do coração humano. E, si os contatos sociais e as suas amarguras intimas a tinham emancipado das crengas teologicas, tambem é certo que a sua vida a libertara igualmente das aberrações, que, sobre a nossa natureza, a metafizica e a sciencia ainda partilhavão. Na sua rapida e cruciante existencia conjugal, e graças a sua cultura catolica, Ela pôde bem julgar do verdadeiro carater do mais perturbador dos pendores masculinos, e apreciar toda a energia do instinto materno. A catastrophe que inopinadamente abateu-se sobre Ela, encontrou-a, pois, bem segura da sua pureza. Ela sentia-se assás forte para jamais temer as seduções e os sofismas das naturezas sem delicadeza, como as iluzões apaixonadas dos mais cavalherescos corações a tal respeito. No seu coração só se erigia impetuozo o desejo de ser mãe, cujas condições, mesmo as mais dolorozas, Ela experimentara; esse desejo e os anhelos das afeições dezinteressadas erão os unicos moveis que poderiam expô-la a errar. E que maiores estímulos erão precizos para cahir, dada a sua propria situação mental é a anarchia intellectual e moral do seu meio social? que maiores tentações para uma alma egregia? E como defender-se?

Eis aqui alguns trechos da correspondencia sagrada onde se pinta nitidamente esta situação moral de Clotilde:

«Je ne me suis jamais défié d'aucun homme. Une femme inspire toujours à peu près les sentiments qu'elle veut.» (VOLUME SAGRADO. Carta de 20 de Julho de 1845, p. 280).

«Depuis mes malheurs, mon seul rêve a été la maternité: mais je me suis toujours promis de n'associer à ce rôle qu'un homme distingué et digne de le comprendre.» (*Ibidem*, Carta de 5 de Setembro do mesmo ano, p. 311).

«...une femme qui a vécu dans la continence pendant longtemps ne peut se donner qu'avec enthousiasme ou la résolution de devenir mère. Je connais le mariage, et je me connais mieux que le premier savant du monde.» (*Ibidem*, Carta de 9 do mesmo mez, p. 325).

«Tous les mariages où il n'y a qu'un consentement



finissent mal : l'accord parfait est indispensable dans ce lien là.» (*Ibidem*, Carta de 5 de Dezembro de 1845, p. 435).

«Je me suis expérimentée dans les états les plus caractérisés de la vie. J'ai fait un mariage de convenance, et j'avoue que j'aime presque autant le célibat.» (*Ibidem*, Carta de 8 de Dezembro de 1845, p. 439).

O seu peregrino genio, amadurecido pela desgraça, lhe fazia compreender a dificuldade dos problemas morais que se agitavam em torno de si e turbilhonavam na sua propria alma. Perdendo as crenças catolicas, Ela soubera conservar, graças á superioridade incomparavel do seu altruismo, os resultados da sabedoria sacerdotal medieva. Bem via que as paixões intervinhão em todas os nossos pensamentos, e desconfiava dos sofismas que o egoismo pôde inspirar e colorir com os encantos do altruismo. A cultura catolica não lhe consentia ilusão a tal respeito. A sua tocante modestia, por outro lado, exagerava até a insignificancia dos recursos intellectuais de que dispunha, para rezolver definitivamente tão melindrosos problemas. Em tão intrincadas questões, Ela só tinha, para guiar-se, como dizia, o seu *coração* :

«Malheureusement, nous avons tous encore un pied en l'air sur le seuil de la vérité; nous regardons les champions dans l'arène sans nous soucier de prendre part au combat. Aussi il ne nous reste que de petits rôles et de vraies entraves pour peu que nous dirigions du côté du bien. J'en suis là; je ne me sens pas de force à abdiquer un grand doute avant de me trouver munie; par conséquent, *je ne puis puiser ma morale que dans mon cœur et l'édifier que sur le pur sentiment*; c'est assez le lot d'une femme au reste; elle gagne à marcher modestement derrière le convoi des novateurs, dût-elle y perdre un peu de son élan.» (VOLUME SAGRADO, Carta de 15 de Janeiro de 1846, p. 484.)

Nestas difíceis condições, a comovente inspiração do seu delicado engenho lembra a nobre sabedoria de Descartes. Como o maior dos Filozofos modernos, e por ventura sem nunca o ter lido, Ela adotou por norma não infringir as regras em vigor no meio social e domestico em que vivia. É na *Lucia* que podemos apanhar essa sublime resolução, como se vê dos seguintes topicos :

...Comme nous nous reposons à l'ombre d'une



petite chapelle en ruines, une noce de villageois est venue à passer devant nous. Il y avait tant de bonheur et d'insouciance sur toutes ces physionomies ouvertes, que je n'ai pu retenir une réflexion amère en comparant nos sorts. Lucie a tressailli en m'entendant. « O mon ami, s'est-elle écriée, ils sont heureux ; mais c'est parce que leur bonheur n'afflige et n'offense personne. » Je l'ai regardée avec stupeur : son visage était légèrement coloré, elle a posé ma main sur son cœur ; puis elle a repris d'une voix grave et émue : « Maurice, c'est en vain que notre malheur nous pousserait à nous élever contre la société ; ses institutions sont grandes et respectables comme la labueur des temps ; il est indigne des grands cœurs de répandre le trouble qu'ils ressentent. » (POLITICA POZITIVA, I, — Complemento da Dedicatória, p. XXVIII).

« Nous envisageâmes ensuite notre situation sous tous les points de vue. Maurice assurait qu'un lien comme celui qu'il m'engageait à contracter suffisait au bonheur, et qu'il renoncerait, sans le moindre regret, à ce monde qui sacrifie le véritable honneur à des préjugés fièrement décorés du nom de convenances. Je lui avouai que je ne me sentais ni assez haut ni assez bas pour braver l'opinion, et qu'il me serait doux de pouvoir entourer notre amour du respect des familles honnêtes. Il combattit doucement mes idées ; mais le souvenir de sa mère se joignit dans son cœur à tous les sentiments élevés qui lui sont propres. (Ibidem, p. XXIX).

Ils sont heureux ; mais c'est parce que leur bonheur n'afflige et n'offense personne. — Il est indigne des grands cœurs de répandre le trouble qu'ils ressentent.

—Estas santas inspirações de um incomparavel empirismo bastarão por si só, dada a sublimidade do seu coração, para salvá-la das situações difíceis em que Ela terá de achar-se. São elas que vão permitir-lhe patentear a verdadeira constituição da moral humana, desprendida enfim de todas as ehimeras da teologia, de todos os sofismas da metafísica, como dos apanhados grosseiros do materialismo biológico.

Até aqui esboçamos a situação de Clotilde, sem mencionar as modificações capitais que a intervenção do nosso Mestre determinára na mentalidade moderna. Entretanto, Clotilde viera para Paris, morar com o seu irmão Maximilien Marie, cujas relações começavam a estreitar-se com o Fundador da Filozofia Positiva. Resta-nos, pois, antes de proseguir nessa narrativa, indicar como surgirão tais relações, e apreciar a influencia que elas podião exercer sobre a situação de Clotilde. Só assim se poderá bem aquilatar o papel que a nossa Mãe Espiritual representa na fundação da Religião da Humanidade.

Maximilien Marie parece ter conhecido o nosso Mestre, por ocasião do seu primeiro exame, afim de ser admitido na Escola Politecnica. Foi isto em 1837; Augusto Comte inaugurava as suas funções de examinador. Como estamos reunindo aqui tudo quanto sabemos acerca das relações entre nosso Mestre e a familia da sua ecclsa Inspiradora, transcreveremos a nota desse exame. Aqueles que não conhecem a maneira pela qual o nosso Mestre preenchia tais funções, terão assim um modelo do seu escriptulo:

EXAMENS DE BOURGES

Dimanche 22 Octobre — **Marie**, 18 ans (de 10 1/2 à midi).

1º *Décider trigonométriquement si 3 points inaccessibles sont en ligne droite.*

Il croit d'abord pouvoir prononcer d'après une seule station, et indique un caractère absurde; il a beaucoup de peine à reconnaître la nécessité de deux stations. Il finit cependant par bien concevoir l'opération, et la compare judicieusement à l'observation directe (*Enough well*).

Même question pour 4 points en cercle, dont il faut trouver le rayon.

Il finit par reconnaître d'abord, mais avec beaucoup de peine, si le quadrilatère est plan, et indique, ensuite un bon caractère d'inscriptibilité (*Near about well*).

Il explique convenablement la formule ordinaire du rayon par les côtés (*Well*).



2^o *Dimensions d'une calotte sphérique d'après son volume et sa surface totale.*

Il forme bien les équations préparatoires, et en déduit bien, trop lentement, par excès d'adresse, l'équation finale à la hauteur $y^4 - 8a^2y^2 + 32b^3y - a^4 = 0$. Il n'y voit pas nettement que les 2 racines réelles permanentes sont nécessairement étrangères à la question. L'ensemble de sa discussion algébrique est très faible : il ne voit pas même le signe nécessaire des 2 autres racines en cas de réalité. Il concilie d'ailleurs cette analyse très imparfaitement avec la nature de la question. Invité à déterminer les dimensions de la calotte maximum, il la croit caractérisée par $y=a$, et cherche à démontrer ce sophisme, sans penser ni au principe des racines égales, ni aux conditions de réalité (*Weakly*)

3^o *Lieu d'un sommet d'un triangle invariable dont les 2 autres décrivent 2 droites rectangulaires.*

Il institue péniblement une analyse presque impraticable et confuse, quoique strictement correcte. Il ne peut la simplifier assez pour la rendre exécutable. (*Sufficiently*)

Invité alors à discuter *a priori*, en supposant que l'équation soit du 4^e degré, il ne pense nullement à la décomposition évidente du lieu, et n'aperçoit que la double symétrie, dont il apprécie sainement l'influence algébrique, sans pouvoir même déterminer par quelques positions choisies les coefficients restés indéterminés, quoique très formellement mis sur la voie à cet égard. (*Very weakly*)

4^o *Discussion de la courbe $y^4 + x^4 = 1$.*

Il discute très faiblement l'ordonnée et ne pense pas à la tangente. Il imagine de comparer la courbe au cercle correspondant ; mais il ne s'en sert que comme d'une sorte d'artifice d'évaluation des ordonnées, et finalement ne peut prononcer sur la vraie figure (*Weakly*)

Il promettait beaucoup plus qu'il n'a tenu ; mais il n'est pas sans intelligence, quoique trop faiblement préparé. En persistant convenablement, il pourra devenir bon l'an prochain, mais il n'est, cette fois, que très strictement admissible. (+)

(A classer, presque sans doute, entre Bertin et Urbain).

(REVUE OCCIDENTALE, 1892, V, pag. 293-294)



Maximilien Marie só entrou para a Escola Politécnica no ano seguinte (Novembro de 1838). Foi então que pôde adquirir verdadeiro conhecimento do nosso Mestre; e foi a influência do seu ensino que deveu a direção da sua carreira científica.

Nos fins de 1841, ele viera para Paris, conforme dissemos. Eis como a notícia biográfica do *Dicionário Larousse*, do qual ele foi colaborador durante seis anos, narra a sua vida até esse momento:

«Maximilien Marie entra à l'École Polytechnique, en 1838, avec l'intention de se livrer à la carrière de l'enseignement; toutefois les circonstances politiques où se trouvait la France en 1840 lui parurent exiger le sacrifice momentané de ses goûts pour l'étude et il se rendit comme sous-lieutenant-élève d'artillerie à l'école de Metz, dont il suivit le cours jusqu'au moment où M. Guizot s'étant affermi au Ministère, il devint évident qu'on allait entrer dans la voie de l'abaissement continu de la France.

«Dès avant de quitter l'école de Metz, en septembre de 1841, Maximilien Marie avait résolu le problème du mouvement d'un corps solide libre, qu'il croyait intacte.

«La solution qu'il venait d'obtenir était encore entre les mains des juges, à qui il l'avait adressée, que déjà il préluait aux recherches qui ont depuis rempli son existence.

.....
«Dès l'école Polytechnique, M. Marie avait pris parti pour la République. En 1841, il rédigeait le compte rendu scientifique du *Journal du Peuple*, dirigé par Godefroy Cavaignac depuis qu'il était devenu quotidien après l'audacieuse condamnation de Dupoty, à propos de l'affaire de police dont Quenisset fut le héros.»

Nessa época o nosso Mestre só tinha publicado até o tomo V da sua FILOSOFIA POSITIVA. Ignoramos se as preocupações políticas de M. Maximilien Marie o haviam feito estender a esse volume as suas leituras. Seja como for, esta parte da obra do nosso Mestre só podia ser favorável a Clotilde pela apreciação do Catolicismo. Mas as teorias acerca da Mulher, e a sua apreciação da moral não eram de natureza a prestar a Clotilde um auxí-



lio muito eficaz. É mesmo de presumir que Ela não simpatizasse então com o Positivismo, caso o conhecesse, embora seja de prever que a admiração do irmão por Augusto Comte e o conhecimento das injustiças de que era vítima o Filozofa a fizessem compadeceer-se da sorte deste. Acrece ainda notar que a respeito da principal questão feminina, Clotilde não podia aceitar a decisão do nosso Mestre, que parecia excluir o divórcio em qualquer hipótese.

Para que se possa bem avaliar da verdade desta observação recordarei o juízo que, depois da sua regeneração moral, o nosso Mestre mesmo proferiu acerca da sua FILOZOFIA POSITIVA :

« Dans votre lettre de dimanche soir, reçue hier matin, je suis spécialement touché de la noble appréciation où je pressens le jugement final de la Postérité pour ma sainte collègue éternelle. J'ai récemment conquis à cet égard une sécurité complète, en reconnaissant que sa glorification morale est irrévocablement liée à la conviction intellectuelle de l'incontestable supériorité de ma *Potitique* sur ma *Philosophie*. Afin de mieux mesurer cette prééminence décisive, j'ai spécialement relu, ces jours-ci, la meilleure partie de la *Philosophie positive*, c'est à dire les trois chapitres extrêmes de *conclusions générales* que je n'avais jamais regardés depuis quinze ans. *Outre leur sécheresse morale, qui m'a fait immédiatement lire un chant d'Arioste, pour me remonter*, j'ai profondément senti leur infériorité mentale par rapport au vrai point de vue philosophique où le cœur m'a pleinement établi. (*Carta ao Dr. Audiffrent*, em 8 de S. Paulo de 69).

Já antes, na sua *Confissão* de 31 de Maio de 1849 (11 de S. Paulo de 61), Ele assinalava este contraste, entre a sua situação filozofica original e o seu estado mental depois de assimilar os resultados morais da evolução peculiar a Clotilde :

« Moins de six ans après mon ouvrage fondamental, où le Positivisme semblait exclusivement destiné aux penseurs scientifiques, voici un Discours décisif, * où, contre l'atteinte universelle, son ensemble repose directement sur la prépondérance continue du cœur, de ma-

* O nosso Mestre alude ao DISCURSO SOBRE O CONJUNTO DO POSITIVISMO, publicado em Julho de 1848.



nière à convenir surtout aux femmes. Ce progrès sans exemple t'est radicalement dû, ma Clotilde, quoique tu n'aies pu, hélas! y assister, ni presque l'entrevoir, malgré mes infatigables annonces. Une passion moins pure ou moins profonde m'aurait empêché de consacrer ainsi ma plénitude mentale à systématiser définitivement le régime normal de l'avenir. (VOL. SAGRADO, p. 146-147).

Ora, em 1841 ainda o ultimo volume da FILOZOFIA POSITIVA não estava publicado; de sorte que nem esta parte *melhor* existia.

Não possuímos informações directas acerca da vida de Clotilde no intervalo que vai de 1841 a meados de 1843. Sabemos, porem, pela correspondencia sagrada, que, neste ultimo ano (1843), experimentou Ela uma paixão, que, no seu dizer, determinou a mais triste faze da sua vida. Procurei colher informações acerca de tão comovente epizodio; mas M^{me} V^e Maximilien Marie apenas pôde conjecturar quem seria a pessoa objeto desse amor. Vou lembrar-vos os trechos em que Clotilde alude a esta faze da sua glorioza existencia.

Na sua carta de 21 d^e de Maio 1845, dizia Ela ao nosso Mestre, para dissuadi-lo do afeto que, sem querer, lhe tinha inspirado:

« Si je ne m'étais pas fait depuis longtemps une habitude de cacher mon cœur, je vous aurais inspiré encore plus de pitié que de tendresse, j'en suis sûre. *Il y a un an* que je me demande chaque soir si j'aurai la force de vivre le lendemain...* Ce n'est pas avec de telles pensées qu'on peut faire des coups de tête.»

A 5 de Junho seguinte, o mesmo santo proposito inspira-lhe a nobre resolução de revelar as fatais circunstancias que haviam conduzido a sua alma a esse angustiozo estado:

« Je n'aurais pas cru qu'il fût possible de rien ajouter à ce que j'ai souffert depuis longtemps; mais je viens de voir qu'on peut ressentir le contre-coup des douleurs des autres en même temps qu'on subit les siennes. Mon cœur est comme mutilé; et quand je vous ai dit que je me demandais chaque soir si j'aurais le courage de passer le lendemain en ce monde, c'est vrai à la lettre. Au nom de l'intérêt que je vous porte, je vous en prie, travaillez à surmonter un penchant qui vous rendra mal-

* O que nos transporta para Maio de 1844.—R. T. M.



heureux. Un amour sans espérance tue le corps et l'âme; il vous fauche comme un brin d'herbe. *Il y a deux ans*¹ que *j'aime*² un homme de qui je suis séparée par un double obstacle. En vain j'ai essayé de métamorphoser ce sentiment funeste en maternité, en tendresse de sœur, en dévouement, il m'a dévorée sous toutes les formes. Il n'y a que quand j'ai eu le courage de *m'éloigner* que j'ai pu commencer à vivre.»

E Clotilde terminava por esta melancolica exhortação, que caracteriza, ao mesmo tempo, não só a situação em que a anarquia moderna deixa a virtude, mas também o conjunto dos orgulhosos preconceitos relativos á supremacia moral do espirito e do sexo masculino, dos quais só a regeneração do nosso Mestre emancipou a mentalidade humana:

«Explorez toutes vos armes d'homme pour cette lutte, Monsieur Comte; une femme n'a que son cœur pour combattre, et elle n'en est pas moins tenue au succès.»

A 14 de Setembro Ela dava maiores esclarecimentos, acerca deste dolorozíssimo epizodio:

*«J'ai aimé*³ de toute ma puissance un être dont j'étais digne, et qui m'a également aimée. Il vivait seul, et paraissait n'avoir d'autres liens que ceux de sa famille. Des circonstances nous rapprochèrent, et nous rendirent bientôt également nécessaires l'un à l'autre. Il paraissait prendre un intérêt très tendre à mon sort, et me conseillait souvent de contracter des liens pour lesquels je lui semblais si bien faite. Il ajoutait qu'il serait éternellement mon ami, et que je le trouverais toujours disposé à me le prouver. Ses actions étaient en parfaite harmonie avec ses paroles, et je n'ai pas rencontré un homme plus pur et plus élevé de sentiments que lui. Pourtant je ne pouvais comprendre sa conduite à mon égard; et le jour qu'il me l'expliqua, je crus, à plusieurs reprises, que j'allais cesser de vivre, tant la douleur me causa d'angoisses terribles. Lui aussi avait des liens; et de plus il avait des devoirs. Nous nous étions assez appréciés réciproquement pour comprendre tout l'étendue de notre malheur. Nous essayâmes de le braver en nous aimant ardemment de cœur. Mais cette épreuve

1 O que nos transporta para meados de 1849.— R. T. M.

2 A paixão subsistia pois ainda.— R. T. M.

3 Clotilde já estava, pois, libertada da sua funesta paixão.—R. T. M.



était au dessus de mes forces, et elle me plongeait dans l'état où j'ai passé l'année dernière ; * et il m'a fallu renoncer même au bonheur le plus pur et le plus vif que j'aie goûté dans ma vie.

« Voilà l'état dont je sors ; et pendant cette cruelle période, le vice, le crime, le désespoir, se sont présentés souvent en idée devant moi. *J'ai compris mieux que personne la faiblesse de notre nature* quand elle n'est pas dirigée vers un but élevé et inaccessible aux passions. Vous retrouvez cet épisode dans mon écrit actuel ; il est un funeste exemple du mal que peut le désordre même le plus légitime et le plus honorable dans ses causes.

« Je me suis usée dans une lutte stérile ; j'ai dépensé mon dévouement en pure perte : et me voilà à l'état de débris sans avoir même vécu. »

E Ela termina com este sublime rasgo de abnegado devotamento social :

« Adieu, mon cher ami. Il me reste au moins des sources d'enseignement pour les autres ; c'est encore un intérêt réel dans ma vie. Je veux l'exploiter. »

Enfim, a 18 de Outubro de 1845, dava Ela esta ultima informação :

« Vous m'avez demandé une fois, mon digne ami, si ma mère connaissait la plus triste phase de ma vie. Je me rapelle que je ne vous ai pas répondu, et je vous en dois presque une réparation. Je n'ai jamais pu prendre sur moi d'aborder ce douloureux sujet, si ce n'est avec elle, et cet épanchement-là ne m'a pas fait du bien. »

Na Lucia encontrão-se elementos para precisar a situação afetiva de Clotilde durante esta perigoza fase. Na primeira carta,—de Lucia à M^{me} M,—pinta-se a sua situação antes da paixão.

« Rien n'est sain comme le spectacle d'une belle nature et de cette vie laborieuse et uniforme qui force l'esprit à se régler.

.....

* O ano de 1844. Na sua carta de 21 de Maio de 1845, já Ela tinha dito, como vimos acima :

« Si je ne m'étais pas fait depuis longtemps une habitude de cacher mon cœur, je vous aurai inspiré encore plus de pitié que de tendresse, j'en suis sûre. Il y a un an que je me demande chaque soir si j'aurai la force de vivre le lendemain — R. T. M.

« Tu m'engages à cultiver les fleurs pour me sevrer un peu de musique et de lecture. Hélas ! ma bien-aimée, ne sont-cepas là les seuls plaisirs qui me restent ? Quand j'ai payé mon faible tribut à l'amitié, quand je viens de lire au général quelques passages de ses mémoires, quand nous avons évoqués ensemble de grands et sévères souvenirs, ou quand j'ai partagé avec notre amie ses petits soins d'intérieur, *je me trouve de nouveau en proie à ce besoin de sentir et de penser qui est devenu le principal ressort de mon existence ; et pourtant nulle femme plus que moi n'aima la vie paisible et simple. Quels plaisirs brillants n'aurais-je pas sacrifiés avec joie aux devoirs et au bonheur de ta famille ?* Quels succès ne m'auraient paru fades auprès des caresses de mes enfants ! O mon amie, *ta maternité, c'est là le sentiment dont le fantôme se dresse, si jeune et si impétueux, dans mon cœur.* Cet amour, qui survit à tous les autres, n'est-il pas donné à la femme pour se régénérer dans ses douleurs ? »

A oitava carta, — *Lucie à Madame M.*, — descreve a situação moral de Clotilde durante a sua malograda paixão :

« O ma bien-aimée ! l'amour d'un homme pur et délicat est un sentiment plein de puissance. Combien j'ai besoin de force et de courage pour y résister ! Mais *l'intérêt et la gloire* de Maurice me sont plus chers que mon repos peut-être : aussi suis-je soutenue par l'orgueil de lui voir tenter une noble entreprise ; car il me semble que j'ai accompli la mienne en véritable héroïne.

« C'est hier seulement que notre sort a été décidé. Nous avions passé la soirée avec le digne docteur, dont la morale est à la fois si douce et si élevée. A peine nous eut-il quitté, Maurice saisit impétueusement ma main ; et, la pressant sur son cœur, il jura de me protéger malgré le monde et de ne plus permettre que je m'éloignasse de lui. Je rassemblai mes forces pour lutter contre ces émotions délicieuses et terribles. Je représentai à Maurice que le devoir lui commandait d'essayer de m'affranchir de mes liens, en réclamant une loi juste et sage. J'employai pour le toucher les arguments qui ont le plus de prise sur son grand cœur. Je lui dépeignis avec feu les *avantages que la société* pouvait retirer de cette tentative glorieuse. Pour lui, il



ne fut pas difficile de l'intéresser au sort de ces êtres jeunes, faibles, désarmés, qu'un lien odieux peut pousser au désespoir. Il convint que les abus des lois résultent le plus souvent de l'apathie des hommes, et qu'il est toujours honorable et utile de lutter contre l'oppression.

« Nous envisageâmes ensuite notre situation sous tous les points de vue. Maurice assurait qu'un lien comme celui qu'il m'engageait à contracter suffisait au bonheur, et qu'il renoncerait, sans le moindre regret, à ce monde qui sacrifie le véritable honneur à des préjugés fièrement décorés du nom de convenances. *Je lui avouai que je ne me sentais ni assez haut ni assez bas pour braver l'opinion, et qu'il me serait doux de pouvoir entourer notre amour du respect des familles honnêtes.* Il combattit doucement mes idées; mais le souvenir de sa mère se joignit dans son cœur à tous les sentiments élevés qui lui sont propres...

.....
« O mon amie! toi qui vis calme et heureuse auprès de l'homme de ton choix, tu comprendras tout ce qui se passe dans mon pauvre cœur. Tu sais si je partage le ridicule de ces femmes qui trépignent à l'idée de n'être jamais député, et qui montent à cheval pour démontrer qu'elles seraient au besoin d'excellents colonels de dragons. Mais tu sais aussi si je sens vivement l'oppression là où elle est réelle. C'est en portant atteinte au bonheur modeste et vrai de la femme que les lois la poussent en dehors de sa sphère et lui font parfois *méconnaître sa destinée sublime. Henriette, quels plaisirs peuvent l'emporter sur ceux du dévouement?* Entourer de bien-être l'homme qu'on aime, être bonne et simple dans la famille, digne et affable au dehors, n'est-ce pas là notre plus doux rôle et celui qui nous va le mieux? Il me semble que le cercle de la famille peut se modeler, à certains égards, sur les cercles du monde; et n'est-ce pas la femme qui en fait les honneurs?»

Najdeemaearta, — *Mauricio à Rogerio*, — Clotilde caracteriza ainda mais nitidamente o estado da sua alma, apreciando a missão da mulher. Deplorando a fatal necessidade em que hoje esta se acha, por vezes, de entregar-se a trabalhos alheios às funções domesticas, para subsistir, diz Ela:

«Le véritable rôle de la femme n'est-il pas de don-



ner à l'homme les soins et les douceurs du foyer domestique, et de recevoir de lui en échange tous les moyens d'existence que procure le travail? J'aime mieux voir une mère de famille peu fortunée laver le linge de ses enfants, que de la voir consumer sa vie pour répandre au dehors les produits de son intelligence. J'excepte, bien entendu, la femme éminente que son génie pousse hors des sphères de la famille. Cella-là doit trouver dans la société son libre essor; car la manifestation est le véritable flambeau des intelligences supérieures.

« Je voudrais non seulement que les femmes trouvassent dans leurs pères, leurs frères, et leurs époux des appuis naturels; mais que, ces appuis venant à leur manquer, elles fussent soutenues par les gouvernements. »

Podemos enfim encontrar o quadro das emoções de Clotilde, ao afastar-se do objeto da sua infortunada paixão, na 12ª carta, — *Lucia a Mauricio*:

« Maurice, vous êtes noble et grand. Quel cœur peut être plus digne que le votre de comprendre la justice et la raison? O le meilleur et le plus généreux des hommes, vous à qui j'aurais sacrifié avec joie le repos de ma vie entière, puissiez-vous reconnaître à quel point le vôtre m'a été cher et sacré! Mon bien-aimé, c'est en vain que nous tenterions de lutter plus longtemps contre le sort: mon âme a achevé de se briser sous ses coups. Hélas! quand je me suis laissée aller au bonheur de vous aimer, j'ai cru pouvoir, à mon tour, répandre du charme dans notre vie. Laissez-moi puiser mes dernières forces dans une grande et consolante pensée, en espérant que *vous verserez sur la société tes flots de dévouement et d'amour* qui sont en vous. Que de fois n'ai-je pas vu votre belle intelligence s'enflammer à l'aspect des plaies qui couvrent le monde! O Maurice! *tous tes sentiments généreux sont délicieux à éprouver. Quelle destinée est à ta fois plus grande et plus douce que celle de l'homme utile?* Ne vous souvient-il pas d'avoir souvent envié à des pauvres artisans la gloire d'une petite découverte? Vous qui pouvez bien plus qu'eux, resteriez-vous oisif? Cher et bien cher ami, vivez pour imprimer sur la terre votre noble trace. Quand un homme tel que vous apparaît au milieu de la société, il faut qu'il lui apporte son tribut de lumière et de *vertus*, ou qu'il se condamne au silence et à la froideur



de l'égoïste. Je connais votre âme ; elle est riche et orageuse comme les nues dans beau ciel : *jamais vous n'auriez trouvé le bonheur dans l'isolement.* Ne renoncez pas au joies de la famille ; des enfants répandront un grand intérêt sur votre existence. Vous vous plairez à développer en eux les nobles germes qu'ils tiendront de vous. Vous ferez de leurs *jeunes cœurs* autant de foyers où s'épanchera la flamme du vôtre. *Ils vous entoureront de respect et d'amour.* O Maurice ! toutes les félicités de la vie ne se resument-elles pas dans ce seul mot ? »

O conjunto da moral positiva acha-se condensado esteticamente nas linhas que precedem. Uma mulher bela e de rara inteligência, emancipada das iluzões sobrenaturais; descrente da bem-aventurança celeste, como dos terrores do inferno; experimentada pelos mais cruéis infortúnios; posta na situação mais apropriada para sublevar os mais energicos dos seus instintos egoístas; proclama ahí que a felicidade consiste na *dedicação*. E não é da dedicação parcial a um certo individuo, a uma certa familia, a uma certa patria que Ela faz depender a felicidade; é do devotamento a todos. « *Ils sont heureux; mais c'est paree que leur bonheur n'afflige et n'offense personne. — Quels plaisirs peuvent l'emporter sur ceux du dévouement?* Ela concebe o devotamento com a máxima abnegação, com inteiro esquecimento de si : « *Cette noble femme sera mère comme elle est amante. Les sacrifices qu'elle acceperait vaillamment pour elle même, elle souffre de la pensée de les léguer à ses enfants. — Il est indigne des grands cœurs de répandre le trouble qu'ils ressentent.* »

Foi tudo isso que o nosso Mestre rezumiú na formula, — *viver para outrem*; — mas os trechos que precedem patenteião que Ele limitou-se então a condensar, num enunciado filozofico, a identificação da *felicidade* com o *dever* que Clotilde descobrira, no decurso do seu malogrado amor. Quanto esta lei se distancia do principio que, para as melhores almas occidentais, ainda constituía o supremo ideal da moral, — *amar o proximo como a si mesmo* !

O nosso Mestre cingiu-se, pois, aos ditames da escrupuloza retidão de que sempre deu provas, quando proclamou que a gloria de similhante descoberta revertia



à sua imaculada Inspiradora. Foi ainda em virtude da mesma nobreza de sentimentos que, no CATECISMO, Ele atribuiu à Clotilde o confronto do preceito positivista com os princípios que até então tinham resumido a moral, e especialmente com a máxima católica.

Mas a elaboração moral de Clotilde não se limitou a esse apanhado sintético. Ela abordou o problema supremo no caso mais complicado, e formulou precisamente a solução que ele comporta. Assim, Ela assinou a ligação da felicidade individual com a existência social: *vous verserez sur la société les flots de dévouement et d'amour qui sont en vous. — Tous les sentiments généreux sont délicieux à éprouver. Quelle destinée est à la fois plus grande et plus douce que celle de l'homme utile?* — E ainda mais, Ela patenteou a subordinação da felicidade individual ao conjunto das instituições sociais, cuja santidade proclamou:

«C'est en vain que notre malheur nous pousserait à nous élever contre la société; ses institutions sont grandes et respectables comme la labeur des temps. — Je lui avouai que je ne me sentais ni assez haut ni assez bas pour braver l'opinion, et qu'il me serait doux de pouvoir entourer notre amour du respect des familles honnêtes.»

No meio das aberrações contemporaneas, Ela apanhou os caracteres fundamentais da existência social. Ela percebeu que só na família é que se pôde achar normalmente a felicidade. Os preconceitos católicos e metafísicos acerca da nobreza do celibato, bem como as divagações delirantes do romantismo sobre o amor livre, não conseguem perturbá-la. *Je connais votre âme; jamais vous n'auriez trouvé le bonheur dans l'isolement.* Ele sente assim que o tipo da verdadeira amizade só existe na união conjugal. Ao mesmo tempo constata sem hesitação o papel normal da mulher e a sublimidade da sua função:

«Le véritable rôle de la femme n'est-il pas de donner à l'homme les soins et les douceurs du foyer domestique, et de recevoir de lui en échange tous les moyens d'existence que procure le travail? J'aime mieux voir une mère de famille peu fortunée laver le linge de ses enfants que de la voir consumer sa vie pour répandre au dehors les produits de son intelligence.»



« Je voudrais non seulement que les femmes trouvassent dans leurs pères, leurs frères, et leurs époux des appuis naturels; mais que, ces appuis venant à leur manquer, elles fussent soutenues par les gouvernements. »

« C'est en portant atteinte au bonheur modeste et vrai de la femme que les lois la poussent en dehors de sa sphère et lui font parfois *méconnaître sa destinée sublime*. Henriette, *quels plaisirs peuvent l'emporter sur ceux du dévouement* ? Entourer de bien-être l'homme qu'on aime, être bonne et simple dans la famille, digne et affable au dehors, n'est-ce pas là *notre plus doux rôle et celui qui nous va le mieux* ? »

Mas Ela comprendre igualmente a *retatividade* das grandes leis morais que acaba de proclamar. Depois de preconizar a sublinidade da missão da mulher agindo sobre a sociedade através da Família, Ela acrescenta: « J'excepte, bien entendu, la femme éminente que son génie pousse hors des sphères de la famille. Celle-là doit trouver dans la société son libre essor; car la manifestation est le véritable flambeau des intelligences supérieures. »

« ...Non, je le sens, les lois ne peuvent pas être volontairement immorales et absurdes. L'évidence frappe les hommes: ils briseront ce lien odieux qui enchaîne l'être le plus pur à un forçat.

.....
« L'homme est mort civilement; la femme, déclarée libre par les tribunaux, rentre en possession de sa fortune, qu'elle gère déjà. Tous ses droits sont évidents; et pourtant il lui faut renoncer au plus précieux de tous, celui d'user de la liberté de son cœur.

« Par une inévitée imprévoyance des lois, cette femme se trouve expulsée de leur protection, et placée par elles entre deux abîmes, le malheur et le désordre.

« Quel choix oserait-on lui assigner ? Pour se parer d'un stérile héroïsme, renoncera-t-elle à l'amour et à la maternité, ces beaux et nobles fiefs de l'épouse ?

« Si l'isolement pèse comme une loi de mort sur son âme, et la pousse à contracter un lien hostile à la société, qui la protégera contre la mauvaise foi de l'opinion et contre tous les dangers attachés à une situation fautive ?

« Entre ces deux écueils, il y en a un troisième où tombe tout être opprimé et faible, c'est la lâcheté.



« ... j'appelle votre attention sur cette question de haute morale, et je sollicite une loi qui constitue le divorce par le seul fait d'une peine infamante.»

Todas estas conclusões foram sistematizadas pela moral positiva.

É preciso, pois, ter o coração empedernido pelo materialismo academico e o espirito obcecado pela enfação pedantocratica, para ousar contestar os juizos que se encerrão nos seguintes textos do nosso Mestre :

« Je ne puis résister, ma chère amie, au besoin de vous remercier immédiatement pour les douces larmes que vient de me faire verser la charmante nouvelle dont je vous ai reproché de ne m'avoir pas gratifié avant le public. Les sentiments et les idées m'en ont paru également dignes de vous, sans me laisser même apercevoir les fautes typographiques qui vous choquaient tant Vendredi. Il m'est bien doux, je vous l'assure, de pouvoir, à tous égards, vous féliciter aussi sincèrement d'un tel début. Sans me faire regretter les affectueux conseils de ma dernière lettre sur l'ensemble de votre existence littéraire, ce premier travail m'indique combien vos propres dispositions s'accordent spontanément avec les vœux de mon amitié, surtout quant à votre scrupuleux respect continu des vrais principes sociaux.» (VOLUME SAGRADO, carta de 23 de Junho de 1845, p. 263.)

« Le besoin d'échapper à la pénible impression que me laissait le fatal paquet vient naturellement de me conduire à une quatrième lecture de votre touchante *Lucie*, que je n'avais pas relue depuis le commencement de Juillet. Vous seule pouvez dignement comprendre le nouveau genre de douces émotions que j'ai dû éprouver ainsi, maintenant que je sais à quel point votre douloureuse réalité ressemble à cette pathétique fiction.* Combien j'ai mieux admiré la noble résolution de votre grand cœur, loin de répandre le trouble qu'il ressent, de faire jaillir, de l'ensemble de ses souffrances, une haute instruction générale! J'ai mieux apprécié aussi la *généreuse raison* qui, malgré tant d'injustes tourments, vous fait concevoir la société sans aucune amertume personnelle. Quelles tendres larmes j'ai versées encore sur l'inappréciable maxime par laquelle.

* O nosso Mestre já conhecia então as dolorosas circunstancias do malogrado amor de Clotilde — R. T. M.



vous caractérisez, à l'abri de toute aberration contemporaine, la vraie destination des femmes ! Oh ! ma très chère Clotilde, comptez à jamais sur la respectueuse adoration de votre philosophe, qui se sent à peine digne de vous. (*Ibidem*, Carta de 25 de Outubro á tarde, pag. 372)*

« Quoique je ne prétende point être complètement dégagé de ce triste penchant à la jalousie qui semble inséparable du véritable amour, ma profonde conviction habituelle de vos admirables vertus me préservera toujours de ses plus graves atteintes, surtout quant à leur réaction sur vous. *Aucun exemple ne m'avait jamais offert une si parfaite loyauté unie à une pureté si exquise, sans le moindre mélange de prudence ni d'ostentation. Cette rare combinaison morale ne semblerait même pouvoir se réaliser qu'aux dépens de l'intelligence.* Quel incomparable bonheur pour moi de l'avoir enfin trouvée chez un des types les plus éminents du véritable esprit féminin ! Vous savez à peu près à qui j'eus le malheur de vouloir consacrer ma vie. * Sous aucun rapport ce n'était certes, il s'en faut de beaucoup, une femme vulgaire. Mais, chez elle, le défaut radical de pureté morale a suffi pour amener l'avortement presque total de hautes facultés intellectuelles, dont l'essor a été ainsi neutralisé par une aveugle personnalité, un orgueil extravagant et une vanité sans mesure. Si le cœur est toujours indispensable à l'esprit pour permettre une élévation durable, c'est surtout dans votre sexe, quoique l'autre ne soit nullement affranchi de cette grande solidarité naturelle. Félicitez-vous donc, ma noble et tendre Clotilde, que votre bel avenir intellectuel s'appuie solidement sur une perfection morale d'autant mieux assurée que vous en craignez spontanément l'altération involontaire. Vous me survivrez assez, j'espère, pour pouvoir un jour vous glorifier, même publiquement, de ma prophétique appréciation. Quant à moi, je compte que ma persévérance infatigable obtiendra enfin de votre sincère modestie la précieuse autorisation de rendre convenablement un hommage solennel à cette nature exceptionnelle, ne fût-ce que pour offrir indirectement à votre sexe un *digne type réel*,

* Clotilde morreu sem conhecer os mais graves antecedentes morais de Carolina Massin. Vide o Testamento do nosso Mestre. p. 31.— R. T. M.



plus efficace que les meilleures démonstrations philosophiques. *Cette alliance, seule décisive, de la pureté morale avec la supériorité mentale ne s'est réalisée, de nos jours, que chez l'illustre femme * dont je vous ai invité à lire un éminent opuscule: mais une déplorable imperfection physique y devait trop neutraliser l'ascendant naturel d'un tel assemblage, dont il vous est réservé, j'espère, de faire enfin sentir dignement tout le prix.*» (*Ibidem*, Carta de domingo á tarde, 15 de Fevereiro de 1846, p. 513-514).

Na sua *Confissão* de 25 de Junho de 1848, o nosso Mestre dizia:

«...Ta célébration serait assurée, si quelque femme d'élite pouvait aujourd'hui écarter assez toute rivalité pour caractériser dignement ton aptitude *mentale et morale à constituer le meilleur type féminin*. Les besoins essentiels du nouveau culte m'ont fait chercher avec candeur, dans l'ensemble du passé, une vraie personification de la femme. Mais ma conscience sacerdotale m'a toujours ramené à toi. *Je n'ai pu trouver ailleurs cette pleine harmonie entre le cœur et l'esprit que tu prêtas à ta touchante Lucie.*

.....
«Quelle autre femme célèbre offrirait ce mélange admirable d'abandon et de dignité, cette parfaite pureté exempte de toute sécheresse? Mais tant que je proclamerai seul ton excellence, on expliquera par l'amour une appréciation émanée surtout de la justice, et où notre union n'intervient que comme m'ayant permis de te mieux connaître. J'espère pourtant que les cœurs tendres et les esprits délicats sentiront le *profond mérite intellectuel et moral* de ton unique publication esthétique. Reproduite comme complément de ma chère dédic-

* Creio que o nosso Mestre alude a Sofia Germain, e que o opusculo a que se refere é a publicação postuma que tem por título: *Considerações gerais sobre o estado das sciencias e das letras nas diferentes epochas da sua cultura*. Alii, revelando-se não menos filozofa do que já se mostrara geometra, Sofia Germain propõe-se a patentear a identidade logica dos trabalhos mentais, quer theoreticos, quer esteticos, e anuncia a futura combinação da poesia com a sciencia. Manifesta tambem um profundo sentimento de alguns dos principios universais que constituem a *Filozofia Primeira*; afirma a extensão do espirito positivo á apreciação dos phenomenos morais e politicos; e exprime a convicção de que é da constituição da sciencia moral e social que depende a terminação da revolução.—R. T. M



ce, après la composition exceptionnelle * qui commença la nouvelle phase du positivisme, et suivie de ta suave eanzone, elle manifestera, sans doute, l'intime justesse de mes éloges. Le rapprochement involontaire de cet heureux préambule avec l'ouvrage capital qu'il inaugurerà pourra déterminer une *sérieuse appréciation de la part spontanée que t'attribue ma consciencieuse gratitude dans ma systématisation finale.*» (*Ibidem*, p. 132-133).

Na sua *Confissão* de 31 de Maio de 1849, (11 de São Paulo de 61) Ele acrescentava:

«... Quoique ton essor initial ait été sif atalement brisé, il a laissé des traces qui, *même sans mon témoignage*, permettent d'apprécier en toi un ensemble, *peut-être incomparable*, des principales qualités de ton sexe, tant pour l'esprit que pour le cœur.» (*Ibidem*, p. 138).

Enfim, na sua ultima *Confissão*, o nosso Mestre exarava este julzo definitivo:

«À mesure que s'installe la religion dont la Postérité t'attribuera la fondation autant qu'à moi, je sens combien tu serais maintenant précieuse au positivisme, où le besoin d'une digne plume féminine devient aujourd'hui prépondérant. Quel que soit mon espoir de te trouver, à cet égard, de nobles suppléantes, leur ensemble ne pourra jamais équivaloir à ce que je voyais spontanément réuni chez toi. Tu fus, à ton insu, comme je le dis chaque Mardi, la femme, la plus éminente, de cœur, d'esprit, et même de caractère, que l'histoire universelle m'ait jusqu'ici présentée. L'avenir me paraît difficilement susceptible d'un meilleur type.» (*Ibidem*, p. 239).

Nesse ano, 1843, apareceu a edição postuma das *Obras de Etiza Mercœur*. Ignoro si Clotilde, que procurava familiarizar-se com as principais produções do seu sexo, conhecia tais escritos antes dessa publicação. Mas, em todo caso, só então poderia Ela ter encontrado a plena justificação do entusiasmo que lhe inspirava a

* O nosso Mestre alude à *Carta filosófica*, que dirigiu a Clotilde, sobre a *Comemoração social*. — R. T. M.



inditoza Poetiza. Porque a comovente narrativa em que Mme Mercœur retraga a penosa carreira da filha, tão cedo arrebatada aos seus carinhos, foi que revelou ao mundo a admirável harmonia entre o elevado estro e o delicado coração da desventurada Eliza. Talvez date, pois, dessa época a predileção de Clotilde pela nobre Muza, a quem os infortúnios imerecidos haviam arrastado a uma tentativa de suicídio, donde só um acazo feliz permitiu que a Mãe a salvasse.

Seja como fôr, as indicações da correspondência sagrada e o *Complemento da Dedicatória* da POLITICA POZITIVA mostram que esse ano (1843) assinala, para nós, o primeiro surto da atividade literária de Clotilde. De fato, na sua carta de 30 de Novembro de 1845, remetendo ao nosso Mestre o ramalhete de flores artificiais que, para Ele, fizera, Clotilde diz:

«... En les faisant, je me suis rappelé des vers qui ne sont peut-être pas laids, et dont je composais autrefois des volumes. Je vous les joins ici, comme monument du passé.» (VOLUME SAGRADO, carta de 30 de Novembro de 1845, p. 424).

E no *Complemento da Dedicatória* da POLITICA, o nosso Mestre nos informa que a poesia de que se trata — *Les pensées d'une Fleur* — é de 1843.

Pela carta de 5 de Dezembro de 1845, vê-se que Clotilde minuozeou o nosso Mestre com uma outra poesia:

«Faites de mes compositions l'usage que vous en voudrez faire. J'avais lu les *Pensées d'une Fleur* en famille, où cela avait été traité de chose contournée. Un homme de goût avait trouvé cette petite pièce jolie; et, d'après votre avis, je lui ai fait trouver sa place dans Willelmine. En voici une autre qui m'est revenue; mais elle n'a pas grand sel comme idée; je vous l'envoie pour la forme.» (*Ibidem*, p. 431-432).

Essa poesia não foi publicada; mas prezumimos que é da mesma data e talvez se ache entre os papeis do nosso Mestre. Enfim, na carta de 4 de Janeiro de 1846, Clotilde alude novamente a esses ensaios líricos:

«Je voudrais bien, mon cher ami, pouvoir vous offrir quelques nouvelles canzone, comme vous voulez bien nommer ma fleur. Mais je ne retrouve que des lambeaux incorrects et indignes de vous. Il y a déjà bien longtemps que j'ai fait l'autodafé dont je vous ai parlé,



et je crois qu'il y aurait eu peu de triage à faire, si ce n'est sur Elisa Mercœur où il y avait d'assez jolies pensées. Je ne me rappelle que les derniers vers :

Quoi ! l'avoir au jeune âge ! le sentir dans son cœur
Ce fardeau du génie qui vous mène au malheur !
Pourquoi ces tristes dons ! Ce sont crimes des dieux :
Mais j'adore et m'incline, Mercœur est dans les cieux .»

(*Ibidem*, p. 474).

Independentemente do seu valor estético, esses documentos constituem outros tantos elementos para bem ajuizar da situação moral e mental de Clotilde, nessa época. Assim, o fragmento relativo a Eliza Mercœur mostra que, si o seu coração já estava desprendido das chimeras teológicas, o seu espírito ainda se achava enredado pelas telas do vago deísmo voltairiano. Convém também observar que a predileção por Eliza Mercœur, constituiu uma nova prova da delicadeza do altruismo de Clotilde. E é de presumir que, em virtude de uma comovente reação, a lembrança do funesto episódio que acima recordamos na vida da nobre Poetiza servisse de amparo a Clotilde, quando as cruéis fatalidades a conduziram à borda do mesmo abismo.

A poesia — *Les pensées d'une Fleur* — demonstra que Ela percebera a extrema reação normal do sentimento sobre a inteligência. Vou recordar-vos as apreciações do nosso Mestre a tal respeito. Na sua carta de 2 de Dezembro de 1845, Ele comunica as suas primeiras impressões:

«... J'ai donc été fort heureusement surpris d'y trouver une charmante composition, doucement caractérisée par votre gracieuse sensibilité et *philosophiquement remarquable*, à mes yeux, par une exquise appréciation spontanée du juste degré de *fétichisme* poétique que comportera toujours la virilité de la raison humaine. Sans l'avoir lue jusqu'ici plus de deux fois, les douces larmes que je lui dois m'assurent que je ne tarderai pas à la savoir toute entière. Le singulier mot *par cœur* n'aura jamais été mieux appliqué. Elle est déjà rangée, auprès de vos précieuses lettres, parmi mes chères reliques, entre les deux parties de l'admirable *Lucie*. Si j'eusse rapproché plus tôt votre touchante imagination

de votre profond sentiment musical, j'aurai deviné que l'aptitude poétique pour laquelle je vous ai déjà signalée à mes amis devait s'étendre à la forme comme au fond. Puisque vous m'avouez, en ce genre, de nombreux essais antérieurs, j'espère que vous m'accorderez la faveur de copier, dans vos *loisirs*, pour ma petite bibliothèque secrète, tous ceux que vous jugerez dignes de subsister.» (*Ibidem*, p. 424-425).

Na carta de 4 do mesmo mez, o nosso Mestre insiste sobre o merito de tal composição :

« Sur ce petit chef-d'œuvre de grace et de sentiment, vous devez me permettre d'écarter tout égoïsme, en insistant pour que tous les vrais connaisseurs soient appelés à partager la douce satisfaction dont vous avez d'abord gratifié votre reconnaissant adorateur. L'heureuse catastrophe que vous ménagez à Wilhelmine vous fournira l'occasion la plus naturelle de publier convenablement cette ravissante *canzone*, dont Pétrarque eût été d'autant plus jaloux que notre langue n'en offre, ce me semble, aucun modèle. Ne rougissez pas, incomparable amie, de mon naïf enthousiasme; vous êtes d'ailleurs trop noblement organisée pour qu'une digne glorification vous devienne jamais dangereuse. Vous devez, au reste, d'autant plus tenir à une telle publication que vous avez malheureusement détruit tous les autres témoignages spéciaux de votre spontanéité lyrique. Laissez-moi pourtant espérer aussi que le cours naturel de vos doux travaux conduira votre mémoire à réaliser peu à peu le vœu personnel que je vous exprimai Mardi.» (*Ibidem* p. 429-430).

No *Complemento da Dedicatória* da POLITICA, o nosso Mestre confirma a sua apreciação, ao dar publicidade a essa minioza composição :

« Je termine ce complément naturel de ma dédicace par une *canzone* inédite, que Madame de Vaux voulait placer dans sa *Wilhelmine*, quoiqu'elle l'eût composée en 1843. Ces gracieuses strophes, dont Pétrarque aurait peut-être envié la suavité, pourront indiquer la souplesse et la variété d'un talent appelé d'ailleurs aux plus hautes attributions. La tendance poétique de cette âme d'élite se prononçait involontairement dans ses moindres inspirations. Elle serait, par exemple, as-

sez caractérisée d'après cette mélancolique inscription, secrètement placée, à vingt-deux ans, sur une ancienne *Journée du Chrétien*, que je conserve religieusement : «Souvenir précieux de ma jeunesse, compagnon et guide des heures saintes qui ont sonné pour moi, rappelle toujours à mon cœur les cérémonies grandes et suaves de la chapelle du couvent!...» (POLITICA POZITIVA, I, p. XXII).

Enfim, para patentear todo o valor moral e mental das duas manifestações estéticas que precedem, devemos transcrever ainda o seguinte trecho da *Invocação Final* da POLITICA :

« J'aurais difficilement amené ton incomparable modestie à reconnaître ta *participation capitale* dans l'ensemble du tome troisième, dont le domaine échappe le plus à tes préparations spéciales. Mais, si nous avons pu réaliser le noble désir que tu me témoignas spontanément envers l'étude synthétique de l'histoire, tu sentiras maintenant combien tu m'aidas à systématiser mes conceptions dynamiques. Il te suffirait de comprendre que la synthèse historique se résume nécessairement dans l'institution d'une connexité directe entre les deux termes extrêmes de l'initiation humaine, le fétichisme et le positivisme. *L'admirable canzone que je récite chaque matin depuis neuf ans* * caractérise autant la *poésie fétichique* que ta sainte nouvelle annonce l'*idéali-sation positive*. Sous ce concours spontané, tu n'aurais pu refuser de reconnaître ta participation involontaire à ma construction de la philosophie de l'histoire, quoique cette réaction échappe encore à mes meilleurs disciples. » (*Ibidem*, IV, p. 549).

Devo lembrar que o nosso Mestre alude a um *primeiro esboço* de Clotilde; mas não me foi possível obter nenhum esclarecimento a tal respeito. Eis aqui a passagem da correspondência sagrada a que me refiro:

« L'imperfection naturelle de votre *première ébauche* me m'a point empêché d'y déceler le germe évident d'un vrai talent littéraire, dont j'ai acquis ensuite des preuves si décisives dans ces admirables lettres qui me coûtent tant. » (VOLUME SAGRADO. Carta de 6 de Junho de 1845, p. 266-267.)

* Desde 1845, portanto. — R. T. M.



O nosso Mestre não tinha visto então a *Lucia*, que Ele só conheceu depois de publicada, como o evidencião a carta acima mencionada e o trecho já transcrito da de 23 do mesmo mez.

Para terminar o conjunto dessas indicações acerca da evolução moral e mental da nossa immaculada e terna Mãe espiritual, antes de conhecer o nosso Mestre, transcreverei aqui um esboço poetico, ainda inedito, e cujo original me foi graciosamente oferecido por Mme Ve Maximilien Marie. Não sei si essas meigas estrofes pertencem ao numero das composições que a modestia de Clotilde condenára ao olvido. Seja como fôr, elas terão para nós o supremo merito de ser mais uma delicada manifestação da sua santa ternura. A ultima estrofe especialmente carateriza a inexaurivel rezignação de uma alma que se comprazia em procurar, por toda parte, mesmo nas fontes de amargura, estímulos para a expansão continua do altruismo. O manuscrito não tem data; mas creio que é tambem de 1843.

L'ENFANCE

Approche jeune Enfant; tout près... que je contemple,
Ta blonde chevelure et ton bel œil si doux,
Tes grâces ingénues qui font tant de jaloux,
Ton front où l'innocence a érigé son temple.

Viens car j'aime à te voir, quitter pour ton vieux père
Tous les jeux si bruyans qui fatignent son âge;
J'aime à voir tes baisers effacer le nuage
Qui glisse rapide sur le front de ta mère.

J'aime à voir le vieillard qui lentement chemine,
Appuyé sur ton bras regagner sa chaumière;
J'aime à te voir courir remplir la faible main
Du pauvre qui s'assied sur les bords du chemin

Pourquoi faut-il quitter ces charmes de jeunesse,
Ces grâces qu'une mère avec amour caresse ?
Pourquoi s'écartent-ils ces rêves d'avenir ?
Ah c'est qu'il fallait bien un jour de souvenir.

(Assinado) Mme. CLOTILDE DE VAUX.



Eis aqui um ensaio de tradução no qual procurei respeitar, tanto o pensamento, como a letra do original:

A INFANCIA

Vem, criança gentil; mais perto... que m'encanta
Ver-te a madeixa loura, o meigo olhar formoso,
As graças naturais que têm tanto invejo,
A fronte onde a inocência o templo seu levanta.

Vem, qu'eu gosto de ver-te o velho pai prezando
Mais que o lido brincar que os anos seus molesta;
Gosto de ver fugir, dos beijos tens á festa,
A nuvem que, no olhar materno, ia assomando.

Gosto de ver o ancião que val, a lento passo,
O humilde lar buscando, apolado ao teu braço:
Gosto de ver-te a mão encheres, com carinho,
Do pobre que se senta à borda do caminho.

Porque se não ir embora encantos dessa idade,
Graças que as nossas mãs com tanto amor afagão?
Os sonhos do porvir, porque se nos apagão?
Ah! Sim! é qu'ê preciso um dia de saudade!

Vê-se assim que Clotilde havia, desde 1843, não só apanhado nitidamente a supremacia do coração sobre o espirito, como demonstrado, com o seu proprio exemplo, *mais eficaz do que todas as demonstrações filozóficas*, que a superioridade moral do sexo feminino sobre o masculino garantia á Mulher a preeminencia na jerarchia social. A sua sincera modestia não lhe permitia talvez reconhecer, e ainda menos proclamar, semelhante verdade, sempre sujeita aos sofismas e ás contestações do orgulho masculino até que um homem sem rival possível viesse nobremente confessá-la. Mas essa baze primordial da regeneração humana não ficava menos patente, como o rezumo da tormentoza e glorioza evolução que Clotilde acabava espontaneamente de realizar, e a que a continuação da sua vida viria apenas trazer a mais santa consagração. E, si tivesse nos sido dada a incomparavel ventura de testemunhar ao nosso Mestre o amor sem limites que lhe votamos, o maior titulo que



invocaríamos, para justificar a nossa gratidão, seria a nobreza com que Ele proclamou o supremacia de Clotilde no conjunto da evolução da Humanidade. Nada, ao nosso ver, no decurso da sua prodigiosa acensão, evidência melhor a sublimidade do seu altruismo, a profundidade do seu genio, e o denodo do seu carater.

Clotilde tinha, portanto, antes do seu primeiro encontro com o Fundador do Positivismo, *descoberto e formulado esteticamente* as verdadeiras condições morais, e mesmo mentais, da regeneração humana. Resumindo os frutos mais preciosos da civilização catolico-feudal, Ela os expurgára de toda liga teologica, mediante uma assimilação espontanea dos principais resultados filozoficos da evolução moderna. Para que as leis morais que a sublimidade do seu incomparavel altruismo patenteára ao seu peregrino engenho se transformassem na Religião da Humanidade, só lhes faltava a *sistematização scientifica*. Essa sistematização era duplamente indispensavel: não só para dar-lhes os fundamentos que não podem resultar sinão das *leis* dos phenomenos físicos e logicos; mas tambem para refutar os sofismas do materialismo biologico. Ora, semelhante operação não podia ser efectuada sem uma cultura enciclopedica que permitisse, a quem a realizasse, assimilar os resultados capitais a que o nosso Mestre chegára desde 1822 e que Ele desenvolvera posteriormente. Mas tambem esses resultados não eram succetiveis de proporcionar a transformação da Filozofia Positiva na Religião da Humanidade, sinão depois da sua combinação sistematica com aqueles a que atingira a evolução original de Clotilde. Essa combinação tornava-se duplamente indispensavel tambem: não só para completar as leis físicas e logicas constatadas pelo Filozofico com as leis morais desvendadas por Clotilde; mas tambem para corrigir os enganos em que o respeito pela sabiduria catolica e pelo empirismo scientifico, bem como uma dolorosa experiencia, fizeram o nosso Mestre incorrer.

Vê-se assim que o exito da revolução moderna ficava dependendo, desde então, da combinação dos resultados a que tinham originalmente atingido Clotilde de Vaux e Augusto Comte. Aquela tinha conseguido desenvolver, mediante a assimilação espontanea das principais consequencias da filozofia moderna, as conquistas morais da

Humanidade até o extremo limite que comportava empiricamente o estudo feminino da nossa natureza. Este tinha alcançado extender, mediante o acendente da cultura moral empiricamente resultante dos seus antecedentes católicos e revolucionários, o domínio da ciência, tanto quanto era acessível às inspirações sistematicas do genio masculino. Em uma palavra, a religião definitiva resultando do concurso do pleno desenvolvimento do amor com o inteiro surto da intelligencia, aquele foi devido finalmente á elaboração moral de Clotilde, como este coube á construção filozofica de Augusto Comte. De sorte que se comprehende porque o nosso Mestre, na sua ultima *Confissão*, proclamava que a Posteridade attribuiria a *fundação do Positivismo* tanto a sua immaculada e terna Inspiradora, como a si proprio. No futuro, reconhecida a identidade filozofica fundamental entre a elaboração poetica e o trabalho sientifico, a *Lucia* occupará porventura teoricamente um lugar mais eminente do que o *Opusculo Fundamental*, como consignando *leis* mais importantes e mais dificeis.

Tudo o que precede patenteia quanto a união de Clotilde de Vaux com Augusto Comte importava aos mais vitais interesses da Humanidade. Porem os acontecimentos posteriores não têm feito sinão confirmar o incomparavel valor dessa sublime identificação de esforços para a regeneração social. Porque o Positivismo não encontrou até hoje a pena feminina que viesse patentear a ecelencia da Religião da Humanidade, como não achou o digno successor do nosso Mestre. Póde-se por ahi conceber que, si a combinação das elaborações originaes de Clotilde de Vaux e Augusto Comte já não estivesse realizada, ainda agora, o mundo estaria á espera da solução teorica do grande problema humano. Apesar do momento dessa reflexão, resta-nos ainda uma ultima consideração para evidenciar quanto essa união sem exemplo estava ligada aos destinos supremos da Humanidade.

Por um lado, a evolução de Augusto-Comte se fizera sem o influxo das mais fortes e mais doces emoções da alma humana. Ora, a intelligencia trabalhando sempre sob o predominio dos moveis afetivos, os resultados filozoficos a que Augusto Comte tinha chegado não podião ter o cunho definitivo sem que sofressem a prova de



tal critério. Por outro lado, as nossas opiniões achão-se subordinadas ao conjunto da nossa situação filosófica, e a evolução de Clotilde se tinha realizado sem que Ela tivesse sentido a influencia do Positivismo. As conclusões morais que Ela formulára não podião pois adquirir um carater decisivo antes que o seu coração tivesse experimentado as reacções da filosofia científica. O conhecimento pessoal de Augusto Comte era mesmo indispensavel para permitir-lhe apreciar a alma masculina no mais prodigioso dos seus tipos. Só assim poderia Ela confirmar e corrigir os resultados a que a tinha conduzido a contemplação das naturezas, mesmo as mais eminentes, com quem convivera. E uma observação analogá se applica ao nosso Mestre, quanto ao alcance das suas relações pessoais com Clotilde.

Vamos ver a serie de tocantes acontecimentos que conduzirão a essa incomparavel união.

Em quanto realizava Clotilde a comovente evolução cujo quadro ensaiamos esboçar, a direcção teorica que tomára o seu irmão Maximilien Marie o levava a estreitar as suas relações com Augusto Comte. Seguindo o impulso que o Filósofo lhe imprimira na Escola polytechnica, o joven mathematico procurava preencher a lacuna que nosso Mestre assinalára na geometria cartezina relativamente á interpretação das expressões imaginárias. A confiança que Augusto Comte lhe inspirava determinou-o a consultar o Fundador do Positivismo sobre as suas tentativas. E o benevolo acolhimento que lhe deu o egregio Pensador provocou o surto da simpatia que este lhe inspirára desde a Escola. Tal acolhimento oferecia um significativo contraste com a má vontade que Maximilien Marie encontrava no meio científico.*

Somos levado a erer que foi em Março de 1842 que Maximilien Marie procurou Augusto Comte, para submeter-lhe os seus ensaios mathematicos. Encorajado pelo

* Na exposição que se segue guiamo-nos pelas informações constantes do prefacio do *Discours sur la nature des grandeurs négatives et imaginaires*, Paris, 1844, 2^e édition, in-8; e da *Théorie des fonctions de variables imaginaires*. Paris 3^e volume, 1846, in-8. Para abreviar, indicaremos pelas palavras *Discours* e *Théorie* cada uma dessas duas fontes.



juízo do nosso Mestre, o joven geometra decidiu-se a apresentar a sua memoria á Academia das Sciencias. Mas pediu ao secretario que se limitasse a rezumir em poucas palavras, a idéia *geratriz* do seu opusculo e a indicar os resultados a que elle havia chegado, sem mandar a sua memoria a nenhuma comissão (comunicação á Academia, a 15 de Abril de 1842). É presumivel que fosse esse alvitre sugerido pelo nosso Mestre, o qual bem podia ter-lhe contado o que se dera consigo, quando enviára á Academia das Sciencias o primeiro tomo do SISTEMA DE FILOSOFIA POZITIVA. O livro foi entregue ao exame especial de Poinso; e, apesar do conceito em que este tinha o trabalho, nunca o parecer foi dado. Talvez o nosso Mestre houvesse calado, na ocasião, a circumstancia de ter Poinso lhe pedido para formular Elle mesmo o parecer; ao que o Filozofu recusára-se. *

Seja como fôr, Maximilien Marie dirigiu ao secretario da Academia das Sciencias uma carta na qual declarava contentar-se com a menção sollicitada e não pretender o parecer de nenhuma comissão, salvo si o secretario julgasse que a obra valia a pena. Acontecia, porem, que o carater dispersivo peculiar á cultura academica, não permitia, desde muito, encontrar um substituto para Condorcet; isto é, um homem que fosse capaz de apreciar todas as sciencias, incluzive a Sociologia e a Moral. Similhante penuria levava a subdividir o lugar de secretario, contentando-se com dois meios-Fontenelles, como costumava dizer Augusto Comte. Isto é, a chamada *Academia das Sciencias* só se occupa com sciencias exteriores á ordem humana; e, mesmo nesse campo estreito, havia e ha dois secretarios perpetuos, um para as sciencias mathematicas, e outro para as sciencias naturais. Cada um deles abria alternativamente a correspondencia da Academia.

Vamos extrahir das obras de Maximilien Marie a narrativa do que se passou consigo, no inicio da sua carreira. Similhanças detalhes, alem de habilitar-nos a conceber melhor as relações entre o joven matematico e o nosso Mestre, servirão para evidenciar, mais uma vez, a grandeza moral de Augusto Comte, e caraterizar a degradação do meio academico. Ver-se-á um Filozofu, a quem os afazeres didaticos e as tribulações domesticas

* Vide a *Revista Occidental*, 1889, tomo 22. p. 124-125.



pouco tempo deixavão para as suas egregias meditações; que já então aconselhava a não desperdiçar, na cultura matematica, as nossas forças teoricas; acolher com solicitude um moço que se dedica ao aperfeiçoamento da geometria. Ao passo que os sientistas que fazião profissão de só se absorver no estudo da matematica; a corporação que a França sustenta para fomentar semelhante estudo; recuzavão qualquer atenção a trabalhos que se achão dentro da esfera cuja importancia preconizão. E para que não se pense que a conduta do nosso Mestre era devida ao fato de Maximilien Marie occupar-se com pesquisas de valor philosophico assinalado por Ele, citaremos o seguinte trecho da sua correspondência com Stuart Mill:

«Mais quelque importance spéculative que puissent acquérir, en ce genre, (trata-se justamente da *Geometria Comparada*) les éminents efforts de sir Molesworth, je vous avoue que je verrais en quelque sorte avec peine qu'il s'en laissât trop préoccuper. C'est aux études sociales que doivent maintenant s'appliquer des natures aussi éminentes, soit comme patrons, soit comme actifs promoteurs directs. Aux temps de régénération radicale où nous sommes arrivés, je vois toujours avec regret des hautes intelligences se restreindre aux spéculations mathématiques, autrement qu'à titre d'une indispensable initiation philosophique.» (Carta de 16 de Maio de 1843. p. 148).

Esses dados erão indispensaveis para que se pudesse avaliar o alcance moral e politico da seguinte narrativa:

«J'avais, dans ma lettre d'envoi, diz Maximilien Marie, demandé à M. le secrétaire perpétuel, un résumé en deux mots, sans renvoi à une commission et, pour obtenir ce que je désirais, j'avais choisi le jour du dépôt de façon que ce dut être M. Arago qui rendit compte de la correspondance. Mais il y eut une interversion ce jour-là, et mon mémoire tomba aux mains de M. Flourens, qui ne pouvait pas en prendre connaissance; MM. Sturm et Liouville furent désignés pour l'examiner et en rendre compte à l'Académie»

.....
«J'allai voir M. Sturm, qui me reçut bien, promit de me lire et me donna rendez-vous pour me faire connaître son avis. (*Théorie* III, p. 6).



«...Au bout de trois semaines M. X (Sturm) avait lu la première page du cahier et la moitié de la seconde (n'aurait-il dit). Mais il allait bientôt s'y mettre... En conséquence je pourrais revenir le lendemain, à midi précis, et je connaîtrais sa décision.— Surtout n'y manquez pas!— ...J'arrivai donc à l'heure dite; M. X (Sturm) me met en main du papier, une plume, et voyons, me dit-il, expliquez-moi la chose; surtout soyez bref...» (*Discours*, p. XX).

« Au bout de trois mois M. Z (Liouville) n'avait pas encore vu mon manuscrit;.. (*Discours*, p. XI)...et comme il n'avait pas eu communication de mon mémoire, je crus pouvoir, sans tomber au rang de solliciteur, lui expliquer de vive voix ce qu'il contenait. M. Liouville me parut prendre intérêt à ce que je lui disais et m'offrit même, à défaut de rapport, la publication de mon mémoire dans son journal. J'eus la sottise de ne pas profiter d'une offre si obligeante, dont au reste je ne connaissais pas le prix.

«J'autografiái mon mémoire (juillet 1842) et l'adressai à quelques amis.» (*Théorie*, III, p. 7).

O nosso Mestre escreveria por este tempo (Julho de 1842) o seu *Prefacio Pessoal*. E a 5 de Agosto seguinte, a mulher que Ele tivera a temerária generosidade de tomar por esposa o abandonava pela ultima vez. Mau grado todas as ponderações do Filozofio acerca da irrevocabilidade de similhante rezolução, ela tomara o partido de deixar o teto conjugal, que a sua conduta licencioza e sem delicadeza profanára e enchêra de angustias durante mais de dezesete anos. O nosso Mestre vivia quazi isolado. As suas relações habituais limitavão-se então, em Paris, a Charles Bonnin, Blainville, Lenoir, e Thalès Bernard. Fóra desse circulo, só conhecemos maiso Dr. Pinel Grandchamp. Dos seus amigos de infancia, só sabemos que se correspondesse com Valat; mantinha, porem, as relações de amizade com o Dr. Rouneu Pouzin, com quem se encontrava em Montepelier nas suas *tournées* de examinador.

No mundo revolucionario, parece que as suas maiores relações erão com Armand Marrast, redator do



Nacional. Datavão elas de 1832, embora o nosso Mestre tivesse começado a apreciar a Marrast desde 1829, por cauza da sua critica ao sofista Cousin.¹ Marrast o tinha escolhido para defensor, no processo de Abril de 1834. Littré o conhecia apenas desde 1840. Um amigo comum lhe emprestára o SISTEMA DE FILOSOFIA POZITIVA. Augusto Comte, sabendo que Littré estava lendo a sua obra fundamental, enviou-lhe um exemplar dela. Assim tinham começado as relações entre ambos. O erudito já era então membro do Instituto, mas não tinha ainda a fama de pensador que mais tarde lhe outorgarão, graças justamente á exploração da FILOSOFIA POZITIVA. Acha-se demais relacionado com os chefes republicanos e exercia influencia no *Nacional*. Na época que estamos considerando (1842), ainda Littré meditava a Obra do nosso Mestre ao qual só prestou adheção em fins de 1844. Mas o nosso Mestre o tinha em grande conceito moral, a vista da opinião de Armand Carrel sobre ele.² Finalmente, a partir de Novembro de 1841, se estabelecêra uma correspondencia cada vez mais cordial e mais intima entre Augusto Comte e Stuart Mill. Este conhecêra os escritos do nosso Mestre, desde 1829, por intermedio de Gustavo d'Eichthal. Mas só encetára relações pessoais com o Filozofó em fins de 1841.³

Coração sedento de afeições profundas, compreendeu-se quanto o nosso Mestre apreciava as raras simpatias de que se via cercado. A mais completa entre essas era a de Charles Bonnin, que se tornára o seu primeiro discípulo, e a cuja filha Vitoria o nosso Mestre alude com paternal apreço. Mas o entusiasmo do velho revolucionario provinha sobretudo da nobreza do seu coração. O Filozofó devia, pois, naquela época, considerar como mais deciziva a crescente adheção de Stuart Mill á sua filozofia, em consequencia da primazia moral que outorgava ao espirito sobre o sentimento. Podemos por ali imaginar a emoção com que acolhia os jovens sientistas atrahidos pela sublimidade do seu genio e cativados pelo cavalleirismo do seu coração. Esquecendo a diferença das idades, o nosso Mestre procurava transformá-los em

1 Vide, sobre as relações de Armand Marrast com Augusto Comte, a *Revista Occidental*, 1883, tom. 10, p. 164-191.

2 *Politica Pozitiva*, I, p. 14, nota

3 V. a *Correspondencia de Stuart Mill com Gustavo d'Eichthal*. Paris, 1898.



verdadeiros amigos, como Ele mesmo diz na sua nona *Santa Clotilde*. (VOLUME SAGRADO, p. 198).

Para terminar este esboço da situação moral do nosso Mestre, nessa época, devemos finalmente recordar que, explorando o seu cavalheirismo, a indigna espoza conseguira determinar, havia alguns anos, a ruptura das relações de Augusto Comte com a sua família. Eis aqui como o nosso Mestre mesmo caracterizava este aspeto da sua vida íntima, em uma carta a Stuart Mill. Depois de comunicar a saída de Carolina Massin, Ele acrescentava :

« Afin de vous mieux signaler l'ensemble de ma situation personnelle, je dois également vous indiquer le chagrin exceptionnel avec lequel je me trouverai, cette année, terminer pour la quatrième fois consécutive, quoi que le sort en décide, ma tournée obligatoire dans la ville même où je suis né, où j'ai demeuré sans cesse jusqu'à l'âge de seize ans, et où restent encore mon père et ma sœur.* Cette sorte de paradoxe s'expliquera facilement quand vous saurez que les rancunes religieuses, servant de voile et d'aliment aux cupidités privées, ont conduit ma sœur à détourner à son profit exclusif les affections de mon faible père, au point de me frustrer totalement de mon modeste patrimoine, sur lequel, heureusement, je n'avais jamais compté. Je ne signale ce dernier symptôme que pour mieux caractériser un système d'exclusion paternelle, suivi depuis vingt ans, peut-être, avec cette longue persévérance que donnent aux femmes la dévotion ouverte et le célibat prolongé : tandis que, si on se fût rapporté à ma générosité pour un tel sacrifice pécuniaire, j'y eusse aisément consenti ; trop heureux de conserver à ce prix des affections de famille dont je sens profondément toute l'importance

* A santa Mãe do nosso Mestre, Rozalia Boyer, tinha falecido a 3 de Março 1837, ano em que Ele fez a sua primeira *tournée* de examinador. Nessa ocasião ainda Ele visitara o seu velho Pai, como se vê do seguinte trecho de uma carta a Valat :

« J'ai fait comme toi, mon cher ami, par la mort récente de ma pauvre mère, une de ces pertes cruelles qui, outre qu'elles sont profondément irréparables, nous font tristement réfléchir que notre tour avance aussi vers la fin d'une vie si absurdenient courte. Mon père, que j'ai eu au moins la consolation de voir dans ma tournée pendant cinq ou six jours, est dans un si déplorable état d'infirmité, que je crains d'avoir aussi à le pleurer plus prochainement qu'il ne eroit, quoique son âge soit encore bien peu avancé. » (CARTAS A VALAT. Carta de 21 de Novembro de 1837, p. 201).



pour le bonheur réel. En résumé, me voilà depuis cinq ans, malgré beaucoup de longanimité, et trop peut-être, forcé, par d'indignes procédés, de passer quelques jours dans ma ville natale sans y revoir mon père: aucune tentative n'a été faite de la part de ma famille pour échanger cette déplorable situation, dont la prolongation est entretenue par les inspirations des prêtres, qui convoitent le faible héritage de ma race. Vous voyez aussi, mon cher Monsieur Mill, que ce n'est pas sans d'intimes expériences personnelles que j'ai tant proclamé la tendance moderne des croyances religieuses à déterminer, depuis deux ou trois siècles, contrairement à leur vaine prétention nominale, des discordances nationales, civiles et domestiques. (CARTAS A STUART MILL, carta de 24 de Agosto de 1842, p. 78-79).

Na correspondência inédita da irmã do nosso Mestre, M^{lle} Alix Comte, com o Dr. Robinet, e que o nosso respeitável confrade permitiu-me copiar, encontra-se a seguinte informação, que confirma o desinteresse do Fundador do Positivismo:

« En pensant à rappeler mes souvenirs sur mon illustre frère je me suis souvenue d'un trait qui l'honore, dont j'ai parlé à M. Audiffrent; dans la crainte qu'il ait oublié de vous en faire part, je erois devoir vous le dire. M. Audiffrent me questionnait beaucoup pour s'assurer si, avant sa maladie, ¹ je n'avais pas à me plaindre de mon frère; je lui répondis que non; jamais il ne m'avait donné de sujets de plaintes; qu'au contraire, il était très bien pour moi; et, pour lui en donner une preuve, je lui dis qu'un jour il avait écrit à mes parents qu'il ne voyait pas qu'on se pressa pour me marier, cependant j'avais l'âge (environ 24 ans ²); que, si c'était le défaut de fortune qu'en fut la cause, il ferait par acte une renonciation à tout ce qui lui reviendrait de la succession paternelle; que l'on n'avait qu'à lui envoyer l'acte comme l'on voudrait et qu'il signerait. Ce qui ne fut pas fait. Vous voyez que j'avais raison de dire que je n'avais pas tort de n'avoir pas de raisons pour me plaindre, et, si j'avais eu le caractère intéressé comme on le lui avait

¹ Mlle. Alix Comte refere-se á crise cerebral pela qual passou o nosso Mestre em 1826— R. T. M.

² O fato deve ter ocorrido em 1825; pois que Mlle. Alix Comte faleceu a 22 de Março de 1869, com 68 annos de idade.— R. T. M.



fait croire, j'aurais engagé mes parents à faire faire cet acte, crainte que plus tard il ne voulut plus. J'ai cru devoir vous le dire, si vous parlez de sa mésintelligence avec sa famille, ce trait qui l'honore ne devait pas être ignoré. Je laisse cela à votre bon jugement et à l'attachement vrai que vous lui portez. ¹ (Carta de 27 de Abril de 1860, inédita).

Como ultimo traço para caracterizar a situação moral de Augusto Comte, recordarei que, em Montpellier, vivia a ama do nosso Mestre, Madame Françoise Jourdan, a quem Ele se mostrou sempre gratamente afeiçoado.

Deste triste fundo moral, apenas iluminado pelos fulgores do entusiasmo social de Augusto Comte e os esplendores do seu genio, destacava-se a fisionomia bondadosa de Sofia. Havia pouco mais de um ano que Ela entrara para o serviço do nosso Mestre, como cozinheira; e esta humilde posição proporcionára-lhe ensejo de conhecer a vida de martírio que a impureza, o orgulho, a indelicadeza e a ingratidão de Carolina Massin tinham criado ao magnânimo Filozofista. Não contente com as torturas que diretamente causava, a desleal esposa perturbava as refeições do nosso Mestre com mesquinhos expedientes que o induziam a atribuir a nobre proletaria o menosprezo dos cuidados higienicos exigidos pela debilidade do seu estomago e que eram objeto das suas frequentes recomendações. ² Por outro lado, Sofia pôde apreciar a sinceridade real dos amigos com quem Augusto Comte mais contava. ³

Afeiça ao sofrimento pelos azares da sua vida, a rude experiencia lhe ensinára a comprehender esses segredos do coração que uma vaidosa sciencia nem sequer deixa suspeitar. Totalmente iletrada, Ela ignorava, com certeza, na sua ingenuidade, que a Fatalidade a constituiria a providencia domestica do Filozofista que era, nos tempos modernos, o successor de Descartes e Leibnitz, como Aristoteles fôra, na antiguidade, o continuador de Tales e Pitagoras. Mas, em compensação, o seu tato feminino lhe fizera perceber suficientemente que profundos padecimentos torturavam Aquelle a cujo modesto serviço

¹ A orthographia de Mlle. Alix Comte tem incorreções que achei escusado reproduzir.— R. T. M.

² Informações do Dr. Robinet.

³ *Idem.*



se consagrara. E, ao passo que os mais reputados admiradores de Augusto Comte apenas lhe dispensavam calculadas homenagens, mal veladas por inconfessáveis rivalidades, que o tempo patentearia, Ela lhe prodigalizava desinteressadamente as solitudes de uma discreta dedicação. Separada do Reformador pela origem, pela posição, pela educação, pelos preconceitos sociais e mesmo filozóficos, com que tristeza não devia condoer-se das angustias que o escrupuloso dezoempenho das suas humildes funções domesticas só indiretamente podia suavizar!

Perturbada durante a permanência de Carolina Massin na rua Monsieur le Prince, a efficacia do precioso devotamento domestico de Sofia não tardou em manifestar-se plenamente, depois do isolamento do Filozofio. O reconhecimento que Ele sempre votou aos serviços industriais, politicos, e morais do proletariado, como a base fundamental de todo o surto afetivo e mental da Humanidade, tendeu desde então a concentrar-se na egregia filha do Povo. É verdade que, as diferenças sociais que separavam o Filozofio de Sofia só permitião um imperfeito testemunho de tal gratidão, e, por outro lado, as opiniões de Augusto Comte sobre a natureza feminina se opunhão á justa apreciação do merito da modesta senhora. Apesar disso, porem, o nosso Mestre revelava, no seu procedimento, o apreço em que tinha o valor moral dela e a dignidade social do apoio que Ela prestava á sua existencia privada.

Tais erão as condições morais em que se achava Augusto Comte, quando os contatos teoricos conduzirão Maximilien Marie a estreitar relações com Ele. Acompanhemos agora a vida do nosso Mestre e a do joven matematico até o momento em que as nobres afeições dezoenvolvidas gradualmente entre ambos ocazionarão o encontro do Fundador do Pozitivismo com a Inspiradora da Religião da Humanidade.

A 18 de Agosto desse ano, 1842, (treze dias depois que M^{me} Comte abandonára a casa do nosso Mestre) sahia o ultimo volume do SISTEMA DE FILOZOFIA POZITIVA. O nobre jubilo que esse acontecimento veio cauzar a Augusto Comte foi perturbado pela justa indignação



da afronta que o seu editor, tornando-se instrumento dos odios de Arago, ousou irrogar-lhe. Temendo incorrer no desagrado do enfatuado e despotico pedanteoerata, de cuja protecção carecia, Bachelier solleitara em vão de Augusto Comte a supressão de uma passagem do *Prefacio Pessoal*, que caracterizava a dezastrôza influencia de Arago, na Eseola Politecnica. Todavia, querendo resguardar os interesses do livreiro e evitar a demora na publicação da sua obra, o nosso Mestre autorizou Bachelier a declarar que nenhuma solidariedade tinha com as opiniões do autor, o que aliás era obvio. Em vez disso, o editor redigiu um *Avizo* jaetanciozo no qual o proprio Arago teve a incrível leviandade de mostrar a descoberto a mediocridade dos seus sentimentos e a estreiteza real da sua intelligencia. Para patenteá-lo, basta reeordar as frases desdenhozas com que acolheu as arras de gratidão do seu protegido:

«Ne vous inquiétez pas, disse elle, des attaques de M. Comte. Si elles en valent la peine, j'y répondrai. La portion du public que ces discussions interessent sait d'ailleurs très bien que la mauvaise humeur du *philosophe* (o grifo é do editor) date tout juste de l'époque où M. Sturm fut nommé professeur d'analyse à l'Ecole Polytechnique. Or, avoir conseillé, dans le cercle restreint de mon influence, de préférer un illustre géomètre au concurrent chez lequel je ne voyais de titres mathématiques d'aucune sorte, ni grands ni petits, c'est un acte de ma vie dont je ne saurais me repentir.»*

O prestigio atual de Augusto Comte não permite mais duvida acerca do alcance dessa confissão, para julgar o seu autor. Mas similhante documento basta também, por si só, para caracterizar a ignobil tirania que a pedanteracia cosmologica fazia então pezar sobre a França. Note-se que Augusto Comte tivera relações com Arago, e que este encontrára ensejo de conhecer a *fama* do Pensador que ele afetava menosprezar. É o que evidencia o seguinte trecho de uma carta a Valat, do ano mesmo em que Arago espoliava o nosso Mestre, em proveito do seu consocio Sturm, da *cadeira de analize* que, com justiça, pertencia ao Filozofa.

«...Un membre de la Chambre des Communes d'An-

* Transcrito de um exemplar da 1.^a edição do SISTEMA DE FILOZOFIA POSITIVA, tomo VI. 1842.— R. T. M.



gleterre, et qui, je crois, est un des chefs actuels du parti radical, s'est fait présenter à moi, en janvier, par M. Arago, désirant connaître l'auteur d'un ouvrage qu'il avait fort goûté en Angleterre, où il semble faire plus de sensation qu'en France. Je m'y suis, comme tu le sens, convenablement prêté; et après son retour à Londres, ce personnage m'a envoyé le numéro de la *Revue d'Edimbourg* contenant un long article sur les deux premiers volumes de mon ouvrage»¹ (Carta de 10 de Maio de 1840, p. 233-234).

O nosso Mestre projetára consagrar o ano seguinte (1843) ao repouzo, antes de encetar a sua principal obra, destinada a tirar as consequências politicas e sociais da sua evolução teorica. Mas a situação de Augusto Comte não lhe permitia realizar similhante plano, nem quanto ao descanso, nem quanto á execução dos seus projetos regeneradores. Não me é possível entrar aqui em todos os pormenores para caraterizar, tanto quanto dezejava, similhante fatalidade. Devo entretanto insistir em alguns detalhes para que se possa comprehender sufficientemente essa faze critica da sua prodigioza existencia, de cujo dezenlace dependia a regeneração humana.

Nesse intuito, começarei por assinalar o estado em que se achava a sua elaboração filozofica. A sua obra fundamental deixára, *de fato*, em aberto, o problema capital das relações sociais e morais entre os dois sexos, e portanto os principios fundamentais da politica e da moral humana. Para evidenciá-lo, basta assinalar tres pontos, que aliás têm entre si a mais intima conexão.

Em primeiro lugar, o nosso Mestre considerava ainda a maxima catolica—*amar ao proximo como a si mesmo*—como o ideal supremo da moralidade; isto é, Ele perzistia na iluzão geral da teologia, e de metafizica, acerca da *constituição egoista* imprescindivel á moral. Em segundo lugar, Ele attribuia ao espirito uma dignidade superior ao coração, e considerava portanto o sexo masculino superior ao feminino, quanto aos mais nobres attributos humanos. A sua obra fundamental, bem como a correspondencia com Stuart Mill, permittem apanhar bem as suas opiniões a este respeito. Dahí resultava,—

¹ O membro da camara dos comuns é Grote, como se vê da 1ª carta do nosso Mestre a Stuart Mill, p. 3; quanto ao autor do artigo da *Revista de Edimbourg*, é Brewster.— R. T. M.



e é o terceiro ponto que devemos assinalar, — o não ter ouzado decidir-se acerca da conveniência ou inconveniência do celibato para a futura classe espiritual.¹

Quanto ao seu cazo individual, tudo mostra que, depois do abandono em que o deixára a indigna-espoza, julgava Ele do seu dever aceitar o pezo do seu isolamento² e fechar o coração a qualquer afeto conjugal. As suas convicções acerca do divoreio e as suas hesitações sobre o celibato não lhe consentião partido diverso desse. Eis como Ele apreciava semelhante acontecimento, na carta que escreveu, a Stuart Mill, dezenove dias depois da sahida de M^{me} Comte:

«L'amitié personnelle, de plus en plus caractérisée, qui commence évidemment à s'établir entre nous avant l'instant si désiré d'une entrevue directe, me détermine à ne point différer davantage l'importante confidencee privée d'un changement essentiel, *plutôt favorable que funeste*, survenu, depuis ma dernière lettre, dans ma situation domestique, par suite du départ volontaire, et probablement irrévocable, de M^{me} Comte. Marié depuis plus de dix-sept années, par suite d'une fatale inelination,³ à une femme douée d'une rare élévation, à la fois morale et intellectuelle, mais élevée dans des vieieux principes et suivant une fausse appréciation de la condition nécessaire de son sexe dans l'économie humaine, son défaut total d'inelination pour moi n'a jamais permis que sa tendance indiscipluable et despotique pût être, à mon égard, suffisamment compensée *par ces affectueuses dispositions, seul privilège où les femmes ne puissent être suppléées*, et dont l'anarchie actuelle les empêche de sentir convenablement l'heureuse puissance. Aussi tous mes travaux philosophiques se sont-ils préparés et accomplis ainsi, non seulement, comme vous le savez déjà, sous le poids très-grave des embarras matériels, mais encore au milieu des perturbations plus douloureuses et plus absorbantes résultées de la quasi-continuité du degré le plus intime de la guerre civile, le duel domestique. L'événement qui vient de s'accomplir

1 Os detalhes sobre estes tres pontos que são aqui omitidos se encontram no opusculo *As últimas Concepções de Augusto Comte*.

2 VOLUME SAGRADO, *Confissões*, p. 205.

3 O cavalheirismo do nosso Mestre o brigava a ocultar os verdadeiros moveis do seu casamento, para não descobrir o miserando passado da infeliz que escolhera para esposa. — R. T. M.



me fait espérer que *desormais, à défaut d'un bonheur interne pour lequel j'étais fait, mais auquel j'ai dû renoncer depuis longtemps, j'aurai du moins la triste tranquillité de l'isolement, dès lors complet pour moi.* Mes amis ont trouvé, en général, trop onéreuse la pension annuelle de trois mille francs que je me suis ainsi imposée volontairement; mais, quelque élevée qu'elle puisse sembler à raison de mes ressources actuelles, elle ne l'est pas trop pour les divers besoins d'une femme dont la haute valeur ne doit pas matériellement souffrir *des torts de son caractère et de son éducation, quelque graves qu'il puissent être* ¹ De l'humeur dont je vous crois, vous trouverez sans doute, comme moi, que d'ailleurs ce n'est pas trop chèrement acheter la paix. Quoique né pauvre, j'ai toujours regardé comme un très grand avantage la faculté progressive de transformer en simples charges pécuniaires les divers embarras sociaux. Quoi qu'il en soit, vous voyez maintenant que ce n'est point sans une douloureuse expérimentation personnelle que j'ai si souvent caractérisé la funeste réaction de l'anarchie actuelle sur la dissolution croissante des liens domestiques, encore exclusivement placés sous l'impuissante protection des convictions théologiques ou métaphysiques.

« Cette séparation, dès longtemps préméditée, et même au fond indispensable, m'a été d'abord annoncée *brusquement*, au mois de juin, au milieu de la principale élaboration de mes conclusions philosophiques; telle est la principale source des entraves morales dont je vous ai parlé alors. Sentant le danger d'une telle crise en un tel moment, j'ai exigé et obtenu que l'accomplissement en fût différé jusqu'au commencement d'août; ce qui m'a permis de terminer entièrement mon ouvrage dans le temps strict que me laissaient mes devoirs professionnels. ² Consommée, depuis le 5 de ce mois, cette

¹ O nosso Mestre não tinha então construído a teoria cerebral, e toda esta apreciação ressent-se da preeminência que Ele, nessa época, supunha ao espírito sobre o coração, no conjunto dos atributos humanos. De fato, Mmc. Comte só primava realmente pela *inteligência*, como sempre o nosso Mestre proclamou. Quanto ao *caráter*, que a princípio ela manifestou, parece dever ser atribuído à energia da sua *personalidade* e à deplorável deficiência dos seus instintos *altruístas*. — R. T. M.

² Na carta a Littré, de 6 de Cezar de 63 (26 de Abril de 1851), o nosso Mestre dá mais os seguintes pormenores sobre este triste episódio:

«... Il était donc convenu que Mmc. Comte partirait seulement le 1

séparation, qui me fera mieux goûter la diversion de mon prochain voyage, ¹ *me semble de plus en plus avantageuse à mon sort ultérieur*, en dissipant l'oppression et l'inquiétude presque continnes, sous lesquelles me tenaient jusqu'alors l'attente ou l'impression de quelque nouvelle lutte conjugale. Il est seulement bien regrettable que les besoins d'affection, *que j'éprouve si vivement*, soient chez moi si peu satisfaits, sans que cependant je croie l'avoir mérité par aucune faute grave, autre que celle d'avoir épousé une femme dépourvue d'affection à mon égard.» (CARTAS A STUART MILL, Carta de 24 de Agosto de 1842, p. 75-77).

Para compreender toda a gravidade social do cruel isolamento a que o nosso Mestre se via condenado, é preciso lembrar que as opiniões correntes entre os sientistas, a respeito dos perigos da continência, e que Ele partilhava então, o deixavam entregue às perturbações morais a que a emancipação teológica expõe as melhores naturezas masculinas, no nosso século. Esses preconceitos eram tanto mais perigosos, quanto eles vinham dar consistência às iluzões dos mais eminentes poetas, acerca das satisfações que a volúpia proporciona às almas amantes. ² Portanto tudo contribuía para dificultar que Augusto Comte percebesse o verdadeiro alcance moral e político da pureza; isto é, descobrisse toda a eficácia do *altruismo*, ao mesmo tempo que exagerava o papel da *inteligência*. Em tais condições, como poderia Ele reconhecer a jerarchia normal dos atributos humanos? Como compreender a harmonia consequente dos sexos, desvendando a primazia da Mulher no conjunto da evolução da Humanidade, e revelando a sua supremacia social na organização definitiva? Como apanhar a conciliação

Adôtt, afin qu'une telle secousse morale ne coïncidât point avec cette grande crise intellectuelle (l'élaboration des *conclusions philosophiques*). Néanmoins, Mme. Comte voulut, le 15 juin, me quitter immédiatement, pour, osa-t elle dire, ne pas manquer un joli appartement, orné d'un jardin commode. Cette journée me fut terrible, et je me sentis près de retomber, en 1842, dans l'affreux épisode cérébral de 1826, par un concours analogue d'influences perturbatrices. Je n'évitai ce nouveau choc qu'en refusant énergiquement de donner à cette indigne femme aucune partie de la somme convenue jusqu'à l'échéance du 1^{er} Août. Alors elle attendit le terme fixé d'abord, mais en déclamant contre ma tyrannie. (VOLUME SAGRADO. p. 51).—R. T. M.

1 O nosso Mestre alude aqui a sua *tournee* de examinador.—R. T. M.

2 VOLUME SAGRADO. *Confissões*, p. 205.

dessa preeminência moral com a preponderância política que a nossa situação planetária e a nossa constituição biológica impõe ao Homem? Em uma palavra, como instituir definitivamente a Política e a Moral? Qualquer, tentativa em semelhante direção só podia conduzir a resultados falsos ou ficar sem efeito.

No começo do seu isolamento, o contentamento pela terminação da sua obra fundamental; as esperanças que lhe inspirava a adesão de Stuart Mill; as emoções inerentes à calma doméstica que sucedia a mais de dezessete anos de lutas íntimas sem treguas; a agudeza do ataque que a pedantocracia cosmiológica lhe movia, procurando vingar-se do audacioso prefácio, não permitirão que o nosso Mestre sentisse toda a gravidade da sua situação afetiva. Os últimos mezes de 1842 foram absorvidos pelas suas funções didáticas e pelo processo que Ele intentou contra Bachelier por causa do *Avizo* de que acima falamos, processo que de fato era movido contra Arago e os seus sequazes. Armand Marrast procurou demover o Filozofista do propósito de patentear o verdadeiro alcance de semelhante pleito. E, para isso, comunicou-lhe mesmo a ameaça que Mathieu, cunhado de Arago, ouzara fazer, no escritório do *Nacional*, de privar o nosso Mestre dos lugares que ocupava na Escola Politécnica, si este tivesse o atrevimento de referir-se ao onipotente sientista. Mas nada conseguiu abalar a dignidade do egregio Pensador, que limitou-se a denunciar ao tribunal o ignobil projeto, sem mencionar quem lh'o revelára.

Esse processo foi ganho a 29 de Dezembro do mesmo ano. A narrativa do que então se passou e que foi feita pela *Gazeta dos Tribunais* * constitui, porem, um documento não menos característico daquela triste situação social do que o *Avizo* de Bachelier.

Foi também durante esse período que o nosso Mestre redigiu a primeira metade da sua *Geometria Analitica*. A correspondência com Stuart Mill, a leitura dos grandes poetas ocidentais, e o *Teatro dos Italianos* constituíam as únicas diversões a essa afanosa existência.

O ano de 1843 começou ameaçador. Derrotados à luz do dia, os pedantocratas tramão nas trevas a desfo-

* Vide essa narrativa nos *Anexos*.



rra da humilhação que o Filozofio lhes infligira. Porem, o nosso Mestre não se deixou abater. Aos seus trabalhos anteriores vem juntar-se o seu curso popular de Astronomia. A correspondencia com Stuart Mill e as leituras poeticas continuão a ser as suas principais e, em breve, as suas unicas diversões. Obrigado assim a uma vida sedentaria, a sua saude não tarda em perturbar-se. Felizmente a terminação da *Geometria Analitica*, em Fevereiro, permitiu-lhe retomar os longos e melancolicos passeios que ainda mais realção o seu isolamento. Estes exercicios conseguem recompôr a sua existencia vegetativa, tanto quanto era compativel com o deploravel estado do seu coração. Enfim, em Março, a *Geometria Analitica* vinha, ainda uma vez, atestar que a grandeza moral do afetuozo Pensador não era menos tocante do que os dotes cgregios do seu espirito.

Vimos que Maximilien Marie, não tendo conseguido que os corifeus do sientismo examinassem as suas tentativas geometricas, rezolvêra autografar a sua memoria, em Julho de 1842. Essa publicação pouca repercussão teve; porem o joven matematico não dezanimou. E, proseguindo nas suas meditações, animado pelo nosso Mestre, não tardou em entrever, na sua concepção, um elemento para constituir a *geometria comparada*. O generoso Filozofio attribuia habitualmente similhante criação a Monge, conquanto este não houvesse percebido o verdadeiro alcance da sua idéia original.

A concepção de Maximilien Marie não adquirira ainda a nitidez conveniente, quando o nosso Mestre decidiu-se a immortalizar o seu dicipulo, indicando, na sua *Geometria Analitica*, os seus ensaios e juntando a seguinte nota:

«Un jeune géomètre, M. Marie, ancien élève de l'Ecole polytechnique, vient de concevoir cette peinture des solutions imaginaires d'une manière plus profonde et plus générale que dans aucune des tentives antérieures, de façon à obtenir quelquefois d'heureux rapprochements inattendus, et sans se faire d'ailleurs aucune grave illusion sur la réalisation usuelle d'un tel perfectionnement.» (GEOMETRIA ANALITICA, p. 25).

A publicação da *Geometria Analitica* pareceu, a principio, exercer uma influencia favoravel sobre a si-



tução material de Augusto Comte. Mas os seus inimigos não tardarão em descobrir, na elevada maneira pela qual ali a geometria é encarada, uma nova base para a sua torpe exploração, sublevando, contra o Filozofó, a turba multa dos interessados na degradação do ensino. É assim que Abril e Maio são quasi totalmente occupados com os incidentes da perseguição politecnica. A camarilha de Arago, capitaneada por Mathieu e Liouville, e da qual fazia parte Sturm, tentava realizar a ameaça do primeiro, começando por arrancar a Augusto Comte o lugar de examinador de admissão. Mas os seus planos foram frustados, graças principalmente á energica intervenção de Poinset, que assim reparou nobremente a sua dezerção de 1840, por ocasião da eleição para a *cadeira de analize*, de que, como vimos, o nosso Mestre foi expoliado, em benefício de Sturm.

Para caracterizar até que ponto chegou á sanha de-zorientada dos inimigos de Augusto Comte, lembremos que houve quem lhe propuzesse uma especie de carta de retratação, como condição prévia para a sua reeleição. O Pensador repeliu com o desprezo que era de prever este vil expediente, que já fôra tentado, como posteriormente Ele soube, por intermedio de Blainville, que o rejeitára igualmente com indignação. (CARTAS A STUART MILL, p. 161).

O nosso Mestre foi pois reeleito unanimemente; porem depois de tres sessões tempestuosas, na ultima das quais ficou decidida a sua futura eliminação, sob o pretexto de uma mudança sistematica no modo de preencher o lugar de examinador. De fato, Coriolis, o director dos estudos, que fôra um dos apoios de Sturm em 1840, e que, diziludido pela experiencia dos cursos deste, voltára as suas simpatias para Augusto Comte, foi encarregado, pelo conselho politecnico, de comunicar essa resolução ao Filozofó. Consistia o modo projetado em confiar, cada ano, as funções de examinador a um novo funcionario: tal fôra o expediente sugerido por Liouville para mascarar, com razões gerais, uma infame perseguição individual. Porque, dos quatro examinadores de admissão, só Augusto Comte estava sujeito á reeleição anual, os outros tres sendó já vitalícios, na época em que se introduziu esse modo de escolha.



Enquanto se dava semelhante crize, apparecia a *Logica* de Stuart Mill, e o Fundador do Positivismo experimentava enfim a satisfação de ver a sua obra preconizada por um escritor estrangeiro, de reconhecido prestigio, e cujo merito Elle mesmo tinha em alto conceito. Mas não foi esta a unica manifestação de publica sympathia que então recebeu o nosso Mestre. Com effeito, em Junho, Maximilien Marie publicou o seu *Discurso sobre a natureza das quantidades negativas e imaginarias*, fazendo-o preceder de uma entuziastica dedicatória, onde exaltava os dotes morais do nosso Mestre. Era assim que elle correspondia á inesperada animação com que Augusto Comte o distinguira, inscrevendo o seu nome na GEOMETRIA ANALITICA e levando-o assim á Posteridade.

Semilhante preito de admiração e reconhecimento comportava sem duvida muito menores reacções sociais do que a adheção de Stuart Mill á nova Filozofia. Revelava, porem, talvez, muito maior nobreza moral. Porque os elogios do logicista britânico não podião causar-lhe nenhum prejuizo; ao passo que as homenagens de Maximilien Marie a Augusto Comte, levantando contra si as animozidades dos poderozos e rancorozos inimigos do nosso Mestre, vinhão criar novos obstaculos á difficil carreira do joven geometra. Para que se comprehendão exatamente as relações que então existião entre este e o Fundador do Positivismo, convem, porem, recordar o que se passára com Maximilien Marie, depois da autographia da sua primeira memória.

Apezar da frieza geral com que fôra acolhida a sua tentativa, elle proseguira nas suas meditações, como disse. E, quando achou que os novos rezultados a que tinha chegado já erão sufficientemente interessantes, resolveu dirigir-se, outra vez, á *Academia das Sciencias*. Nesse intuito escreveu ao prezidente a seguinte carta:

»Monsieur le Président, je viens vous prier de m'accorder la parole, si cela vous est possible, dans une des prochaines séances de l'Académie des Sciences. Je me suis occupé depuis un an de chercher une interprétation des solutions imaginaires en géométrie. Un premier mémoire que j'adressai sur ce sujet, il y a environ six mois * à M. le secrétaire perpétuel n'ayant pas été

* Esta carta deve pois ser de Outubro de 1842.— R. T. M.



rapporté, je désirerais, si cela se pouvait, dire en quelques mots les résultats auxquels je suis parvenu dans celui que je viens de terminer.

«J'ai l'honneur etc. (*Théorie*, p. 14).

.....
Eis aqui como Maximilien Marie narra o resultado de tal passo :

«J'attendis deux mois... (*Théorie*, p. 14).

«J'avais demandé la parole, le même jour qu'un ancien professeur de physique qui eut le bonheur de n'attendre qu'une semaine ou deux. Celame donpait bon espoir, tant j'étais peu au fait...

«Malheureusement un chimiste, que je crois distingué, mais qui n'était pas inscrit entre monsieur le professeur et moi, obtint la parole après lui...

«Quelques jours après, la même personne reprenait la parole, et annonçait en terminant qu'elle viendrait dans peu une troisième fois entretenir l'Académie de ses travaux.» (*Discours*, p. XXII-XXIII).

Depois de esperar dois mezes, Maximilien Marie escreveu ao presidente :

« Monsieur le Président, j'ai eu l'honneur de vous écrire, il y a environ deux mois, pour vous demander la parole. Je désirais indiquer en quelques mots les résultats auxquels je suis parvenu relativement à la théorie des expressions imaginaires, considérées comme solutions indirectes des problèmes de géométrie dont les conditions se trouvaient incompatibles.

« Depuis cette époque, un grand nombre de personnes ont été appelées et je crains d'avoir été oublié sur la liste de celles qui demandaient comme moi à entretenir l'Académie de leurs travaux. »

« Le président répondit en séance à ma lettre, par une bonne parole... — (*Théorie* p. 14).

— Oublier votre nom, me dit-il, ah ! monsieur, nos écritures sont bien tenues ; vous voilà sur la liste ; mais l'Académie a dû entendre de préférence les candidats aux places vacantes. Voilà, songai-je, qui est juste, mais il n'y a pas de place vacante dans la section de chimie... (*Discours* p. XXIII).

«...je continuai mes stations ; mais mon tour ne vint pas davantage et je finis par renoncer à le voir venir. (*Théorie*, p. 15).



Tendo pois dezesperado, outra vez, de ser atendido pelo supremo tribunal da pedantocracia cosmologica, Maximilien Marie resolveu publicar o resultado das suas locubrações. O nosso Mestre imprimia, por esse tempo a sua *Geometria Analitica*; e o editor e o impressor dessa obra são também os do opusculo de Maximilien Marie. Isto nos leva a crer que foi o nosso Mestre quem recomendou o joven matematico ao seu editor e impressor. O mais importante, porem, é que o Filozofio, conforme acima disse, resolvêra fazer uma elogioza menção dos trabalhos do seu dicipulo e offereer-lhe assim uma compensação ineomparavel aos deza-pontamentos que o academieisino lhe eouzava, havia perto de um ano.

A GEOMETRIA ANALITICA appareceu em Março de 1843 como vimos. A perseguição politeenica tinha chegado pouco depois ao seu auge. O Filozofio parecia ter alcançado uma victoria-deeziva sobre os seus raneorozos adversarios. Estes, porem, estavam certos que só tinham adiado a vingança. O enthusiasmo que Augusto Comte despertava na juventude politeenica era, entretanto, talvez maior do que nunca. Maximilien Marie partilhava dessa admiração geral: o Mestre lhe inspirava profunda veneração, não só pelo seu genio, como pela sua grandeza moral. O intimo contato que lograra ter com Augusto Comte ainda mais o comovêra, pela aliança dessa superioridade a uma nobre simplicidade. A esses motivos, juntava-se agora a gratidão pela glorioza menção dos seus ensaios, com que o Filozofio o surprehendêra.

Dominado por esses sentimentos, Maximilien Marie resolveu dedicar o seu opusculo inaugural ao Fundador do Positivismo, e o fez nos seguintes termos:

À Monsieur
A. Comte

Examinateur pour l'admission à l'Ecole Polytechnique

Mon cher et honorable Maître,

Je ne vous eusse pas demandé pour ce livre l'appui de votre nom auprès du public, je ne vous eusse pas prié d'en accepter le patronage; j'aurais, en effet, trop bien trouvé mon compte à un pareil arrangement, et je



redoutais de paraître faire affiche et prospectus de la reconnaissance que je vous dois, de l'affection respectueuse et du dévouement qui m'animent pour vous.

Mais vous avez joint à toutes vos bontés pour moi l'honorable et précieuse faveur de quelques mots encourageants insérés dans un ouvrage qui doit avoir une publicité immense, comparée à celle que comporte cette brochure.

« Je retrouve donc ma liberté toute entière, et je puis laisser ici parler mon cœur; ce n'est plus une affaire que je fais, c'est un devoir bien doux et sacré dont je m'acquitte en vous priant d'accepter l'hommage de mon premier essai.

« Vous m'avez accueilli avec une bonté touchante, vous m'avez aidé de vos conseils, vous m'avez permis quelquefois de jouir de votre conversation, et tout cela sans m'imposer un rôle derrière la coulisse. Votre grand cœur a négligé les intrigues et les pauvres comédies que joue la vanité; il n'y a qu'honneur et profit auprès de vous; vos bienfaits ne font pas rougir, on peut s'en parer.

« Permettez donc que je vous exprime ici toute ma reconnaissance, et que je me dise pour la vie votre élève enthousiaste et dévoué.*

M. MARIE

Ancien élève de l'Ecole polytechnique

O *Prefacio* desse opusculo continha uma critica severa e merecida do regimen academico em geral e da Academia das Sciencias em particular. Essa critica, escrita aliás com o ardor de um generoso espirito revolucionario, era evidentemente inspirada nos escritos ou nas conversas do nosso Mestre.

Quem conhece toda a exuberancia afetiva de Augusto Comte pôde ajuizar da emoção com que Ele recebeu essa nobre demonstração de entusiasmo. A elevação dos sentimentos e o valor intelectual do joven dicipulo já tinham aliás conquistado a confiança e a amizade do simpatico Filozofu.

* A primeira edição desse opusculo é de Junho de 1843; e, conquanto a dedicatória não tenha data e eu só conheça a 2ª edição, que appareceu em Outubro de 1844, supponho que tal dedicatória já vinha na edição anterior.



A medida que se prolongava o seu isolamento, o nosso Mestre ia percebendo, com uma energia crescente, a dureza da sua triste situação moral. A correspondência com Stuart Mill mesmo o obrigava, desde Junho de 1843, a voltar a atenção para o grande problema das relações normais entre os sexos que a sua elaboração filozofica não resolvera. Os vagos anhelos dos seus pendores altruistas não satisfeitos tornavam, de dia para dia, mais cruciante a sua existencia. Era em vão que Ele pedia ao seu ardor social uma diversão ás exigencias intimas do seu coração.

Por outro lado, as suas meditações tambem lhe fazião comprehender, cada vez mais profundamente, a conexão existente entre elas e os reclamos do sentimento. E de fato, como legislar, sem haver previamente fixado a jerarquia dos attributos humanos, e, portanto, a jerarchia dos sexos? Como manter os rezultados da sabiduria catolica e do empirismo biologico a tal respeito, quando Ele sentia no seu intimo uma luta permanente e formidavel entre o seu coração e o seu espirito? Até então Ele assimilára todas as construções mentais da Humanidade; mas si não tinha experimentado todos os sentimentos humanos, si nunca passára por esses arroubos que os grandes poetas lhe descrevião, e que todas as artes especiais, a muzica sobretudo, não cessavam de exaltar, *si antes de si, nenhuma alma se achára no estado plenamente positivo para apreciar tais sentimentos*, como legislar sobre eles?... Não havia ahí um mundo de phenomenos capitais que lhe era totalmente desconhecido?...

Essas interrogações engolfavam o simpatico Pensador nas angustiozas recordações do seu passado domestico. — *É uma bela alma que não sabe onde prender-se*, — dissera dele Lamennais, no inicio de sua carreira. A sua obra filozofica bem patenteava que Ele achára o digno objetivo do seu incomparavel entusiasmo social; porem, como a melancolica apreciação de Lamennais permanecia uma cruel realidade, quanto aos seus mais intimos anhelos! E si o Passado lhe recuzára o cumprimento dos mais ardentes votos do seu coração, o que podia Ele agora esperar do Futuro?... Mas para que perder-se em estereis recriminações contra uma cruel fatalidade? Fundador da Filozofia Positiva, Ele devia



dar o exemplo de uma nobre resignação aos merecidos infortúnios de que era vítima. Na dedicação social encontrára, até ali, o lenitivo mais eficaz aos desapontamentos da sua vida doméstica; tal podia continuar a ser a preciosa compensação das irreparáveis lacunas da sua existência privada...

Mas levado assim a buscar, no prosseguimento da sua gloriosa missão regeneradora, a única diversão concebível ao seu martírio doméstico, Ele era, sem querer, arrastado a sentir, cada vez com mais nitidez, a impossibilidade atual de semelhante remédio. Enquanto elaborára a Filosofia Positiva, Ele podéra abstrair das regras morais exatamente indispensáveis à regeneração humana. Tratava-se então apenas de conceber as condições gerais da reorganização social. Essas condições se resumiam na restauração do sacerdócio, mediante a instituição de um dogma científico, em substituição do teologismo católico exaustivo. Para demonstrar tal necessidade e a possibilidade de satisfazê-la, bastava traçar, nas suas grandes linhas, a nova doutrina, estendendo o método positivo ao estudo de todos os fenômenos, graças à descoberta das leis sociológicas. A elaboração de Cabanis e Gall supria provisoriamente a falta da Moral, como termo distinto no conjunto da hierarquia teórica.

Absorvido por esse magistoso trabalho, o ardor social do incomparável Pensador podéra encontrar, durante a primeira fase da sua vida, uma diversão eficaz às amarguras do seu triste lar. Porém, resolvida essa questão preliminar, era necessário agora instituir definitivamente as regras precisas de qualquer conduta, na triplice existência, doméstica, cívica, e planetária de cada ente humano. Desde então a elaboração mental exigia o completo conhecimento da nossa natureza. Ora, os dados de que a ciência dispunha então eram insuficientes, e não podiam ser supridos senão por uma incomparável experiência. Com efeito, cumpria resolver enfim o secular conflito entre o espírito e o coração, decidindo ao qual dos dois devia caber a preeminência moral.

Para perceber todo o alcance dessa fatalidade, convém assinalar precisamente as suas relações com a reorganização social, caracterizando a divergência profunda que, nesse momento, domina a correspondência do



Filozofu com Stuart Mill. Os dados biológicos e históricos não permitindo que o nosso Mestre hesitasse a respeito da subordinação *política* do sexo feminino ao masculino, o haviam emancipado definitivamente das aberrações revolucionárias acerca da *igualdade social* entre os sexos. D'ahi Ele concluiu a inferioridade da organização da mulher ao homem, reputando-a menos aproximada do *tipo* característico da nossa espécie. Ora, a regeneração social exigia que Ele retificasse tal conclusão; não, segundo a opinião sustentada por Stuart Mill, que aceitava a *igualdade* entre os sexos; mas descobrindo que a incontestável *dependência* política da Mulher se harmonizava com a *dignidade suprema* do posto que a Ela competia na hierarquia social. Porque o predomínio temporal e especulativo do homem, longe de atestar a a sua maior nobreza resulta unicamente da lei geral que, por toda parte, subordina objetivamente as existências mais eminentes às mais grosseiras. E como o nosso Mestre já havia reconhecido a superioridade afetiva da mulher sobre o homem, é evidente que tudo se reduzia a constatar que a suprema importância e a suprema dignidade, a direção social, em uma palavra, cabia ao altruísmo e não ao espírito. Similhante progresso redundava, teoricamente, em completar a série enciclopédica, instituindo a Moral, como ciência distinta da Sociologia, colocando-a no apice da escala respectiva, e, esteticamente, em elevar a Poesia acima da Ciência.

Augusto Comte estava, pois, impossibilitado de prosseguir na sua carreira regeneradora, enquanto não tivesse achado a solução irrevogável desse problema final. Toda vez que Ele procurava retomar as suas meditações, o seu coração sublevava a iniludível questão, e obrigava o seu gênio a absorver-se no exame dela. E então Ele era invariavelmente conduzido a sentir as dificuldades, talvez insuperáveis, que a sua situação moral criava ao preenchimento da sua missão regeneradora. As sugestões intelectuais do orgulho e da vaidade, como da veneração que lhe inspiravam os resultados da sabedoria católica ou do empirismo científico, eram impotentes para destruir essa desesperadora conclusão...

É refletindo em tão angustiosa situação, que se pôde bem avaliar o sofrimento do nosso Mestre, nessa época da sua tormentosa existência, e compreender



toda a sublimidade da sua grandeza moral. Como imaginar, na verdade, sem sentir o coração confranger-se, esse suplicio até então desconhecido? Devorado por um incomparavel entusiasmo social e ao mesmo tempo por incediveis anhelos de intimas afeições, o seu coração era servido, não só por um genio sem rival, adestrado por uma cultura scientífica e estetica sem antecedentes, mas tambem por um carater ao qual não se depara superior no conjunto da historia. Vitima das fatalidades sociais, essehomeni sem parteve por sorte uma situação domestica que o precipitára na loucura e no suicidio. Salvo destes dois abismos, procurou na sua invariavel dedicação social a unica compensação dos seus imensos desgostos privados. Mas esse nobre lenitivo, que a Fatalidade lhe permitira até ali, lhe era agora recuzado; porque, para continuar a servir a sociedade, segundo as supremas necessidades da nossa especie e as sublimes aspirações do seu altruismo, era indispensavel que o seu genio tivesse, da natureza humana, os conhecimentos que, em parte alguma, Ele podia encontrar.

Com efeito, Augusto Comte não conseguiria achar fóra de si as luzes imprecindiveis para a construção da Política e da Moral positivas, no meio dos rezultados empíricos da teologia, da metafizica, e da sciencia. Esses rezultados apenas lhe permitião conceber as condições gerais da regeneração social. Não podia tão pouco achar tais luzes dentro de si, porque o seu cruel fadario comprimira o surto dos seus intimos afetos e o privára de experimentar as mais arrebatadoras emoções do coração humano. Assim, quando o nosso Mestre procurava, na vida publica, o alivio dos seus tormentos domesticos, era a dedicação social mesma, balda de objetivo condigno, que lhe patenteava, com redobrada aflicção, o pezo das suas desgraças intimas...

Sentir a necessidade de pensar, para suavizar as dores rezultantes dos seus mais energicos afetos que se debatião no vazio, e verificar a impossibilidade de meditar, por lhe faltarem os elementos que só o completo surto das suas afeições domesticas era sucetivel de proporcionar-lhe!... O exito dos seus esforços regeneradores, a felicidade da especie inteira, em uma palavra estaria pois dependente das condições da sua felicidade pessoal?... A sua desgraça, alem do martirio individual



que lhe impunha, o impediria de assinalar o termo dos sofrimentos da sociedade, desvendando o regimen normal, para o qual tende a evolução humana?... Iria falhar á sua missão publica, só porque se havia malogrado a sua existencia domestica?... No momento mesmo em que esperava alcançar a meta dos seus esforços, viria desfazer-se, como uma chimera, o nobre projeto de toda a sua vida? Estaria reservado a outro mais afortunado prestar á Humanidade o incomparavel serviço que o conjunto da evolução ocidental lhe parecia haver reservado! Malograda a sua missão, quanto tempo teria ainda a Posteridade de esperar pelo almejado Regenerador?...

Em tais condições, o nosso Mestre era naturalmente levado, no abandono das suas conversas, a deixar ver a profunda melancolia em que o mergulhava o seu fatal isolamento. E essas maguas íntimas ainda mais tocantes tornavão a sua dedicação filozofica e a digna attitude com que arrostando as perversidades dos seus mesquinhos inimigos.

Foi nesse estado moral que as suas relações com Stuart Mill proporcionarão-lhe o ensejo de conhecer, em Dezembro de 1843, a familia Austin. Eis aqui os dados que, sobre esse digno casal, encontramos na *Enciclopedia Britannica* :

«AUSTIN, John, um dos mais habéis escritores inglezes sobre jurisprudencia, nasceu a 3 de Março de 1790. Ainda muito moço entrou para o exercito e passou cinco anos no serviço militar. Deu baixa então, applicou-se ao estudo de direito, e entrou para o fóro em 1814. Os seus talentos, posto que admiravelmente adaptados para apanhar os principios fundamentais do direito, não erão de natureza a dar-lhe sucessos na advocacia. Demais a sua saude era delicada, e em 1825 ele renunciou á attividade forense. No anno seguinte, porem, foi nomeado para a cadeira de jurisprudencia na recém-fundada universidade de Londres. Ele immediatamente partiu para a Alemanha afim de preparar-se para a sua nova função, e em Bonn relacionou-se com alguns dos mais eminentes juristas alemães. As suas lições forão a principio seguidas por um numero e uma classe de estudantes inteiramente fóra das suas previzões. Entre os seus ouvintes havia homens como Lord Romilly, Sir G. C. Lewis, e



J. S. Mill. Algumas das lições foram depois publicadas segundo as notas de Mill, que fez uma admirável apreciação de Austin nas suas *Dissertações* (vol.III). Porém, bem depressa, ficou patente que não teria muita gente a quem ensinar a ciência do direito, a qual, conquanto útil, não era de imediata utilidade na pratica. Em tais circunstancias Austin, que era talvez demaziado conscienciozo quanto ao seu trabalho, julgou do seu dever resignar a cadeira em 1832. Uma tentativa para dar lições no Inner Temple tambem falhou, e, como a sua saude era delicada, ele retirou-se para Bolonha, onde permaneceu cerca de dois anos. Em 1837 esteve como commissario real em Malta, e desempenhou os deveres desse cargo com a maior capacidade. Os dez anos seguintes foram gastos em viajar pelo continente, porque o estado da sua saude difficilmente lhe permitia rezidir na Inglaterra. A revolução de 1848 afastou-o de Paris, e na sua volta á Inglaterra foi rezidir em Weybridge, no Surrey, onde permaneceu até a sua morte em Dezembro de 1859. Austin escreveu um ou dois opusculos, mas a principal obra que publicou foi a sua *Provincia da Jurisprudencia determinada* (1832), tratado sobre a relação entre a moral e o direito, que dá uma analize clara da noção de obrigação, e uma admiravel exposição do utilitarismo, a teoria moral adotada pelo autor. Depois da sua morte, a sua viuva, Sarah Austin, publicou as suas *Lições sobre Jurisprudencia*, ou a *Filozofia do Direito Pozitivo*. Esta obra, combinada com a *Provincia*, foi editada, sob o mesmo titulo, por Mr. R. Campbell, e chegou em 1875 á quinta edição.»

«AUSTIN, Sarah Taylor, tradutora e escritora de generos diversos, nasceu em 1793.* Ela pertencia á familia

* Nas suas cartas, ao nosso Mestre, Stuart Mill diz que ela era mais conhecida do que o seu digno marido. Estas cartas acabão de ser publicadas. (Janeiro de 1899) Elas mostram o fundamento das esperanças que o logicista inspirou ao nosso Mestre. á vista do entusiasmo com que manifestou a sua adheção á FILOZOFIA POZITIVA, e o motivo das decepções mentais e morais que acabáráo por fazer cessar tal correspondencia. Convem, a este proposito, notar que o tom de Stuart Mill, no começo modesto e afetuozo, foi-se tornando cada vez mais pretenciozo e seco, á medida que os elogios do nosso Mestre e o sucesso da sua *Logica*, exaltando a sua vaidade, o fizeram desconhecer a incomparavel superioridade do magnanimo Pensador que o honrou com uma amizade cujo valor ele acabou por desconhecer da maneira mais ingrata. O confronto das duas ultimas cartas dessa precioza correspondencia é assás edificante a este respeito.— R. T. M.



Taylor de Norwich, que conta varios membros distintos na literatura e na sciencia. Era a filha mais moça da sua familia, recebeu uma educação liberal e solida, dada principalmente pela sua mãe, e teve demais a vantagem de gozar, na caza paterna, de uma sociedade muito illustrada. Tornou-se uma mulher bela e instruida, e em 1820 cazou-se com John Austin. Os dois estabelecerão-se em Londres, e entre os vizitantes familiares da sua caza contão-se Bentham, os Mill (pai e filho), os Grote, Romilly, Butler, Sydney Smith, e outros homens eminentes. Ela acompanhou o seu marido em 1827 a Bonn, onde passarão alguns mezes, e frequentarão Niebahr, Schlegel, Arndt e outros alemães distintos. Elá viveu depois alguns anos na Alemanha e em França, e enviuvou em Dezembro de 1859. Mrs Austin é bem conhecida como tradutora singularmente habil de obras francezas e alemães. Em 1832 appareceu a sua versão das *Viagens do Principe Puckler Muskau*. Estas forão seguidas pelos *Carateristicos de Goethe*, tradução do alemão, de Falk, *Historia da Reforma na Alemanha* e *Historia dos Papas*, tradução do alemão, de Ranke, e o *Conto sem fim* do Dr. Cauve. Ela escreveu *Cartas de viagem* e noticias criticas e necrologicas para o *Ateneum*, editou as *Memorias de Sydney-Smith* e as *Cartas do Egito* da sua filha Lady Duff Gordon, e durante alguns anos da sua viuvez occupou-se em preparar para a publicação as *Lições sobre Jurisprudencia* do seu marido. É tambem autora da *Alemanha desde 1760 até 1814*, da *Educação Nacional* e de *Cartas sobre as Escolas de Meninas*. Mrs Austin faleceu em Weybridge, no Surrey, a 8 de Agosto de 1867.»

A demora havida na publicação deste relatorio permite-me indicar aqui o alcance das relações do nosso Mestre com Sarah Austin. Porque a *Revista Occidental* começou a publicar a correspondencia havida entre essa egregia Dama e o Fundador do Positivismo. Não é, porem, este o momento oportuno para apreciar fatos que só se realizarão algum tempo depois. Para terminar este esboço da vida do nosso Mestre, em 1843, só nos resta pois mencionar que foi nos fins desse ano que Ele resolveu escrever a sua ASTRONOMIA POPULAR, dando assim uma diversão momentanea aos seus intimos pezares.



O ano de 1844 anunciava-se como não menos temerozo, para a situação material do Filozofio, do que o anterior. A camarilha de Arago estava decidida a espoliar-lo dos lugares que Elle occupava na Escola Politecnica. Á vista disso, o nosso Mestre resolveu apelar para o Marechal Soult, então Ministro da Guerra, a quem escreveu uma carta esclarecendo-o sobre a persiguição de que era vitima e requerendo-lhe que «restituisse ás funções de examinador a estabilidade que tinham antes de 1832 e que conservavão mesmo quanto aos seus tres colegas, pois que Elle era até ahi a unica pessoa a quem a annualidade tinha sido applicada». A maneira pela qual foi acolhido inspirou a Augusto Comte certa segurança, quanto ao seu futuro no famoso estabelecimento. O nosso Mestre aguardou pois os acontecimentos. Similhante perspectiva não bastava, porem, para proporcionar-lhe a tranquillidade intima: as aspirações dos seus pendores afetuozos, tornando-se cada vez mais energicas, não lhe permitião iluzão sobre a sua infelieidade e os meios unicos de repará-la.

Em principios de 1844 (20 de Janeiro) Maximilien Marie casou-se com M^{lle} Philisberte Félicité Aniel. Deixou então a rua Luiz Felipe e veio morar com os seus pais, na rua Pavée n. 24. Este predio é o antigo Palacio Lamoignon. A familia Marie occupava-o primeiro andar acima do entresol, no canto do fundo do pateo, a direita de quem entra, como já disse. Clotilde acompanhou o seu irmão, com quem se tinha dado sempre bem durante a sua moradia na rua Luiz Filipe. Porem, a nova habitação em comum cessando de convir-lhe, algum tempo depois, tomou-se para Ela um novo apartamento, na rua Payenne n. 5, muito perto d'aquelle onde estavam os seus pais, e onde Ela vinha tomar as suas refeições.

Devo recordar aqui o seguinte trecho da Correspondencia Sagrada que carateriza qual era a situação material de Clotilde, nessa epoca. Diz Ela na sua carta de 7 de Outubro de 1845:

«Maintenant, pour les miens et pour moi, je suis bien aise de vous initier à mes affaires privées, desquelles je ne veux pas risquer non plus que vous preniez souci.



«Depuis trois ans,¹ le frère de ma mère² me donne à titre d'étreunes, huit cents francs, qui servent à couvrir une partie de ma dépense de l'année. Ma mère me remet trois cents francs sur cette somme, et puis elle paie mon loyer, et ma pension chez mon frère. Chacun me fait, de temps à autre, un petit cadeau pour m'aider: *je ne suis donc nullement malheureuse matériellement.* Cette année (1845), que, sans être malade ni en traitement, j'ai eu beaucoup de soins à prendre de moi, je me suis trouvée ruinée avant le temps: et, si vous ne m'aviez pas paru le meilleur des hommes, j'aurais recouru à la sollicitude des miens au lieu de m'adresser à la vôtre; voilà ma petite histoire. Je ne voudrais vous paraître, ni une dépensière, ni vous faire suspecter la bonté réelle de ma famille. Tous ils ont condescendu à plusieurs de mes désirs qui leur étaient dans le fait onéreux. Le seul reproche que je puisse leur faire, c'est de vouloir me circonscrire intellectuellement.» (VOLUME SAGRADO, *Correspondence*, p. 351).

Clotilde manifestou invariavelmente essa tocante confiança na afeição que os seus lhe votavam, e testemunhou sempre o mais alto apreço pela sua Família. Assim na carta de 30 de Setembro de 1845, Ela dizia:

«...Je le redirai toujours: je ne voudrais pas, au prix d'une fortune, être née ailleurs. J'ai vu de laides choses sous de belles apparences dans bien de familles. Dans la mienne, il y a de plus que l'honneur, l'honnêteté.» (*Ibidem*, p. 344-345).

Não há dúvida que semelhante apreciação constituiu uma preciosa demonstração do sublime altruísmo de Clotilde. Mas ela não fornece uma menor prova da elevação moral da Família Marie, conforme a observação que, em 1852, o nosso Mestre atribuiu à sua imaculada Interlocutora, no CATECISMO POZITIVISTA, a propósito da viuvez eterna:

«Loin de taxer d'illusion la haute idée que deux vrais époux se forment souvent l'un de l'autre, je l'ai presque toujours attribuée à l'*appréciation plus profonde que proeure seute une pleine intimité*, qui d'ailleurs développe des qualités inconnues aux indifférents.

¹ Deve ser pois desde meados de 1842, isto é, alguns mezes depois que Clotilde veio para Paris.

² O Conde de Ficquelmont.



On doit même regarder comme très honorable pour notre espèce cette grande estime que ses membres s'inspirent mutuellement quand ils s'étudient beaucoup. Car la haine et l'indifférence mériteraient seules le reproche d'aveuglement qu'une appréciation superficielle applique à l'amour.» (CATECISMO POZITIVISTA, *Edição Jorge Lagarrigue*, p. 288).

O apartamento ocupado por Clotilde era um terceiro andar amansardado, com duas janelas de frente dando acesso a uma sacada para a rua. Essa casa existe ainda, e mandei tirar uma fotografia dela. Porém, apesar de todos os meus esforços, foi-me impossível visitar o sagrado domicílio, e, muito menos, levantar uma planta dele, em consequência da oposição absoluta do atual locatário. As preciosas informações de Mme Ve Maximilien Marie permitirão-me todavia precisar, até certo ponto, a humilde séde glorificada pela Paixão da Inspiradora da nossa Fé.

O santo domicílio se compunha de uma salinha, correspondente às duas janelas da fachada, dois quartos que lhe eram contíguos, atrás, mais duas ou tres peças menores, incluzive a cozinha. Chegava-se à salinha pelo quarto onde vinha dar o corredor do apartamento que se acha do lado mais próximo da rua Pavée. Da sala, passava-se ao segundo quarto, que ficava em comunicação com os outros comodoss. Foi ali que Clotilde fez o seu quarto de dormir; onde passou os seus derradeiros dias; e onde morreu. Clotilde só passou fóra, conservando aliás o apartamento, trez mezes de viageiatura em Passy, na rua principal, perto do bosque de Bolonha, em comodo mobiliado, durante o outono de 1845. A vizinhança do bosque permitia-lhe ir trabalhar lá,¹ gozando ao mesmo tempo de um poetico retiro e do ar livre, cuja necessidade tão vivamente sentia.

Depois do seu casamento, Maximilien Marie, comovido pela situação afetiva do nosso Mestre, convidou-o a frequentar a sua casa. A sua Mãe era uma senhora de espirito cultivado e de rara elevação; é a Ela que devemos os retratos da immaculada Inspiradora da Religião definitiva.² Clotilde dizia dela, um mez antes de expirar

¹ Informação de Mme. Ve. Maximilien Marie.

² Madame Marie fez tres retratos de Clotilde: um a representa quando tinha talvez 9 ou 10 anos; o ultimo foi feito depois da morte de Clotilde e

rar: «...elle a toujours ce cœur qui n'a pas battu un seul instant pour elle dans sa vie; je la respecterais comme étrangère; je l'aime; et la plains de ne pas voir plus net. » (VOLUME SAGRADO p.536) M^{me} Maximilien Marie realçava as suas excelentes qualidades por uma esmerada cultura muzical. O Filozofio encontraria, pois, no seio da Familia Marie, um meio capaz de suavizar as amarguras de seu infortunado lar.

Tal era a nobre Familia com quem o nosso Mestre travou relações em princípios de 1844.

Em fins de Fevereiro do mesmo ano, um joven professor de mathematica veio juntar-se á pequena roda que convivía com o Filozofio. Esse moço, que tão sinistra influencia havia de exercer sobre a evolução do Positivismo, era o Sr. Pierre Laffitte.¹ Desde então as suas relações tornáram-se cada vez mais intimas com o Fundador da Filozofia Positiva. Pouco depois a familia Grote completava, por alguns mezes, o circulo dos que tiveram a incomparavel ventura de viver na sua intimidade durante esta faze capital da sua existencia.

Entre essas relações, aquella que mais importante influencia exercen sobre a evolução afetiva do nosso Mestre, até o seu encontro com Clotilde, foi Sarah Austin. O Sr. Laffitte pretende até estabelecer uma certa analogia entre o sentimento que ela inspirou ao nosso Mestre e aquele que, mais tarde, Clotilde lhe despertou.² Porém, as declarações terminantes de Augusto Comte, bem como todos os dados sobre Sarah Austin, não permitem a minima duvida acerca da falsidade de tal assimilação. Com effeito, por um lado, as indicações biograficas que aelma transcrevemos mostram que Sarah Austin era uma senhora de cincoenta annos, quando Augusto Comte a conheceu. Além disso, cazada desde

guiando-se pelo segundo, que não pude saber de que data era. Nós possuímos fotografias do primeiro e do ultimo, que M^{me} Ve Maximilien Marie teve a bondade de mostrar-me. Quanto ao segundo não me foi possível ver, porque estava irreparavelmente estragado. Foi por este que Etex fez o retrato a oleo que está na rua Monsieur le Prince e do qual ha fotografias.

1 Vide a *Revista Occidental*, 1 serie, tomo 17, anno de 1886, p. 197.

2 O Sr. Laffitte fez primeiro uma instunção a este respeito, sem dizer o nome de Sarah Austin, no tomo XVII da *Revista Occidental*, 1 Serie, anno de 1886, p. 184. Mas no tomo XVII, da mesma *Revista*, II Serie, anno de 1898, p. 432, tornou explicita a sua affirmação, pretendendo apoiá-la em conversas particulares que o nosso Mestre tivera com ele.



1820, isto é, havia então cerca de 22 anos, ela se distinguia não menos pelas suas virtudes conjugais do que pela sua superioridade mental. Similhante conjunto de circunstâncias devia determinar uma profunda veneração para com ela; mas não é fácil de comprehender que despertasse as indiscrimináveis emoções características do primeiro amor.

Porem toda conjectura é aqui inutil, porque temos o proprio testemunho do nosso Mestre. Com effeito, na sua carta de 24 de Novembro de 1845, Ele diz a Clotilde:

«... Pour retrouver quelques émotions analogues à mon heureux état actuel, il faut que mes souvenirs remontent jusqu'à la première adolescence et au pays natal, où se place *mon unique épreuve antérieure du véritable amour*, alors étouffée, dès son germe primitif, par le mariage de celle qui en fut, à son insu, l'objet; elle doit être maintenant grand'mère, car je ne l'ai jamais revue depuis l'année qui précéda votre naissance.¹ Voilà tout ce que mon passé peut m'offrir de *faiblement comparable* au sentiment qui dominera profondément tout le reste de mon existence, et qui ne peut jamais surgir ainsi qu'envers un être vraiment pur. C'est donc *uniquement* à vous, ma Clotilde, que je devrai de ne pas quitter la vie sans avoir dignement éprouvé les plus délicieuses émotions de notre nature.» (VOLUME SAGRADO, *Correspondencia*, p. 421).

E nosso Mestre insiste mais de uma vez sobre esta afirmação. Assim, na sua carta de 28 de Maio de 1845, Ele já havia dito:

«...Il était si peu vraisemblable que vous rencontriez là l'*unique sentiment*, à la fois pur et profond, que j'aie encore éprouvé! Et pourtant, rien n'est plus vrai: ...» (*Ibidem*, p. 257).

Na carta de 7 de Dezembro de 1845, Ele diz:

«... Quoique l'empire sur soi-même augmente, en général, avec l'âge, ee ne peut être envers un *premier amour* aussi exceptionnel, et d'ailleurs aussi bien placé que le mien.» (*Ibidem*, p. 438).

Nas suas *Confissões*, o nosso Mestre mais de uma vez allude a este carater da sua paixão. Assim na 4.^a *Santa Clotilde*, Ele diz:

¹ Desde Outubro de 1814, portanto, quando o nosso Mestre veio para a Escola Politecnica. — R. T. M.



«... Je soumettrai même à cette épreuve la dame que je te représentai comme ayant, à son insu, déposé au début de mon adolescence, les *germes* d'amour que toi seule devais développer après une si longue inertie involontaire. Depuis le jour de sa noce, qui précéda de deux ans ¹ ta naissance, je ne l'ai point encore revue; et pourtant, du pays natal, elle se rappelle spontanément à moi, et témoigne le désir de me voir, en annonçant à ma sœur qu'elle est devenue grand'mère.» (*Ibidem*, p. 130).

E, na *Confissão* seguinte, o nosso Mestre acrescenta :
«Peu après ce premier acte pontifical, j'ai loyalement accompli la cordiale tentative que je t'annonçai pour renouer mes *tiens d'enfance* avec celle qui, deux ans avant ta naissance, éveilla, à son insu, ma précoce tendresse.» (*Ibidem*, p. 142).

Enfim, na carta de 6 de Maio de 1846, anunciando a Stuart Mill a sua catástrofe, o nosso Mestre dizia :

«... Le 5 avril, j'ai vu expirer, au début de sa trentième année, l'incomparable amie à laquelle s'adressa, l'an dernier, ma lettre philosophique sur la commémoration sociale, que je vous communiquai en juillet. Maintenant que cette confidence n'appartient, hélas ! qu'à moi seul, je puis indiquer, à un cœur aussi propre que l'est le vôtre à me bien comprendre, qu'il s'agissait là de *mon premier et dernier amour*, quoique cette affection soit d'ailleurs restée toujours, de part et d'autre, non moins pure que profonde.

« Dans mon fatal mariage, il n'y avait eu, jadis, qu'une générosité exagérée, par suite d'une apparente confiance totale. Au fond, mon cœur, *quoique toujours dévoré de besoins sympathiques*, était exceptionnellement resté *vierge jusqu'à mes premières relations avec cette éminente dame*, dont la concordance organique se trouvait fortifiée par une triste conformité de situation morale, quoique son malheur domestique surpassât beaucoup le mien, et fût, du reste, encore moins mérité.» (CARTAS A STUART MILL, p. 413).

Portanto, o testemunho do nosso Mestre não permite que se estabeleça, uma analogia qualquer entre os sentimentos que Sarah Austin lhe inspirou e a sua pai-

¹ Portanto desde 1813. — R. T. M.



xão por Clotilde. E esse testemunho é tanto mais irrecuzavel quanto os exemplos de Dante e Petrarca indicão que não havia razão para ocultar um afeto que só podia ter sido honroso, si tivesse realmente existido. Afastando, porem, esta assimilação, devemos assinalar agora em que consistiu a influencia de Sarah Austin sobre o nosso Mestre. Ora, é Ele mesmo quem no-la explica na primeira das suas cartas á illustre Dama, (24 de Março de 1842) e que se acha publicada na *Revista Occidental* de Novembro de 1898.

«...Sans avoir encore eu la satisfaction de vous entretenir autant que je l'eusse désiré, j'espère que vous me reconnaîtrez assez de goût et de discernement pour avoir déjà apprécié votre éminente valeur, à la fois intellectuelle et morale. Je n'ai pas manqué de remercier, avec ma sincérité accoutumée, notre cher ami John Mill de m'avoir procuré une aussi heureuse relation que celle résultée du noble et cordial échange de pensées et de sentiments qui s'est déjà opéré de ma part envers vous et votre digne époux. Quoique ma vie soit bien solitaire, j'avais eu auparavant plusieurs occasions de connaître des dames vraiment distinguées par leur portée intellectuelle; mais *vous êtes jusqu'ici la seule, Madame, qui m'avez procuré le bonheur de voir réunie la délicatesse morale à l'élévation mentale*. Celles chez qui je trouvais assez de vraie supériorité pour se placer au dessus des habitudes *blue* m'offraient le grave désappointement d'une déplorable tendance vers les aberrations de la *femme libre*.

«Permettez-moi, Madame, de vous témoigner ma vive reconnaissance pour la satisfaction que vous m'avez enfin procurée de contempler l'heureuse réunion des deux attributs que je regarde comme également indispensables, mais qui sont aujourd'hui *presque toujours en opposition*. Cette alternative déplorable entre deux sortes de travers qui me répugnent pareillement résulte *si naturellement de l'ensemble de votre situation actuelle*, que je dois être spécialement disposé à admirer la précieuse nature qui, sans aucune affectation, s'est également éloignée de tous deux.» (*Revista Occidental*, 2ª serie, tomo XVII, 1898, p. 440-441).

As cartas até hoje publicadas dessa preciosissima correspondencia manifestão igualmente o surprenen-



dente desenvolvimento que as concepções filosóficas do nosso Mestre já tinham adquirido sob o influxo do seu surto afetivo. Na sua carta de 3 de Abril de 1844, Sarah Austin lhe escrevera :

« Dans ce moment, je ne pourrais pas même vous écouter. Une chère et précieuse enfant, la fille aînée de M. Guizot est, je ne le crois que trop, mourante de pleurésie. Je vais et viens. Je reste là; quand on veut m'avoir, *je pleure, et je prie Dieu*, deux choses qui vous paraîtront également bêtes.

« Comme vous voulez. Vous penserez un peu moins bien de mon esprit, — mais je vous défile de me mépriser, — et vous savez si je vous ai en horreur pour votre anti-religiosité. » (*Ibidem* tomo XVIII, 1899, p. 137).

O nosso Mestre respondeu-lhe, no dia seguinte, pela carta que já foi publicada pelo nosso respeitável confrade Dix Hutton :

«... Quant à vous, Madame, je sympathise profondément avec la mélancolique situation où vous êtes maintenant placée, et je sens combien vous devez être absorbée par les soins affectueux qu'elle vous a imposés et qui vous conviennent si bien. Vous savez que les douces tendances de votre âme ne sont pas moins appréciées par moi que les rares qualités de votre intelligence. Mais permettez-moi, Madame, de me plaindre un peu de l'injustice qui vient d'échapper de votre plume au sujet des émotions qui vous agitent, et que vous me taxez d'ignorer ou de dédaigner. Je sais pleurer aussi, croyez-le bien, non seulement d'admiration, mais aussi de douleur, surtout sympathique. Quant à la prière, ce n'est réellement qu'une forme spéciale, dans le régime ancien, d'émotions extatiques ou d'inspirations générales dont le fond indestructible appartiendra toujours à la nature humaine, quelles que deviennent ses habitudes mentales. Plus je vis, Madame, et plus j'ai lieu de sentir que les philosophes positifs, *obligés de concevoir l'homme tel qu'il est*, et sous tous les modes quelconques propres à son existence totale, sont les seuls qui puissent rendre une pleine justice à leurs adversaires ou à leurs concurrents, dont ils ne doivent pas s'attendre à être aussi équitablement appréciés. Les étroites habitudes résultées de la religiosité * portent à croire que les émotions,

* A palavra *religiosité* é aqui sinónimo de *théologie*. — R. T. M.

et même les conceptions de notre nature ne peuvent exister sans le costume qu'elles ont dû affecter pendant l'enfance de la raison humaine. Une autre injuste prévention de même source dispose à regarder la saine philosophie comme incapable d'embrasser jamais ce que son développement à peine naissant ne lui a pas encore permis de formuler, surtout quand le défaut d'assistance des institutions correspondantes se joint aux inconvénients d'une telle insuffisance d'essor. Mais je sens très bien, par moi-même, que tous les nobles sentiments d'amour et d'élévation que dirigeait à sa manière la philosophie théologique pourront retrouver sous d'autres formes une alimentation au moins équivalente dans le nouveau régime spéculatif. Ce n'est point exclusivement aux idées vagues, arbitraires et nébuleuses qu'appartient l'excitation systématique des sentiments tendres et généreux. L'élaboration austère et méthodique à laquelle j'ai voué ma vie, pour organiser un ensemble de conceptions sans lequel aucune régénération ne peut plus trouver de base solide, ne m'a jamais empêché de ressentir des élans réguliers d'amour universel et de contemplation désintéressée, aussi bien en vivant familièrement parmi mes semblables que dans la silencieuse concentration de mes nuits philosophiques. Or, c'est là, sans doute, ce qu'offre de réel la situation morale et mentale que représente ou qu'entretient la prière proprement dite, quand on en écarte les enveloppes religieuses * qui ne lui son nullement indispensables. Permettez-moi donc, ma chère dame, en protestant tendrement contre vos préventions à ce sujet, de vous annoncer que, *quand le temps sera venu de développer convenablement le caractère sentimental de la philosophie nouvelle*, les juges aussi consciencieux que vous l'êtes ne tarderont pas à reconnaître qu'elle ne craint pas plus sous ce rapport, que sous l'aspect spéculatif, la comparaison réelle avec l'ancienne manière de philosopher. *Dieu n'est pas plus nécessaire au fond pour aimer et pour pleurer que pour juger et pour penser.*» (*Ibidem*, p. 138-139).

Porem o nobre exemplo que Sarah Austin oferecia, pela primeira vez, a Augusto Comte, da aliança entre a elevação moral e a superioridade intelectual, não era

* A palavra *religieuses* aqui é sinonimia de *théologiques*. — R. T. M.



ainda assás decisivo para conduzir á regeneração do egregio Pensador. Uma lei só fica irrevogavelmente estabelecida quando os phenomenos que ella liga não comportão outra explicação. Similhante observação é sobretudo incontestavel quando se trata das concepções primordiais. Ora, Sarah Austin apresentava o tipo da virtude conseguida em condições por demais propicias ao surto dos nossos instinctos altruistas, e especialmente demasiado favoravel á feliz organização da mulher. Nacida no seio de uma familia distinta, ella possuia honrosas tradições. Aos vinte e sete annos se casára com um homem que lhe inspirou profunda afeição, e teve a felicidade de não conhecer as amarguras da viuvez precoce. A saude melindrosa de John Austin foi um incentivo á expansão do seu devotamento conjugal, sem que a sua situação material pareça ter criado obices aos votos da sua ternura. O unico elemento que podia ter perturbado o desenvolvimento do seu egregio coração era a 'sua cultura intellectual.

Tendo um carater fatalmente metafizico, e reallizando-se em um meio profundamente anarchizado, essa cultura tendia a ineptar a vaidade e a deprimir a veneração, predispondo portanto para a revolta. Esse perigo era tanto mais iminente quanto a cultura intellectual, constituindo uma raridade incomparavelmente maior no sexo feminino do que no masculino, pôde mais facilmente conduzir a mulher á prezunção do que o homem. Porque induz a attribuir á singularidade do merito uma superioridade que é realmente devida á excepcionalidade do acazo. Acrece notar que o conforto em que Sarah Austin passou a sua primeira vida, vinha espontaneamente fomentar as disposições á independencia.

Ter vencido todas essas tentações da vaidade propria e todas as seducções de uma profunda anarchia social que arrastava varias mulheres eminentes ás mais extremas aberrações, acerca do papel moral e politico do sexo feminino, constitui, sem duvida, uma irreduzivel prova de merito excepcional. Mas essa prova não era ainda decisiva, para concluir que a moralidade dependia sobretudo da elevação affetiva. Porque o facto de Sarah Austin conservar ainda pelo menos as crenças fundamentais theologicas, como se depreheende da sua carta de 3 de Abril de 1844, ao nosso Mestre, podia ser in-



terpretado como uma prova de insuficiência mental. De sorte que o seu respeito, pratico e teorico, pela missão que realmente compete ao sexo feminino podia ser atribuido a essa insuficiência. Em segundo lugar, não havendo encontrado na sua vida as fortes solicitações da desgraça, ela não tinha tido o ensejo de patentear todo o alcance dos seus dotes altruistas e mesmo todo o valor da sua intelligencia. Ela podia, portanto, oferecer uma bela confirmação da teoria positiva da natureza feminina, quando essa teoria estivesse construida. Mas o seu caso era insufficiente para conduzir á resolução do supremo problema humano.

Para isso, era indispensavel uma mulher ornada dos mais egregios dotes femininos, emancipada completamente das concepções teologicas, e que tivesse tido a ocasião de evidenciar a supremacia do sentimento, superando espontaneamente, e nas mais dificeis condições, as aberrações revolucionarias. Percebe-se mesmo que, si a desgraça era uma fatal provação assim imposta á esse incomparavel tipo de santa, não era menos indispensavel que a sua intelligencia se achasse, tanto quanto possivel, desprovida dos recursos que a instrução fornece ao altruismo para vencer os sofismas do egoismo. Só assim o orgulho masculino não poderia attribuir ao espirito os resultados morais devidos á preeminencia do coração. Ora, esse conjunto de condições não se realizou, entre as mulheres historicas e legendarias, sinão em Clotilde de Vaux; e não era indispensavel que se realizasse sinão uma vez. Póde-se pois, parafrasear, a respeito da nossa divina Mãe Espiritual, a apreciação que Lagrange applicava ao fundador da mecanica celeste: *Nunca mulher alguma igualará a sua gloria, porque só havia um problema humano, e este foi resolvido graças a Ella*. Mas isto patenteia tambem que a grandeza moral do nosso Supremo Pai não comporta paralelo; pois que só a sublimidade do seu altruismo permitiu que o seu genio dissipasse os sofismas do orgulho masculino, sistematizando scientificamente as inspirações morais de Clotilde e revelando ao mundo scandalizado a verdadeira fonte das suas descobertas finais.

Convem não esquecer finalmente que a situação moral de Sarah Austin impedia que ela se tornasse o objeto das profundas emoções cuja compressão tortu-



rava o Regenerador definitivo. Ela não podia pois determinar o incomparavel surto afetivo sem o qual a Religião da Humanidade ainda hoje estaria por construir.

O estado de agitação cerebral em que o nosso Mestre se achava, em consequencia da situação do seu coração, chegou mesmo a comprometer a sua saude corporea. Ele viu-se, por isso, obrigado a suspender, em Março, a redacção da ASTRONOMIA POPULAR, que só retomou em Julho. Nesse intervalo os seus inimigos conseguirão enfim a realização do seu rancoroso sonho. Embora prevenido das intrigas por Duhamel, que disfarçava a inveja que lhe tinha com uma refalsada amizade, o Filozofio aguardou os acontecimentos com serena dignidade. Depois do desfecho, foi que Ele apelou segunda vez para o Ministro, denunciando de novo a prevaricação de que era vitima e solicitando um inquerito. O Marechal Soult reprovou severamente a conduta do conselho politecnico, e recuzou-se a nomear sucessor para o nosso Mestre, limitando-se a designar Wantzel para preencher as funções de examinador por aquela vez.

Esta decisão deixou Augusto Comte em dificeis condições materiais, que tanto mais o afetavão quanto reagião sobre a sorte de M^{me} Comte, a quem Ele se reconheçera no dever de dar uma pensão de 3000 francos anuais, como vimos. Mas este acidente serviu para patentear que os esforços da pedantocracia erão impotentes para anular o denodado Pensador. Com effeito, em tão apuradas circumstancias, o nosso Mestre rezolveu fazer um apelo á generozidade dos adeptos que a Filozofia Pozitiva contava na Inglaterra. Nesse sentido escreveu a Stuart Mill, e teve o nobre jubilo de ver atendido o seu pedido pelo generoso concurso de Grote, W. Molesworth, e Raikes Currie. Restabelecido assim, embora momentaneamente, o equilibrio da sua vida material, Augusto Comte proseguiu nos seus trabalhos e concluiu a ASTRONOMIA POPULAR, em Julho de 1844.

Ao mesmo tempo, os acontecimentos que se passavão na Escola Politecnica tinhão decidido o governo a tentar um esforço no intuito de libertar-se da opressão pedantocratica. Porem as intrigas dos sientistas, juntas porventura aos manejos dos demagogos, determinarão uma revolta dos alunos, em consequencia da qual forão



estes licenciados.¹ Similhante acontecimento serviu contudo para revelar, ainda uma vez, o prestígio de Augusto Comte sobre a mocidade politécnica. Com efeito, na véspera do licenciamento, os alunos enviáram uma comissão ao nosso Mestre para consultá-lo sobre o procedimento que devião ter. Infelizmente já era tarde para seguir os conselhos de submissão pura e simples que o Fundador do Positivismo lhes deu.

Licenciada a Escola, o Governo projetou uma nova organização. Augusto Comte alimentou esperanças de que o novo regulamento o puzesse a coberto da vingança dos seus inimigos. Era isso de esperar da conduta do Marechal Soult para com Ele, e mesmo da intervenção presumível de Guizot que era então o verdadeiro diretor do gabinete e da politica. Este conhecia pessoalmente o nosso Mestre desde 1826 e manifestára até, nessa epoca, profundas simpatias pela nova Filozofia. Depois essas relações se interrompêrão, e, attingindo o fto das suas ambições, Guizot recusou-se a prestar ao Filozofio o apoio que a sua posição lhe permitia e o seu dever lhe impunha. Mas agora tratava-se simplesmente da observancia da mais rudimentar honestidade, e o poderoso ministro era estimulado no seu altruismo pelo interesse e a afeição que Sarah Austin mostrava por Augusto Comte.² Chegáram até a dizer a Augusto Comte que Ele seria ouvido acerca da nova organização; mas assim não aconteceu.

A marcha da vida do nosso Mestre conduziu-o então á meditação direta da sua segunda obra. E similhante esforço mental ainda mais agravou a sua situação moral. Esse concurso de circumstancias acabou por determinar uma repercussão sobre o seu fisico e Ele foi acometido, em Setembro de 1844, de grave enfermidade. Temos os pormenores dessa crise na carta que Ele dirigiu a Stuart Mill a 21 de Outubro seguinte. O nosso Mestre acabava de sahir dela, quando, em Outubro, encontrou

1 Ordenança de 17 de Agosto de 1844. Vide sobre esses acontecimentos as CARTAS A STUART MILL.

2 Vide acerca das relações entre Guizot e o nosso Mestre: o *Prefacio Pessoal* do VI tomo do SISTEMA DE FILOZOFIA POSITIVA; as CARTAS A STUART MILL; a *Vida de Augusto Comte* pelo Dr. Robinet; e a *Revista Occidental*.



-se pela primeira vez com Clotilde, em casa dos seus pais. Esta carta traduz, a meu ver, um profundo abalo afetivo que me induz a supor que ela é posterior ao encontro inicial do Fundador do Positivismo com a sua egregia Inspiradora. A importância de tal documento determina-me a transcrevê-lo. Antes, porém, cumpre mencionar a última manifestação pública que Maximilien Marie deu do afeto que votava ao nosso Mestre.

Em outubro de 1844 saíam a segunda edição do *Discurso sobre a natureza das grandezas negativas e imaginárias*. O frio acolhimento que tivera a primeira edição, da qual apenas alguns exemplares se tinham vendido, ainda mais realce dava à nobre conduta de Augusto Comte para com o jovem geometra. Eis como Maximilien Marie narrou, em 1876, a aceitação que teve o seu opusculo, no meio pedantocrático :

«Je vis d'abord fondre sur moi les quolibets d'un journaliste, qui, ayant perdu patience au milieu de la lecture de mon ouvrage, n'y avait pas vu l'énonciation des faits nouveaux qui eussent pu frapper son esprit, je veux dire la Théorie des tangentes imaginaires, et déclarait n'y avoir rien trouvé. Puis je me sentis bientôt paralysé dans tous les mouvements que je tentais pour arriver à gagner ma vie; j'étais entouré comme d'une glu que je ne pouvais percer. J'avais osé faire un total de la partie réelle et de la partie imaginaire d'une variable ! Les chers camarades * avaient fait ressortir la malhonnêteté de cette conduite, et toutes les portes se fermaient devant moi.

«*Fou, esprit confus*, étaient les épithètes les plus modérées dont on m'affublait. On poussa même le zèle en faveur des saines doctrines jusqu'à aller me dénoncer à notre excellent camarade M. Lepennee, alors directeur de l'institution Bourdon, chez qui je gagnais bien six ou huit cents francs par an. M. Lepennee me conta le fait, je lui expliquai mes imaginaires, et nous restâmes bons amis.» (*Théorie*, III. p. 16).

.....

Mas esse acolhimento não desanimara Maximilien Marie que, tendo chegado a novos resultados, resolveu fazer uma segunda edição do seu opusculo :

* É o tratamento habitual entre os alunos da Escola Politécnica em França.—R. T. M.



«J'avais achevé toutes ces recherches vers la fin de 1844. Je ne voyais pour le moment rien de plus à entreprendre. Je crus bien faire de compléter mon premier ouvrage en en supprimant la dernière feuille et raccordant le nouveau travail à l'ancien. Le second tirage, ainsi composé, parut en octobre 1844.

«M. Terquem s'était moqué de moi dans ses Annales, je crus devoir lui répondre»... (*Ibidem*, p. 22).

A ruptura de relações, que, depois da morte de Clotilde, sobreveio entre Maximilien Marie e o nosso Mestre determinou-o sem duvida a não mencionar, nessa narrativa, a honrosa animação que, desde o seu começo, recebeu do Fundador da Filosofia Positiva. Ele faz mesmo a seguinte reflexão para explicar o acolhimento que teve a primeira edição do seu *Discurso sobre a natureza das grandezas negativas e imaginarias*:

«Pour qu'un livre soit lu, il faut que les personnes réputées capables d'en juger le recommandent, ou que l'auteur soit très connu. Ni l'une ni l'autre de ces deux conditions ne se trouvant remplie, mon livre ne parvint pas au vrai public.» (*Ibidem*, p. 17-18).

Disse-me, porem, M. Charles do Rouvre que Maximilien Marie nunca retirou a dedicatória do seu opusculo inicial.

A dolorosa ruptura não impediu, todavia, que o Fundador da Religião da Humanidade, ao sistematizar definitivamente a Logica (matematica), consagrasse uma apreciação especial aos trabalhos de Maximilien Marie. A conclusão de semelhante exame é que tais pesquisas, «destituídas de direção filosofica, e nas quais se esquece o fim, essencialmente geometrico, da instituição carteziana,» não podem ser incorporadas ao conjunto do saber normal. Mas esse juizo mesmo classifica a tentativa de Maximilien Marie entre «os melhores modos capazes de conseguir a representação dos simbolos imaginarios,» e concentra nele uma apreciação que ha de ser eternamente feita em todo o Planeta. De sorte que estamos certos que só entre os dicipulos do nosso Mestre se encontra hoje, como se encontrará no mais remoto futuro, quem esteja nos azos de julgar do merito teorico que revela a concepção a que Maximilien Marie consagrou a sua atividade scientifica.



Voltemos, porem, ao ano de 1844. Como vimos, em Outubro desse ano sahia a segunda edição do opusculo de Maximilien Marie. Publicando-a, o joven geometra fez preceder o *Discurso* de uma *Advertencia*, na qual, depois de aludir ao alcance da sua concepção, faz a seguinte referencia á expolição de que o nosso Mestre acabava de ser vitima.

« Mais l'homme en général est né paresseux, et quant aux savants, ils intriguent aujourd'hui, cela est beaucoup plus digne et les sciences en profitent davantage. Outre qu'il doit y avoir grand plaisir à ôter à un honnête homme, et de mérite, à un plus savant que soi, la place qui le fait vivre; si on la peut prendre pour soi, l'affaire est déjà bonne, outre que glorieuse et honorable; mais quand on est gorgé, la donner à quelque jeune gars dans le seul but de mal faire, voilà qui touche au sublime! De fait, comment l'ignorance se vengerait-elle du savoir, si on lui refusait ces honnêtes expédients?

« Pardonne, ami lecteur, désintéressé dans ces sales affaires, une petite digression que légitime le ressouvenir d'un vol récent commis en conseil polymachique par une demi-douzaine de docteurs *Pancrace*; tu en as entendu parler, et le récit de cette friponnerie t'a fait dresser les cheveux sur la tête, sans doute, car tu aimes la justice, quoique tu te remues peu pour elle. » (*Discours*, p. VI.)

Essa *Advertencia* é de 7 de Setembro de 1844, o que me faz supôr que o opusculo sahio em principio de Outubro, e, portanto, antes do primeiro encontro do nosso Mestre com Clotilde. Pôde-se, á vista do conjunto das circunstancias que acabamos de recordar, conceber toda a profundez das afetuozas relações que já existião entre a Família Marie e o nosso Mestre, quando Ele teve a ventura de conhecer Aquela que devia tornar-se a sua immaculada Inspiradora.

Eis agora a carta em que o nosso Mestre narra a Stuart Mill a crize pela qual acabava de passar:

... « C'est avec une vive et sincère sympathie que j'ai compris votre récente douleur par la perte prématurée d'un véritable ami qui, d'après votre appréciation caractéristique, devait certainement offrir une haute valeur aussi bien mentale que morale.



« Sans que mes propres antécédents m'aient directement permis jusqu'ici de sentir personnellement d'aussi amères souffrances, parce que je n'ai pas eu le bonheur de rencontrer aussi bien, je sens trop profondément le prix de pareilles intimités pour ne pas me mettre ici complètement à votre place. Ma vie habituellement solitaire et le triste désappointement de tous mes projets domestiques me disposent spécialement à sentir encore mieux le prix d'un tel trésor et le tourment de le perdre, surtout aussi hâtivement. De semblables lacunes sont bien difficilement réparables; aussi existe-t-il chez moi un ordre entier de sentiments affectueux qui n'a pu trouver un suffisant essor habituel et dont l'imparfaite expansion me rendrait la vie souvent presque insupportable sans l'état continu de profonde concentration mentale où je suis heureusement plongé plus ou moins depuis ma première jeunesse, quoique je sente parfois très-péniblement combien est incomplète cette compensation spontanée.

« Ma santé, depuis ma dernière lettre * n'a pas été aussi bonne que la vôtre. Je vous avais déjà annoncé une certaine perturbation physique, déterminée suivant mon usage par l'approche d'un grand travail philosophique.

« C'est une nécessité à laquelle je me suis reconnu assujéti depuis longtemps, et que vérifia spécialement chaque grande phase de mon élaboration fondamentale; quand une forte innervation prolongée commence à s'établir en moi, elle détermine préalablement une certaine indisposition physique plus ou moins durable et qu'un observateur mal préparé attribuirait à toute autre influence; jusqu'ici seulement ces symptômes passagers, soit éruptifs, soit rhumatismaux, etc, n'avaient exigé aucun soin particulier, et j'y avais à peine fait attention. Mais cette fois le trouble momentané a été plus grave et mieux caractérisé, soit à raison d'une plus longue fatigue antérieure, soit surtout en vertu des graves inquiétudes continues relatives à l'état de crise où se trouve, depuis environ deux ans, ma situation personnelle, et qui même n'est pas encore terminée, quelque raison que j'aie maintenant de compter sur une prochaine et heureuse solution finale.

* Celle du 23 août 1844. — R. T. M.



» J'ai donc été atteint, le mois dernier,¹ d'un érysipèle très prononcé qui a successivement envahi toute la partie droite du visage située au-dessous de l'œil, mais sans jamais affecter, heureusement, la partie supérieure. Cela m'a tenu dix jours alité et sans nourriture, mais avec peu de douleur, sauf l'insomnie.

« Au reste, cette courte maladie ne pouvait survenir en un instant plus favorable à sa paisible régularité, par suite de mon état exceptionnel de plein loisir, qui m'a permis de pourvoir librement, et sans aucune préoccupation, aux soins qu'elle exigeait: la tutélaire intervention que venait de déterminer si heureusement votre noble et active sollicitude m'ôtait d'ailleurs d'avance le seul souci actuel qui eût pu troubler une telle disposition. C'est pourquoi le cours de cette maladie a été plus facile et plus rapide qu'il n'est d'usage en pareil cas, et il ne m'en reste maintenant d'autre trace qu'une certaine tendance du sang vers la tête, qui exige un certain ensemble de précautions habituelles.

« La plus grave d'entre elles consiste à m'interdire le travail de cabinet auquel j'avais compté consacrer ce dernier mois-ci de mon loisir exceptionnel, pour écrire environ la moitié du premier volume de mon second grand ouvrage; au lieu de cela, je suis obligé de me borner encore à la méditation verticale ou ambulante. Toutefois, je suis convaincu que mon travail n'en éprouvera finalement aucun retard véritable, mais plutôt une notable accélération par suite de la merveilleuse activité cérébrale dont j'ai été doué, même malgré tous mes efforts spéciaux, pendant ces quelques jours de méditation horizontale, où j'ai complètement arrêté le plan, l'esprit et les principaux points de cette nouvelle élaboration qui, par sa nature, devait m'offrir particulièrement cette difficulté fondamentale de la rendre suffisamment distincte de la seconde moitié de mon grand ouvrage. Cette difficulté est maintenant tout-à-fait surmontée,² et je n'ai plus qu'à écrire couramment le premier volume, aussitôt que l'état de ma santé me le permettra raisonnablement; j'aurai seulement à regretter que ce soit pendant le cours de mes occupations

¹ Setembro de 1844.— R. T. M.

² A continuação desta correspondência mesmo, como o conjunto dos fatos posteriores, mostra que o nosso Mestre se iludia a tal respeito.—R.T.M.



profissionais, qui vont recommencer avec le mois prochain. Cette récente expérience m'a fourni l'occasion de constater pleinement combien l'état de jeûne, convenablement établi, peut devenir favorable au travail intellectuel.

« La religion, * qui, depuis quelques siècles, discrédite réellement tout ce qui reste exclusivement placé sous sa funeste protection, a fait momentanément perdre de vue la pratique du jeûne. Mais quand la vie humaine sera enfin convenablement systématisée, je suis persuadé qu'on sera conduit à instituer à ce sujet des habitudes régulières, les unes communes, les autres plus ou moins spéciales; tous les vrais penseurs s'accorderont aisément à cet égard, » (CARTAS A STUART MILL. Carta de 21 de Outubro de 1844, p. 267-271)

Mme Comte quiz prevalecer-se desta molestia do nosso Mestre, para voltar ao domicilio conjugal que ela havia abandonado. Nesse intuito mandou oferecer-se para tratar do Filozofa. O intermediario foi Blainville. O nosso Mestre rejeitou porem a cavilosa proposta com a sua dignidade caracteristica.

Não era esta a primeira vez que Carolina Massin fazia semelhante tentativa. O livro desleal com que Littré pretende seduzir os seus contemporaneos e iludira Posteridade, nos indica esses repetidos esforços desde 1843. E, apesar do evidente intuito de endoear a conduta da indigna esposa e caluniar o generoso Filozofa, semelhante narrativa nos permite penetrar a verdade que o lexicografo quiz falsear.

Os males imensos que Carolina Massin cauzara ao nosso Mestre não conseguirão jamais enfraquecer nele a profunda gratidão pelos serviços que dela recebera durante a crise cerebral de 1826, cuja responsabilidade, aliás, a ela mesma cabia. Movidio por essa gratidão e pela sua natural bondade, Augusto Comte continuou a escrever-lhe, dando-lhe parte dos acontecimentos da sua vida que a podião interessar. Tal correspondencia oferecia, por vezes, ensejo para Mme Comte verificar toda a profundidade do reconhecimento de que era alvo. Mas a inferioridade moral dessa mulher não lhe permitia compreender semelhantes provas de tão cavalheiresca piedade.

* *Religion* aqui é sinonima de *théologie*. — R. T. M.



Ela as traduzia, como indícios de uma situação afetiva que tornava a sua ausência insuportável ao Filozofu, ou quiçá mostras de ardente dezejo de ver cessar uma aflição separação. Em cada uma dessas ocasiões, Carolina Massin procurava, portanto, voltar ao lar que grosseira e ingratamente tantas vezes dezeretára.

Eslarecida assim a situação, transcreveremos exatamente as informações que o campeão de M^{me} Comte nos dá a tal respeito.

« Dans ce temps, M. Comte reçut de sa sœur une lettre qui lui parlait vaguement des dispositions testamentaires faites par son père ; il envoya cette lettre à M^{me} Comte, qui, à la vue d'une écriture lui rappelant l'année 1826, ressentit de la peine. Là-dessus, M. Comte exprime son regret du chagrin qu'il a causé, chagrin qu'il conçoit d'après les antécédents. Il a été profondément blessé du silence gardé en cette lettre sur les indignités commises dans le temps à l'égard de sa femme, et particulièrement sur l'inconvenance qui fut, il y a cinq ans,* la cause de la dernière rupture. Jamais il ne permettra, quoi qu'il arrive, qu'on abuse contre M^{me} Comte de la séparation intervenue. Il est indécis sur ce qu'il fera ; il penche à regarder la lettre comme non avenue, et comme si elle avait été brûlée ; et elle l'aurait été en effet, ce qui est arrivé même à des lettres de sa mère, si elle ne lui était pas parvenue par surprise. Le seul motif d'accueillir une telle ouverture serait la pensée de son vieux père ; envers sa mère elle-même, il n'a jamais eu que de regrets et non de remords. Son intention est, s'il retourne à Montpellier, de voir son père sans loger chez lui. Il charge M. Captier (un ami commun) de transmettre à sa famille la résolution de pas répondre et de lui faire connaître les généreuses instances faites par sa femme, soit aujourd'hui, soit auparavant, pour pousser M. Comte à une réconciliation (*Lettre du 20 Avril 1843*). »

Bem pouca confiança merece a fidelidade de tal extrato. Mas, admitindo a sua inteira veracidade, esta passagem serve unicamente para caracterizar a nefanda reação moral que Carolina Massin exerceu sobre o nosso Mestre. Para atenuar essa iniludível conclusão, Littré

* Em 1838, portanto. Creio, á vista disto, que foi nesse ano, por ocasião da sua *tournee* de examinador, que o nosso Mestre, esteve, pela ultima vez, em casa da sua familia paterna. — R. T. M.

contava com o efeito da frase final : « les généreuses instances faites par sa femme, soit aujourd'hui, soit auparavant, pour pousser M. Comte à une réconciliation. » Mas essa frase não pôde iludir a ninguém; não é por palavras frias mais ou menos artificiosas, que se dissipão as queixas que um cavalheresco coração tem de outrem por nossa cauza. Aliás o melhor antidoto contra essa perversa insinuação é a contemplação do santo efeito produzido pela regeneração moral rezultante do amor que Clotilde inspirou ao nosso Mestre :

« Ma noble et tendre mère, que j'ai perdue depuis quatorze ans, fut réellement la première source de toutes mes qualités essentielles, non seulement de cœur, mais aussi de caractère, et même d'esprit. Néanmoins, j'avoue humblement ici que je ne l'ai jamais autant aimée qui l'exigeaient ses vertus et ses malheurs. Cette insuffisante tendresse ne lui fut pas même assez témoin, d'après la mauvaise honte de paraître trop sensible qu'inspire l'éducation actuelle. Or, le culte de ma sainte compagne a seul ranimé celui de ma digne mère. La vénérable image de Rosalie Boyer s'est de plus en plus combinée avec l'aimable présence de Clotilde de Vaux, d'abord dans ma visite hebdomadaire à la tombe chérie, et ensuite pendant mes prières quotidiennes. Ces deux anges si concordants, qui présidèrent aux deux phases extrêmes de mon initiation morale, seront j'espère, à jamais réunis par la reconnaissance de l'humanité envers l'ensemble de mes services. Leur commune adoration indique l'heureuse tendance de mon culte principal à se répandre naturellement sur tous les êtres dignes d'une telle adjonction. Je ne pouvais puiser ailleurs cette tardive compensation de *mes torts filiaux*, ni la force de les avouer publiquement. » (POLÍTICA POSITIVA, I, *Préface*, p. 12).

Podemos, pois, agora continuar a nossa penosa citação, como Dante atravessando os célos da eterna dôr.

« Peu de jours après, il exprima les mêmes sentiments. Il constata qu'il n'a jamais été fait à M^{me} Comte la moindre réparation. La lettre n'a été écrite que parce qu'on a cru que la séparation dispenserait des réparations. Il ne souffrira jamais, de la part de sa famille, la moindre insinuation contre sa femme. Son refus de répondre vient de lui, et a été décidé malgré les géné-



reuses représentations de M^{me} Comte. D'un autre côté, il déclare à M^{me} Comte, *qui lui avait écrit pour demander un rapprochement, qu'il ne consentira à aucun rapprochement*; mais, quoi que l'avenir puisse amener, rien ne pourra le pousser à oublier les preuves irrécusables d'un sincère et actif dévouement que M^{me} Comte lui a données.¹ (*Lettre du 25 Avril 1843*).

« Dans une lettre où il était surtout question des menaces qui commençaient à s'élever au sujet de sa place d'examineur, M. Comte continue à *refuser les entrevues que sa femme continue à demander*; suivant lui, *l'ensemble de la conduite de sa femme à son égard a été mauvais*, sauf quelques transports d'une véritable dévouement en certains cas critiques. (*Lettre du 1^{er} Juin 1843*)

« Le lendemain, M. Comte regrette la peine que sa lettre a causée. Sa *résolution de ne pas voir sa femme* ne prouve pas, comme elle le craint, un *défaut complet* d'affection envers elle. Ce qui le montre, c'est qu'il lui a soigneusement caché les inquiétudes qu'il a ressenties au sujet de sa place. Le vrai motif de sa conduite dans l'affaire relative à la lettre de sa sœur est la conduite tenue autrefois à l'égard de M^{me} Comte, sans qu'il y ait jamais eu réparation. M^{me} Comte mourût-elle avant lui, cela le déterminerait à repousser encore plus énergiquement toute idée de rapprochement envers ceux qui l'ont ainsi traité. La perte du bonheur domestique entre M. et M^{me} Comte a certainement beaucoup dépendu de ces procédés.² S'il devait y avoir une réconciliation, les griefs envers M^{me} Comte passeraient avant les griefs envers M. Comte. Il engage M^{me} Comte à ne pas persister dans la résolution désespérée de ne pas lui écrire; et dût-elle y persister, il continuera, lui, à écrire. Il lui conseille de consulter M. de Blainville sur l'inopportunité du silence dont elle a parlé. (*Lettre du 2 Juin 1843*).

« M^{me} Comte, apprenant que M. Comte n'a pas

1 Conveniu não esquecer que essas provas de dedicação se referem á conduta de M^{me} Comte durante á crise cerebral de 1826.— R. T. M.

2 Qualquer mulher afetuoza e digna sabe si a conduta da família do seu marido para consigo poderia jamais determinar lutas conjugais capazes de a conduzir a abandonar um esposo que sempre tivesse tomado a sua cavalheiresca defeza. R. T. M.



fait son excursion au Havre faute d'avoir reçu à temps ses frais de route, avait porté aussitôt l'argent à M. Lenoir. M. Comte l'en remercie vivement; mais il ne veut partir qu'avec l'argent du ministère, afin de ne pas créer un mauvais précédent, et il renonce ainsi à sa seule distraction. (*Lettre du 3-Septembre 1843*)

«La tournée des examens conduisit M. Comte à Montpellier. Là sa sœur a fait une tentative de réconciliation par l'intermédiaire d'un ami (M. Pouzin), qu'à son tour M. Comte a chargé de déclarer que les torts les plus anciens et les plus graves étaient envers sa femme; que la séparation actuelle ne faisait que rendre une réparation plus nécessaire; que, sans rien formuler sur cette réparation, M^{me} Comte peut se rendre à Montpellier sur une invitation de la famille; que, sans cela, il ne pouvait entendre à rien, et qu'il était même révolté des démarches qu'on faisait. Il ajoute que, le matin de son départ, sa sœur est entrée à l'improviste dans sa chambre, et qu'ainsi poussé à bout, il lui a répété sommairement ce qu'il avait chargé l'ami commun de dire; l'entrevue n'a duré que cinq minutes. (*Lettre du 21 de Octobre 1843*).

«M^{me} Comte étant revenue sur la question des entrevues, M. Comte, signifiant qu'il ne consentira plus à en parler quoi qu'écrive M^{me} Comte, signifie aussi qu'il sera toujours aussi opposé qu'il l'est aujourd'hui à tout projet de ce genre. Que ce soit sa faute à lui ou celle de M^{me} Comte, une longue expérience a trop prouvé l'impossibilité de se convenir et même de s'entendre suffisamment. Si M^{me} Comte est convaincue des torts de son mari, il est convaincu qu'elle a manqué à ses devoirs envers lui en le quittant. (*Lettre du 20 Novembre 1843*)» *

Quando se davão esses acontecimentos, ainda Augusto Comte nem sequer tinha visto Clotilde, que Ele encontrou, pela primeira vez, em casa dos pais dela, em Outubro do ano seguinte (1844), conforme acabamos de mencionar.

O nosso Mestre estava a terminar os seus 47 anos. Da sua Mãe extremamente terna herdára Ele as mais

* *Auguste Comte et la Philosophie Positive*, troisième édition, 1877. p. 493-496.



felizes disposições afetivas. Entretanto, até aquela data, o conjunto da sua atribulada existência não lhe permitira experimentar as incomparáveis emoções de um amor puro e profundo. Tal é o fenómeno que devemos explicar sumariamente, antes de proseguir nesta narrativa.

Durante a sua primeira infância, Augusto Comte sofrêra a benéfica influencia educadora da sua earinhoza Mãe. Profundamente católica, Rozalia Boyer se esmerára então por imbuir-lhe os santos frutos morais da cultura medieva. Nessa quadra em que as impressões são mais fortes, a natureza egregia do nosso Mestre fôra intensamente modificada, no sentido de garantir o mais completo acendente do altruismo sobre o egoísmo. Mas a partir dos nove anos, essa incomparavel influencia fôra substituida pelas reacções inherentes á disciplina dos internatos. Em breve os seus habitos de cultura moral cahião em dezuzo, e mesmo em descredito, pela precoce emancipação da sua intelligencia. Aos treze anos, o nosso Mestre se engolfou no mais completo septieismo religioso e politico : naído no seio de uma familia catolica e realista, Ele se tornára ateu e republicano.

Tal era a sua situação quando, na alvorada da adolescencia, (1813) as graças de uma moça foi despertar-lhe como vimos, sem que ela o percebesse, as indiscretiveis emoções do amor primeiro. Mas similhante eneanito não pôde durar muito; o casamento da mulher com que a ingenua escolha do seu coração emparadizava a sua miente, dissipou a sedutora miragem que mal se formava ainda. Data porventura dessa precoce decepção a convicção que cada vez mais arraigou-se no animo de Augusto Comte acerca da sua falta de dotes capazes de inspirar uma predileção feminina. Por outrolado, as preoccupações theoricas e politicas o absorvêrão de mais em mais, enquanto o ardor da sua natureza, o septieismo do seu espirito e a desmoralização contemporanea o fazião disfarçar, com tristes prazeres, as grandes exigencias afetuozas da sua alma. Ele chegou então a partilhar das aberrações acerca da igualdade social e moral dos sexos.

« Tous les penseurs qui aiment sérieusement les femmes, dizia o nosso Mestre a Stuart Mill, na sua carta de 5 de Outubro de 1843, autrement qu'à titre de charnants jouets, ont de nos jours, passé, je crois, par une si-



tuation analogue; je me rappelle très-bien, quant à moi, le temps où l'étrange ouvrage de miss Mary Wooltoncraft (avant qu'elle eût épousé Godwin) ne produisait une forte impression. C'est même surtout en travaillant directement à éclairer pour les autres les vrais notions élémentaires de l'ordre domestique, que j'ai mis irrévocablement mon esprit, *il y a environ vingt ans*, à l'abri définitif de toute semblable surprise du sentiment. » (CARTAS A STUART MILL p. 184)

E na carta de 14 de Novembro de 1843, o nosso Mestre aerecentava:

«... Mais perimettez-moi d'espérer, *d'après ma propre expérience antérieure*, que eette situation de votre intelligence ne constitue vralment qu'une dernière phase passagère de la transition négative propre à notre temps. Il me resterait seulement à expliquer pourquoi *eette phase a duré plus longtemps pour vous que pour moi*, par des motifs, jusqu'iei peu appréciables, inhérents soit à nos organisations, soit peut-être aussi à nos éducations, soit surtout, je présume, à nos positions respectives.» (*Ibidem* p. 206).

Mesmo nessa faze, ha entretanto um epizodio da vida do nosso Mestre que patenteia toda a ecelencia da sua natureza moral. Em meio dos seus 19 anos (Agosto de 1816), a sua egregia veneração o fez tomar-se de entusiasmo por Franklin, a quem Ele rezolveu adotar por modelo. Segundo tal decizão, projetou não mais ceder às grossciras seduçõs a que nos nossos dias sucumbe a generalidade dos homens, e às quais não rezistira até então. Durante mais de tres mezes conservou-se fiel a tão nobre proposito. Mas por fim a sua espontanea moralidade não pôde defendê-lo contra o septicismo do seu espirito e a anarquia do seu meio social. «La nature est plus forte que la théologie, a dit Voltaire; il aurait dû ajouter: *et même que la raison.*» — escrevia Ele a Vulat, para explicar a sua quêda, euja gravidade aliás não percebia.

O nosso Mestre achava-se nessa perigozissima situação afetiva e intelectual, quando, em Agosto de 1817, em meio dos seus 20 anos, um dos seus camaradas, apresentou-o a Henri de Saint-Simon. Seduzido por este, o entusiasmo do joven Filozofa, até então applicado aos mortos, o dispoz a referir a esse charlatão todas as concepções



que surgirão no seu proprio cerebro, durante o curso das suas relações mutuas.* Mas este funesto eontato foi ainda mais prejudicial ao coração do que ao espirito do nosso Mestre. Porque a veneração para com esse especulador (jongleur) depravado fez parar o nobre elan moral de Augusto Comte e ajudou-o a se afundar ainda mais no sorvedouro revolucionario. De fato, é dessa epoca que datão as suas relações com a infeliz Paulina, o que deu-lhe o doloroso ensejo de patentear que, antes de completar vinte anos, o seu septicismo se estendêra ao menosprezo do respeito devido ao laço conjugal!

Tão dolorosa crise permite todavia desvendar a eccepional grandeza da sua egregia organização altruista. Com effeito, nada é mais tocante do que as suas apreciações acerca do sexo feminino, que Ele proclama a parte melhor da nossa especie, e acerca da deploravel situação da mulher na sociedade moderna. Foi dessas tristes relações que rezultou a sua desventurada Luiza, morta de crup, aos nove anos (1827).

No meio de tais difficuldades morais, o altruismo de Augusto Comte pôde não obstante entreter a exaltação intelectual que permitiu-lhe fundar a sociologia. Numa das primeiras manhãs da primavera de 1822 (antes de 6 de Abril), pouco depois de completar vinte e quatro anos, após uma noite de profundas meditações continuas, Ele conseguiu achar a *lei dos tres estados*. E, a 6 de Maio do mesmo ano, a terminação do OPUSCULO FUNDAMENTAL que consignava tão subllime descoberta, inaugurava a sua glorioza libertação do septicismo que desde os treze anos o torturava. Era esse o premio da sua infatigavel dedicação social, apesar de todos os extravios a que o expoz o egoismo dezechadeado no seio da mais completa anarchia politica e moral que jamais se viu.

De fato, os seus successos escolares não lhe deixavão a menor duvida acerca da força intrinseca do seu genio; os seus professores erão unanimes em proclamá-lo a mais forte cabeça da sua turma. As sciencias constituidas, — a mathematica, a astronomia, a física, a chimica, e a biologia, — oferecião-lhe um campo facil para conquistar uma posição honroza e luerativa na corporação sientifica. Mas o seu ardor social não lhe consente o menor cal-

* POLITICA POZITIYA, III, *Préface*, p. XVI.



culo, e o arrasta para as meditações políticas. A cultura científica só consegue permitir que Ele dê uma direção positiva a essas pesquisas, que os seus predecessores e os seus contemporâneos tinham prosseguido pelos métodos teológico e metafísico. Para entregar-se aos seus incomparáveis trabalhos, era preciso viver; Ele sente que a aquisição de um lugar na hierarquia teórica lhe é necessário; mas as considerações da *prudência* são insuficientes para arrancá-lo um só instante aos seus caros estudos sociais. Dará lições para ter com que viver hoje, ... amanhã, ... e sempre; ... porque, satisfeitas as suas necessidades urgentes, o seu ardor político e o seu descuido filosófico o arrebatam para fora das preocupações da sua conservação pessoal.

Tal é o magestoso quadro dessa febril mocidade, após uma adolescência não menos abraçada pelo amor social. O septicismo é impotente para dezaniná-lo, e só faz, pelo contrario, redobrar a sede do seu altruismo. As energicas sugestões dos tristes prazeres egoístas mesmo não podem distraí-lo longo tempo. Por toda parte, o amor lhe mostra os sofrimentos da sociedade: em meio dos acerbos gozos que a anarquia moral lhe proporciona; mergulhado nos seus estudos matematicos que lhe dão o pão quotidiano; entregue ás profundas meditações políticas que o arroubão, o seu coração mantém sempre o seu espirito em alarma, e presta a sua infatigável energia ao seu genio audacioso.

É confrontando esse nobre espetaculo com o que é oferecido pelos seus camaradas que se pôde sentir melhor toda a sua grandeza moral. Estes põem as suas mediocres inteligencias ao serviço da sua cubica ou da sua ambição e conquistão posições lucrativas e honras, explorando a anarquia social. Augusto Comte, dominado pelo seu ardor político, consagra o seu genio a resolver o problema da regeneração social, sem cuidar da sua propria conservação. Ele glorifica-se de só procurar a sua *felicidade*; mas o principal elemento dessa felicidade para Ele é a consciencia de se devotar á felicidade da sociedade inteira.

Sem duvida esse amor em nada daria si não fosse servido por um genio sem igual. Mas esse genio se teria degradado em pesquisas vizando a sua elevação pessoal, mediante a exploração da anarquia contemporânea, si o



seu altruismo ilimitado não lhe houvesse assinalado uma santa missão. Seja qual fôr pois a admiração que inspire o prodigioso espirito do nosso Mestre, é para a sublime organização do seu coração que devem sobretudo convergir a nossa gratidão e o nosso espanto. Então se percebe com mais lucidez que esse reconhecimento não pôde parar nele, nem mesmo remontar diretamente dele á Humanidade. Entre Esta e Ele, existe uma Mulher que rezumiou em si mesma os preciosos resultados da evolução social para lh'os transmitir.

A egregia natureza de Rozalia Boyer tinha a principio condensado em si os aperfeiçoamentos realizados sob o regimem catolico-feudal. No auge da tempestade revolucionaria, Ela soube entreter a santa cultura que garantiu o surto dessa incomparavel herança. Desde então uma comoção ecepcional do seu meio social determinou a nobre exaltação que elevou ao maximo as supremas potencias do seu feliz organismo. E forão esses atributos assim exagerados que Ela transmitiu, por uma bendita fatalidade, ao seu Filho.

O merito da supremacia intrinseca de Augusto Comte recai pois na sua Mãe, em virtude dos esforços que Ela fazia sem cessar para aproximar-se do ideal catolico. Procurando tornar-se digna das beuções do seu Deus, essa Mulher bem-aventurada aperfeiçoava cada vez mais o seu organismo e o tornava na realidade mais apto para preencher a sua incomparavel missão fizica. Mas a sua influencia sobre Augusto Comte não se limitou a essa maternidade fundamental. Até aos nove anos, Ela velou sobre o desenvolvimento do seu coração, inspirando-se nas prescrições da sabiduria catolica. Dada a superioridade afetiva que Ela transmitira ao seu Filho, pôde-se imaginar a eficacia de semelhante cultura.

O nosso Mestre não tornou-se septico sinão nos fins da sua infancia. Isto nos mostra que, apesar das devastações da diciplina escolar, a cultura afetiva não foi imediatamente desleixada. Seja como fôr, o seu egoismo tinha sido essencialmente domado durante a primeira infancia e o surto do seu altruismo assaz decizivo para que Ele pudosse sentir os encantos do devotamento, independentemente das seduções e das ameaças sobrenaturais. A imagem de Rozalia continuou aliás a oferecer -lhe o conjunto das virtudes humanas; e o desejo de



não dezagradar-lhe constituiu um nobre incentivo continuo ao seu altruismo.* Sem o querer, o amor de Rozalia entretinha no seu cerebro o respeito para com o Catolicismo; porque, as duas imagens sendo inseparaveis, uma tendia a despertar os sentimentos que a outra não cessava de inspirar.

É assim que Rozalia constitui o verdadeiro Anjo da Guarda do nosso Mestre durante toda a sua primeira vida. Era a Ela que o joven Pensador devia dar graças pela incomparavel vitoria que o seu amor acabava de alcançar. A Ela pois devem tambem endereçar-se os nossos canticos de gloria e de eterno reconhecimento. Mas a sua missão não estava concluida. O futuro desse Filho estremeado lhe rezervava ainda bem crueis angustias e incomparaveis arroubos.

Depois de ter apreciado, em esboço, a origem afetiva do OPUSCULO FUNDAMENTAL do nosso Mestre, devemos examinar o alcance do passo que Ele acabava de dar. Ora, estudando euidadozamente essa concepção inicial da sciencia social e moral, reconhece-se que o joven Pensador pôz desde então os fundamentos iniludiveis de toda a sua vida posterior. Mas, ao lado dos resultados definitivamente adquiridos para a regeneração humana, é faeil comprehender que Ele houvesse eriado a si mesmo graves obstaculos ao fito supremo da sua incomparavel missão.

Com effeito, era-lhe impossivel, em uma primeira observação, tirar proveito de todos os ensinamentos essenciaes que o Passado encerra. Ele só podia ter apanhado os seus aspetos mais salientes. E, de mais, estava Ele exposto a enganar-se na interpretação de varios phenomenos que, pela sua delicadeza, exigião uma cultura não somente mental, mas sobretudo afetiva, melhor do que a que Ele então possuia. Finalmente, por falta de dados suficientes, poderia Ele equivocar-se na applicação do metodo que acabava de descobrir. Não se deve jamais esquecer que a politica e a moral positiva estavam por construir; seria pois absurdo esperar vê-las rebentár, de um jato, ao primeiro esforço de um Pensador mal desprendido do mais completo septicismo. Proeuremos,

* Vide nas CARTAS A VALAT a ternura com que o nosso Mestre se refere aos seus Pais e especialmente á sua Mãe.— R. T. M.



pois, esboçar o alcance de seu OPUSCULO FUNDAMENTAL sob esses dois aspetos capitais.

Quanto aos resultados definitivos da primitiva concepção da sciencia social, devemos assinalar, em primeiro lugar, que o nosso Mestre estabeleceu desde então irrevogavelmente as condições fundamentais para elevar a politica ao posto das sciencias positivas. Com effeito, Ele mostrou nitidamente que, para o conseguir, era preciso estudar o Passado em uma disposição perfeitamente sympathica, banindo todo o espirito de denigração. Essa descoberta confirma aliás a extrema delicadeza moral do nosso Mestre. Porque semelhante condição não podia ser apanhada sinão por um coração dotado de um apego, de uma veneração e de uma bondade incomparáveis. Em uma palavra, só o amor nos leva a ver por toda parte boas intenções, e nos faz repellar qualquer suspeita, buscando desculpas para as faltas que descobre, e concedendo o perdão com apressuramento para os erros que não sabe ou não pôde explicar favoravelmente.

Em virtude dessa baze afetiva, instituiu Ele o metodo peculiar ao estudo positivo dos phenomenos sociais e assinalou todo o seu alcance. Esse metodo constituiu o processo de *filiação* que se estende ás demais sciencias, porque cada uma delas não é na realidade sinão o conjunto dos pensamentos da Humanidade acerca de cada categoria de phenomenos. Aplicando-o, o nosso Mestre definiu o *progresso* social e caracterizou a lei de toda jerarchia positiva. Fundou assim a dinamica social e sistematizou, por esse modo, o sentimento da continuidade humana, violado desde o advento do Catholicismo.

Sob o aspeto estatico, o metodo de filiação permitiu -lhe pôr fóra de qualquer contestação séria as grandes conquistas politicas e morais realizadas pelo regimen catolico-feudal. Ele comprehendeu tambem desde então essencialmente o papel politico e moral das belas artes.

Mas esse exame não lhe permitiu libertar-se do preconceito que concedia a preeminencia social e moral á intelligencia, no conjunto dos supremos attributos humanos. A veneração para com o Passado, e especialmente para com o Catholicismo, levando-o a manter os resultados da sabiduria catolica no estudo da nossa natureza, devia a principio confirmá-lo em tal opinião. Porque o sacerdocio medievo encarava o espirito como o mais



nobre dos atributos humanos, e considerava, sob esse aspeto, o homem superior á mulher. Os impulsos benevolos erão attribuidos pelo clero catolico á *graça* de Deus. Mas, encarados positivamente, os efeitos supostos da *graça* tornão-se um rezultado da combinação dos nossos instintos simpaticos com a intelligência. Desde então os preconceitos catolicos acerca da superioridade moral do homem levavão a attribuir á intelligência o principal papel no estabelecimento da moralidade.

Os dados sientificos parecião conduzir á mesma conclusão; porque, por toda parte, se proclamava a razão como o guia supremo na pesquisa da *verdade* e da *virtude*. O OPUSCULO FUNDAMENTAL do nosso Mestre mostra quanto era grande a sua ingenua confiança na força da intelligência. *Apareção as demonstrações e as aberrações cessarão depressa*, exclamava Ele no ardor de seu entusiasmo.¹ A bondade o inclinava a attribuir á ignorância a principal responsabilidade nas nossas faltas.² O successo das demonstrações sientificas o enchia das mais audaciosas esperanças. Como tais demonstrações versavão até então sobre os phenomenos inferiores, em cujo estudo o papel logico do sentimento é menos perceptível, Ele não apanhou todo o alcance dos nossos instintos nos raciocinios e nas convicções. Ele imaginou que o accordo mental não dependia, nas naturezas superiores, sinão do espirito.³ A sua apreciação da destinação social e moral das belas artes não deixa duvidas a este respeito.

A seguinte passagem da correspondencia com Stuart Mill mostra bem que semelhante convicção do nosso Mestre perzistia depois da completa elaboração do SISTEMA DE FILOZOFIA POZITIVA:

«Plus je réfléchis à notre grave dissentiment sociologique et biologique sur la condition et la destination sociale des femmes, plus il me semble propre à caractériser profondément la déplorable anarchie mentale de notre temps, en montrant la difficulté d'une suffisante convergence actuelle jusque chez les esprits d'élite entre lesquels existe, déjà, outre la sympathie native, une communion logique aussi fondamentale que la nôtre, et qui pourtant divergent, au moins momentanément,

1 POLITICA POZITIVA, IV, *Apendice geral*, Terceira parte, p. 97.

2 *Ibidem*, p. 95.

3 *Ibidem*, p. 105.



sur l'une des questions les plus fondamentales que la sociologie puisse agiter, *sur la principale base élémentaire*, à vrai dire, de toute véritable hiérarchie sociale. Un tel spectacle serait même propre à inspirer une sorte de *désespoir philosophique sur l'impossibilité ultérieure*, comme le prétendent les esprits religieux, ¹ *de constituer une vraie concordance intellectuelle sur des bases purement rationnelles*, si d'ailleurs une profonde appréciation habituelle de notre état mental et même une suffisante expérience personnelle ne tendaient à me convaincre nettement que la situation actuelle de votre esprit ne constitue réellement, à cet égard, qu'une phase nécessairement passagère, dernier reflet indirect de la grande transition négative.» (CARTAS A STUART MILL, p. 183-184).

Todas essas considerações se resumem na seguinte observação: o OPUSCULO FUNDAMENTAL do nosso Mestre demonstra que Ele não percebeu o papel preponderante do altruismo no conjunto da existência humana. Não admira, pois, que o seu esforço tenha sido insuficiente sobre tudo no ponto de vista moral. Basta notar, que Ele concebeu então o estudo dos *fenômenos morais* como uma parte da fisiologia. Não apanhou, portanto, a totalidade das condições indispensáveis para tornar a MORAL uma ciência positiva. Mas, estabelecendo a preeminência da observação no estudo dos fenômenos humanos individuais e coletivos, Ele se colocava no caminho que devia conduzi-lo oportunamente à instituição definitiva desse termo supremo da jerarquia teórica.

Podemos agora compreender as reações que esse opusculo exercen sobre a regeneração pessoal do nosso Mestre.

Antes de tudo, essa elaboração o fez sahir irrevogavelmente do septicismo: Ele acabava de conquistar enfim convicções inabaláveis sobre os fenômenos humanos. E tais convicções sistematizavam os principais resultados da sabedoria católica, isto é, do mais alto grau político e moral até então atingido pela Humanidade. Mas esses resultados achavam-se misturados com aberrações accessorias devidas, já à ignorância das leis naturais, já ao caráter místico das afeições que servião de centro coordenador da existência individual e cole-

¹ *Religieux* é aqui um sinonimo de *théologiques*. — R. T. M.



tiva. Era preciso, pois, fazer uma depuração nas instituições políticas e morais da idade media, mediante o conhecimento científico da nossa natureza. Ora, os dados para chegar a tal conhecimento eram ainda insuficientes; porque o Passado não oferecia a contemplação do jovem Pensador senão tipos morais teológicos ou revolucionários. Era indispensável, portanto, esperar que a experiência tivesse permitido reconhecer a influência das novas convicções sobre os costumes individuais e coletivos.

O nosso Mestre não podia, pois, emancipando-se do profundo septicismo peculiar à sua adolescência e à aurora de sua mocidade, atingir a suprema perfeição. Era fatal que continuasse entregue à dúvida sobre pontos capitais, e que aceitasse mesmo, sobre outros, opiniões errôneas. Em todos esses casos, a sua conduta continuaria inteiramente entregue aos impulsos dos seus pendores pessoais e às inspirações dos seus instintos altruístas. Todas as reflexões acerca dos perigos do seu completo septicismo são applicáveis, em menor grau, à situação atual da sua alma. Devemos apenas ajuntar uma nova consideração: a veneração sistemática que votou, desde então, ao Catolicismo o expunha, por menos que o favorecessem as circunstancias exteriores, a cair nas aberrações peculiares ao monoteísmo ocidental.

Para apanhar toda a gravidade desse perigo, é preciso observar que a civilização católico-feudal pôz, sob todos os aspectos, o programa que o regimen científico-industrial deve preencher. Mas, para bem comprehender tal programa, é indispensável considerar simultaneamente o elemento teórico e o elemento pratico peculiares à idade media. E, na apreciação deste deve-se sobretudo encarar o surto cavalheresco. Só assim poder-se-á penetrar o verdadeiro alcance dessa incomparável fase da evolução humana, dando-se conta de todos os esforços anteriores, para a sistematização da ação da mulher sobre o homem. Ora, a preocupação teórica do nosso Mestre o levava a concentrar, na sua estrêia, as suas vistas sobre o papel do sacerdocio, o que tendia a afastá-lo de tal conclusão. E o movimento científico, em lugar de corrigir essas tendencias, as agravava; porque parecia confirmar o juizo católico sobre a inferioridade da mulher em relação ao homem. A opinião secular não



encontrava contraditores sinão entre os espiritos revolucionarios, cujas extravagantes aberrações tornavão-se cada vez mais antipaticas á filozofia pozitiva.

As considerações precedentes fazem ver que a simpatia espontanea do nosso Mestre para com o sexo feminino, e que o tinha feito, nos fins da sua adolescencia, proclamar tal sexo a *melhor parte da especie humana*, podia permitir que Ele superasse esse perigo. Mas similhante sahida dependia dos rezultados da sua observação quanto ao Presente. A contemplação do Passado era evidentemente insufficiente a tal respeito. Porque a adoração da mulher pelos corações cavalherescos parecia dever ser atribuida a uma falta de cultura teorica que não lhes permitia *submeterem as paixões á razão*. Aliás a *pureza* de tal culto não podia ser então convenientemente apreciada. O acendente crescente do culto da Virgem sobre o do Redentor parecia um desvio místico. O exemplo dos poetas não era menos suspeito do que o dos cavaleiros, em virtude da preeminencia do sentimento nessas naturezas ecepcionais, nas quais as paixões sobrepujão a razão, quer nos transbordamentos grosseiros, quer nos arrebatamentos místicos. Os amores dos filozofos, bem como os dos sientistas, oferecião um carater revolueionario e parecião apenas uma consequencia da indiciplina moral devida á anarchia mental. A impureza geral das suas ligações tornava, alem disso, muito difficil descriminar ahí o acendente normal dos instintos altruistas no conjunto da existencia humana.

Era, portanto, indispensavel que a experiencia pessoal do nosso Mestre lhe proporcionasse espontaneamente um conhecimento intimo das relações que o pleno surto dos mais nobres atributos da natureza humana estabelece entre os dois sexos. Ora, similhante condição exigia que as circunstancias da sua vida o levassem ao encontro de uma Mulher cuja grandeza moral tivesse assegurado a conservação dos rezultados afetivos da idade media, em ternura e pureza, apesar da perda das iluzões theologicas, e mesmo atravez das mais perigozas situações pessoais. Porque então as leis morais, que nos determinão a amar quando deparamos objetos dignos de amor, arrastarião o nobre Pensador para o culto dessa Dama sublime, fossem quais fossem os seus preconceitos teoricos. Ao passo que a



perfeição moral do Ente adorado lhe ofereceria, mesmo sem querer, ensejo para a mais arrebatadora iniciação nos costumes cavalherescos. Dominado por essa inencomparável paixão, o coração do Filozofio, sempre ardentemente preocupado com uma sincera regeneração social, voltaria o seu espirito para o exame direto do papel do surto afetivo em nossa existência individual e coletiva. O supremo espetáculo apresentado pela natureza da sua bem-amada, assim como pela sua própria alma, o faria destarte compreender inteiramente o regimen catolico-feudal, cujo lado politico apenas soubera apreciar até então. E, discernindo a preeminência do amor no conjunto da evolução humana, o seu genio, guiado incessantemente pelo seu coração, lhe permitiria enfim prever o Futuro, mediante o Passado, atravez do Presente, segundo o voto audacioso que acobava de conceber.

Vê-se, pois, que o successo dos nobres trabalhos que o nosso Mestre ouzara emprender dependia infinitamente mais da extrema delicadeza do seu coração, do que da profundeza do seu genio e da força do seu caracter. Porque, sem essa delicadeza, Ele não teria só falhado a sua missão, supondo preenchidas as circumstancias exteriores das quais ella dependia. Ele podia criar consideraveis obstaculos á regeneração social, dando aos preconceitos theoricos uma consistência difficil de ser superada. Mas essas mesmas reflexões mostram, com evidencia não menor, que nada poderia suprir a preeminência de uma Mulher sem igual para pôr termo á revolução moderna. Reconhece-se mesmo que a missão desse incomparavel órgão da supremacia feminina eccidia em dignidade ao destino com que os antecedentes sociais tinham investido o maior dos Filozofos. Porque, os mais eminentes esforços deste não conseguirião sinão lançar os fundamentos do edificio moral no qual viria abrigar-se o Futuro, contra as tempestades que tinham atormentado o Passado e flagelavão o Presente.

Si o nosso Mestre não tivesse a inestimavel ventura de encontrar a nobre herdeira das tradições morais peculiares á idade media, Ele deixaria inacabada a obra da regeneração humana. Então duas sabidas unicas se offereciao á revolução moderna. Ou um dos seus successores, mais afortunado, depois de ter assimilado os resultados do seu devotamento theorico, os combinaria



com as reações morais que só o concurso de uma Mulher incomparavel podia determinar, ou uma Dama sem igual, depois de se ter apropriado a jerarchia teorica até a sociologia, tornar-se-ia o órgão do sublime destino iniludivelmente reservado ao seu sexo. O exemplo, então recente, da nobre Sofia Germain, faz conceber melhor a possibilidade dessa ultima hypothese.

Mas toda a evolução moderna, posterior ao nosso Mestre não deixa, ao nosso orgulho e á nossa vaidade a minima duvida sobre a imensa, dificuldade dessa dupla condição. O caso de Harriet Martineau é bem significativo a tal respeito; ella compenetrrou-se da FILOZOFIA POZITIVA, ao ponto de tornar-se a imortal condensadora da elaboração fundamental do nosso Mestre. Entretanto ella nunca adheriu ao Pozitivismo. A regeneração humana espera ainda o par imortal que deve apenas continuar a obra acabada de Augusto Comte e Clotilde de Vaux. A demora no triumpho infalivel do Pozitivismo terá pelo menos a preciosa vantagem de proteger a gratidão da Posteridade contra os sofismas da prezunção masculina ou do ciúme feminino...

Essas reflexões nos conduzem naturalmente a terminar o estudo das principais reações do OPUSCULO de 1822 sobre a regeneração pessoal do nosso Mestre, procurando precizar a sua attitude, nesse momento, para com o aspeto feminino do problema social.

Os seus costumes demonstrão que Elle não tinha apanhado ainda a importancia capital da *pureza*, mesmo para a mulher. As opiniões correntes entre os fysiologistas acerca da castidade erão aliás de natureza a favorecer os sofismas inspirados pelo mais perturbador dos egoísmos masculinos. A teoria catolica do casamento trazia uma perigosa confirmação a esses apanhados superficialis e grosseiros do empirismo scientifico. Pois que S. Paulo não tinha encontrado outra justificação para a união conjugal sinão a necessidade de regular tal pendor, conforme já fizemos notar.

Por outro lado, o sacerdocio medievo tinha estabelecido, a este respeito, a mesma tolerancia para ambos os sexos. Elle tinha introduzido uma extrema indulgencia na apreciação da impureza, não admitindo-a como cauza de divorcio. Em lugar das penas barbaras, elle tendia a



vulgarizar o perdão, segundo o exemplo da mulher adúltera do evangelho. O culto cavalheresco da mulher tinha predisposto a entreter costumes crueis, sob o pretexto de salvaguardar a honra masculina. Mas não era nessas manifestações extremas dos hábitos guerreiros que se devia procurar o tipo futuro : era na conduta que o clero esforçava-se por fazer prevalecer.

A evolução dos sentimentos em França mostrava a continuação das doces tradições catolicas em almas nobres, assaz emancipadas da teologia para acolher a revolução carteziana. Basta-nos citar, a este respeito, as comedias do generoso Molière, para fazer ver até que ponto os melhores instintos inclinavão á indulgencia na apreciação da impureza feminina. O exemplo dos mais eminentes tipos masculinos do seculo XVIII confirmava essa opinião, que aliás constituia uma extrema consequencia do principio revolucionario da *igualdade*. Si o homem não deixa de ser tido em bom conceito quando é impuro, porque pensar de outra fórma a conduta da mulher? Essa dupla maneira de apreciar a conduta humana se afigurava apenas mais uma manifestação do despotismo masculino.

Não quer isto dizer que o nosso Mestre não tivesse reconhecido, nessa epoca, o preço da castidade e da fidelidade conjugal. O conjunto dos documentos que Ele nos deixou e das considerações precedentes mostram apenas que, por um lado, Ele devia ver na pureza uma virtude difficil de manter-se durante a epoca revolucionaria. E, por outro lado, Ele era levado a julgar a impureza feminina com a mesma tolerancia que a incontinencia masculina, não encarando semelhantes infrações como assaz graves para impedirem a consideração e mesmo a estima pessoais. Tal opinião é tanto mais admissivel, nele quanto acabamos de ver que Ele attribuía uma enorme preponderancia á razão na conduta, imputando á ignorancia as perturbações realmente devidas ao egoismo.

Porem a evolução mental que se acabava de realizar nele o tinha libertado dos principaes sofismas contra a ordem domestica. Seguindo, em virtude do principio da filiação, a serie de transformações do casamento, Ele teve de reconhecer a superioridade da instituição catolica sobre o regimen anterior. A supressão do divorcio



achava-se na direção dos aperfeiçoamentos precedentes, pois que, da promiscuidade das esposas, a nossa especie subira á poligamia teocratica; e desta, á monogamia greco-romana com o divórcio, para atingir enfim á monogamia catolica apenas dissolvel pela morte. Desde então não lhe restava a menor duvida sobre a sorte que o porvir rezervava á similhante instituição. Ela persistencia ao numero das conquistas definitivas que o *espírito humano* tinha feito sob a influencia do antigo sistema. * A sua convicção tornou-se assim inabalavel em tal assunto. Os inconvenientes secundarios, accessorios, ou ecepcionais da indissolubilidade conjugal, parecêrão-lhe, dessa epoca em diante, sufficientemente compensados pelas suas vantagens sociais e morais, para determinar a sua manutenção.

Não procurando o *absoluto*, mais só o que se apresentava como melhor na generalidade dos cazos, foi-lhe facil afastar as objecções metafizicas contra a ordem domestica. O exemplo do regimen catolico-feudal provava, de mais, a inteira praticabilidade dessa instituição, no grau de aperfeiçoamento moral atingido pelo conjunto dos occidentais. Os cazais infelizes devião procurar melhorar a sua situação pessoal ecepcional, mediante expedientes mais ou menos ecepcionais tambem, irregulares talvez, admitidos ou tolerados pelo conjunto dos costumes, sem perturbarem a ordem geral.

Ele não admitiu, todavia, desde essa epoca, a preeminencia geral do homem na familia. O Passado lhe mostrava um decrecimento continuo no poder marital e paterno, para que Ele pudesse enganar-se sobre o sentido geral da evolução a respeito da independencia feminina. Era preciso somente saber até onde iria tal liberdade, distinguindo aliás entre o ponto de vista *politico* e o ponto de vista *moral*. Reconhecendo, desde então, o verdadeiro carater do governo e a sua concentração necessaria em um individuo, para cada associação, Ele admitiu a necessidade de um chefe na familia. Mas pensava que essa preeminencia devia ser concedida ao mais capaz dos conjuges; tal era a sua opinião ainda em fins

* POLITICA POZITIVA, IV, *Apendice geral*, Terceira parte, p. 67. O nosso Mestre só *especifica*, nesse topico, a instituição da separação dos dois poderes, temporal e espirital; mas acabamos de mostrar que a monogamia catolico-feudal está nos mesmos cazos.— R. T. M.



de 1825, depois dos desgostos do seu triste casamento, como se vê de uma passagem das suas cartas a Valat, (pag. 179).

Em virtude desse conjunto de considerações Ele comprehendeu, desde essa epoca, até que ponto importava ao seu surto publico pôr a sua conduta privada de acordo com os resultados morais irrevogavelmente adquiridos pela evolução catolico-feudal. As indomaveis exigencias do seu coração não lhe permitião admitir entre esses resultados o celibato nos teóricos, com quanto pudesse achar muito conveniente ao sacerdocio catolico. As teorias fizioologicas sobre a insuperavel necessidade sexual, sobre os perigos da continencia para a saude, e a vantagem, para esta, da satisfação disciplinada de tais exigencias organicas, não consentião aliás outra opinião. A necessidade do casamento como base privada da sua vida publica ergueu-se pois imperiozamente no seu coração repleto de amor. Mas o conjunto da sua situação parecia criar-lhe os maiores obstaculos á satisfação dos seus nobres votos.

O conjunto das observações precedentes demonstra que o surto filozofico do nosso Mestre estava, pois, dependendo de encontrar para espoza uma mulher egreja, na qual as nobres tradições medievas se houvessem depurado da liga teologica, graças á assimilação espontanea dos resultados mentais da evolução moderna. Em vez, porem, de tão sublimie ideal, a extrema generozidade do joven Filozofio o arrastou a entregar o seu futuro á problematica regeneração de uma das desventuradas que Ele deparára casualmente nos extravios inevitaveis da sua mocidade! Moça, bela, inteligente, infeliz, sem tradições de familia, atirada ao vicio no inicio da adolescencia, mostrando-lhe uma confiança extrema na sua generozidade, colorindo com paixão as promessas da sua redenção, que só parecia depender de um rasgo temerario do cavalheresco Pensador, como não tentar salvá-la? Como não acbar desculpas para os seus erros no seu triste passado e no meio anarchizado em que ella se dezenvolvêra? O Regenerador não podia ter a prudencia dos corações vulgares; não podia ceder ás objeções que a sua bondade repelia como um insulto á desgraça.



Augusto Comte escutou, pois, não os impetus de um amor puro e profundo; a mulher que Ele encontrara nas dezordens da juventude revolucionaria, não podia ter-lhe inspirado semelhante sentimento; mas a sua compaixão, a voz porventura do seu dever, não segundo a sociedade, mas segundo a delicadeza do seu altruismo, e tomou Carolina Massin por esposa. Quebrou para isso os preconceitos do seu Publico e rompeu com os escrúpulos dos seus Pais. O nosso Mestre considerava mais tarde esse casamento como a unica falta grave da sua vida. E de fato, este erro só comprometeu profundamente a sua evolução e o ia fazendo fallar á sua gloriosa missão. Todos os outros extravios da sua mocidade não havião criado obstaculos insuperaveis ao preenchimento do seu destino. Mas, dada a grandeza moral do nosso Mestre e a sua situação, tal erro seria evitavel? Não o cremos. Era preciso não ser Augusto Comte para dezamparar a mulher que lhe implorava a graça de salvá-la da miseria e da dezhonra. Qualquer outra solução seria menos bondadoza, além de que, segundo diz Longchampt, só o casamento podia libertá-la da terrivel tirania com que a legislação a infamava para sempre.

A infeliz organização afetiva de Carolina Massin e o viciozo meio domestico e social em que ela se desenvolveu tornavão difficil a sua regeneração. Mas as condições morais em que se achou, graças á cavalheresca temeridade do nosso Mestre, são tais, que uma responsabilidade imensa lhe fica pela sua conduta posterior. Pouco tempo depois de cazado, já o joven Pensador via retribuido com a mais perfida ingratidão o seu sublime devotamento. Em tão amarga situação, o nosso Mestre não perdeu as esperanças de corrigir a mulher que ligára á sua sorte, e só buscou lenitivo aos seus incomparaveis desgostos intimos engolfando-se nas cogitações que lhe inspirava o seu inextinguivel ardor social. Podia ser que a anarchia mental fosse a principal cauza dos desmandos da infortunada mulher; ela possuia uma rara intelligencia e um grande carater. Era pois de esperar que, reconstruida a moral occidental, ela reparasse conpletamente o seu triste passado. E essas nobres conjecturas davão um inefavel encanto ás suas locubrações regeneradoras, pois que elas lhe asseguravão, ao mesmo



tempo, a sua felicidade íntima e a redenção social.

Quando se considera com olhos vulgares a conduta do nosso Mestre para com a sua indigna esposa, tal conduta fica ininteligível. De fato, a tendência comum é apreciá-la tomando para critério as opiniões inspiradas e fomentadas pelo orgulho masculino durante a revolução ocidental. Mas coloque-se cada um no ponto de vista da moral católica e reconhecerá que o seu procedimento foi o de um santo. Ora, para comprehender como Ele foi levado a proceder assim, basta refletir que a fundação da sociologia o fizera desde logo manter os resultados da sabedoria moral e política do sacerdócio medievo. E, por outro lado, essa mesma fundação o induzira a atribuir á ignorância a principal responsabilidade nos extravios do coração, ao mesmo tempo que a sua bondade o inclinava a achar imensas atenuantes, para os erros da sua esposa, nos antecedentes dela.

Uma das reações, porem, mais deploráveis que teve a conduta de Carolina Massin foi predispôr o egregio Pensador a aceitar a teoria católica acerca da jerarchia dos sexos, em geral, e especialmente acerca das imperfeições da organização feminina. Alma a transbordar de amor, Ele procurava uma afeição que o saciasse : esperára encontrar na esposa essa suprema satisfação dos seus ternos anhelos. Ela era um tipo superior no seu sexo pelos dotes que o nosso Mestre reputava então como os mais preeminentes da natureza humana. A sua intelligencia seleta a tornava apta a assimilar as transcendentes creações do genio do seu egregio Esposo. Este confiou, pois, a principio, na sua regeneração. Contemplando, porem, as dezordens de Carolina Massin, apesar das luzes que o Positivismo lhe offerecia, o nosso Mestre foi levado a attribuir tal fato a uma imperfeição fundamental do organismo feminino. Foi assim que, dada a sua profunda veneração pelo sacerdócio medievo, Ele foi, de mais em mais, levado a aceitar os resultados da sabedoria antiga sobre a jerarchia dos sexos e a constituição da mulher.

Entretendo, pois, a esperança de que a idade de Carolina Massin e o desenvolvimento do Positivismo viessem enfim a modificar sufficientemente a esposa, Ele aceitou com a maxima dignidade as consequencias do seu erro. Quem era o responsavel pela sua falta? Ele e



só Ele: os seus Pais se tinham oposto a tal casamento só por saberem que a mulher que lhes queria dar por nora havia sido antes a concubina do seu Filho. A sociedade erguera contra tal união as tremendas barreiras dos seus preconceitos. E Ele menosprezára tudo. Era pois justo que expiasse a sua falta, procurando repará-la conforme os ensinamentos da mais alta sabedoria humana. Ora, essa sabedoria lhe era fornecida pelo sacerdócio medievo: ela exigia, uma renúncia imensa e uma bondade sem termo.

Chegado, porém, á dolorosa conclusão de que na mulher não era possível achar a correspondência ás nobres emoções que tumultuavam no seu coração, Ele voltou-se para os afetos masculinos. Bem cedo Ele experimentára as delícias da amizade. Eis o que escrevia a Valat a 15 de Maio de 1818:

«...J'ai trois amis véritables, toi, Courot et Cabanes; et de ces trois, l'un est à deux cents lieux, le second est à Metz et deviendra probablement militaire, et le troisième va partir pour sa province... Tu juges, mon cher Valat, combien ta correspondance me devient nécessaire: tu es de ces trois amis de cœur celui de tous peut être dont les goûts et l'humeur me conviennent davantage. J'ai besoin de tes lettres, j'ai besoin de ce délicieux commerce d'amitié, j'ai besoin de cet épanchement, de cet abandon absolu; ne m'en prive plus, je t'en conjure, ce serait bien cruel. Tu ne saurais croire combien je suis devenu sentimental, sans qu'il y paraisse, depuis que je suis amoureux. * J'avais besoin de cela pour développer entièrement dans moi les affections tendres, qui sort, comme l'a très-bien dit Destutt-Tracy, et comme du reste tous les cœurs sensibles l'ont reconnu, la source du plus grand bonheur. Une famille n'est pas suffisante; à notre âge il faut autre chose que cela; le sentiment est trop abondant pour s'en tenir à ce point, cette surface ne lui offre pas assez de prise...» (CARTAS A VALAT p. 47.)

Eis ainda em que termos Ele deplorava, a 24 de Setembro de 1819, a morte do infeliz Cabanes, um dos tres amigos acima mencionados:

«Au moment où je signais ma lettre, on vient

* O joven Filozofa não tinha ainda sahido do seu septicismo e achava-se sob a influencia da ligação com a desventurada Paulina.— R. T. M.



de me remettre une lettre de Lacanue, qui m'annonce la mort de mon pauvre Cabanes. Je ne craignais que trop ce funeste événement: son silence, son retour qui se retardait tant, et sa maladie que je n'ignorais pas, me faisaient penser que je devais le perdre, que je l'avais peut-être déjà perdu!... Cependant qui aurait pu croire que ce serait si tôt? Atroce providence, s'il en existe une! qu'avait donc fait ce malheureux jeune homme?... Ah! mon cher Valat, tu ne l'as pas connu intimement comme moi; tu n'as pas été à même d'apprécier par des rapports suivis toute la bonté, toute la délicatesse, toute la sensibilité de son cœur, toute la justesse et la sagacité de son esprit vraiment philosophique, toute la douceur, la franchise, l'amabilité de son caractère, son dévouement pour ses amis, son adoration pour ses parents, sa tendre et touchante philanthropie... Oh ciel! toutes ces estimables qualités sont donc perdues pour jamais!... Quelles sombres idées cette catastrophe me suggère!... Sommes-nous donc aussi, mon cher Valat, destinés à périr à la fleur de notre âge?... Oh! du moins, j'espère, si un pareil sort nous attend, que je mourrai avant toi: il est trop cruel de survivre...

«Il est mort de la poitrine; ses facultés morales n'ont souffert aucune altération. Sa mort a été digne de sa vie, il a expiré en vrai philosophe; d'indignes prêtres ne sont pas venus insulter à sa dernière heure, et gourmander sa belle âme... Pauvre jeune homme! Il a contribué au bonheur de tous ceux avec qui il a eu quelques relations... Quel chrétien peut en dire autant?»

«Adieu, mon cher Valat. Je ne sais ce que je fais, ni ce que j'écris. Il est bien heureux que j'eusse fini ma lettre avant de recevoir cette nouvelle... Mon ami, réponds-moi tout de suite, je t'en conjure; je craindrais pour ta santé... Conserve-la bien, je t'en conjure, cette santé qui m'est si précieuse, et qui me devient encore plus nécessaire par ce cruel événement... J'avais deux excellents amis, il ne m'en reste plus qu'un... Adieu, je vais me jeter sur mon lit, et j'essaierai de pouvoir dormir; il est minuit.» (CARTAS A VALAT, p. 94-95).

As desiluzões do seu casamento conduzirão, pois, o nosso Mestre a buscar, nos afetos masculinos e nas suas incomparáveis meditações, a satisfação dos seus mais nobres anhelos. A 16 de Novembro de 1825, nove mezes



depois do seu fatal enlace com Carolina Massin, Ele escrevia a Valat :

«...On n'a pas le temps d'être attaché à Paris ; la vie y est trop dissipée, trop superficielle ; l'égoïsme et la corruption trop dominants pour cela, et, malheureusement, il n'en est pas de ces besoins comme de ceux de l'esprit, pour lesquels toute tête forte peut finir par ne dépendre que d'elle-même. Pour le cœur, la mutualité, les contacts humains sont indispensables d'une manière continuë. Comme tu connais un peu ce monde frivole et sans caractère moral, tu me croiras aisément quand je te dirai que depuis onze ans de séjour permanent je n'al formé ici aucune liaison réelle, quoique j'y puisse voir et même fréquenter, si je le voulais, un fort grand nombre de personnes. Je suis resté, comme j'étais en arrivant, avec mes affections de famille et mes amis d'enfance. Plus j'irai, plus il est vraisemblable même que je serai forcé de m'isoler toujours davantage ; ce n'est pas cependant la confiance et l'abandon qui me manquent, comme de gens qui me connaissent superficiellement le pensent ; tu sais, toi, le contraire, bien positivement. Bien loin de là, j'irais, et je n'ai même été que trop ici, au devant des affections sincères et profondes ; et, jusqu'à présent, plus d'une expérience m'a péniblement averti ici de me prémunir contre cette tendance. En un mot, mon cher ami, je me suis tristement convaincu que rien au monde ne saurait remplacer les affections pures et si sublimement dépouillées de tout égoïsme qu'on trouve dans sa famille et dans les amitiés contractées aux premières années de la vie, avant que le développement de l'amour-propre, de la rivalité, de l'opposition des intérêts et des positions, ait rendu impossible tout attachement profond. *Tu sens que je ne parle ici que des attachements d'homme à homme, les seuls complets, les seuls vraiment durables, les seuls où la sympathie puisse être entière, et qui, malheureusement, sont de beaucoup les plus rares.* Enfin, cher ami, mon cœur a des besoins aussi forts que ceux de mon esprit ; ceux-ci sont pleinement garantis désormais ; je n'al donc qu'à songer aux autres, et après avoir tout examiné avec cette profonde attention que peut inspirer une recherche dont dépend le bonheur de l'existence entière, j'en suis revenu à penser que le meilleur parti,



le plus praticable, serait de vivre dorénavant au sein de ma famille. Juge donc quel cruel et profond regret je dois éprouver en pensant que cet espoir m'est interdit; car, je ne m'abuse pas, la question est maintenant décidée d'une manière irrévocable, et je n'y dois plus penser. Quand même toutes les conditions matérielles (qui cependant ne sont pas peu nombreuses et peu inaccessibles pour moi) seraient maintenant remplies, quand même j'aurais, en outre, l'acquiescement de ma femme, cela ne saurait se réaliser; des relations purement *politiques* ou *diplomatiques* n'atteindraient pas mon but, et même, quand je pourrais m'en contenter, le développement des discordances, qui résulterait forcément de la fréquentation continue, les aurait bientôt détruites. Cette douce perspective est donc perdue pour moi depuis ce fatal voyage; * il ne peut pas même me rester l'illusion, car je ne puis m'empêcher, malgré moi, d'employer ma triste intelligence à voir le fond des choses, même quand il est aussi pénible. *Il ne me reste d'autre part que celui de concentrer le plus possible toute mon existence morale dans mes travaux intellectuels, précieuse mais insuffisante compensation, et de renoncer ainsi, sinon à la plus éclatante, du moins à la plus douce partie de mon bonheur.* C'est le parti que j'ai pris et que je tâcherai de suivre, autant que le permettront les diverses tendances de mon organisation.» (*Ibidem*, p. 174-176).

Toda a vida conjugal do nosso Mestre não fez sinal confirmá-lo cada vez mais na idéia de que só na amizade de uma digna alma masculina poderia encontrar as satisfações pelas quais o seu coração ansejava. A conduta da mulher precipitou-o na loucura um ano após o seu triste casamento. O remorso talvez fê-la em seguida reparar essa monstruosa ingratidão, prestando o concurso do seu devotamento á sublime abnegação de Rozalia Boyer. Mas logo depois a sua vida licencioza e sem delicadeza arrastava o nobre Pensador ao suicídio, do qual só a humanidade de um soldado o salvou. Apesar disso, Augusto Comte persistiu em esperar a regeneração da sua desgraçada esposa: a todos os motivos anteriores para assim sentir, juntava-se agora uma infinda gratidão pelo

* O nosso Mestre se refere á viagem que fizera a Montpellier após o seu casamento, para apresentar a sua mulher á sua Família.— R. T. M.



procedimento dela durante a sua crise cerebral. Nunca os seus infortúnios o fizeram buscar fóra afetos femininos para compensar as decepções do seu lar. A partir, porém, de 1834 convenceu-se de que a sua generosidade não bastava mais para justificar a intimidade conjugal com a mulher que tão falta de delicadeza se mostrava. É provável que desde esse momento tivessem surgido no seu espirito as duvidas sobre a necessidade do celibato para o futuro poder espiritual, a exemplo do sacerdotio católico.

A correspondência com Stuart Mill retrata bem esta situação afetiva de Augusto Comte ao terminar a sua evolução filozofica. Ela completa as indicações da sua obra fundamental e resume o seu confronto sobre os dois sexos, neste trecho característico da sua carta de 16 de julho de 1843:

«*Quelque imparfaite que soit encore, à tous égards, la biologie, elle me semble déjà pouvoir solidement établir la hiérarchie des sexes, en démontrant à la fois anatomiquement et physiologiquement que, dans presque toute la série animale, et surtout chez notre espèce, le sexe femelle est constitué en une sorte d'état d'enfance radicale qui le rend essentiellement inférieur au type organique correspondant. Sous l'aspect directement sociologique, la vie moderne, caractérisée par l'activité industrielle et l'esprit positif, ne doit pas moins développer finalement, bien que d'une autre manière, ces diversités fondamentales que la vie militaire et théologique des populations anciennes, quoique jusqu'ici la nouveauté de cette situation n'ait pas encore permis une suffisante manifestation de ces différences finales, tandis que les premières semblaient s'effacer. L'idée d'une reine, par exemple, même sans être papesse, est maintenant devenue presque ridicule, tant elle avait besoin de l'état théologique; mais, il y a seulement trois siècles, ce n'était pas encore ainsi. Quant à l'imperfection nécessaire des sympathies fondées sur l'inégalité, j'en conviens avec vous; et, à ce titre, je pense que la plénitude des sympathies humaines ne saurait exister qu'entre deux hommes éminents dont la moralité est assez puissante pour contenir toute grave impulsion de rivalité; ce genre d'accord me semble bien supérieur à ce qui peut jamais s'obtenir d'un sexe à l'autre. Mais*



ce ne saurait être là, évidemment, le type normal des relations les plus élémentaires et les plus communes, où la hiérarchie naturelle des sexes, et ensuite des âges, constitue le plus énergique lien.

« La qualification d'*égalité* a été trop sophistiquée de nos jours pour être employée convenablement à caractériser le principe des rapports universels; je lui préfère de beaucoup la formule *fraternité* que toutes les populations modernes ont spontanément consacrée à cet effet, et que j'ai en ce moment, par exemple, la satisfaction de retrouver si profondément et si familièrement empreinte dans la langue espagnole, où elle s'allie continuellement à l'expression la plus vive des sentiments hiérarchiques. » (CARTAS A STUART MILL, p. 175-176).

Porem, a medida que a sua evolução filozofica avançava, o nosso Mestre ia percebendo a insuficiência das demonstrações para determinar por si só a identificação das inteligências, e ainda menos a unificação das almas. Sem falar da luta que lhe movia o meio científico, as suas relações com Valat, Blainville e Stuart Mill eram suficientemente características a tal respeito. O seu ideal do tipo masculino da amizade ia se desfazendo como uma miragem, nas condições que pareciam mais favoráveis. Valat e Blainville retrogradavam cada vez mais para as crenças católicas; e os seus argumentos eram impotentes para arrancar Stuart Mill das aberrações da metafísica revolucionária acerca da condição política da Mulher. E, no meio de todos esses desapontamentos Ele experimentava, de dia para dia, mais imperiosamente a necessidade de amar.

A vista desta situação afetiva, pôde-se imaginar a impressão que Clotilde devia ter causado ao nosso Mestre. Ela contava então vinte e nove anos e meio. A nobre graciosidade do seu porte era realçada pela estatura pouco acima da média feminina; * e a delicadeza da sua complexão estava mais acentuada pelos sofrimentos que lhe minavam prematuramente a existência. Na conformação da sua cabeça lindase adivinhava a santidade e o gênio. Os cabelos castanhos com reflexos de ouro,* tocados segundo a época, emolduravam a sua fronte elevada, e

* Informações de Mme. Ve. Maximilien Marie.



decisão até junto ás faces cujo belo rozeo, talvez já sintomatice da terrível afeição que a devorava, inspirava aos seus uma enganadora segurança na sua saúde. * Os olhos, de um verde esmeraldino, traduzião, na sua meiga vivacidade, * as nobres aspirações com que a sua alma grande procurava suavizar as amarguras do seu presente; só nos ultimos tempos da sua rapida existencia essa vivacidade foi substituida por uma doce languidez. * Enfim um sorriso de resignação e bondade, ondulando de leve os labios delgados e corados, cavava-lhe brandamente o rosto e expandia-lhe a fisionomia sis-madora.

Apezar do encanto desse conjunto, Clotilde não se julgava bela; acreditava apenas possuir alguma expressão. (VOLUME SAGRADO p. 87). Os atrativos da sua nobre formozura fizica apenas predispunhão, porem, para a justa apreciação dos seus dotes morais e servião para realçar a sua virtude. Não era possível aliás aquilatar do seu merito sem alguma convivencia, e a extrema miopia do Filozofio não lhe permitia apanhar, nos primeiros encontros, sinão a gentileza geral do seu porte e a doce magia da sua voz. É claro, pois, que Augusto Comte não ficou logo apaixonado por Clotilde. Mas a afeição que já votava á Família Marie, juntando-se aos infortunios da egregia Senhora, começou por inspirar-lhe uma real simpatia por Ela. Tal foi o sentimento que a melancolica afabilidade de Clotilde foi insensivelmente transformando nas mais ternas emoções... Seria inconcebivel amá-la immediatamente com entusiasmo... Mas porque e como não apiedar-se desde logo pela sua sorte?... A sua imerecida e precoce infelicidade a circundava de uma aureola que devia cativar todas as almas boas que tivessem a ventura de conhecê-la. As desgraças intimas do Filozofio permitião-lhe avaliar bem o infortunio dela. A quantos perigos não estava exposta! Augusto Comte poderia ampará-la com os seus conselhos, como já guiava o seu irmão...

A saudosa recordação da sua desventurada Luiza, sempre viva no piedoso coração do nosso Mestre, devia dar mais consistencia ás incaveis emoções que Clotilde lhe despertava. Seria então pouco mais moça do que Clotilde... Era natural que o Filozofio se sentisse feliz

* Informações de Mme. Ve. Maximilien Marie.



de consagrar a Esta o desvelo paternal de que uma morte prematura privára aquella. E quanto lhe seria doee receber, em troca, alguma coisa do amor que da sua pobre filha esperava. Com tais perspectivas, o Filozofio podia comprazer-se em contemplar, em amorozo enleio, a imagem meiga de Clotilde que as preoccupações conjugais não lhe deixariam encarar sem perturbação.

Por esse tempo,* o nosso Mestre foi surprehendido com a noticia de um novo prozelito cuja adeção ia provocar extraordinaria sensação. Esse prozelito era Littré. O conceituado erudito não só se tinha convertido ao Pozitivismo, como preparára, em segredo, sobre a doutrina regeneradora, uma serie de artigos que devião ser publicados no *Nacional*. E, para que semelhante manifestação tivesse maior efficacia, tencionava dá-los á luz nas vespuras de tratar-se da eleição politecnica, onde se decidiria da posição do Filozofio como examinador. Esperava por esse meio frustrar os planos dos inimigos do nosso Mestre, vulgarizando a magnitude do seu valor scientifico. Convem, todavia, não esquecer que, assim procedendo, o erudito servia tambem a M^{me} Comte, cuja sorte material estava ligada á do generoso Pensador.

Mas, para bem avaliar as reacções que este fato devia exercer sobre o nosso Mestre, convem caracterizar precisamente a situação do meio francez, nessa epoca, em relação á Filozofia Pozitiva e ao seu Fundador. Isto nos obriga a lembrar os incidentes que se tinham dado, havia pouco, a proposito da tentativa de traduzir-se para francez a *Logica* de Stuart Mill.

Manifestando a Stuart Mill as impressões que a leitura da *Logica* lhe cauzára, Augusto Comte indicára a utilidade que teria uma tradução franceza, sobretudo feita pelo autor, (Maio de 1843). Stuart Mill mostrou-se satisfeito com tão lizongeiro juizo, e, eseuizando-se de não poder executar esse trabalho, aerecentou :

«... J'ai d'ailleurs lieu de croire que la chose sera faite sans que je m'en mêle. Avant l'impression du livre, notre ami Marrast a exprimé, avec une persistance amicale à laquelle j'ai dû céder, le désir de le traduire en français, et quoique, suivant ma prévision, il n'a pas

* Não sei a data precisa; mas deve ter sido depois de 23 de Agosto e antes de 21 de Outubro.



trouvé le loisir nécessaire pour une pareille occupation, il vient de me mander que le livre est entre les mains d'un des professeurs de Paris les plus distingués «qui, dit-il, profitera de ses premiers loisirs pour le traduire». M. Marrast ne m'a pas encore dit le nom de ce professeur, mais il vous le dira sans doute, et l'intérêt que vous voulez bien porter à cette entreprise aura peut-être sur son exécution une heureuse influence.» (*Cartas de Stuart Mill a Augusto Comte*, p. 209).

Esse projeto não se realizou, porém, apesar do interesse que o nosso Mestre tomou por ele; e Marrast acabou até por não dar sequer resposta a uma carta que, em fins de Janeiro de 1844, Augusto Comte escreveu-lhe a este respeito. Comunicando semelhante fato, o Filozofista dizia a Stuart Mill:

«... Pour vous dire confidentiellement toute ma pensée sur cette affaire, je crois franchement que votre jugement développé sur mon ouvrage et l'importance que vous avez déclaré mettre à l'exacte conservation d'un tel témoignage s'opposeront longtemps à toute traduction française de votre logique. Ce serait un reproche trop irréusable au silence singulier, d'abord spontané, maintenant systématique, gardé envers moi par toute la presse française, sans excepter les journalistes les plus avancés, tels que Marrast.

«J'ai eu récemment quelques occasions formelles de constater spontanément la réalité d'un concert que j'ai depuis longtemps senti et même prévu, par les refus réitérés qu'ont essuyés plusieurs jeunes gens qui voulaient insérer à mon égard quelques déclarations ou insinuations favorables dans divers recueils accrédités, tous néanmoins *très-progressifs* : la censure métaphysique a impitoyablement rayé, avec la merveilleuse sagacité de l'instinct de parti, jusqu'à de simples phrases isolées où j'étais nommé.

«On répugne sans doute à m'attaquer ouvertement et surtout on craindrait de s'attirer de fortes répliques, ou du moins de propager involontairement mes idées; mais le mot d'ordre est certainement, chez tous ces gens, de garder, à mon égard, le plus complet silence, comme si mon ouvrage n'eût jamais existé. Les faibles sympathies personnelles qui peuvent, à mon égard, caractériser M. Marrast, ne sauraient aucunement sur-



monter, même chez lui, les tendances et les engagements de parti. Il se trouve trop déplorablement soudé à une faction surannée qui ne rêve chez nous d'autre restauration sociale que d'après une étrange combinaison du déisme avec la guerre. Vous sentez donc combien je leur dois sembler doublement hostile, d'autant plus qu'à mon tour, je vois en eux les principaux soutiens actuels du régime ancien, ou du moins les plus funestes obstacles à toute vraie réorganisation: il me conviendrait mieux finalement de devoir les compter déjà, comme cela aura lieu ultérieurement sans doute, parmi mes adversaires déclarés, que de les traiter en adhérents secrets ou prochains. Je suis très persuadé que telle est la principale source du retard qu'éprouvera votre traduction, dont le jeune Bernard serait maintenant très-disposé à se charger.

«Son exubérance révolutionnaire a fait place, depuis un ou deux ans, à des saines mais ardentes tendances philosophiques et sociales, d'après ses réflexions spontanées, aidées de mon influence soutenue; je le crois susceptible de devenir un esprit vraiment distingué, et j'eusse été charmé de le voir s'appliquer à une aussi utile besogne. Au reste, vous ne devez pas vous dissimuler que, même indépendamment de ce qui me concerne, Marrast ne se trouve, par suite de son défaut total d'études scientifiques, personnellement choqué de vos doctrines logiques, qui certes ne ménagent pas plus son école de Condillac et Laromiguière que celle de Schelling et Cousin.» (CARTAS A STUART MILL, carta de 1.º de Maio de 1844, p. 235-237).

Stuart Mill respondeu, a 6 de Junho seguinte, mostrando-se também desiludido das esperanças que Marrast lhe fizera conceber, um ano antes, acerca da breve tradução do seu livro.

A Filosofia Positiva e o seu Fundador pareciam, pois, ser alvo, em França, das animosidades concentradas das classes letradas, — teológicas, metafísicas, e científicas, — quando a inesperada adesão de Littré veio surpreender Augusto Comte. Nessas condições, semelhante apoio parecia de um valor inestimável. O erudito ocupava uma posição eminente, não só na pedantocracia oficial, como na vanguarda da democracia republicana. A sua aceitação da Filosofia Positiva vi-



nha pois, quebrar enfim a longa conspiração do silêncio que o academicismo e o revolucionarismo tinham feito em torno da obra e do nome do destemido Reformador. Graças a essa corajosa manifestação, o isolamento em que o Filozofista achava-se do Público ia cessar; e a doutrina destinada a pôr termo definitivo às convulsões da sociedade moderna não tardaria a adquirir o acendrado social indispensável ao preenchimento de tão sublime missão...

Eis como o nosso Mestre apreceia esse fato, na mesma carta em que comunicava a molestia de que já falamos:

« Je crois devoir vous annoncer déjà, comme une sorte d'événement philosophique, que le silence gardé envers moi par la presse périodique française, avec une si étrange unanimité, va être enfin rompu dignement, par une sérieuse appréciation que contiendra, je crois, le *National*. Elle sera due au plus éminent, sans contredit, de nos érudits actuels, M. Littré (le nouveau traducteur et commentateur d'Hippocrate), qui, par des fortes études biologiques, destinées d'abord à la profession médicale, s'était profondément préparé à la vraie régénération philosophique. Quoique sa carrière se soit ensuite tournée vers l'érudition, il n'en est pas moins l'homme de France qui a le plus complètement saisi et apprécié l'ensemble de la nouvelle philosophie, avec laquelle d'ailleurs ses vives sympathies politiques se trouvent maintenant suffisamment connexes.

« Notre Académie des inscriptions a eu, par un heureux accident, le mérite inattendu de se l'associer de bonne heure, et il y jouit d'une grande considération, ainsi que dans l'ensemble de la presse française. Sa juste influence au *National* suffira, sans doute, pour surmonter, à mon sujet, les malveillantes dispositions des déistes qui le dirigent; je erois d'ailleurs qu'il y sera secrètement secondé, au besoin, par les tendances réelles de notre ami Marrast. Quoiqu'il en soit, l'insertion ou le rejet des articles qu'il a préparés sur mon ouvrage pour ce journal, constituera un événement de quelque intérêt qui me semble mériter notre attention spéciale.

« Je m'empresse de vous annoncer fraternellement cette bonne nouvelle avant qu'elle soit réalisée, parce que je ne doute presque plus de son prochain accomplis-



sement. Au reste, cette annonce est toute confidentielle, car je sais que Littré a caché son projet à presque tout le monde, et spécialement à moi, quoique je sois certain que les articles sont maintenant écrits, et qu'il n'existe plus d'incertitude que sur leur publication.» (CARTAS A STUART MILL, carta de 21 de Outubro de 1844, p. 277-278).

Essa inesperada perspectiva de um futuro melhor que se abria para a sua vida pública determina em nosso Mestre um nobre contentamento que o distrai insensivelmente das penosas recordações da sua vida íntima. O seu espírito acha mesmo assim uma momentânea diversão às tocantes emoções que começavam a surgir no seu cérebro, como um cortejo angelico em torno da imagem de Clotilde. Talvez aquele melancólico devaneio lhe parecesse até uma fraqueza... A lembrança do surto público que já via tomar decizivamente a nova doutrina era de natureza a fortalecê-lo no proposito de combater a sedutora paixão que se ia insinuando no seu coração dorido...

Mas esse choque de emoções encontradas; essas lutas entre os calculos da sabiduria sistematica e as energicas sugestões de uma indomavel espontaneidade afetiva, entretinham a alma do Filozofio em uma situação melindrozissima. Ele sente cada vez maior atrativo pelos grandes poetas ocidentais que, com tamanha fidelidade, descreviam os encantos que lhe emparadizavam a mente. Uma identificação crescente, de dia em dia, se vai estabelecendo espontaneamente entre os sentimentos que Clotilde lhe inspira e o culto que Dante consagrara a Beatriz. Era no meio dessas preocupações que Ele se entregava agora a melancolica audição das sublimes composições muzicais, cujos epizodios mais tocantes tão bem se ajustavam com o estado do seu coração. Como quem desperta de um sonho cujo prolongamento não quer, Ele se esforça por ventura, em vão, por afastar a imagem que o seduz, concentrando a atenção no enredo das sedutoras idealizações. Os estímulos do exterior não poderão, porem, distrahi-lo por muito tempo. Como se tal esforço o fatisgasse, o Filozofio não tardava em mergulhar-se no enleio que combatia; e um secreto contentamento pareceria abençoar a ineficácia das tentativas que fazia para afastar-se da meiga aparição...



Que assombrozo espetáculo se passa então naquele cérebro sem par! Como descrever os embates incessantes das cogitações filozóficas com as amarguras íntimas e as apreensões pelas condições materiais que ameaçação, ao mesmo tempo, o surto da sua obra redentora e a vida da infeliz cuja sorte ligará a sua! A piedade, a glória, o martírio, o amor talvez, todas as grandes e todas as terríveis emoções da alma humana ali se entrecrocavam n'um combate sem treguas. Entretanto o Filozofista não dezespera. Com incedível magnanimidade aceita resignado o que ha de imutavel no seu fadario e procura concentrar todas as potencias da sua alma no exito da sua missão redentora. Os reclamos do coração comprimidos são, porem, superiores aos propozitos da vontade, e tornão impossivel o proseguimento da sua prodigioza carreira.

Foi nesta situação moral que Augusto Comte recebeu a noticia da nova organização da Escola Politecnica pela ordenança de 31 de Outubro de 1844. Em virtude de tal reforma, a proposta para examinador de admissão passou da congregação para o conselho denominado de aperfeçoamento. Compunha-se este de cientistas e funcionarios superiores dos serviços alimentados pela escola, em numero total de vinte e oito, sendo metade de cada uma dessas duas categorias. O conselho devia apresentar candidatos em numero duplo do de examinadores a nomear.

A leitura desta reforma cauzou ao nosso Mestre uma dezanimadora impressão. A sua sorte continuava essencialmente entregue aos rancores pedantocraticos. Entretanto o governo acabava de levantar assim tantas animozidades como si houvesse ousado libertar a sociedade da tirania dos cientistas. Apesar, porem, de semelhante desapontamento, Augusto Comte não se deixou dominar muito tempo pelas apreensões do seu futuro material. O vulto meigo de Clotilde, cada vez mais vivaz no seu cérebro, de dia para dia, lhe tornava menos possivel demorar-se em pensamentos acabrunhadores e emoções amargas. A essa imagem se ligava diretamente a elaboração da sua nova obra pelos problemas morais e politicos que sublevava e que, em mais de um momento, lhe fazia vacilar sobre as conclusões da sua FILOZOFIA, relativas á Mulher e ás questões conexas com o papel do



sexo feminino, no conjunto da existencia humana. Graças a essa disposição optimista, a sua intelligencia era arrastada ás mais favoraveis conjecturas. Contava com a futura influencia dos artigos de Littré; calculava que, auxiliado por esse prestigio, a nobre intervenção de Poinsoot seria mais eficaz agora; imaginava que os seus adversarios se acharião bastante desconcertados pelo audacioso golpe do governo; esperava que este não houvesse esgotado a energia que até ali despendêra, já em seu favor pessoal, já em prol da sua autoridade propria, reprimindo as crimiноzas pretensões dos pedantocratas. Si tudo falhasse ainda, quanto á reparação publica da iniquidade de que fôra vitima, estava certo que os generozos patronos da Inglaterra saberião cumprir o seu dever, até que Elle reconstituísse as fontes da sua subsistencia por um modo mais de acordo com a grosseria dos habitos modernos.

Cedendo assim ás gratas apparencias de uma breve melhora na sua situação exterior, o Filozofio não era então perturbado gravemente sinão pelos sentimentos arrebatadores que Clotilde cada vez mais lhe despertava. Quando menos esperava, Elle se surprehendia a contemplar, n'um enleio deliciozo, aquele melancolico semblante, a escutar os harpejos daquela voz tão cheia de doçura... Era em balde que as preocupações pelo seu futuro material tentavão desviá-lo da lembrança que o enamorava. Era em balde que procurava engolfar o seu genio nas profundas locubrações da sua segunda obra, ou arrastar-se pelas esperanças do triumpho rezervado á sua Filozofia. O coração quebrava o trama em que se tentava enredá-lo e voava para junto da peregrina Senhora.

A idade das paixões privadas devia estar passada para si, pensava Augusto Comte. Entretanto era inutil iludir-se: a inclinação que se ia ateando na sua alma não tinha os caracteres de um afeto paterno. Por mais que se esforçasse por identificar a imagem de Clotilde cõin a da sua desventurada Luiza, não o conseguia. O sentimento que a nobre Dama lhe inspirava não consentia que a representasse sinão como uma espoza que lhe houvesse sido para sempre arrebatada.

Insensivelmente a sua imaginação o transportava para os anos iniciais da sua adolescencia. Desde aquella



epoca, que já tão longe ia, nunca mulher alguma lhe despertára as emoções que agora lho alvoroçavam o coração. Só em tal quadra tinha experimentado, com a celeridade de um raio, a agitação afetiva em que se via de repente imerso. Era assim que havia começado a cavallheiresca paixão da sua puberdade. Talvez mesmo então os encantos do amor se lhe apresentassem com seduições menores. Admirava-se da invencível vacillação que lançava nas suas rezoluções, nos seus mais firmes propozitos, a simples lembrança do vulto angelico de Clotilde.

E, para maior tormento, na sua amarga soledade, o nosso Mestre não tinha sequer um coração anigo com quem partilhasse as inquietações da sua alma, . . . a quem pedisse conselho e lenitivo. . . Conselho? Quem o poderia aconselhar em tão angustioza crize?! Não era só o seu destino individual que constituia o problema da sua vida. O conjunto do passado humano espontaneamente confiára-lhe a incomparavel missão de instituir a regeneração social. Do desempenho de tão glorioso encargo dependia a felicidade do Futuro e a pacificação do Presente. Para esse alvo tinham convergido todos os seus pensamentos e toda a sua conduta desde o inicio da sua mocidade. Até ali, o seu esforço continuo fôra oferecer em si o modelo do futuro poder espiritual. Nesse nobre intuito, fundára a filozofia pozitiva; tentára instituir um lar digno do apreço das almas honestas; aceitára rezignado a pobreza, e enfrentára sem hezitação o capricho dos poderozos e a indifferença das massas. . .

A consciencia deste destino sustentára Augusto Comte atravez de todas as lutas de sua vida publica e no meio das amarguras, mil vezes mais intoleraveis, da sua malograda existencia intima. . . Homem, era fatal que experimentasse todos os accidentes da vida humana; mas não lhe era licito haver-se, nas peripecias da sua tormentoza carreira, como a elite dos seus contemporaneos, nem mesmo como os seus mais eminentes precursores. . . Era o modelo do filozofu futuro que Ele tinha de construir, tanto quanto o permitisse a anarchia medonha em que se via, —berço ao mesmo tempo das suas desgraças e da sua gloria!

Quem poderia, pois, aconselhar o nosso Mestre sinão



a incomparavel doutrina cuja completa eficacia social e moral Ele não cessava de preconizar? E as luzes dessa nobre filosofia não erão bastantes para demonstrar-lhe a necessidade, o imperioso dever de rezistir e anular a paixão que se estava ateando no seu coração? —tal devia ser o seu lacinante pensamento. O que havia nela que o devesse surpreender? Um fatal eazamento não permitira dar expansão ás energicas tendencias afetivas da sua natureza. As suas couvicções filozoficas lhe vedarão sempre procurar, fóra do seu triste lar, as satisfações morais que esperára lealmente encontrar na convivencia da espoza que a sua temeraria confiança lhe fizera escolher. Uma gratidão que nada poderia dissipar ou sequer enfraquecer, juntando-se a essas couvicções, o havia feito entreter, até bem pouco, a esperança na regeneração, embora tardia, da mulher que se achava indissolúvelmente ligada ao seu destino. A absorção na elaboração da sua grande obra lhe facilitára a perzistencia desses generozos propozitos. Foi assim que conseguiu chegar até a maturidade sem que fosse jamais perturbado pelas ardentes emoções cujo arrebatador eneanito tivera ensejo de conhecer no início da sua juventude.

Mas agora todas essas circunstancias que naturalmente o prezervarão contra o arrastamento da sua fervida natureza, na quadra das mais rudes paixões, tinham desaparecido. A construção da sua grandioza obra deixára-lhe o espirito em lazer e mais exposto ás sugestões dos impulsos afetivos. Um abandono irrevogavel não lhe permitia mais nada esperar da inteliz a quem projetára entregar o seu coração. O vago assim deixado nos seus mais íntimos afetos o predispunhão ineonsientemente a procurar alhures as satisfações morais que nunea tinha encontrado. Não podendo alimentar-se nem de saudades nem de esperanças, o coração exauria-se espontaneamente em anhelos indefinidos que o cativarião facilmente, sem o predomínio da razão. Demais a concentração cerebral exigida pela elaboração da sua segunda obra acabava de produzir um profundissimo abalo em todo o seu organismo. E a debilidade fizica, inevitavel em tal crize, ainda mais impressionavel o tornava.

Que muito era que o seu cerebro em tais condições



se tivesse deixado seduzir momentaneamente pelos encantos de uma joven Dama cujo merito cada vez mais o comovia? Como não sentir-se arrastado pelo seu infortunio, não temer pelos perigos que a assaltavam, não ceder ao cavalheiresco desejo de servir-lhe de amparo? Em qualquer outra circunstancia, similhante encontro lhe havia de despertar um vivissimo interesse pela nobre Senhora. O seu izolamento atual, o estado de lazer em que se achava o seu espirito, os desapontamentos do seu lar, o ardor juvenil da sua natureza apenas exageravão esse interesse e o poderião só transformar em violenta paixão, si os impulsos cegos da simpatia não fossem dominados pela razão...

Erão dessa natureza as altivas reflexões que a evolução filozofica de Augusto Comte lhe podia inspirar na aurora do seu amor. Felizmente elas erão impotentes para sufocar a chama sagrada que era só o que permitiria ao seu genio desvendar o futuro definitivo da Humanidade.

A conduta do nosso Mestre parecia pois claramente traçada pela doutrina positiva. Segundo as convieções a que Ele chegára até então, era preciso restringir as emoções que Clotilde lhe despertava ao circulo dos afetos que já o ligavão á Família Marie. Toda tentativa de transpôr similhante ambito só podia agravar a sua situação moral. Porque, não correspondido, similhante amor seria nova fonte de tormentos inesgotaveis; partilhada por Clotilde, a sua paixão crearia, para Ela e para si, uma posição cheia de aflições pela impossibilidade de obter, para esse mutuo afeto, a consagração social. O casamento malgrado de ambos impunha-lhes o dever de rezignarem-se á sua infelicidade e não aumentarem a perturbação social com o exemplo de novas deszordens. Que valor poderia ter a indissolubilidade conjugal, si aos conjugues frustrados nas suas ternas esperanças ficasse lieita a instituição de laços que as leis condenassem e os costumes gerais reprovassem?

As melhores almas revolucionarias podião ter cedido ás sugestões da sua simpatia, menosprezando os preconceitos da turba-multa ignorante e a hipocrisia das classes dirigentes. Porque, para essas almas, os vicios do dogma catolico tinhão deixado sem amparo os resultados politicos e morais do regimen medievo. Mas o Fun-



dador da Filosofia Positiva conseguira demonstrar que esses resultados tinham sido independentes do caráter chimerico de tais dogmas e encontravam a sua sistematização na teoria científica da nossa natureza, individual e coletiva. Nenhuma hesitação era, portanto, admissível acerca do partido que cumpria a Augusto Comte tomar em semelhante emergência. Fosse qual fosse a solução do grave problema do celibato eclesiástico para o sacerdócio futuro, a Ele só restava suportar até o fim, com a dignidade com que sofrêra até ali, o malogro dos seus cálculos de felicidade íntima. Para Ele não havia margem para outras afeições femininas que não as que eram permitidas a qualquer verdadeiro sacerdote católico.

E que sublime exemplo da elevação moral da Filosofia Positiva esse inesperado e perigoso episódio não podia oferecer? Clotilde achava-se em uma situação melindrosíssima. A emancipação voltairiana do seu espírito a expunha a todas as solicitações dos seus sentimentos; e, por mais nobres que eles fossem, como poderiam bastar para guiá-la através da anarquia moderna? A sua natureza de mulher a expunha espontaneamente a subordinar a razão ao sentimento, e os salutareos preconceitos que lhe havia inculcado a educação não poderiam premuni-la assaz contra os escolhos que a revolução oferecia ao seu sexo. As opiniões liberais da sua digna Família constituíam mesmo outras tantas ciladas contra a sabedoria da sua conduta. Tais eram as apreensões que os resultados filosóficos a que chegara Augusto Comte deviam inspirar-lhe acerca de Clotilde.

O Filósofo devia pois conduzir-se profundamente da sua sorte: moça, bela, libertada da tutela paterna, livre dos deveres conjugais, privada das solitudes maternas, em meio de uma sociedade convulsionada, a quantos perigos estivera exposta a infeliz Senhora, ... quantos perigos a sitiavam! ... Porque não oferecer á sua virtude o apoio da filosofia positiva, já que a moral católica não bastava mais para protegê-la? Não era essa uma das funções do verdadeiro poder espiritual? Não era esse o modo mais nobre de patentear a sua gratidão para com a digna Família em cujo seio encontrara tão afetuoso acolhimento? Sem dúvida essa solicitude pela

desventurada Dama proporcionaria ao Regenerador uma preciosa satisfação, embora imperfeita, ás nobres e energicas propensões a que jamais pudéra dar conveniente destino. Talvez mesmo que assim encontressem elas o unico surto compativel com a egregia missão que acceitára.

A proporção que esses pensamentos piedozos permitissem a Augusto Comte contemplar com interesse a imagem suave de Clotilde, as fortes tendencias do seu coração, esmagadas até ali, irião adquirindo uma indomavel expansão. No começo, esse impeto erecente apenas contribuiria para dar mais vigor e encantos inesperados aos projetos de dedicação paternal. Mas, a pouco e pouco, o espirito devia ser dominado, sem que o Filozofio se dêsse conta do prestigio delleiozo que o arroubava. Talvez Ele só percebesse o incomparavel extaze quando se visse salteado pelas facinadoras esperanças de ser o seu afeto acolhido pela egregia Senhora. Então o inquebrantavel vigor do seu carater se sublevaria instigado pelas sugestões da sua austera dignidade, como si um golpe imprevisto o houvesse rudemente ferido.

Mas esses assomos da altivez filozofica nem de leve empanavão a imagem enternecida de Clotilde. Augusto Comte podia reeriminar-se pela santa paixão que tentava dominá-lo; mas não lhe era lieito abandonar os nobres projetos que houvesse formado de constituir-se o denodado paladino da desventurada Senhora. Deixá-la ao dezamparo em meio dos perigos com que um seculo anarchileo ameaçava a sua virtude, devia afigurar-se-lhe uma puzilaninidade incompativel com a inelita missão que o conjunto da evolução humana lhe havia confiado. Como considerar-se um verdadeiro filozofio, um digno herdeiro do sacerdocio catolico, si fosse incapaz de acceitar uma das mais decizivas funções do Poder Espiritual medievo?

Não! não devia afastar-se de Clotilde, nem entregar-se sem reserva ás doces emoções que o arrastavão para Ela, pensaria o Regenerador. A sua nobre filozofia que lhe impunha o dever de respeitar a ordem publica; de não deixar reagir sobre a sociedade as perturbações do seu lar; lhe prescrevia não menos iniludivelmente a obrigação de prestar o auxilio das suas luzes a uma innocente vitima das imperfeições humanas.

Assim tudo quanto mais poderosamente parecerla poder contribuir para dissipar a paixão que, de dia em dia, lavrava com mais intensidade no coração do nosso Mestre, convergia, pelo contrario, para fornecer-lhe incessante alimento. Na simpatia por Clotilde, Ele devia ver cada vez mais vivamente resumidos os impetus egrejos do seu cavalheiresco coração, as nobres sugestões da sua dignidade jamais equivocada, os impulsos irresistíveis da sua incomparavel missão social. Mas era em vão que procurava restringir a esse ambito as suas afeições. O coração, até aquelle momento virgem de um puro e profundo amor feminino, rompia todas as barreiras que lhe pretendia impôr a altivez filosofica, em nome da razão, e arrobava o nosso Mestre em successivos extazes. E cada novo enlevo deixava-lhe a lembrança de desconhecidos encantos, como cada novo despertar lhe devia inspirar novos protestos de sufocar os devaneios da sedutora paixão.

Nessa luta cada vez mais absorvente, cada vez mais deliciosa; nessa contínua preocupação de reprimir mais resolutamente propensões que, de instante em instante, se tornavam mais indomaveis, escapava-se o tempo do Filozof. Quantas horas passariam em que o seu pensamento não se preocupava sinão com o futuro de Clotilde, futuro que lhe sublevava no cerebro um mundo de problemas relativos á sua segunda obra, e cuja solução Ele bem quizeria adiar! E essa agitação afetiva continuava a entreter o estado enfermigo de Augusto Comte.

As vizitas á Familia Marie deviam tornar cada vez mais melindrosa a situação moral do nosso Mestre. Era natural que o encontro com Clotilde bastasse para pôr novamente em questão todos os propozitos que Ele julgava inabalavelmente firmados, talvez momentos antes. Diante daquela angelica aparição, o estado do coração do Filozof não podia permitir que Ele resistisse ás doces emoções que o extasiavam. Toda a luta, a simples lembrança de um antagonismo entre essas encantadoras propensões e o seu dever havia de esvaír-se espontaneamente em tão nobre convivencia.

Entregue outra vez a si, é de presumir que o nosso Mestre recommençasse a examinar a extranha resistencia que agora os seus sentimentos ofereciam aos ditames do seu espirito e á energia ordinaria do seu carater. Mas



os seus hábitos de meditação sistemática e o pensamento da augusta missão que nunea o dezemparava eram suficientes para fazer penetrar uma calma aparente na prodigiosa agitação do seu cérebro. O estado da sua alma tornava-se então o objeto de um estudo aprofundado, porque se tratava do mais urgente dos problemas ligados à sua carreira regeneradora. E a conclusão desse exame, por muito tempo, foi invariável: não devia ceder à paixão que o encantava. O nosso Mestre não podia sem dúvida deixar de reconhecer que ela adquiria um acento sempre crescente sobre o seu coração. Mas esse progresso parecia explicável pela energia da sua afetuozidade, pela situação moral em que se achava, pela sua debilidade física, e pela absorção espontânea do seu espirito na sua segunda obra. Obrigado a meditar sobre esta, o Filozofista julgava talvez que tudo provinha de não dispor assás da sua razão para subjugar os impetos do seu coração, que uma sorte excepcional conservára até ali inteiramente virgem de tais emoções.

Mas esse conhecimento exato que possuía do seu estado moral não lhe podia deixar dúvida quanto ao êxito de uma luta que aliás ameaçava ser bem angustiosa. E já o era bastante... Fosse como fosse, o seu dever achar-se-ia sempre nitidamente traçado pela filosofia positiva, e, desta vez, como sempre, Ele saberia cumpri-lo religiosamente.

Tal era a corrente de emoções, difficilima de ser imaginada e impossível de ser convenientemente retrazada, que os artigos de Littré vierão interromper, nos ultimos dias de Novembro (22 em diante) e principios (3 e 4) de Dezembro de 1844. A satisfação de Augusto Comte ao reebê-los foi profunda. Durava perto de quatorze anos a conspiração do silencio em torno da sua obra gigantesca, — o maior monumento levantado até então pelo engenho masculino. E esse concerto da inveja e do despeito com os mesquinhos calculos da ambição e da eubica ameaçadas no seu predomínio, acabava de ser irrevogavelmente quebrado. Stuart Mill tivera a corajosa nobreza de dar o exemplo da conduta que os mais graves interesses sociais impunhão aos pensadores do nosso seculo. Mas o alcance de tão digna manifestação



era, por sua natureza, extremamente restrito. O éo dos aplauzos do logicista inglez não podia atingir sinão ao punhado de leitores de elite aos quaes se endereçava o seu livro. A massa do publico francez, mesmo a maioria dos espiritos cultos, achava-se essencialmente fóra de similhante influencia. Entretanto, era da iniciativa da França que dependia o encerramento da revolução moderna, mediante o acidente social da nova Filozofia.

A intervenção de Littré vinha instituir esse contato indispensavel entre o Publico da nação central e o Regenerador. A nomeada do jornal em que o erudito fazia sahir a sua apreciação; a fama do escritor como democrata; o seu prestigio official como membro do Instituto; davão á similhante manifestação uma estrondosa repercussão. A filozofia pozitiva transpunha a escola apenas accessivel á elite dos pensadores occidentais para misturar-se com o vulgo dos que leem. O curso de Astronomia encontrava um complemento de inestimavel aleance. A razão popular ia agora deparar a nova doutrina de envolta com as chimeras que até ali haviam evitado sistematicamente o coufronto com ela. A vanguarda dos politicos especialmente ver-se-ia forçada a comparar as suas lições com os ensinos fantasticos das doutrinas democraticas. E nesse combate decizivo entre a sciencia, de um lado, e a teologia com a metafizica, do outro, não podia haver duvida sobre quem cahiria a eleição da vitoria.

Fazendo uma exceção aos seus habitos de completa abstenção da leitura de jornais, o nosso Mestre percorreu os artigos de Littré. Essa leitura pareceu confirmá-lo nas esperanças que a noticia deles lhe havia inspirado. A aceitação do Publico tambem veio justificar as suas lizonjeiras conjecturas. Os numeros do *Nacional* se esgotarão rapidamente. Augusto Comte mesmo e Littré só puderão obter uma coleção. O erudito foi logo solicitado a fazer uma edição á parte da sua apreciação. Stuart Mill já conhecia o famoso escritor, mas ignorava que ele tivesse qualquer simpatia pela filozofia pozitiva. Regozijou-se com a noticia e pediu a Augusto Comte que lhe enviasse os numeros do *Nacional* em que sahissen os artigos. O nosso Mestre escreveu neste sentido a Marrast que respondeu-lhe, a 5 de Dezembro, comunicando haver feito a remessa. Nesse bilhete, Marrast dizia:



«Mon cher Professeur,

«J'ai attendu que le travail de Littré eût entièrement paru pour l'envoyer complet à Mill.

«Je lui ai adressé aujourd'hui tous les numeros du *National* où est contenue l'appréciation de votre savant ouvrage ; et comme j'ai pensé que malgré votre hygiène vous feriez une exception, je vous ai fait remettre aussi des exemplaires que vous voudrez bien garder, j'espère.

«J'ai accompli un de mes vœux les plus chers en publiant ce compte rendu. Il me semblait honteux pour la presse française qu'un livre comme le vôtre eût vu le jour sans que l'attention publique fût attirée sur un ouvrage d'une aussi grande portée. Enfin, *malgré tous les obstacles*, * c'est un devoir que nous avons rempli, et je suis fier qu'il l'ait été avec le secours d'un esprit aussi éminent que Littré.

«Je serais bien heureux si notre publicité, mettant en lumière un livre qui vous a coûté tant de travail, avertit aussi le pouvoir des injustices dont on vous doit la réparation.

«Vous savez tout mon dévouement pour vous, et je vous en renouvelle la sincère expression». (*Revista Occidental*, 1^a serie, tomo 10, 1883, p. 190-191).

Chegado ao poder em 1848, Marrast esqueceu todos esses protestos...

Esse conjunto de demonstrações produziu no animo de Augusto Comte um prazer qual, havia longo tempo, não fruira. Como que vê acelerar-se a epoca do triunfo inevitavel que aguardava a nova doutrina, e a sua alma se deleita com o pensamento de que a felicidade de que gozaria a Posteridade que se ergue diante de si é, em parte, o fruto de tantos anos de labor e de martirio! Mas esse pensamento mesmo o fazia voltar aos seus melancolicos devaneios. Tudo o que se passa em torno de si parece corroborar o propozito em que se achava de restringir, ao ambito prescrito pela sua filozofia, a encantadora paixão que Clotilde lhe despertára. Quanto mais proximo se lhe afigura o acendente social da nova doutrina, tanto mais Ele sente creccer a responsabilidade da sua augusta missão. O Pozitivismo não poderia aceitar a herança do Catolicismo sinão preenchendo melhor do que

* O grifo é nosso.— R. T. M.



este as multiplas funções que a civilização impuzera ao teologismo. Ora, entre essas funções, estava a satisfação das mais egregias aspirações femininas, de modo a estabelecer a união entre o novo Poder Espiritual e a Mulher.

Tal era a nobre destinação que as exigências sociais ofereciam aos ternos sentimentos que Clotilde espontaneamente fizera nacer no coração de Augusto Comte. Tudo indicava nela uma alma egregia. E os imerecidos infortúnios de que tão precocemente fôra vítima apresentavam um incomparavel ensejo de realçar o valor moral da nova filosofia. Até aquele momento, o nosso Mestre não conseguira fazer sentir, a mulher alguma, a efficacia real do Positivismo para conduzir o conjunto da vida humana. Entretanto era evidente que a regeneração social seria impossivel, si uma mesma doutrina não conquistasse a adheção dos homens e das mulheres. E, agora que o assentimento das naturezas de elite do sexo masculino vinha trazendo a confirmação das suas previsões, cumpria-lhe envidar todos os esforços para adquirir tambem a aprovação de dignas almas femininas. Só assim ficaria fôra de qualquer contestação a aptidão organica da filosofia positiva.

Esses projetos não podião satisfazer plenamente ás doces emoções que a imagem terna de Clotilde não cessava de despertar em nosso Mestre. Mas as nobres maneiras da suave Dama auxiliavam espontaneamente os esforços que Ele favia para subjugar o coração aos ditames da sua esclarecida razão. Aparentemente, pelo menos, Ele havia de julgar-se por vezes como tendo conseguido harmonizar a deliciosa paixão com o conjunto dos deveres que resultavam da sua filosofia. Então achar-se-ia como um homem a quem a fatalidade só deixasse a resignação para consolo de uma desgraca irremediavel, e que houvesse enfim aceitado magnanimamente a sua lamentavel sorte. Já que, fossem quais fossem as suas opiniões, a simples diferença das idades e a falta de atractivos que sempre reconheera em si tornavam uma chimera a esperança de ver retribuido o seu afeto, para que torturar-se?... Ninguém lhe impedia que amasse Clotilde sem aspirar sinão ao prazer de consagrar-se ao bem dela; que a amasse desinteressadamente como desde a infancia amára a Humanidade. Ela seria a sua dicipula pre-



dileta, ... e, um dia, quando Ele já não vivesse, Clotilde contaria á Posteridade que a exuberancia afetiva do simpatico Filozofista não era inferior á potencia do seu espirito...

Mas quantas vezes um sorriso, uma palavra; um gesto gracioso de Clotilde, um nada da sua presença bastaria para desfazer todos esses calculos penosamente architados? Outras vezes, a simples lembrança dela, a apprehensão de haver trahido o segredo do seu coração, o receio de a ter magoado involuntariamente, deixaria Augusto Comte porventura em um enleio angustioso que bem patentearia quanto era ficticia a victoria da razão sobre o sentimento. O Filozofista persistia todavia na sua resolução de combater as doces emoções que o arrastavam para Clotilde.

Si as preocupações afetivas do nosso Mestre o distrahião das apprehensões pela sua situação material, é certo tambem que as circumstancias parecião anunciar-lhe um desfecho favoravel da crise politecnica. Com effeito, a organização do conselho de aperfeiçoamento e a repercussão dos artigos de Littré induzirão a roda de Augusto Comte a supôr que o novo conselho se apressaria a reparar a iniquidade do seu antecessor. Julgavam todos inacreditavel que votantes alheios em grande parte ás intrigas pedantocraticas, e entre os quais o nosso Mestre contava amigos que parecião dedicados, negassem justiça a um Pensador cujo merito acabava de ser alvo de tão solehe pregão.

Animados assim por uma triunfante anciedade, os que se interessavam pela sorte de Augusto Comte aguardavam a reunião do conselho politecnico. Ela teve logar a 16 de Dezembro de 1844. Comparecerão, apenas 19 membros; diversos faltarão para não desagradar a Arago, o poderoso adversario de Augusto Comte. A candidatura do nosso Mestre foi sustentada pelos conscienciosos esforços dos dois comandantes da escola, secundados por Duhamel, director dos estudos, pelo general Vaillant e por diversos membros notaveis; todos foram apoiados especialmente pelo imponente sufragio de Poinsonot, o mais eminente dos geometras de então; e o unico que, naquella assembléa, possuia verdadeira experiencia pessoal dos exames de admissão. Nada valeu. A misera-



vel vingança do conselho de instrução, a 17 de Maio, foi confirmada, e Augusto Comte foi excluído por 10 votos contra 9!

Este resultado causou geral desapontamento; os proprios inimigos do Filozofio ficáráo sorprendidos com a iniqua vitória que acabavão de conseguir. Augusto Comte, por seu lado, rezolveu apelar mais uma vez para o general Soult, a quem dirigiu uma terceira carta (de 19 de Dezembro de 1844) entregue na conferencia que teve com ele no dia 20 de Dezembro. Nessa carta, o nosso Mestre requeria novamente, conforme fizera na sua carta anterior, que o Ministro retomasse, como antes de 1832, a livre nomeação directa para as funções de examinador da Escola Politecnica, e insistia pelo inquerito que solicitára. Na sua carta de 25 de Dezembro de 1844, a Stuart Mill, Augusto Comte descrevia assim a sua situação:

« Il ne me reste donc plus d'autre ressource que la fermeté du ministre, dont la profonde conviction s'est déjà prononcé officiellement en ma faveur avec beaucoup d'énergie, comme vous le savez. Mais, d'après l'entrevue que j'ai eue avec lui vendredi dernier 20, j'ai lieu de croire que cette vigueur est presque épuisée par l'effort qu'a exigé de lui la nouvelle organisation, dont il s'attendait peu à constater sitôt l'insuffisance. Je l'ai trouvé dominé par un dégoût et une lassitude fort excusables pour tout ce qui concerne cette lutte polytechnique, qui, relative à une minime partie de son vaste département le préoccupe peut-être davantage, depuis un an, que tout le reste réuni. Malgré la haute estime personnelle qu'il a continué à me témoigner, et la conviction inaltérable de l'iniquité de cette persécution, j'ai donc sujet de craindre que, de peur de nouveaux conflits, il ne se résigne passivement au sacrifice qu'exigent de lui mes ennemis. On * m'a même assuré, quoique je répugne à le croire, qu'une vieille et auguste dévote, poussée par le parti théologique, l'a spécialement sommé, dans l'intérêt du ciel, et au non de sa propre ambition, de m'abandonner à mon sort. Mais d'un autre côté, tous les hommes honorables se sont prononcés pour moi; notre plus éminent géomètre (M. Poincaré), actuellement membre de ce conseil polytechnique, y a puissamment

* Conjeturas de Littré e outros. V. cartas a Stuart Mill, p. 2^o2. — R. T. M.

persévéré dans l'admirable défense que je vous ai déjà signalée avec reconnaissance. Les bureaux du ministère sont d'ailleurs très-disposés à pousser le ministre à me protéger avec énergie. Enfin M. Guizot, indirectement stimulé par la cordiale entremise de M. et M^{me} Austin, paraît décidé cette fois à recommander chaudement à son collègue de ne pas laisser succomber ainsi le seul écrivain qui, dans le monde scientifique, défende aujourd'hui les justes droits du gouvernement central contre les ambitions pédantocratiques. Le nœud du drame est donc encore fortement serré; mais je crains bien que le dénouement ne me soit funeste. Il le serait d'autant plus que, d'après ma lettre du 12 mai 1843, ma chute, comme examinateur, entraînerait probablement, comme vous le savez, la perte prochaine de la place de professeur, * qui, après cette charge, constitue mon principal moyen d'existence, ne me laissant désormais d'autre revenu assuré que les 2000 francs attachés à mon office de répétiteur, que la nouvelle ordonnance a du moins affranchi des passions scientifiques, en ne le rendant révoquant que par le ministre. Ainsi se trouvent strictement confirmées les judicieuses réflexions que Littré place au début de son récent travail sur l'incertitude des prévisions effectives, surtout spéciales, dans les événements sociaux; car la réorganisation de l'Ecole qui, à vos yeux, comme aux miens, comme à tous, semblait devoir consolider nécessairement ma position, aurait dès lors concouru expressément à la détruire, en détournant le ministre de toute énergie ultérieure. De même, on devait penser, en général, que les articles de Littré exerceraient sur ma réélection une heureuse influence, et ce motif avait, je le sais, spécialement déterminé l'instant de leur publication; or, au contraire, ils m'auront probablement nui, en excitant la rage de mes ennemis à tenter un dernier effort pour empêcher du moins de vivre celui qu'ils ne peuvent plus empêcher de percer philosophiquement.» (CARTAS A STUART-MILL, p. 285-287).

Embora pouco esperançado de ver reparado pelo governo o voto do conselho de aperfeiçoamento, o nosso Mestre não se deixou abater. Dispoz-se a reto-

* Na instituição Laville.— R. T. M.



mar o eusino particular, si os seus inimigos triunfasssem; e, para isso, contava que Stuart Mill e os seus amigos de Londres lhe arranjarão relações vantajozas com os inglezes ricos que habitavão Paris. Até Julho aliás, estava preservado de qualquer inquietação material, em consequencia do generoso concurso de Grote, W. Molesworth, e Raikes Currie. Felicitava-se todavia de não haver dado começo a sua segunda obra, para evitar a funesta coincidência de uma forte ecitação simultanea do sentimento e da intelligencia. Os seus miseraveis inimigos, alem da esperança de reduzi-lo á indigencia, tendião tambem confuzamente a determinar, pelo concurso dos seus ataques com os trabalhos do nosso Mestre, alguma terrivel e irreparavel reprodução do fatal epizodio de 1826. Mas Ele estava certo que tão abominavel esperança jamais seria realizada, graças á constante disciplina que exercia sobre as suas emoções e a sua conduta. Contava, por isso, depois de dados os passos que a sua posição exigia, começar serenamente a sua nova elaboração no proximo mez. A necessidade de prover por outros meios á sua subsistencia material apenas o acabrunhava pela lembrança do tempo que eles lhe absorverião em prejuizo da sua glorioza missão.

Desprendendo-se das preocupações individuais, o nosso Mestre era levado mesmo a encarar a sua situação com uma nobre resignação que lembra as heroicas palavras atribuidas por Eschilo a Prometeu, no meio do seu martirio:

«En réfléchissant, d'un point de vue élevé, sur l'ensemble de cette persécution, il est aisé de sentir que, sous de formes personnelles, elle représente un *conflit fondamental et inévitable*, la lutte du véritable esprit philosophique contre le mauvais esprit scientifique, son plus redoutable antagoniste désormais, du moins en France. Les personnalités même n'ont ici rien de fortuit, car je suis, en France, le principal organe du premier esprit; et M. Arago, par l'ensemble de ses préjugés et de ses passions constitue certainement le représentant le plus complet et le plus actif du second. L'immoralité spéciale de cet adversaire et mon défaut total de fortune propre ont seulement donné plus de gravité personnelle à cette lutte inévitable. Au reste, cette gravité même va au but, car il n'y a, pour le public, de lut-



tes vraiment sérieuses que celles où quelque existence se trouve engagée; sans cela il n'y voit que de simples jeux académiques. Ce conflit, où je suis profondément plongé, se trouvait spécialement indispensable à mon action philosophique; afin d'écarter radicalement le plus dangereux reproche que pût encourir la nouvelle école, de tendre simplement à transférer aux savants actuels l'ancien pouvoir des prêtres. Il y a près de vingt ans que j'ai senti la nécessité de veiller surtout à éviter cette accusation spécieuse, par suite d'un article où Benjamin Constant, au sujet de mon premier travail sur le pouvoir spirituel, témoignait des craintes sérieuses d'une sorte de théocratie scientifique. Pour bien comprendre toute la gravité de cet écueil, qui pouvait discrediter dès le début la nouvelle philosophie, j'ai toujours pensé que nous devons surtout compter sur l'école révolutionnaire proprement dite, d'où peuvent seules nous surgir, dans l'origine, des adhésions franches et complètes, comme le récent exemple de Littré le confirme éminemment. Or, pour trouver de la sympathie dans cette école; il fallait avant tout lui donner pleine sécurité sur le genre de despotisme, qu'elle redoute avec raison plus qu'aucun autre. C'est ce qui m'a poussé dans le sixième volume, à développer avec énergie la lutte inévitable du nouvel esprit philosophique contre l'esprit scientifique actuel. Si je succombe personnellement dans cette lutte périlleuse, je serai pleinement consolé par la conviction de mieux caractériser ainsi la vraie nature du positivisme systématique» (*Ibidem* p. 289-290).

Não é possível manifestar maior grandeza moral na adversidade do que a magnanimidade que se patenteia nas linhas precedentes. Mas, para explicar tamanha nobreza, seriam insuficientes os documentos relativos à carreira filosófica do nosso Mestre. A consciência da sua missão social bastava para inspirar-lhe a mais heroica dedicação; e a sua vida até ali fora uma prova irrecusável desse alcance do seu altruismo. Porém a convicção mesma do incomparável destino que lhe coubera tendia a provocar uma justa explosão contra a desleal tirania dos seus inimigos e a tibieza dos que o sustentavam. No entanto, em vez desta violenta reação, o nosso Mestre



oferecia o edificante espetáculo de uma energica serenidade. É que as senas da sua tormentosa vida publica não sendo gradualmente dominadas, como vimos, pelas doces imagens que, de dia para dia, transformavam o seu coração.

Eis como o nosso Mestre agradecia mais tarde a Clotilde essa salutar influencia da nobre paixão que Ella lhe inspirara :

« P. S. Ma gratitude me semblerait incomplètement exprimée, si, à cette précieuse influence permanente, je ne joignais ici l'indication d'une autre réaction favorable, qui, quoique passagère, doit vous être brièvement signalée. C'est l'aptitude spontanée de mon affectueux dévouement à écarter les graves inquiétudes que ma situation matérielle aurait récemment inspiré à tout autre, et peut-être aussi un peu à moi-même, malgré mes habitudes invétérés d'heureuse insouciance philosophique. Des embarras temporaires, inhérents à la petite persécution financière dont nos coteries scientifiques m'ont honoré, n'offrent plus maintenant aucun danger sérieux, quoiqu'ils ne soient pas encore totalement dissipés; mais ils ont acquis, *pendant les derniers mois*, un aspect assez menaçant pour m'affecter *si je n'eusse pas été délicieusement préoccupé de vous*. Or je puis me rendre, à cet égard, la pleine justice que, grâce à cette éminente diversion, ma crise nerveuse, d'ailleurs très grave au fond, n'a pas été un seul instant troublée par aucune fâcheuse réflexion sur des difficultés qui devaient pourtant me sembler alors inévitables et prochaines. Recevez-en aujourd'hui, ma Clotilde, mon remerciement spécial. » (VOLUME SAGRADO, Carta de 5 de Agosto de 1845, p. 297).

« ... Depuis que je suis inspiré par cet amour, aussi noble que tendre, que vous me permettez désormais de qualifier nettement, je me sens devenu meilleur et plus juste envers tous. Il a augmenté mon attachement pour mes vrais amis, et même mon indulgence pour mes principaux ennemis; il me rend plus doux avec mes inférieurs, et mieux subordonné à mes supérieurs: en un mot, il me fait aimer davantage tous mes devoirs quelconques. Laissez-moi vous faire un délicieux hommage personnel de ce précieux progrès qui ne tient pas seulement à la nature de mes sentiments, *mais surtout à*



l'élévation et à la pureté de l'être adoré» (Ibidem, Carta de 8 de Setembro de 1845, p. 353).

«...*Dès sa naissance*, cette inappréciable sympathie m'a rendu presque imperceptibles des traverses qui, sans un tel préservatif, m'auraient peut-être profondément troublé. Les nouvelles persécutions, d'ailleurs fort invraisemblables, ne pourraient désormais m'affecter qu'autant qu'elles réagiraient sur vous, ce que je suis heureusement certain de pouvoir toujours éviter.» (*Ibidem*, Carta de 24 de Fevereiro de 1846, p. 524).

«... Mais, si de nouvelles luttes se présentent, je devrai certes m'y sentir encore mieux encouragé, depuis que mon cœur goûte chaque jour, autant que le comporte notre double fatalité, *d'intimes consolations dont je n'avais eu jamais aucune juste idée.*» (*Ibidem*, Carta de 11 de Março de 1846, p. 552).

Enfim, na sua *Dedicatoria* da POLITICA, escrita a 4 de Outubro de 1846, seis mezes depois da irreparavel catastrophe, que arrebatou prematuramente Clotilde á sua missão objetiva, o nosso Mestre consignava essa inestimavel reacção :

«Ceux qui savent que l'essor continu des instincts sympathiques constitue la principale source du vrai bonheur, personnel ou social, respecteront ici ma solennelle gratitude pour l'ineffable félicité que tu m'as dévoilée, et qui devait exercer une réaction durable sur mon amélioration morale. Suivant la tendance ordinaire des inclinations bien placées, ta salutaire influence m'a spontanément rendu plus affectueux envers mes amis, et plus indulgent pour mes ennemis, plus doux avec mes inférieurs, et mieux subordonné à mes supérieurs. Loin d'amortir mon énergie antérieure, elle en a beaucoup augmenté l'efficacité : à la vigueur persévérante que j'avais assez exercée, j'ai su dès lors joindre une *patientie modération qui m'était trop peu familière*. Je te dois ainsi, en grande partie, d'avoir supporté, sans aucun vain murmure, une infâme persécution, *qui jadis m'eût poussé peut-être à une ardente explosion, inopportune quoique légitime.*» (POLITICA POSITIVA, I, *Dedicatoria*, p. IV).

O desfecho da erize politecnica não se fez esperar muito. Apesar da intervenção mais ou menos real de



Guizot, * a 2 de Janeiro de 1845, Wantzel era nomeado para o lugar do qual fôra iniquamente expoliado o nosso Mestre. O novo ano começava assim mais alarmante do que os dois precedentes para a situação material do Filozofio. Entretanto Ele persistia em confiar na reparação de uma perversidade que a todos revoltava. Tres eventualidades se podião apresentar, talvez proximoamente, para isso, mediante uma vaga entre os quatro examinadores de admissão (dos quais um tinha setenta anos), ou então entre os dois professores de alta matematica e os dois examinadores de sabida. Esta consideração vem sistematizar as disposições afetivas que tendem a demovê-lo de qualquer sentimento agressivo, embora na sua justa defeza. Rezolve-se, pois, a não trazer a publico, naquele momento, a apreciação da conduta dos seus perseguidores. Mesmo quando se decidisse a fazer tal apreciação, tinha assentado limitar-se a mandar imprimir as tres cartas importantes, entregues ao Marechal Soult, no decurso do ano precedente.

Era, portanto, chegado o momento de recorrer ao ensino privado. O nobre auxilio dos seus patronos da Inglaterra lhe permitia esperar até Julho; e, durante esse semestre, contava superar as dificuldades de obter alunos. Mas, alem disso, Littré lhe apresentára, desde os fins de Dezembro ultimo, o projeto de criar uma *Revista* destinada á vulgarização da nova doutrina, e cujo desenvolvimento lhe fornecesse os meios de subsistencia. Todos os seus amigos, incluzive Blainville e Charles Bonnin, tinham aprovado essa idéa. Mas eia não podia ser realizada sem o apoio material e a colaboração intelectual dos adcrentes que a filozofia positiva contava na Inglaterra. Alem dos que já nos são conhecidos, devemos mencionar Bain e Lewes, cujo concurso só podia ser teorico. Este concurso não era, porem, menos difficil do que o apoio material, porque o estado de emancipação mental do meio inglez parecia não comportar, sem perigo, uma franca adheção á nova doutrina. O nosso Mestre foi assim levado a examinar a questão do anonimato.

«... Je dois seulement, au sujet de votre coopération, vous consulter spécialement sur l'importante ques-

* Vide as CARTAS A STUART MILL sobre os detalhes aqui lembrados e outros que omitimos.



tion de la signature personnelle de tous les articles. Littre a toujours, comme moi, signé tout ce qu'il a écrit, et nous sommes tous deux, très-disposés à continuer cet usage, très-favorable à la dignité des travaux et même à leur efficacité, par l'imposant concours que le public aperçoit ainsi de divers penseurs indépendants qui convergeraient habituellement vers les mêmes doctrines fondamentales. Cette signature constitue d'ailleurs la seule prescription légale que doive, à mon gré, établir une police raisonnable de la presse, tant que durera l'anarchie actuelle des intelligences; * et la marche des événements pourrait même amener la Revue à traiter formellement cette question, sur laquelle il serait donc convenable que l'usage constant de ses propres rédacteurs ne démentit pas d'avance l'opinion alors exposée. Mais, quels que soient les divers avantages essentiels d'une telle pratique, celui de votre coopération habituelle est encore plus important, et je serai loin de vous demander un tel assujettissement si, après les preuves de courage philosophique que vous avez noblement fournies, vous pensiez que les convenances de votre pays ou de votre position exigent, à cet égard, des précautions continues, destinées à mieux assurer le libre essor de vos pensées. Il y aurait alors dans la Revue quelques articles sans nom d'auteur ou désignés suivant les artifices usités, ce qui, au fond, ne saurait offrir aucun inconvénient radical, du moins aucun qu'on pût nullement comparer à l'absence de cette éminente collaboration; il en serait de même pour M. Bain, s'il le jugeait convenable.» (CARTAS A STUART MILL. Carta de 10 de Janeiro de 1845, p. 300-301).

Na mesma carta, o nosso Mestre apreciava as perturbações que a Revista viria trazer á sua elaboração filozofica. Desde já, si o projeto fosse apoiado por Stuart Mill, teria de adiar o começo da sua segunda obra para depois de Julho, epoca em que deveria sahir o primeiro numero da Revista. Mas o principal obstaculo consistia na dificuldade de conciliar as suas meditações sistematicas com a elaboração dos artigos epizodicos. Enfim seria forçado a alterar os seus habitos de higiene cerebral, sahindo dos seus caros *poetas occidentais*, para colocar-se a par das novas publicações, senti-

* O nosso Mestre manteve o principio na epoca normal.—R. T. M.



ficas, filozóficas, ou políticas, de alguma importância, que aparecessem nas quatro linguas ocidentais que possuia.

Em um *post-scriptum*, o nosso Mestre dizia :

«Quoique cette lettre ne sente, j'espère, ni l'abattement ni l'irritation, je crois devoir vous assurer spécialement que je me porte parfaitement bien, heureux de me sentir autant de calme que de fermeté.» (*Ibidem*, p. 305).

Esse estado feliz em que o nosso Mestre se sentia, no meio de uma situação material que o ameaçava com a indigência, era devido, como vimos, aos encantos da sua nobre paixão por Clotilde. A convivência com a Família Marie, a presença da inclita Senhora, a sua lembrança, a meditação da sua sorte, os seus dotes, davão uma força cada vez mais estranha aos melancolicos pensamentos que extaziavão o Filozofio. Ele não cança de debater no seu intimo o seu estado afetivo; não como um homem vulgar que examina as condições da sua felicidade pessoal; mas como o Regenerador que vê em si resumidos os destinos da Humanidade. Não era do seu futuro só que se tratava; era do futuro também da egregia Dama, cuja imagem o arrebatava em emoções e pensamentos que jamais experimentára, que nunca tinha imaginado. Que abismo entre esses nobres anhelos e os sentimentos que até então lhe despertarão as mulheres que conhecêra, mesmo as mais eminentes que encontrara! A beleza e a mocidade de Clotilde apenas realçavam os seus incedíveis atrativos! Quanta nobreza nos seus sentimentos! Quanta modestia e quanta profundez no seu espirito! Quanta dignidade no infortunio! E ameaçada de tão inensos perigos na gloriosa missão que se traçara!...

Agora é que o Filozofio percebia em toda a sua extensão o problema humano. Era preciso que não se deixasse arrastar pelas paixões... Mas em que estado se achava a teoria da natureza humana?.. Poderia aceitar, sem novo exame, os resultados da sabiduria catolica e do empirismo científico?.. O seu genio começa a vacilar acerca das conclusões a que chegara... O espirito teria realmente na constituição da moral e da moralidade a supremacia sobre o coração?... A sorte da sociedade inteira, a re-



geração da Humanidade dependia da solução dessa questão...

Nessa luta indescriptivel, entre o *doce conjunto dos sentimentos que gradualmente o arrastavam para Clotilde*¹ e as normas que resultavam das suas convicções filozoficas, o nosso Mestre chegou a meados de Fevereiro de 1845. É o que se deprehende da sua carta de 22 de Fevereiro de 1846, á tarde, dirigida a Clotilde :

«... En outre, la même agitation printanière, qui m'empêche aujourd'hui d'utiliser pour mon ouvrage cette disponibilité inattendue, me rappelle involontairement l'heureuse époque où mon cœur commença à vous être irrévocablement acquis.» (VOLUME SAGRADO, p. 517).

Foi só então que o acendente continuo do altruismo conseguiu que o seu genio dissipasse os capciosos sofismas inspirados pelo orgulho masculino, acerca da supremacia da razão. Todas as objeções que uma pretensa sabiduria lhe sucita são desfeitas pelas luzes que o seu espirito recebe da chama que lhe abraza o coração.² O verso do amavel Terencio, — *Homem sou e nada de humano reputo alheio a mim*, — fôra sempre para si talvez a mais maravilhoza das sentenças legadas pela antiguidade, como a mais contraria á ferocidade da indole de tal faze historica.³ Era agora que Ele apanhava toda a profundez de dessa maxima. Não era ao espirito que cabia e que devia caber a direcção da vida humana, colectiva e individual : era ao *amor*. Só assim é que se poderia conseguir a supremacia da moralidade, não só sobre a força, mas tambem sobre a razão. Assegurar cada vez mais o acendente da simpatia, — tal era o rezumo da evolução da Humanidade. Mas desde então a Mulher constituia o tipo por ecelencia na nossa especie...

Emancipado assim dos preconceitos teoricos, entretidos secularmente pelo orgulhozo prestigio intelectual do homem e pela veneração feminina, Augusto Comte decide-se a não mais rezistir á nobre paixão que, mau grado seu, o dominára. Esta conclusão não poderia, porem, ter prevalecido sem que se houvesse harmonizado com o conjunto dos capitais resultados politicos da filozofia positiva. Cumpria mesmo, para torná-la inabalavel,

1 VOLUME SAGRADO, Carta de 17 de Maio de 1845, p. 247.

2 Vide CARTAS A DIX HUTTON, p. 111.

3 VOLUME SAGRADO, p. 322

que ela permitisse sistematizar melhor todos os dados anteriores sobre os quais nenhuma hesitação era mais possível. Tal foi a profunda reação mental operada pela incomparável comoção afetiva que a sublime natureza de Clotilde determinou em nosso Mestre, e que devemos caracterizar sumariamente. Para isso, basta mostrar a conexão que existe entre a supremacia moral do amor e a subordinação *politica* da Mulher.

A nossa organização e a nossa situação planetária não consentem que se efetue a expansão dos pendores benevolos sem que a sua fraca atividade seja estimulada e mantida pela energia dos movéis egoístas. A dificuldade do problema humano não consiste, pois, em fazer prevalecer a razão sobre o sentimento, e sim em conseguir a suficiente subordinação do egoísmo em relação à simpatia, dominando ao mesmo tempo a personalidade, a inteligência, e a atividade. Ora, essa subordinação seria impossível sem que o predomínio do altruísmo se aliasse à justa satisfação dos pendores mais individuais e mais grosseiros portanto. Tal é o verdadeiro caráter da união conjugal, que é só o que coloca o adulto, durante a fase mais difícil da existência masculina, em condições de receber a influência moralizadora da Mulher. Ela só desprende a espécie humana do mais feroz egoísmo, para elevá-la insensivelmente à mais sublime dedicação. A esposa continua e desenvolve a influência educadora da mãe, impedindo o malogro dos esforços envidados por esta durante a infância e a adolescência, ao mesmo tempo que prepara a reação da filha. Essa tripla influência é secundada pelo carinho da irmã e o devotamento da criada. Tal é o incomparável apoio doméstico sobre o qual se funda a santa providência do conjunto do sexo feminino sobre a massa masculina.

Vê-se por ahí que a missão social da Mulher consiste naturalmente no desenvolvimento da sua insubstituível função moral. Com efeito, é atuando sobre o homem, elevando-o da pura animalidade à mais sublime humanidade, que a Mulher concorre para a existência *politica*, quer cívica, quer planetária. Ela não pôde aceitar nenhum outro posto sem decahir; porque qualquer outro officio é inferior a esse, em *dignidade*. Similhante infe-



rioridade é evidente, si considerarmos o conjunto das funções propriamente *industriais*; pois que todas têm por objeto agir sobre a Terra, ao passo que as funções de mãe, esposa, filha, irmão, e criada consistem em atuar sobre o Homem. Mas não é difícil constatar também a subalternidade das funções masculinas que atuam sobre o Homem. Pois que, não só todas essas funções são apenas o complemento mais ou menos *analítico* e epizodico da ação *sintética* e permanente que cabe à Mulher, mas ainda elas agem sobre o homem através dos seus atributos menos nobres.

Para verificá-lo, tomemos o mais elevado dos ofícios masculinos, o que mais se aproxima da função feminina, o sacerdócio na sua maior plenitude, conforme o tipo teocrático. O sacerdote era então, como será no Positivismo, cientista, filósofo, médico, poeta, e padre. Mesmo neste caso, o homem só pôde influir a partir da adolescência, isto é, sobre entes preparados pela Mulher; e a eficácia da sua ação depende da cultura afetiva que a Mulher tiver dado, como mãe, e mantiver, como esposa, filha, irmão, ou criada. Mas, além disso, o homem influi então epizodicamente, *convencendo*, isto é, modificando o sentimento através da inteligência, com o fim de obter os atos convenientes. Nem a sua ação pôde ser completa. Primeiro, ele não pôde ter de cada homem, individualmente considerado, o conhecimento cabal que só possuem a mãe, a esposa, a filha, a irmão, ou uma digna criada. Em segundo lugar, já pela sua organização, já pela sua função, a inteligência do homem, mais apta para *generalizar* do que a da mulher, não apresenta, por isso mesmo, a *sagacidade* que é o característico do espírito desta. Como constatar, pois, que todo digno sacerdote seja apenas um complemento dos tipos femininos que velam incessantemente sobre a existência moral de cada ente humano?

E, quando atua sobre a coletividade, o sacerdote só influi, graças à uniforme modificação que todos os homens receberão e recebem no seio das respectivas Famílias. Porque, sejam quais forem as divergências *mentais*, seja qual for a diversidade dos *ofícios*, na choupana do pobre como no palácio do rei, no lar do ignorante como na casa do sábio, na cabida do fetiche como na cidade do ocidental, o resultado da influência feminina é invariável: desenvolver o altruísmo e comprimir o



egoísmo; *elaborar a força moral*, em uma palavra. Todo o poder social, espiritual ou temporal, do homem, em que peze ao orgulho masculino, reduz-se a utilizar tal elaboração; e essa utilização mesmo depende sobretudo da influencia feminina, conforme acabamos de notar.

Ora, si tratando-se do officio masculino em que a natureza da ação mais se aproxima da missão da Mulher, não se pôde contestar a supremacia moral da função feminina, como desconhecê-la em relação aos outros officios reservados ao homem? Assim, por exemplo, como não perceber essa preeminencia tratando-se dos cargos políticos? Todo o valor de um chefe de Estado provem, em primeiro lugar, dos entes femininos que formarão o seu coração e entretêm o surto das suas propensões benevolas. De mais a influencia de um estadista, como a de um sacerdote, limita-se a completar a ação feminina, determinando os atos, sem mesmo preocupar-se com as opiniões e os sentimentos. Vê-se assim que essa função é subalterna, em dignidade, mesmo á do sacerdotio, que só pôde influir modificando o coração através do espirito.

Esta serie de considerações mostram, ao mesmo tempo, que a preeminencia *moral* da Mulher impõe a sua subordinação *politica* ao Homem. Porque a actividade politica tem por fim organizar a Industria, isto é, o conjunto da ação da Humanidade sobre a Terra. Esta acção é exercida, e deve ser exercida, exclusivamente pelo sexo masculino. Não só, porque o conjunto da organização biologica do homem o torna mais apto para o trabalho material; mas tambem, porque é só assim que a Mulher ficará mais apta a cumprir a sua insubstituivel missão educadora. Porem, si a Industria compete ao sexo masculino, é claro que a *direção* da vida industrial não pôde caber sinão ao homem. E, como o desenvolvimento industrial constitui o alicerce da existencia *moral*, e do surto *mental*, segue-se que a ação da Mulher, bem como a do Sacerdote, tem de subordinar-se ás condições politicas resultantes da actividade masculina. Esta subordinação objectiva é tão fatal como a que existe por parte dos homens praticos, patricios e proletarios, para com as condições cosmicas.

Assim, em rezumo, na existencia real, a Humani-



dade têm de sujeitar-se às circunstâncias que a Terra espontaneamente lhe oferece. Todo o seu poder consiste em *modificar* a situação, material, mental, e moral, que tais circunstâncias lhe proporcionão. Para isso, o sexo masculino applica-se á ação sobre o Planeta, como a mais accesível á sua intervenção e a mais adaptada a sua constituição biológica, que lhe garante a preeminencia ativa. Ao passo que o sexo feminino, em virtude tambem da sua organização biológica, que lhe assegura a supremacia afetiva, consagra-se á ação sobre a propria natureza da Humanidade. Desses dois destinos conexos resultarão as diferenças intellectuais entre o Homem e a Mulher, de modo a adaptar melhor cada sexo ao seu officio. Essas diferenças mentais por si sós, nenhuma jerarchia podem estabelecer entre os dois sexos: porque cada um destes é mais apropriado para o estudo dos phenomenos a que tem de subordinar-se immediatamente, afim de modificar, de comum accordo, a ordem geral.

Concentrada no lar, em consequencia da natureza do seu santo officio moral, a Mulher não pôde desenvolver diretamente a efficacia coletiva da sua influencia. Torna-se, por isso, indispensavel a constituição de um intermediario que sistematize as reacções entre a existencia domestica e a vida publica. Tal é a destinação do Sacerdocio que, elaborando especialmente a *força mental* e resumindo-a espontaneamente em si, assegura o cabal preenchimento da missão social do espirito. É com semelhante intuito que ele desenvolve, generaliza, e coordena os conhecimentos empiricos que, acerca da ordem exterior, a actividade industrial fornece ao homem, bem como as noções espontaneas que, sobre a natureza humana, a cultura moral proporciona á Mulher. Demonstrando a efficacia da sciencia e da poezia, não só para auxillar a solicitude feminina, como para secundar o trabalho masculino, o sacerdocio conquista livremente a confiança de ambos os sexos. Então, si tiver moralidade e não dispuzer sinão desse prestigio teorico e estetico, mediante a renuncia do poder e da riqueza, tornar-se-á naturalmente o órgão da influencia coletiva da Mulher sobre o homem, e a garantia do cumprimento dos deveres do sexo masculino em relação a cada Mulher.

Tal é a solução definitiva do secular problema da jerarchia entre os sexos. Semelhante solução exige que



se distingua, neste caso como a respeito da ordem universal, entre o aspecto *objetivo* e o aspecto *subjetivo*. No ponto de vista objetivo, e, portanto, *político*, a preponderância cabe ao sexo masculino como menos nobre. Ao passo que, no ponto de vista subjetivo, e portanto *moral*, a preeminência cabe ao sexo feminino, como mais digno. Nenhuma *igualdade* existe, pois, entre o Homem e a Mulher. Esta constituiu, religiosamente apreciada, um verdadeiro ente medianeiro entre a Humanidade e o Homem.

Este resumo dos ensinamentos do nosso Mestre, depois de acabada a sua evolução religiosa, nos permite compreender melhor as reações filosóficas peculiares ao início da sua incomparável paixão. Com efeito, aceitando a supremacia do coração sobre o espírito, na constituição da moral e da moralidade, Ele reconheceu, desde logo, que não há nada mais importante do que a cultura direta do sentimento e que esta só se podia operar sob o acendente da Mulher na família. Onde concluiu a preeminência da função moral feminina sobre todas as funções sociais que cabem ao homem. Tudo isso vinha explicar os resultados da sabedoria católica e da evolução ocidental concentrando livremente a Mulher, cada vez mais, no lar, e a defendendo contra a inconstância dos pendores individuais masculinos, graças à proibição política do divórcio.

Aceitando, portanto, a preponderância do amor, os resultados morais e políticos da evolução católico-feudal, que a elaboração filosófica do nosso Mestre sistematizara, adquirirão uma inesperada e encantadora consistência. Mas essa conclusão tornava mais angustiosa ainda a luta íntima de que era teatro o seu coração. Porque Ele sentia desde então que o celibato não podia ter convindo sinão a transição medieval, para corrigir os inconvenientes sociais do dogma teológico, suprimindo a hereditariedade teocrática nas mais eminentes funções masculinas. Normalmente, o casamento constituía, em todas as classes, a base iniludível do surto afetivo. O sacerdócio, mais do que qualquer outra função, dependia pois de uma digna união entre os dois sexos. Nesse caso, o seu preparo sentimental estava inacabado!... e a sua situação não lhe permitiria apanhar o



conjunto das condições morais indispensáveis à existência normal!...

Similhante reflexão devia ter derramado na alma do nosso Mestre uma amargura infinda. A diferença das idades, a falta de atrativos que em si reconheceria sempre, bastavam para excluir a possibilidade de qualquer correspondência, por parte de Clotilde, ao seu afeto! — não cessava Ele de pensar... Mas quando mesmo o seu amor fosse partilhado, quando mesmo isso não fosse um sonho, entre ambos existia uma triplíce barreira resultante das leis, das suas convicções filozóficas, e do seu cavalheirismo. Não só não havia o divórcio em França; mas também Ele não aceitava a dissolubilidade do laço conjugal, pelo menos no seu cazo. Ora, Ele não podia sacrificar a reputação da Mulher que amava, e o futuro da sociedade, à sua felicidade individual! Nem era mesmo possível conceber a felicidade por tal preço.

O nosso Mestre foi assim conduzido a examinar, de novo, a solução que comportava a sua situação afetiva, não só no seu interesse individual, mas tendo em vista, já a felicidade da Mulher sem par cuja adoração o absorvia, já a organização da sociedade, que constituia o fito incessante da sua vida. Uma natureza vulgar pensaria então no divórcio, instituído com assaz amplitude para comprehender o seu cazo, como a solução conveniente das dificuldades morais em que se achava. Mas a sublimidade do seu altruismo não permitia que o seu génio acolhesse similhante expediente. Não é possível adaptar as regras sociais à multiplicidade dos cazos raros individuais. Os cazamentos infelizes constituem exceções; e o divórcio, em vez de diminuir esses cazos excepcionais, tenderia a multiplicá-los, por criar uma situação favorável às sugestões do egoísmo masculino.

Para os males excepcionais, só remedios também excepcionais. Os cazais infelizes devião, pois, procurar o lenitivo ou a compensação do seu infortunio, sem reclamar a alteração das regras gerais exigidas pela harmonia coletiva. Nesse intuito, o primeiro dever das almas nobres era envidarem todos os esforços para fazer entrar o seu lar nas condições comumente estabelecidas para a felicidade conjugal. Só quando uma experiencia suficientemente prolongada houvesse patenteado a inefficácia das mais escrupulosas tentativas, seria licito buscar em outros ex-



pedientes a solução para as desgraças domesticas. Essa tinha sido a opinião do nosso Mestre desde que o seu OPUSCULO de 1822 o emancipára do septicismo politico e moral. Mas, nessa epoca, as opiniões sientificas sobre a pureza, e que acima lembrámos, não lhe permitião evitar as perturbações inherentes á imperfeita disciplina da sua ardente organização.

Desde, porem, que a paixão por Clotilde apossou-se do seu coração, todas as satisfações grosseiras se lhe tornáram impossiveis: a sublimidade da sua ternura bastou para tudo superar. A perigoza enfermidade de que Ele acabava de sahir lhe tinha espontaneamente patenteado as vantagens, do *jejum* para o trabalho intellectual. A sua paixão estava destinada a demonstrar-lhe a possibilidade e as vantagens, morais, mentais, e praticas, da mais perfeita castidade. Similhante conclusão exigiria ainda alguns anos de experiencia; mas desde já Ele sentia a efficacia regeneradora de um profundo amor, pela escrupuloza pureza que a afeição por Clotilde lhe inspirava. Naquele momento, tal reacção era todavia insufficiente para transformar o conjunto das opiniões que Ele possuia acerca da natureza humana, mediante a combinação dos resultados da sabiduria catolica e da evolução sientifica. A sua organização e as suas convicções levavão-no a amar Clotilde reproduzindo espontaneamente o tipo das grandes paixões masculinas.

O conjunto do Passado oferecia uma serie de uniões celebres, desde o surto dos costumes cavalheirescos até a exploração da Grande Crize. Dante e Petrarca constituíam os modelos legendarios do mais perfeito culto feminino. Mas a natureza teologica das suas convicções dava a essa adoração um carater mistico, que parecia excluir qualquer confronto com um amor puramente humano. O predominio da moral catolica impedia, em tais cazos, qualquer idéia de um laço conjugal, que se tornaria um crime aos olhos de toda a sociedade Occidental.

A medida, porem, que a revolução moderna progrediu, os cazos de um ardente culto feminino forão se tornando assás caracteristicos em homens radicalmente emancipados das crenças teologicas. Entre os seus nobres predecessores teoricos, Augusto Comte encontrava dois sobretudo que podião servir-lhe para aferir o carater normal dos sentimentos que Clotilde lhe inspirava.



Era assim que a vida de Descartes oferecia um tocante epizodio na nobre afeição que o maior dos filozofos modernos consagrou á simpática Elizabeth, a princeza Palatina. Mas o nosso Mestre encontrava um exemplo mais aproximado da sua situação, na cavalheiresca paixão do infortunado d'Alembert por Melle de L'Espinasse, apesar de Clotilde ceder, a todos os respeitois, a esta, que tinha todavia um alto valor, mesmo moral. * Similhanτες antecedentes erão assaz decizivos para patentear que o espirito positivo se harmonizava com o mais completo surto de uma pura e profunda afeição feminina, conforme o annueiára a comovente adoração de Aristoteles pela sua espoza Pitias.

Si tais precursores bastavão para corroborar o nosso Mestre na sua nobre afeição, elles erão insufficientes para traçar-lhe a conduta. A situação de Augusto Comte não era identica a de Dante ou Petrarca, visto como os costumes modernos estavam em plena dissolução, justamente por falta de principios morais. Mas, por outro lado, não era lieito ao Regenerador proceder com o septicismo peculiar ao seculo XVIII. A sua conduta tinha de ser pautada pelas regras morais que Elle descobrisse. Cumpria-lhe, pois, antes de qualquer resolução, examinar a solução normal que os problemas comportavão; e conformar-se com essa solução, ou fundamentar qualquer infração a que fosse eccepionalmente conduzido. Similhante exame só podia ter por baze as inspirações do seu altruismo, mais ou menos perturbado pelas sugestões da personalidade, e esclarecido pela sincera meditação do conjunto do procedimento dos almas egregias. Tal era o resultado fatal da auzencia da *Moral* como sciencia positiva.

No inicio da sua paixão, o nosso Mestre não podia assimilar completamente a sua situação á de d'Alembert por isso que Elle não havia constatado, como o terno geometra, que o seu amor não era correspondido. Mas a analogia dos dois cazos provinha da convicção em que Elle se achava de que tal sentimento não podia ter melhor sorte, em consequencia dos obstaculos de todo genero que se opunhão ao completo surto da sua afeição, incluzive uma igual disparidade de idades * Entretanto,

* VOLUME SAGRADO, p. 411.



apesar de todas as objeções levantadas no seu cerebro, a energia da sua nobre paixão ia cada vez mais avassalando o seu genio e lhe impunha, a cada momento, a reconsideração das suas opiniões.

É claro que a condenação geral do divorcio, formulada pelo nosso Mestre, desde a sua elaboração inicial da *Sociologia*, não podia comprehender os cazos analogos ao de Clotilde. Com effeito, como contestar a liberdade perfeita de Clotilde perante a filozofia positiva, tal qual Ele a acabava de fundar? A indignidade do seu marido estava reconhecida, não por fatos intimos, passados no segredo do lar, suscetiveis de duvidas mais ou menos capciosas. Não; o seu marido era um réu de crime publico, banido da communhão social pelas leis de todo o Ocidente. Perante a sociedade, tal homem estava mais que morto; porque, sobre ele, pezava uma ação que os codigos e os costumes consideravão infamante para sempre.

É evidente que a indissolubilidade conjugal não pôde referir-se a tal hipoteze. O principio mesmo que prescreve a manutenção do casamento até a morte de um dos conjuges conduz a reconhecer que o casamento está dissolvido politicamente desde que um deles é eliminado legalmente da sociedade. Portanto, é só por uma imperfeição da legislação; pelo predominio do ponto de vista *absoluto*, que se pôde considerar uma mulher como indissolavelmente ligada a um criminozo. As almas honestas e esclarecidas não podião, pois, recuzar a Clotilde a liberdade de procurar, em uma nova união, as satisfações morais que Ela tinha buscado lealmente num laço cujo malogro as proprias leis tinham proclamado. E, si a cegueira ou a prepotencia dos estadistas lhe recuzava, por uma cruel incoherencia, sancionar essa nova união, devia Ela imolar a sua felicidade á similhante despotismo? Que motivos de ordem humana poderião justificar, poderião exigir um sacrificio de tal natureza? As consagrações sociais, conquanto uteis a todos, só erão indispensaveis para as naturezas vulgares, — tal era a inspiração que as opiniões scientificas permitião então a uma nobre altivez masculina.

Vimos que o sublime altruismo de Clotilde lhe permitia justificar tamanha abnegação; é certo. Desde que



se aceita que só somos felizes quando a nossa felicidade não aflige e não ofende a ninguém; desde que se proclamava que não ha prazeres que ecedão aos da dedicação, é-se naturalmente levado a preferir o sofrimento proprio, mesmo injusto, a causar dores em outrem. Essa preferencia é tanto mais energica, quanto mais caros nos são os entes a quem a nossa prezumida felicidade iria afligir e ofender. Demais, quando se possui uma natureza felizmente organizada para seguir o dever que se conhece, pôde-se tomar o partido do sacrificio pessoal, dominando os impulsos que nos induzem a revoltar-nos contra a ordem social.

A Religião da Humanidade, instituida graças á regeneração moral do nosso Mestre, sistematizou essas inspirações altruistas de Clotilde. Pôde-se reconhecer assim, finalmente, que o *dever* não consente, mesmo no cazo considerado, que se viole a ordem legal, estabelecendo, fóra dela, um laço conjugal sem restrições. Porque o casamento completo, mediante uma situação ilegal, importaria então em menosprezar, sem utilidade publica, o conceito de pessoas dignas, isto é, em sacrificar os votos do altruismo ás tentações do orgulho e da vaidade. E similhante conduta torna-se tanto mais condenavel, quanto, por parte do homem, ela rezulta da inteira escravização, consiente ou inconsiente, dos pendores pessoais pelo instinto sexual. Todas as reacções morais inherentes ao casamento são, pelo contrario, realizadas, e até com mais efficacia, quando motivos de qualquer ordem determinão que a identificação dos corações se alie voluntariamente a uma escrupuloza pureza. O preceito legal da indissolubilidade do casamento, embora ecepcionalmente injusto, não se opondo, pois, sinão ás mais grosseiras satisfações egoistas, deve ser respeitado, como si se tratasse de um obstaculo insuperavel. A união se transforma então em um noivado indefinido, e tem os mesmos fundamentos que o casamento subjetivo, rezultante da viuvez eterna, cuja obrigação não é legal.

Mas que homem emancipado das crenças teologicas pregou e seguiu até hoje similhante moral? Que doutrina, fóra do *Positivismo depois da regeneração moral de Augusto Comte*, formulou similhante ideal, ou o julgou mesmo accessivel á natureza humana? O rezumo da moral occidental até Clotilde era : — *amar o*



proximo como a si mesmo.—O nosso Mestre acabava de proclamar, no seu SISTEMA DE FILOZOFIA POZITIVA, semelhante maxima como o limite supremo da moral:

«... Quand la morale des peuples avancés nous a prescrit, en général, la stricte obligation *d'aimer nos semblables comme nous-mêmes*, elle a formulé, *de la manière la plus admirable*, le précepte le plus fondamental, avec ce juste degré d'exagération qu'exige nécessairement l'indication d'un *type* quelconque, au dessous duquel la réalité ne sera jamais que trop maintenue. Mais, dans ce sublime précepte, *l'instinct personnel ne cesse point de servir de guide et de mesure à l'instinct social*, comme l'exigeait la nature du sujet: de toute autre manière, le but du principe eût été essentiellement manqué; car, *en quoi et comment celui qui ne s'aimerait point pourrait-il aimer autrui?*...» (FILOZOFIA POZITIVA, IV, p. 553-554).

O espetaculo oferecido pelo conjunto da historia e que todos os dias prezenciamos é que as melhores naturezas rompem com os entes que lhes são mais caros, quando um outro afeto mais energico as domina. A Igreja catolica está cheia de exemplos de crentes, mesmo entre as mulheres, que não hezitão em quebrar os mais fortes laços da familia, para seguir o que considerão como a vontade de Deus. Mas essa vontade de Deus não é obedecida dezinteressadamente: o fiel espera, em premio do seu martirio na Terra, conquistar a eterna bem-aventurança no Céu, como teme, em consequencia da infração á lei divina, sofrer as torturas inextinguiveis do inferno. Essa bem-aventurança é *ele só* que a desfrutará; os seus meritos em nada aproveitão aos seres que ele devia mais amar, no ponto de vista humano. De sorte que, bem analizada a devoção catolica, reconhece-se que ela tem por movel confesso a mais extrema preocupação egoista. Quanto esse ponto de vista está longe das maximas formuladas por Clotilde: *só somos felizes quando a nossa felicidade não aflige e não ofende a ninguém! Que prazeres podem ceder aos da dedicação?*

E, no mundo revolucionario, repetimos, que homem concebeu a felicidade com esse abnegado altruismo? Por toda parte, desde que um espirito emancipado das crenças teologicas reconheceu o absurdo de um preconceito social ou de uma disposição legal, ele só os respeitou



enquanto tal preconceito ou tal disposição não se opõe às energicas aspirações do seu coração. Nas almas vulgares, essas aspirações são quasi de todo egoistas e limitam-se a ambicionar os gozos comuns que o seu meio lhes oferece. As grandes naturezas sentem-se, porem, dominadas pelos nobres solicitações altruistas; não separam a sua felicidade da felicidade da Humanidade; aceitam mesmo o martirio em beneficio da especie inteira. Mas não se sentem com força para tranzigir com o que lhes parece o egoismo, o capricho, ou a ignorancia, das massas ou dos individuos, desde que se trate de um esteril e imenso sacrificio da sua personalidade. A revolta é então tanto mais inevitavel quanto mais esse sacrificio acarretaria o de outrem.

As considerações precedentes parecem-nos bastantes para caracterizar quais podião ser os ditames da mais elevada moral concebivel, antes do Positivismo, por um homem emancipado das crenças teologicas. Vê-se que, segundo elles, não era lícito contestar a Clotilde a liberdade moral, bem como a legitimidade, de procurar, independentemente da consagração legal, uma nova união, onde encontrasse as dignas satisfações affectivas de que se achava iniquamente frustrada. Outra não poderia ser, pois, a opinião de nosso Mestre, em principios de 1845, si Ele então já possuísse um conhecimento exato do infortunio conjugal de Clotilde. A correspondencia sagrada demonstra, porem, creio eu, que, só em fins desse anno, Augusto Comte soube precisamente qual era a realidade, em toda a sua crueza.

Seja como fôr, similhante conclusão não bastava para proporeionar ao amor do nosso Mestre o surto pelo qual Ele anhelava. Que importava, para a sua felicidade pessoal, que Clotilde estivesse irreprehensivelmente livre, si Ele não o fosse? Augusto Comte era, pois, levado, pela sua situação affectiva, a examinar, de novo, qual a reparação que comportavão as desgraças conjugais. Como proceder, quando a indignidade incorregivel de um dos esposos, sem comprometer a sociedade assás gravemente para motivar o divorcio, isto é, a *dissolução legal* do casamento, justificasse, entretanto, a *dissolução moral* deste? Tal era o caso do nosso Mestre; e tal suppunha Ele, em principios de 1845, ser o caso de Clotilde, con-



forme se deprehende, a meu ver, da correspondência sagrada.

Já lembramos que, mais tarde, Augusto Comte reconheceu e proclamou que, nessa hipótese, só era lícito ao conjuge inoente aspirar por uma *união casta*. Mas esse foi o extremo resultado da sua regeneração moral, graças ao culto que a sublimidade de Clotilde lhe inspirou. Não foi assim que Ele apreciou, em 1845, o seu dever. Cumpre-nos, pois, examinar si, *com os resultados até então adquiridos positivamente pela moral humana*, era possível que Ele admitisse, nessa época, opinião diversa da que adotou.

Mme Comte havia abandonado irrevogavelmente o lar conjugal. Sem duvida, ela, ao sahir, rezervára-se a faculdade de voltar quando lhe aprouvesse, como fizera de outras vezes. Porém, depois de 17 anos de esforços leais para corrigir essa triste natureza, o Filozofa não podia ter mais duvidas sobre o carater chimerico de qualquer tentativa em tal sentido. Os documentos atualmente publicados bastão para não deixar a mínima hesitação a tal respeito; e a realidade ainda é mais triste. Ora, enquanto Carolina Massin perzistisse no domicilio conjugal, o nosso Mestre podia ter escrúpulos de procurar, em outro afeto, as satisfações morais que não encontrava no seu lar. E Ele sempre respeitou esses escrúpulos, conforme dissemos.

Mas a saída de Carolina Massin vinha de fato desprendê-lo de qualquer ligação, que não fosse a obrigação material de mantê-la. Essa, o nosso Mestre sempre a reconheceu e sempre cumpriu escrupulosamente, através de todas as privações resultantes da perseguição pedantocratica e do insufficiente apoio dos seus dicipulos. Mesmo tal dever, a generalidade dos espiritos emancipados de crenças teologicas não reconheceria, á vista da conduta licencioza e sem delicadeza da indigna espoza. Só as almas mais cavalheirescas seriam capazes de julgar-se obrigadas a tanto. Segundo a opinião geral dos livres pensadores, o caso de Augusto Comte era aliás um dos que mais claramente justificavam o divoreio. Entretanto, as suas convicções a tal respeito eram tão inabalaveis que, em carta a Stuart Mill, Ele declara que não o aceitaria para si, si, como era possível,



esse dissolvente protestante viesse a estabelecer-se, pela segunda vez, na legislação franceza. (CARTAS A STUART MILL, carta de 30 de Setembro de 1842, p. 85-86).

Eslarecido pelo amor por Clotilde, essa *indissolubilidade politica* não lhe pareceu, porem, dever-lhe impôr a renuncia a buscar, fóra da ordem legal, a felicidade que em vão tentára lealmente achar nela, durante mais de 17 anos. A baze primordial da Filozofia Positiva é que *tudo é relativo*. Todas as regras sociais comportão pois exceções, conforme reconheêra Santo Agostinho, apesar da natureza absoluta do dogma catolico. Essas exceções não são suetivéis de uma sistematização. É impossivel enumerar de antemão os cazos em que a violação de tais regras se legitima. Torna-se indispensavel examinar cada eventualidade para decidir-se a tal respeito, vendo si o conjunto das leis naturais e o interesse publico permitião outra conduta. Similhante exame não podia sinão competir espontaneamente ás almas honestas e esclarecidas, enquanto a situação social permanecesse revolucionaria. Reorganizada a sociedade, essas exceções tornar-se-ião cada vez mais raras; e, em todo eazo, o sacerdoteio terla o prestigio e a capacidade para proferir uma decizão, digna de merecer a aceitação geral.

O divorcio não pôde ser solução admissivel; porque a pretensão de prever de antemão os cazos que realmente comportão a dissolução conjugal só conduzirã ao estabelecimento de princípios insufficientes ou relaxados. Isto é, toda lei de divorcio que não equivaler á união livre, está exposta a permitir a dissolução em cazos em que ela não é justificada e a negá-la em outros nos quais é legitima. Alem disso, dada essa atribuição ao poder temporal, a massa geral da sociedade seria levada a repouzar sobre a sabiduria de juizes fatalmente incompetentes, e a aceitar como legitimas dissoluções que o não são. O resultado é que uma lei de divorcio determina a solicitarem a dissolução conjugal muitas pessoas que, sem essa faculdade, tentarião corrigir e corrigirião os seus lares. Ao passo que as más naturezas encontrão então a sistematização legal dos seus desmandos.

Portanto, o poder temporal deve abster-se de legislar sobre o que não é legislavel por sua natureza. E, quanto aos conjuges infelizes só lhes resta proeurarem,



sob a sua responsabilidade pessoal, nas situações excepcionais toleradas pelos costumes, a reparação também excepcional, que os seus casos comportarem. Tal é o meio que, sem as luzes que devemos á Religião da Humanidade, parece mais adequado para harmonizar a felicidade privada com o bem publico, enquanto durar a transição revolucionaria. Essa tolerancia não poderia conduzir as melhores naturezas a abusos mais graves do que o divoreio : porque as situações irregulares só seriam aceitas por elas, em casos verdadeiramente extremos. A superioridade moral espontanea preencheria, em tais casos, o mesmo papel que o conjunto dos preconceitos sociais representa nas almas vulgares.

Similhante solução não comporta outros perigos sinão os que são inherentes á situação revolucionaria em que se acha o Ocidente ; enquanto que uma lei de divoreio agravaria esses perigos, isto é, seria um novo incentivo á desordem. Em uma palavra: o divoreio permite facilmente colorir com as apparencias da moralidade as mais profundas infrações da moral ; ao passo que as uniões livres, não sendo reconhecidas legalmente e sendo condenadas pela generalidade da sociedade, não poderão ser admitidas pelas naturezas dignas sinão muito excepcionalmente. As perturbações sociais e morais causadas pela instituição politica do divoreio são, pois, incomparavelmente maiores do que as que podem resultar do estabelecimento espontaneo de uniões irregulares.

A preferencia empiricamente dada ao *divorcio* sobre as *uniões livres*, como solução para as desgraças conjugais, durante a transição revolucionaria, resulta da opinião vulgar que a *moralidade* depende da *legalidade*. É assim que a maioria, que considera o jogo como uma immoralidade, deixa de ter nessa conta as loterias autorizadas pelas leis. Ora, não é licito similhante identificação. A lei não tem a virtude de tornar moral, isto é, de acordo com a preponderancia do altruismo sobre o egoismo, o que é immoral, isto é, o que provem do predominio do egoismo sobre o altruismo. Portanto, o problema da legitimidade da dissolução conjugal não depende da lei ; si a dissolução, em regra geral, só pôde ser favoravel ao egoismo, como é incontestavel, a lei do divoreio equivale a facilitar a immoralidade, *sancionando* um nu-



mero de uniões ímorais muito maior do que as que existirão sem tal lei.

De fato, a lei do divórcio não traz só, como consequência, libertar as naturezas vulgares, do apoio que lhes oferecem, em meio da degradação revolucionária, os mais santos preconceitos políticos e domésticos. Priva também, em parte, as almas nobres do escrúpulo que resulta de receiarem scandalizar, com o seu exemplo, quer a sociedade em geral, quer o comum das pessoas honestas com as quais habitualmente convivem. De sorte que, sem uma lei de divórcio, só em condições excepcionalíssimas, um par egregio ousará instituir uma união conjugal fóra das condições que geralmente garantem a moralidade. A maioria das uniões livres será desde então apenas entre os corações grosseiros ou incultos; e este fato constituirá um novo motivo para conter, não só a massa geral, como a elite da sociedade.

Dada a anarchia moderna, o unico meio de que os governos ocidentais dispõe, para minorar as desgraças conjugais, consiste, pois, em manter a indissolubilidade politica do casamento. Essa regra só comporta uma exceção, na hipotese da condenação de um dos conjuges a uma pena infamante que o fira de morte social. Fóra desse caso, as reparações das infelicidades matrimoniaes devem ficar entregues á livre iniciativa das vltimas, conforme o permitirem os costumes. Cada família que examine e decida si deve aceitar ou recuzar as relações daquelas que forem instituidas com a violação dos principios morais que professar, sem ter, em uma legislação vicioza, desculpa ou incentivo para a sua propria degradação.

Cumpré assinalar finalmente que o divórcio faz parte do sistema de instituições chimericas e perturbadoras, com as quais os revolucionarios se esforçam por disfarçar a verdadeira cauza da anarchia moderna, e a natureza do remedio unico que esta comporta. Pois que com semelhante medida, se pretende fazer crer que o poder temporal dispõe de todos os recursos para sanar as infelicidades conjugais, sendo possível a harmonia domestica sem a existencia de um digno Sacerdocio. Entretanto o espetáculo das desordens conjugais, deixadas sem tratamentos grosseiros, iluzorios, e perniciozos, por governos que sinceramente confessão a fatal insuficiencia



moral dos expedientes políticos, patenteia a urgência do advento de uma nova Religião. A não admitir-se essa conclusão, só restará aceitar a necessidade de restaurar o prestígio, moral e mental, que o Catolicismo perdeu desde o XIV século. Em todo caso, ficará evidente que a reorganização social será impossível sem o predomínio de uma religião livremente aceita pela unanimidade dos homens. Para ali convergirão pois lealmente todos os esforços, e a paz, social e doméstica, não tardará a surgir desse incomparável concurso de vontades.

Forão considerações desta natureza que determinarão o nosso Mestre, desde a criação da *Sociologia*, a condenar o restabelecimento ocidental do divórcio. O problema, pois, que se levantava diante de si, em 1845, consistia unicamente em decidir si o seu caso justificava a instituição excepcional de uma plena união conjugal livre. Tal é a questão que devemos examinar.

Augusto Comte julgava-se *moralmente* livre, e nenhuma alma honesta, abstrahindo das crenças teológicas, poderá pretender o contrario, á vista do conjunto do seu triste passado domestico. Depois de uma luta forte e prolongada entre os seus sentimentos e as suas opiniões, Ele acabou por convencer-se que devia ceder aos impulsos do seu coração. Ora, a teoria scientifica da natureza humana que Ele admitia *como todos os livres pensadores seus contemporaneos*, não lhe permitia apreciar convenientemente o valor, social e moral, da castidade, * reputada até como uma pratica acetica nociva á saude. A doutrina catolica a proclamava, aliás como todas as virtudes, apenas exequível com o auxilio da graça divina. Ninguém concebia, antes do nosso Mestre, a união conjugal como podendo existir, sob o impulso das considerações humanas, independentemente das satisfações sensuais. Os tipos de casamentos castos oferecidos pelo Catolicismo constituíam manifestações místicas, que pareciam incompatíveis com a racionalidade normal.

Por outro lado, Clotilde também se achava irrepre-

* Na sua principal *Oração*, o nosso Mestre dizia á sua terna e imaculada Inspiradora:

« *Image de 27 Août 1851* — ... Je te remercie surtout de m'avoir spontanément inspiré cette pureté dont, jusqu'à toi, j'ignorais le vrai prix... (VOLUME SAGRADO, p. 68).



hensivelmente livre, em virtude do abandono em que a deixára o marido, havia quazi seis anos. Desde, portanto, que o nosso Mestre foi levado a aceitar a legitimidade de ceder aos impulsos do amor que Clotilde lhe inspirava, Ele a encarou como o ideal da esposa, conforme o mais nobre tipo até então imaginado pela moral humana. Nessas condições, estava certo que a Posteridade não podia contestar a legitimidade de uma união conjugal livre e, pelo contrario, a sancionaria. Quanto aos seus contemporaneos, só devia julgar indispensavel o conceito das almas puras e inteligentes; ora essas comprehenderião que a falta da consagração legal não dependia da sua vontade e só resultava da sua situação. Foi assim que o nosso Mestre chegou, em 1845, á convicção de que os cazos analogos ao seu e ao de Clotilde legitimavão a constituição de uma Familia fóra da ordem legal:

«... Aux yeux de toute âme à la fois pure et intelligente, tous deux placés involontairement dans un même état exceptionnel, nous sommes moralement autorisés à y trouver, autant que possible, cette juste satisfaction de cœur que chacun de nous a la pleine conviction d'avoir en vain cherchée loyalement et trop longtemps attendue dans l'ordre régulier. Puissions-nous, l'un par autre, y parvenir dignement!» (VOLUME SAGRADO, *Correspondencia*, Carta de 17 de Maio de 1845, p. 247).

«*Dès l'orageux début de notre liaison, je vous exprimais, par ma lettre du 17 mai, sur les droits exceptionnels moralement propres à notre situation exceptionnelle, une opinion bien arrêtée, que la plus mûre appréciation me permet aujourd'hui de ratifier pleinement. Pour tous ceux qui sentent, d'esprit et de cœur, le vrai caractère des saintes règles sociales, toujours générales mais jamais absolues, notre entière union, loin de nous écarter davantage de l'état normal, nous y fait, au contraire, rentrer autant que le comporte notre fatalité respective. Aussitôt que nous le pourrons, je serai heureux de solenniser mes engagements devant le magistrat temporel et le fonctionnaire spirituel, en un mot, par toutes les voies quelconques que l'Humanité a pu instituer pour consacrer publiquement les liens privés. Mais, jusqu'à ce jour désiré, et quand même, hélas! il ne devrait jamais venir,*



je ne cesserai de me considérer comme tout aussi *indissolublement lié*, dès aujourd'hui, que si nos serments avaient reçu toutes les garanties sociales, qui, quoique profondément utiles à tous, ne sont vraiment indispensables qu'aux cœurs et aux esprits vulgaires..." (*Ibidem*, carta de 6 de Setembro de 1845, p. 313).

Era possível admitir uma solução moral mais elevada, para a situação de Augusto Comte e Clotilde, com o conjunto das teorias que, sobre a natureza humana, possuíam os mais eminentes corações honestos e emancipados? Tal é a única questão que a conduta do nosso Mestre pôde levantar. Repetimos: hoje, a *Moral* positiva, fundada espontaneamente por Clotilde e sistematizada cientificamente por Augusto Comte, formula a verdadeira solução normal. Mas essa solução se baseia em uma teoria da natureza humana que só os positivistas aceitam e que *então não existia*. Porque só a Religião da Humanidade é que permite conceber o casamento como destinado a consagrar socialmente a mais profunda e a mais bela das amizades, *independentemente de toda satisfação sensual*. Então se compreende que a *união casta* é a sabida *única* que um casamento infeliz comporta, enquanto a morte, biológica ou civil, não permite dissolver legalmente o primeiro laço. Mas, em 1845, *nenhum* espírito masculino emancipado era capaz de elevar-se a semelhante doutrina. Para prová-lo, basta refletir que nenhum a concebeu antes de Augusto Comte; e, depois dele, só a aceitam os que se achão convertidos à Religião da Humanidade.

A este propósito, julgo conveniente recordar o seguinte trecho da carta que, a 6 de Cezar de 63 (28 de Abril de 1851), o nosso Mestre dirigiu a Littré, e onde Ele consigna a solução normal a que nos referimos:

«Avant de caractériser ma situation domestique, je dois indiquer un éclaircissement provoqué sur la saine théorie du mariage, en y distinguant l'union légale et l'union morale.

«La première ne comporte de juste dissolution que dans des cas extrêmement exceptionnels, où *je ne me suis pas trouvé*, mais dont ma noble et tendre Clotilde offrit le plus touchant exemple, assez expliqué à nos confrères. Quant à l'union morale, elle peut toujours cesser par l'indignité prolongée de l'un des conjoints.



Si le lien légal persiste alors, mais sans enfants, il se réduit à des devoirs matériels. Il ne comporte d'autre réaction morale que d'imposer la chasteté aux tendresses exceptionnelles. La société ne peut ni ne doit exiger jamais qu'un cœur renonce à se développer, par cela seul que son essor initial avorta sans reproche.» (*Ibidem*, *Testamento*, peças justificativas, p. 48).

Mas, em 1845, a evolução afetiva do nosso Mestre não havia ainda atingido a semelhante grau. Pelo motivos acima expostos, Ele julgou-se então autorizado a contrahir uma plena união conjugal, sem outra consagração que não a aprovação das almas honestas e esclarecidas. Desde então, Clotilde, tornou-se, nos seus arroubos apaixonados, a espoza que sempre ambicionára encontrar; e Ele não viu mais outro obstáculo, á realização do seu ideal, sinão os sentimentos mesmos da egregia Dama. Felizmente o sublime altruismo de Clotilde bastou para permitir que o seu peregrino genio desvendasse, através de todas as perturbações inevitáveis, a nobreza do amor de Augusto Comte. Ela pôde assim corresponder, cada vez mais completamente, á incomparavel paixão de que era objeto, impedindo, todavia, com tocante firmeza, que o maravilhoso surto afetivo do nosso Mestre fosse mareado pela mais leve macula. Tal é o seu incedível título de gloria.

Porem a santa conduta de Clotilde não demonstrou unicamente a sua inestimavel grandeza moral. Similhante procedimento serviu tambem para deixar fóra de qualquer duvida o sublime altruismo de Augusto Comte. Porque o malogro das esperanças que a auzenia da *Moral* científica e as imperfeições masculinas fizeram o nosso Mestre conceber, em vez de extinguir a sua cavalleiresca paixão, só serviu para acrizolar a sua virtude. Colocado em condições de purificar o seu amor, Ele não foi procurar alhures as satisfações que os mais eminentes livres pensadores julgavam legitimas, e que os sagrados escrupulos de Clotilde lhe recusarão. Não; Ele reprimiu as tentações egoistas corroboradas pelo empirismo científico, e cuja realização a anarchia moderna facilita tanto mais quanto mesmo a elite do sexo feminino se limita, em nossos tristes dias, a deplorar, sem estigmatizar, a grosseria masculina, como si os homens fossem victimas de uma insuperavel fatalidade. O nosso



Mestre conseguiu assim apreciar as mais nobres reacções de uma perfeita castidade, apenas accessíveis, até então, aos dignos místicos. E foi, graças a essa incomparável experiência, que o seu génio pôde elevar-se da *Sociologia à Moral*, eonsubstanciando, na Religião da Humanidade, as divinas inspirações de Clotilde.

Ninguém poderia eóntestar, a vista de tudo quanto preeede, que a eonduta do nosso Mestre justifiea plenamente a nobre afirmação com que Ele inicia a *Dedicatoria* da POLITICA. Escrita a 4 de Outubro de 1846, isto é, seis mezes depois da morte da nossa piedosa Mãe Espiritual, essa tocante *Confissão* é anterior á sistematização definitiva da união eonjugal, mediante a instituição do eazamento easto.

«... Notre douloureuse destinée nous a du moins laissé toujours goûter la pleine eonvietion que tout loyal examen de notre conduite mutuelle augmenterait beaucoup nos droits respectifs à la cordiale vénération de âmes honnêtes. Quand l'humanité reeherchera, dans une serupuleuse appréciation de ma vie privée, ees justes garanties morales qu'elle doit surtout exiger des vrais philosophes, l'ensemble de notre correspondance suffirait, au besoin, pour attester la sainteté continue d'un lien eexceptionnel, également honorable à nos deux cœurs.» (POLITICA POZITIVA, I, *Dedicatoria*, p. I-II).

Enquanto se operava esta prodigioza evolução na alma do nosso Mestre, a sua situação material não o deixava livre de apreensões. O projeto de Revista foi adiado, á vista da resposta de Stuart Mill, depois de haver absorvido Augusto Comte durante um mez. Ele tentára retomar o ensino privado; mas nada conseguira. Na Escola politecnica, Ele parecia notar uma reacção favorável que o fazia eontar, eada vez mais, com uma *legitima reparação*. Mas a oenziação podia não se ofereeer tão depressa quanto a sua situação exigia, e aliás uma nova injustiça era sempre possível. Apezar dessas eontrariedades, o Filozofó esperava começar em Março o seu *Tratado de Sociologia*. *

Por outro lado a filozofia pozitiva continuava a di-

* Era esse o título que, nas cartas a Stuart Mill, o nosso Mestre dava á sua obra principal, que posteriormente eonstituiu o SISTEMA DE POLITICA POZITIVA.



vulgar-se. O curso popular de Astronomia acabava de abrir-se com seis lições puramente e abertamente filozóficas, recebidas com especial acolhimento por um auditorio numerozo e variado. Littré havia editado, em volume, os seus artigos do *Nacional*. A recente publicação da *Historia das sciencias da organização*, por Blainville, redigida pelo padre Maupied, segundo as notas e as lições do eminente biologista, fornecia um ensejo para evidenciar a superioridade do Filozofa e da nova doutrina. O padre Maupied tinha inserido a seguinte fraze:

«... C'est ainsi que sa mécanique animale (refere-se a Descartes) et même humaine a ouvert la voie au matérialisme de Broussais et au mathématisme d'Auguste Comte; conséquences bien éloignées de l'esprit de Descartes.» (*Historia das sciencias da organização*, tomo II, p. 289).

Isto fôra feito sem sciencia de Blainville, que testemunhou o seu descontentamento e ofereceu as reparações a Augusto Comte. O nosso Mestre não deu importância a sinilhante insinuação; fez (a 22 de Fevereiro) as suas reclamações a Blainville sem azedume, e deplorou sobretudo, no interesse do biologista, o conjunto da infeliz redação. No mercuridia seguinte, 26 de Fevereiro, o padre Maupied veio vizitar Augusto Comte. Eis como o nosso Mestre narra essa entrevista, em uma carta a M^{me} Comte:

«Je comptais aller demain samedi remercier spécialement Blainville, avant notre réunion mensuelle, de la visite décisive que m'a faite mercredi, évidemment sous son impulsion, M. l'abbé Maupied, pour m'offrir personnellement la réparation du carton, que j'ai laissée à sa disposition. Vous concevrez donc que j'irai, à plus forte raison, remercier en même temps Blainville de sa cordiale visite envers vous. J'ai reçu l'abbé comme il le méritait, non-seulement en mon nom, mais aussi au nom de tous ceux qu'il a tenté de flétrir, et je crois que, toute sa vie, il se souviendra de cette semonce philosophique, où j'espère avoir convenablement exercé le noble privilège, maintenant passé dans notre camp, de pouvoir rendre une pleine justice à tous ses divers adversaires. Tandis que le camp théologique ne peut plus se livrer qu'à d'universelles réprobations, je me



suis principalement attaché à lui faire sentir combien il a abusé d'une confiance exagérée pour satisfaire ses rancunes sacerdotales à l'abri d'un grand nom scientifique. Il m'a vu certainement moins touché de ce qui me concerne personnellement que de la grave altération à laquelle sa collaboration a ainsi exposé la gloire justement méritée de mon vieil ami. Enfin, je lui ai franchement déclaré que je conseillerais à M. de Blainville de racheter cette édition, si sa fortune le lui permet comme je le présume, et d'entreprendre aussitôt, par lui seul, la refonte générale de ce travail. C'est en effet ce que je ne manquerai pas de lui recommander demain, laissant à sa propre sagesse la décision quelconque. Il pourrait lui en coûter une dizaine de mille francs; c'est une leçon un peu chère pour une règle de conduite qu'il était facile de sentir avant tout cela, quant au danger de se livrer à une corporation qui a toujours une excuse irrécusable préparée d'avance envers toutes les incartades et infidélités quelconques qu'elle peut être conduite à se permettre. Mais je crois, après avoir soigneusement lu tout cet ouvrage, que le cas mérite bien un tel sacrifice, sans lequel le grand nom de mon vieil ami rappellera bientôt, et d'une manière plus fâcheuse, le souvenir éternel de Newton commentant l'Apocalypse.

«Quant au dîner de dimanche, je remercierai demain Blainville d'avoir spécialement songé, dans sa loyale délicatesse, à m'y épargner la présence de son collaborateur; mais, en vérité, j'étais fort loiu de désirer un tel sacrifice, et je crois que le pauvre abbé se trouvera beaucoup plus gêné que moi. A moins qu'il ne tienne spécialement à n'y pas venir, je serais désolé qu'on l'en écartât pour moi, et je souhaite finalement qu'il y soit, comme de coutume. Ma disposition à cet égard est déjà constatée par expérience; car, au dîner de février, j'avais déjà lu tout ce malencontreux ouvrage, sans en avoir encore parlé à Blainville par respect pour le profond chagrin où le plongeait évidemment la mort récente de son petit-neveu: et cependant mes manières n'ont rien eu, ce jour-là, d'extraordinaire envers M. Maupied; il en sera exactement ainsi après-demain.

«J'espère que l'ensemble de cette lettre vous ôtera toute inquiétude sur l'altération de ma précieuse liaison



avec M. de Blainville par suite d'un tort dont je ne l'ai jamais rendu responsable.» (Carta de 28 de Fevereiro de 1845). *

Augusto Comte acabava de escrever esta carta, quando recebeu a visita de Blainville, a quem disse tudo quanto tencionava dizer-lhe no dia seguinte. (*Ibidem*, p. 623).

Devo enfim assinalar, como constituindo aos olhos do nosso Mestre, nesse tempo, um dos sintomas de uma situação social mais favorável ao acendente do Positivismo, o livro que Dunoyer acabava de enviar-lhe sobre a *Liberdade de trabalho*. O autor era então um dos principais membros do Conselho de Estado. Referindo-se a ele, o nosso Mestre dizia a Stuart Mill: «M. Dunoyer, que je connais depuis vingt-cinq ans, m'a toujours semblé celui de mes prédécesseurs immédiats qui méritait le mieux l'ensemble de mes sympathies.» (CARTAS A STUART MILL, p. 312).

Augusto Comte contava principiar no mez seguinte (Março), como disse, a redação do 1º volume do seu *Tratado de Sociologia*. Mas a sua situação moral não lhe permitiu realizar semelhante esperança. Entretanto, pôde se dizer que o curso das suas meditações não se interrompêra; porque a sua evolução mental era conexa com o surto da sua incomparável paixão, conforme já assinalamos. O tempo ia fortalecendo continuamente as encantadoras inspirações do seu amor. Mas não conhecemos nenhum vestígio especial da sua tocante evolução até fins de Abril. É a partir dahi que começa mesmo as recordações consagradas nas suas *Orações*.

A primeira dessas lembranças é de jovedia, 24 de Abril, data a que corresponde uma *imagem especial*. Mas até hoje não consegui saber qual o episodio de que se trata. Talvez entre os papeis do nosso Mestre se encontrem esclarecimentos a tal respeito. A segunda menção, anterior á Correspondencia Sagrada, é também uma *imagem especial*, relativa ao martedia, 29 de Abril. Uma frase do nosso Mestre permite conjecturar o que tal data assinala. Diz Ele na sua *Oração do meio do dia*:

«*Image du 29 Avril 1845* — La vue a complété le

* *Auguste Comte et la Philosophie Positive*, par Littré, troisième édition, p. 620-622.



charme de l'ouïe... *Gli occhi smeraldi!*» (VOLUME SAGRADO, p. 96).

No dia seguinte, o nosso Mestre inaugurava a Correspondência Sagrada, oferecendo a Clotilde, com afetuosa cortezia, uma tradução do *Tom Jones*. Clotilde apressou-se a agradecer modestamente essa manifestação de interesse, mostrando-se penhorada pela solicitude do Filozofa :

Jendi 1 Mai 1845.

Vos bontés me rendent bien heurceuse et bien fière, Monsieur; et je ne me sens pas la patience d'attendre une meilleure occasion pour vous dire tout le plaisir que m'a fait *Tom Jones*.

Puisque votre supériorité ne vous empêche pas de vous faire tout à tous, je me réjouis de l'espérance de causer avec vous de ce petit chef-d'œuvre, et de pouvoir recueillir quelques fois dans mon cœur et dans mon esprit vos beaux et nobles enseignements.

Veuillez agréer, Monsieur, avec l'expression de toute ma reconnaissance, celle de ma très grande considération.

DE VAUX, née MARIE.

A resposta do nosso Mestre a este bilhete já deixa transparecer o estado da sua alma:

Vendredi 2 Mai 1845 (2 h. soir).

MADAME,

Jc ne saurais non plus attendre jusqu'à l'heureuse occasion de vous revoir, pour vous témoigner combien je suis touché du précieux accueil dont vous daignez gratifier une légère marque d'attention, que pouvait seule recommander une opportunité empressée, d'ailleurs trop naturelle envers vous.

Le prix que vous voulez bien attacher à ma conversation m'enhardit à vous déclarer que je serais très satisfait de voir se multiplier de telles relations autant que vous le croirez convenable. J'ai souvant été jugé peu sociable, faute de trouver, chez les autres, une disposition d'esprit, et surtout de cœur, suffisamment en harmonie avec la mienne. Mais je n'en ai pas moins tou-



jours apprécié, au fond, ce doux échange de sentiments et de pensées comme la principale source du bonheur humain, quand les conditions en peuvent être dignement remplies. Le confiant abandon que je me plais à éprouver auprès de vos parents doit vous indiquer assez ma tendance naturelle à goûter convenablement votre aimable entretien. Outre l'élévation d'idées et la noblesse de sentiments qui semblent propres à toute votre intéressante famille, une triste conformité morale de situation personnelle constitue encore, entre vous et moi, un rapprochement plus spécial.

Veillez, Madame, agréer de nouveau l'assurance bien sincère de l'affectueux respect de

Votre dévoué serviteur,

ATE COMTE.

Ao receber esta carta, Clotilde mal suspeitava do imenso abalo por que então passava a alma do nosso Mestre. Entretanto, já a saúde dele começava a ressentir-se das emoções que profundamente o agitavam. Em fins (28) de Abril, recebeu Ele uma carta de Stuart Mill deiludindo-o acerca da possibilidade de obter discípulos entre os inglezes. Mas, ao mesmo tempo, o logicista anunciava-lhe a apreciação que da sua obra fizera Ward, um dos chefes da escola anglo-catolica. Embora lamentando a irreligião de Augusto Comte, Ward elogiava a capacidade e as intenções do Filozof, julgando-o superior a De Maistre. Segundo Ward, era preciso aceitar a irreligião de Augusto Comte e de Stuart Mill ou voltar á filozofia catolica.

As noticias que Stuart Mill dava a Augusto Comte acerca da situação do Positivismo erão pois bem lisongeiras; e na sua carta de 15 de Maio, o nosso Mestre assim se exprimia, a proposito do modo pelo qual Ward apreciava a justiça que Ele fizera ao Catholicismo:

«M. Ward est certainement le premier philosophe catholique qui ose en convenir ouvertement et il restera probablement le seul, sans se douter d'ailleurs que la supériorité qu'il veut bien me reconnaître à cet égard, au lieu d'être essentiellement personnelle, tient principalement à l'excellence spontanée du véritable esprit positif. Quoi qu'il en soit, je désirerais beaucoup que



le fatal dilemme proposé par ce docteur pût se réaliser suffisamment et que la grande lutte philosophique s'engageât désormais exclusivement, comme je l'ai demandé de mon côté depuis longtemps, entre le catholicisme et le positivisme, en éliminant d'un commun accord la métaphysique protestante ou déiste, dans ses innombrables nuances, Guizot, Cousin, Dupin, Thiers, etc, etc.

« Au début de ma carrière philosophique, j'ai déjà été honoré d'un pareil conflit, lorsque je fus, en 1825, jugé, à peu près comme M. Ward vient de le faire, par le trop fameux abbé de La Mennais, qui était alors à son véritable état normal, en tant que pur et énergique chef de la franche rétrogradation catholique : j'aurais bien voulu que le combat pût se suivre ainsi ; mais j'en ai reconnu depuis l'impossibilité, d'après le peu de suite et de netteté propre aux esprits actuels. Vous voyez comme à fini cet éminent antagoniste, à côté duquel je me suis trouvé, il a dix ans, * dans une situation assez caractéristique, obligé de voir, sans avoir moi-même nullement changé, une sorte d'allié honteux dans celui qui m'avait d'abord semblé un estimable adversaire. Avec le décousu logique de notre temps, il ne serait pas impossible que votre nouveau catholique éprouvât, et plus promptement peut-être, une semblable dégénération que je suis loin de lui souhaiter. » (CARTAS A STUART MILL, Carta de 15 de Maio de 1845, p. 323-325).

Na mesma carta o nosso Mestre anunciava uma tradução alemã da sua FILOZOFIA POZITIVA, que estava se fazendo em Berlin, havia seis mezes.

Porem os deenganos a respeito da obtenção de diplomas vinhão agravar as apreensões do nosso Mestre sobre a sua posição material. Havia quatro mezes que se esforçava por arranjar lições particulares e nada conseguia, apesar de se ter dirigido a uma vintena de pessoas em condições e disposições de secundá-lo. As compensações que esperara na Escola politecnica não se lhe afiguravam prestes a realizar-se. O velho examinador com cuja aposentadoria se contava parecia rezolvido a não deixar o lugar ainda esse ano. Tudo isto levava o

* O nosso Mestre refere-se ao processo de Abril de 1835, no qual, como acima dissemos (p. 127), Ele figurou como advogado de Marrast.— R. T. M.



Filozofó a pensar, com acabrunhamento, que dentro de trez mezes, estaria a braços com serias dificuldades materiais.

Alguns amigos aconselhavão-no a tentar a redução das suas despezas. Mas as reduções possíveis, sem collocá-lo em verdadeiro estado de penuria, ou antes de miséria, erão insuficientes para compensar a espoliação de que fôra victima. Demais todos contavão com a reparação da iniquidade cujas consequencias sofria, e, por outro lado, era incrível que não conseguisse dicipulos, quando a sua resolução de retomar o ensino privado ficasse assás conhecida.

Essas reflexões vinhão secundar as doces emoções que o distrahão das amarguras do seu presente. Aliás, pensando no martirio dos seus egregios predecessores Ele não ousava lamentar a sua sorte. A lembrança sobretudo de Condorcet, o seu nobre Pai Espiritual, trabalhando na sua principal obra, sob a ameaça quotidiana do cadafalso, lhe fazia ter em pouco o merito de trabalhar com a perspectiva proxima da miséria ou de graves embarços. Por isso tambem desde principios de Maio começára a elaboração da sua segunda obra.

Mas não lhe era possível suportar com a mesma calma as doces emoções que Ele via-se obrigado a não manifestar, e que se misturavão incessantemente a suas cogitações filozoficas. Sob o concurso dessas influencias morais e mentais a sua saude se ia alterando, de dia para dia, apezar de todas as cautelas que uma cruel experiencia lhe tinha ensinado.

No meio de tão graves inquietações o vulto suave de Clotilde se tornava cada vez mais preponderante e mantinha a alma do Filozofó numa grata melancolia. Em vão, umas após outras, as suas occupações e diversões diarias vinhão acastelar, em sua mente, as mais dolorozas perspectivas. A terna imagem se substituiu involuntariamente a todas as sugestões de uma situação cheia de perigos, e se oferecia como si fosse a unica realidade entre tantas ameaças chimericas. Foi nesse melindroso estado moral que Augusto Comte recebeu, a 13 de Maio, á tarde, a vizita de Clotilde com o seu irmão Maximilien Marie. O Filozofó achava-se então com duas pessoas desconhecidas para Ela, o que ainda contribuiu para aumentar a perturbação de Augusto Comte. Esta



vizita foi a origem de uma das *imagens excepcionais* do culto íntimo do nosso Mestre.

A amoroza delicadeza de Augusto Comte determinou-o a escrever no dia seguinte a Clotilde, pedindo-lhe desculpa pela *insignificância* da sua recepção. Consultava-a também si devia ir agradecer-lhe a preciosa visita em casa de Clotilde ou em casa dos seus Pais.

Antes de receber o bilhete em que Clotilde lhe respondia ¹ teve Augusto Comte ensejo de encontrar-se com Ela na rua Pavée, na sexta-feira 16 de Maio. ² Ahi soube das boas disposições dela a seu respeito. Ou fosse a influencia da emoção que a comunicação de semelhante ventura lhe causára, ou fosse o simples resultado da reação entusiastica da presença dela, nesse dia o nosso Mestre revelou a transformação decisiva que se acabava de operar na sua evolução. Segundo as suas proprias palavras.

«...Le Positivisme religieux commença réellement, dans notre précieuse entrevue initiale du Vendredi 16 Mai 1845, quand mon cœur proclama inopinément, devant ta famille émerveillée, la sentence caractéristique (*on ne peut pas toujours penser, mais on peut toujours aimer*) qui, complétée, devint la devise spéciale de notre grande composition...» ³ (VOLUME SAGRADO, *Confissões*, p. 146).

A luta secular entre o espirito e o coração terminava assim irrevogavelmente no cerebro investido da regeneração humana, pelo reconhecimento da supremacia sistematica do amor. A formula definitiva da reorganização social estava achada. Só restava tirar desse principio supremo todas as consequencias, morais, mentais, e praticas, que dele decorrem. Tal ia ser o objetivo da segunda carreira que se abria ao incomparavel Reformador. Mas, para que esse germen se desenvolvesse, era ainda indispensavel uma gestação durante a qual as mais doces e as mais dolorozas cinoções havião de confundir-se!...

¹ VOLUME SAGRADO, carta de 17 de Maio de 1845, p. 247.

² *Imagem normal*.

³ O nosso Mestre se refere ao SISTEMA DE POLITICA POZITIVA, cujo DISCURSO preliminar SOBRE O CONJUNTO DO POZITIVISMO, publicado em Julho de 1848, trazia a diviza: *On se lasse de penser et même d'agir; jamais on ne se lasse d'aimer*.— R. T. M.



Começa aqui a parte mais deciziva e mais patetica da vida dos santos Fundadores da Religião da Humanidade. Sob o influxo de um amor incomparavel, o nosso Mestre vai elevar-se gradualmente, dos limites da Philozofia, aos eavalheirescos ideais da Poezia; e dahi ás beatitudes incediveis da Santidade. Por seu lado, Clotilde vai patentear que os inestimaveis dotes da Mulher, em ternura e pureza, bastão, sem a minima exaltação mística, para conduzir o coração masculino, dos arroubos de Dante aos extazes de S. Bernardo. Tal é a evolução moral sem exemplo escrita por ambos nesse sublime poema que constitúi o VOLUME SAGRADO da Posteridade, e a respeito do qual era meu desejo apresentar agora algumas meditações. Mas, para não retardar por mais tempo a impressão desta circular, publicarei em um opusculo posterior as reflexões que vos tencionava oferecer aqui sobre tão encantador assunto.

Só me resta, pois, para acabar de esboçar a vida da nossa imaculada e terna Mãe Espiritual, dar-vos as informações que obtive sobre os seus ultimos dias. São elas que explicão a dolorosa ruptura infelizmente sobrevivida, após a sua calamitosa morte, entre a sua nobre Familia e o nosso idolatrado Mestre. Essas informações constando, porem, da *Nota acerca das Relações entre a Familia Marie e o nosso Mestre*,* limitar-me-ei, a completar o que já ali disse.

Os fatos que se derão nos ultimos dias da molestia de Clotilde fazem supôr que o nosso Mestre não permaneceu na rua Payenne depois da morte da sua angelica Padroeira. M^{me} V^e Maximilien Marie nada pôde informar-me a tal respeito, porque não a deixavão flear por muito tempo junto da sua santa Cunhada. Mas ela não viu o nosso Mestre no enterro que ella seguiu até o Cemiterio.

O corpo da nossa Mãe Espiritual foi embalsamado, por ser essa a vontade da sua extremoza Mãe, que dizia não poder rezignar-se á idéia de ver aqueles restos que-ridos entrarem em uma dolorosa decomposição. Depois vestirão-na com um vestido branco e collocarão-na em um caixão de chumbo dentro de dois outros de carvalho. Não se poupou coiza alguma para que o enterro

* Vide o opusculo *Les Relations de la Famille Marie avec Auguste Comte*. Rio de Janeiro. Agosto de 1898.



fosse feito com uma digna pompa. O caixão foi colocado sobre uma eça e coberto de flores. Em seguida esteve exposto no corredor da casa, algum tempo antes do sahimento, conforme é costume em Paris. Na porta, estendeu-se um pano preto com as iniciais da augusta Morta.

O transporte do sagrado corpo teve lugar a 7 de Abril. Não pude saber o trajeto que seguiu. Verifiquei, porem, que o corpo foi encomendado na Igreja de St. Denis-du-Saint-Sacrement, onde encontrei o assento da sua apresentação.

A certidão que obtive constatando tal circumstancia já foi publicada na tradução que o nosso Diretor fez da biografia do nosso Mestre, escrita pelo nosso falecido confrade J. Lonchamp. * Esse documento é do teor seguinte:

*Certidão da apresentação do Corpo de Clotilde na
Igreja St. Denis du Saint Sacrement*

Je soussigné, vicaire, déclare que le sept avril 1846 a été présentée en l'église Saint-Denis-du-Saint-Sacrement le corps de Charlotte Clotilde Joséphine Marie, femme Amédée de Vaux, (*sic*) décédée le cinq avril 1846, à l'âge de trente un ans, rue Payenne, n. 5 (nº cinq).

Furent témoins : Charles François Maximilien Marie; Ange Gabriel (mot illisible) Michel Dorferville, chevalier de la Légion d'honneur.

Paris le 13 Octobre 1897.

Signature illisible.

Similhante certidão constitúi o documento publico que prova que Clotilde faleceu na rua Payenne n. 5. (cinco). A certidão civil de obito que é *um documento reconstituído*, dá o numero 7 (sete), e menciona erroneamente um dos prenomes de Clotilde, *Jeanne* em lugar de *Joséphine*.

* Vide o *Epítome da vida e dos escritos de Augusto Comte*, por Lonchamp, traduzido e anotado por Miguel Lemos, p. 282. Rio de Janeiro. Maio de 1898.



Eis aqui o teor desse documento :

PRÉFECTURE DU DÉPARTEMENT DE LA SEINE

EXTRAIT des minutes des Actes de Décès

RECONSTITUÉS EN VERTU DE LA LOI DU 12 FÉVRIER 1872

8^e Arrondissement de Paris. Année 1846.

L'an mil huit cent quarante six, le cinq avril, est décédée à Paris, rue Payenne, 7, (*sic*) huitième arrondissement, Chariotte Clotilde Jeanne (*sic*) MARIE, âgée de trente un ans, née à Paris, mariée à Amédée Devaux (*sic*)—Le membre de la Commission. Signé : Defresne.
—Pour expédition conforme. Paris le treize octobre mil huit cent quatre vingt dix sept.

Le Secrétaire général de la Préfecture.

Pour le Secrétaire Général

Le Conseiller de Préfecture Délégué

Signature illisible.

Vu par nous M. Kartler juge pour la légalisation de la signature de M. Lamy.

Pour empêchement de M. le Président du Tribunal de 1^{ère} Instance de la Seine.

Paris le 14 octobre 1897.

Signature illisible.

Foi esse dado um dos que mais trabalho me ocasionário. Ocupei-me com ele desde o dia que cheguei a Paris. Nesse intuito dirigi-me ao chefe dos guardas do Père Lachaise, M. Dapsens, um velho militar reformado, ainda vigoroso, o qual informou-me que tal indicação devia constar da certidão de óbito. Os passos que tive de dar para obtê-la oferecerão ensejo a M. Dapsens de apresentar-me ao chefe dos condutores, M. Charles Moonen, que teve a bondade de pôr-me em relação com M. Lucien Lazard, archivista paleografo, sub-archivista do departamento do Sena, a quem devi o conhecimento do seu digno colega, M. E. Coyecque. Graças

â benevolencia destes dois cavalheiros, consegui as cópias autenticas dos documentos constantes do Archivo do Sena, e bem assim fui esclarecido sobre as pesquisas a fazer em outros archivos publicos. Foi M. Lucien Lazard quem teve a gentileza de apresentar-me a M. Roussel, seu colega no Archivo departamental do Oisc, em Beauvais.

Como já disse em uma nota (p. 22), o corpo de Clotilde foi depositado primeiro em um carneiro provizorio, e dahi trasladado, a 8 de Maio do mesmo ano (1846), para o carneiro mandado construir pela Familia Marie, onde atualmente jaz.

Mandei tirar uma fotografia da Igreja de St. Denis du Saint Sacrement. Tambem obtive permissão de M^{me} V^e Maximilien Marie para mandar fotografar dois pequenos retratos coloridos da veneravel Mãe e do nobre Pai de Clotilde. A execução desse trabalho foi devida aos cuidados do nosso confrade Montenegro, a quem pedi que se encarregasse dessa reprodução.

Sô me falta mencionar-vos a mais tocante das reliquias que devi â benevolencia de M^{me} V^e Maximilien Marie, como não podendo ser convenientemente apreciada sinão por quem votar a Clotilde sentimentos verdadeiramente filiais. Consiste essa dadiva sagrada em uma carteirinha preta de couro da Russia, do uzo pessoal de Clotilde, e contendo ainda lembranças provenientes da nossa terna Mãe Espiritual. Ao entregar-me tão precioso mimo, M^{me} V^e Maximilien Marie disse-me que nessa carteirinha guardára, durante muito tempo, cabelos de Clotilde e de um sobrinho desta, filho de M^{me} V^e Maximilien Marie, morto em tenra idade. Que semelhante reliquia nenhum valor possuia em si mesma; mas que ela m'a oferecia â vista dos sentimentos que eu manifestava para com Clotilde. Que o fragmento de lacre verde e o retalho de seda creme matizado de raminhos de rozeira, encerrados na carteirinha, forão ahi guardados por Clotilde, a qual uma vez lhe dissera que conservava este ultimo como uma recordação do seu noivado.

Logo que cheguei ao Rio, entreguei essa terna



reliquia, como as que já vos citei, ao nosso Diretor; de sorte que ela se acha atualmente entre os sagrados tesouros depositados no cofre da nossa Igreja.

Eis ahi tudo quanto pude saber acerca da vida da nossa incomparavel Mãe Espiritual. A sua glorioza existencia acha-se assim essencialmente reconstituída. Ficção, contudo, ainda algumas lacunas importantes que serão sem duvida reparadas na biografia que M. Charles de Rouvre projetou da sua egregia Tia-avó. E eu sentir-me-ei sempre incapaz de exprimir-vos dignamente o meu reconhecimento pelo concurso que me prestastes afim de obter esse preciozissimo resultado. Graças a vós, me foi dado tambem vizitar, embora em vertiginosa perigrinação, quazi todos os lugares santificados pela presença de Clotilde. A vida mais longa e mais bem empregada parecer-me-á sempre insufficiente para demonstrar-vos a minha gratidão pelo vosso devotamento.



Documentos e informações acerca do nosso Mestre

Reunirei sob esse título o que pude saber sobre o nosso Pai Espiritual, a sua santa Mãe, e o seu egregio Mestre, Daniel Encontre.

Começarei dando-vos algumas informações sobre a caza onde se operou a sublime evolução a que devemos a redenção humana. Só pude fazer-lhe a minha primeira visita na manhã de 5 de Setembro (12 de Outubro), dia no qual comemoramos a descoberta da America e o lançamento da pedra fundamental do nosso Templo. A essa hora, segundo as noticias que tive, o nosso confrade Jozé Mariano de Oliveira fazia, no nosso modesto santuario, a comemoração de Colombo, celebrando o ousado cometimento que determinou preeizamente a vastidão do problema humano. No primeiro Templo da Humanidade, eu sentia assim que comigo estavam os eorações dos nossos confrades.

Imaginal a emoção com que cruzei aquele limiar sacratissimo! limiar tantas vezes transposto por nosso Mestre, por Clotilde, e por Sofia!... A vinte anos atraz, tinha eu penetrado tambem, por varias vezes, naquele incomparavel santuario. Mas o revolueionarismo e o conhecimento imperfeitissimo que então possuia do Positivismo não consentirão que as minhas visitas tivessem eficacia alguma. Devo ter olhado para o que via com respeito, porque já nessa epoca o nosso Mestre representava para mim o mais prodigioso dos filozofos. Que triste e esteril respeito não seria, entretanto, o de um coração cujos movimentos erão tolhidos pelas tramas em que o enredavão a ingratidão e as calunias do litreismo! Tambem não era a essas visitas que devia a imagem que conservava do sagrado apozeno, e sim á planta que, a



meu pedido, se prestára a fazer o nosso dedicado confrade Thomaz Sulman, e que vos é conhecida.¹

A minha visita foi, na realidade, rápida, muito rápida! e perturbada pela presença da Senhora a cuja guarda está confiado o santo apartamento. Não é que ela deixasse de tratar-me com irrepreensível delicadeza; mas a mim causava-me a impressão de achar-se apressada. Demais não me sahia da lembrança a usurpação que profanava a santa morada e as inencomparáveis reliquias ali reunidas.

A minha condutora passou, sem deter-se, o vestibulo; entrou na sala de jantar, onde está, sobre a chaminé, um exemplar do busto do nosso Mestre feito pelo nosso confrade chileno Carlos Lagarrigue. De frente, sobre o aparador, achase a balança em que o nosso Mestre pesava os seus alimentos, e uma cestinha com flores artificiais cuja fonte ignoro.² Dahi accompanhei-a á sala de visitas onde vê-se, por cima do sofá, o retrato que representa Clotilde lendo as cartas de Augusto Comte: é a oleo, em tamanho natural, e melhor do que o indico a fotografia que possuímos. Na parede que fica á sua esquerda, está o que resta do quadro a oleo no qual Etex representou o nosso Mestre meditando sob a inspiração dos seus tres Anjos. Reduz-se este precioso fragmento ao busto do Fundador do Positivismo, e a tela achase rota na região correspondente ao coração.

O nosso confrade Thomaz Sulman fez uma gravura representando esta sala, com a indicação dos quadros que nela se achão. Entre os que vi, citarei ainda os de Martin Thomas, marido de Sofia, e que já o nosso confrade Paulo Thomas me tinha mostrado, e um outro de Clotilde, que eu não conhecia: é um pequeno quadro a claro-escuro e não a oleo. Também vi o retrato da veneravel Mãe do nosso velho confrade, Dr. Robinet, Virginie Chardoillet, que o nosso Mestre erigiu em irman subjetiva.³ A conservadora do apozento informou-me

1 Vide o *Epitome da vida e dos escritos de Augusto Comte*, por Lonchamp, traduzido e anotado por Miguel Lemos, p. 122. Rio de Janeiro. Maio de 1898.

2 Não percebi essa cestinha na minha primeira visita; só a vi mais tarde, e por indicação do meu amigo, o Sr. Primeiro Tenente San Juan, como adiante digo.

3 VOLUME SAGRADO, *Confissões*, p. 206

que por muito tempo pensára que esse retrato era de Rozalia; mas que depois uma das filhas do Dr. Robinet disse-lhe que era da sua eminente Avó. Ha tambem os retratos do Sr. Congrève, Magnin, Constant Rebecque, Benjamin Constant (o fundador da Republica Brasileira), e outros. Mas não pude fixar convenientemente o que via. O sofá é, conforme me dissera Paul Thomas e o confirmou o Dr. Robinet, * aquele em que o nosso Mestre passou os ultimos tempos da sua molestia final.

Perguntando eu á conservadora sobre este ponto, respondeu-me ela negando semelhante circunstancia. Mas eu vi que ella não estava bem a par dos fatos, porque assegurou-me que o nosso Mestre passára todo o tempo da molestia no seu quarto de dormir.

Continuamos: entramos no gabinete de trabalho; a condutora mostrou-me a meza em que o nosso Mestre compoz os seus imortais volumes, e que bem traduz a pobreza em que viveu. A ultima gravura do nosso confrade Tomaz Sulman reproduz esta sala e a meza gloriosa a que me refiro: nessa sala foram escritos a POLITICA, o CATECISMO, a SINTEZE, e o APELO AOS CONSERVADORES, isto é, os trabalhos posteriores á sahida de M^{me} Comte. Perguntei á minha condutora pelos originaes encadernados das obras do nosso Mestre; respondeu-me que não m'os podia mostrar, pois achavão-se no cofre. Passamos ás carreiras as outras peças. Antes do quarto de dormir está uma pequena sala, onde o nosso Mestre escreveu o ultimo volume da FILOZOFIA e a sua *Confissão* de 1848.

Chegamos enfim ao quarto de dormir do nosso Mestre. As informações de Paul Thomas permitião-me reconstruir completamente o momento supremo! Foi ali que mais constrangido senti-me. Percorri com os olhos o apozento; e depois de contemplar por algum tempo as reliquias sublimes que ali se achão, perguntei pelo *Altar* de Clotilde, porque via duas poltronas. A condutora mostrou-me a que se acha junto á janela, em frente da cama. Uma cadeira bem simples transformada no mais glorioso dos altares! Como o espetaculo da pobreza do nosso Mestre nos emaneipa das vaidades do nosso tempo! Como ouzar queixar-se de não possuir comodidades que Ele não teve! Como não sentir-se humilhado,

* Vide atraz, p. 26, uma nota do Dr. Robinet.



gozando de confortos que jamais lhe serão dados l... Depois de brevíssimas invocações mentais ás imagens de Clotilde no seu *Altar* e de Augusto Comte no seu leito mortuario, voltei-me para o *Ramalhete* que se aeha em uma redoma, sobre a ehaminé. O nosso confrade Sulmian fez tambem uma gravura representando-o, bem como as reliquias que se aehão a seu lado, e outra reproduzindo o santo apozento. ¹

Eu aerecreditava que esse Ramalhete era a mimoza dadiva de Clotilde, e tal erença foi confirmada pela minha condntora. Todos os tocantes pensamentos ligados a tão comovente reliquia afluirão, pois, espontaneamente ao meu cerebro. Embeveeido na sua contemplação, aguardára o nosso Mestre, com subline rezignação, que a morte lhe extinguisse o ultimo raio do saudozissimo olhar...² Era ele o ornamento santo que, nas modestas eeremonias do naeente, culto, evocava meigamente aos assistentes a presença da augusta Inspiradora...³ Lembrei-me da nobre modestia da nossa Mãe Espiritual; da eandura do seu offerecimento; e das cavalheireseas expressões de agradecimento que o delicado mimo inspirou ao nosso Mestre:

«Je ne vous ai point assez témoigné hier l'admiration et la reconnaissance que méritent tant vos jolies fleurs. C'est en me penchant involontairement pour les flâirer que j'ai dignement apprécié ce charmant cadeau. Quiconque contempera ce chef d'œuvre de goût et d'adresse l'attribuera difficilement à l'une des plus éminentes natures, intellectuelles ou morales, destinées à honorer votre sexe en servant toute l'Humanité. Ma respectueuse adoration saurait toujours apprécier cette

¹ Esta ultima gravura, que permite conceber a fôrma geral desse Ramalhete foi publicada, primeiro no opusculo do Sr. Dix Hutton — COMTE; *The Man and the Founder; personal recollections*. London, 1891; e depois na tradução que o Sr. Miguel Lemos fez da *Vida de Augusto Comte* por Lonchampt.

² Descrevendo a morte do nosso Mestre, assim se exprime o Dr. Robinet:

«Lorsque M. Lonchampt revint il était quatre heures: Auguste Comte se trouvait plongé dans un abattement dont il ne sortait, par intervalle, que pour jeter un regard éperdu sur le bouquet de fleurs artificielles, ouvrage et présent de Clotilde de Vaux, qui se trouvait placé en face de son lit. Ce signe de vie fut le dernier! (Dr. ROBINET — *Notice sur l'œuvre et sur la vie d'Auguste Comte*, édition originale. Paris. Octobre 1860, p. 323-324.

³ VOLUME SAGRADO, *Testamento* p. 19.



rare combinaison des plus hautes et des plus gracieuses qualités, quand même il n'en résulterait pas envers moi tant d'aimables manifestations d'une pure affection.» (VOLUME SAGRADO, *Correspondência*, carta de 4 de Dezembro de 1845, p. 428-429)

Perguntei á conservadora si não seria permitido que uma florista viesse fazer uma copia do Ramalhete; respondeu-me que não, sem autorização do Sr. Laffitte.

Enfim, reziguei-me a sair, esforçando-me por gravar indelevelmente no coração todas as sacratissimas imagens que me rodeavão e cuja permanencia só poderia consolar-me da precipitação da minha vizita e do atropelamento das minhas tão pouco dignas homenagens... A esperança de reproduzi-las ainda outras vezes, embora por demais raras, não me podia iludir sobre essa unica e imperfeitissima compensação de uma fatal situação. Mas tudo isso ainda mais profundamente me fazia sentir a insuficiencia da minha vizita. Como é difficil superar as perturbações que nos vêm do exterior! Nunca o experimentei como naquella despedida verdadeiramente forçada. Era preciso sair... Enquanto a situação do Positivismo fôr em Paris a que é, o cemiterio, os tumulos do nosso Pai e da nossa Mãe, e os Templos catolicos, ainda mais santificados pelas suas recordações, serão os lugares prediletos para tributar-lhes condignamente as nossas efuzões. Ah! sim, o recolhimento pôde ser completo...

Disse-vos acima que, nessa primeira vizita, não reparei na cestinha de flores que se achava sobre o aparador, na sala de jantar do nosso Mestre. Só mais tarde a vi, e por indicação do meu amigo, o 1º Tenente San Juan, a quem a conservadora do apartamento sagrado dissera que era presente de uma dama ingleza. Quando, em outra vizita, me foi dado considerar essa cestinha, a mesma conservadora não soube informar-me precisamente a origem de tais flores; limitou-se a emitir a conjectura que talvez fosse um outro mimo de Clotilde. Devo notar que a cestinha estava sobre o aparador, sem nada que a resguardasse, ou indicasse que era objeto de especial solicitude.

Ponderei, nessa ocasião, á minha informante que o nosso Mestre não falára sinão de um só ramalhete, e



que esse achava-se em um *vazo* e não em uma *cestinha*. Procurei mesmo, em um exemplar do VOLUME SAGRADO que ela teve a bondade de emprestar-me, a passagem a que eu aludia; mas não pude achá-la na ocasião. É a seguinte :

« En ayant égard à ces diverses exceptions, mon successeur possédera, de la même manière que moi, c'est-à-dire pour le pontife suivant, tout ce que contient aujourd'hui mon appartement, et tout ce que j'y pourrai jamais ajouter. Mais il devra respecter, comme appartenant au trésor sacré de l'Eglise universelle, toutes les reliques de Clotilde de Vaux, que renferment les deux tiroirs de mon secrétaire voués à cette destination jusqu'à ce qu'elles soient transportés au premier temple de l'Humanité. La même vénération convient au fauteuil rouge, enveloppé d'une housse verte, et marqué, sous son bord antérieur, de mes initiales en cire rouge. Ayant toujours été le siège de M^{me} de Vaux dans ses saintes visites du mercredi, je l'érigeai, même pendant sa vie, et surtout après sa mort, en autel domestique; je ne m'y suis jamais assis que pour nos cérémonies religieuses. Il pourra remplir ce seul office tant que le permettra sa conservation, avec les fleurs que me fit ma sainte collègue, et qui j'ai constamment appliquées, dans leur vase, à nos rites publics, quoique flétries depuis longtemps. » (VOLUME SAGRADO, *Testamento*, p. 19).

Devo confessar que não liguei então a mínima importância a esse incidente. É inadmissível que o nosso Mestre conservasse o *Ramalhete sagrado*, sem nada que assinalasse o culto de que era objeto. É também incrível que, depois da sua morte, Sofia não houvesse tratado semelhante reliquia com o maximo cuidado. Ela, que fizera a bolsa verde para a medalha que Clotilde ornara com os seus cabelos, a 5 de Outubro de 1845, chamando-a *le don du cœur*,¹ não podia ser menos solícita quanto ao Ramalhete, diante do qual o nosso Mestre se ajoelhava quotidianamente.² Enfim, acho difícil de aceitar que o nosso Mestre, sempre tão preezo na sua lin-

1 VOLUME SAGRADO—*Testamento*, p. 12.

2 Na principal *Oração* do nosso Mestre vem a seguinte indicação: —EFFUSION (20 minutes) 1^a A genoux devant ses fleurs (5 minutes). (VOLUME SAGRADO, *Orações quotidianas*, p. 88.)

guagem, tivesse chamado de *vazo* uma *cestinha*. Atribuí, pois, as informações da conservadora do apartamento ao fato de achar-se ela pouco ao corrente da vida do Fundador do Positivismo, como vi, desde a minha primeira visita, por certas respostas.

Porem, algum tempo depois da minha chegada ao Rio, recebi uma carta do nosso confrade Tomaz Sulman, * na qual ele anunciava-me que, na rua Monsieur-le-Prince, já se designava, como sendo o Ramalhete ne Clotilde, a cestinha de flores, de que acima falei. E, posteriormente, duas senhoras positivistas, que estiverão em Paris, confirmarão essa noticia, acrescentando que a referida *cestinha* não estava mais sobre o aparador da sala de jantar, e sim, debaixo de uma redoma, no quarto de dormir do nosso Mestre.

A este propozito preciso narrar-vos mais as seguintes circumstancias.

Achava-me em Paris, havia alguns dias, quando recebi a visita do nosso compatriota, o Sr. Léon Simon, que, entre outras manifestações cortezes, ofereceu-me o seu concurso para obter o que eu dezesasse da rua Monsieur-le-Prince. Agradei-lhe, afirmando que não acreditava que ele pudesse, apesar das suas relações com o grupo do Sr. Laffitte, satisfazer, em couza alguma, os seus bons dezesos ao meu respeito. Mas, como ele insistisse, declarei que lhe ficaria extremamente grato, si ele pudesse conseguir-me licença para mandar reproduzir o Ramalhete sagrado e o Altar de Clotilde, bem como para fazer uma copia da poezia que D. Nizia Brasileira dedicou á Inspiradora da nossa Religião. O Sr. Léon Simon estava em vespera de voltar para o Rio; ficou de dar passos no sentido de alcançar o que eu dezejava; mas infelizmente nada obteve.

Por outro lado, o meu amigo, o 1º Tenente San Juan, vendo o interesse que eu mostrava em adquirir um *fac-simile* do Ramalhete sagrado, decidiu-se espontaneamente a pedir ao Sr. Laffitte permissão para mandar fazer a reprodução por uma florista. Porem, depois de duas longas entrevistas, que tiveram lugar quando já eu não estava em Paris, o Sr. Laffitte adiou a resposta, dizendo que precisava consultar os seus amigos. E, quando o Sr. San Juan foi saber da rezolução, o Sr. Laffitte

* Carta de 28 de S. Paulo de 110 (17 de Junho de 1898).



recebeu-o com azedume, annunciando-lhe que ia mandar fazer reproduções do ramalhete de Clotilde e as poria a venda na rua Monsieur-le-Prince. Ao que o Sr. San Juan replicou, que lhe pedia o favor de informá-lo quando as reproduções estivessem prontas, porque dezejava comprar uma.

Fosse qual fosse a ligação entre esses fatos, julguei conveniente escrever (4 de Dante de 110—19 de Julho de 1898) aos nossos confrades, o Dr. Robinet e Paulo Thomas, pedindo-lhes informações que permitissem dissipar qualquer engano acerca do Ramalhete sagrado. Ambos tiveram a bondade de responder-me; Paulo Thomas, a 28 de Gutenberg de 110 (9 de Setembro de 1898), e o Dr. Robinet a 26 de Setembro do mesmo ano. As respostas não tendo, porem, uma fórmula decisiva, pois que se limitavam a exprimir uma crença individual, solicitei-lhes novos esclarecimentos, em carta de 18 de Descartes do mesmo ano (25 de Outubro de 1898). E escrevendo, na mesma data, ao nosso eminente confrade o Sr. Congrève, expuz-lhe as duvidas de que era objeto o *Ramalhete sagrado* e pedi-lhe, como fiz ao Dr. Robinet, que tomasse a iniciativa de uma declaração coletiva, por parte dos testamenteiros do nosso Mestre, que não deixasse a menor duvida acerca da autenticidade da preciosa reliquia.

Nessa mesma carta, communicava eu as respostas que obtivera do Dr. Robinet e de Paulo Thomas, bem como as minhas apprehensões sobre as objeções a que tais respostas podião dar lugar.

A 12 de Moisés do corrente ano (12 de Janeiro de 1899), o nosso confrade Paulo Thomas respondeu ás novas perguntas que eu lhe dirijia. E, conquanto essas respostas não indicassem *precizamente* qual é o ramalhete de Clotilde, acreditei que era licito, bazeado nelas e no conjunto dos dados que eu possuia, firmar uma opinião a respeito de tão melindroso assunto. Por isso, não só communiquei, em carta de 18 de Homero ultimo, essa persuasão ao nosso confrade Paulo Thomas, mas a tinha consignado nesse relatório.

Era essa a situação, quando recebi a resposta do nosso respeitavel confrade, o Sr. Congrève, á minha carta de 18 de Descartes do ano passado. A demora de tal resposta tinha sido motivada pelos padecimentos



fizicos que devião, menos de um mez depois, privar a Humanidade de um concurso objetivo cujo alcance ecepcional creio bem difficil de avaliar neste momento! As irrecuzaveis informações contidas nessa carta vierão patentear-me que se tornavão indispensaveis novos esclarecimentos acerca do Ramalhete sagrado, sob pena de ficar a Posteridade na ignorancia de qual seja a inestimavel reliquia, si ainda existe, e onde se acha.

Decidi-me, por isso, a solicitar informações circunstanciadas acerca do Ramalhete sagrado e de um outro que fôra dado ao nosso Mestre por Winstanley. Nesse intuito, não só escrevi immediatamente uma carta ao nosso respeitavel confrade o Sr. Congrêve, como dirigi uma circular aos nossos correligionarios que tiverão a incomparavel felicidade de conhecer o nosso Mestre e a sua nobre Filha adotiva.

Aguardava o proximo correio, para enviar as aludidas carta e circular, quando, a 23 de Carlos Magno do corrente ano (10 de julho de 1899), recebemos, do nosso correligionario e amigo o Sr. Francisco Alves Vieira, consul do Brazil em Londres, o infausto telegrama annunciando a enorme perda que acabava de sofrer a Igreja pozitivista.

Ficamos assim privados de um testemunho cujo valor é inecedivel entre os rarissimos capazes talvez de poupar uma das mais pungentes decepções com que estão ameaçados os supremos sentimentos de ternura da Posteridade. Só nos restava, pois, expedir, como fizemos, a circular acima mencionada ¹ aos executores testamentarios do nosso Mestre e aos poucos dos nossos correligionarios que o conhecerão. Oxalá o nosso apelo seja escutado e tais pesquisas já não venhão demaziado tarde!

Entre os documentos que, sobre o nosso Mestre, procurei nos archivos publicos de Paris, só consegui obter as duas certidões do seu casamento. Como já vos disse, 'nenhum esclarecimento pude alcançar acerca do processo que, segundo o testemunho de Blainville, ² a

¹ Vide essa circular entre os Anexos.

² Vide a carta de Blainville à Mme Comte. (*Auguste Comte et la Philosophie Positive* par Littré, troisième édition. 1877. p. 117-121).



Familia paterna do nosso Mestre tentou, para alcançar que Ele fosse confiado, durante a crise cerebral de 1826, a sua solicitude, com exclusão da indigna esposa. Depois que cheguei ao Rio, também escrevi a M. Coyecque, para ver si colhia esclarecimentos sobre a desventurada Luiza, a filhinha do nosso Mestre. Mas esse cavalheiro nada pôde achar no Archivo do Sena, como teve a bondade de comunicar-me, em carta de 18 de julho de 1898.

Eis as certidões dos casamentos, civil e religioso, do nosso Mestre: *

Certidão do casamento civil de Augusto Comte.

PRÉFECTURE DU DÉPARTEMENT DE LA SEINE
EXTRAIT des minutes des Actes de Mariage
RECONSTITUÉS EN VERTU DE LA LOI DU 12 FÉVRIER 1872

4^e Arrondissement de Paris. Année 1825

Du dix-neuvième jour du mois de février de l'an mil huit cent vingt cinq à l'heure du midi.

Acte de mariage de Isidore-Auguste-Marie-François-Xavier COMTE, professeur de mathématiques, âgé de vingt-sept ans passés, né en la ville de Montpellier, département de l'Hérault, le trente nivôse an six, correspondant au dix-neuf janvier mil sept cent quatre-vingt-dix-huit, suivant son acte de naissance étant aux registres de la dite ville à la date du lendemain, demeurant à Paris, rue de l'Oratoire n. 6, quatrième arrondissement, fils majeur de Louis-Auguste-Comte, chef de bureau à la recette générale des finances du département de l'Hérault, et de Félicité-Rosalie Boyer, son épouse, demeurants en la dite ville de Montpellier, consentant tous deux au dit mariage par acte passé devant maître Anduze et son Collègue, notaires royaux à la résidence de la même ville de Montpellier, le huit novembre mil huit cent vingt-quatre, dûment enregistré et legalisé. Le contractant déclarant et affirmant à serment que quoique dans son acte de naissance susénoncé, il soit prénomé

* O nosso Diretor já publicou esses documentos na sua tradução da biographia do nosso Mestre escrita pelo nosso confrade Louchamp, p. 214-217 e 229-230.

Isidore-Auguste-Marie-François-Xavier et qu'il ait été prénommé Marie-Auguste-Isidore-François-Xavier dans le consentement précité, il est bien néanmoins identiquement la même personne, ce qui est également certifié à serment par les quatre témoins du présent mariage;

Et de Anne-Caroline MASSIN, ouvrière en linge, âgée de vingt-deux ans passés, née en la ville de Châtillon-sur-Seine, département de la Côte-d'Or, le treize messidor an dix, correspondant au deux juillet mil huit cent deux, demeurante à Paris, chez sa mère, rue Saint-Honoré n. 193, quatrième arrondissement, fille majeure naturelle de Louis-Hilaire-Massin-Chambreuil, comédien, absent sans nouvelles, et de Anne Baudelot, ouvrière en linge. L'absence du père de la contractante constaté par un acte de notoriété, reçu en conformité de la loi par Monsieur le juge de paix de cet arrondissement, sur attestation de témoins, le dix-huit janvier dernier, dûment enregistré, dont expédition nous a été remise. La mère de la dite contractante présente et consentant au dit mariage.

Les actes préliminaires sont : 1^o Extrait du registre des publications du mariage faites à Paris, en ce arrondissement les dimanches six et treize février présent mois, affiché sans opposition; 2^o Les actes de naissance des époux; 3^o Le consentement précité; 4^o L'acte de notoriété susrelaté, le tout en forme, de quels actes ainsi que du chapitre six du titre du Code civil, intitulé du Mariage, lecture a été faite par nous Officier public, aux termes de la loi.

Les époux ont déclaré à haute voix prendre en mariage, l'un Anne-Caroline MASSIN, l'autre Isidore-Auguste-Marie-François-Xavier-COMTE; après quoi, nous, Georges Champion, Notaire royal, adjoint au Maire du quatrième arrondissement de Paris, Officier public de l'Etat civil, avons prononcé que, au nom de la loi, les dits époux sont unis en mariage; le tout en présence de Messieurs Jean-Marie-Duhamel, âgé de vingt-huit ans, professeur de mathématiques, demeurant rue Saint-Jacques, n. 169, douzième arrondissement; Benjamin Olinde-Rodrigues, âgé de trente ans, docteur es-sciences, demeurant rue de l'Echiquier, n. 26, troisième arrondissement; Louis Oudan, âgé de cinquante-huit ans, négociant, demeurant rue Neuve-Saint-Eustache, n. 32,



même arrondissement, et Antoine Cerelet, âgé de vingt-huit ans, avocat, demeurant rue Bourbon-Villeneuve, n. 16, cinquième arrondissement, tous amis des époux.

Et après lecture faite du présent acte, nous avons signé avec les contractants, la mère de l'épouse et les témoins. *Signé*: I.-A.-M.-F.-X.-Comte, A.-C. Massin, Anne Baudelot, J.-M.-C. Duhamel, B.-O. Rodrigues, Oudan, A. Cerelet et Champion. — Délivré conforme au registre par nous Maire et Officier de l'état civil du quatrième arrondissement, soussigné. Paris le huit Mars mil huit cent vingt cinq. *Signé*: Brun. Admis par la Commission (Loi du 12 Février 1872). Le Membre de la Commission *Signé*: Defresne. Pour expédition conforme: Paris le dix neuf octobre mil huit cent quatre vingt dix sept.

Le Secrétaire Général de la Préfecture
Pour le Secrétaire Général
Le conseiller de Préfecture délégué

Signature illisible.

Vu par nous M. Duvernoy juge pour la légalisation de la signature de M. Pelisse.

Pour empêchement de M. le Président du Tribunal de première Instance de la Seine.

Paris, le 19 Octobre 1897

Signature illisible.

Certidão do casamento religioso de Augusto Comte.

PAROISSE St LAURENT

EXTRAIT du Registre des Actes de Mariage

L'an mil huit cent vingt-six, le deux Décembre. Vu le certificat de l'officier de l'état civil du 4^e arrondissement. Je soussigné, ai reçu à domicile le mutuel consentement que se sont donné pour le mariage M. Isidore Auguste Marie François Xavier COMTE, demeurant rue du Faubourg St Denis n. 36, fils majeur de Louis Auguste Comte et de Félicité Rosalie Boyer, faubourg St Denis, 36, d'une part : e Mademoiselle Anne Caroline MASSIN, fille, demeurant Faubourg St Denis n. 36, fille majeure naturelle de Louis Hilaire Massin,



absent, et de Anne Baudelot, faubourg St Denis 36, d'autre part; et leur ai donné la Bénédiction nuptiale en présence des témoins qui ont signé avec les époux. ¹

Signé : Sallet, vicaire prêtre.

Cet extrait, certifié conforme à l'original, est délivré par moi soussigné, prêtre dépositaire des Registres des actes de mariage de la Paroisse St Laurent.

Paris, le quatorze Oetobre 1897,

Signé : Léon Postard (Signe indéchiffrable)

Prêtre trésorier.

Passarei agora a mencionar-vos os resultados da minha viagem, devidos ao cordeal acolhimento que recebi do nosso respeitavel confrade, o Dr. Robinet. A minha primeira entrevista com ele teve lugar na manha de 14 de Descartes (21 de Outubro), e guardarei sempre a mais grata lembrança de tão feliz encontro. Essa entrevista foi alcançada por intermedio do nosso confrade o Sr. Léon Kun, a quem procurei, segundo indicação do nosso Diretor e amigo, o Sr. Miguel Lemos.

Nessa ocasião, perguntei ao Dr. Robinet como viera ele a conhecer o nosso Mestre. Respondeu-me que fôra levado, pelas suas preocupações sociais, a assistir o curso que em 1850, o nosso Mestre fez no Palais Cardinal.² Ahi entuziasmou-se pela doutrinação de Augusto Comte por tal fôrma que, ao concluir a sua última predica, o incomparavel Reformador havia conquistado a sua adhesão. Decidiu-se, por isso, em 1851, a procurar Augusto Comte, por quem foi recebido com a sua *afetuosidade* carateristica.

¹ J'ai vérifié qu'il y avait des noms raturés à côté de la signature d'Auguste Comte, mais sans pouvoir les lire, parce que l'employé qui faisait l'extrait ne me l'a pas consenti. — R. T. M.

² M. Lazard indiqua-me espontanea mente o anuncio deste curso, no *Mouleur Universel* de 16 de Abril de 1850 p. 1221. El-lo:

«Le cours philosophique sur l'histoire générale de l'humanité (*sic*), professé gratuitement par M. Auguste Comte, aura lieu, comme de coutume, avec une entière publicité, tous les dimanches, à *midi précis*, à partir de dimanche prochain 21 avril jusqu'au 13 octobre, dans la même salle que l'an dernier (ancienne salle de physique), au Palais-National, rue Masséna, n. 8 (ci-devant Montpensier), au troisième étage. Ce cours est surtout destiné à donner au peuple une juste idée de l'histoire liaison du présent avec l'ensemble du passé, pour concevoir sans utopie l'avenir social, autant qu'une saine théorie historique permet de le déterminer.»

Nessa primeira entrevista, o Dr. Robinet poucos esclarecimentos pôde fornecer-me; tomou nota das minhas questões e emprazou-me para o proximo mercureidia. Desde logo, porem, lamentou nada poder informar-me sobre Charles Bonnin et Lenoir.

Contei-lhe a entrevista que eu tivera na vespera com M^{me} Ve Maximilien Marie. O Dr. Robinet disse-me que conhecêra Maximilien Marie em 1870, por ocasião da guerra franco-prussiana. Fôra-lhe apresentado por um amigo comum e, a partir desse momento, as relações entre ambos estreitárão-se bastante, o nosso confrade tornando-se medico da Familia Marie. Referiu-se com elogio ao carater de Maximilien Marie; disse-me que se mantivera sempre republicano; e falou-me da tocante afeição que M^{me} Maximilien Marie mostrava por Clotilde. A este proposito contou-me que uma vez, no seu consultorio, M^{me} Maximilien Marie, vendo o retrato de Clotilde, manifestou-se comovida pela recordação dos sofrimentos da sua egregia Cunhada. Ou nessa ocasião, ou em outra, M^{me} Maximilien Marie vinha com uma filha, e, apresentando-a ao Dr. Robinet, perguntou-lhe com quem se parecia.— Com Clotilde,—respondeu-lhe o nosso confrade, impressionado pela grande similhaça.— É o seu retrato,—confirmou M^{me} Maximilien Marie.

Mas o Dr. Robinet disse-me que nunca conversára com Maximilien Marie acerca do Positivismo, e que não sabia da entrevista pedida pelo nosso Mestre a Maximilien Marie, por ocasião da sua ultima molestia.

Nada pôde informar-me tambem sobre a corrente que o nosso Mestre legou a Paulo Thomas e a caixinha de ouro anexa a esta. Não possuia cabelos de Clotilde.

Eu ofereci-lhe o fotografia do nosso Templo, como uma lembrança respeitosa dos seus confrades brasileiros. Ao despedir-me deixei-lhe uma lista de questões que, sobre o VOLUME SAGRADO, havia fórmulado o nosso Diretor, e pedi-lhe que ele respondesse o que soubesse.

Na entrevista seguinte (20 de Descartes—27 de Outubro), obtive a mais preciosa das reliquias que pude alcançar do nosso Mestre. Consiste na sagrada medalha contendo cabelos do nosso Mestre; com a qual o nosso respeitavel confrade doou a Igreja brasileira, e de que tive a felicidade e a honra de ser portador. Essa inesti-



mavel reliquia veio acompanhada das seguintes declarações nos pequenos pedaços do papel que a envolvem:

Dizeres do primeiro involucro

No interior:

«Ce médaillon m'a été remis le 5 Septembre 1862, par M. Richard Congreve, exécuteur testamentaire de M. James Winstanley, décédé le ¹ de la même année.»

Na exterior:

«En cas de ma mort, à rendre à M. le Docteur Robinet.— *James Winstanley.*»

Dizeres do segundo involucro

«Paris 20 Descartes 109.

«Cheveux d'Auguste Comte coupés après sa mort par Madame Maric Robinet, 10, Rue Monsieur-le-Prince, et conservés depuis ce moment.

«Ce médaillon avait été primitivement donné par le Dr. Robinet à M. James Winstanley; à sa mort et sur son indication, il lui fut remis par M. Richard Congreve, exécuteur testamentaire de M. Winstanley.

«Je l'offre aujourd'hui à l'Eglise Brésilienne.

«27 Octobre 1897.» ²

Nessa mesma ocasião, deu-me o Dr. Robinet varias informações sobre o nosso Mestre. Graças á sua confiança, pude ler a correspondencia que com ele teve M^{lle} Alix Comte, a irmã do nosso Mestre, e bem assim alguns apontamentos sobre a conduta da infeliz a quem o nosso Mestre deu o seu nome. Copiei estes ultimos documentos e o que julguei importante nas cartas de M^{lle} Alix Comte, para ser conservado no nosso archivo. O Dr. Robinet deu-me tambem então esclarecimentos acerca de varias aluzões do nosso Mestre, no seu

1. Mots manquant dans l'original.— R. T. M.

2. Écrit de la main même du Docteur Robinet.— R. T. M.

VOLUME SAGRADO, e mostrou-me um pequeno busto de Augusto Comte, que não nos é conhecido. Segundo o Dr. Robinet informou-me, foi feito pouco depois da morte do nosso Mestre. O artista é hoje falecido, e a fôrma perdeu-se. Enfim, na minha ultima entrevista, (2 de Frederico—6 de Novembro) forneceu-me uma copia da carta que, em 31 de Agosto de 1857, escrevera ao nosso Mestre. Levei-lhe, nesse dia, uma fotografia do esboço do nosso confrade Decio Villares, representando o nosso Mestre no seu leito mortuario.

Transereverei os documentos e informações que obtive, uns integralmente e outros em extrato, contendo tudo quanto parece-me interessar á vida do nosso Mestre. Começarei pelas cartas de M^{lle} Alix Comte.

*Extrait des lettres de M^{lle} Alix Comte au Docteur Robinet. **

Montpellier, le 29 Mai 1860.

Monsieur,

.....
Je vais tâcher de répondre le mieux qu'il me sera possible aux renseignements que vous me demandez. Je commencerai par vous dire que sentant toute la portée de la possession des deux lettres que vous me reclamez je n'ai dit à personne que je ne les avais pas. Premièrement je n'ai pas parlé qu'elles me fussent demandées; j'ai gardé le silence le plus complet sur les renseignements que vous me demandez, et si par cas quel-qu'un me demandait si je me rapelle comment nous avons appris la facheuse maladie qu'eut mon frère, je répondrai par une lettre de M. Massin dévoilant la conduite de sa fille dans une lettre écrite à mon père, et j'en parlerai comme d'une chose qui m'est récente à la mémoire. Je ne mentirais pas en disant que dans ma famille ou a trop l'habitude de conserver les lettres. Soyez bien persuadé que si je trouve quelque chose je m'empresserai de vous annoncer. Je désirais bien savoir par quel elle me fait surveiller.

Vous me demandez de quels désordres M. Massin accusait sa fille? de tromper son mari en ayant pour

* L'ortographe de M^{lle} Alix Comte a des incorrections que j'ai jugé inutile de reproduire.— R. T. M.

amant M. Cérelet avocat. Quand au nom de la mère de M^{me} Auguste Comte, je ne le sais pas. Je sais qu'elle était couturière ou faiseuse de robes. Si vous aviez un extrait du contrat de mariage vous le verriez ou bien à la Mairie ou bien aux archives de l'Archivêché, maman les ayants fait marier par un prêtre, le 2 décembre 1826. Il a fallu mettre dans l'acte le nom du père et de la mère.

Mais on le saurait si la chose en vaut la peine. Je suis bien fâchée de ne pas pouvoir vous satisfaire sur ce point.

Ma mère nous dit que mon frère était très bien quand elle était partie. Le domestique qui le soignait chez M. Esquirol resta dix jours, par précaution, chez lui, crainte qu'il ne survint quelque chose. Voyant qu'il était bien, on le renvoya, et je trouve le montant de son séjour sur la note des dépenses faites par ma mère. Mais il lui restait une grande irritabilité qui s'explique à présent par les insinuations de cette vilaine femme. Il fut entièrement guéri au mois d'Avril ou Mai, qu'il se jeta dans la Seine; il avoua lui-même que cette seconesse lui avait fait du bien.

Ce n'est que par M. Audiffrent et après la mort de mon frère que j'ai appris les fausses insinuations de cette abominable femme. Je suis fâchée de ne pas l'avoir su plutôt. Mon père n'a jamais protesté, au moins que je sache, contre cette horrible chose. Je ne doute pas que, s'il avait su, il eut consigné dans un écrit que j'ai trouvé à sa mort, dont j'ignorais l'existence, et que M. Audiffrent voulut copier pour vous le montrer. Mon père y déplore que mon frère ne se soit pas expliqué avec lui pour d'autres choses, à plus forte raison pour une pareille atrocité. Je vous répéterai ce que je crois avoir eu l'honneur de vous écrire: il est bien fâcheux que mon frère ait vécu loin de sa famille; il n'a pas su l'apprécier; sans cela, il aurait demandé tout de suite une explication, et il aurait vu de quel côté était la vérité. Malheureusement on ne peut pas revoir là-dessus.

Montpellier, le 26 Janvier 1861.

Monsieur,

J'ai reçu également le livre que vous avez eu la bonté de m'envoyer. Si vous n'aviez pas eu la bonne



pensée de me l'adresser et que j'eusse appris qu'il était en vente, je n'aurais pas manqué de l'acheter, bien que je sois gênée. Je me suis mise à le couper, et me suis arrêtée sur ce que vous dites de son enfance et de son adolescence. Vous avez dit la vérité jusqu'à son retour à Paris, après le licenciement de l'École. Vous me permettez de vous dire que vous avez été induit en erreur lorsqu'on vous a dit que mon père ne lui avait rien donné pour sa subsistance. Il pria instamment mon père de le laisser partir, qu'il ne tarderait pas à ne plus lui être à charge; mais pendant longtemps il a été touché de l'argent chez M. Bérard qui était juge de Paix du 6^{ème} arrondissement et qui était chargé de retirer quelque argent que la mère de mon père lui avait laissé en quittant Paris en novembre 1812. M. Rebout, inspecteur du Trésor, a été chargé par mon père de lui en compter. Il est vrai que mon père se fâchait qu'il fut obligé de lui venir en aide pendant si longtemps; et lors qu'il demanda à mon père son consentement pour se marier, ce fut une des raisons que mon père fit valoir pour refuser, disant qu'il y avait trop peu de temps qu'il ne lui envoyait rien, pour qu'il put prendre une femme sans fortune, qui augmenterait la dépense de la maison: qu'il avait alors trois enfants, qu'il ne pouvait pas en avoir quatre à nourrir...

—
Montpellier, le 12 Février 1861.

Si mon frère n'avait pas vécu toujours loin de sa famille, il l'aurait mieux appréciée et lui aurait rendu justice, bien que ne partageant pas les mêmes sentiments en tout. Quant on partage ceux de l'honneur, de la probité, de l'amour du bien sous quelque couleur que ce soit, on peut se voir et s'estimer. Et la preuve de ce que je dis est qu'étant connue par mes principes religieux, je vois souvent des protestants, et que ne sortant pas, depuis plus de dix ans, ne faisant par conséquent aucune visite, même par carte, on vient me voir, mes relations même, au lieu d'avoir diminué, ont augmenté, des personnes que je ne connaissais pas du tout ont demandé à venir me voir, bien qu'on ne trouve, chez moi, ni esprit, ni instruction, ni plaisirs; il faut qu'il y est quelque chose au dessus de cela. Je ne crains point que l'on



prenne des renseignements sur mon compte; vous pouvez en prendre à Paris auprès du Maire de notre ville M. (illisible), membre du corps législatif, qui, doit, je pense, être rendu à son poste; je ne le connais pas seulement de vue. Il est honnête homme, instruit, et, quoique protestant, je ne crains nullement ee qu'il dira sur moi, ni sur mon père.

.....

(Dans sa lettre du 23 juin 1861, M^{lle} Alix Comte offrit quelques livres que notre Maître avait obetenu comme prix, au Grand Lycée de Montpellier. Sa lettre du 26 juillet 1861 annonce l'envoi de ee précieux cadeau.)

Montpellier, le 21 Décembre 1861.

Monsieur,

J'ai appris avec peine la mort de la bonne Sophie que j'avais bien désiré connaître, pour la remercier de vive voix des bons soins dont elle avait entouré mon digne frère. Je partage bien sincèrement la douleur que vous avez dû tous ressentir ainsi que sa famille. Je vous serai bien obligée si vous vouliez témoigner à la famille Martin combien je prends part à leur juste douleur. J'étais bien loin de m'attendre à cette fatale nouvelle la dernière fois que j'ai eu l'honneur de vous écrire. Je voulais vous en demander des nouvelles, je fus interrompue, je remis à la première lettre, j'ignorais qu'elle n'était plus. Qui aurait dit que moi, plus agée, souffrante depuis si longtemps, lui survivrais.

Daignez, Monsienr, agréer l'assurance pour vous et M^{me} Robinet de mes sentiments respectueux

ALIX COMTE.

Montepellier, le 11 Mai 1862.

Monsieur,

Je viens de recevoir votre lettre m'annonçant la mort du bon M. de Constant qui avait eu la bonté de se détourner de son voyage pour venir me voir. Il resta plus de deux heures avec moi et je fus bien contente d'avoir fait sa connaissance. En prenant congé je l'engageai à renouveler sa visite. Il me dit, en me serrant la main, qu'il espérait bien me revoir. Je n'aurais pas cru



qu'il fut sitôt enlevé, et d'une manière si prompte. Je m'associe à tous vos regrets et partage bien votre douleur ; il m'avais paru très bon. Je vous prie d'être mon interprète auprès de M^{rs} vos confrères pour leur dire la part que je prends à ce douloureux événement.

*Lettre du Docteur Robinet à notre Maître **

Copie conforme, prise le 30 Octobro 1897, pour M. Teixeira Mendes.

Lettre écrite par le Docteur Robinet à Auguste Comte, cinq jours avant sa mort, de Ferté-sous-Jouarre (Seine-et-Marne).

Cher et vénéré Père,

N'ayant pas eu le courage de vous dire hier tout ce que je pensais, je dois vous l'écrire aujourd'hui.

Veuillez me pardonner, d'abord, le profond dissentiment qui règne entre nous quant au jugement de votre état actuel ; comme votre salut pourrait, quelquefois, en dépendre, je ne dois pas hésiter plus longtemps à vous l'avouer.

Non ! cher et bien aimé Maître, je ne puis, malgré toute l'autorité de votre parole, malgré les ardents désirs de mon cœur, me persuader que vous touchiez à une convalescence, ni que votre situation n'offre plus de gravité.

Mon intelligence est bien faible, assurément, pour juger de semblables phénomènes, et l'insuffisance des théories médicales ne me permet guère d'apprécier un organisme aussi élevé que le vôtre ; mais les connaissances, même empiriques, que je puis avoir, me font craindre, dans les jours d'avantage que votre incomparable courage ne vous laisse dans une fatale sécurité.

Hélas ! il est des desordres végétatifs que l'âme la plus puissante ne saurait dissiper, et je tremble que vous ne perdiez un temps précieux en remettant votre guérison aux seuls soins hygiéniques.

* Tout ce qui suit est écrit de la main même du Docteur Robinet. Notre Directeur, M. Miguel Lemos, a donné une version portugaise de cette lettre, dans la traduction qu'il a faite du *Précis de la vie et des écrits d'Auguste Comte*, par Lonchamp, p. 337. V. la *Revue Occidentale* de 1839. — R. T. M.



L'exhalation sereuse (que'elle soit due à la simple faiblesse des solides et à l'appauvrissement des liquides, ou à quelque engorgement viscéral faisant obstacle à la circulation veineuse de l'abdomen) fait chez-vous des progrès allarmants: l'œdème devient anasarque; le ventre est distendue au point de refouler le diaphragme et de gêner la respiration; bientôt une ponction sera peut-être le seul moyen de vous soulager, s'il n'y a nulle évacuation provoquée ou spontanée...

Je vous en conjure, o! noble et précieux mortel, au nom de l'Humanité, qui attend de vous les plus éminents services; au nom de tous ceux qui vous aiment et vous vénèrent comme le plus grand et le plus auguste parmi les hommes, reconnaissez le danger où vous êtes et acceptez les mesures de salut que tous vous proposent.

Il est indispensable, urgent, qu'un praticien éminent veille à votre conservation, qu'il suive chaque jour l'état du mal et y apporte le remède en temps opportun. Celui que Blainville regardait comme le plus avancé, serait sans doute aussi le plus capable de trancher le nœud d'une situation qui nous remplit de douleur et d'effroi.

Pardonnez, cher et vénéré Maître, une démarche aussi hardie: mais je ne erois pas qu'il soit convenable d'abuser un malade tel que vous. Ce triste expédient, ressource des âmes faibles, est indigne des grands cœurs; et si, chaque mortel, avant de rendre à la terre ses organes corporels, doit se recueillir religieusement et résumer dans le chant du cygne une existence qui s'achève, combien cette grande pensée de la mort ne doit-elle pas être familière et présente aux méditations journalières du philosophe et du prêtre, pour qui le passage à l'immortalité doit encore être un acte de dévouement et d'enseignement social.

Adieu, cher et auguste Père, puisse cette lettre vous paraître ce qu'elle est dans ma plus intime pensée: l'accomplissement d'un douloureux devoir.

Respect et dévouement.

ROBINET.

Le 31 Août 1857.

... Ensuite M^{me} eut sa chambre, son appartement séparé dans le logement commun. Elle prit le cabinet et le salon actuels et relégua son mari dans la chambre à coucher où il est mort et dans la chambre sombre et triste où sont aujourd'hui déposés les ouvrages de notre Maître et où il composa la philosophie positive. Ils avaient chacun leur clé, M^{me} entrant par la grande porte et M^r par la petite ; bientôt ils ne se virent qu'aux heures du repas.....

Auguste Comte avait été depuis longtemps obligé de prendre en main l'administration surtout financière de la maison, ce qui était un grand grief pour cette femme indigne. Pour cette raison, pour les déchirements intérieurs que suscitait sa vie déréglée, par la gêne et l'aversion croissantes que lui inspirait l'homme qui lui semblait un obstacle à ses débordements, elle menaçait depuis longtemps de le quitter définitivement. Enfin obsédé, poussé à bout, sans cesse dérangé de son travail, il finit par écouter ses menaces de séparation.

Enfin Auguste Comte accéda, et, en 1842, après l'avoir solennellement avertie que si elle quittait le domicile conjugal, elle n'y rentrerait jamais, il lui accorda 3,000 frs. de pension annuelle et elle partit emportant l'argent et les objets qu'elle avait pu amasser. Sophie resta.

Cette séparation, elle la justifiait d'abord en disant qu'elle ne pouvait plus vivre à s'ennuyer avec un homme qui l'embêtait, qui ne faisait que travailler. ... s'enterrer sans aucun plaisir ni liberté. Bientôt son intérêt et sa méchanceté-naturelle la portèrent à représenter Auguste Comte comme un tyran insupportable avec lequel elle avait trop souffert pour pouvoir y vivre encore, aux connaissances de son mari et aux personnes qu'elle avait vues chez lui, et qu'elle eut soin de voir encore après qu'elle l'eût quitté. Cet homme magnanime encouragea lui-même ces personnes à la recevoir, à ne point la repousser, espérant par là la retenir encore



et l'empêcher de se dégrader entièrement.... Parmi ces personnes fut M. Littré.

Le saint épisode de M^{me} de Vaux vint jeter un singulier sentiment de jalousie et de regret dans l'ignoble cœur de M^{me} Comte, Elle tenta dès lors plusieurs fois, mais toujours en vain, de séduire son mari pour revenir près de lui,¹ et le mépris qu'elle affectait pour le pur philosophe.... se chargea en une haine implacable. Elle se présenta de plus en plus comme une victime... Les sentiments de haine révolutionnaire et d'envie qui s'étaient insensiblement développés chez le sieur Littré envers Auguste Comte sous l'influence de sa propre nature et sous celle de cette exécrationnelle femme, firent qu'il acceptât avidement tous ces bruits et qu'il se liait de plus en plus à elle. Les ignobles amis de cette femme (M. Belpaume) et ceux qu'il employait lui-même (M. Leblais) se firent bientôt les agents de cette association haineuse et colportèrent les plus dégoûtants et les plus orduriers mensonges forgés par ce digne couple pour perdre Auguste Comte. Il avertit en vain M. Littré de ce qui était sa femme et le mit en demeure de choisir entre elle et lui; feignant de ne pas croire à ce qui était M^{me} Comte, M. Littré s'en constitua le champion. C'était déclarer qu'il était le plus implacable ennemi d'Auguste Comte. La suite ne le prouva que trop.

Un autre manuscrit du Docteur Robinet.

Siège de la Société Positiviste par M^{me} Comte; elle en détache par manœuvres et calomnies tout ce qu'elle peut.

Une neutralité complète ne fut point la conséquence de cette séparation (1842), et la femme coupable adopta bientôt deux lignes de conduite, contradictoires en ap-

1 Dans ses lettres, elle l'obséda de supplications, il prit le parti de ne plus y répondre et de les refuser. Elle l'aborda ensuite dans les rues; il la repoussa. Il y a deux ans elle fit une dernière et ignoble tentative près du Père Lachaise.

Note du Dr. Robinet.

Je dois informer, à propos de cette note, que le Docteur Robinet m'a dit que ce manuscrit est de 1857. On doit aussi se rappeler que nous avons montré que M^{me} Comte tenta, dès 1813, de revenir chez notre Maître. Voir ps. 169-173 de ce rapport.—R. T. M.



parente, bien que conduisant toujours au même but, tourmenter et perdre celui qu'elle détestait. *

Bien qu'elle eût dit à tous, en quittant le domicile, qu'elle s'éloignait de son mari, parce qu'il lui répugnait de vivre aussi tristement avec un homme qui n'était pour elle qu'un frère, qui voulait la régenter comme un enfant, et que du reste il serait trop heureux de la reprendre quand elle voudrait, voyant que cette fois il ne revenait point la demander, que même il tenait inébranlablement sa promesse de ne la plus recevoir, elle ne tarda point à changer de langage. D'une part, se posant en martyr conjugal, elle répandait partout qu'elle avait été forcée de quitter son mari à cause de sa dureté et par suite du mauvais traitement qu'il lui faisait endurer; tandis que, d'autre part, elle faisait de fréquentes démarches pour obtenir sa réintégration. Sans avoir jamais cessé de suivre cette voie directement (par accostement) ou indirectement (par lettres et par tiers) mais vainement, jusqu'aux derniers temps d'Auguste Comte; elle persevera et s'éleva sans cesse dans la voie contraire qui était d'*amener* contre lui par ses plaintes et ses calomnies toutes les personnes qu'elle avait vues chez lui d'abord, tous ceux qui l'entouraient ensuite; et enfin ceux que leur situation révolutionnaire et la bassesse de leur nature ou de leur position portaient, par différents motifs, à embrasser et servir son implacable haine. L'énergie qu'elle déploya dans cette entreprise fut égale seulement par l'habileté machiavélique avec laquelle elle conduisit cette longue intrigue.

Parmi les personnes que recevait et voyait Auguste Comte, M. Littré fut le premier point de mire des démarches de madame: son manque d'énergie et une secrète jalousie contre le grand homme le mirent rapidement dans la dépendance de cette femme, et c'est d'après l'ascendant croissant qu'elle exerça insensiblement

* Cette incompatibilité profonde, cette haine implacable provint sans aucun doute de l'alliance et du contact même de deux natures aussi diamétralement opposées, Auguste Comte offrant ce que l'âme humaine peut réunir de plus grand et de meilleur, et sa déplorable compagne, ce que le cœur féminin peut recéler de plus aigri et de plus méchant. Les incoercibles tendances révolutionnaires de cette femme vinrent bientôt se heurter sans cesse contre le perfectionnement moral croissant de son mari, de manière à produire bientôt des conflits incessants et intolérables.

Note du Docteur Robinet,

sur lui qu'il devint toujours plus hostile jusqu'à être un implacable ennemi. Du reste, toutes les connaissances d'Auguste Comte (Lenoir, Bonnin, Turpin, Blainville, etc.) investies, assiégées par l'astuce et les intrigues de Mme qui sut si bien apitoyer et noircir que plusieurs lui donnèrent raison et regardèrent comme impitoyable et dur celui qui n'était que juste et ferme et qui avait été si longtemps longanime. Après la fondation de la Société Positiviste, ¹ Mme Comte commença le siège de cette place importante et réussit bien à emporter quelques postes avancés. Le Fondateur du Positivisme était d'un si facile accès, son généreux principe de juger les hommes : faire sur eux la meilleure hypothèse possible jusqu'à à preuve contraire, l'exposait à tant de jugements prématurés et trop favorables, qu'il se trouva parfois entouré de gens vraiment indignes de toute estime et de toute considération. Dans de telles conditions d'inévitables déboires menaçaient la généreuse confiance d'Auguste Comte. Sa femme eut bientôt fait sa proie des plus tristes adhérents de ce genre et, parmi eux, le plus dégradé devint bientôt son ami, son serviteur, son âme damnée. Par lui, les bruits les plus étranges commencèrent à circuler : Mme Comte était une pauvre victime... Tous ces bruits se chuchotaient et se disaient chez M. Littré et le loyal académicien ne les entendait pas ou du moins ne les démentait pas. Évidemment un orage grondait, il était impossible que de telles infamies ne portassent pas fruit et qu'Auguste Comte fut ainsi lui et les siens, bafoué, injurié, déchiré dans le public sans en rien savoir. Un premier accident commença à lui faire ouvrir les yeux et comprendre que les amis dévoués à sa femme ne pouvaient être les siens. M. Belpeau, en pleine Société Positiviste ² blâma grossièrement que M. Comte eut osé parler de Mme de Vaux à son cours (1851) disant que c'était injurieux pour sa femme. ³ Auguste Comte eut la trop grande bonté de se justifier au lieu d'user envers l'outrecuidant de l'énergique procédé de M. Magnin, qui, séance tenante, dit à Belpeau que M. Comte aurait dû le mettre à la porte...

¹ En Mars 1848.— R. T. M.

² Séance du 22 Archimède 63 (16 Avril 1851), VOLUME SACRÉ, *Testament*, p. 43.—R. T. M.

³ Voir le VOLUME SACRÉ, p. 175.—R. T. M.



Le lendemain il écrivit à M. Littré une lettre mémorable où il lui révélait ce qui était sa femme... M. Littré tergiversa, résista et Auguste Comte eut la patience de ne point rompre encore avec lui. Mais une juste méfiance remplaça l'aveugle et innérent confiance qu'il avait eu jusqu'alors dans celui qu'il avait jugé d'après Carrel.¹ Les relations devinrent très froides et enfin eut lieu l'explosion du coup d'état.² Le motif politique n'était assurément qu'un prétexte pour tous ces hommes d'un civisme douteux et ils profitèrent de l'occasion pour tâcher de séparer la Société Positiviste de son Président. Après la brusque et grossière attaque de M. Littré, aussi dénué de fermeté que de profondeur et de dignité, la retraite d'une partie des membres primitifs de la Société Positiviste se fit successivement mais toujours avec la même inconvenance, ingratitude, indignité, quoique par des motifs bien différents. Les uns firent timidement demander leur radiation (Littré, Robin par moi) les autres se retirèrent séance tenante, après un grossier éclat (Pascal), autres enfin, la crème du libéralisme, préférèrent la voie épistolaire afin de savourer sans s'exposer à la indignation des assistants le plaisir d'abreuver d'outrages et d'amertumes, d'ignobles insinuations, de scandalenses calomnies, l'homme le plus pur et le plus grand, le meilleur citoyen.³ Satisfaction leur fut donnée et la société se trouva réduite autant qu'épurée. De là date la séparation officielle des positivistes en complets et incomplets, en religieux et révolutionnaires, les uns sous la conduite du Fondateur, les autres sous la direction nominale ou apparente de M. Littré. Aucun frein ne retint plus désormais les transfuges de la Foi nouvelle; sans scrupule pour la personne du Fondateur, ils firent bientôt bon marché de la doctrine. Jugeant, taillant à leur gré; marquant à leur caprice la limite du vrai Positivisme, rejetant tout ce qui était fait sans eux et allant jusqu'à dire que la présence d'Auguste Comte était un obstacle à l'avènement du Positivisme qui ne

1 Voir la note au bas de la page 14 de la *Préface* du tome premier de la *POLITIQUE POSITIVE*.— R. T. M.

2 Le coup d'État du 2 Décembre 1851. Voir le *VOLUME SACRÉ*, p. 188-189.— R. T. M.

3 Voir la *Notice sur la vie et sur l'œuvre d'Auguste Comte* par le Docteur Robinet— 3^e édition, 1891, p. 239.— R. T. M.



se développerait qu'en dehors de lui, c'est-à-dire, après sa mort.

C'est d'eux aussi qu'émana la théorie de la *machine philosophique* : deux choses en Auguste Comte, l'homme, être méprisable, digne de toute haine et de tout abandon, l'esprit, instrument d'argumentation philosophique à qui l'on ne pouvait refuser quelque valeur, sans doute, mais qui ne méritait aucune reconnaissance.

Partout les souscriptions diminuèrent et cessèrent même complètement pour la plupart des dissidents.* Quant aux disciples fidèles, c'étaient de misérables esclaves, des hypocrites, des eunuques intellectuels, que l'appât des convoitises temporelles retenait près du chef de la nouvelle Religion. La toge (de Littré) académique protégeait tout cela et le couvre encore aujourd'hui.

On connaît dès lors les relations qui se développèrent. Les hostilités incessantes des rebelles augmentèrent de plus en plus une séparation qui ne fut en rien amoindrie par le rapprochement passager exigé par M^{me} Comte de la part de son obéissant protecteur. M. Littré donc, pour complaire à cette Dame et tandis qu'il affectait au dehors des allures d'une fière indépendance, priait humblement M^{me} Sophie Martin (cuisinière d'Auguste Comte, comme l'appellait ces généreux appréciateurs du peuple), à plusieurs reprises, de vouloir bien obtenir de son Maître une entrevue pour lui. D'autres influences étaient également mises en œuvre par M. Littré pour obtenir ce rapprochement mais de manières fort différentes. Et à ce sujet il est bon de rapporter un incident assez piquant qui ne laisse pas d'équivoque. Deux positivistes se rencontrèrent un jour chez M. Comte ayant chacun en poche une lettre de M. Littré récemment écrite, l'une en Provence et l'autre à l'étranger, dans un esprit si contraire que le souvenir m'en est resté : tandis que la première exprimait dans des termes respectueux et convenables le désir d'un rapprochement sincère, l'autre exprimait formellement la prétention de ne traiter avec Auguste Comte que de pair en pair, et sur le pied de la plus parfaite égalité. Je laisse à tout

* Ce reproche ne saurait affecter les trois plus coupables d'entre eux qu'un arrêt d'Auguste Comte priva irrévocablement, pour cause d'indignité, de la faculté de concourir jamais au subsidé dont dépendait son existence matérielle (Pascal, Belpeanne, Leblais).— Note du Dr. Robinet.



lecteur le soin de conclure. Bref le rapprochement eût lieu, mais les motifs qui l'avaient dicté étaient si peu réels qu'après deux entrevues, je crois, ces relations artificielles et qui ne soutenaient aucune sincérité s'arrêtèrent d'elles-mêmes. Auguste Comte savait dès lors qu'il avait en M. Littré un ennemi acharné sinon déclaré et il ne pouvait plus comme autrefois fermer les yeux sur sa malveillance dissimulée. C'est alors qui furent écrites les deux inqualifiables lettres qui causèrent une rupture définitive.¹

Dans la première, M. Littré demandait impérieusement à Auguste Comte une augmentation de pension pour sa protégée; il lui enjoignait, pour accomplir ce sacrifice, de quitter le précieux domicile auquel étaient attachés les souvenirs les plus chers et que les premiers développements du culte positif avait en quelque sorte publiquement consacré. Je me rappelle encore la douloureuse indignation de notre Père à cette nouvelle attaque. Il refusa, et M. Littré le somma dès lors une seconde fois en le menaçant au sujet de la souscription qu'il percevait et en lui faisant entendre que le Fondateur de la Religion universelle tenait de lui le pain de chaque jour. « Escompterais-je encore à votre profit ce que j'ai de crédit moral en Amérique » ? — disait autant qu'il m'en souvient le généreux promoteur de la souscription pour Mme et M. Comte. Cette outrecuidance, fruit d'un orgueil tel que la pédantocratie seule peut en laisser fleurir, reçut une prompte satisfaction. Auguste Comte enleva à son indigne protecteur la direction de la souscription positiviste qu'il fit passer entre ses mains² en la rendant sacerdotale au lieu de personnelle. Mais

1. Cette rupture eut lieu en Août 1852. Voir le VOLUME SACRÉ, p. 199 ligne 23. — R. T. M.

2. Au milieu de Septembre 1852. Voir le VOLUME SACRÉ, *Confessions*, p. 199, ligne 35. On y trouve aussi une allusion aux tentatives de Littré pour annuler cette rupture:

« L'année (1852) se termina par ma juste répulsion, malgré de respectables entremises, du vicieux rapprochement conçu pour annuler une rupture devenue autant indispensable à la netteté qu'à la dignité de ma situation, publique et privée. » (*Ibidem*. p. 200, ligne 24).

Voir, à ce sujet, dans la *Notice sur la vie et sur l'œuvre d'Auguste Comte*, par le Docteur Robinet, troisième édition, p. 390, la lettre que notre Maître adressa au Docteur Andiffrent, le 20 Moisè 65 (20 Janvier 1853).

Notre Maître accueillit, pourtant, les supplications de Littré, en Octobre 1853. (VOLUME SACRÉ, ps. 20 et 211). — R. T. M.

le blâme énergique et mérité qu'il infligea publique-
à cette occasion à son triste antagoniste frappa si juste
au cœur de celui-ci que dès lors il lui voua une haine
implacable et éternelle.

M^{me} Comte triomphait; elle avait détaché de son
mari tous ceux qui étaient susceptibles de se vouer à
elle; elle s'était construite à la longue, et le temps, père
de l'oubli, aidant, une petite réputation assez honnête;
elle passait généralement et de plus en plus, dans un
certain public, pour une victime de la brutalité conju-
gale. Toute son énergie allait se porter dès lors vers un
autre milieu, celui qu'elle quittait se trouvant désor-
mais épuisé pour elle. Son instinct ne la trompa pas:
le camp révolutionnaire lui offrit un... *

Indicarei agora as aluzões das obras do nosso Mestre
sobre as quais o Dr. Robinet deu-me esclarecimentos.
Referem-se quasi-todas ao VOLUME SAGRADO, e respon-
dem ás perguntas que o nosso Diretor e amigo, o Sr. Mi-
guel Lemos, já havia feito, em 1885, ao Sr. Congreve e
ao Dr. Audiffrent.

Mencionarei, por isso, aqui as respostas que ambos
dêrão nessa ocasião. Conveni notar que as respostas do
Sr. Congreve, estando no caderno das perguntas feitas
pelo nosso Diretor, forão conhecidas pelo Dr. Robinet.
Creio, porém, que o Dr. Robinet não viu as respostas
do Dr. Audiffrent, que se achão em uma folha avulsa.

ALUZÕES DO « VOLUME SAGRADO. »

Testamento

Page 11, ligne 17: « ... trois personnages qui sor-
tirent, en 1852, de la Société Positiviste, dont ils étaient
membres depuis sa fondation. »

R. du Docteur Audiffrent: MM. Belpeau, Pascal,
Leblais.

R. du Docteur Robinet: Belpeau, ouvrier bottier
(agent de M^{me} Comte);

Pascal, étudiant en mathématiques, élève particuller
d'Auguste Comte, plustard Docteur en médecine;

* Le manuscrit s'arrête ici.—R. T. M.



Leblais, litterateur employé par Littré à son dictionnaire et agent de eet homme.

Page 26, ligne 24: « Parmi mes treize exécuteurs testamentaires, cinq résident habituellement à Paris, etc. »

R. du Docteur Robinet: Laffitte, Folley, Louchamp, Flores, Magnin, de Capellen.

— Ligne 26: « Quatre d'entre eux, etc. »

R. de M. Congrève, sur laquelle le Docteur Robinet n'a fait aucune observation: I conclude the names are MM. Flores, Folley, Laffitte, and Magnin. But I am not sure. *

R. du Docteur Audiffrent: Je ne les connais pas; peu important.

Page 30, ligne 32: « Une de trois remontrances, etc. »

R. du Docteur Robinet: Laffitte ou Folley.

Page 31, ligne 29: « Ce secret était connu de deux chefs révolutionnaires, etc. »

R. du Docteur Robinet: L'un était Marrast et l'autre Raspail, peut-être.

Confessions

Cinquième Sainte-Clotilde — le jeudi 31 Mai 1849
(11 Saint Paul 61)

Page 143, ligne 14: « ... l'énergique vieillard, etc. »

R. du Docteur Audiffrent: M. Bonnin, je erois.

R. du Docteur Robinet: M. Charles Bonnin, ami d'Auguste Comte.

Sixième Sainte-Clotilde — le 7 Saint Paul 62 (le lundi 27 Mai 1850)

Page 154, ligne 2: « La jeune adepte dont je t'annonçais, l'an dernier, l'insuffisance probable. »

R. du Docteur Robinet: Madame Guichard? amie du Docteur Montègre et présentée par lui.

— Ligne 19: « L'une d'elles surtout, etc. »

R. du Docteur Robinet: M^{me} et M. Van Capellen, attaché militaire de Hollande à Paris.

* Un de ces noms doit être exclu, parce qu'un des quatre est Louchamp. — R. T. M.

— Ligne 22: « Espérer un vrai sucesseur dans le plus éminent de mes jeunes disciples, etc. »

R. du Docteur Audiffrent: M. Laffitte.

R. de M. Congrève: M. Laffitte, sans doute.

Le Docteur Robinet a ajouté à cette reponse: oui.

Septième Sainte-Clotilde — 10 Saint Paul 63 (Vendredi
30 Mai 1851)

Page 172, ligne 8: « J'ai dû finalement rétracter les espérances prématurées que je t'exprimais sur la future transformation de mon jeune ami en mon digne successeur. »

R. du Docteur Audiffrent: M. Laffitte.

R. de M. Congrève: M. Laffitte, je n'en doute pas.

Le Docteur Robinet a ajouté: Moi non plus.

Page 174, ligne 17: « d'un éminent Génois... »

R. du Docteur Audiffrent: M. Profumo, disparu, mort.

R. du Docteur Robinet: M. Profumo, négociant en pâtes d'Italie, qu'Auguste Comte appelait familièrement *Vermicelle*. Il a disparu après la mort de notre Maître, avec lequel il était en correspondance.

— Ligne 23: « un jeune positiviste a noblement offert sa modique garantie territoriale... »

R. du Docteur Audiffrent: M. Lonchampt.

M. Congrève croyait que c'était M. Audiffrent, et le Docteur Robinet était dans la même croyance.

Page 176, ligne 8: « un de nos jeunes frères... »

R. du Docteur Audiffrent: M. Hadery.

M. Congrève a donné la même reponse, à laquelle le Docteur Robinet n'a rien ajouté.

Huitième Sainte-Clotilde — 9 Saint Paul 64 (Vendredi
28 Mai 1852)

Page 185, ligne 12: « la grande communication américaine. »

R. du Docteur Audiffrent: Je l'ignore — probablement celle de la préface du 2^e vol. de la *Politique*.

R. de M. Congrève: Opuscule sur le Calendrier par M. Edger.

Le Docteur Robinet n'a rien ajouté.

— Ligne 21: « nouvelle perspective d'un véritable successeur. »

R. du Docteur Audiffrent: M. Lefort.

R. de M. Congrève: You will get better information, but I imagine this refers to M. César Lefort.

Le Docteur Robinet n'a rien ajouté.

— Ligne 28: « un autre disciple du même âge mieux pourvu d'initiation scientifique, »

R. du Docteur Audiffrent: M. Audiffrent.

R. de M. Congrève: This to M. Audiffrent.

Le Docteur Robinet n'a rien ajouté.

Page 186, ligne 1: « ce nouveau foyer, dont je connus ensuite le noble chef. . . »

R. du Docteur Audiffrent: M. Lucas—mort on ne sait comment. Ce foyer a été dispersé.

R. du Docteur Robinet: M. Laurent ou M. Vasserat canu. M. Nyda, étudiant en médecine, succéda, je crois, à M. Laurent. Le foyer lyonnais s'est éteint quelques temps après lui. Vasserat avait vivement protesté contre l'inscription de Loyola dans le calendrier positiviste.

Nous y fumes envoyés, après la mort de Nyda, M. Audiffrent, M. Hadery et moi, pour essayer une reconstitution du groupe, mais elle n'eut pas lieu.

— Ligne 9: « déplorable suicide. »

R. du Docteur Audiffrent: Un ouvrier, M. Laurent, mort.

R. du Docteur Robinet: M. Laurent, je crois; du foyer lyonnais (?)

— Ligne 17: « La première adoratrice. »

R. du Docteur Audiffrent: M^{me} de Capellen, je crois. M. de Capellen est je crois encore à Paris attaché militaire à l'ambassade de Hollande.

— Ligne 18: « mon meilleur disciple hollandais. »

R. du Docteur Robinet: M. Willelm de Constant Rebecque, décédé.

— Ligne 29: « Une jeune appréciatrice. . . »

R. du Docteur Audiffrent: Inconnue.

M. Congrève et le Docteur Robinet n'ont pu aussi rien informer à ce sujet.

— Ligne 33: « Alors la consultation lyonnaise. »

R. du Docteur Audiffrent: M. Laurent souleva, je crois, je ne sais à propos de quoi, une question assez

scabreuse concernant sa position à l'égard d'une femme dont il était séparé. (?)

R. du Docteur Robinet: Je crois que c'est la question adressée à M. Laurent (?), sur le mariage chaste (??).

Page 187, ligne 6: « un éminent disciple... »

R. du Docteur Audiffrent: M. Lefort, réfugié en Belgique, bien accueilli par une dame, dont il voulut ainsi récompenser les soins.

R. du Docteur Robinet: César Lefort. Sauvé de la mort par indigence et inanition qui l'attendait à Bruxelles, par la maîtresse de l'Hotel où il était descendu.

Page 189, ligne 27: « l'éminent disciple méridional que je t'annonçais, l'an passé, comme ton premier appréciateur spontané... »

R. du Docteur Audiffrent: M. Audiffrent qui offrit chez lui l'hospitalité à M. Lefort.

R. de M. Congrève: The disciple can be no other than Dr. Audiffrent, surely.

Le Docteur Robinet a ajouté: Qui avait accueilli généreusement chez lui M. Lefort pour lui faire faire des études mathématiques.

Le digne émule est César Lefort, qui s'est d'ailleurs aussi indignement conduit envers le Docteur Audiffrent qu'envers Auguste Comte.

Page 190, ligne 36: « Le précieux disciple ».

Le Docteur Audiffrent ne put rien informer à ce sujet.

M. Congrève a répondu: This disciple you will I think find to be Dr. Robinet.

Le Docteur Robinet n'a rien ajouté.

Neuvième Sainte-Clotilde — Paris, le 2 Gutenberg 65
(dimanche 14 Août 1853)

Page 199, ligne 15: « Juillet 1852 me rappelle aussi l'attitude décisive d'un jeune banquier. »

R. du Docteur Audiffrent: M. Deulin d'Epernay.

R. de M. Congrève: M. Lonchamp. Le Docteur Robinet a ajouté après le nom de M. Lonchamp: — (Joseph) ancien élève de l'Ecole polytechnique.

— Ligne 20: « jeune théoricien... »

R. du Docteur Audiffrent: M. Lefort.

R. de M. Congrève: M Lefort?



Le docteur Robinet a ajouté : Je pense que ce pourrait être M. Philémon Deroisin, avocat en Lorraine, mais habitant Paris avec ses parents.

—Ligne 27: «célèbre révolutionnaire, invocant spontanément, du fond de sa prison, la régénération positiviste...»

R. du Docteur Audiffrent : M. Barbès, je crois.

R. de M. Congreve : M. Armand Barbès.

M. le docteur Robinet a confirmé cette réponse.

—Ligne 32: «L'heureuse visite d'un noble professeur...»

Le Docteur Audiffrent ne put rien informer à ce sujet.

R. de M. Congreve : By the date I imagine it is I who am meant.

R. du Docteur Robinet : M. Willianson? professeur de chimie à Londres.

Page 200. ligne 2: « Le chef trop vanté... »

R. du Docteur Audiffrent : M. Lucas — le pharmacien lyonnais, mort.—Je ne sais ce qu'il voulut innover.

M. Congreve n'a rien informé.

R. du Docteur Robinet : Je pense qu'il a'agit de de M. Laurent et de sa rupture avec le Positivisme. (?)

—Ligne 24: «L'année * se termina par ma juste ré pulsion, malgré de respectables entremises...»

R. du Docteur Audiffrent : M. Littré, je crois, et M^{me} Comte.

M. Congreve n'a rien informé à ce sujet,

R. du Docteur Robinet : Je pense qu'il s'agit du replatrage tenté pour rapprocher Littré d'Auguste Comte. Leur rupture datait du coup d'État du 2 décembre 1851 après que Littré eut insulté notre Maître dans le sein de la société positiviste, à la séance qui avait eu lieu pendant les luttes du dit coup d'Etat. Il avait été jusqu'à lui dire, à propos de l'influence favorable possible, qu'il supposait à Louis Napoléon Bonaparte : " mais vous avez la berlue, vous dormez tout éveillé " !

Auguste Comte fit bien de refuser ces avances, qui n'étaient qu'une tactique de sa misérable femme, voyant

* 1852. Voir aussi dans la *Notice sur la vie et sur l'œuvre d'Auguste Comte* par le Docteur Robinet, troisième édition, p. 390, la lettre que notre Maître adressa au Docteur Audiffrent, le 20 Moise 65 (29 janvier 1853).— R. T. M.



que Littré perdait l'influence sur le groupe positiviste par suite de son éloignement de la rue Monsieur-le-Prince.

Dans une des séances de Janvier 1852, notre Maître occupa tout le temps de sa durée à faire la théorie du XVIII^e siècle et de la Révolution, d'une manière si haute et si forte, avec un accent de vérité si puissant, qu'il ramena tout le monde à lui.

Page 201, ligne 29: «le diplomate américain.»

R. du Docteur Audiffrent: «Un amiral anglais, qui n'a plus donné signe de vie.»

M. Congrève et le Docteur Robinet n'ont rien informé à ce sujet.

— Ligne 30: «un éminent baronnet.»

R. du docteur Audiffrent: M. Wallon, je crois.»

R. de M. Congrève: Sir Erskine Perry.

M. le Docteur Robinet n'a rien ajouté à cette réponse.

— Ligne 37: «Mars * me rappelle d'abord la déclaration...»

R. du Docteur Audiffrent: M. Lefort.

M. Congrève n'a rien informé à ce sujet.

R. du Docteur Robinet: La déclaration est relative à Cesar Lefort, reconnu d'après son avortement complet dans les études mathématiques, comme incapable de la succession sacerdotale d'Auguste Comte ou du pontificat.

Les rédactions qu'il envoyait à notre Maître des leçons de M. Audiffrent eurent un effet décisif quant à cette insuffisance.

Page 202, ligne 9: «meilleur de mes disciples extérieurs.»

R. du Docteur Audiffrent: M. Audiffrent.

R. de M. Congrève: Is not this Dr. Audiffrent?

Le Docteur Robinet n'a rien ajouté.

Pag. 203, ligne 30: «du plus célèbre des écrivains actuels.»

R. du Docteur Audiffrent: M. Michelet, je crois.

M. Congrève et le Docteur Robinet n'ont rien informé à ce sujet.

* 1853.— R. T. M.



Dixième Sainte-Clotilde — Paris, le dimanche 8 Gutenberg 66 (20 août 1854)

Page 210, ligne 13: « la digne sœur. »

Le Docteur Audiffrent et M. Congrève n'on rien informé à ce sujet.

R. du Docteur Robinet: Virginie Chardoillet, femme Robinet, mère du positiviste de ce nom. V. page 206, ligne 16.

— Ligne 30: « un positiviste germanique. »

Le Docteur Audiffrent n'a rien informé à ce sujet.

R. de M. Congrève: Is this not M. de Ribbentrop?

Le Docteur Robinet n'a rien ajouté.

Page 215, ligne 36: « deux dignes représentants du foyer irlandais. »

R. du Docteur Audiffrent: M. Hutton et un inconnu.

R. de M. Congrève: MM. Ingram et Allman; pour ee dernier j'en suis sûr, pas autant pour le premier.

Le Docteur Robinet n'a rien informé à ce sujet.

Onzième Sainte-Clotilde — Paris, le dimanche 7 Gutenberg 67 (19 août 1855)

Page 221, ligne 32: « mon principal disciple. »

Le Docteur Audiffrent n'a rien informé.

R. de M. Congrève; This must be M. Laffitte.

Le Docteur Robinet n'a rien ajouté.

Page 222, ligne 8: « la déviation passagère de celui de mes disciples. »

Le Docteur Audiffrent n'a rien dit ici à ce sujet,

R. de M. Congrève: This agains I conjeecture is M. Laffitte. See Doctor Audiffrent's eireular.

Le Docteur Robinet n'a rien ajouté.

— Ligne 36: « ignoble attaque. »

R. du Docteur Audiffrent: Du fameux Caro, je erois.

Page 226, ligne 26: « promis pour successeur. »

R. du Docteur Audiffrent: M. Lefort.

R. de M. Congrève: Is not this M. Lefort?

R. du Docteur Robinet: Il s'agit de César Lefort. Le titre était sans doute celui d'aspirant au sacerdoce de l'Humanité.



Douzième Sainte-Clotilde — Paris, le dimanche 6 Des-
cartes 68. (12 octobre 1856)

Page 233, ligne 25 : « une grave oppression. »

R. du Docteur Audiffrent: Peut-être l'arrestation
de M. Magnin et l'intervention de M. Vieillard.

Page 235, ligne 6 : « Meilleur disciple britannique. »

R. du Docteur Audiffrent: Un jeune chimiste qui
mourut bientôt.

R. de M. Congrève; M. John Fisher, mort à Man-
chester, il y a déjà longtemps.

Le Docteur Robinet n'a rien ajouté.

— Ligne 18: « les deux éminents praticiens. »

R. du Docteur Audiffrent: M. Hadery et M. Magnin.

R. de M. Congrève: MM. Magnin et Deullin or
probably M. Hadery; but I think it is M. Deullin.

Mais M. Congrève a mis cette note à côté: Prati-
ciens doit être une erreur. Patriciens.

Le Docteur Robinet n'a rien informé.

Page 236, ligne 1: « une noble veuve germanique. »

R. du Docteur Audiffrent: Une grande dame
qu'avait à présenter un projet d'éducation pour les
jeunes filles.

M. Congrève et le Docteur Robinet n'ont rien in-
formé. *

Page 236, ligne 24: « la noble veuve brésilienne »

Le Docteur Audiffrent et M. Congrève n'ont rien
informé à ce sujet.

R. du Docteur Robinet: Mme Brazileira.

*Renseignements du Docteur Robinet sur quelques at-
tusions de sa « Notice sur la vie et sur l'œuvre d'Au-
guste Comte » (3^{ème} édition, 1891).*

Page 399, note 1: « par un de ses disciples. » *M. Laf-
fitte.*

Page 409, ligne 7: « certains amis. » *Littre, Vatat,
Btainville, Bonnin, Lenoir.*

* Peut-être la Baronne de Marenholtz-Bülów, vulgarisatrice du sys-
tème Frebel, et dont nous parlerons plus loin.—R. T. M.



Page 264, ligne 21: « la personne envoyé. » *Folley* ou *Longchampt*.

— Ligne 36: « Capitaine du génie. » *Anfric*.

Il avait été élève de l'École Polytechnique. Pas de ses nouvelles. Il venait voir Auguste Comte. On ne l'a pas revu après la mort d'Auguste Comte.

La seule consultation faite par notre Maître au Docteur Robinet et aussitôt écartée fut au début de la maladie.

Page 407, ligne 17: « ancien camarade d'Auguste Comte. » M. *Gondinet*, professeur de mathématiques...

Note, ligne 3: « sieur B et M. » *Betpeaume* et *Montègre*.

Page 520 (Circulaires), ligne 32: « leur ignoble attaque. » *Sesset*.

Page 527, ligne 24: « transformation d'un officier de marine en médecin positiviste. » *Folley*.

No dia 25 de Descartes (1 de Novembro) fui ao Père Lachaise com o nosso confrade Montenegro Cordeiro e os nossos correligionarios San Juan, e Luiz Arrau. Limpamos as tres sepulturas, de Clotilde, de Augusto Comte, e de Sofia, e colocamos uma corôa de biscoit em cada uma delas. Na maior, consagrada a Clotilde, puzemos a inscrição seguinte, em letras de contas brancas (*perles*): *A teur Mère Spirituette, les positivistes brésiliens et chitiens*; na segunda, consagrada ao nosso Mestre, a inscrição: *A teur Père Spirituet, tes positivistes brésiliens et chitiens*; enfim, na terceira, que era menor, a inscrição: *A ta Filte adoptive d'Auguste Comte, les positivistes brésiliens et chitiens*.

Também procurei obter documentos sobre a carreira do nosso Mestre na Escola Politecnica, onde estive no dia 28 de Descartes (4 de Novembro). Antes escrevêra as seguintes cartas, a M. de Rochas d'Aiglun, administrador, e a M. Mercadier, diretor dos estudos, pedindo



-lhes permissão para fazer as pesquisas sobre a estada do nosso Mestre nesse estabelecimento.

Copia da carta a M. De Rochas d'Aiglun.

À Monsieur de Rochas d'Aiglun, Administrateur de l'École Polytechnique.

Paris, le 26 Descartes 109 (2 Novembre 1897).

Monsieur,

Permettez-moi de m'adresser à vous, quoique je n'aie pas l'honneur de vous être connu. Je suis venu en France exprès pour obtenir des renseignements sur la vie d'Auguste Comte, dont vous connaissez la prodigieuse carrière philosophique et religieuse. Malgré tous les documents qui ont été publiés jusqu'à présent sur cette existence sans pareille, il reste encore des détails importants qui méritent d'être éclaircis, et c'est ce qui a déterminé mon voyage. Je vous prie donc de vouloir bien me permettre de recueillir, dans les documents de l'École Polytechnique qui sont sous votre garde, les renseignements que vous trouveriez dans le cas de m'être donnés, et de m'informer si vous pourriez m'accorder quelques instants d'attention pour un entretien à ce sujet.

En vous remerciant d'avance de votre bienveillance envers moi, je vous prie d'agréer l'assurance de mes meilleurs sentiments.

Tout à vous dans l'amour, la foi, et le service de l'Humanité.

R. Teixeira Mendes,

Vice-directeur de l'Apostolat Positiviste au Brésil.

31, Boulevard St. Michel (Hotel Suez)

Copia da carta a M. Mercadier

Paris, le 26 Descartes 109 (2 Novembre 1897).

À Monsieur Mercadier, Directeur des Études à l'École Polytechnique.

Monsieur,

Excusez-moi si je prends la liberté de m'adresser à vous, sans avoir l'honneur de vous être connu. Mais je suis venu en France exprès pour obtenir des renseigne-

ments sur la vie d'Auguste Comte, dont vous connaissez les incomparables traditions laissées à l'École Polytechnique. Quoique sa vie soit aujourd'hui à la portée de tous, dans ses traits décisifs, il en existe encore des détails que demandent à être éclaircis entièrement. C'est ce qui a déterminé mon voyage. Je vous prie donc de me permettre de recueillir, dans les documents de l'École Polytechnique qui sont sous votre garde, les renseignements que vous jugeriez dans le cas de m'être donnés, et de vouloir bien m'informer si vous pourriez m'accorder quelques moments de votre bienveillante attention pour un entretien à ce sujet.

Agréez, Monsieur, avec mes remerciements anticipés, l'assurance de mes meilleurs sentiments.

Tout à vous dans l'amour, la foi, et le service de l'Humanité.

R. Teixeira Mendes,

Vice-directeur de l'Apostolat Positiviste au Brésil.

31, Boulevard St. Michel (Hotel de Suez).

Foi em virtude da resposta de M. de Rochas que fiz a minha visita á Escola Politecnica.

Depois, porem, de fundadas esperanças de tudo alcançar, apenas consegui precizar algumas datas e algumas circumstancias relativas á perseguição politecnica. Porque, quando preparava-me para copiar os documentos, M. de Rochas veio dizer-me que o Diretor dos estudos lhe ponderára que não me podia ser dada a permissão, para isso, sem autorização do Ministro da Guerra.

Á vista de tal decisão, recorri ao nosso ministro, o cidadão Gabriel de Piza, a quem pedi que transmitisse, ao general Billot, o seguinte requerimento, ao que elle acedeu com o mais perfeito cavalheirismo.

Requerimento ao General Billot.

Paris, le 28 Descartes 109 (4 Novembre 1897).

À M. le Général Billot, Ministre de la Guerre, etc.

Monsieur le Ministre,

J'ai l'honneur de vous écrire pour vous demander de vouloir bien me donner la permission de faire des



copies des documents existants aux archives de l'École Polytechnique et qui se rapportent à la vie d'Auguste Comte, le Fondateur de la Religion de l'Humanité. Je suis venu exprès en France pour recueillir des renseignements précis sur sa vie, c'est pourquoi j'espère que vous aurez la bienveillance de déférer à ma demande.

Agréez, M. le Ministre, avec mes remerciements anticipés, l'assurance de mes respectueux sentiments.

Tout à vous dans l'amour, la foi, et le service de l'Humanité.

R. Teixeira Mendes,

Vice-dirécteur de l'Apostolat Positiviste au Brésil.

Aguardava a solução deste requerimento, quando recebi um bilhete de M. Mercadier datado de 7 de Novembro. Dizia-me ele que, dispondo-se a responder-me, soube por M. de Rochas que eu já estivera na Escola e que este me explicára não me poderem ser dadas, sem a autorização do Ministro da Guerra, as informações que eu pedira. Que desde então só lhe restava esperar a decisão do Ministro.

Transcreverei adiante os documentos relativos a essa pesquisa, e que só obtive depois da minha chegada ao Rio.

No dia 1 de Frederico (5 de Novembro) fui a Beauvais. O Sr. San Juan offereceu-se para acompanhar-me. Ahí pudemos achar as informações e documentos que desejava sobre o passado conjugal de Clotilde, e que já vos são conhecidos. Também encontrei nessa ocasião os documentos acerca da nobre Família da nossa Mãe Espiritual. Como já vos disse, devi esses resultados á benevolência de MM. Roussel e Langlois, tendo sido apresentado ao primeiro por M. Lucien Lazard.

Na manhã de 2 de Frederico (6 de Novembro), fiz a minha última visita ao Dr. Robinet, como já disse. Nesse dia determinei, com o concurso do Sr. Amerleio Quadros e do nosso correligionario chileno o Sr. Arrau, a casa da rua do Cadran, hoje Saint-Sauveur, em que nasceu Clotilde. Á tarde, voltava do Panteon, quando, ao entrar no hotel, fui surpreendido pela noticia de que no Rio tinha sido assassinado o Ministro da Guerra.



Compreendeis quanto este fato me deve ter alarmado. As circumstancias mesmo com que o narravão me fazião afastar a idéia que ele fosse o rézultado de uma combinação politica da opposição republicana. Para mim, era fóra de duvida que se tratava de uma tentativa izolada, devida á exaltação de um ou de alguns poucos. Tal consideração não podião, porem, impedir as tristes reflexões que surgem sempre que um incidente qualquer vem lembrar-nos a calamitoza epoca em que vivemos e os medonhos instintos que tem o homem! Então é que se sente bem como seria feliz o Mundo, si o sexo masculino possuísse a natureza afetiva da Mulher; quanto nos devemos esforçar por preparar um futuro melhor para as gerações que virão depois de nós; que cruéis fatalidades têm pezado sobre a Humanidade! E quanto afflige-pensar-se que todas essas catástrofes podião hoje ser evitadas, si não fosse a cegueira atual dos politicos e a sua falta de civismo, que os torna surdos aos reclamos do Positivismo! Como doi constatar o mesquinho alcance dos nossos esforços para prevenir ou reparar o mal e conseguir o bem! Quanto custa rezignar-se a sofrer com coragem as desgraças, e limitar-se a procurar deenvolver, nos que nos rodeão, os sagrados sentimentos que são a garantia unica para atravessar dignamente a epoca de provações que nos coube por sorte...

Essas reflexões erão agravadas pelo conhecimento que possuia dos homens que estavão investidos do poder. De fato, eu não tiuha a minima confiança no eriterio do governo e o julgava capaz de aterrar-se com similhante manifestação e praticar todos os dezininos, contra os que lhe fossem dezafeitos, dezininos dos quais poderia rezultar então uma verdadeira explozão. Si não fosse a inabalavel convicção com que parti do Rio, sobre a urgencia da minha viagem; si não fossem os rezultados que tive a ventura de obter; teria tido remorsos de ter escutado mais os impulsos do meu coração do que os receios de alguns de vós acerca da gravidade da situação politica da nossa atribulada Patria. Esse atentado imprevisto vinha ainda mais instigar-me a apressar a minha volta. Tinha feito o projeto de tomar o paquete em Southampton a 26 de Novembro. Mas, para isso, seria preciso que o que me restava fazer pudesse ser



executado, conforme eu planejára. Estava rezolvido a tentá-lo, mas não sacrificaria o objeto da minha missão á pressa que tinha de voltar. Foi nessa disposição de animo que veio encontrar-me a noticia do atentado contra o prezidente da Republica. E a sua primeira reacção sobre mim foi decidir-me a só ficar na Europa o tempo indispensavel para obter o que fosse realmente essencial, segundo o meu projeto, deizistindo de tudo mais.

Para isso, não podia siquer demorar-me em Paris mais um dia á espera de novas noticias : devia partir no dia seguinte para Montauban.

Á noite fui vizitar o nosso confrade Paulo Thomas de quem recebêra na vespera uma carta muito afetuosa. Levei-lhe o retrato da sua piedosa Mãi, pintado pelo nosso correligionario Decio Vilares. Mas tive de adaptar-lhe uma moldura provizoria, porque a definitiva não estava pronta. Ele mostrou-me o cofrezinho que pertencêra á Sofia e que nos ia dar com os cabelos da piedosa Filha adotiva de nosso Mestre. Esse cofrezinho fôra um mimo de Winstanley, o qual o dera com agulhas.

Passei a manhan de 3 de Frederico (7 de Novembro) em preparativos de viagem ; e depois fui ao Père Lachaise. As 7^h 50^m da tarde parti para Montauban.

Cheguei a Montauban ás 8^h 10^m da manhan de 4 de Frederico (8 de Novembro). Graças ás apresentações que levava, e devia á obsequiosidade do nosso confrade Dr. Cree, bem como do nosso simpatico livreiro Mr. Blanchard, o qual deu-me uma carta para o coronel Amiot, primo de M^{me} Blanchard, foi-me facil o desempenho dos encargos que para ahi trazia. Foi assim que obtive na Faculdade Protestante de Montauban, e por intermedio de M. Leenhardt, permissão para mandar tirar uma fotografia do retrato de Daniel Encontre. O mesmo professor, para o qual trouxera um cartão do pastor protestante, M. Jean Monnier,* apresentou-me tambem ao bibliotecario da Faculdade, M. Gustavo Ducos, o qual prezenteou-me com a biografia de Daniel Encontre escripta por Juillerat-Chasseur, e informou-me sobre as

* Foi o Dr. Cree quem apresentou-me a M. Jean Monnier.



fontes em que acharia indicações acerca do venerando mestre do nosso Mestre.

Devo, porém, a M^{me} Abrie Encontre, a veneravel neta de Daniel Encontre, as mais gratas recordações que conservo de Montauban. M. Le Brun, um estudante da Faculdade de Teologia, cujo conhecimento me foi proporcionado pelo nosso prestimozo confrade Dr. Cree, lhe escreveu sobre a minha viagem, e me recomendára á sua benevolência. Eu mesmo fui portador de uma carta de apresentação que deu-me M. Walter Dussauze, também estudante da Faculdade de Teologia e cuja relação devia igualmente ao Dr. Cree. M^{me} Abrie honrou-me com a mais cordial recepção. Levava-lhe uma vista da nave do nosso Templo e uma outra da *Sala Daniel Encontre*. Mostrou-se cativa pela nossa veneração para com Daniel Encontre e prometeu-me que ia procurar entre os seus papeis si acharia algum autografo de Daniel Encontre para offerecer-me, como lembrança dele, e que m'o daria si eu pudesse voltar depois das 3 horas da tarde. Na conversa, pediu-me informações sobre a nossa fé. Começou por chamar-lhe a atenção o nosso calendario, e eu offereci-lhe o exemplar que trazia comigo. Ela o percorreu rapidamente, revelando-se simpaticamente impressionada pela escolha dos tipos que nele se achão inscritos. Interrogou-me si admitiamos a divindade de Cristo: respondi-lhe que não. E, a este propozito, dei-lhe breves indicações sobre a nossa fé, insistindo especialmente na nossa doutrina feminina e, portanto, falando-lhe na utopia da Virgem-Mãe. Pareceu-me bem impressionada com tudo, e perguntou-me si tinhamos um culto, *sacramentos, um cerimonial de casamento*, por exemplo. As minhas respostas lhe cauzarão uma surpresa agradável. Notou com satisfação, na vista do nosso Templo, o quadro da Virgem, que eu informei-lhe representar a Humanidade, sob as feições de Clotilde de Vaux.

Sobre Daniel Eneontre, falou-me com entusiasmo da sua piedade, do seu genio encyclopedico, da sua aspiração permanente de conciliar a teologia com a sciência. E, aludindo en á sua abjuração, conforme me dissera o Dr. Robinet, respondeu-me M^{me} Abrie que Daniel Encontre era então muito joven. Informou-me que o retrato de Daniel Encontre, existente na Faculdade de



Teologia de Montauban, era apenas uma copia do que se acha na Faculdade de Siencias de Montpellier, e aconselhou-me a fazer de preferencia a fotografia deste. Tambem convidou-me que fosse ver o monumento de Daniel Encontre no cemiterio de Montpellier. ¹

A respeito do nosso Mestre, disse-me que sabia, por tradição de familia, que Daniel Encontre, alem das lições no Liceu, o preparára com outros para a Escola Politecnica, em um curso especial. Entre esses companheiros do nosso Mestre, citou-me o general Chabaud Latour (Barão), que foi depois ajudante de campo do conde de Paris. ²

Voltei á hora aprazada, e M^{me} Abrie deu-me a memoria de Daniel Encontre sobre a *teoria geral das equações*, e um folheto contendo dois sermões, dos quais o ultimo fôra pronnciado pouco antes de morrer. Quanto aos manuseritos, nada achára. Disse-me, porem, que ia escrever ao seu sobrinbo, o pastor Bourchenin, recomendando-lhe que me remetesse um autografo de Daniel Encontre. Ofereceu-me depois um retrato do Sr. Bourchenin, autorizando-me a ir buscá-lo, em seu nome, no fotografo, e deu-me licença para tomar tambem um seu. O fotografo; porem, não possuia esses retratos na ocazião, e ficou de os remeter para Paris, juntamente com o de Daniel Encontre. Esse fotografo me fôra indicado pelo coronel Amiot, que foi a primeira pessoa a quem procurei em Montauban. De sorte que já tinha encomendado a copia do retrato de Daniel Encontre, quando soube, por M^{me} Abrie, que era preferivel reproduzir o de Montpellier. Mandeí, por isso, fotografar ambos.

Em Montauban, fui tambem benevolamente recebido pelo pastor M. Vielles, Diretor do Seminario protestante, a quem M. W. Dussauze me apresentára.

Nessa mesma noite, (ás 10^h 20^m) segui para Montpellier, onde fui chegar ás 3^h 47^m da madrugada de 5 de Frederico (9 de Novembro).

Devo a M. Charles Gide, cujo conhecimento me foi

¹ Mandeí fotografar esse monumento.

² Neste ponto deve haver um equivoco, porque, conforme verifiquei depois, Chabaud Latour entrou para a Escola Politecnica em 1820, com 16 anos. Na epoca em que nosso Mestre preparou-se, ele devia ter pois 9 ou 10 anos.



proporcionado pelo Dr. Cree, as facilidades que encontrei em Montpellier. M. Charles Gide é professor da Universidade de Montpellier, onde então ocupava a cadeira de Economia Política, na Faculdade de Direito. Atualmente está encarregado do curso de Economia Social na Faculdade de Direito de Paris.

A 21 de Descartes (28 de Outubro), eu tinha ido, com o nosso prestimozo confrade Dr. Cree, agradecer a M. Charles Gide as apresentações que me dera para Montpellier. A minha vizita durou cerca de trez quartos d'hora, durante os quais falamos sobre o Positivismo. Eu tinha antes lido uma conferencia de M. Gide sobre o fourierismo, e a sua apreciação me permitia, até certo ponto, conhecer as suas opiniões sociais. Nos poucos momentos que estivemos juntos, falamos, sem discussão ou demonstração. Dei-lhe informações sobre o nosso modo de encarar o casamento, a questão social, a posição da mulher, o divoreio, a utopia da Virgem-Mãe, a arte, e por fim o nosso estado no Brazil. Prometi nessa ocasião enviar-lhe um exemplar da biografia de Benjamin Constant. Essa entrevista deixou-me a melhor impressão acerca do homem que tão cavalheirescamente acabava de prestar-me o seu auxilio para o exito da minha missão.

Depois da minha volta, M. Charles Gide teve a gentileza de remeter-me um exemplar do seu livro intitulado *Principios de Economia Política*.

A este propozito devo mencionar tambem a vizita que fiz a M. Jean Monnier, no dia 26 de Descartes (2 de Novembro), afim de agradecer-lhe as recomendações que teve a benevolencia de dar-me para Montauban. Tive nessa ocasião uma demorada conversa sobre o Positivismo e especialmente sobre a sua situação no Brazil.

O objetivo principal da minha ida á cidade natal do nosso Mestre era obter informações sobre a sua santa Mãe e sobre a sua infancia. A respeito de Rozalia Boyer, queria antes de tudo certificar-me do destino que haviam tido os seus preciosos restos. Neste intuito, dirigi-me á Mairie e apresentei ao secretario, M. Dubarry, o cartão que para ele me dera M. Charles Gide. Recebeu-me com benevolencia, e encarregou a



M. Henri Couve, *chef de bureau de l'état civil et des pompes funèbres*, de proporcionar-me os esclarecimentos que pudesse. Eis o que pude apurar, graças á boa vontade desse amavel cavalheiro.

Rozalia fôra enterrada no *terreno comum*, em sepultura raza, como dizemos entre nós, no antigo cemiterio de Montpellier, o cemiterio do Hospital Geral. Na maior parte deste cemiterio, hoje se erigem construcções, e especialmente o Instituto Oftalmologico. E, nem nos archivos do Hospital, nem nos archivos da Mairie, puderão-se achar registros que permitissem sequer determinar o lugar preciso da sua sepultura. Ainda existe uma parte do antigo cemiterio onde ha *concessões perpetuas* e algumas sepulturas comuns, quasi todas estas cobertas pela vegetação rasteira. Vizitei esse lugar e de lá trouxe algumas lembranças: rozas, terra, fragmentos de pedra. Algumas das lapides estão desovertas; pude ler as inscrições, por vezes anteriores ao ano da morte de Rozalia; outras nada têm. Em todo caso, seria necessario descobrir todas as pedras, algumas ocultas pela terra, para ver si acaso alguma não marca a sepultura da Mãe do nosso Mestre. Não tentei essa pesquisa, porque pouca ou nenhuma esperança tinha de conseguir algum resultado, á vista das passagens do VOLUME SAGRADO e porque, por outro lado, seria necessario, para isso, dar passos que, segundo acreditava, me tomariam muitos dias.

Eis os trechos a que me refiro:

«... Relativement à ma vénérable mère, *je ne puis maintenant espérer qu'un cénotaphe*, renfermant la petite montre qui seule me reste d'elle, et portant l'inscription: *A ta digne mère d'Auguste Comte, Rosalie Boyer, née le 28 janvier 1764 à Jonquières (Hérault) et décédée le 3 Mars 1837 à Montpellier.*» (VOLUME SAGRADO, Testamento, p. 12).

«... Blentôt, peut-être, sans cesser de t'invoquer, je pleurerai au loin sur ta tombe de ma tendre mère qui eût tant sympathisé avec toi.» (*Ibidem*—CONFISSÕES, p. 129).

«... Ma reconnaissance envers toi me ramène spontanément à celle qui exige la sainte initiation dont je fus redevable à ma pauvre Rosalie, ravie à mon embrassement filial depuis vingt-deux ans, dix ans avant d'ex-



pirer ! *C'est sur la propre tombe que je vénère le mieux ses restes déposés au loin, et dont une coupable incurie m'empêcherait, hélas ! de retrouver aujourd'hui le siège.*» (*Ibidem*, ps. 138-139).

No Hospital Geral, copiei o seguinte documento :

« 15 filles de fosse* et six porteurs pour M^{me} Comte, agée de 65 ans, décédée dans la maison de M. de Préville, rue Vieille Intendance, paroisse Saint Pierre, inhumée à l'Hospice général le 4 Mars 1837 de sept pour huit heures du matin.

« 3 Mars 1837 (date du décès). »

Consegui, porém, graças a M. Henri Couve, descobrir a casa onde morreu Rozalia e suponho, á vista do documento supra, que o seu corpo foi depositado na igreja de S. Pedro. Não consegui, entretanto, obter a certidão relativa á deposição do corpo, apesar dos passos que dei. A casa é hoje a n.º 7 da rua de la Vieille Intendance. Mandeí fazer fotografias de ambos esses lugares santos, bem como da igreja de Santa Eulalia, que fica defronte da casa em que nosso Mestre nasceu, e da parte que hoje existe do cemiterio do Hospital Geral. A fotografia da casa em que Rozalia faleceu não foi feita em boas condições, pela seguinte circumstancia: A casa tem na frente um muro bastante alto; de sorte que da rua só se pôde perceber da parte superior das janelas para cima. Recomendei, por isso, que a fotografia fosse tomada de modo que se pudesse descortinar alguma coiza do predio. O fotografo entendeu que devia adotar um ponto de vista que nada permite ver da rua e só dá um pedaço do muro e a parte superior da casa.

O Pai e a Irmã do nosso Mestre tambem foram sepultados em terreno comum, e os seus restos estão perdidos, como pude verificar pelos assentos da Mairie. A mesma verificação não pude fazer quanto aos santos restos da piedosa Rozalia, porque não se encontrou na Mairie o livro dos enterros de 1837.

A apresentação que M. Charles Gide me dera para o *doyen* da Faculdade de Direito, M. Vigie, permitiu-me obter que este me apresentasse ao *provisieur* (diretor) do

* Pessoas que acompanhavam o enterro.—R. T. M.



Grande Liceu de Montpellier, M. Croisiers de Laevivier e ao *doyen* da Faculdade de Siencias, M. Sabatier. Não encontrei o primeiro, mas fui benevolmente acolhido pelo censor, M. Turc, e pelo bibliotecario, M. Lagardère. Consegui de M. Sabatier a permissão para tirar a fotografia do retrato a oleo de Daniel Encontre.

No Liceu de Montpellier pude alcançar copia do que consta sobre a estada do nosso Mestre ali. Deu-se nessa ocazião um incidente curiozo: o censor, M. Turc, que foi a autoridade que benevolmente me forneceu os dados, começou por observar-me que era engano supôr-se que Augusto Comte tivesse estado naquele estabelecimento; quem lá tinha estado era Izidoro Comte. Foi-me facil mostrar-lhe que se tratava da mesma pessoa, isto é, do nosso Mestre. Soube que as informações que estava pedindo já haviam sido solicitadas por M. Emile Antoine, a quem haviam sido enviadas; e que a *Societade Positivista* de Paris tinha proposto ao Governo a instituição de um premio com o nome de Augusto Comte (!), o que o Governo não aceitou.

Eis aqui os documentos que obtive na Mairie :

Certidão do nascimento de Augusto Comte.

EXTRAIT DES REGISTRES DE L'ÉTAT CIVIL
DE LA VILLE DE MONTPELLIER. (Hérault)

Département
de l'Hérault

Mairie
de Montpellier

Bureau
de
l'état civil

Naissance
N. de l'acte: —
Isidore Auguste
Marie François
Xavier
COMTE

Nourri par la mère

L'an six de la République et le premier Pluviose, s'est présenté au bureau de l'État Civil, avec un enfant, Louis Auguste COMTE, négociant, qui nous a déclaré que le jour d'hier, à midi, dans la maison du jardin SALZE seis, vis à vis la MERCI, est né Isidore Auguste Marie François Xavier, fils légitime du dit COMTE et de Félicité Rosalie BOYER, mariés. Témoins: Laurent Sauvadet, âgé de vingt-huit ans, et Pierre Flottes, âgé de quarante-cinq ans, tous deux employés au Département, habitans cette commune.

Signé avec le père et nous :

Comte; Sauvadet; Flottes;

GOURGUE, adjt.



Pour extrait conforme

Montpellier, le dix Novembre mil huit cent quatre
vingt dix sept.

L'officier de l'Etat civil

Signé: (*Signe indechiffable*) Baumei.

Vu par nous E. de Fresquet

Juge au Tribunal civil

Pour légalisation de la signature (mot imperceptible)
Baumei adjoint.

Montpellier le 11 Novembre 1897.

Pour le Président empêché

E. de Fresquet.

(Signature illisible).

Certidão de obito de Rozalia Boyer.

EXTRAIT DES REGISTRES DE L'ÉTAT CIVIL,
DE LA VILLE DE MONTPELLIER.

Département
de l'Hérault

Mairie
de Montpellier

Bureau
de
l'état civil

Décès
N. de l'acte: 250
Félicité Rosalie
BOYER
72 ans
Epouse COMTE.

L'an mil huit cent trente sept et le troi-
sième jour de Mars à midi, dans l'hôtel
de ville de Montpellier (Hérault), acte
de décès de la dame Félicité Rosalie
BOYER, décédée ce jour, à une heure du
matin, dans la maison Portalès, rue Vi-
eille Intendance, en cette ville, ainsi que
nous nous en sommes assuré par le cer-
tificate du docteur en chirurgie délégué :
La dite dame BOYER, agée de soixante
douze ans environs, née à JONQUIÈRES (Hérault), domi-
ciliée à Montpellier, Épouse du sieur Louis Auguste
COMTE, employé à la Recette Générale, domicilié au dit
Montpellier. Sans autres renseignements; sur la décla-
ration à nous faite par les sieurs Etienne Lacroix, cor-
donnier, agé de quarante deux ans, et Michel Vidal,
chapelier, agé de soixante ans, tous deux domiciliés à
Montpellier. Constaté par nous, Alexandre Roume-Rey,
adjoint au Maire de Montpellier, délégué par lui pour
remplir les fonctions d'officier de l'Etat civil de la dite
ville; et ont, les déclarants, signé avec Nous le présent

acte, après lecture faite. Vidal; Lacroix; Roume-Rey, adjt. Signés au registre.

Pour extrait conforme :

Montpellier, le dix novembre mil huit cent quatre vingt dix sept.

L'officier de l'Etat civil

Signé: (*Signe indechiffable*) Baumel.

Vu par nous E. de Fresquet

Juge au Tribunal civil

Pour légalisation de la signature (mot imperceptible)
Baumel adjoint.

Montpellier le 11 Novembre 1897.

Pour le Président empêché

E. de Fresquet.

(Signature illisible).

Certidão de obito de Louis Comte.

EXTRAIT DES REGISTRES DE D'ÉTAT CIVIL
DE LA VILLE DE MONTPELLIER.

Département
de l'Hérault

Mairie
de Montpellier

Bureau
de
l'état civil

Décès
N. de l'acte: 650
Louis Auguste
COMTE
82 ans
Veuf BOYER

L'an mil huit cent cinquante neuf et le dix juin, à trois heures du soir, dans l'hôtel de ville de Montpellier (Hérault), Acte de décès du sieur Louis Auguste COMTE, ancien Fondé de pouvoir du Receveur Général de l'Hérault, décédé aujourd'hui à une heure du soir, dans la maison Cellieries, rue Fournarié, en cette ville, ainsi que nous nous en sommes assuré par le certificat du docteur en médecine délégué: le dit sieur COMTE, agé de quatre-vingt deux ans, né à Saint Hippolyte (Gard), domicilié à Montpellier; veuf de la dame Félicité Rosalie BOYER, sans profession, décédée en cette ville, fils légitime de defunts le sieur COMTE et la dame Jeanne Abric, décédées à Montpellier, sans autres renseignements; sur la déclaration à nous faite par les sieurs Jean POUDEROUX, cordonnier agé de quarante neuf ans, et Jean BATAILLE, sans profession, agé de soixante seize ans; tous deux domiciliés en cette ville. Constaté par nous, Alfred Estor adjoint au Maire de Montpellier, délégué par lui pour

remplir les fonctions d'officier de l'Etat civil de la dite ville; et ont, les déclarants, signés avec Nous le présent acte, après lecture faite. Poudroux; Bataille; Estor, adjt. Signés au registre.

Pour extrait conforme:

Montpellier, le dix Novembre mil huit cent quatre vingt dix sept.

L'officier de l'Etat civil

Signé: (*Signe indechiffable*) Baumel.

Vu par nous E. de Fresquet.

Juge au Tribunal civil.

Pour légalisation de la signature (mot imperceptible)
Baumel adjoint.

Montpellier le 11 Novembre 1897.

Pour le Président empêché

E. de Fresquet.

(Signature illisible).

M. Henri Couve deu-me as seguintes informações
mais:

Décédé à la paroisse St. Mathieu.

Enterré à la section des DD. n. 40. (Dans le terrain commun; les restes sont perdus.)

Certidão de obito de M^{lle} Alix Comte.

EXTRAIT DES REGISTRES DE L'ÉTAT CIVIL
DE LA VILLE DE MONTPELLIER.

Département
d'Hérault

Mairie
de Montpellier

Bureau
de
l'état civil

Décès
N. de l'acte: 289

Alix Marie
Charlotte
COMTE
68 ans.

L'an mil huit cent soixante neuf et le vingt deux Mars, à dix heures du matin, dans l'hôtel de ville de Montpellier (Hérault), Acte de décès de la Demoiselle Alix Marie Charlotte COMTE sans profession, décédée, hier à midi, dans la maison Rouaud, rue Saint Mathieu en cette ville, ainsi que nous nous en sommes assuré par le certificat du docteur en médecine délégué. La dite demoiselle COMTE, agé de soixante huit ans, née à Montpellier, y domiciliée, fille légitime de défunts le sieur Louis Auguste COMTE, fondé de pou-

voir du Receveur Général de l'Hérault et de la dame Félicité Rosalie BOYER, sans profession, décédée à Montpellier; sur la déclaration à nous faite par les sieurs Jean Caizergues ex voyageur de commerce, âgé de trente un ans, et Jean Pouderoux, bandagiste, âgé de cinquante huit ans, domiciliés à Montpellier: constaté par nous, Paul Garbouleau, adjoint au Maire de Montpellier, délégué par lui pour remplir les fonctions d'officier de l'Etat civil de la dite ville; et ont, les déclarants, signé avec Nous le présent acte, après lecture faite. Caizergues; Pouderoux: P. Garbouleau. Signés au registre.

Pour extrait conforme:

Montpellier, le dix Novembre mil huit cent quatre vingt dix sept.

L'officier de l'Etat civil

Signé: (*Signe indechiffable*) Baumel.

Vu par nous E. de Fresquet

Juge au Tribunal-civil

Pour légalisation de la signature (mot imperceptible)

Baumel adjoint.

Montpellier, le 11 Novembre 1897.

Pour le Président empêché

E. de Fresquet.

(Signature illisible)

M. Henri Couve deu-me as seguintes informações mais:

Décédée à la Paroisse St. Mathieu.

Enterrée à la section des GS. n. 47. (Dans le terrain commun; les restes sont perdus).

Documentos obtidos no Grande Liceu de Montpellier.

LICÉE DE MONTPELLIER
Cabinet du Censeur.

ISIDORE COMTE — PENSIONNAIRE.

1807

6^e Classe de Latinité

Prix de Prééminence

2^e Prix de Version Latine



1808

*4^e Classe de Latinité*1^{er} accessit de Thème latin*6^e classe de Mathématiques*1^{er} accessit de Prééminence

1809 et 1810 manquent

1811

*Humanités supérieures*1^{er} Prix de Prééminence1^{er} Prix de Thème latin1^{er} Prix de mémoire*Mathématiques spéciales*2^e accessit de Prééminence1^{er} accessit d'Algèbre

1812

*Rhétorique*1^{er} accessit de Prééminence1^{er} Prix de discours français3^e accessit de vers latins.

1813

Prix unique de mathématiques spéciales. 2^e année.

1814

Mathématiques

Hors concours pour avoir eu le prix l'année précédente.

Esses dados foram extrahidos de antigos *palmarès* pelo censor, M. Turc. Tais *palmarès* são os únicos documentos que restão da epoca em que o nosso Mestre esteve no Liceu, conforme me informou M. Turc. Dos mesmos *palmarès*, só copiei o seguinte que se refere ao ensino da matematica; existem porem neles indicações a respeito do programa de outras materias.

1811

Professeur—St Amans

*Mathématiques Spéciales*Algèbre 2^e Partie.

I Formule du binome d'après les permutations et combinaisons.



II Extractions des racines des quantités complexes, et moyen d'approcher les racines des quantités qui ne sont pas des puissances parfaites.

III Des équations à deux termes, et de celles qui peuvent se résoudre par la méthode employée pour le 2^e degré.

IV Calcul des radicaux et des exposans fractionnaires.

V Théorie des équations, proposition fondamentale.

VI Élimination des inconnues entre des équations des degrés supérieurs au premier. Procédé d'Euler à ce sujet.

VII Théorie complète des racines égales et commensurables des équations numériques.

VIII Résolution par approximation des équations numériques; Méthodes de Newton et de M. Lagrange.

IX Théorie des proportions.

X Des progressions, terme générale et somme de tous les termes

XI Séries convergentes et divergentes.

XII Théorie des logarithmes, leur nature, leurs propriétés et leur calcul.

Trigonométrie rectiligne.

I Des sinus, cosinus, tangentes, etc., et de leurs rapports.

II Formule du sinus et du cosinus de la somme ou de la différence de deux arcs.

III Construction des tables.

IV Principe pour la résolution des triangles rectilignes et résolution de problèmes relatifs.*

1812

Mathématiques Transcendentes

Sections coniques de Biot et de la statique de Francœur.

1813

Mathématiques spéciales (2^e année).

Les élèves répondront sur toutes les parties des mathématiques dont la connaissance est exigée pour l'admission à l'École Polytechnique.

* Messieurs les élèves ont des leçons sur la levée des plans et sur l'arpentage.



Foi durante os anos de 1812, 1813, e 1814, que o nosso Mestre teve por mestre o venerando pastor Daniel Encontre (SINTEZE SUBJETIVA, p. LVI).

Como se vê por esses documentos, o nosso Mestre obteve em 1813 o *premio unico* de matematicas especiais; e, sob esse titulo se comprehendião *todas as partes das matematicas cujo conhecimento era exigido para admissão na Escola Politecnica.*

Si eu não estivesse preocupado com a minha volta, demorar-me-ia ainda alguns dias em Montpellier e iria a Jonquières, onde esperava encontrar parentes de Rozalia. Com effeito, o Dr. Robinet me informára que ali vivia um sobrinho da santa Mãe do nosso Mestre. Mas o essencial pareceu-me que estava concluido. Assaltavão-me a cada instante as apprehensões eom que alguns dos nossos confrades encararão a minha viagem; persuadi-me, pois, que não era justificada a minha permanencia em Montpellier. Rezolvi, por isso, voltar na mesma tarde para Paris, no rapido que partiu ás 7^h e 10^m e chegou ás 9^h da manhan seguinte, 6 de Frederico (10 de Novembro).

Não encontrando a resposta do Ministro da Guerra, acerca da autorização para copiar os documentos existentes na Escola Politecnica, relativos a Augusto Comte, fui á legação pedir ao Sr. Gabriel de Piza para interessar-se por ela. Este disse-me que não tinha noticias especiais do Rio. Constava a decretação do estado de sitio.

Achei, porem, na livraria de M. Blanchard, a resposta de M. Bourchenin á carta que eu lhe havia escrito pedindo informações biograficas e alguns autografos de Daniel Encontre. Tambem encontrei, no hotel, o bilhete de M. Mercadier, de que já falei.

No dia 7 de Frederico (11 de Novembro) fui a Amiens procurar documentos relativos a Sofia. De manhan recebi o bilhete do Sr. G. Piza comunicando-me que estivera com o official de gabinete do Ministro da Guerra, o qual lhe prometêra fazer o possivel para resolver com prontidão o meu pedido. Na volta de Amiens recebi os autografos de Daniel Encontre, que M. Bourchenin teve a gentileza de doar á nossa Igreja.



Tais são as informações e documentos que obtive durante a minha estada em França. Só resta-me, pois, indicar-vos as circumstancias que induzirão-me a partir sem ter esperado a solução do meu requerimento ao Ministro da Guerra, e me obrigarão a desistir da visita á Inglaterra e á Irlanda.

Passavão de 6 horas da tarde de 7 de Frederico (11 de Novembro), quando cheguei de Amiens, e na mesma tarde fui á livraria de M. Blanchard, onde encontrei os autografos de Daniel Encontre, de que falei acima. Também recebi, nessa ocasião, a correspondencia do Rio. Até aquella data não se tinham recebido cartas minhas. Entretanto eu escrevêra de Pernambuco e a carta fôra registrada. Este fato, juntando-se ás apreensões inspiradas pela situação politica, determinarão-me a passar um telegrama, de cuja resposta esperava noticias que, apesar do seu laconismo necessario, seriam bastantes para tranquilizar-me.

No dia 8 de Frederico (12 de Novembro) escrevi a Mme Ve Abrie e a M. Bourchenin, agradecendo os autografos de Daniel Encontre.

Passel o dia ansioso, á espera da resposta do meu telegrama e da autorização que solicitára ao Ministro da Guerra. A' noite, fui ao telegrafo certificar-me si o telegrama havia sido entregue. Disserão-me que sim: e, á vista da falta de resposta, rezolvi partir na tarde do dia seguinte, si até então ella não tivesse vindo.

O dia 9 de Frederico (13 de Novembro) foi gasto em preparativos de viagem. Sahi pela manhã para despedir-me do nosso confrade Paulo Thomas, que entregou-me, nessa ocasião, as tocantes reliquias dos seus Pais. Dahi segui para o Père Lachaise. Em vez da solene despedida que eu projetára, tive de rezignar-me a um rapido adeus!... Mas que consoladora surpresa me aguardava!... Havia desaparecido o doloroso espetaculo que tantas e tão amargas apreensões me causára na tarde da minha chegada!... Encontrei restaurada a sepultura



de Clotilde!... Não poderia descrever-vos as gratíssimas emoções que vierão assim fazer-me esquecer por momentos, infelizmente bem curtos, as sombrias preocupações que me assaltavam... Mas o tempo urgia; mal pude testemunhar aos nossos Pais espirituais os saudosos sentimentos com que me afastava dos seus idolatrados restos...

A minha viagem me fizera sentir, como nunca, as inapreciáveis reações morais da atividade industrial da Humanidade. Era, de fato, com um inexaurível reconhecimento que eu não cessava de representar-me a convergência de todas as maravilhas da Indústria para a exequibilidade de uma pobre missão puramente afetiva... Mas ao separar-me, para sempre provavelmente, das sepulturas dos nossos Pais espirituais, não pude impedir que o meu pensamento se transportasse melancolicamente para as lacunas que ainda subzistiem... Quanto resta ainda á atividade e á intelligencia realizarem afim de corresponder aos votos do altruismo!... Quanto peza ainda sobre os nossos corações o enorme oceano que constitúi, ao mesmo tempo, o laço e a separação entre os povos!... Entretanto não é da Terra que partem os maiores obstaculos á solução dos problemas que tanto interessão á fraternidade universal... Os maiores obices estarião vencidos ha muito, si a anarchia cruel do Prezente não esterilizasse os resultados accumulados pelos esforços mentais e praticos do Passado. Triunfe a Religião da Humanidade, e a aurora seguinte iluminará, como por encanto, os prodigios industriais que só as trevas do egoismo furtão aos nossos olhares...

E essas amargas reflexões ainda mais me fazião sentir a incomparavel grandeza do Par sublime a quem devenios a nossa fé... No momento de separar-me dos seus corpos sacratissimos; em meio das saudades que me prendião aos seus tumulos: era do triunfo só da religião que Eles nos legarão que podia esperar a satisfação dos meus votos mais ardentes! Sem duvida, é em nós mesmos que os nossos Pais supremos gozão da sua existencia imortal, e o melhor testemunho da nossa gratidão consiste nos esforços incessantes para tornar-nos cada vez menos indignos dessa inefavel comunhão. Mas nada pôde robustecer tanto semelhantes esforços como o sentir-se rodeado do mesmo meio que Eles e



ver-nos juntos dossagrados despojos que nos recordão as mais sublimes das individualizações da Humanidade. . Posso assegurar-vos que essa fatal separação não me pareceu mais dolorosa do que si tivesse tido a incomparavel ventura de encontrá-los vivos e ouvir dos seus proprios labios a benção da despedida...

Ao sair do cemiterio, apenas tive tempo de ir á caza buscar o retrato da nossa immaculada Mãi espiritual que devia oferecer a M^{me} Maximilien Marie. Eu a tinha prevenido da minha visita, mas não contava então que seria a ultima. Fui recebido por ventura com mais benevolencia do que das vezes anteriores, tendo-se dignado apparecer-me, com a sua filhinha, M^{me} de Rouvree e a irmã de M. de Rouvre.

Era a terceira vez apenas que eu ia á rua d'Amsterdam; o acolhimento, porem, que a Familia de Clotilde se dignára dar-me foi tão benevolo que dissipára qualquer constrangimento, e permitia-me um respeitozo abandono. Creio que a minha attitude não seria muito diferente si eu fosse um filho objetivo de Clotilde, do qual a sua Familia só então houvesse tido conhecimento. Podeis, por ahi, figurar-vos as emoções com que, no momento da despedida, ouvi de M^{me} Marie a melancolica reflexão de que provavelmente não a veria mais nunca!... É quasi certo que assim seja. Mas a morte só conseguirá apagar da minha memoria as doces imagens e as afetuosas palavras que continuamente me recordão a extrema benevolencia com que fui distinguido.

Passava de trez horas quando sahi da rua d'Amsterdam e dirigi-me, com o nosso correigionario San Juan, que me veio encontrar, para a agencia da Royal Mail, afim de saber a resposta que esperava de Southampton sobre a minha passagem. A companhia consentira em mandar receber-me, em Lisboa, a bordo do *Clyde*. Fui, pois, tomar um lugar no *Sud-Express* que devia partir nesta tarde, e dahi segui para a nossa legação, afim de despedir-me do Sr. Piza.

Recebi o mesmo benevolo acolhimento das vezes anteriores. Poucas noticias, porem, obtive do Brazil; e essas poucas não podião tranquilizar-me sobre a conduta do Governo.

Da legação segui para a caza do nosso Mestre. Mas, na passagem, entrei na livraria Le Scudier, em que.

trabalha M. Kun, para dizer-lhe adeus e pedir-lhe o obsequio de desculpar-me junto a M. Alfredo Debuissou por não haver ido despedir-me dele, conforme prometêra.

Já estava escurecendo, quando cheguei á rua Monsieur le Prince. A conservadora do sagrado apozeno extranhou a principio que fosse eu vizitar a casa do nosso Mestre áquella hora. Porem acedeu ao meu pedido, quando lhe disse que devia partir naquele momento e que apenas dezejava contemplar pela ultima vez o quarto em que nosso Mestre expirára. Não percorri pois a casa; fui introduzido pela porta que dá para a escada. Fiz apenas rapidas invocações mentais junto ao altar de Clotilde, o leito mortuario do nosso Mestre e o ramallete, que eu supunha o sagrado mimo da nossa terna e immaculada Mãe. Neles depozitei o osculo de amor que a Fatalidade me impedira de dar aos entes que tão inestimaveis reliquias nos recordão. E sahi...

Só tive tempo para tomar a minha mala no hotel e seguir para a estação, onde despedi-me do meu primo Americo Quadros, e dos nossos correligionarios Montenegro, San Juan, Cree, e Arrau. Poucos minutos depois (7^h e 22^m da tarde) afastava-me vertiginosamente de Paris, com a emoção de quem nunca mais tornaria a ver a incomparavel Metropole...

Terminando estas informações sobre a minha estada em Paris, devo mencionar-vos que tive a satisfação de conhecer ali pessoalmente a Familia do nosso falecido confrade Henry Edger.

No dia 15 de Descartes (22 de Outubro) quando voltava de uma das minhas vizitas á casa onde Clotilde faleceu, encontrei um cartão de Mme Ve Edger, que me surprehendêra com a honra da sua vizita. Nesse cartão Mme Ve Edger me dizia que já me teria procurado, si não esperasse que eu a fosse ver. Na verdade Mme Ve Edger tinha razão de extranhar a demora em ir cumprimentá-la. Mas as preoccupações que me absorvião desde a minha chegada erão a unica explicação da minha falta. Rezolvi repará-la, indo com o nosso confrade Montenegro retribuir-lhe a vizita nesta mesma noite.

Mme Ve Edger tratou-me com muita cordialidade. Na ocasião ella só se achava com a filha, uma menina

de fisionomia simpática e ingenua, e o mais moço dos seus filhos, os quais reeebêrão o nosso confrade Montenegro com o carinho de pessoa da Família. M^{me} Ve Edger falou-me com saudade e entusiasmo do nosso inolvidável confrade Jorge Lagarrigue, manifestando profundíssimo pesar pela sua morte. Indagou com interesse pelo filho do nosso Diretor, e pelo mais velho dos meus, que ela vira, pelo ultimo *boletim* nosso, estarem aprendendo ofícios. Alguns dias depois, recebi a vizita do seu filho Augusto Paulo Edger.

Entre os executores testamentarios de Augusto Comte, alem de M. Kun e o Dr. Robinet, estive com M. Alfredo Dubuisson, que me escrevêra manifestando o dezejo de ver-me. De fato, recebi a sua vizita a 16 de Descartes (23 de Outubro). Como era natural, o assunto da conversa foi a situação do Positivismo. Infelizmente ficou patente que não era possível apreciarmos do mesmo modo os acontecimentos e os homens. Prometi-lhe que iria visitá-lo antes de partir. E só a precipitação da minha volta impediu-me, bem a pesar meu, de desempenhar-me de semelhante compromisso.

Tive também o prazer de estar com o nosso correli-gionario M. Maurice Kurz, que me viera proeurar, mas não me encontrára. A lembrança da vizita que lhe fiz a 21 de Descartes (28 de Outubro) constitúi uma das mais gratas recordações que conservo da minha estada em Paris. É cazado e tinha tres filhinhos, dos quais a ultima contava cinco mezes então. Infelizmente não pude conhecer M^{me} Kurz, porque já era noite e uma das crianças estando adoentada, ela já se achava recolhida. Prometi-lhe que o iria ver outra vez antes de voltar, mas foi esse ainda um dezejo que não pude realizar.

Devo finalmente completar a indicação do concurso que, para o desempenho da minha missão, prestou-me M. Blanchard. Não recebi da sua parte somente um afavel acolhimento e uma solícita assistencia no que concerne ás suas funções industriais. Procurou também auxiliar-me nos passos que dei para obter documentos, já relativos ao processo de que fala Littré, a proposito da crise cerebral do nosso Mestre, já acerca da infelicidade conjugal de Clotilde. O malogro de tais passos em nada pôde diminuir o valor moral dos obsequios que recebi e o meu reconhecimento.



Ahi tendes, meus caros confrades, o que foi a minha vida durante o tempo que auzentei-me do Rio. Como vêdes, uma parte da minha missão ficou por preencher e a outra não pôde ser dezenipenhada sinão precipitadamente. Com effeito, ao sahir do Brazil, tinha tenção de demorar-me em Montpellier o tempo indispensavel para recolher todas as informações que julgo dezejaveis sobre a Mãe do nosso Mestre e a infancia dele, bem como certificar-me do que não é mais possivel de ser sabido, em consequencia do dezaparecimento das fontes. Esperava tambem obter alguns dados sobre a estada do nosso Mestre na Escola Politecnica. Contava enfim ir á Inglaterra recolher, dos confrades que tiverão a felicidade de conhecer o nosso Mestre e a sua incomparavel Filha adotiva, informações sobre ambos. Teria então ensejo de travar relações pessoais com a Igreja britanica e estreitar ainda mais os laços cordiais que já unem a ela a Igreja brasileira.

Os acontecimentos imprevistos que se derão no Rio redazirão ao minimo a minha demora em Montpellier e fizeram-me deixar com infunda amargura a terra natal do nosso Mestre, sem ter vizitado o lugar em que nacêra Rozalia Boyer. Quanto ás informações sobre a estada do nosso Mestre na Escola Politecnica, sahi de Paris muito esperançado, quazi certo mesmo, de tudo obter. Entretanto essa esperança só em diminutissima parte pôde ser realizada, como vos passo a expôr.

Obrigado a deixar Paris, perguntei ao Sr. San-Juan si podia, quando viesse autorização do Ministro da Guerra, encarregar-se de fazer a copia dos documentos existentes na Escola Politecnica. O nosso prestimozo conceladão respondeu-me afirmativamente; não só quanto a este ponto, mas ainda quanto á copia da memoria do nosso Mestre, relativa á mecanica celeste, apresentada, em 1835, á *Academia das Siencias*. Ao despedir-me, pois, do Sr. Gabriel de Piza, comuniquei-lhe este fato, e pedi-lhe que se dignasse apresentar o Sr. San-Juan, em meu lugar, ás autoridades competentes. O nosso Ministro acedeu cavalheirescamente ao meu pedido.

Porem, a 18 de Bichat de 109 (20 de Dezembro de 1897), poucas semanas depois de chegar ao Rio, recebi uma carta do Sr. San-Juan, comunicando-me o malogro dos passos que eu dera para obter os documentos



existentes na Escola. * Eis o que se passára: O General Billot mandára o meu requerimento á Escola Politécnica, para ser informado, e M. de Rochas dissera na sua informação:

« Si os direitos do historiador que exigem que a verdade seja feita, sobrelevão os inconvenientes que possão rezultar da revelação de rezoluções, *algumas das quais secretas*, e que dizem respeito a pessoas, *uma das quais ainda existe*, é a vós, Sr. Ministro, que eabe rezolver. »

Acompanhava esta informação um exemplar do meu opusculo refutando as acuzações de M. Bertrand.

Sabendo disso, o Sr. San-Juan proeurou ainda ver si o Sr. Gabriel de Piza interviria junto ao General Billot, em favor do meu pedido. Mas o nosso Ministro respondeu que nada mais havia a fazer a tal respeito. E a 30 de Novembro me era dada, pelo Ministerio da Guerra, a seguinte resposta, que o Sr. San-Juan apressou-se em transmitir-me:

Ministère
de la Guerre

4e Direction
(Génie)

1er Bureau
Personnel

RÉPUBLIQUE FRANÇAISE

Paris, le 30 Novembre 1897.

Le Ministre de la Guerre
à Monsieur Teixeira Mendès.

Hôtel de Suez (Boulevard St. Michel 31)
à Paris.

NOTA — Les réponses doivent être adressées au Ministre et porter en marge les indications ci-dessus.

Demande en autorisation de copier certains documents, dans les archives de l'École Polytechnique.

5431

Monsieur, vous avez bien voulu m'adresser, le 4 Novembre courant, sous le couvert de M. le Chargé d'affaires du Brésil à Paris, une demande à l'effet d'être autorisé à copier dans les archives de l'École Polytechnique certains documents intéressant la vie d'Auguste COMTE.

Il résulte de la note que vous avez fait parvenir à M. le Directeur des études du dit établissement, pour préciser la nature des renseignements qui vous seraient

* E depois da sua volta, o Sr. San-Juan informou-me tambem de que não conseguira copiar a *Memoria* existente na *Academia das Sciencias*, por não ter obtido uma autorização dos executores testamentarios do nosso Mestre.

nécessaires, que le document qui devrait vous être notamment confié est le registre des Délibérations du Conseil de Perfectionnement de l'École.

Ces délibérations, aux termes des règlements en vigueur devant être tenues secrètes, j'ai le regret, Monsieur, de vous faire connaître qu'il m'est impossible de vous accorder l'autorisation demandée.

Recevez, Monsieur, l'assurance de ma considération,

(Signé) *Billot.*

Julgando do meu dever solicitar do General Billot a reconsideração da sua decisão, dirigi-lhe a seguinte carta:

Copia da minha 2ª carta ao General Billot.

Rio, le 26 Bichat 109 (28 Décembre 1897)

À Monsieur le Général Billot, Ministre de la Guerre de la République Française, etc.

Monsieur le Ministre,

J'ai l'honneur d'accuser réception de la réponse que vous avez bien voulu donner à la demande que je vous ai faite le 4 Novembre dernier, pendant mon séjour à Paris, et que M. Gabriel de Pisa, Chargé d'affaires du Brésil à la même Capitale, a eu la bonté de vous faire parvenir. Il est vraiment bien douloureux que les termes du règlement en vigueur à l'École polytechnique ne permettent pas d'acquiescer les moyens indispensables à la juste défense de la mémoire du plus grand Penseur dont la France et l'Humanité puissent jamais s'honorer. J'en appelle, M. le Ministre, à la chevaleresque loyauté que de nobles traditions ont du moins conservé parmi les dignes militaires. Tout récemment encore un des ennemis personnels du Philosophe se servait de la haute position scientifique qu'il occupe en France pour jeter les plus cruels soupçons sur la probité didactique du grand Régénérateur qu'il a aidé à persécuter, il y a un demi-siècle environ. Et trouveriez-vous juste qu'une disposition réglementaire empêchât la *vérité historique* de se faire, au profit de l'honneur et de la gloire d'un homme qui est l'honneur et la gloire de sa Patrie?



Permettez-moi, M. le Général, de vous rappeler que je ne vous demande que les moyens de faire éclater la vérité, rien que la vérité. Qu'est qu'on craint ? Le blâme qu'elleréjaillirait sur les persécuteurs d'Auguste Comte ? Réfléchissez, M. le Ministre, que le refus même de publier les documents dont il s'agit ne peut que rendre ce blâme inévitable, car le déni de publicité est une confession tacite du tort qu'on a fait. Quel intérêt public peut-on invoquer pour motiver un pareil mystère ? La renommée des citoyens est le patrimoine le plus sacré de la Famille, de la Patrie, et de l'Humanité, comme vous le savez : elle ne peut donc rester à la merci des détracteurs sans scrupules. Vivant, Auguste Comte saurait confondre ses calomniateurs ; mort, la défense de sa mémoire incombe à tous ceux qui profitent de son incomparable dévouement à la régénération sociale. Et, puis qu'il n'a plus de parents, il ne lui reste que sa Patrie et l'Humanité pour le défendre. C'est au nom de l'Humanité que je vous ai prié et que je vous prie encore de m'accorder les moyens indispensables pour compléter cette défense. Mais je crois vous donner une preuve irrécusable de ma gratitude et de mon amour envers la France en faisant cette démarche.

En vous priant de vouloir bien considérer de nouveau votre décision du 30 Novembre dernier, je joins une copie de la note que j'ai remise à M. Tarry. Vous verrez, M. le Ministre, que j'y demande des renseignements qui, par leur nature, ne peuvent avoir le moindre caractère réservé, outre ceux qui ont motivé votre décision. J'espère donc que, si, par des raisons que je ne peux pas même conjecturer, vous persistiez à vous croire dans l'impossibilité de déférer à ma demande générale, vous aurez la bienveillance de m'accorder du moins ces autres renseignements, y compris la lettre de M. le Maréchal Soult, duc de Dalmatie, du 15 juillet 1844.

Agréez, M. le Ministre, avec mes sincères remerciements, l'assurance de mes respectueux sentiments.

Tout à vous dans l'amour, la foi, et le service de l'Humanité.

R. Teixeira Mendes,

Vice-directeur de l'Apostolat Positiviste au Brésil.
42, Rue Benjamin Constant.



Renseignements sur la vie d'Auguste Comte.

(Copie de la note remise à M. Tarry).

1. Quels étaient les membres du Conseil Polytechnique en 1843?
2. Procès-verbal de la réunion du Conseil le 28 Avril 1843.
3. Quels étaient les 5 membres nommés pour faire un rapport sur la nomination d'Auguste Comte?
4. Procès-verbal de la réunion du 13 Mai 1843.
5. Idem du 19 Mai 1843.
6. Idem du 27 Mai 1844.
7. Lettre du Ministre de la Guerre (Maréchal Soult) du 15 Juillet 1844.
8. Quels étaient les membres du conseil de perfectionnement en 1844?
9. Procès-verbal de la réunion de ce conseil le 16 Décembre 1844.
10. Quels étaient les membres du conseil de perfectionnement en 1848?
11. Quels furent les candidats proposés?
12. Quel a été le ministre qui a fait les nominations?
13. A quelle date ont-elles été faites?
14. A quelle date Duhamel a laissé la place de directeur des études?
15. A quelle date Bommart l'a remplacé?
16. A quelle date a été la réunion du conseil qui a proposé un autre pour la place de répétiteur en 1851?
17. Qui est-ce qui a été proposé?
18. A quelle date il a été nommé?
19. Procès-verbal de cette réunion.
20. Quels étaient les membres du conseil de perfectionnement?
21. A quelle date Auguste Comte a été nommé répétiteur en 1832?
22. A quelle date Auguste Comte a été nommé examinateur d'admission en 1837 (Juillet)?

O General Billot teve a bondade de atender, em parte, ao meu pedido e dar-me a seguinte resposta, que recebi a 9 de Aristoteles de 110 (6 de Março de 1898):



Copia da resposta do General Billot á minha 2ª carta.

Ministère
de la Guerre

Direction
du Génie

Bureau
du Personnel

631.

RÉPUBLIQUE FRANÇAISE

Paris, le 17 Février 1898.

Le Ministre de la Guerre
à Monsieur Teixeira Mendès
Rue Benjamin Constant n. 42
à Rio

Monsieur, vous avez bien voulu m'adresser, le 28 Décembre dernier, une nouvelle demande à l'effet d'être autorisé à prendre communication de certains documents existants dans les archives de l'École Polytechnique et intéressant la personne de M. AUGUSTE COMTE.

Sur les 22 demandes contenues dans la note annexée à votre lettre, quinze m'ont paru pouvoir recevoir une réponse sans inconvénient et vous trouverez ces réponses dans la note ci-jointe.

Quant à celles qui portent les numéros 2, 4, 5, 6, 7, 9 et 19, elles entraîneraient la communication des procès-verbaux de séances des Conseils de l'École ou d'une lettre adressée par un Ministre de la Guerre au Conseil de Perfectionnement.

Or, cette lettre, de même que les discussions qui se produisent dans les Conseils de l'École, étant confidentielle, j'ai le regret de ne pouvoir donner que partiellement satisfaction à votre demande.

Recevez, Monsieur, l'assurance de ma considération distinguée.

(Signé) *Billot.*

Copia da nota que acompanhou a resposta precedente

Ministère
de la Guerre

École Polytechnique

Numéro
des questions

RÉPUBLIQUE FRANÇAISE

Paris, le 17 Février 1898.

RÉPONSE AUX DEMANDES DE M. MENDÈS.

1 — Le Directeur des études, les Professeurs, le Général Commandant l'école et le commandant en second;



Ceux qui assistèrent à la séance du 28 Avril 1843 sont : le Général Boileau, le Colonel Guillemain, MM. Sturm, Lamé, Hase, Chasles, Pelouse, Liouville, Leroy et Coriolis.

- 3 — MM. Coriolis, Sturm, Leroy, Chasles, Lamé.
- 8 — Colonel Lesbros, Général de Beaupré, Général de Coisy, de Sénarmont, Général Vailant, Leroy, Sturm, Reynaud, Maingant, Cavenne, Regnault, Duhamel, Babinet, Bonnard, Lamé, Mathieu.
- 10 — Général Poncelet, commandant Lebœuf, Duhamel, Lamé, Mathieu, Chevreul, de Sénarmont, Babinet, Thénard, Poinot, Ch. Dupin, Chasles, Reynaud, Regnault, Liouville, de Coisy, Boucher, Leroy, Beauteemps-Beaupré, Cavenne, Maingant, Cordier, Général de Tournemine, Général Lyautey, Général Guillemain, Général Noizet, Général Cramay, et Colonel Bonie.
- 11 — Dans la séance du 11 Avril 1848, les candidats qui s'étaient présentés étaient MM. Comte, Bertrand, Transon, Wantzel, Hermite, Serret (nomination d'un examinateur temporaire d'admission).
Le conseil présenta en 1^{ère} ligne : M. Bertrand ; en 2^e ligne M. Comte.
Dans la séance du 3 Juillet, pour la nomination de deux examinateurs d'admission, en remplacement de MM. Bourdon et Dinet, les candidats étaient MM. Comte, Hermite, Serret, Transon, Bonnet, Catalan.
Le conseil présenta : en 1^{ère} ligne MM. Hermite et Serret ; en 2^e ligne, Transon et Bonnet.
- 12 et 13 — Arago, pour la nomination de M. Bertrand, 29 Avril 1848 ; Général de la Moricière, pour la nomination de MM. Hermite et Serret, Juillet 1848.



Número
des questions

- 14 — 23 Janvier 1851.
- 15 — 27 Fevrier 1851.
- 16 — On n'en trouve pas trace dans les Procès-verbaux des conseils.
- 17 — M. Bertrand.
- 18 — Le 20 Novembre 1851.
- 20 — Le Général Bonnet, Colonel Frossard, Mathieu, Général Noizet, Olivier, Général Piobert, Bommart, Général Poncelet, Le-verrier, Général Morin, Mary, Thénard.
- 21 — Le 22 Décembre 1832.
- 22 — Le 1^{er} Juillet 1837.

Em agradecimento destas informações, escrevi a seguinte carta ao General Billot:

Copia do agradecimento ao General Billot

Rio, le 11 Aristote 110 (8 Mars 1898)

A Monsieur le Général Billot, Ministre de la Guerre de la République Française, etc.

Monsieur le Ministre,

Je viens vous remercier de la bienveillante réponse que vous avez daigné faire à ma lettre du 26 Bichat dernier (28 Décembre 1897). Mais, en vous témoignant ma sincère reconnaissance, consentez-moi de vous rappeler respectueusement, pour la dernière fois, que votre décision va permettre aux ennemis d'Auguste Comte de continuer leur campagne de dénigrement contre le plus grand Penseur dont la France et l'Humanité puissent jamais s'honorer. Au nom de la France et de l'Humanité, je vous prie de ne pas oublier cette reflexion au milieu de vos absorbantes préoccupations gouvernementales. Et, si elle pourrait un jour modifier votre opinion actuelle, veuillez bien m'accorder la permission que vous jugez de votre devoir me refuser à présent.

En terminant ce remerciement, je vous prie de vouloir bien accepter un exemplaire de mon opuscule sur le *Positivism et la Pédantocratie Algébrique*, comme une petite marque de ma reconnaissance. Vous y trouverez l'explication des haines académiques que

esmalte, com a dedicatória: *A son Père spirituel, l'Eglise Positiviste du Brésil.*

2º Idem de folhas de hera e louro com flores de biseuit, enquadrando o mesmo esmalte, com a dedicatória: *A sa Mère spirituelle, l'Eglise Positiviste du Brésil.*

3º Idem de folhas de hera e violeta, com flores de biseuit, enquadrando o mesmo esmalte, com a dedicatória: *A la vénérable Mère de notre Maître, l'Eglise Positiviste du Brésil.*

4º Idem de folhas de violetas e rozas, com flores de biseuit e enquadrando um esmalte, representando o nosso Mestre no seu leito de morte, segundo o esboço do nosso confrade Decio Vilares, com a dedicatória: *A la Fille adoptive de notre Maître, l'Eglise Positiviste du Brésil.*

Essas coroas foram depositadas nos santos sepulcros pelo nosso confrade Montenegro, depois da minha partida para o Rio. No tumulo do nosso Mestre fleirão a que lhe era consagrada e a que testemunhava a nossa gratidão á sua piedosa Mãe.

Depois da minha chegada ao Rio, obtive mais as seguintes informações:

O Dr. Robinet, em carta de 6 de Março de 1898, escreveu-me:

« Mais il n'y a rien, en fait de lettres, rue Monsieur le Prince, de M^{me} Comte mère et de M. Comte père à leurs fils. Ils ne correspondaient que par l'intermédiaire de M^{lle} Alix Comte.

« Etex, pour le portrait de Rosalie Boyer, n'a eu d'autres indications que les renseignements oraux de notre Maître. »

O Dr. Cree enviou-me a seguinte copia de um bilhete de Augusto Comte a Tabarié: *

A M. Emile Tabarié, à Montpellier

Chez M. le Docteur Bertin.

Monsieur,

Conformément à la résolution indiquée dans ma lettre du 2, je n'ai rien à répondre à celle que je reçois

* O Dr. Cree ia apresentar-me a Mme. Vve. Tabarié; mas o tempo da minha estada em Paris não permitiu que se realizasse essa vizita.

de vous à l'instant sous la date du 20, si ce n'est que je vous remercie très sincèrement de votre condescendance à accepter cordialement les arrangements que je vous ai proposés, et dont j'attends la réalisation, qui doit, ce me semble commencer par vous, étant moi-même tout prêt à remettre les trois engagements dont je vous ai parlé à la personne quelconque qui, de votre part, me remettra, en échange, l'ancien reçu délivré, en mon nom, par ma femme.

Paris, le samedi 24 Fevrier 1844.

(Signé) A.^{te} Comte.

O nosso confrade Paul Thomas remeteu-me, em satisfação de um pedido meu, as seguintes notas:

*Dédicaces des ouvrages offerts à M^{me} Sophie Thomas
par Auguste Comte.*

1^o—SYNTHÈSE SUBJECTIVE, imprimée par Thunot, rue Racine 26, en Novembre 1856.

A mon incomparable fille adoptive,

Paris (10, rue Monsieur le Prince), le 19 Aristote 69. -
Auguste Comte.

2^o—SYSTÈME DE POLITIQUE POSITIVE, imprimée par Thunot, 26 rue Racine, en Juillet 1851.

A mon excellente fille adoptive

Sophie Bliot, (Madame Martin),

le seul vivant de mes trois anges-gardiens.

Paris, le 17 Dante 63 (Vendredi 1^{er} Août 1851).

Auguste Comte

10 rue Monsieur le Prince.

3^o—CATÉCHISME POSITIVISTE, imprimée par Thunot, rue Racine 26, en Octobre 1852.

Au seul vivant de mes trois anges-gardiens.

ma chère fille adoptive

Madame Martin (née Sophie Bliot)

Paris, le 9 Descartes 64.

Auguste Comte

né à Montpellier le 19 Janvier 1798.



4^e—CATÉCHISME POSITIVISTE (2^{ème} exemplaire de la même édition).

Au seul vivant de mes trois anges-gardiens.
ma chère fille adoptive

Madame Martin (née Sophie Bliot)
Paris, le 10 Descartes 64.

Auguste Comte.

FABLES DE LA-FONTAINE, Lehuby, éditeur, rue de Seine n. 53, ci-devant n. 18—1842.

Témoignage d'affectueuse satisfaction
donné, par le fondateur du positivisme,
au jeune Paul Martin,

né, chez moi, le jeudi 13 Juillet 1848,
jour du premier mariage positiviste.

Paris, le vendredi 26 de Charlemagne 67
(13 Juillet 1855),

Auguste Comte

(10, rue Monsieur le Prince)

né, le 19 Janvier 1798, à Montpellier.

Notes d'Auguste Comte sur un exemplaire des FABLES DE LA-FONTAINE, imprimée par Didot aîné, An VII.

Livre I, Fable XVI—LA MORT ET LE BUCHERON.

En regard des deux premiers vers :

Un pauvre bucheron, tout couvert de ramée
Sous le faix du fagot aussi bien que des ans

Cette note : *Ce début est bien beau ! (A. C.)*

Livre I, Fable XII — LE CHÊNE ET LE ROSEAU.

En regard des deux vers :

Vous avez bien sujet d'accuser la nature
Un roitelet pour vous est un pesant fardeau.

Cette note : *Que de poésie, que d'harmonie. (A. C.)*



Livre II, Fable XIII — L'ASTROLOGUE QUI SE LAISSE
TOMBER DANS UN Puits.

En regard des vers :

Parmi ce qui de gens sur la terre nous sommes
Il en est peu qui fort souvent
Ne se plaisent d'entendre dire
Qu'au livre du Destin les mortels peuvent lire.

Cette note : *Vailà de la manière de Virgile, le nombre, l'harmonie.* (A. C.)

Livre IV, Fable VII — LE SINGE ET LE DAUPHIN.

En regard des premiers vers :

C'était chez les Grecs un usage
Que sur la mer tous voyageurs
Menaient avec eux en voyage
Singes et chiens de bateleurs.

Cette note : *On reconnaît là le talent de Jean La-Fontaine.* (A. C.)

Livre V, Fable I — LE BUCHERON ET MERCURE.

En regard des vers :

Comme la force est un point
Dont je ne me pique point,
Je tâche d'y tourner le vice en ridicule
Ne pouvant l'attaquer avec des bras d'Hercule.

Cette note : *Bon La-Fontaine ! comme tu sais rendre la vertu aimable ?* (A. C.)

Livre V, Fable V — LE RENARD AYANT LA QUEUE
COUPÉE.

En regard des premiers vers :

Un vieux renard, mais de plus fins,
Grand croqueur de poulets, grand preneur de lapins.

Cette note : *Que d'esprit ! que de gout ! dans cette fable* (A. C.)



Livre VIII, Fable II—LE SAVETIER ET LE FINANCIER.

En regard des premiers vers :

Un savetier chantait du matin jusqu'au soir
C'était merveille de le voir,

Cette note: *Modèle de précision et de naturel.*
(A. C.)

Livre VIII, Fable VI—LES FEMMES ET LE SECRET.

En regard ou plutôt à la suite des quatre premiers vers :

Rien ne peut tant qu'un secret etc.

Cette note: *Il n'y a que La-Fontaine pour avoir ce naturel, cette précision.* (A. C.)

Livre X. Fable XI — LES POISSONS ET LE BERGER QUI
JOUE DE LA FLUTE.

En regard des vers :

O vous, pasteurs d'humains et non pas de brébis,
Rois qui croyez gagner par raison les esprits.

Cette note: *Maxime fausse.* (A. C.)

Livre X, Fable XVI—LE MARCHAND, LE GENTILHOMME,
LE PÂTRE, ET LE FILS DE ROI.

En regard des vers :

Ils s'assirent enfin au bord d'une fontaine

Cette note: *La morale de cette fable est vague, on pourrait en tirer des résultats opposés et mieux fondés.*
(A. C.)

Livre XI, Fable IV — LE SONGE D'UN HABITANT DU
MOGOL.

En regard des vers :

Les noms et les vertus de ces clartés errantes

Cette note: *Que c'est beau!* (A. C.)



Livre XI, Fable VII — LE PAYSAN DU DANUBE.

En regard des vers :

J'ai pour le fonder à présent.

Cette note: *Que d'éloquence dans cette fable!*
(A. C.)

Pouco antes de eu partir para Europa, havíamos tido noticia que a Baroneza de Marenholtz-Bülow possuía uma correspondencia com o nosso Mestre. Á vista disto, logo que cheguei a Paris, escrevi ao meu primo, amigo e correligionario, o Capitão de Estado-Maior Alexandre Leal, que se achava na Alemanha, pedindo-lhe que se informasse si seria possível obter copia de tal correspondencia. O Capitão Alexandre Leal apressou-se em satisfazer o meu pedido; e, depois de alguns passos, soube que, em Dresde, existia a Baroneza de Bülow Wendhausen, aparentada da Baroneza de Marenholtz-Bülow, e que certamente estava nos casos de fornecer as informações que desejavamos.

Dirigi, pois, uma carta a essa Senhora, que teve a gentileza de dar-lhe completos esclarecimentos a respeito. Infelizmente, por esta resposta, ficamos sabendo que, da referida correspondencia, só se salvára a tradução, já publicada, de uma carta. Eis aqui a tradução da carta da Baroneza de Bülow Wendhausen. Esta tradução e o original me foram remetidos pelo Capitão Alexandre Leal.

Dresde, Hohestrasse 18. 3 de Dezembro 97.

Sr. Capitão Leal.

Berlim.

Muito estimado Senhor.

Com grande pezar meu tenho de responder-lhe que a minha muito chorada tia e segunda mãe, a Ex^{ma} Baroneza de Marenholtz-Bülow, ainda em vida, queimou toda a sua correspondencia, aliás muitissimo interessante. Realizou isso na epoca em que aqui grassava a mania de publicar-se mesmo as cousas as mais insignificantes de pessoas importantes, e de modo nenhum ella deixou-se convencer do seu intuito de destruir caixas inteiras com cartas de muitas celebridades do seculo. Desta



maneira me acho impossibilitada de lhe proporcionar as citadas cartas de A. Comte. Não existindo absolutamente nenhuma outra carta sinão as publicadas na sua obra « Die Arbeit etc », me foi muito difficil a confecção de um livro que tem por assunto a vida de minha tia. Esta volumosa biographia ha de primeiramente ser publicada em lingua ingleza, nos Estados Unidos da America, e logo depois, como espero, em lingua aleman.

Sentindo extremamente não poder servir-lhe, me assino

Com a mais alta consideração

Baroneza von Bülow Wendhausen.

Depois que cheguei ao Rio, escrevi aos nossos confrades MM. Hutton e Ingram, pedindo-lhes informações acerca do que soubessem relativamente á vida do nosso Mestre. M. Hutton respondeu-me que já havia publicado no seu opusculo COMTE, — *the Man and the Founder*, — que nos é conhecido, o que pessoalmente sabia de importante. Indicou tambem o livro de Mrs Janet Ross, — *Three generations of English Women*, — onde encontraria informações sobre Sarah Austin. E, quanto á correspondencia desta com o nosso Mestre, informou-me que, a instancias do Sr. Laffitte, conseguira obter de Mrs Ross, havia alguns anos, copias de algumas cartas de Augusto Comte a Sarah Austin (avó de Mrs Ross). M. Hutton soubera demais, pelo amigo que alcançara as mencionadas copias, que Mrs Ross possuía outras cartas de Augusto Comte, nias as dera infelizmente a varias pessoas, como curiosidades, sem que M. Hutton podesse conhecer os nomes e os endereços de tais pessoas. M. Hutton fizera inserir no *Athenæum*, havia tempos, uma nota sobre tais cartas, porem sem rezultado.

São, sem duvida, as copias de que se trata que a *Revista Occidental* tem publicado, infelzmente bem tardiamente e com extrema lentidão.

M. Ingram informou-me o seguinte, em carta de 13 de Moizés de 44 (110) (13 de Janciro de 1898):

Informações de M. Ingram

I had only one interview with Comte. This was in the summer of 1855. He spoke to me for a long time

with much animation and in a tone of parental kindness. He showed me in type the Preface of the *Appel aux Conservateurs*, which had not yet been published. The idea of the necessary installation of Positivists in the government of the West after a certain period of mainly consultative action had evidently been occupying his mind. He alluded more than once to Cromwell and his Ironsides. «Ils cherchaient le Seigneur, he said: eh bien, nous l'avons trouvé» He spoke of «M. Bonaparte,» as he always called the Emperor. He seemed to think it probable that he should be consulted by Bonaparte in some crisis. «It is not for me», he said, «to offer counsel, but for him to ask it.» «The so-called sovereigns of Europe are in no sense sovereigns; the right name for them is *temporal chiefs*.» When I said that, notwithstanding my conviction of the nullity of the revolutionary schools and parties, I yet sometimes felt the revolutionary instincts rising in me, «You neednot be surprised at that;» he said, «I feel them still at times in myself. But I never expected much from insurrectionary movements. I have always said, «Take care, gentlemen; the issue of this may leave you worse off than you now are.»

Eis aqui a tradução:

«Tive unicamente uma entrevista com Comte. Foi no verão de 1855. Ele falou-me por muito tempo com muita animação e em tom de paternal ternura. Mostrou-me em provas o prefácio do *Appel aux conservateurs*, que ainda não estava publicado. A ideia da instalação necessária dos Positivistas no governo do Ocidente, depois de um certo período de ação primeiramente consultativa, estava evidentemente preocupando o seu espírito. Ele aludiu mais de uma vez a Cromwell e aos seus Costados-de-ferro. *Eles procuravam o Senhor*, disse ele; *pois bem, nós o achamos*. Falou de *M. Bonaparte*, como sempre chamava o imperador. Parecia julgar provável que viesse a ser consultado por Bonaparte em alguma crise.—*Não é a mim*, disse ele, *que cumpre oferecer conselhos, mas sim a ele que cumpre pedi-los*.—«Os chamados soberanos da Europa não são em nada soberanos; o nome que exatamente lhes convém é o de *chefes temporais*.—Quando lhe disse que apesar da minha



convicção da nulidade das escolas e partidos revolucionários, ainda por vezes sentia os instintos revolucionários levantarem-se dentro de mim, — *Não deveis surpreender-vos com isso*, disse ele, *eu mesmo os sinto ainda em mim de vez em quando. Porém nunca esperei muito dos movimentos insurreccionais. Sempre tenho dito: Tomai cuidado, senhores, o desfecho disto pôde deixar-vos em peor situação do que aquela em que vos achais agora.* »

Meus caros confrades,

A vós e não a mim compete decidir si forão compensados pelos resultados os sacrificios que a minha viagem a Paris vos impoz. Não farei, pois, comentario algum a tal respeito. Limitar-me-hei apenas a assegurar-vos que, apesar de não ter preenchido completamente os meus votos sobre certos pontos, vi-os ecedidos de muito sobre outros. Mas, entre esses resultados, devo realçar um, que porventura a minha narrativa não pôde fazer sobresalir suficientemente. Refiro-me á profunda convicção de que tudo quanto obtive foi sobretudo a consequencia do acendente social do Positivismo entre nós. Com effeito, foi esse acendente que permitiu apresentar-me como órgão de uma Igreja e não como simples particular, de modo a criar espontaneamente, por toda parte, uma predisposição favoravel ás minhas pretensões.

Tal circumstancia não serve só para patentear-vos a extensão da minha gratidão para convosco. O seu principal alcance consiste em demonstrar-vos a efficacia dos vossos esforços regeneradores. Porque vêdes assim, de um modo incontestavel, que, trabalhando pela vitoria do Positivismo em nossa Patria, creamos realmente uma força que pôde conseguir, em futuro mais ou menos proximo, a realização dos mais tocantes votos do nosso Mestre. A sua superioridade intelectual tornou-se actualmente fóra de contestação. Renovão-se, porém, frequentemente os ataques contra a sua incedível grandeza moral. Ora, a melhor refutação dessas acuações, ou levantadas por nobres preconceitos indevidamente



aplicados, ou sugeridas por ignobeis malevolencias, é o espetaculo da sua glorificação religioza.

Redobremos, pois, de esforços para mostrar ao Mundo que o objeto da nossa inextinguivel gratidão e do nosso continuo assombro não é simplesmente o maior dos Genios, porem o mais sublime dos Santos. Patenteemos que essa santidade suprema se revelou pelo incedivel aperfeiçoamento determinado na sua alma egregia, graças á adoração, de mais em mais fervente, da mais divina das Mulheres Santas. E, no culto entusiastico que consagrarmos Àquela que o nosso Mestre proclamou o seu Juiz Supremo e a mais perfeita personificação da Humanidade, testemunhemos a nossa intima convicção da nobreza dos sentimentos que Ela lhe inspirou. Contemplando em torno da imagem de Clotilde os hinos de amor de uma população regenerada pela nova fé, as almas dignas de todas as religiões não mais hesitarão em confessar a sublimidade moral de Augusto Comte. Nesse dia o mais tocante dos seus votos estará satisfeito.

Tal é, para mim, o rezumo dos resultados que consegui obter da minha peregrinação a Paris; oxalá condense ele tambem as impressões que a leitura dessa circular determinar nas vossas almas.

Todo vosso, no amor, na fé, e no serviço da Humanidade

R. TEIXEIRA MENDES.

(42, Rua Benjamin Constant,)

N. em Caxias (Maranhão) a 5 de Janeiro de 1855.

Rio, $\frac{13 \text{ de Guttenberg } 111}{25 \text{ de Agosto } 1899}$



REZUMO FINANCEIRO

NO RIO DE JANEIRO

RECEITA

Quantia recebida no Rio 2:500\$000

DESPEZA

Passagem de ida e volta até Cher-
burgo, a bordo do Madalena,
£ 52. 10, a 32\$000 a £ 1:680\$000

Preparativos de viagem e despe-
zas miudas até bordo. 220\$000 1:900\$000

Saldo 600\$000

DESDE QUE PARTI ATÉ A MINHA VOLTA.

RECEITA

Saldo de 600\$000, que con-
verti em moeda franceza
ao cambio de 1\$300 o fr. Fr. 460,00

Trez cheques de 1.000 fran-
cos cada um, enviados
para Paris. » 3.000,00

Total Fr. 3.460,00

DESPEZA

Despezas pessoais Fr. 414,70

Objetos diversos (incluzive
prensa de viagem, Bæde-
ker, Carta da França, ma-
linha para papeis, etc.) » 148,20

Medalhas e fotografias. » 19,00

Fr. 581,90



Transporte :

RECEITA	Fr. 3.460,00
DESPEZA	Fr. 581,90

Viagens:

A bordo do <i>Madalena</i> , em Southampton, no Havre, até Paris.	Fr. 78,50	
De Paris a Montauban e em Montauban, sendo fr. 50,50 de passagem	» 68,85	
De Montauban a Montpellier e em Montpellier, sendo fr. 37,50 de passagem	» 62,50	
De Montpellier a Paris (passagem)	» 94,20	
De Paris a Lisboa, sendo fr. 301,00 de passagem e fr.33,00 de fretes	» 347,25	651,30

Despesas cultais :

Coroas, molduras, encadernação de livros religiosos, etc., descontando o donativo dos Srs. San-Juan e Arrau para as coroas colocadas a 1º de Novembro. Fr.	797,35	
<i>Clichés</i> e provas fotograficas em Paris, Montauban, e Montpellier.	» 493,75	
<i>Correspondencia</i> , incluzive 4 telegramas: de Paris para o Rio, de Paris para Southampton, de Lisboa para Pernambuco, e da Bahia para o Rio.	» 137,85	
	Fr. 2.662,15	



Transporte :

RECEITA	Fr. 3.460,00
DESPEZA	Fr. 2.662,15
<i>Certidões civis.</i>	» 49,95
<i>Certidões religiosas.</i>	» 7,50
<i>Consulta a um advogado.</i> . .	» 20,00
<i>Diversas, incluzive : locomo-</i> <i>ção em Paris; excursões a</i> <i>Méru, St^e Geneviève, Beau-</i> <i>vais, e Amiens; estada em</i> <i>Lisboa e despesas a bordo</i> <i>do Clyde até ao Rio.</i> . . .	» 370,40
	3.110,00
<i>Saldo.</i>	Fr. 350,00

Este saldo foi entregue ao nosso Diretor.



ANEXOS

INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

1. — *Nota sobre a publicação da LUCIE*

Feuilleton du National du 20 juin 1845 (Vendredi)

LUCIE

Il y a quelques années etc. até

Roger, ce qui m'effraie, c'est moins les obstacles qui m'entourent que la grandeur naturelle de Lucie ; ce n'est pas à de vains préjugés, je le sens, qu'une telle femme a dû immoler jusqu'ici les plus doux penchants de son cœur.

Signé : M^{me} Clotilde.....(sic)

(La fin à demain)

Feuilleton du National du 21 juin 1845 (Samedi)

LUCIE

(Voir le numero du *National* d'hier)

De Lucie à M^{me} M.

Mon amie chérie, etc. até ao fim.

Signé : Clotilde..... (sic)

2. — *Certidão de batismo do afilhado de Clotilde e Augusto Comte*

DIOCÈSE DE PARIS

PAROISSE S^t PAUL - S^t LOUIS*EXTRAIT du registre des actes de Baptême*

L'an mil huit cent quarante cinq, le 28 Août a été baptisé Charles, Paul, Auguste, Maximilien, Léon né le 25 juin fils de Charles, François, Maximilien, Marie et de Philiberte, Félicité, Aniel, son épouse, demeurant rue



Pavée 24. Le Parrain a été Isidore Auguste Marie François Xavier COMTE d^t rue M^r le Prince, 10. La marraine a été Charlotte Clotilde Joséphine Marie (femme Devaux) (*sic*) rue Pavée, 24. Lesquels ont signé avec nous ainsi que la Mère et l'aïeule.

Certifié conforme à la minute déposée aux Archives de l'Église, et délivré par moi soussigné vicaire de la dite paroisse.

Paris, ce 13 Octobre 1897.

Signé F. Buflière.

Eis as assinaturas que copieï:

M. Marie. A^{te} Comte. de Vaux (*sic*) née Marie. Thomasin
Félicité Marie prêtre

Marie née de Ficquelmont.

(mot illisible)

3. — *Nota sobre a Familia Ficquelmont*

Extrait de l'ouvrage de Jean Cayon sur l'ANCIENNE CHEVALERIE DE LA LORRAINE.

FICQUÉMONT OU FICQUELMONT. — *D'or à trois pals abaissés au pied fiché de gueules, surmontant d'un loup passant de sable.*

Ancienne chevalerie.—Maison de nom et d'armes originaire de Lorraine et dont il existait plusieurs branches: 1^o des seigneurs de MALATOUR, 2^o de MONTIER et de PAROYE. Gérard chevalier, seigneur de Ficquelmont, vivait en 1130. Dans un acte de l'an 1230, Raymond s'intitule fils de Pierre de Ficquelmont, chevalier. René grand-écuyer du due Charles III, épousa, en 1570, Charlotte d'Anglure, et en eut Balthasar maître-d'hôtel de Louis XIII. Léonard de Ficquelmont, capitaine de dragons, au régiment d'Asfeld, fut tué le 25 octobre 1709, au service d'Espagne. Les derniers de cette grande Maison ont suivi les dues de Lorraine à Florence et en Allemagne, ont occupé et occupent encore à la cour de Vienne les emplois les plus relevés.

(C. H-L. B. D-P. A-R.)

NOTA : C—Callot ; H-L—Mathieu, Husson l'Eseosais ; R—Bernau ; D-P—Dom Pelletier ; A-R—l'Armorial ou Nobiliaire général de la Lorraine.



4. — *Fê de oficio do Capitão Marie*

A) Copie prise aux archives de la Légion d'Honneur

Etat des services et campagnes de Monsieur MARIE, Joseph Simon, né à Orléans, département du Loiret, le 30 juillet 1775. Capitaine aide de Camp admis à la Rétraite le 23 Mars 1816.

SERVICE.	CAMPAGNE.
Volontaire au 2 ^e Bataillon du Loiret, devenu par suite des différentes organisations, 87 ^e , 78 ^e , 1 ^{re} Brigade et 2 ^e Régiment d'Infanterie de Ligne le 9 Août.	En temps de guerre, celles des années 1792, 1793, an 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, et 9, tant aux armées du Nord, Sombre et
Caporal le 6 Mai.	Meuse, Allemagne,
Fourrier le 18 Messidor an.	Mayence, Naples,
Sergent le 8 Ventose an.	Italie et le Blocus de Gènes, 1808,
Sergent Major le 1 ^{er} Pluviose an.	1809, 1810 et 1811 en Espagne, 1812 en Russie, 1813 à l'armée d'Allemagne, 1814 en France.
Sous Lieutenant le 25 Décembre	
Pour prendre rang du 14 août.	
Lieutenant le 6 août.	
Capitaine le 28 février.	
Membre de la Legion d'Honneur le 19 Novembre.	11 ^e 4498 (nveau)
Capitaine aide de Camp. le 4 avril.	
Admis à la retraite le 23 Mars.	

Les membres du conseil d'administration du dépôt du 2^e Régiment d'Infanterie de ligne, certifions véritable les services et campagnes de Monsieur MARIE Capitaine.

fait à Besançon ce neuf avril 1814 (?)

Signés Lemaitre, Capitaine, Moreau Major, et Duhamel adjudant.

Vu par nous adjoint aux etc.



B) Copie obtenue en 1895 par notre confrère M. Montenegro

RÉPUBLIQUE FRANÇAISE

Par ordre du Ministre de la Guerre

Le Chef du Service

Certifie que des registres, matricules et documents déposés aux archives de la Guerre a été extrait ce que suit:

NOM ET SIGNALEMENT DU MILITAIRE	DÉTAIL DES SERVICES
MARIE (Joseph Simon), né le 30 juillet 1775, à Orléans (Loiret)	Volontaire au 2 ^e bataillon du Loiret, le 9 Août 1792 (Bataillon devenu par suite de différentes organisations, 87 ^e , 78 ^e , 1 ^{re} Brigade, et 2 ^e Rég. d'infanterie de ligne) Caporal, le 6 Mai 1793 Fourier, le 6 Juillet 1794 Sergent, le 26 Février 1795 Sergent Major, le 21 Janvier 1800 Sous Lieutenant, le 14 Août 1807 Lieutenant, le 6 Août 1809 Capitaine, le 28 Février 1812 Aide de camp du général Piat, le 4 Avril 1815 Mis en non activité par licenciement, le 1 ^{er} Septembre 1815 Retraité, le 23 Mars 1816 CAMPAGNES: 1792 et 1793, armées du Centre, des Ardennes et de la Moselle; 1794, 1795, 1796 et 1797, armée de Sombre et Meuse; 1798, 1799 et 1800, ar- mées d'Allemagne, de Mayence, de Naples et d'Italie; 1808, 1809, 1810 et 1811, Espagne; 1812, Russie; 1813 Saxe; 1814 et 1815, France. BLESSURES: Atteint par une balle à la jambe gauche au blocus de Gênes en 1800. DÉCORATIONS Membre de la Légion d'Hon- neur le 19 Novembre 1813 Officier de la Légion d'Honneur, le 30 Avril 1834 Fait à Paris, le 1 Juillet 1895. (Signature illisible.)

5. — *Certidão de obito de M^{me} Henriette de
Fiequelmont.*

PRÉFECTURE DU DÉPARTEMENT DE LA SEINE

EXTRAIT des minutes des Actes de Décès

RECONSTITUÉS EN VERTU DE LA LOI DU 12 FÉVRIER 1872

11^e Arrondissement de Paris. Année 1848.

L'an mil huit cent quarante huit, le huit février à trois heures de relevée. Par devant nous, Jacques Simon Chaudé, chevalier de la Légion d'Honneur, adjoint au maire du onzième arrondissement de Paris, remplissant les fonctions d'officier de l'état civil. Sont comparus MM. Joseph Simon Marie, Capitaine retraité, officier de la Légion d'Honneur, âgé de soixante douze ans, demeurant rue Miromesnil, n^o 18, et Charles François Maximilien Marie, professeur de mathématique, âgé de vingt neuf ans demeurant rue du petit Bourbon, n^o 18 fils de la défunte, lesquels nous ont déclaré que Hamante (*sic*) Joséphine de Fiequelmont, âgée de soixante sept ans, née à Barroy (*sic*). (Meurthe), mariée au susdit Joseph Simon Marie est décédée susdite rue du Petit Bourbon n^o 18, ce jourd'hui à trois heures du matin. Et les déclarants ont signé avec nous le présent acte après lecture, le décès ayant été dûment constaté. Signé: Marie, M. Marie et Chaudé. Pour extrait conforme au registre. Délivré par nous Maire du onzième arrondissement. Signé Desgranges. Expédié et collationné. Signé: Carré, notaire à Paris. Admis par la Commission (Loi du 12 Février 1872) Le Membre de la Commission. Signé: Félix Charoy. Pour expédition conforme: Paris, le dix neuf Octobre mil huit cent quatre vingt dix sept.

Le Secrétaire général de la Préfecture

Pour le Secrétaire Général

Le Conseiller de Préfecture Délégué

(Signature illisible)

Vu par nous M. Duvernoy Juge pour la légalisation de la signature de M. Pelisse. Pour empêchement de M. le Président du Tribunal de 1^{ère} Instance de la Seine Paris, le 19 Octobre 1897

(Signature illisible)

6. — *Certidão de obito do Capitão Marie*

PRÉFECTURE DU DEPARTEMENT DE LA SEINE
EXTRAIT des minutes des Actes de Décès

RECONSTITUÉS EN VERTU DE LA LOI DU 12 FÉVRIER 1872

1^{er} Arrondissement de Paris. Année 1855

L'an mil huit cent cinquante cinq, le vingt un Février, est décédé à Paris, rue de Penthievre, n^o 10, premier arrondissement, Joseph Simon MARIE, Capitaine en retraite, agé de soixante dix neuf ans et demi, né à Orléans (Loiret); veuf. Le Membre de la Commission. Signé E. Ferry. Pour expédition conforme: Paris, le dix neuf octobre mil huit cent quatre vingt dix sept.

Le Secrétaire Général de la Préfecture.

Pour le Secrétaire Général

Le Conseiller de Préfecture Délégué
 (Signature illisible)

Vu par nous M. Duvernoy juge pour la légalisation de la signature de M. Pelisse. Pour empêchement de M. le Président du Tribunal de 1^{ère} Instance de la Seine Paris, le 19 Octobre 1897
 (Signature illisible)

7. — *Processo contra Bachelier**

EXTRAIT de la Gazette des Tribunaux
du 17 Décembre 1842

Justice civile

Tribunal de Commerce de la Seine
 (Présidence de M. Baudot)

Audience du 15 Décembre.

Auteur. — Editeur. — M. Auguste Comte contre M. Bachelier. —

Cours de philosophie positive.

L'Editeur a-t-il le droit de placer en tête de l'ouvrage un avis émanant de lui et signé de lui, dans lequel il désapprouve certaines opinions de l'auteur, et

* Esta copia foi obtida, a meu pedido, em 1895, pelo nosso confrade Montenegro. — R. T. M.



s'exprime dans des termes qui peuvent nuire à sa réputation?

M^e Bordeaux, agréé de M. Auguste Comte, se borne à donner lecture des conclusions, par lesquelles il demande: « 1^o Que M. Bachelier, éditeur du *Cours de Philosophie Positive* soit tenu de supprimer des exemplaires du 6^e volume de cet ouvrage l'*Avis de l'Editeur*, dont M. Bachelier a fait précéder la préface de l'auteur; 2^o Que les conventions existantes entre M. Comte et M. Bachelier pour l'impression et la vente de l'ouvrage soient résiliées, et M. Bachelier tenu de remettre tous les exemplaires qui ne sont pas vendus; 3^o Que M. Bachelier soit condamné en 6000 fr. de dommages-intérêts dont M. Comte se réserve de faire l'application aux pauvres. » *

M^e Bordeaux annonce que M. Comte, présent à la barre, désire donner lui-même des explications au Tribunal sur la demande qu'il a formée.

Après quelques considérations sur l'importance qu'il attache à cette affaire, non dans son propre intérêt, dit-il, mais dans l'intérêt général des auteurs, M. Comte fait connaître les relations qui existent entre M. Bachelier et lui, pour l'impression du *Cours de Philosophie Positive*. « Cinq volumes ont déjà paru, dit-il, et je n'ai eu qu'à me louer de mes rapports avec M. Bachelier. J'ai composé un sixième volume, et dans la préface j'ai placé sur l'École polytechnique une note qui se termine par ces mots: « Toute personne bien informée sait même maintenant que les dispositions irrationnelles et oppressives adoptées depuis dix ans à l'École polytechnique émanent surtout de la désastreuse influence exercée par M. Arago fidèle organe spontané des passions et des aberrations propres à la classe qui domine si déplorablement aujourd'hui. »

« Voilà, continue M. Comte, la seule phrase qui ait donné lieu à la contestation. Le volume était prêt depuis longtemps, on n'attendait que la préface pour l'imprimer; j'avais remis la préface le 18 juillet, et je m'é-

* Encontrão-se detalhes acerca deste episódio da vida do nosso Mestre na sua correspondência com Stuart Mill e com Mme. Comte. Sem o conhecimento desses detalhes, não se pôde apreciar convenientemente, o alcance social e moral dos intuitos do nosso Mestre e a nobreza da sua conduta em todo o processo. Ali acha-se também a refutação das falsidades avançadas pelo advogado de Bachelier.—R. T. M.

tonnais des retards apportés à la publication. Le volume n'a paru que le 18 août, et je su que ce retard n'avait eu lieu que parceque M. Bachelier voulait consulter, sur la note de la préface, M. Arago alors en tournée électorale. Après l'avoir consulté M. Arago, M. Bachelier me pria de supprimer la phrase ; et comme je ne voulais pas y consentir, il me dit qu'il ne publierait pas. Je lui ai répondu qu'il y avait des Tribunaux, et que je saurais bien le forcer à l'exécution de notre traité ; mais comme je n'aime pas les procès et que je ne voulais pas apporter de nouveaux retards à la publication d'un volume impatientement attendu, je conseillai à M. Bachelier, pour ne pas lui nuire vis-à-vis de son patron, de mettre, en tête du volume, un avis pour dire qu'il ne partageait pas l'opinion de l'auteur sur M. Arago. Ce n'était pas une autorisation en blanc que je donnais ainsi à M. Bachelier, j'avais formellement signalé les choses qui devaient être stipulées dans l'avis de l'éditeur. Maintenant vous allez voir quel étrange abus on a fait de mon autorisation.

« Voici l'avis de l'éditeur :

« Au moment de mettre sous presse la préface de ce volume, je me suis aperçu que l'auteur y injurie M. Arago. Ceux qui savent combien je dois de reconnaissance au secrétaire de l'Académie des Sciences et du Bureau des longitudes comprendront que j'ai demandé catégoriquement la suppression d'un passage que blessait tous mes sentiments. M. Comte s'y est refusé. Dès ce moment je n'avais plus qu'un parti à prendre, c: lui de ne pas prêter mon concours à la publication de ce sixième volume. M. Arago, à qui j'ai communiqué cette solution, m'a forcé d'y renoncer.

« Ne vous inquiétez, m'a-t-il dit, des attaques de « M. Comte. Si elles en valent la peine j'y répondrai.
 « La portion du public que ces discussions intéressent « sait d'ailleurs très-bien que la mauvaise humeur du « philosophe date tout juste de l'époque où M. Sturm fut « nommé professeur d'Analyse à l'École polytechnique.
 « Or, avoir conseillé, dans le cercle restreint de mon influence, de préférer un illustre géomètre au concurrent chez lequel je ne voyais de titres mathématiques « d'aucunes sortes, ni grands ni petits, c'est un acte de « ma vie dont je ne saurais me repentir. »

« Malgré les incitations, si libérales de M. Arago, j'ai
« cru ne devoir publier cet ouvrage qu'en y joignant une
« note explicative du débat qui s'est élevé entre M. Comte
« et moi.

« Paris, le 16 Août 1842.

« Bachelier. Libraire-Éditeur. »

« Vous voyez, dit M. Comte, que la gravité de ce fait, inouï dans les fastes de la presse, vient de l'allo-
« cution de M. Arago. Je sais bien qu'on dira que
« M. Arago n'en est pas l'auteur; que M. Bachelier vien-
« dra, lui, dire que c'est lui. Je le crois bien car autrement
« il serait cassé aux gages; mais personne ne le croira.
« Cette affaire aura un grand retentissement. Ce n'est
« pas seulement à M. Arago que je m'adresse, mais à ceux
« qui l'ont placé, on ne sait pourquoi, dans une si haute
« position. Quand M. Arago se replacera sur la sellette
« électorale, on lui demandera compte de ses opinions
« sur la liberté de la presse.

M. le Président: M. Arago n'est pas en cause, il
« n'est pas là pour se défendre, et vous ne pouvez l'atta-
« quer. Renfermez-vous dans les faits de la cause.

M. Comte: Il faut pourtant que je donne à cette
« cause tout le développement qu'elle comporte. C'est
« M. Arago qui est mon véritable adversaire; j'ai attaqué
« d'autres personna-ges dans mon ouvrage. Je me suis
« plaint de M. Guizot bien plus amèrement que de
« M. Arago et M. Bachelier ne s'est pas ému parce qu'il
« sait bien que M. Guizot comprend les discussions et les
« franchises de la presse. Il n'y avait jamais eu d'animos-
« ité entre M. Arago et moi: il n'y en a même pas au-
« jourd'hui, et j'ai fait preuve de modération dans mon
« livre; j'aurais pu combattre la tendance des savants
« aux doctrines politiques; j'aurais pu m'étonner de l'élé-
« vation inconcevable de M. Arago; je n'en ai rien fait.

M. le Président: Je vous rappelle de nouveau aux
« faits du procès.

M. Comte: Puisque je ne puis continuer, je me
« bornerai aux faits matériels de la cause. Je demande
« d'abord la suppression de l'avis de l'éditeur dans tous les
« volumes qui n'ont pas encore été distribués. Un ouvrage
« ne peut être imprimé sans le bon à tirer de l'auteur,
« l'éditeur ne peut ajouter ni retrancher un mot sans la



permission de l'auteur, ceci est la règle et est incontestable. Je demande ensuite la résiliation de mon traité avec M. Bachelier pour les éditions ultérieures. Vous comprenez qu'après ce qui s'est passé je ne puis plus avoir confiance en M. Bachelier; je ne puis plus lui livrer mes manuscrits; cette fois il a ajouté une page à mon livre, une autre fois il pourra en ajouter dix, vingt, trente. Il a opéré par addition, qui l'empêcherait d'opérer par soustraction? Si dans une seconde édition je veux rendre compte de ce qui s'est passé, du procès qui nous occupe, des diffamations dont j'ai été l'objet, qui est qui empêchera M. Bachelier de supprimer cette partie de mon écrit?

« Je demande enfin des dommages-intérêts dont je ferai l'application aux pauvres, et pour leur fixation je m'en rapporte à la sagesse du Tribunal. Je sais que je cours des risques personnels; qu'un ami intime de M. Arago a dit que si je prononçais son nom, je perdrais mes places. Je me résigne et je brave ces menaces; si elles se réalisent, je ferai ce que j'ai fait toute ma vie, je donnerai des leçons de mathématiques pour vivre.

Me Durmont, agréé de M. Bachelier, s'exprime en ces termes:

« Le 3 Mars 1833, M. Bachelier a fait avec M. Comte un traité pour l'impression et la publication du *Cours de Philosophie Positive* de M. Comte. L'ouvrage, comme vous l'a dit l'auteur, convenait à deux cents personnes, il l'a fait tirer à 1,000 exemplaires. C'était la ruine de l'éditeur, et M. Bachelier est en perte de plus de 17,000 fr. sur cette ouvrage.

« L'ouvrage devait avoir quatre volumes; le premier c'est assez bien vendu; la vente du second a été plus difficile que celle du premier; celle du troisième plus mauvaise encore: à mesure que la publication avançait, la vente diminuait. Cependant, Messieurs, voyez jusqu'à quel point M. Bachelier a poussé la bonne volonté pour l'auteur. M. Comte, le Tribunal a pu apprécier sa faconde, a composé d'abord un cinquième, puis un sixième volume. Il en a été de ceux-ci comme des premiers, à ce point que la vente du cinquième volume est arrivé à grande peine à quarante exemplaires, et qu'il est impossible de trouver un acheteur pour le quarante et unième.

« Lorsque le sixième volume a été terminé, M. Bachelier s'est trouvé blessé à la fois dans ses intérêts et ses affections. Vous avez vu comment M. Comte s'exprime en parlant de M. Arago; ce n'est pas tout, et vous allez juger par quelques extraits du livre de l'esprit de dénigrement et de calomnie qui anime l'auteur :

« A la page 465 : Laplace est traité de charlatan. M. Comte : C'est vrai.

« Page 465 : Les ouvrages que, par décision législative, l'Imprimerie Royale reproduira bientôt, seraient, à en croire M. Comte, un pompeux verbiage.

« Page 461 : Cuvier est superficiel; à la page 459, l'auteur le représente comme cédant à une envieuse impulsion.

M. Comte : C'est encore vrai, je le soutiendrai.

« Page XI de la préface : M. Poisson (dont la cendre est à peine refroidie) est accusé d'avoir eu recours contre l'auteur à d'indignes machinations, et d'avoir cédé à d'ignobles ressentiments privés.

« Page 471 : M. Poinsoot ne demande pas au sein de l'académie la lecture publique d'une lettre inconvenante et interminable; son silence est une lâcheté. M. Poinsoot trouve des paroles seulement quand sa personnalité est mise en jeu; son caractère n'est pas à la hauteur de son intelligence. La conduite qu'il a tenu est une preuve d'aberration à la foi morale et mentale

« Pages 470 et 471 : MM. Thénard et Brongniart croient qu'une lettre de M. Comte est inconvenante. Ils demandent que la lecture en soit interrompue. Aux yeux de M. Comte, la décision à peu près unanime du corps savant est ignoble et puérile; il la qualifie aussi de turpitude académique.

« Page 461 : L'académie en corps est accusé de s'être uni honteusement à Bonaparte pour persécuter Gall. Son opposition à son esprit de système, c'est une stupide résistance (page 462).

« A la page 478 : Il présente la destruction des académies comme une preuve de sagacité du gouvernement révolutionnaire de 93.

« Page 454 : Les savans soumettent aujourd'hui une aberration morale.

« A la page 479, l'auteur parle encore de la dégénération morale de cette classe de citoyens. M. Comte



voit même le moment où, par cupidité, elle altérerait volontairement la véracité des observations (page 473).

« Les savans, dit-il ailleurs page 452, sont radicalement éloignés des idées et des mœurs sans lesquelles ils resteront indignes de leur destination. »

« Page XVII de la préface: Excités par les plaintes incessantes des familles et par le désespoir de la jeunesse, les conseils d'instruction et de perfectionnement de l'École polytechnique, accomplissant un devoir, présentèrent quelques remarques sur la manière dont M. Comte examinait les candidats. M. Comte ne trouve là que des récriminations pédantesques qui, quoique collectives, n'en étaient pas moins inconvenantes et même ridicules.

« Page XXXIV de la préface: M. Comte appelle d'avance iniquité infâme toute décision contraire à ses intérêts que pourraient prendre les conseils de l'école dans le cercle légal de leurs attributions.

« Je pourrais, continue M^e Durmont, faire d'autres citations que vous donneraient l'explication de celles-ci; je m'en abstiens par égard pour M. Comte; mais le Tribunal peut lire la note de la page X de la préface et il sera édifié.*

« Ainsi vous le voyez à chaque page, M. Comte salit son volume des plus grossières injures. M. Bachelier devait-il imprimer le volume? Suivant une jurisprudence nouvellement adoptée, l'imprimeur peut être responsable des calomnies répandues dans un ouvrage; il pouvait craindre la police correctionnelle ou la cour d'assise; il a écrit à M. Comte qu'il n'imprimerait pas; M. Comte a déclaré qu'il prenait tout sur lui, et l'a autorisé par écrit (nous avons sa lettre) à publier l'avis qu'il a mis en tête de l'ouvrage.

M. Comte: Ce n'est pas vrai.

M^e Durmont: Vous êtes philosophe, et vous vous emportez!... (On rit.)

M. Comte, ajoute M^e Durmont, n'a pas dit: «Vous rédigez votre avis de telle ou telle manière»; il a laissé M. Bachelier libre. Voici ce que je lis dans sa lettre du 11 Août 1842:

* Esta passagem é uma alusão malevolamente cerebral de que o nosso Mestre foi vítima, na primavera de 1826, e sobre a qual Ele dá explicações na citada nota da pag. X do *Prefacio Pessoal*.—R. T. M.

« Quelle que soit néanmoins, Monsieur, l'in vraisemblance de vos craintes, je vous offre d'y remédier, autant qu'il est en mon pouvoir, en vous autorisant, si vous le jugez nécessaire, à faire précéder ma préface d'un avis de l'éditeur signé de vous, par lequel vous récuseriez d'avance la solidarité de mes assertions, en faisant même connaître au public que vous regrettez de n'avoir pu me déterminer à y renoncer, ou à les modifier. Moyennant cette précaution, il est, ce me semble, impossible que le mauvais vouloir de M. Arago puisse trouver aucun prétexte contre vous; car il n'oserait jamais avouer qu'il a commandé ou même accepté un acte de censure aussi étrange, dont la discussion publique pourrait lui devenir très-préjudiciable. »

« L'avis est imprimé: M. Bachelier, suivant les conventions, envoie trente exemplaires du volume à M. Comte; M. Comte a bien certainement lu tout d'abord l'avis de l'éditeur. Il ne dit rien, il ne se plaint pas; il fait lui-même le dépôt à la Bibliothèque de l'Institut; en partant pour Montpellier, il se plaint de ce que les exemplaires ne sont pas encore partis pour la province, et pas un mot de l'Avis de l'Éditeur!

« Aujourd'hui, après plusieurs mois, M. Comte se réveille; il fait tous ses efforts pour faire croire qu'il est opprimé par M. Arago, qui n'ose pas l'attaquer en face, qui ne signe pas, qui prend le nom de M. Bachelier pour le diffamer.

« Vous vous êtes trompé, Monsieur, si vous avez cru que vous pourriez impunément attaquer un homme honorable qui n'est pas là pour se défendre, et qu'aucune voix ne s'élèverait pour vous répondre. S'il pouvait y avoir quelque chose de commun entre vous et M. Arago, sachez qu'il y a des journaux, une tribune, une académie, où la voix de M. Arago saurait se faire entendre: sachez que M. Arago publie des ouvrages qui se lisent, et qu'il n'aurait pas choisi, pour vous répondre, vos ouvrages, qui ne se lisent pas, et votre sixième volume qui ne se vend pas.

« M. Bachelier, dit en terminant M^e Durmont, ne tient pas à l'avis qu'il a fait imprimer; il offre de le supprimer, mais il tient à ce que l'on sache bien qu'il n'a pas prêté volontairement son concours aux calomnies de M. Comte. »



La cause est mise en délibéré, le jugement sera prononcé à la quinzaine.

*EXTRAIT de la Gazette des Tribunaux
du 30 Décembre 1842.*

Nous avons rendu compte, dans la *Gazette des Tribunaux* du 17 Décembre, des débats engagés devant le Tribunal de Commerce entre M. Auguste Comte, auteur du *Cours de Philosophie Positive*, et M. Bachelier, éditeur, au sujet d'un avis publié par ce dernier en tête du 6^e volume du *Cours*, avis protestant en termes peu convenants (*sic*) contre plusieurs passages de la préface de M. Comte.

Dans son audience d'aujourd'hui, le Tribunal de Commerce, « attendu qu'un éditeur ne peut faire arbitrairement, sans l'autorisation formelle de l'auteur, aucune addition ni suppression à l'ouvrage qu'il publie, » a ordonné la suppression du carton ayant pour titre: *Avis de l'éditeur*; il a en outre résilié les conventions intervenues entre les parties, en ce qui touche le droit exclusif réservé à M. Bachelier de publier les éditions subséquentes, à la charge par M. Comte, de ne pas publier une nouvelle édition avant que la première ait été épuisée. Il a en outre condamné M. Bachelier aux dépens.

8. — *Certidão de batismo de Rozalia Boyer*

EXTRAIT des registres des actes de Baptême de la paroisse de Jonquières annexe à Saint Saturnin, déposés au Greffe du Tribunal de première instance séant à Lodève, Hérault.

L'an mil sept cent soixante quatre et le trentième Janvier a été baptisée Rosalie Félicité née le vingt huit du courant fille légitime et naturelle du sieur Paul Martin Boyer négociant et de Demoiselle Jeanne Prunet mariés, son parrain a été sieur Talerand Prunet bourgeois son cousin du lieu de Trousas diocèse de Montpellier et sa marraine Demoiselle Félicité Catherine Quatrefages du présent lieu: témoins du dit Baptême, sieur Talerand Prunet son oncle et sieur Pierre Barral du dit lieu, signés avec nous le père, le parrain et la marraine.

Boyer — Talerand Prunet — Félicité Quatrefages—



Prunet — Barral — Verdier — Boyer — Capele vicaires
signés.

Collationné et delivré par nous soussigné greffier
du tribunal civil de Lodève. Le vingt un juillet mil
huit cent quatre-vingt dix-neuf.

Signé: (?) Alengry.

Vu pour légalisation de la signature de M. Alengry
greffier du tribunal par nous, Cambell juge suppléant
soussigné apposé ci-dessus. Lodève le 21 juillet 1899.

P. le président du tribunal civil empêché

Signé: A. Cambell.

9. — *Certidão do casamento de Rozalia Boyer*

EXTRAIT des registres des Mariages de la commune de Jonquières déposés
au Greffe du Tribunal de première instance de Lodève, Hérault.

Ce jourd'hui onzième jour du mois de Nivose, l'an
cinquième* de la République Française une et indivi-
sible, dans notre maison du lieu de Jonquières canton
de S.^t André département de l'Hérault par devant nous
Georges Sanaren (?) adjoint municipal de la présente
commune sont comparus le citoyen Louis Auguste
Comte demeurant à Montpellier fils légitime de feu
Simon Comte et de Jeanne Abrie mariés, ses père et
mère, d'une part : et la citoyenne Félicité Rosalie Boyer
fille légitime de feu Paul Boyer et de Jeanne Prunet,
mariés habitants de Jonquières, ses père et mère, d'autre
part : accompagnés des citoyens Joseph Boyer, Pierre
Quatrefages, Talerand Prunet, Antoine Barissent ha-
bitants du présent lieu et en l'âge requis par la loi, ayant
fait lecture de l'acte de publication des nouveaux ma-
riés en date des vingt huit Frimaire dernier et dix du
courant mois, publié et affiché aux endroits accoutumés
où se font les affiches, et après les formalités faites con-
formément à la loi, les dits Louis Auguste Comte et
Félicité Rosalie Boyer ont déclaré à haute voix se pren-
dre mutuellement en mariage. Nous adjoint municipal
l'avons prononcé au nom de la loi du consentement des
nouveaux mariés et avons rédigé le présent acte en pré-
sence des parties et témoins sus-nommés qui ont signé
avec nous.

* Correspond au 31 Décembre 1796.

Comte—Rosalie Boyer—Quatrefages—Boyer—Prunet—Baressent, Sanaren (?) adjoint, signés.

Collationné et délivré par nous soussigné greffier du tribunal civil de Lodève le 24 Juillet mil huit cent quatre-vingt dix-neuf.

Signé: (?) Alengry.

Vu pour légalisation de la signature de M. Alengry greffier du tribunal par nous Betirai président du tribunal. Apposée ci contre. Lodève, le 24 Juillet 1899.

Le Président du tribunal civil,

Signé: Betirai.

10. — *Certidão do nascimento de Alix Marie Charlotte Comte*

Département
de l'Hérault

Mairie
de Montpellier

Bureau
de l'état civil

Naissance

N. de l'acte.....

Alix Marie
Charlotte
COMTE

EXTRAIT DES REGISTRES DE L'ÉTAT CIVIL
DE LA VILLE DE MONTPELLIER (Hérault)

L'an huit de la République et le cinq Messidor, s'est présenté au bureau de l'état civil, avec un enfant, Louis Auguste COMTE, financier, qui nous a déclaré que le jour d'hier * à une heure du matin, dans la maison Gerard, rue Sacrement est née Alix Marie Charlotte, fille légitime du dit COMTE et de Félicité Rosalie BOYER, mariés, témoins Laurent Gauvadet (*sic*) âgé de trente un ans et Pierre Flottes âgé de cinquante un ans, tous deux employés à la Préfecture, habitant cette commune, signés avec le père et nous. Suivent les signatures.

Pour extrait conforme.

Montpellier, le vingt-deux Juillet, mil huit cent quatre-vingt dix-neuf.

L'officier de l'état civil

Signé: (?) Pezet.

Vu par nous E. de Fresquet, juge au tribunal civil. pour légalisation de la signature de M. Pezet adjoint. Montpellier, le 24 Juillet 1899.

Pour le Président empêché:

Signé: E. de Fresquet.

(Signature illisible.)

* Correspond au 23 Juin 1800.

11.— *Certidão do nascimento de Ermance Louise
Marie Comte* ¹

Tribunal Civil de Montpellier

n° 215

Extrait

EXTRAIT des registres de l'état civil de la ville de Montpellier (Hérault)
déposés au greffe du Tribunal Civil de Montpellier

Du septième jour du mois de Fructidor l'an neuf
de la République Française.

Acte de naissance de Ermance Louise Marie COMTE
née le jour d'hier ² à six heures du matin dans la maison
Causse, rue Aiguillerie, fille légitime de Louis Auguste
COMTE, financier, et de Félicité Rosalie Boyer, mariée
et domiciliée à Montpellier.

Le sexe de l'enfant a été reconnu être féminin. Pre-
mier témoin Jean Pascal Euzet, financier, âgé de vingt
sept ans. Second témoin Esprit Viel aussi financier, âgé
de trente six ans, tous deux habitants de Montpellier.

Sur la réquisition à nous faite par le dit Louis Au-
guste COMTE père de la nouvelle née et ont signé :
COMTE, Euzet, Viel.

Constaté suivant la loi par moi Louis Granier
maire de la ville de Montpellier, faisant les fonctions
d'officier public de l'état civil, sousigné.

Granier, maire signé.

Pour extrait conforme :

Montpellier le dix août mil huit cent quatre vingt
dix neuf.

Le greffier du Tribunal civil

(Signature illisible)

Vu par nous E. de Fresquet, juge au Tribunal Civil,
pour légalisation de la signature de M. Conrozier commis
-Greffier.

Montpellier, le 10 Août 1899 .

Pour le Président empêché

E. de Fresquet

(Signature illisible)

¹ Ce document a été trouvé par M. Henri Couve, chef de bureau de
l'état civil et des pompes funèbres à la Mairie de Montpellier, qui a
bien voulu le communiquer à notre confrère M. Oscar Ferreira. Les bio-
graphes d'Auguste Comte ne font aucune mention à ce sujet, et nous
croyons qu'on ignore généralement l'existence de cette sœur de notre
Maître.—R. T. M.

² Correspond au 24 Août 1801.

12. — *Certidão do nascimento de Adolphe Vincent
Louis Marie Comte*

Département de l'Hérault	EXTRAIT DES REGISTRES DEL'ÉTAT CIVIL DE LA VILLE DE MONTPELLIER (Hérault)
Mairie de Montpellier	Du sixième jour du mois de Nivose,
Bureau de l'état civil	l'an onze de la République Française.
Naissance	Acte de naissance de Adolphe Vincent
N. de l'acte.....	Louis Marie COMTE, né le jour d'hier *
Adolphe Vincent	à onze heures du soir, dans la maison
Louis Marie	Causse rue Aiguillerie, fils légitime de
COMTE	Louis Auguste COMTE, financier et de
	Félicité Rosalie BOYER, mariés, domi-
	ciliés à Montpellier. Le sexe de l'enfant
	a été reconnu être masculin: Premier
	témoin Jean Antoine Nouguiér, employé à la Mairie,
	âgé de soixante-huit ans; second témoin Esprit Viel,
	percepteur des contributions, âgé de trente huit ans,
	tous deux habitants de Montpellier. Sur la réquisition
	à nous faite par le dit Louis Auguste Comte, père du
	nouveau-né et ont signé.

Constaté, suivant la loi, par moi Jean Baptiste Dupy, adjoint à la Mairie faisant les fonctions d'officier public de l'état civil, soussigné.

(Suivent les signatures.)

Pour extrait conforme :

Montpellier, le vingt-deux Juillet mil huit cent quatre-vingt dix-neuf.

L'officier de l'état civil,

(?) Pezet.

Vu par nous E. de Fresquet, juge au tribunal civil, pour légalisation de la signature de M. Pezet adjoint.
Montpellier, le 24 Juillet 1899.

Pour le Président empêché

E. de Fresquet.

(Signature illisible)

* Correspond au 26 Décembre 1802.



13. — *Declaração dos «hospícios de Montpellier» sobre a impossibilidade de descobrir o lugar da sepultura de Rosalia Boyer.*

Hospices
de Montpellier
Economat
N.....

Montpellier, le 19 Juillet 1899.

Mon cher Monsieur Couve,

J'ai le regret de ne pouvoir satisfaire au désir que vous m'exprimez de connaître l'emplacement, au cimetière de Hôpital Général, de la sépulture de Rosalie Boyer, mère d'Auguste Comte.

Voici ce que nous trouvons aux archives(c. 35)

«Demande de 15 filles, la fosse et six porteurs pour
« M^{me} Comte. âgée de 72 ans, décédée dans la maison
« de M. de Préville, rue Vieille Intendance, inhumée à
« l'Hôpital Général, le 4 Mars 1837.» *

Ne possédant pas de documents plus précis, il ne paraît pas possible de se livrer à des recherches qui, sûrement, ne peuvent aboutir à un résultat satisfaisant.

Veuillez agréer, mon cher Monsieur Couve, l'assurance de mes sentiments dévoués.

(Signature illisible).

14 — *Questões sobre o Ramalhete Sagrado*

A PROPOS DU BOUQUET SACRÉ.

Circulaire adressée à ceux de nos coreligionnaires qui ont connu notre Maître et sa noble Fille adoptive, Mme. Sophie Martin Thomas.

Rio, le 20 Charlemagne 111
7 Juillet 1899

Cher Monsieur et Coreligionnaire,

Permettez-moi de vous rappeler d'abord le passage suivant du *Testament* de notre Maître:

« En ayant égard à ces diverses exceptions, mon successeur possédera, de la même manière que moi, c'est-à-dire pour le pontife suivant, tout ce que contient aujourd'hui mon appartement, et tout ce que j'y pour-

* C'est le document que nous avons transcrit à la page 308 de ce *Rapport*. L'âge de Rosalie est corrigée ici. — R. T. M.

rai jamais ajouter. Mais il devra respecter, comme appartenant au trésor sacré de l'Église universelle toutes les reliques de Clotilde de Vaux, que renferment les deux tiroirs de mon secrétaire voués à cette destination jusqu'à ce qu'elles soient transportées au premier temple de l'Humanité. La même vénération convient au fauteuil rouge, enveloppé d'une housse verte, et marqué, sous son bord antérieur, de mes initiales en cire rouge. Ayant toujours été le siège de Mme de Vaux dans ses saintes visites du mercredi, je l'érigéai, même pendant sa vie, et surtout après sa mort, en autel domestique ; je ne m'y suis jamais assis que pour nos cérémonies religieuses. Il pourra remplir ce seul office tant que le permettra sa conservation, *avec les fleurs que me fit ma sainte collègue*, et que j'ai constamment appliquées, *dans leur vase, à nos rites publics*, quoique flétries depuis longtemps. » (VOLUME SACRÉ, Testament, p. 19).

Pendant longtemps on a généralement cru que le bouquet que Clotilde avait fait et donné à notre Maître était celui qui se trouve dans la chambre à coucher de notre Maître, sur la cheminée, et sous un globe. Dans cette supposition, notre excellent confrère de l'Église de Londres, M. Sulman, a fait une esquisse de ce bouquet et l'a imprimée et distribuée. Mais, par une lettre de M. Sulman, du 28 St Paul 110 (17 Juin 1898), nous avons été informé que l'on donnait une nouvelle version à ce sujet, à la rue Monsieur-le-Prince. On y disait que le bouquet montré jusqu'ici comme étant le présent de Clotilde était un cadeau de feu notre confrère Winstanley, et que l'ouvrage de Clotilde est une petite corbeille de fleurs qui se trouvait sur le buffet de la salle à manger. Je l'y ai vue, encore en Octobre 1897, sans rien qui la protégeât contre l'action du temps ; et on nous a informé plus tard que la dite corbeille avait été depuis placée dans la chambre à coucher de notre Maître, et sous un globe.

Le passage ci-dessus transcrit ne laisse le moindre doute sur l'importance que notre Maître attachait à cette relique. Nous croyons donc que c'est un devoir de porter ces faits à la connaissance de ceux de nos co-religionnaires que se trouvent à même de donner des renseignements authentiques à ce sujet. C'est pourquoi j'ai pris la résolution d'adresser cette circulaire aux po-



sitivistes qui ont en l'incomparable bonheur de connaître personnellement notre Maître et sa noble Fille adoptive. Nous leur prions, au nom des plus tendres sentiments de la Postérité, de vouloir bien répondre aux questions suivantes, ou de donner à cet égard le témoignage public quelconque qui leur semblera plus convenable. L'essentiel est que tout doute soit dissipé sur un sujet qui, quel que soit le scepticisme de nos contemporains, aura pour l'Avenir, l'importance que notre Maître lui accordait.

Tout à vous dans l'amour, la foi, et le service de l'Humanité.

R. Teixeira Mendes,

Vice-directeur de l'Apostolat Positiviste du Brésil.

Temple de l'Humanité

30, Rue Benjamin Constant.

Questions sur le bouquet que Clotilde a fait et donné à notre Maître.

1^o Notre Maître vous-a-t-il montré le bouquet ouvrage et présent de Clotilde de Vaux ?

2^o Dans quelle pièce de l'appartement de la rue Monsieur-le-Prince se trouvait le dit bouquet à cette occasion ?

3^o Vous rappelez-vous la forme du vase où il se trouvait ?

4^o De quelle substance était ce vase ?

5^o Ces fleurs étaient-elles liées par leurs tiges de façon à sembler se dégager d'un seul tronc, ou bien formaient-elles une touffe dans une corbeille ?

6^o Savez-vous, d'après votre observation personnelle, si, du vivant de notre Maître, les dites fleurs n'étaient pas protégées contre l'action du temps ?

7^o Avez vous assisté à quelques-unes des cérémonies de notre culte public, et avez-vous remarqué à quel endroit et comment se trouvait alors le dit bouquet ?

8^o Avez-vous vu le dit bouquet dans la chambre à coucher de notre Maître, sur la cheminée, à l'occasion de votre première visite, à la rue Monsieur-le-Prince, après la mort de notre Maître ?

9^o À quelle époque a eu lieu cette première visite ?

10° Combien de bouquets avez-vous vu, à la rue Monsieur-le-Prince, du vivant de notre Maître?

11° Avez-vous connu le bouquet donné par Winstanley? Était-il dans un *vase* de col allongé et sous un globe?

12° Dans quelle pièce de l'appartement de la rue Monsieur-le-Prince se trouvait-il?

13° Avez-vous connu une petite corbeille de fleurs artificielles, à la rue Monsieur-le-Prince? Dans quelle pièce de l'appartement se trouvait-elle?

14° Savez-vous quelle est l'origine de cette corbeille?

Nous prions les positivistes qui auront connu le bouquet seulement par Sophie de vouloir bien répondre aux mêmes questions ci-dessus posés. Quant à ceux qui l'auront connu par notre Maître, nous leur prions de nous répondre en outre aux questions suivantes:

1° Sophie vous a-t-elle montré le bouquet de Clotilde après la mort de notre Maître? À quelle époque?

2° Dans quelle pièce de l'appartement se trouvait alors le dit bouquet?

3° Sophie vous a-t-elle montré le bouquet que Winstanley a donné à notre Maître?

4° Vous a-t-elle dit à quelle époque Winstanley a fait ce cadeau à notre Maître?

5° Dans quelle pièce de l'appartement se trouvait le bouquet donné par Winstanley?

6° Sophie vous a parlé de quelques-unes des cérémonies de notre culte public, et vous a-t-elle dit à quel endroit et comment était alors placé le bouquet donné par Clotilde?

Tels sont les renseignements que je crois indispensables pour dissiper tout doute sur l'authenticité du Bouquet sacré. En les demandant, je le répète, je suis convaincu d'accomplir un devoir. J'adresserai donc cette circulaire à tous ceux que je crois animés par une sincère vénération envers notre Maître, sans prétendre, d'ailleurs, aucunement leur tracer d'avance une voie ou une forme pour leur témoignage. Je dois seulement ajouter, en terminant, que le passage ci-dessus transcrit



du *Testament*, impose, ce nous semble, aux exécuteurs testamentaires de notre Maître une manifestation collective et directe à ce sujet. C'est pourquoi je me suis adressé spécialement à nos respectables confrères M. Congrève et le Docteur Robinet, leur priant de vouloir bien en prendre l'initiative.

R. Teixeira Mendes,

Vice-directeur de l'Apostolat Positiviste du Brésil

Temple de l'Humanité

80, Rue Benjamin Constant.





INDICE ALFABETICO

ORGANIZADO PELO

DR. JOAQUIM BAGUEIRA LEAL

NOTA. — Quando o assunto é tratado seguidamente em varias paginas, vai indicada sómente a primeira. — N. M. significa *Nosso Mestre* (Augusto Comte)

- Abric Encontre (M^{me}), 304, 317.
Allman, 296.
Altruismo. Inateidade, 87. Dependencia para com o egoismo; 227.
Amiens, 316.
Amiot (Coronel), 305.
Amizade. Condições, 88. Tipo, 88, 109.
Amor. V. *Sentimento*.
Anarchia moderna. Principais responsaveis, 21. Gravidade e terminação, 56. Ação sobre os laços domesticos, 135. Conduta dos revolucionarios em relação ás exigencias sociais, 237.
Apego, 88.
Arago. Estreiteza moral e mental, 132. Sua camarilha, 139. Parte na luta politécnica, 216; no processo de Bachelier, 351.
Ariosto. Sua leitura por N. M., 101.
Aristoteles, 130, 234.
Arrau (Luiz), 8, 49, 298, 301, 320.
Artes. Classificação, 60.
Audiffrent. Seus esclarecimentos sobre aluzões do *Volume Sagrado*, 289. Aludido nesse Vol., 292, 293, 295.
Augusto Comte. Referencia das tres fazes de sua vida a seus tres anjos, 1. Necessidade de detalhes sobre as vidas de seus anjos, 5. Existencias ligadas a seu desenvolvimento moral, 6. Primeiro amor, 155, 156, 174. Emancipação prematura, funestas consequencias, 174. Entusiasmo por Franklin e plano de conduta aos 19 anos, 175. Relações com Paulina, 176; com Saint-Simon, 176, 7. Grandeza no auge do septicismo, 176, 177, 180. — Em 1822, suas opiniões sobre o sexo feminino, 176, 184; sua fundação da sociologia, sua lei dos tres estados, seu *Opusculo Fundamental*, seus sucessos, 176; sua despreocupação material, 177, 221. Apreciação do



Opusculo, 179, 182; seu primeiro resultado, instituição do método de filiação, definição do progresso social, fundação da hierarquia positiva, da dinâmica social, sistematização da continuidade humana, apreciação do regime católico-feudal, do papel social das belas-artistas, veneração para com o catolicismo, 179, 180. Sua confiança nas demonstrações, 181. Relação moral e mental do *Opusculo*, 182, 183, 186, 189. Dificuldades e condição indispensável para a solução do problema feminino, 184. Seus sucessos dependiam mais do coração que do genio e do caráter, 185. Depois do *Opusculo*, suas idéias sobre a pureza 186, o casamento 187, o divórcio 188, 243, a chefia da família 188, o celibato, a continência, 189. — Em 1842, suas relações 126, suas ocupações 137. — Em 1843, estado de sua elaboração filosófica, sua concepção sobre a moral, sobre a hierarquia das faculdades humanas, sobre os sexos, 133, o celibato, o divórcio, 134, a pureza 136; sua vida 137, 139, sua situação moral, 144. Condições morais indispensáveis à sua segunda vi-

da, 145, 147. Evolução de suas idéias sobre a hierarquia dos sexos, 146. Relações com a família Austín, 148. Publicação da *Astronomia Popular*, 150. Suas idéias sobre o destino social da mulher, 174, 181, 196, sobre a amizade completa, 196, sua apreciação dos termos *igualdade e fraternidade*, 197. Seus desapontamentos em relação ao poder das demonstrações e às amizades masculinas, 197. — Em 1844, sua vida, 151, suas idéias sobre a oração, 158, uma manifestação de sua delicadeza, 158. Sua grandeza moral não comporta paralelo, 161. — Em 1844, sua saúde, 162, 163, 167; sua situação material, 162; situação moral, 167; suas idéias sobre o jejum, 169. Seu preconceito em relação ao espírito, 180, permanece depois da elaboração da *Filosofia*, 181. Reações pessoais da adezação de Littré, 199; a conspiração do silêncio, 200; valor da adezação, 201; primeiro juízo sobre Littré, 203, v. *Littré*. — Em fins de 1844, sua vida e preocupações, 203. Apreciação da máxima católica na *Filosofia*, 237. — Em 1845, sua situação material, 247, 253. Seu *Tra-*



tado de Sociologia, 247. Sua evolução em 1845 (Março e Abril), 250.—Seu maior título à nossa gratidão, 120.—VIDA CONJUGAL. Seu pronunciamento sobre a esposa, em 1846, 112; em 1842, 136; sobre o seu casamento, a separação final, 134, a pensão que dava à esposa, 135. Suas necessidades de afeição, 136. Gravidade social e efeitos de seu isolamento, 136. Relações com a esposa depois da separação, 169, narradas por Littré, 170 e 171. Seu casamento, causa, 189; sofrimentos consecutivos 190; reações mentais, 191, 194. Seus três amigos na mocidade, 192. Suas delíuzões, 194. A compensação de seus sofrimentos, 195. Sua loucura e tentativa de suicídio, 195, 277, 356. Cessação da plena intimidade conjugal, 196. Sua conduta para com a esposa foi a de um santo, 135, 162, 191, 192, 196, 239, 282. Certidão de seu casamento, civil, 270; religioso, 272. Informações do Dr. Robinet, 282. V. *Carolina Massin*. — LUTA POLITECNICA. O prefácio pessoal, 126, acidente que produziu, 132, 350. História da luta, proposta que recebeu N. M., 139. Perda de seu

lugar de examinador, 162, 216. Seu prestígio sobre a mocidade; suas esperanças na reorganização da escola, 163, seu desapontamento, 204. Parte que na luta tomou a rainha, 217. Redução de seus recursos materiais, 218; sua resignação, 219; seus primeiros protetores, 219, 162. Encarniçamento de seus inimigos, 219. Sua apreciação da luta; seu juízo em 1844 sobre Arago, 219. Grandeza moral de N. M. na adversidade, 220; reação de Clotilde sobre os seus sentimentos, 221. Desfecho da luta, 222; situação material consecutiva, 223. A publicação de uma *Revisita*, o anonimato, 223; inconvenientes pessoais, 224. — RELAÇÕES COM CLOTILDE. Primeiro encontro, 7, 164. Ponto capital na apreciação dessas relações, 89. Suas teorias deverião a princípio dezagradar a Clotilde, 100; o que poderia incliná-la a favor de N. M., 101. Influência de Clotilde sobre o estado mental de N. M., 101. Parte de N. M. e de Clotilde na descoberta da lei do dever e da felicidade, 108. Juízos escrupulosos de N. M. sobre a *Lucia*, sobre Clotilde, 111, 112. Um trecho

sobre o ciúme, 112. A união do Supremo Par está ligada aos mais vitais interesses da Humanidade, 122. Trecho de uma carta de N. M. comunicando a morte de Clotilde, 156. Sua situação moral ao estreitar as relações com Maximilien Marie; profundidade a que chegarão essas relações, 166. Início da paixão: impressão causada por Clotilde, 197; emoções encontradas, 203; primeiras reações, 204; evolução da paixão, 205, 210; importância social da direção que N. M. desse aos seus sentimentos, 206; seu único guia, 207, 210; conduta traçada por sua doutrina, naturalidade da inclinação, 208; situação melindrozíssima de Clotilde, compaixão por sua sorte, 209; combates íntimos de N. M. para dissipar a paixão, 211, 215, 225, 233, 246, 247; reação da adesão publica de Littré sobre a sua paixão, 214. Reação de Clotilde, moral 221, mental 226, 227, 231, 254. N. M. decide-se a não rezistir á paixão, 226. Amargura devida aos obstáculos que o sepáram de Clotilde, 232. Seu amor comparado aos de Dante, Petrarca, Descartes, d'Alembert, Aris-

toteles, 233. Seu culto comparado com o de S. Bernardo, 256. Sua opinião em 1845 sobre as uniões ilegítimas, 238, 240. Quando conheceu a realidade sobre o infortunio de Clotilde, 238. Firmeza de suas convicções sobre o divórcio, 239. Sea cazo em 1845 justificaria uma união ilegal? 243. Suas idéias em 1845 sobre a castidade, 243. Reação de Clotilde no ponto de vista da pureza, 243, 247. Sua sublimidade na santa paixão, 246. Início da correspondencia sagrada, 251. Estado de sua alma em 1845 (Maio), 251. A primeira vizita de Clotilde, 254. Ruptura das relações com a fam. Marie, 256. Parte mais deciziva e mais patetica de sua vida, 256. Agradecimento a Clotilde pelo Ramalhete, 264. Suas recomendações sobre as reliquias de Clotilde, 266. Certidão de batismo do afilhado de N. M. e Clotilde, 345. V. *Clotilde*. — **RELAÇÕES COM A FAMÍLIA MATERNA.** Em 1837 e 1842, seu pronunciamento a respeito, 128. Em 1825, p. 170 e 195. Em 1843, narração de Littré, 170. Suas expressões sobre sua Mãe depois da regeneração, 171, 307. Conduta de sua familia por

ocasião da doença de 1826, 270, 7; como teve dela conhecimento, 276; porque opoz-se ao casamento, 278; recursos que lhe forneceu em Paris, 278. Correspondência com seus pais, 332. Sua Mãe, v. *Rozalia Boyer*. Seu Pai, v. *Comte (Luiz)*. Seus Irmãos, v. *Comte*. (*Alix, Ermance, Adolfo*). Sua Mãe, 130.—INFORMAÇÕES DIVERSAS, 14, 261. Sua casa, 14, 19, 261, 262. Sua sopa de leite, 16. Últimos momentos, 17, 18, 264. Seu enterro, 18, 19. Tumulos sagrados, 24. Interior de seu tumulo, 25. Pessoas que vierão á sua casa no dia seguinte ao do enterro, 25. Hora de seu jantar, de sua visita ao tumulo de Clotilde, 27. Specimen de suas notas nos exames, 98. Seu pronomeiamento em 1857 sobre o *Sistema de Filozofia*, 101. Uma referencia em 1846 a Sofia Germain, 113. Remessa do primeiro vol. da *Filozofia* á Academia das Sciencias, 124. Seus dotes fizicos, 174. Sua higiene cerebral, 213. Sua conduta em 1845 com o abade Maupied e Blainville, 248. Suas imagens especiais de 24 e 29 de Abril de 1845, p. 250. Sua parte no processo de Abril

de 1835, p. 253. Sua balança de pezar os alimentos, sua irman subjetiva, 262. Seu gabinete de trabalho, seu quarto de dormir, sua pobreza, os originaes de suas obras, 263. Sua filha Luiza, 270, 7, 176, 198. Anuncio de seu curso de 1850, p. 273. Uma preciosa reliquia sua confiada á Igreja Brazileira, 274. Um busto seu posterior á sua morte, 276. Seus premios no Liceu de Montpellier, 279, 313. Carta de seu medico sobre a sua molestia, 280. Sua accessibilidade, seu principio de julgar os homens, 285, 127. Sua conduta para com Belpaume, 285. Ingratidão de alguns dicipulos, 286. Esclarecimentos sobre as suas aluzões do *Vol. Sagrado*, 289. Certidão de seu nascimento, 309. Programa de matematicas do Liceu de Montpellier no seu tempo, 314. Sua memoria apresentada á Academia das Sciencias, 322, 323. Informações sobre a sua estada na Escola Politecnica, 322, 326, 327, 330. Valor dessas informações, 330. Um seu bilhete a Tabarié, 332. Suas dedicatorias em livros que deu a Sofia, 333, a Paulo Thomas, 334. Suas notas em um exemplar de La



- Fontaine, 334. Sua entrevista com Ingram, 339.
- Austin (John), 148.
- (Sarah). Importancia de sua correspondencia com N. M. 6, 157. Informações, 7. Noticia biografica, 149. Correspondencia com N. M. 150, 338. Exame dessas relações, 154; influencia sobre N. M. 157. Apreciação de N. M. sobre — 157. Insuficiencia de seu cazo para conduzir á solução do problema humano, 159. Parte na luta politecnica, 218.
- Bachelier. Má conduta, 132. Processo, 137, 350.
- Bain, 223.
- Bastilha, 21.
- Barbès, 294.
- Barbette (Caza da rua —), 51.
- Bazalgette, 18, 25.
- Beatriz, 203.
- Beauvais, 37, 66, 78, 301.
- Belpaume, 283, 285, 287, 289.
- Benjamin Constant (publicista francez). O que pensava do pozitivismo, 220.
- Bernard (Thalès), 7, 126, 201.
- Bertrand, 330.
- Billot (General), 324, 329.
- Blainville. Relações com N. M. 126. Sua parte na luta politecnica 139, na vida domestica de N. M. 169. Incompatibilidade mental com N. M. 197. Aprova a fundação de uma Revista, 223. Incidente com N. M. por occasião da publicação de uma obra sua, 248.
- Blanchard (Emile), 303, 321.
- Bonaparte (I). O que favoreceu a sua volta da ilha d'Elba, 34.—(III), 339.
- Bonchamp (Condessa de), 51.
- Bondade, 82.
- Bonnin (Charles), 6, 7, 126, 127, 223, 274, 290.
- (Vitoria), 6, 7, 127.
- Bordeaux (Me), 351.
- Bourchenin, 316, 317.
- Brazileira (M^{me}), 297.
- Brewster, 133.
- Bülow-Marenholtz (Baroneza de), 297. Correspondencia com N. M., 337.
- Bülow-Wendhausen (Baroneza de), 337.
- Cabanes, 192.
- Capellen (De—), 290, 292.
- Caro, 296.
- Carolina Massin. Suas relações conjugais com N. M. 14. Sua conduta irregular 14, 130, 190, 239, 276, 284. Conduta de— e Littré em caza de N. M. depois de sua morte, 26, 27. Juizo de N. M. sobre —, 112. A separação final, 126, 282, 2. Seus passos para voltar ao domicilio 169, 283. Sua nefanda relação sobre N. M. 170, 191. Suas qualidades, 189, 191.



- Consequencia de sua conduta 195. Seus serviços na molestia de 1826, 195. Seus antecedentes, 277. Reação sobre — das relações de N. M. e Clotilde 283.
- Carrel (Armand), 127, 268.
- Carvalho, 331.
- Castidade. Falsa opinião a respeito, 87. Eficácia 233.
- Catolicismo. O maior tormento dos melhores catolicos, 55. Resultados sociais, 55. Consequencias sociais da emancipação prematura, 56. Catolicismo e positivismo, comparação de suas satisfações morais, seu contraste em uma carta de Clotilde, 56. Advento da escola retrograda, 57. Seu rejuvenecimento depois da revolução franceza, 58. Influencias sobre Clotilde, aptidão a dispôr aos sacrificios extremos, 58. Comparação do verdadeiro com a devoção banal, 59. Sua teoria da natureza humana, 181. Atitude de seu sacerdocio em relação á impureza feminina, 186. Movel egoista de sua devoção, 237. Unico antagonista digno do positivismo, 253.
- Cazamento. Sua justificação por S. Paulo, 87, 183. Evolução, 188. Verdadeiro carater, 227. Dissolução moral, 238. Indignidade prolongada de um dos conjuges 238, 242, 245. Uniões livres 83, 236, 241, 242.
- Celibato, 232.
- Chabaud-Latour (Barão), 305.
- Chardoillet (Virginie), 262, 296.
- Chauvin, 54.
- Circular. Explicação prévia sobre esta, V, 1.
- Clotilde. Informações e documentos, 30. Antecedentes, 31, 346, v. *Marie e Ficquelmont*. Vicissitudes de seus antepassados; cessação das relações da sua familia com o Conde de Ficquelmont, 32, 37. Situação social na época de sua concepção e gestação, 35. Certidão de idade, 35. Caza em que nasceu, 36. Influencia de seus antecedentes, 37, 58. Idade com que foi para Sta. Genoveva, 48. Infancia, 48. O convento da rua Barbette, 48, 51. Certidão de batismo, considerações sobre o batizado tardio, 49. Estada na caza da rua Barbette, documentos relativos á admissão, 51; interrupção dos estudos, delicadeza da saude, 53, 54; carta a seus pais na primeira comunhão, 54; meio social em que passou a infancia, 57; documentos rela-

tivos á sahida, 57, 59. Explicação de sua delicadeza moral, 58. Resultado da cultura catolica, 59. Sua instrução, projetos sobre a *Wilhelmine*, cultura estetica, 59. Sua indole, 60. Seu meio social ao sahir do collegio, 60. Seu casamento, historia, 63; certidão do casamento civil, 63; difficuldade de obtê-la, 65; do casamento religioso, 66. Seu filho, 67. Sua vida conjugal, 68. Sua inscrição na *Journée du Chrétien*, 68; apreciação de N.M., 118. Sua desgraça, 69, 73. Situação material depois da catastrophe, 78, 94, 151. O *triste paquet*, 79. Situação moral depois da catastrophe; septicismo volteriano, 80, religioso, 81, 116. Sua amigam nos dois primeiros anos, 81. Mudança para Paris, 82. Sua paixão infeliz, 82, 102. Seus propozitos depois da catastrophe, 83. Sua sublimidade, 92. Problema moral que se lhe oferecia ao deixar o teologismo, 93. Assistencia que lhe ofereceu o conde de Ficquelmont, 93, 152. Seus planos de independencia pessoal, 93; literarios e sociais, 94; perigos da independencia, 94. Desconhecimento de sua superioridade pela familia, 94. Situação moral em relação

aos instintos da reprodução, 95. Seu unico gulo; analogia com Descartes, 96. Sua glorificação seliga á superioridade da *Politica* sobre a *Filozofia*, 101. Seus passos para dissuadir N. M. de sua paixão, 102. Sua ilusão sobre a superioridade da intelligencia e do homem, 103. Seu altruismo, 104, 235. Situação afetiva, antes da paixão, 104, durante a paixão, 105, 106, ao afastar-se do objeto da paixão, 107. Fundou a Moral Positiva, 108. Apreciação de N.M. sobre—, 112. Sua colaboração na fundação do positivismo, 114, 3, 4. Estro poetico, 115, 119. O suicidio em sua vida, 116. Sua parte na composição da *Politica*; na incorporação do fetichismo, 118. Um seu primeiro esboço poetico, 118. Resultados morais a que tinha chegado, 120. Sua supremacia na evolução da Humanidade, 121. Sua união a N. M. ligada aos mais vitais interesses da Humanidade, 122. Sua residencia em 1844-1845, 151, 153. Sua vilegiatura em Passy, 153. Seus retratos, 153, 262. Sua aptidão para conduzir á solução do problema moral, 161. Frazes que caracteriza sua gloria, 161. Primeiro encon-

tro com N. M., 164, 7, 19. Seu físico, 197. Primeiro sentimento que despertou, 198. O divórcio no seu caso, 235. Sua moral comparada com a católica, 237. Parte mais desativa de sua vida, 256. Seus últimos dias, 256, 17, 153. Seu enterro, 256, 259. Casa em que faleceu, 257, 21. Certidão da encomendação de seu corpo, 257. Certidão civil de óbito, 258. Preciosas relíquias suas confiadas á Igreja Brasileira, 54, 119, 259. Um projecto de sua biografia, 260. Seu *Altar*, 263. O *Ramathote Sagrado*, 264. O *don d' cœur*, 266. Seu tumulto, 311, 22. Seus trechos e maximas sobre: o século XIX, 59; a educação claustral, 60; a necessidade dos deveres, a amizade em relação aos sexos, 81, 109; as instituições sociais, 96; a divulgação das perturbações, a felicidade, 97; a fraqueza da natureza humana, a desordem mesmo justificada, 104; a vida doméstica, a maternidade, 105, 107, 108, 109; o destino social das forças humanas 105, 107, 109; as uniões livres, o divórcio, 105, 110; a opinião pública, 106; o papel da mulher, os prazeres da dedicação, 106, 107, 109, 110; os encantos dos sentimentos genero-

zos, as inteligências superiores, o destino do homem útil, 107; a situação material da mulher, as mulheres eminentes, 107, 110; o isolamento, 108; a existência social, 109; a relatividade das leis morais, 110; Eliza Mercœur (versos), 116; a *Infância* (poezia), os estímulos altruístas da amargura, 119; as condições da regeneração humana, 121; a sua família, 152.— Sua família, v. *Marie*. Seu marido, v. *Vaux* (*Amadeu de*).

Comte (Adolfo). (Irmão de N. M.). Certidão de nascimento, 362.

— (Alix). (Irmão de N. M.). Suas informações sobre N. M., 129. Correspondência com o Dr. Robinet, 275. Qualidades morais, 278. Seu pronunciamento sobre a morte de Sofia e a de Constant-Rebecque, 279. Restos mortais, 308. Certidão de óbito, 312; de nascimento, 360.

— (Augusto). V. *Augusto Comte*.

— (Ernanee). (Irmão de N. M.). Certidão de nascimento, 361.

— (Luiz). (Pai de N. M.) Restos mortais, 308. Certidão de óbito, 311; de seu casamento, 359.

— (M^{me}). Mãe de N. M. V. *Rozalia*.



- Comte (M^{me}). V. *Carolina Massin*.
- Comuna, 48.
- Condorcet, 124, 254.
- Congreve, 269, 289, 351.
- (M^{me}), 15.
- Constant-Rebecque, 292.
- Coração. V. *Sentimento*.
- Coriolis, 139.
- Cenrot, 192.
- Cousin, 137, 353.
- Couve (Henri), 307, 308, 361, VII.
- Coyecque, 36, 65, 258, 270.
- Cree (Dr. James), 8, 303, 304, 306, 320, 322.
- Crompton (Albert), 331.
- Culto. Valor dos detalhes no—, 30. No positivismo e no catolicismo, 56.
- D'Alembert, 234.
- Dante, 203, 233, 256.
- Dapsens, 258.
- Davout (General), 48.
- Decio Vilares, 8.
- De Maistre, 57.
- Descartes, 96, 130, 234.
- Deulin, 293, 297.
- Dever. V. *Felicidade, Moral*.
- Divorcio. A questão do— depois da catastrophe de Clotilde, 83. O—no caso de N. M., 232. Unioo caso de—, 255. Sua illegitimidade, 240, 242. V. *Cazamento*.
- Dubarry, 306.
- Dubuisson (Alfred), 321.
- Duces (Gustave), 303.
- Duhamel, 162, 216.
- Dunoyer, 250.
- Dupin, 253.
- Dussauze (Walter), 304.
- Edger, 291.
- Edger (M^{me} Ve), 320.
- Egoismo. Seu emprego social foi indispensavel, 91, 92. Seus sofismas, 96.
- Eichthal (Gustavo de), 127.
- Elizabeth (Princeza Palatina), 234.
- Encontre (Daniel). Documentos e informações, 261, 303. Opusculos doados á Igreja Brasileira, 305; autografos, idem, 316. Quando foi mestre de N. M., 316.
- V. *M^{me} Abrie*.
- Ercuis, 51, 53.
- Espirito. V. *Inteligencia*.
- Etex, 262, 333.
- Felicidade. A solução do seu problema, 84, exige o advento da Humanidade, 85, e conduziu aos diversos sistemas religiosos, 86. Ideal egoista, 86. No politeismo, no teologismo, na metafizica, 89, para os enciclopedistas, 87. Estado da questão depois da catastrophe de Clotilde, 87. Dificuldade do problema devida ao instinto sexual, 87. Outra dificuldade, 92. Sem amarguras é chimera, 93. Identificação com o dever, 92, 108. Principal fonte, 222.
- Ficquelmont (Conde Carlos Luiz de). Data e lugar do nascimento, 31. Seu pai, 32. Elevação moral.

37. Carta a sua filha no dia da crisma, 38. Assistência a Clotilde, 93, 152. Nota sobre a família—, 346.
- Filozofia Positiva (*Sistema de*). Seu julgamento por N. M.; sua melhor parte, 101. Data de seu ultimo volume, 131. Uma tradução alemã, 253.
- Fisher (John), 297.
- Florez, 290.
- Folley, 290.
- Fourierismo, 84.
- Françoise Jourdan, 130.
- Geddes (M^{me}), 15.
- Geneviève (S^{te}), Lugar onde Clotilde foi batizada, 48, 49.
- Gide (Charles), 306.
- Godofredo de Buillon, 58.
- Golpe de estado. Reação do—de 2 de Dez. de 1851 sobre a Soc. Positivista, 286.
- Governo, 229.
- Granchamp (Dr. Pinel), 126.
- Grandes homens, 85.
- Grote, 133, 154, 162, 219.
- Guichard (M^{me}), 290.
- Guizot, 163, 218, 223, 253, 353.
- Hadery, 25, 191, 197.
- Hereditariedade. Rezumo de sua teoria positiva, 31.
- Homem. V. *Mulher. Sexos*.
- Humanidade. Estado precario no principio da evolução, 90.
- Hutton, 296, 331, 338.
- Idade-Média, 183.
- Industria. Objeto geral, 228.
- Ingram, 296, 331, 338.
- Instinto nutritivo. Seu papel na evolução humana, 87, 89, 92. Reação sobre a veneração, 88.
- Instinto sexual. Seu papel na evolução humana, 87, 89. Reações altruístas, 87, 90. Seus sofismas, 88, 92. Entorpecimento inicial, 90.
- Inteligencia. Seu logar na jerarchia dos atributos humanos, 90, 93. Papel da razão na virtude, 9a. As paixões intervêm em todos os pensamentos, 96. Estudos preferíveis pelas grandes inteligencias, 125.
- Intimidade. V. *Amizade*.
- Jejum, 92, 233.
- Jonquières, 316, 358, 359.
- Kergolay (Conde de), 44.
- Kun (Leon), 273.
- Kurtz (Maurice), 321.
- Lacnue, 192.
- Lacvivier (Croisiers de), 309.
- Laffitte. Relações com N. M., 154. Conduta em relação a um pedido de reprodução do Ramalhete Sagrado, 267. Aludido no *Vol. Sagrado*, 290, 291, 296.
- Lagardère, 309.
- Lagrange, 161.
- La Menais. Seu pronunciamento sobre N. M., 144, 253.
- Langlois, 37.

- Laurent, 293, 294.
 Lazard, 36, 52, 65, 258, 273.
 Leblais. Má conduta, 283. Punição, 287, 289.
 Le Brun, 304.
 Leenhardt, 303.
 Leal (Alexandre), 337.
 Lefort, 292, 293, 295, 296.
 Legalidade. Valor moral. 241.
 Lei. Condição essencial, 160.
 Leibnitz, 130.
 Lenoir, 17, 126, 173, 274.
 L'Espinasse (Melle de), 234.
 Lewes, 148, 223.
 Liouville, 125, 139.
 Liceu (de Montpellier), 309, 313.
 Littré. Sua conduta em casa do N. M. depois de sua morte, 27. Relações com N. M., 127. Seu livro contra N. M., 169. Suas primeiras manifestações positivistas, 199. Valor de sua azeção, 201, 213. Juizo de N. M. sobre — em 1844, p. 202, 286. Reação de sua azeção sobre N. M., 212. Efeitos reais de seus artigos, 218. Seu projeto de uma *Revista* positivista, 223. Seus sentimentos de conduta para com o N. M., 283, 284, 286, 287, 288, 294. Sua retirada da Soc. Positivista, 286. Aludido no *Vol. Sagrado*, 294.
 Littreismo. Origem, 286. Conduto litreista para com o N. M., 287, 289.
 Lonchampt. Sua parte nos ultimos momentos de N. M., 18, 25. Aludido no *Vol. Sagrado*, 290, 291, 293.
 Lucas, 292, 294.
 Lucia (Novela de Clotilde) Impressão que causou a N. M., 80. Trechos revelando: septicismo, 80, 81; a situação de Clotilde depois do infortunio, 82: respeito á sociedade, 97. Pinta a situação de Clotilde, 111. Sua posição teorica no futuro, 122. Sua publicação no *Nacional* 345.
 Luiz Filipe, 60.
 Luiz XVIII, 34.
 Luiza, 7, 176, 197, 270.
 Madame Comte. V. *Carolina Massin*.
 Magnin. Sua parte nos ultimos momentos de N. M., 18, 25. Aludido no *Volume Sagrado*, 290, 297.
 Mãe. Valor dos antecedentes maternos, 31. No Positivismo e no Catolicismo, 56. Seu azeidente desenvolve a veneração e tambem o apego e a bondade, 88.
 Manonville (Barão de), 53.
 Marcha (Condessa do), 32.
 Marie (Henriette-Joséphine de Ficquelmont, Mãe de Clotilde) Dados biograficos, 33. Uma petição em favor de seu marido, 41. Residencia em Santa Genoveva, 48.

Reatamento das relações com a família, 48. Fez os retratos de Clotilde, 153. Juízo de Clotilde sobre— 154. Seu retrato, 259. Certidão de obito, 349.

Marie (Joseph Simon). (Pai de Clotilde). Dados biográficos, 34, 37. Documentos relativos á sua nomeação de perceptor, 40. Fé de ofício, 51, 30. Transferencia para Neuilly-en-Telle e para Méru, 53. Conduta no emprego, 61. Seu ppotesto a proposito da nomeação de Amadeu de Vaux 73. Seu retrato, 259. Fé de ofício. 347, 30 51. Certidão de obito, 350.

— (Léon). (Irmão de Clotilde). 37.

— (Charles François Maximilien). (Irmão de Clotilde). Nascimento, 37. Mudança Paris, 82. Casamento, 82, 151. Início das relações com o N. M. 98. Nota do seu exame dada por N. M., 98. Entredada para a Escola Polytechnica, 100. Noticiabio-gráfica, 100. Ação científica e politica, 100. Estreitamento das relações com N. M. 123, 131, 153. Preocupações matematicas, 123. Escritos, 123. Passos perante a Academia das Sciencias, 124, 138, 140. Imortalização. 138, 140, 165. Dedicatoria de um

opusculo a N. M. 140; publicação do mesmo; o editor, 142. Compensação de seus dezapontamentos, 142. Sentimentos para com o N. M. em 1843, p. 142; retribuição, 143. Sua critica do academismo, 143. Fria aceitação do seu opusculo, 164; a segunda edição, 164, 166. Conduta para com o N. M. depois do rompimento, 165. Sua apreciação da expoliação de N. M., 166. Relações com o Dr. Robinet, 274. Certidão de batismo de seu filho, afilhado de N. M. e Clotilde, 345.

Marie (M^{me} Ve Maximilien). (Cunhada de Clotilde). Casamento, 82, 151. Cultura muzical, 154. Confiou ao autor varias reliquias de Clotilde, 54, 119, 259. Sua afeição por Clotilde, 274. Seu acolhimento ao autor, 319. V. 34, 119, 153, 197, 256, 259.

Marrast (Armand). Relações com o N. M., 127. Parte no processo de Bachelier, 137; no projeto de traduzir a *Logica* de Mill, 199; na conspiração do silencio, 200; na publicação dos artigos positivistas de Littré, 214. Conduta para com o N. M., 214. Processo de 1835, p. 258. Aludido no *Vol. Sagrado*, 290.

Martineau (Miss Harriet), 186,

Mathieu, 137, 139.

Maupied, 248.

Maximas e pensamentos.

Desconfiar das decizões que pareçam favorecer o egoismo, 58. — sobre a liberdade de amar ou odiar; a felicidade sem amor, 83; a instrução social tirada dos sofrimentos pessoais; as invectivas contra a sociedade, 111. — de Terêncio, 126. — sobre a vantagem de transformar os embaraços em encargos pecuniarios, 135; sobre o jejum, 169; a tendência dos corações amantes, 180, 181; a situação material das mulheres, 239. — de Clotilde, v. *Clotilde*.

Mercadier, 316.

Mercœur (Eliza), 114, 115, 116.

Méru, 33, 40, 53, 61, 64.

Meusnier Celestin, 64, 74.

Michelet, 295.

Molesworth, 125, 162, 219.

Molière, 187.

Monge, 138.

Monnier (Jean), 303, 306.

Montauban, 303, 343.

Montégre (Dr.), 290.

Montenegro Cordeiro, 15,

29, 30, 298, 320, 331, 350.

Montpellier, 305, 343.

Moonen (Charles), 258.

Moral. Dificuldade de seu estudo, 85. A—do interesse bem entendido, 86.

Estado do problema moral quando Clotilde veio para Paris, 93; seu abandono pela anarchia moderna, 103. Moral positiva: condensa-se esteticamente em trechos de Clotilde, 108; sistematiza as suas conclusões, 111. Necessidade da sistematização científica das leis morais, 121. A instituição da—se liga á da jerarchia dos sexos, 146. Solução do problema moral: condições, 161; indispensabilidade de uma mulher eminente, sublimidade de seu papel, 185; não teria sido achada ainda, si N. M. não tivesse encontrado Clotilde, 186. Relativismo das regras morais, 240. Noção vulgar da moralidade, 241. V. *Felicidade*, *Sentimento*, *Maximas*.

Mornay (Marquez de), 70, 73, 74.

Mulher. É da—que provem fundamentalmente o homem, 31. Simpatia da—pelo positivismo, 56. Papel na evolução humana, 89. Primeira condição para atuar sobre o homem, 90. Situação no início da evolução, 90. Baze de sua influencia inicial; origem de sua subordinação ao homem; sabedoria intuitiva; método de ação analogo ao

- do Catolicismo, 91. Reconhecimento de sua supremacia por N. M., 226. Missão social, 227. Sua intelligencia, 228. Resultada invariavel de sua influencia, 228. Preeminencia sobre o sacerdocio, 228, sobre o governo, 229. Subordinação politica ao homem, 229. V. *Sexos*.
- Muza, 115.
- Muzica, 160.
- Natureza humana. Diferenças individuais, 85.
- Oise, 40, 61.
- Oissy, 9.
- Oscar Ferreira, VII, 361.
- Paris, VI, 19. Sua disposição em relação ao positivismo, 53. Reconhecimento que lhe devemos, VI.
- Pascal, 286, 287, 289.
- Paulina, 176.
- Paulo Thomas. V. *Thomas*.
- Pensées (*Les—d'une fleur*). Apreciação pela familia de Clotilde, 115; por N. M., 216. Influencia na sintheze historica, 116.
- Père Lachaise (cemiterio), 19.
- Perry (Erskine), 295.
- Petrarca, 233.
- Philemon Deroisin, 294.
- Piat (General). 37.
- Pitagoras, 130.
- Pitias (espoza de Aristoteles), 234.
- Piza (Gabriel), 48, 316, 319, 322.
- Poezia. Seu estudo inherente ao da lingua, 59.
- Poincot. Encargo de examinar o 1º vol. da *Fil. Positiva*, 124. Parte na luta politecnica, 139, 216. Juizo de N. M. sobre—, 217.
- (Edmond), 48.
- Politecnica (Escola), 326.
- Politica. Seu destino, 229.
- Politica Positiva (*Sistema de*). Colaboração subje-tiva de Clotilde, 118.
- Pouzin (Dr. Romeu), 126, 173.
- Positivismo (*Le—et la pé-dantoeracie algébrique*). Sua complementação e correção, 5.
- Pozitivismo. Termo de evolução humana, 3. Condições de sua instituição, 4. Inicio do — religioso, 20, 255. Necessidade de salvar os documentos de sua historia, 49. Aptidão feminina e popular, 56. Seus fundadores, 121, 122. Uma vantagem da demora de seu triumpho, 186. Não institui uma teocracia scientifica, 220.
- Profumo, 291.
- Proletariado. Simpatia pelo positivismo, 56.
- Pureza. Idéias correntes sobre a—ao publicar-se o *Opuseulo Fundamental*, 186. V. *Castidade*.
- Quadros (Americo), 49, 301, 320.
- Quin (Malcolm), 331.

- Raikes Currie, 162, 219.
 Ramallete Sagrado. Sua confecção artística, 60. Duvidas sobre a sua autenticidade, 264, 265. Esforços do autor para conseguir uma reprodução, 265, 267, e para dissipar as duvidas sobre a autenticidade, 268, 363. Conduta recente de M. Laffitte em relação ao — 267. Circular pedindo informações sobre o — 363; questionário sobre o —, 365.
 Raspail, 290.
 Regnier, 32.
 Religiões. Papel na evolução humana, 4.
 Restauração. Apreciação da — por N. M., 57.
 Ribbentrop, 296.
 Robin, 286.
 Robinet (Dr.). Sua parte nos últimos momentos de N. M., 18, 25. Foi o medico de Sofia, 28. Inicio de suas relações com o N. M., 273. Sua informações sobre a familia Marie 274; sobre N. M., 275 sobre Corolina Massin e Littré, 282; sobre aluzões do *Volume Sagrado*, 289, e de sua *Noticia* biográfica de N. M., 297. Sua carta a N. M. sobre a sua molestia, 280. Aluzões a — no *Volume Sagrado*, 293. V. 26, 28, 29, 130, 273, 316, 332.
 Rochas (De — d'Aiglun), 300, 323.
 Rouvre (Charles de), 165, 319. V. *Marie*.
 Rozalia Boyer (Mae de N. M.). Seu cenotafio, 18. Data do seu falecimento, 128. Culto de N. M. para com —, 171. Influencia sobre N. M., 174, 178. Reconhecimento que lhe devemos, 179. Sua conduta na molestia de 1826 p. 195, 277. Documentos e informações conseguidas pelo autor, 261, 306. Restos mortais, 306, 363. Caza em que faleceu, 308. Certidão de obito, 310. Um seu sobrinho em Conquiere, 316. Seu retrato, 332. Certidão de batismo, 358; de casamento, 359. Seu culto a *Maria*, VII.
 Rua St Antoine, 20
 — Barbette, V. *Barbette*.
 — du Cadran, 36.
 — Monsieur-le-Prince, nº 10, p. 19, 261.
 — Pavée nº 24, p. 20, 151.
 — Payenne nº 5, p. 20, 151.
 Roussel, 37, 66. 259.
 Sabatier, 309.
 Sacerdocio. Origem, 90. Subalternidade em relação á Mulher, 228. Subordinação politica do Governo, 229. Destinação, 230.
 Saint-Paul (Igreja), 20.
 Saint-Simon (Henri de), 176.

Saint-Sacrament (St Denis du). Igreja onde foi aprezentado o corpo de Clotilde, 257.

San-Juan (1º Tenente), 8, 9, 66, 262, 265, 267, 298, 301, 319, 320, 322.

Santo Agostinho, 240.

São Bernardo, 256.

São Paulo (Fundador do catolicismo), 87, 91.

Sentimento. Parte que têm o coração e o espirito na moral, 83. Inconstancia, 84; decepções, 84, 85. Inatidade do altruismo. 87. Confusão das aptidões do coração com as do espirito, 93; supremacia do primeiro, 226. V. *Felicidade, Moral*.

Sexos (Jerarchia dos). Na teocracia, no catolicismo, 91. Evolução do pensamento de N. M. sobre a —, 146. Idéias de Stuart Mill, 146. Importancia desse problema, 146. Dificuldade e condições da solução, 184. Idéias de N. M. em 1843, p. 196. A—considerada politicamente, 229, 231; moralmente, 231. Organização e officio da mulher e do homem, 230, V. *Mulher*.

Siencia. Definição, 180.

Simon (Léon), 267.

Sociologia. Incerteza das previzões na—, 218.

Sofia Bliaux Thomas. Informações e documentos, 8. Vinda para Paris, 9,

10. Sua familia, 9. Certidão de idade, 9; do casamento civil, 11; religioso, 13. Vida depois do casamento, 13. Na caza de N. M., 13, 14, 16, 17. Seu físico, 14. Valor moral, 14, 15. Apreciação por N. M., 14, 15, 16. Seus sentimentos para com N. M., 16, 131. Seu filho Henrique, 16, Suas crenças religiosas, 16. Sua sepultura, 24, 28. V. *Tumulos sagrados*. Tratamento que recebeu de M^{me} Comte, 26, 27, e de M. Laffitte, 28. Sua situação depois da morte de N. M., 27, 28. Seu culto por N. M. e Clotilde, 27, 266. Familiaridade com Clotilde, 28. Sua ultima doença e sua morte, 28. Legados que lhe fez N. M., 29. Uma santa reliquia sua doada á Igreja Brasileira, 29. Dedicatorias que lhe dirigiu N. M., 333.

— Germain. Um opusculo seu, 113. Um grande coração aliado a uma grande intelligencia, 186.

Soult (Marechal), 151, 162, 217.

Stuart Mill (John). Relações com N. M., 127. Seu preito a N. M. comparado com o de Marie, 140. Sua *Logica*; reacções sobre N. M., 140. Suas idéias sobre a jerarchia dos se-

- xos, 146. Assistiu às lições de Austin, 149. Suas cartas a N. M.; considerações, 149. Sua parte na proteção a N. M., 162. Incompatibilidade mental com o N. M., 197. Interesse de N. M. pela tradução de sua *Logica*, 199. Cauza do insucesso dessa tradução, 200. Valor de sua adesão publica ao positivismo, 212. Sua colaboração na projetada *Revista Positivista* e o anonimato, 224.
- Sturm, 125, 132, 139.
- Sulman (Thomas), 331.
- Tabarié, 332.
- Tales, 130.
- Tarry, 326.
- Terencio, 226.
- Testamento. V. *Volume Sagrado*
- Thalés (Bernard). V. *Bernard*.
- Thiers, 253.
- Thomas (Henrique), 16.
- (Martin). Dados biográficos, 10. Certidão do casamento civil, 11; religioso, 13. Entrada para caza de N. M., 15. Parte nos ultimos momentos de N. M., 18. Sua peregrinação ao cemiterio, 27. Seu físico e moral; seu enterro; seu retrato, 29.
- (Paulo). Nascimento, 16. Certidão de batismo, 17. Tratamento que lhe dava N. M., 17. Fabulas que lhe recitava, 18. Seu mes-
- tre, 28. Valioza reliquia que ofereceu á Igreja Brasileira, 29. Legado que lhe fez N. M., 274. Uma dedicatória que lhe dirigiu N. M., 334. V. 8, 303, 312, 333.
- Tumulos sagrados, 24. Corroas que o autor depozitou, 298, e mandou depozitar, 331. Restauração do de Clotilde, 312.
- Turc, 309.
- Vaillant (General), 216.
- Valat, 126. Apreço que N. M. dava á sua amizade, 192. Incompatibilidade mental com o N. M., 197.
- Vasserat, 192.
- Vaux (Amadeu de). Sua familia, 61, 70. Admissão como procurador do capitão Marie, 61; documentos, 67. Seu nascimento, 64. Substituição ao capitão Marie, 67. Seu verdadeiro nome, 68. Seu crime, 69; artigos que determinou em um jornal, 69, 73; movei, 81. Sua correspondencia depois do crime, 79. Juizo de N. M. e Clotilde sobre—, 79. Seu carater, 81. Conduta da fam. Marie para com—depois do crime, 81.
- Velhos. Conservação e influencia na evolução, 90.
- Veneração, 88.
- Viagem. Alvo da—do autor, 5, 7, 30, 322. O que foi conseguido, 7, 260, 340. Rezumo financeiro, 342.

- Vieillard, 297.
Vielles, 305.
Vigié, 308.
Villèle (Ministro), 42.
Virtude. Noção, 92. V. *Felicidade, Moral*.
Volume Sagrado. Esclarecimento das aluzões que contem, 289.
- Wallon, 295.
Wantzel, 162, 223.
Ward, 252.
Willelmine (Novela), 59.
Williamson, 294.
Winstanley, (James) 29, 275, 269.
Wooltonscraft (Miss Mary), 175.







